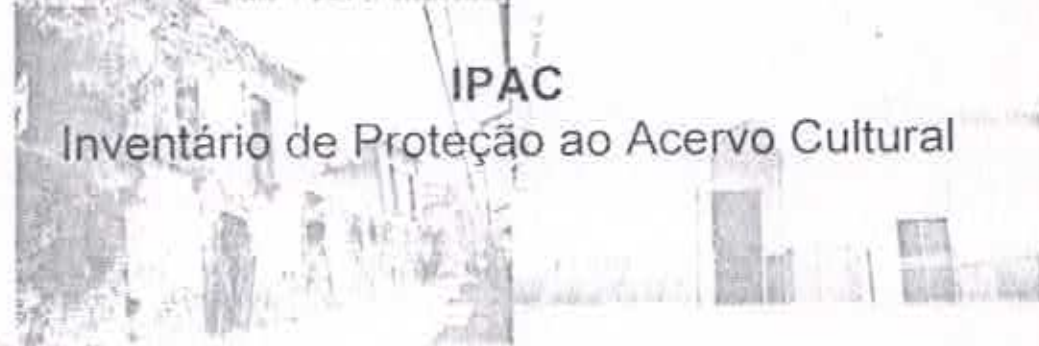




IPAC

Inventário de Proteção ao Acervo Cultural





Folha de rosto

ENDEREÇO DA PREFEITURA	Rua Dom Pedro II, 200- Centro. CEP 34505-000
NOME DO PREFEITO	Sérgio Luis de Freitas
NOME DO SETOR DE PATRIMÔNIO CULTURAL DA PREFEITURA	Secretaria Municipal de Cultura
ENDEREÇO DO SETOR	Rua da República, 58- Centro. CEP 34505-000.
TELEFONE DO SETOR	(31) 3671-1780
ENDEREÇO ELETRÔNICO DO SETOR	cultura@sabara.mg.gov.br
NOME DO GERENTE	Francisco de Assis Pereira Mavrinik

QUADRO II – Pasta 3 – INVENTARIO (Contém 335 páginas)

É o primeiro ano em que apresenta?

sim não

Se não, em que ano foi sua primeira apresentação: 1998

RELACIONAR NOME DOS BENS CUJO INVENTÁRIO ESTEJA SENDO ENVIADO

1. Igreja S. Antônio da Roça Grande	2. Retábulo colateral direito (Igreja S. Antônio da Roça Grande)	3. Retábulo colateral esquerdo (Igreja S. Antonio da Roça Grande)	4. Balaustrada do Coro/Igreja S. Antônio da Roça Grande)
5. Imagem de Santo Antônio (Igreja S. Antônio da Roça Grande)	6. Imagem de São Sebastião (Igreja S. Antônio da Roça Grande)	7. Imagem de N. Sra. do Parto (Igreja S. Antônio da Roça Grande)	8. Pedra (Igreja S. Antônio da Roça Grande)
9. Ruína Meio Viane	10. Ruínas da Estação Ferroviária	11. Casa do Engenheiro	12. Residência à Praça Antônio Carlos s/n, Centro
13. Hospital Cristiano Machado	14. Muro de pedra do Hospital C. M. Brito, 105	15. Ruína de Estação Ferroviária de Roça Grande	16. Depósito Reis
17. ASSEFEG	18. Residência à Rua Carvalho de Brito, 105	19. Centro de Vocação Tecnológico	20. Edificação comercial (Bar) à Praça José Cordero Sobrinho, 10
21. Residência do Chefe da Estação Ferroviária, Carvalho de Brito	22. Núcleo Histórico da Antiga Fábrica de Marzagão	23. Cruzeiro	24. Retábulo Santíssimo Sacramento (Santa Casa de Misericórdia de Sabará)
25. Canelela (Prefeitura Municipal de Sabará)	26. Porta (Prefeitura Municipal de Sabará)	27. Mata-borrão (Acervo Fundação Belgo-Arcelor Brasil)	28. Quadros de Franta Revl (4) (Acervo Fundação Belgo-Arcelor Sabará)
29. Quadros de Carlos Bracher (4) (Acervo Fundação Belgo-Arcelor Brasil)	30. Vasos de Yare Tupynambé (Acervo Fundação Belgo-Arcelor Sabará)	31. Tenaz (Acervo Fundação Belgo-Arcelor Brasil)	32. Banco (Teatro Municipal de Sabará)
33. Arcas (Santa Casa de Misericórdia de Sabará)	34. Cadeira de canto (Santa Casa de Misericórdia de Sabará)	35. Mesa (Santa Casa de Misericórdia de Sabará)	36. Dois relógios de pêndulo (Santa Casa de Misericórdia de Sabará)
37. Quadro do Capitão Antônio de Azevedo Guimarães (Santa Casa de Misericórdia de Sabará)	38. Quadro do Padre Mestre Mariano de Souza Silvino (Santa Casa de Misericórdia de Sabará)	39. Quadro de Theotônio Rodrigues Dourado (Santa Casa de Misericórdia de Sabará)	40. Quadro do Irmão Reverendo Antônio José Vafina (Santa Casa de Misericórdia de Sabará)

15 de abril de 2008

SABARÁ

ENDEREÇO DA PREFEITURA: Rua Dom Pedro II, 200 - Centro, CEP 34505-000
 NOME DO PREFEITO: Sérgio Luis de Freitas
 NOME DO SETOR DE PATRIMÔNIO CULTURAL DA PREFEITURA: Secretaria Municipal de Cultura
 ENDEREÇO DO SETOR: Rua da República, 58 - Centro, CEP 34505-000
 TELEFONE DO SETOR: (31) 3671-1780
 ENDEREÇO ELETRÔNICO DO SETOR: cultura@sabara.mg.gov.br
 NOME DO GERENTE: Francisco de Assis Pereira Mavriuk

QUADRO II - Pasta 3 - INVENTÁRIO (Contem 335 páginas)

E o primeiro ano em que apresenta?

sim não

Se não, em que ano foi sua primeira apresentação: 1998

RELACIONAR NOME DOS BENS CUJO INVENTÁRIO ESTEJA SENDO ENVIADO

41. Bandeira da Irmandade da Misericórdia (Santa Casa de Misericórdia de Sabará)

42. Imagem de Sant'Ana (Museu do Ouro)

43. Acervo Documental da Fundação Belgo-Arcelor Brasil

44. Festa de Santo Antônio da Roca Grande



APRESENTAÇÃO

O presente trabalho refere-se à **terceira etapa do inventário de proteção do acervo cultural de Sabará (MG)** e consiste na continuidade de ações desenvolvidas no âmbito do ICMS Cultural. Assim, o município apresenta aqui a documentação comprobatória da terceira fase de atividades previstas no cronograma do Plano de Inventário elaborado para Sabará e entregue ao IEPHA/MG em 2004.

O seu resultado é o reconhecimento dos bens culturais situados nos distritos Sede e Carvalho de Brito, concentrados principalmente nos bairros de Santo Antônio de Roça Grande e General Carneiro, referentes às categorias pré-determinadas no cronograma. Este estudo reúne informações históricas, cartográficas, descritivas e iconográficas dos bens que compõem o acervo do patrimônio histórico sabarense.

Esta foi uma iniciativa da **Prefeitura Municipal de Sabará** com a participação da equipe técnica especializada do **Memória Arquitetura**, auxílio da Secretaria Municipal de Patrimônio e Cultura e apoio do **Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Cultural e Natural de Sabará**.

Cópias deste trabalho encontram-se disponíveis na Prefeitura Municipal de Sabará e no IEPHA/MG.



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
1.1 Informações gerais do município.....	5
1.2 IPAC de Sabará – metodologia e critério de seleção dos bens inventariados.....	6
1.3 Histórico de Roça Grande.....	7
2. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.....	18
2.1 Justificativa de alteração.....	18
2.2 Caracterização da região de Arraial Velho.....	19
2.3 Cronograma detalhado.....	23
2.4 Cartografia.....	28
3. PATRIMÔNIO PROTEGIDO.....	29
3.1 Bens tombados.....	29
3.2 Bens inventariados.....	32
4. FICHAS DE INVENTÁRIO – EXERCÍCIO 2009.....	78
4.1 Cartografia.....	78
4.2 Fichas: acervo religioso.....	86
4.3 Fichas: acervo civil.....	142
4.4 Fichas: arquivos.....	317
4.5 Fichas: patrimônio imaterial.....	322
5. REFERÊNCIAS.....	330
6. EQUIPE TÉCNICA.....	334
ANEXOS.....	335
Atas do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural e Natural de Sabará aprovando a alteração do cronograma do inventário	



1. INTRODUÇÃO

1.1 Informações gerais do município

O município de Sabará localiza-se na região Central do Estado de Minas Gerais e pertence à microrregião de Belo Horizonte. Com uma extensão territorial de 304,4 km², tem como municípios limítrofes Taquaraçu de Minas, a norte; Santa Luzia, a noroeste; Belo Horizonte, a oeste; Caeté, a leste; Raposos, a sudeste e Nova Lima, a sul. A divisão administrativa da cidade subdivide o território em quatro distritos, o distrito-sede, Mestre Caetano, Carvalho de Brilo e Ravena entre outros pequenos povoados distribuídos em sua área rural.

A região é banhada pelo Rio das Velhas e pelos Ribeirões Sabará, Gaia, Barbosa, Vermelho e Bicas. A presença de uma cobertura vegetal primitiva conta com poucas áreas remanescentes, contudo, a cidade apresenta algumas áreas de preservação e unidades de conservação da diversidade natural remanescente em seu território. Destacam-se: Parque Natural Municipal Chácara do Lessa, Área de Proteção Ambiental do Cabeça de Boi, Área de Proteção Especial da Serra do Tupi e Área de Proteção Especial da Mata do Mangueiras, todas instituídas pelo poder municipal.

A população residente no ano de 2000, de acordo com informações do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) era de 114.557 habitantes, sendo que 98% (111.897 moradores) viviam na área urbana e 2% (2.660 moradores) na zona rural. A densidade populacional correspondia a 376,34 hab./km². O município conta hoje com uma maior diversificação econômica, incluindo a confecção de artigos do vestuário e acessórios, fabricação e montagem de veículos automotores, fabricação de artigos de borracha e plástico, máquinas e equipamentos diversos, além de produtos alimentícios e bebidas. Sabará possui um distrito industrial em operação, administrado pela Companhia de Distritos Industriais de Minas Gerais (CDIMG). No setor primário, os principais produtos agrícolas de Sabará são banana, cana-de-açúcar, feijão, tomate e milho, cuja produção é notável desde o século XIX.

As primeiras formas de ocupação do município, que data de meados do século XVII, desenvolveram-se "naturalmente" pelas encostas. Em 1711, o até então Arraial da Barra do Sabará foi elevado à categoria de Villa Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará e em 1838, a Lei Provincial nº 93 eleva Sabará à categoria de cidade.



Mapa de localização do município de Minas Gerais e entorno do município de Sabará
FONTE: www.sabara.mg.gov.br



Limite do município, distritos e rodovias
FONTE: <http://www.igaonline.com.br>



A complexidade urbanística de Sabará, desenvolvida ao longo dos seus quase trezentos anos de história, fez surgir problemas comuns a outras grandes cidades brasileiras que constituem regiões metropolitanas. Especificamente, Sabará busca manter o equilíbrio entre os anseios de desenvolvimento da sua comunidade e a preservação de seu rico patrimônio.

O necessário equilíbrio entre preservação e renovação é, hoje, o maior desafio enfrentado pelos sabarenses. A Sabará do século XXI contempla seu passado de conquistas, ao mesmo tempo em que se prepara para os desafios que ainda precisam ser superados. A Sabará de agora se organiza para as futuras gerações retomando seus princípios e valores, restaurando suas histórias, lendas e tradições.

1.2 IPAC de Sabará – metodologia e critério de seleção dos bens inventariados

A terceira fase do Inventário de Proteção do Acervo Cultural (IPAC) de Sabará compreende parte da área hipercentral (Seção 1) e a área central (Seção 2) do município. Esta etapa contém as seguintes categorias: estruturas arquitetônicas e urbanísticas, bens móveis e integrados e patrimônio imaterial. A área de interesse foi previamente percorrida para seleção dos bens de interesse cultural. A partir de uma descrição da área, foram explicitados os critérios de seleção dos bens a seguir.

A Seção 1 compreende a Área Hipercentral do Distrito Sede de Sabará que concentra a maior parte dos serviços e instituições e inúmeras edificações das primeiras décadas do século XVII que marcam a arquitetura predominante no município. Nesta área, para o exercício de 2009, foram inventariadas estruturas arquitetônicas e bens móveis e integrados que possuem relevância e que não foram contempladas em exercícios anteriores. A Seção 2 compreende a Área Central do Distrito Sedê de Sabará. No bairro Santo Antônio de Roça Grande, local do início da ocupação de Sabará, poucos são os exemplares característicos deste momento histórico, apesar da remota implantação de edificações nesta área. Atualmente, a região é ocupada principalmente por residências de arquitetura simples e indicativas do baixo padrão econômico da população local. Neste bairro, foram inventariados bens imóveis, móveis e integrados e o patrimônio imaterial. Outra região significativa quanto à ocupação nesta seção é o distrito de Carvalho de Brito, e, no caso do inventário foi destacada a região de General Carneiro, área de ocupação mais recente, iniciada em meados do século XIX. Assim como em Santo Antônio de Roça Grande, as edificações também são modestas. Nesta área, foram inventariados apenas estruturas arquitetônicas.

Quanto aos critérios de seleção, na categoria estruturas arquitetônicas e urbanísticas, os bens foram selecionados de acordo com sua importância para a área inventariada bem como por seu valor histórico e representatividade estilística. Procurou-se contemplar vários estilos arquitetônicos e usos diferenciados dos imóveis para que assim se alcançasse uma amostra significativa representante dos vários momentos da história local.

Dentre os bens móveis e integrados selecionados, houve um levantamento de novas fichas correspondentes à Seção 1, completando o cronograma de atividades referente a esta seção. Foram contempladas fichas do acervo civil, sendo o critério de seleção o mesmo adotado no IPAC anterior, onde foram privilegiados os bens que não possuem registro anterior realizado pela Prefeitura, IEPHA e IPHAN.



Os acervos selecionados são Fundação Belgo-Arcelor Brasil, Santa Casa de Misericórdia e Teatro Municipal. Além disso, está sendo apresentada a ficha de Inventário da Imagem de Santana, localizada no Museu do Ouro, bem tombado no presente ano pelo município. Na seção 2, também foram selecionados bens desta categoria. Os bens mais relevantes estão no interior da Igreja de Santo Antônio de Roça Grande. Entretanto um cruzeiro, na malha urbana, também foi inventariado como forte referência simbólica local.

Um exemplar de arquivo, referente ao acervo documental da Fundação Belgo-Arcelor Brasil foi registrada na Seção 1, não havendo representante desta categoria na Seção 2. A referência imaterial mais significativa encontrada nas áreas abordadas foi a festa de Santo Antônio, realizada em Santo Antônio da Roça Grande, uma celebração tradicional que contagia e envolve todo o município e que recebe muitos romeiros inclusive de outras cidades.

A seguir, um histórico do povoado de Roça Grande elucidará as origens da região inventariada no presente trabalho.

1.3 Histórico de Roça Grande

Origem de Roça Grande

No período colonial, o Arraial de Santo Antônio do Bom Retiro de Roça Grande também teve nomes primitivos como Arraial do Rio das Velhas e Arraial de Santo Antônio do Bom Retiro do Rio das Velhas¹. Acredita-se que Roça Grande seja o terceiro povoado que surgiu nas terras das Minas Gerais, antes mesmo de Sabará, apesar de hoje em dia ser um dos maiores bairros da cidade. Segundo o historiador sabarense Zoroastro Vianna Passos os principais núcleos de formação que constituíram a elevação a Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabussu, em 1711, foram os dois Arraiais Velhos – antigo arraial do Borba – de Sant’Ana e de Santo Antônio da Mouraria².

No século XVII, por várias regiões da América Portuguesa, corria a notícia de uma serra muito alta, que brilhava com uma coloração verde, sempre que o sol projetava seus raios sobre ela, a fabulosa serra estava lá, em algum lugar, na região chamada pelos índios de Sabarabuçu. A história para muitos homens era a maior justificativa para o sacrifício de desbravar a natureza hostil e se embrenhar no interior do território em busca de riqueza.

O nome Sabarabuçu é de origem indígena. Aceita-se, como um de seus significados, a tradução de “grande braço de pai”, referindo-se ao Rio Sabará o “braço”, afluente do Rio das Velhas “o pai”. O atual território de Sabará ficava na grande região do Sabarabuçu. Há outro significado indígena para a palavra que se apresenta da seguinte maneira: SABARÁ = Brilho + BUSSU = Muito grande. O que nos induz à tradução notoriamente aceita: SABARABUSSU = resplandecente.

Quanto à povoação de Roça Grande é decerto que seu nome esteja relacionado à atividade agrícola a que se prestou sua população original, como apoio à mineração e também como subsistência. Mas já nas primeiras bandeiras devido à roça plantada por Matias Cardoso fixou-se o nome para a localidade. Por outro

¹ <http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>

² PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história de Sabará*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1940, p. 02.



lado, os grandes roçados de produtos agrícolas conferiram ao povoado o nome com que segue até a atualidade. A referência ao santo protetor, Santo Antônio, também lhe empresta a toponímia, para algumas das suas indicações geográficas mais usuais. Santo Antônio do Bom Retiro³.

Outro ponto importante da história de Roça Grande diz respeito ao Hospital de Lázarus, construído nos terrenos de uma fazenda, no século XVIII, cuja sede até há pouco tempo, servia de escritório para o Hospital Cristiano Machado e que, recentemente, foi demolida. Os antigos moradores de Roça Grande falam da quantidade de terra em derredor desta casa com muita plantação, a que chamavam de Roça Grande, daí mais uma das teses de sustentação da toponímia do povoado.⁴

Bandeiras paulistas chegam ao Rio das Velhas

Tão logo os portugueses chegaram ao Brasil, em 1500, tímidas expedições começaram a explorar o território. Muitos foram os personagens na corrida pelas riquezas que os rincões do Brasil escondiam: já em 1503 Américo Vespúcio organizou a primeira incursão conhecida, partindo da cidade de Cabo Frio, no Estado do Rio de Janeiro. Várias outras se sucederam, aumentando a frequência no decorrer dos tempos como, por exemplo, as expedições coordenadas por Martim Afonso de Souza (1531), Vasco Rodrigues (1561), Sebastião Fernandes Tourinho (1572), Antônio Dias Cardoso (1574), André de Leão (1601), Marcos de Azeredo (1646)⁵. Em 1674, partiu de São Paulo o que se tornaria a mais importante das bandeiras, tendo como chefe Fernão Dias Paes, que tinha em sua companhia o genro Borbá Gato, o filho Garcia Rodrigues Paes e mais de 700 homens.

Segundo historiadores, o sertanista capitão Matias Cardoso de Albuquerque foi quem atingiu as margens do Rio das Velhas anteriormente, uma vez que era líder da equipe de vanguarda da bandeira das Esmeraldas. O grupo tinha como objetivo abrir caminhos, preparar terreno, locais de pousada e abastecimento da Bandeira que viria logo após. Descendo a serra do Taquaril, Matias Cardoso veio ter às margens do Rio das Velhas aproveitando uma encosta de terra muito fértil com uma fonte de água puríssima de beber, afastada do nível das enchentes e em ponto de boa vedagem às edificações a serem construídas. Plantou-se também uma grande roça para receber a bandeira de Fernão Dias à qual deveria fornecer os alimentos à subsistência dos homens que a compunham. O lugar, batizado Roça Grande, se tornou pouso obrigatório na travessia para o sertão e formou-se como povoado que, provavelmente, deve ser o mais antigo de Minas e que sobreviveu aos outros, no caminho das bandeiras⁶.

Salomão de Vasconcelos afirma que a bandeira das Esmeraldas chegou a um lugar próximo ao Rio das Velhas, onde a água de um rio descia num buraco e desaparecia. Neste local Fernão Dias fundou o Arraial do Sumidouro (atual Santa Luzia), após estar no Sumidouro é que foi para Roça Grande. Constatando a importância desta bandeira, o autor observa que, pela primeira vez em nossa história, um raro espírito de previsão,

³ Santo Antônio do Bom Retiro era o santo pacificador e o mais invocado nas atribuições daqueles tempos. Esse título se refere ao bom retiro em que ele se achou, acontecendo-lhe sentir a felicidade de ver o Menino Jesus aparecer-lhe de pé, sobre um livro, enquanto fazia a sua meditação. <http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>.

⁴ <http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>

⁵ <http://www.idasbrasil.com.br/idasbrasil/cidades/Sabara/port/historia.asp>.

⁶ <http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>.



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 9 de 33



foram criadas estâncias ou postos com plantação de roças e criação de porcos e aves para o sustento de homens da jornada. Deixava sempre um capitão com seus soldados, além de vários "negros e negras" – nomes com que designavam os índios a essa época – para ficarem à frente dessas feitorias. Diversas dessas feitorias transformaram-se em núcleos originais de novos arraiais, alguns dos quais persistiram até nossos dias, como municípios ou distritos⁷.

Zoroastro Vianna Passos, defende a tese de que muito antes da chegada das bandeiras paulistas ao território atual de Sabará, a região já era habitada por povoadores vindos pelo caminho da Bahia: *"O baiano audaz muito antes do paulista, já em 1555, senão antes, na viagem de Spinoza, viera aos sertões de Sabará"*⁸. No entanto, o estudioso não contesta a tese oficial de que Borba Gato como fundador do arraial⁹.

Para isto, Zoroastro apresenta vários argumentos. Há citações de que quando os paulistas aqui chegaram, assistiram missa em uma pequena capela já existente. Outros de que os bandeirantes respeitaram esses pioneiros, permanecendo nas proximidades de Roça Grande e evitando subir pelas margens do Rio Sabará, afluente do Rio das Velhas¹⁰.

Fernão Dias foi incumbido pelo Rei português D. Afonso VI, por intermédio do governador da Capitania do Rio de Janeiro, Arthur de Sá e Menezes, de tomar posse de todo o ouro, prata e pedras da Serra Resplandecente - Sabarabuçu.

Devido às doenças e aos corriqueiros ataques de índios, o número de bandeirantes estava reduzido e ainda faltavam alimentos e munição. Fernão Dias enviou emissários à sua família pedindo ajuda; sua mulher vendeu o que lhe sobrava: a residência, uma fazenda e jóias das filhas e comprou o necessário para enviar ao marido, que estava no sertão.

Enquanto era esperada a chegada de novos recursos, acampados no Sumidouro, o descontentamento invadiu a mente dos comandados e eles tramam a morte de seu chefe para o retorno a São Paulo. Fernão Dias descobriu a trama e mandou enforcar o líder: o mameluco João Dias, seu filho natural.

A descoberta do ouro

No ano de 1678, assim como sempre procediam durante as paradas, os bandeirantes cuidavam da lavoura para o armazenamento de viveres e pesquisavam os arredores. Fazendo essas pesquisas, foi que Manuel de Borba Gato encontrou amostras de ouro no Rio das Velhas e voltou feliz ao Sumidouro para comunicar ao sogro a sua descoberta. Os dois, então, se deslocaram para o lugar que é hoje a localidade denominada Roça Grande, em Sabará. Fundaram os primeiros arraiais: Arraial do Rio das Velhas (ou Roça Grande), Arraial Velho de Sant'Ana e Arraial Velho de Santo Antônio da Mouraria.

Fernão Dias recebeu uma carta do Príncipe Regente, datada de quatro de dezembro de 1677, na qual dizia:

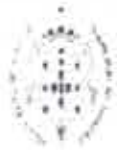
Pelas cartas que me escrevestes, fiquei entendendo o zelo que tendes do meu serviço, e como tratáveis do descobrimento da Serra do Sabarabuçu e outras minas desse sertão, que enviastes amostras de cristal e outras pedras, e porque fio de vosso zelo, que ora novamente, continues esse serviço com a assistência do

⁷ VASCONCELOS, Salomão de. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944. V. XV.

⁸ PASSOS, Zoroastro Vianna. *Notícia Histórica da Santa Casa de Sabará (1787-1928)*. Belo Horizonte, 1929.

⁹ ROSA, Antonio Santa. *Conhecimento e Sabarabuçu*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1974, p. 09.

¹⁰ PASSOS, op. cit. 1929.



administrador Geral D. Rodrigo de Castel Blanco e do tesoureiro geral Jorge Soares de Macedo, a quem ordeno, que desvanecido o negócio, a que mando das minas de prata e ouro do Paranaguá, passeni Sabarabuçu, por última diligência das minas dessa repartição em que há tanto tempo se continua sem efeito, espero que com a vossa indústria e advertências que fizerdes ao mesmo administrador, tenha o bom sucesso que se procura; e vós à mercê que podeis esperar de mim quando se consiga¹¹.

Encontrado em abundância, o ouro atraiu aventureiros de toda parte. A abundância do rico mineral alimentou a ganância e conseqüentemente gerou muitos conflitos. A ocupação não foi pacífica tendo gerado atritos de toda ordem entre baianos e portugueses contra os paulistas e indígenas, além da que ficou conhecida como a Guerra dos Emboabas, em 1701.

As minas de Sabará já estavam descobertas e o governo delas cabia ao bandeirante chefe, além disso, D. Rodrigo havia recebido instruções que Fernão Dias deveria ser respeitado. O bandeirante paulista morreu em 1681, nas proximidades de Caeté, cidade vizinha. O governador quis então tomar, em nome do rei, as minas descobertas. Borba Gato, obviamente, se opôs. Assim, trava-se entre os dois uma violenta disputa. D. Rodrigo convidou Borba Gato para uma entrevista em terreno neutro e deveriam comparecer acompanhados apenas de dois pajens e desarmados. Durante as discussões, Borba Gato exigiu que D. Rodrigo se retirasse da região do Rio das Velhas, porque lhe pertencia como primeiro descobridor. O castelhano não gostou de tal exigência e proferiu palavras insultuosas ameaçando-o de morte. No mesmo instante recebeu balas do trabuco de um dos pajens de Borba Gato e, em seguida, foi atirado o corpo do emissário real do alto de um grande rochedo. Este acontecimento se deu no lugar que tem o nome de "Alto do Fidalgo". Denunciado a Córte como autor do crime, Borba Gato assumindo o crime que não praticou, fugiu para os sertões, vivendo com os índios no vale do Rio Sabará e sertões, oportunidade em que veio descobrir mais ouro, não deixando de manter contato com a família em São Paulo.

Por volta de 1698, quando de seu primeiro encontro com o então Governador Arthur de Sá e Menezes, Borba Gato foi nomeado tenente-general. Em 09 de Junho de 1702, um novo encontro ocorreu entre Borba Gato e Governador Arthur de Sá, tendo o bandeirante paulista recebido o perdão em troca do "Manifesto do Ouro", a promessa de revelar as famosas minas do Sabarabuçu, sendo ainda investido nas funções de Superintendente das Minas do Rio das Velhas. O governador da Capitania do Rio de Janeiro, Artur de Sá, ali esteve em 1702, como hóspede de Borba Gato nos meses de maio, junho e julho, assinando vários decretos. Esta permanência de três meses na região foi motivada pelo interesse na aquisição de boa quantidade de ouro para o seu próprio enriquecimento. Investido das novas funções, Borba Gato passou a impor-se *"repartindo lavras de ouro por sortes de terras e veios d'água como mandava o Regimento, confiscava todos os comboios que vinham do sertão, boiadas, cavalos, negros. E tudo mais se apanhava tudo confiscava"*¹². Borba Gato veio a falecer em 1717.

O bandeirante paulista passou à história como fundador do Arraial do Sabará, até porque foi ele quem enviou ao Governador da Capitania de São Paulo as primeiras notícias sobre a existência das minas do

¹¹ <http://www.folhadesabara.com.br/ocossacidade/historia.html>

¹² <http://www.citybrazil.com.br/mg/sabara/historia.html>



Sabarabuçu, localizadas no vale do Rio das Velhas¹³. E também porque as terras de Roça Grande – o Arraial do Borba – foram doadas por Manuel Borba Gato ao Arraial¹⁴.

Sabará foi um dos núcleos de mineração da província que mais ouro encaminhou à Coroa Portuguesa. Seus rios e lavras eram riquíssimos do precioso mineral, e houve época em que os trabalhos de garimpagem ocupavam milhares de escravos.

Tão intensa tornou-se a mineração nessas paragens, que a Coroa Portuguesa instalou a Casa da Intendência, para cobrança do "quinto". Fundido, dele se excluía a quinta parte, destinada à Coroa, sendo o restante devolvido ao minerador, em barras que levavam o cunho oficial. Só assim poderia o ouro ser negociado. Os transgressores eram punidos com severas penas. Segundo o Barão de Eschwege, a Intendência de Sabará chegou a arrecadar 487 arrobas de ouro de 2049 arrobas e 59 marcos da produção da Capitania de Minas Gerais no período de 1735 a 1751¹⁵.

Comércio

Paralelamente ao desenvolvimento da mineração, ocorria o desenvolvimento do núcleo em todos os sentidos, especialmente o comércio, que chegou a ser o melhor da região, servido inclusive pelo porto fluvial do Rio das Velhas. Já no princípio do Século XX, restavam apenas as lembranças, do "ciclo do ouro"¹⁶.

A febre do ouro fazia com que as lavouras fossem abandonadas. Os aventureiros estabeleciam-se em toda parte. Na Barra do Sabará surgiu um Caquende¹⁷: "... mercado de mantimentos e escravos que comerciavam com as Minas Gerais do Ouro Preto e com o Ribeirão do Carmo". A madeira necessária à construção de igrejas, sobrados, casarões, pontes, era retirada das densas florestas às margens dos rios e córregos. Nestas clareiras eram plantadas lavouras diversas. Por ocasião da grande fome de 1700/1701, Minas Gerais do Ouro Preto e Ribeirão do Carmo foram salvas por mercadores de Sabará. Em 1702 o Arraial da Barra do Sabará, próximo à Roça Grande, era um movimentado centro de comércio de gado, cavalos, escravos e mantimentos, além de ser o mais populoso das Minas Gerais.

A posição geográfica da sede do arraial favoreceu sua conformação como um dos mais importantes centros comerciais da capitania. Em apenas um século, o ouro conseguiu o que as demais atividades não conseguiram em dois: atrair e fixar grandes massas de homens brancos, além de construir um capital que tornasse o Brasil capaz de desbravar e reconhecer grande parte de seu território, inclusive o estabelecimento de via interior, o caminho da Bahia para Minas e em seguida a Estrada Real do interior ao litoral fluminense

Por outro lado, o ferro, outro importante mineral silencioso, mas sempre presente e abundante, aguardava a oportunidade de se impor e oferecer desenvolvimento à região. Por iniciativa de Cristiano Guimarães,

¹³ ROSA, 1974, p. 09.

¹⁴ PASSOS, *op. cit.*, 1940, p. 02.

¹⁵ LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A capitania das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1978, p. 48.

¹⁶ ROSA, 1974, p. 09.

¹⁷ <http://www.citybrazil.com.br/mg/sabara/historia.htm> e <http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>.



Amaro Lanari e seu cunhado Gil Guatimozim, surgira em Sabará, à sombra amiga e acolhedora da Igreja do Ô, a Companhia Siderúrgica Mineira, erguida entre 1917 e 1921¹⁸. Crescendo e transplantando-se a outras regiões, a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira¹⁹ deu nova vida, não apenas a Sabará, que foi seu berço, mas conduziu o seu progresso a toda uma vasta região de Minas Gerais.

Ao contrário do "ciclo do ouro", o "ciclo do ferro" não terminou²⁰. É uma das principais atividades que sustentam a economia de Sabará. No caso de Roça Grande tem-se que deixar claro que os setores de serviços e o pequeno comércio são o que sustenta a economia local. A maior parte da população economicamente ativa da localidade trabalha em Sabará e mesmo em Belo Horizonte. No entanto é preciso lembrar que boa parte da população empregável encontra-se sem trabalho, somando as estatísticas de desemprego. Essa realidade é confirmada por boa parte das pessoas que vivem na localidade.



Planta Cadastral de Belo Horizonte de 1936, na qual aparece algumas referências de Roça Grande, como a localização do leprosário e da Igreja e o canal ferroviário que cortava a localidade.
Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte - APCBH

Transporte

¹⁸ DI MAMBRO, Galba Ribeiro. Companhia Siderúrgica Mineira (1917-1921). LOCUS: Revista de História, Juiz de Fora Núcleo de História Regional / Departamento de História / Arquivo Histórico / EDUFJF, 1999, v. 5, n. 1.

¹⁹ Criada como resultado da associação da Companhia Siderúrgica Mineira com o consórcio industrial belgo-luxemburguês ARBED-Acières Réunies de Bubach-Eich-durléange que, em 1922, associou-se a capitais belgas e se transformou na Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. http://www.ibs.org.br/siderurgia_historia_brasil4.asp

²⁰ ROSA, 1974, p. 12.



A estação da Estrada de Ferro Central do Brasil (n/d-1975), km MG-0513, atualmente abandonada, foi a primeira linha a ser construída pela E. F. Dom Pedro II, que a partir de 1889 passou a se chamar E. F. Central do Brasil, sendo a espinha dorsal de todo o seu sistema. A parada de trem era muito mais simples que a antiga que foi demolida. No entanto não há dados mais seguros sobre a data de inauguração, mas é certo que, em 1928, já existia, sendo citada no livro de Max Vasconcelos²¹ publicado nesse ano. Mais tarde, seu nome passou a ser Santo Antonio de Roça Grande, nome do santuário ali próximo. A linha inteira ainda existe para trens cargueiros²². A ferrovia também era local de chegada e partida tanto dos habitantes de Roça Grande, quanto também dos romeiros que vinham apreciar a festa dedicada ao padroeiro, ocasião que sempre atraiu um grande número de visitantes, o que até hoje em dia persiste. Era também pela parada de Santo Antônio de Roça Grande que chegavam os pacientes que se tratavam no hospital Cristiano Machado, localizado no povoado e que se dedicava ao tratamento da hanseníase, sendo um centro de referência na área. Além da ferrovia, havia outras vias de acesso à localidade, principalmente a que se utilizava para distribuição do porto fluvial do Rio das Velhas e seus afluentes; então navegáveis²³.

Outro ponto destacável diz respeito aos caminhos que levavam à Roça Grande. Dizem que por conta do conflito dos emboabas em 1709, utilizando-se de madeira retirada das margens dos rios Sabará e das Velhas, foram construídas as pontes "grande" e "pequena", no caminho utilizado para o Arraial dos Raposos (Raposos) e Minas Gerais do Ouro Preto, passando pelo Arraial de Sant'Ana. Por volta de 1710 era construído um "caminho novo", na encosta da montanha, ligando a Barra do Sabará, movimentado centro de comércio de gado, escravos, cavalos e mantimentos, com o extremo do povoado.

Evolução Política

A prosperidade fez com que os anseios pela organização político-social aumentassem. O trabalho de organização durou cerca de dois anos. No dia 14 de julho de 1711, *"com uma luzida escolta, chegava ao arraial da Barra do Sabará, mandando convocar os principais moradores da região para uma junta que, efetivamente, se reuniu no dia 15 à tarde e à qual compareceram quase todos os comandantes das ordenanças dos arraiais"*²⁴.

Colocados a par das exigências, os moradores foram convocados pelo governador e Capitão-General Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho para uma nova reunião marcada para o dia 17 de julho de 1711, data em que, com muita festa, foi lavrado o ato de criação da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará. A lista dos presentes, cerca de trinta e nove, não apontou a participação de paulistas importantes e ainda residentes no arraial à exemplo de Borba Gato.

O Termo da Vila Real compreendia prósperos arraiais não apenas com atividades de extração do ouro, mas destacando-se também na lavoura como Pompéu, Lapa, Raposos, Roça Grande, Congonhas do Sabará, rio das Pedras, São Vicente, Curral del Rey, Paraopeba, etc. Três anos após, em 1714, foi a Vila transformada em sede da extensa Comarca do Rio das Velhas, uma das quatro primeiras a serem criadas na Capitania das Gerais pelo governador Dom Braz Baltazar da Silveira, que sucedeu a Antônio de Albuquerque. Sua extensão era enorme, sua área de jurisdição compreendia uma parte do território onde hoje se localizam

²¹ Vasconcelos, Max. *Vias brasileiras de comunicação: estrada de ferro central do Brasil*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & C., 1928.

²² www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_linhacentro/roca.htm

²³ ROSA, 1974, p. 11.

²⁴ <http://www.citybrazil.com.br/mg/sabara/historia.html>



mais de duas dezenas de municípios, inclusive o de Belo Horizonte, e fazia limites com Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Goiás.

A 06 de Março de 1838, pela Lei Provincial nº 93, a Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará foi elevada à categoria de cidade com a denominação simplesmente de Sabará. Uma das mais tradicionais cidades mineiras, Sabará contribuiu decisivamente para a formação cultural e a grandeza do Estado de Minas Gerais²⁶.

Saúde

Dois ilustres médicos da época atuaram na Vila com expressivo destaque, nas primeiras décadas do séc. XVIII: o português Luiz Gomes Ferreira e o italiano Antônio Cialli, autor de "Relação Histórico - Médica" datada de 1749, abordando o uso das águas de Lagoa Santa²⁶. Quanto aos aspectos relacionados à área da saúde em Roça Grande um feito de grande repercussão foi a construção do Hospital de Lázarus; que no século XX passou a chamar-se Hospital Cristiano Machado.

O Hospital de Lázaro foi construído nos terrenos de uma fazenda, cuja casa até há pouco tempo, servia de escritório para o hospital e, recentemente foi demolida. Os antigos moradores de Roça Grande falam da quantidade de terra em derredor desta casa com muita plantação, a que chamavam de Roça Grande. A tal casa da fazenda, e outros edifícios como a Igreja de Sant'Ana e a Igreja de Santo Antônio (a antiga) foram construídas de taipa, típico material usado no século XVIII.

Quanto ao aspecto de saúde, o Hospital Cristiano Machado, instalado em 1945 tornou-se uma marca importante da localidade, no que diz respeito à área da saúde. Originalmente, dedicado ao tratamento de hanseníase, recebia pessoas das camadas mais altas, que podiam pagar os altos custos pelo serviço médico ali oferecido. Atualmente, o hospital ainda está em funcionamento, mas passou um processo de reformulação, no qual ampliou suas funções, como o apoio de retaguarda aos pacientes do Hospital João XXIII e ainda um centro de saúde, a partir de um convênio entre a Prefeitura de Sabará e a FHEMIG, que é a entidade responsável pela administração do "Cristiano Machado".

Educação e Cultura

Faz-se notar que nos livros e escritos históricos não há um detalhamento quanto à educação e atividades culturais, apenas parágrafos soltos que comentam atividades ligadas a essas áreas. No século XVIII, Passos²⁷ cita Roça Grande como local de atividade do "saudoso educador" Professor Caetano de Azeredo Coutinho, na escola que levava o seu nome. O ensino público ou das primeiras letras, como era denominado, eram realizados em uma casa grande próxima ao local onde fora construída a Igreja de Sant'Ana, isto em fins do século XIX. No princípio do século XX morava ali um músico e compositor, Mestre Zeça, que dava aula de música²⁸.

²⁶ <http://www.citybrazil.com.br/mg/sabara/historia.html>

²⁷ <http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>

²⁸ PASSOS, 1940, p. 05.

²⁹ <http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>



De acordo com Antônio Santa Rosa, em 1974, em Sabarabuçu a

rede escolar do município contava com 7 Grupos Escolares, 3 Escolas Estaduais, 5 escolas Rurais Municipais, 1 curso anexo ao colégio Estadual, 4 estabelecimentos de Ensino Médio, 1 Curso Supletivo, 1 Escola técnica (SENAI), 1 Ginásio Polivalente em fase de implantação e vários cursos de ensinos diversos²⁹.

Com a grande circulação de pessoas, também se desenvolveram naquelas paragens as artes, especialmente a música e o teatro. Sabará desempenhou papel importante no desenvolvimento musical de Minas no século XVIII. Exemplo disto é a bicentenária Orquestra Sacra Santa Cecília, que continua ainda em atividade, apresentando-se na cidade e em outros locais.

O milagre de Santo Antônio em Roça Grande³⁰

O que atrai milhares de pessoas todos os anos para o bairro de Roça Grande, além de sua cultura e sua história é também o turismo religioso. A devoção dedicada ao santo padroeiro do local atribui ao mesmo uma infinidade de milagres alcançados pelos fiéis que vêm de vários pontos do país na ocasião da festa realizada, vivamente, no mês de junho. Entre esses muitos milagres vale a pena comentar um deles para darmos conta das histórias e do imaginário que remete ao Santo Antônio da Roça Grande. Esse fato milagroso aconteceu no início do século XX.

Nas primeiras décadas do *novecentos*, não se sabe a data correta, um lenhador de Roça Grande encontrou uma imagem de Santo Antônio de Pádua sobre uma pedra, nas imediações de um morro que circunda o bairro, hoje conhecido como Rosário III. Rapidamente a notícia correu em Sabará e Santa Luzia e vieram beatos e padres para ver a imagem achada. A Mitra Arquidiocesana ordenou que o santo fosse para a paróquia central, localizada em Santa Luzia, e assim foi feito.

Na manhã seguinte, o santo reapareceu em Roça Grande, mas novamente levaram a imagem para Santa Luzia. Depois de muitas idas e vindas, a imagem de Santo Antônio permaneceu em Roça Grande, depois que foi preparada uma romaria para levar o Santo Antônio de Roça Grande para Santa Luzia e na ocasião a ponte sobre o Rio das Velhas que fazia parte do trajeto desabou, impedindo o cortejo. O fato foi tomado como milagre pela população da época, atraindo a atenção e as lendas, a fé e a devoção ao santo, e estimulando o incremento das festas dedicadas ao mesmo. Em 1964, a rocha onde a imagem apareceu originalmente também foi levada para o interior da Igreja local. A rocha também havia virado alvo de adoração dos fiéis.



Imagem de Santo Antônio da Igreja de mesmo nome em Roça Grande e abaixo desta a pedra milagrosa.
Foto: Flávia Melo, data 02/01/2008

²⁹ ROSA, 1974, p. 57

³⁰ PIMENTA, Mariana. http://www.escriitoriodehistorias.com.br/comunidade_rocagrande.htm



Com a notícia dos milagres remetidos a Santo Antônio de Roça Grande, gente de todos os cantos se afluíu para o povoado para suplicar e agradecer milagres, principalmente na época das festas dedicadas ao santo. A capelinha foi reformada e transformada em um santuário. Quanto à imagem encontrada pelo lenhador, essa é a mesma que fica sobre o altar no santuário antigo e, abaixo dela, a pedra, também venerada e adorada.

Durante a festa de Santo Antônio, realizada, tradicionalmente todos os anos na primeira quinzena do mês de junho, são celebradas missas de domingo e uma trezena de Santo Antônio. Na ocasião, o bairro recebe mais de 20 milromeiros de todo o país, demonstrando a força da fé em torno do padroeiro e das promessas de milagre, o que é típico do catolicismo popular no Brasil. Nesse santuário antigo fica a Sala de Milagres, onde os devotos depositam um símbolo da graça alcançada, como cabeças e pés de ceras, fotos, roupas de Santo Antônio, fardas de militares, cartas, muletas, entre outros. O cemitério que havia ao lado da antiga capela hoje é um jardim, e as ossadas removidas foram levadas para o ossuário de Sabará.

Roça Grande no século XXI

Roça Grande é uma das localidades mais povoadas de Sabará. Atualmente, vivem no bairro cerca de dezesseis mil pessoas e a grande maioria sai cedo para trabalhar e estudar, voltando à noite. Apesar de melhoras do nível de qualidade e desenvolvimento humano, a região é bastante pobre, abrigando, em sua quase totalidade, moradores das camadas sociais mais baixas. A mendicância é um problema sério que veio desde as épocas de início das romarias. Gente de todas as partes do estado iam para Roça Grande pedir esmolas e pão. Tem pessoas que vivem de mendigar há mais de 40 anos na praça em frente ao santuário antigo e esse "ofício" é passado de pai para filho.

Com o desenvolvimento econômico, porque passou Belo Horizonte nas décadas de 50 a 70, em que a atividade industrial e o setor de serviços se tornaram marca importante e definitiva da capital mineira, muitas



pessoas partiram do interior do estado rumo a oportunidades de trabalho e estudos e de melhoras da expectativa e qualidade de vida. O fenômeno conhecido como êxodo rural é típico das sociedades que se urbanizam no rastro do processo de industrialização. No Brasil dessas décadas a população urbana ultrapassou a rural, mudando a fisionomia do país, social, econômica e culturalmente. No entanto, as grandes cidades se incharam de novos habitantes sem ampliar rapidamente sua infra-estrutura urbana, com serviços, habitação, sistema de transporte, educação, etc.

Localização de Roça Grande
Fonte: http://www.sabaranet.com.br/municipio_regioes.asp
Acesso em 18/10/2007

Em Belo Horizonte, as regiões das suas áreas limítrofes foram ocupadas por seus novos habitantes. Quando não mesmo, os bairros de municípios próximos. No caso de Sabará, o bairro de Roça Grande, um



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL



Página 17 de 335

dos mais antigos do município, foi, pouco a pouco, sendo ocupado por essa população vinda do interior, que se fixou na região. A configuração atual do bairro e sua densidade demográfica, além de todos os problemas infra-estruturais por que passa confirma essa hipótese, apesar das novas gerações que compõem a sua população.

O bairro que é muito carente também enfrenta outros "novos" problemas. Um dos mais graves porque passa a região é o tráfico de drogas. O padre José Cláudio Dias está no santuário de Santo Antônio há um ano e fala que, atualmente, 70% das promessas são mães pedindo ao santo para livrar os filhos das drogas. E não só das famílias locais, mas de todos os lugares vem gente para clamar a Santo Antônio ajuda para os viciados³¹.

Do ponto de vista econômico, Sabará é hoje um município com invejável produção siderúrgica e têxtil, produzindo também painéis de alumínio, artigos de ourivesaria, minério de ferro, pedra à vista e mármore além das atividades agropecuárias³². Em Roça Grande, o setor de serviços informais e de pequeno comércio é a base da economia local. E, como já dito, boa parte da sua população economicamente ativa trabalha em Sabará ou em Belo Horizonte. O desemprego, por ora, é também apontado como um grave problema para os habitantes de Roça Grande.

Assim, vemos que o povoado, de sua origem nos remotos tempos coloniais até a sua configuração atual substancialmente modificada, é uma importante referência histórica e urbana do município de Sabará. A trajetória de Roça Grande exemplifica os aspectos ligados ao início da ocupação dessa "Minas geratriz", como diria Guimarães Rosa, em torno da atividade mineradora e os novos rumos que essas antigas localidades tomaram, se renovando e se inserindo nos novos contextos sócio-econômicos do estado, pelos séculos que se seguiram. A marca atual de Roça Grande, com os problemas sociais por que passa sua comunidade carente, pode ser contrabalançada pelas características históricas desse lugar considerado como o berço do município de Sabará. Sua história e sua importância têm que ser contada e amplificada tanto para os moradores locais quanto outros atores sociais, em outros pontos do estado e do país. Qualquer conhecimento sobre Sabarabuçu não pode deixar silenciada a vida social e a trajetória histórica dos vários arraiais e povoados originais que configuraram primeiramente a Vila Real de Nossa Senhora da Conceição e atualmente o importante município de Sabará. Roça Grande faz parte de sua história contraditória e viva, de heróis e de anônimos, de riqueza e fausto, de pobreza e miséria, de senhores e escravos, de ricos e pobres, de negros, brancos e mestiços, de fé e ganância, da vida simples e corriqueira à epopéia histórica que marca as narrativas "oficiais" sobre a formação do município.

³¹ PIMENTA, Mariana. http://www.escriitoridehistorias.com.br/comunidade_rocagrande.html
³² ROSA, *op. cit.*, 1974, p. 55. e <http://www.atmg.gov.br/munmg/historia/hist56700.txt>



2. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

2.1 Justificativa de alteração

No cronograma proposto, as Seções 1 e 2 foram finalizadas a contento apesar da paralisação dos trabalhos durante um ano, avançando o período previsto para a conclusão das atividades. Para o próximo exercício, propõe-se duas alterações no cronograma solicitadas pelo presidente do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural e Natural de Sabará, Reginaldo Barcelos. A primeira é a criação de uma nova seção (seção 7) a ser priorizada dentre as demais restantes no cronograma de atividades. Trata-se do inventário da região de Arraial Velho, inicialmente prevista dentro Seção 6 (Área Rural), devido à presença de exemplares arquitetônicos, arqueológicos, entre outros bens culturais de grande representatividade histórico-cultural desprovidos de qualquer estudo técnico e que correm o risco de desaparecer e/ou perder suas características originais. A no Seção 7, portanto será a próxima a ser inventariada com finalização em abril de 2009 (exercício 2010). A outra alteração trata-se de uma inversão de período de execução de atividades entre as Seções 3 e 4, que correspondem respectivamente os distritos de Ravena e Mestre Caetano. A razão desta alteração é o fato da Seção 4, de Mestre Caetano, possuir bens de grande valor histórico que permanecem desconhecidos por grande parte dos estudiosos e gestores da área. O seu registro servirá para os órgãos públicos competentes em parceria com a iniciativa privada, representada pela Mineradora AngloGold instalada no local, criar um plano de gestão e preservação da área. Dessa forma após o inventário da Seção 7 (Arraial Velho), será estudada a Seção 4 (Mestre Caetano), com finalização em abril de 2010 (exercício 2011) e, após, o inventário da Seção 3 (Ravena), com entrega em abril de 2011 (exercício 2012). As demais seções do inventário, Seção 5 (Carvalho de Brito) e Seção 6 (área Rural) serão inventariadas nos exercícios 2013 e 2014, respectivamente. A seguir, apresenta-se uma breve caracterização da região a ser inventariada no próximo exercício, o que auxiliará no entendimento da justificativa de alteração proposta. O novo cronograma consta no item 2.3 deste trabalho, aprovado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural nos dias 22 de fevereiro e 12 de março de 2008. Seguem anexas, no final deste trabalho, as cópias destas atas.



2.2 Caracterização da região de Arraial Velho

Tomado como um dos mais antigos povoados da antiga Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabassú, e distante quatro quilômetros da sede do município, encontra-se o Arraial Velho de Sant'Ana, ou simplesmente Arraial Velho. No intuito de contextualizar a vila de Sabarabussu, vale lembrar que sua formação, se deu a partir da fusão de vários núcleos originais que se espalhavam pelo seu território, como Roça Grande, o Arraial Velho e o Arraial Novo.



Vista geral do assentamento de Arraial Velho.
Foto: Viviane Corrado, dez. 2007



Casario representativo do povoado de Arraial Velho.
Foto: Viviane Corrado, dez. 2007

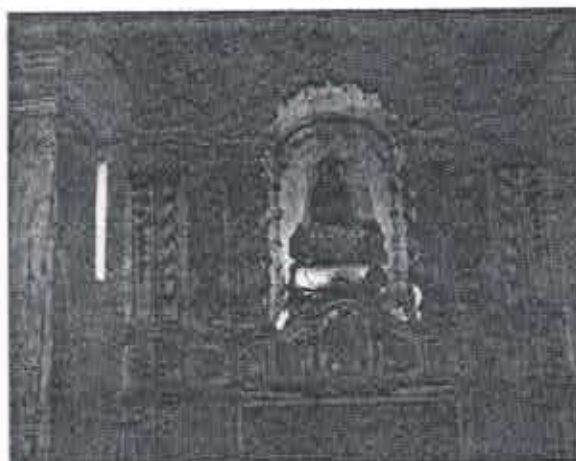


À direita, vista da chegada em Arraial Velho.
Destaque para os altos muros de pedra que cercam as propriedades.
Foto: Viviane Corrado, dez. 2007

O Arraial Velho se estende ao longo de uma via e tem relevantes marcos históricos. A principal é a Capela de Sant'Ana, datada de meados do século XVIII e tombada pelo IPHAN, em 1950, inscrita no livro de Belas Artes com numeração 365 e, de acordo com resolução da mesma instituição, em 13 de agosto de 1985, o tombamento inclui todo seu acervo. A composição arquitetônica da construção religiosa pontua tanto o início da povoação do local quanto também demonstra o papel que a religiosidade católica tinha, quando da materialização dos templos. Relacionado ao aspecto religioso da localidade, a capela apresenta diversos bens materiais religiosos importantes: imagens de santos, mobiliário, o sino e os equipamentos sacros. Além disso, se destaca como patrimônio imaterial a festa dedicada à padroeira realizada no mês de julho.



Capela de Sant'Ana de Arraial Velho.
Foto: Viviane Corrado, dez.2007.



Vista interna da Capela de Sant'Ana de Arraial Velho
com destaque para o retábulo-mor.
Foto: Viviane Corrado, dez.2007



Imaginária do século XVIII presente no interior da Capela de Sant'Ana de Arraial Velho.
Foto: Viviane Corrado, dez.2007

Outro ponto importante e que atravessa o arraial é a famosa Estrada Real. O caminho aberto para o escoamento do ouro produzido nas Gerais até o porto do Rio de Janeiro também era usado para o transporte de inúmeras outras mercadorias e o deslocamento incessante da população colonial. A Coroa Portuguesa dedicava fiscalização rigorosa naquele que era considerado o caminho para o Eldorado. A estrada ainda está intacta em meio à paisagem do local e atravessa tanto o núcleo urbano como segue para a zona rural. Pelo caminho se destacam outras curiosidades, como um muro de pedras, provavelmente muito antigo, para o qual pode-se lançar como hipótese o século XVIII como a circunstância de sua construção. Ainda pela Estrada Real encontra-se uma ruína em pedras de uma antiga construção, que pode ter sido tanto um posto fiscal quanto uma hospedaria ou outro comércio.



Ruina ao longo da Estrada, próximo ao povoado de Arraial Velho.

Foto: Viviane Corrado, dez. 2007.



Muro de pedras no interior das propriedades do povoado de Arraial Velho.

Foto: Viviane Corrado, dez. 2007.



Calçamento, presumivelmente, do século XVIII, localizado na Fazenda dos Cristais, próxima ao povoado de Arraial Velho.

Foto: Viviane Corrado, dez. 2007.



Estrada Real. Destaque para o muro em pedras que a margeia.

Foto: Viviane Corrado, dez. 2007.

Na região, ainda é possível destacar a existência de várias minerações, que atualmente exploram o minério de ferro e ouro, segundo os relatos dos moradores locais. Antigas minas remanescentes do período colonial estão abertas e são exploradas tanto por faiscadores quanto por empresas de grande porte, que usam técnicas e equipamentos mais modernos. A atração pelo ouro e por outras riquezas minerais ainda não desapareceu do imaginário social da população sabarense, mesmo apesar de novas redes e dinâmicas.



Fazenda dos Cristais, na região de Arraial Velho, que resguarda diversos remanescentes do apogeu da exploração do ouro em Sabará.
Foto: Viviane Corrado, dez. 2007



Boca de Mina de Ouro desativada na Fazenda dos Cristais.
Foto: Viviane Corrado, dez. 2007

Outro ponto importante do antigo arraial são os aspectos da sua área rural, que trazem outras práticas e atividades vivenciadas pela população do lugar, que não viam a mineração como a única possibilidade. As fazendas e sítios da região abrigam atividades produtivas ligadas à agricultura de subsistência e criação de animais num ritmo de vida típico do interior mineiro, mas que remete a sua origem ao século XVII.

O Arraial Velho de Sant'Ana é parte integrante desse enredo que liga as temporalidades passada e presente de Sabará. Existem pontos-chaves para o entendimento dessa teia histórica que estão estampados nos locais, nos objetos, nas construções e nas manifestações culturais acima destacados e que fazem parte do patrimônio do Arraial Velho. Esses dados nos desvelam a trajetória da localidade, as suas permanências e inovações, a sua tradição e seus aspectos contemporâneos e as maneiras como os seus habitantes lidam com a sua história.



2.3 Cronograma detalhado

SETORES/CATEGORIAS	2004				2005				2006				2007				2008				2009				2010				2011				2012			
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre				
Definição da metodologia para levantamento de campo	■																																			
Levantamento de bases cartográficas	■																																			
Mapa do município com localização das áreas	■																																			
Levantamento arquivístico, bibliog. e iconográfico	■																																			
Reconhecimento do território e pesquisa de campo	■																																			
Definição de áreas a serem inventariadas	■																																			
Ficha de informações do município	■																																			
Elaboração do informe histórico e aspectos naturais	■																																			
SEÇÃO 1 – Distrito sede: Área Hipercentral																																				
Listagem dos bens a serem inventariados	■																																			
Levantamento de campo e entrevistas	■																																			
Planta cadastral com bens a serem inventariados	■																																			
Fichas de Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas																																				
Fichas de Bens Móveis e Integrados *																																				
Fichas de Arquivos																																				
Fichas de Patrimônio Arqueológico (se houver)																																				
Fichas de Patrimônio Imaterial																																				
Fichas de sítios naturais de interesse cultural (se houver)																																				
Revisão das Fichas																																				
Arquivamento																																				

Legenda: ■ Atividades concluídas
 ▨ Atividades a serem executadas
 □ Período sem realização de atividades



Prefeitura Municipal de Sabará
 IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL



SETORES/CATEGORIAS	2005		2006		2007		2008		2009		2010		2011		2012		2013			
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre
SEÇÃO 2 – Distrito sede: Área Central																				
Listagem dos bens a serem inventariados																				
Levantamento de campo e entrevistas																				
Planta cadastral com bens a serem inventariados																				
Fichas de Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas																				
Fichas de Bens Móveis e Integrados																				
Fichas de Arquivos																				
Fichas de Patrimônio Arqueológico (se houver)																				
Fichas de Patrimônio Imaterial																				
Fichas de sítios naturais de interesse cultural (se houver)																				
Revisão das Fichas																				
Arquivamento																				
SEÇÃO 3 – Área Rural: Arraial Velho																				
Listagem dos bens a serem inventariados																				
Levantamento de campo e entrevistas																				
Planta cadastral com bens a serem inventariados																				
Fichas de Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas																				
Fichas de Bens Móveis e Integrados																				
Fichas de Arquivos																				
Fichas de Patrimônio Arqueológico (se houver)																				
Fichas de Patrimônio Imaterial																				
Fichas de sítios naturais de interesse cultural (se houver)																				
Revisão das Fichas																				
Arquivamento																				

Legenda: Atividades concluídas
 Atividades a serem executadas



Prefeitura Municipal de Sabará
 IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

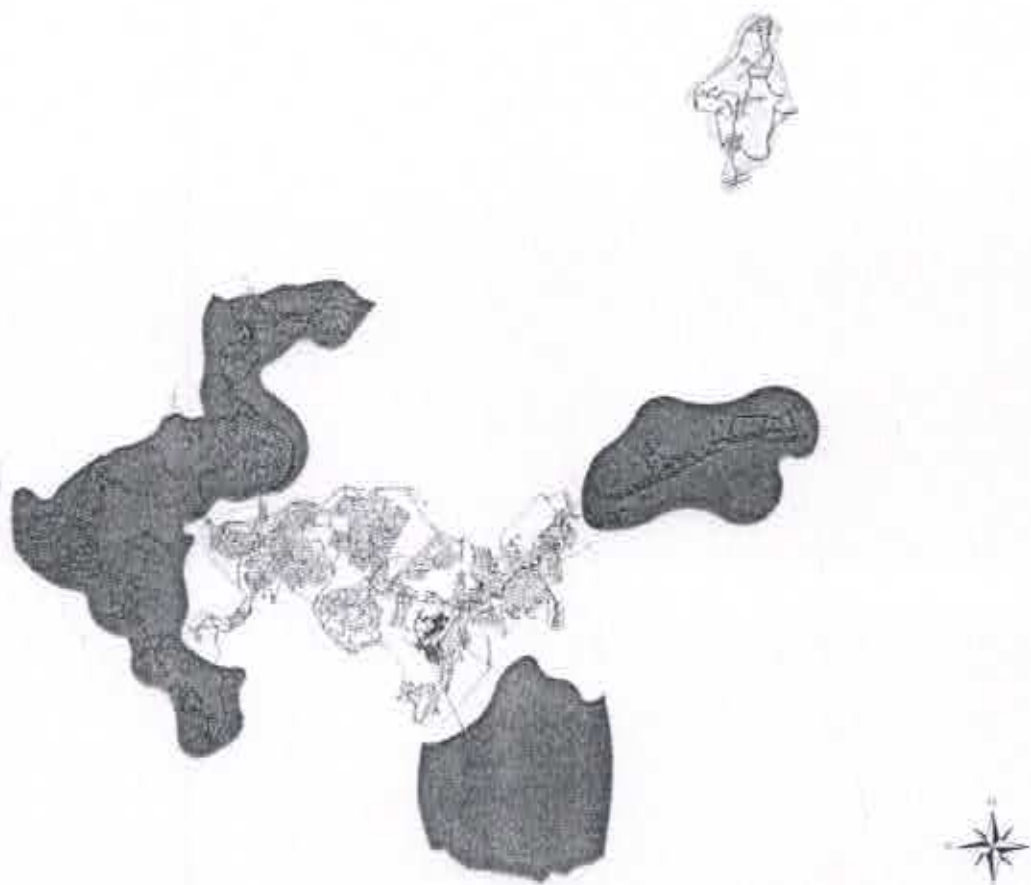


SETORES/CATEGORIAS	2005		2006		2007		2008		2009		2010		2011		2012		2013			
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre
SEÇÃO 6 – Distrito de Carvalho de Brito																				
Listagem dos bens a serem inventariados																				
Levantamento de campo e entrevistas																				
Planta cadastral com bens a serem inventariados																				
Fichas de Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas																				
Fichas de Bens Móveis e Integrados																				
Fichas de Arquivos																				
Fichas de Patrimônio Arqueológico (se houver)																				
Fichas de Patrimônio Imaterial																				
Fichas de sítios naturais de interesse cultural (se houver)																				
Revisão das Fichas																				
Arquivamento																				
SEÇÃO 7 – Área Rural																				
Listagem dos bens a serem inventariados																				
Levantamento de campo e entrevistas																				
Planta cadastral com bens a serem inventariados																				
Fichas de Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas																				
Fichas de Bens Móveis e Integrados																				
Fichas de Arquivos																				
Fichas de Patrimônio Arqueológico (se houver)																				
Fichas de Patrimônio Imaterial																				
Fichas de sítios naturais de interesse cultural (se houver)																				
Revisão das Fichas																				
Arquivamento																				

Legenda: Atividades concluídas
 Atividades a serem executadas



2.4 Cartografia



O município de Sabará dividido em seções.
Mapa esquemático, sem escala.
Elaboração: Viviane Corrado, fev 2008
Fonte cadastral: Prefeitura Municipal de Sabará

LEGENDA

- SEÇÃO 1 - Área Hipercentral
- SEÇÃO 2 - Área Central
- SEÇÃO 3 - Ravena
- SEÇÃO 4 - Mestre Caetano
- SEÇÃO 5 - Carvalho de Brito
- SEÇÃO 6 - Área Rural
- SEÇÃO 7 - Arraial Velho

A representação dos arruamentos da Seção 7 (Arraial Velho) será produzida durante o ano de seu inventário



3. PATRIMÔNIO PROTEGIDO

3.1 Bens tombados

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura / Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural e Natural

RELAÇÃO DE TOMBAMENTOS	Federal	Estadual	Municipal e Registro Federal
Capela de Santo Antonio do Pompéu	08/09/1958		10/4/2002-Dec.272/2002 // Insc. 17-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 04
Casa de Borba Gato	17/06/1938		Insc. 123, Livro de Belas Artes, fls 22
Solar do Padre Corrêa	07/02/1950		Insc. 349, Livro das Belas Artes, fls 71.
Casa Azul	10/03/1965		Insc. 380, Livro Histórico, fls 62.
Museu do Ouro	28/06/1950		Insc. 279, Livro Histórico, fls 47 / Insc.384, Livro Belas Artes, fls 75.
Chafariz do Kaquende	07/02/1950	Bom 85 % regulou 10 % 2446m 5/1	10/4/2002-Dec.276/2002 // Insc. 25-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 05
Chafariz do Rosário	07/02/1950		Insc. 351, Livro das Belas Artes, fls 71.
Igreja de N.Sra. das Mercês	13/06/1938		Insc. 114, Livro das Belas Artes, fls 20.
Igreja de N.Sra. Do Carmo	13/06/1938		Insc. 166, Livro das Belas Artes, fls. 21.
Igreja de N.Sra. Do Ó	13/06/1938		Insc. 110, Livro das Belas Artes, fls 20.
Capela de N.Sra. do Pilar	09/05/1950		Insc. 364, Livro das Belas Artes, fls. 73.
Igreja de N.Sra. do Rosário	13/06/1938		Insc. 112, Livros das Belas Artes, fls. 20.
Igreja de Sant'Ana do Arraial Velho	09/05/1950		10/4/2002-Dec.273/2002 // Insc. 18-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 04
Igreja de São Francisco de Assis	13/06/1938		Insc. 113, Livro das Belas Artes, fls. 20.
Matriz de N.Sra. da Conceição	13/06/1938		Insc. 111, Livros das Belas Artes, fls. 73.
Passo da Rua Marques Sapucaí	09/05/1950		Insc. 366, Livro das Belas Artes, fls. 73.
Passo do Carmo	09/05/1950		Insc. 367, Livro das Belas Artes, fls. 74.
Conjunto Arquitetônico Rua D.Pedro II **	27/01/1965		Insc. 379, Livro das Belas Artes, fls 61.
Teatro Municipal	02/01/1963	Bom 80% regulou 5% rua 5/1	16/04/1999 - Dec. 474/99 // Insc. 09-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 02



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL



Página 30 de 335

Cemitério da Irmandade do Carmo	13/06/1938		Insc. 116, Livro das Belas Artes, fls. 21.
Hospício da Terra Santa	09/05/1950		Insc. 364, Livro das Belas Artes, fls. 73.
Capela de N. Sra. Da Soledade			1992 - Dec. 261/92
Capela de N. Sra. Do Bom Despacho	Bom 80% regular 15% ruim 5%		16/04/1999 - Dec. 476/99 // Insc. 07-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 02
Chafariz da Corte Real			16/04/1999 - Dec. 475/99 // Insc. 06-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 02
Capela do Senhor Bom Jesus	Bom 10% regular 30% ruim 50%		16/04/1999 - Dec. 472/99 // Insc. 04-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 01
Chafariz da Confraria			16/04/1999 - Dec. 473/99 // Insc. 05-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 01
Segundo Passo Rua Marques Sapucaí			16/04/1999 - Dec. 477/99 // Insc. 08-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 02
Matriz de N. Sra. Da Assunção	Bom 40% regular 30% ruim 30%	18.531/77	06/01/2000 - Dec. 623/2000 // Insc. 10-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 02
Ponte Ferroviária do Gaia	Bom 25% regular 50% ruim 25%		25/02/1999 - Dec. 441/99 // Insc. 03-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 01
Ponte Ferroviária do Rio das Velhas	Bom 50% regular 30% ruim 20%		25/02/1999 - Dec. 440/99 // Insc. 02-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 01
Conjunto Arquitetônico Pça. Bueno Brandão	Bom 50% regular 30% ruim 10%		14/04/2000 - Dec. 684/2000 // Insc. 11-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 03
Capela N. Sra. Rosário - Cuiabá		19.463/78	
Ermida Sta. Efigênia - Cuiabá		19.463/78	
Conjunto Pça. Melo Viana			14/04/2000 - Dec. 687/2000 // Insc. 14-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 03
Ig. do Rosário de Ravena	Bom 80% reg 10% ruim 10%	12/06/1977	14/04/2000 - Dec. 688/2000 // Insc. 15-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 03
Conjunto da Pça. Santa Rita			14/04/2000 - Dec. 686/2000 // Insc. 13-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 03
Edificação nº 138 Rua Abreu Guimarães			14/04/2000 - Dec. 685/2000 // Insc. 12-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 03
Edificação nº 140 Rua Abreu Guimarães			14/04/2000 - Dec. 685/2000 // Insc. 12-T Livro de Tombos de Sabará
Edificação nº 150 Rua Abreu Guimarães			14/04/2000 - Dec. 685/2000 // Insc. 12-T Livro de Tombos de Sabará
Edificação nº 150A Rua Abreu Guimarães			14/04/2000 - Dec. 685/2000 // Insc. 12-T Livro de Tombos de Sabará
Edificação nº 160 Rua Abreu Guimarães			14/04/2000 - Dec. 685/2000 // Insc. 12-T Livro de Tombos de Sabará
Edificação nº 166 Rua Abreu Guimarães			14/04/2000 - Dec. 685/2000 // Insc. 12-T Livro de Tombos de Sabará
Edificação nº 176 Rua Abreu Guimarães			14/04/2000 - Dec. 685/2000 // Insc. 12-T Livro de Tombos de Sabará

conjunto rua Abreu Guimarães Bom 50% reg 30% ruim 20%

+
-
+
-
+
-
+



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL



Página 31 de 335

Edificação nº 182 Rua Abreu Guimarães		14/04/2000 - Dec.685/2000 // Insc.12-T Livro de Tombos de Sabará
Edificação nº 198 Rua Abreu Guimarães		14/04/2000 - Dec.685/2000 // Insc.12-T Livro de Tombos de Sabará
Edificação nº 3 Rua São Pedro		10/4/2002- Dec.271/2002 // Insc. 16-T Livro de Tombos de Sabará, fls 04
Edificação nº 9 Rua São Pedro		10/4/2002- Dec.271/2002 // Insc. 16-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 04
Edificação nº 49 Rua São Pedro		10/4/2002- Dec.271/2002 // Insc. 16-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 04
Edificação nº 71 Rua São Pedro		10/4/2002- Dec.271/2002 // Insc. 16-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 04
Edificação nº 83 Rua São Pedro		10/4/2002- Dec.271/2002 // Insc. 16-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 04
Edificação nº 119 Rua São Pedro		10/4/2002- Dec.271/2002 // Insc. 16-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 04
Edificação nº 18 Rua São Pedro		10/4/2002- Dec.271/2002 // Insc. 16-T Livro de Tombos de Sabará, fls., 04
Edificação nº 60 Rua São Pedro		10/4/2002- Dec.271/2002 // Insc. 16-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 04
Edificação nº 102 Rua São Pedro		10/4/2002- Dec.271/2002 // Insc. 16-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 04
Edificação nº 114 Rua São Pedro		10/4/2002- Dec.271/2002 // Insc. 16-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 04
Edificação nº 124 Rua São Pedro		10/4/2002- Dec.271/2002 // Insc. 16-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 04
Edificação nº 143 Rua Kaquende		10/4/2002-Dec.276/2002 // Insc. 23-T Livro de Tombos de Sabará, fla. 05
Edificação nº 149 na Rua Kaquende		10/4/2002-Dec.276/2002 // Insc. 24-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 05
Edificação nº 14 Praça Augusto Dias		10/4/2002-Dec.275/2002 // Insc. 20-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 04
Edificação nº 20 Praça Augusto Dias		10/4/2002-Dec.275/2002 // Insc. 21-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 05
Centro Cult. José Costa Sepúlveda		10/4/2002-Dec.275/2002 // Insc. 22-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 05
Monumento 250º Aniversário - Pça.Melo Viana		10/4/2002-Dec.274/2002 / Insc. 19-T Livro de Tombos de Sabará, fls. 04



3.2 Bens inventariados

3.2.1 Inventário realizado pelo Município

INVENTÁRIO 1998 (EXERCÍCIO 1999) – SEÇÃO 1

ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS	ENDEREÇO
CAPELA DA SANTA CASA	Rua Francisco Assis Pereira
CHAFARIZ DA CONFRARIA	Praça Getúlio Vargas
CONJUNTO URBANO	Rua Abreu Guimarães, n.ºs 138, 140, 150, 150A, 160, 166, 176, 182, 198
IGREJA MATRIZ N. SRA. DA ASSUNÇÃO	Praça da Matriz - Ravena
IGREJA N. SRA. DO ROSÁRIO	Cuiabá – Distrito Mestre Caetano
SANTA CASA DE MISERICÓRDIA	Rua Francisco de Assis Pereira

INVENTÁRIO 1999 (EXERCÍCIO 2000) – SEÇÃO 1

ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS	ENDEREÇO
CAPELA DO SENHOR DO COM JESUS	Morro da Cruz
CAPELA N. SRA. DO PILAR	Rua Onésimo dos Santos
CONJUNTO URBANO	Rua Dom Pedro II
IGREJA DE SANTANA	Arraial Velho
IGREJA N. SRA. DA SOLEDADE	Borges – Área Rural
IGREJA N. SRA. DO CARMO	Rua do Carmo, s/nº
PASSO DO CALVÁRIO	Rua do Carmo, s/nº
PONTE FERROVIARIA - RIO DAS VELHAS	Rua Mário Machado – Fogo Apagou
PONTE FERROVIÁRIA DO GAIA	Gaia – Bairro Siderúrgica
SEGUNDO PASSO DA MARQUÊS DE SAPUCAÍ	Rua Marquês de Sapucaí
TEATRO MUNICIPAL	Rua Dom Pedro II, s/nº

INVENTÁRIO 2000 (EXERCÍCIO 2001) – SEÇÃO 1

ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS	ENDEREÇO
CAPELA 1º PASSO DA RUA MARQUÊS SAPUCAÍ	Rua Marquês Sapucaí
CAPELA N. SRA. DO BOM DESPACHO	Rua Kaquende, s/nº
CASA AZUL	Rua Dom Pedro II, nº 215
CASA DE BORBA GATO	Rua Borba Gato
CEMITÉRIO DA IRMANDADE DO CARMO	Rua do Carmo, Centro
CHAFARIZ DA CORTE REAL	Praça Bueno Brandão
CHAFARIZ DO ROSÁRIO	Praça Melo Viana



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL



Página 33 de 335

CONJUNTO URBANO	Praça Santa Rita, n.º 14, 18, 20 21, 22, 36, 42, 50, 59, 62, 226, 248, 256, 271, 286
CONJUNTO URBANO	Praça Melo Viana
CONJUNTO URBANO	Praça Bueno Brandão

ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS

ENDEREÇO

HOSPÍCIO DA TERRA SANTA	Rua Onésimo dos Santos
IGREJA N. SRA. DAS MERCÊS	Rua da Intendência, s/nº
IGREJA N. SRA. DO Ó	Largo Nossa Senhora do Ó
IGREJA N. SRA. DO ROSÁRIO	Praça do Rosário – Ravena
IGREJA N. SRA. DO ROSÁRIO	Praça Melo Viana
IGREJA SANTO ANTÔNIO ROÇA GRANDE	Praça do Santuário
IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS	Largo de São Francisco
MATRIZ DE N. SRA. DA CONCEIÇÃO	Praça Getúlio Vargas
MUSEU DO OURO	Rua da Intendência, s/nº
SOLAR DO PADRE CORRÊA	Rua Dom Pedro II, nº 200

INVENTÁRIO 2001 (EXERCÍCIO 2002) – SEÇÃO 1

ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS

ENDEREÇO

CENTRO CULTURAL JOSÉ COSTA SEPÚLVEDA	Praça Augusto Dias
CHAFARIZ DO KAQUENDE	Largo do Jogo da Bola
CONJUNTO URBANO	Rua São Pedro, n.º 03, 09, 18, 49, 60, 71, 83, 102, 114, 119, 124, 143, 149
IGREJA SANTO ANTÔNIO DO POMPEU	Pompeu – Mestre Caetano
IMÓVEL PRAÇA AUGUSTO DIAS, 14	Praça Augusto Dias, nº 14
IMÓVEL PRAÇA AUGUSTO DIAS, 20	Praça Augusto Dias, nº 20
IMÓVEL RUA KAQUENDE, 143	Rua Kaquende, nº 143
IMÓVEL RUA KAQUENDE, 149	Rua Kaquende, nº 149
MONUMENTO AO 250º ANIVERSÁRIO DE ELEVação A VILA REAL	Praça Melo Viana

INVENTÁRIO 2003 (EXERCÍCIO 2004) – SEÇÃO 1

ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS

ENDEREÇO

CONJUNTO URBANO	Largo da Nossa Senhora do Ó
-----------------	-----------------------------



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL



Página 34 de 335

INVENTÁRIO 2005 (EXERCÍCIO 2006) – SEÇÃO 1

Nº FICHA	ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS	ENDEREÇO
FICHA 01	IMÓVEL DA ANTIGA CADEIA	Rua da República, n.º 58
FICHA 02	CONJUNTO URBANO	Largo Jogo da Bola, n.ºs 26/64
FICHA 03	CONJUNTO URBANO	Largo São Francisco, n.ºs 18/22/26/34/40/46/52
FICHA 04	CONJUNTO URBANO	Praça Getúlio Vargas, n.ºs 37/69/72/85/86/97/104/107/112/119/134/144
FICHA 05	CONJUNTO URBANO	Praça Luis Ensich, n.ºs 144/173
FICHA 06	CONJUNTO URBANO	Rua Borba Gato, n.ºs 07/10/22/45/53/61 + Praça Antônio de Albuquerque, n.ºs 13/15/23/33/46/51
FICHA 07	CONJUNTO URBANO	Rua Comendador Viana, n.ºs 18/28/51/60/61/68/71/79/86/126/140/179/189/192/202/208
FICHA 08	CONJUNTO URBANO	Rua Comendador Viana, n.ºs 346/351/353/358
FICHA 09	CONJUNTO URBANO	Rua da Intendência, n.ºs 125/131/139/205/227/273/252/264/278/300/317/320/330/382/392/395
FICHA 10	CONJUNTO URBANO	Rua da República, n.ºs 02/10/22/23/24/32/55/69/73/79/85/92/98/106/116
FICHA 11	CONJUNTO URBANO	Rua das Mercês, n.ºs 07/19/97 + Rua Francisco Assis Pereira, n.ºs 26/32
FICHA 12	CONJUNTO URBANO	Rua do Carmo, n.ºs 04/09/12/13/19/25/35/39/52/107/153/159/179/185/200/201/205/240 + Rua Coronel Jacinto, n.º 05
FICHA 13	CONJUNTO URBANO	Rua Kaquende, n.ºs 05/87/90/97/103/132/138/146/148/158/159/165/200
FICHA 14	CONJUNTO URBANO	Rua Marieta Machado, n.ºs 40/54/60/61/72
FICHA 15	CONJUNTO URBANO	Rua Marquês de Sapucaí, n.ºs 336/343/350/357/363/368/381/391/397/433/445/450
FICHA 16	CONJUNTO URBANO	Rua Mestre Caetano, n.ºs 05/13/19/29/34/44
FICHA 17	CONJUNTO URBANO	Rua Nossa Senhora da Conceição, n.ºs 11/21/25/37/43/49
FICHA 18	CONJUNTO URBANO	Rua São Francisco, n.ºs 155/167/173/183/191/197/201/207/215/221/229/237/251/257/267/275
FICHA 19	CONJUNTO URBANO	Rua São Pedro, n.ºs 191/195
FICHA 20	CONJUNTO URBANO	Rua Zoroastro Passos, n.ºs 92/108/116/126/136/144/154/202/206/210/214
Nº FICHA	BEM MÓVEL / INTEGRADO	ACERVO
FICHA 21	IMAGEM: CRISTO DA COLUNA	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição
FICHA 22	IMAGEM: SÃO FRANCISCO DE BORJA	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição
FICHA 23	IMAGEM: SANTA CECÍLIA	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição
FICHA 24	IMAGEM: SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição
FICHA 25	IMAGEM: NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO A IMACULADA	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição
FICHA 26	IMAGEM: CRISTO RESSUSCITADO	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL



Página 35 de 335

FICHA 27	SAGRADOS CORAÇÕES	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição
FICHA 28	CRUZ	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição
FICHA 29	PORTA	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição
FICHA 30	SINO	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição
FICHA 31	SINO	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição
FICHA 32	ARCA-BANCO	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição

Nº FICHA FONTES ARQUIVÍSTICAS ENDEREÇO

FICHA 33	ANTIGOS DOCUMENTOS DA CASA DE CÂMARA E CADEIA	Arquivo Documental do Museu do Ouro / Casa Borba Gato – Rua Borba Gato, nº 71, Centro
FICHA 34	CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO DE NOTAS	Cartório do 1º Ofício de Notas – Praça Melo Viana, nº 121, Centro
FICHA 35	CARTÓRIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS	Cartório de Registro de Imóveis – Rua Mestra Ritinha, nº 48, Centro
FICHA 36	CENTRO DE MEMÓRIA DA FUNDAÇÃO BELGO	Fundação Belgo / Bairro Siderúrgica – Rua da Ponte, nº 12, Siderúrgica
FICHA 37	ANTIGOS DOCUMENTOS DA CASA DE CÂMARA E CADEIA	Biblioteca Municipal – Rua Dom Pedro II nº72, Centro

Nº FICHA BEM IMATERIAL CATEGORIA

FICHA 38	RENDA TURCA DE BICO	Saberes
----------	---------------------	---------

INVENTÁRIO 2007 (EXERCÍCIO 2008) – SEÇÃO 1

Nº FICHA	BENS MÓVEIS E INTEGRADOS	ACERVO
FICHA A1	ARMÁRIO EMBUTIDO	Igreja N.S. da Conceição
FICHA A2	MEDALHÃO	Igreja N.S. da Conceição
FICHA A3	BALAUSTRADA DE CORO	Igreja N.S. da Conceição
FICHA A4	PORTA	Igreja N.S. da Conceição
FICHA B1	BALAUSTRADA DE CORO	Igreja N.S. do Ó
FICHA B2	BALAUSTRADA JANELA	Igreja N.S. do Ó
FICHA B3	MESA DO ALTAR	Igreja N.S. do Ó
FICHA B4	PAINÉIS CHIENESICES	Igreja N.S. do Ó
FICHA C1	GOMIL E LAVANDA	Igreja N.S. do Carmo
FICHA C2	JARRAS	Igreja N.S. do Carmo
FICHA C3	JARRAS 1	Igreja N.S. do Carmo
FICHA C4	JARRAS 2	Igreja N.S. do Carmo
FICHA C5	HARMONIO	Igreja N.S. do Carmo
FICHA C6	PEDESTAL	Igreja N.S. do Carmo
FICHA D1	ALTAR	Igreja N.S. das Mercês



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL



Página 36 de 335

FICHA D2	ARCAZ	Igreja N.S. das Mercês
FICHA D3	SACRÁRIO	Igreja N.S. das Mercês
FICHA D4	IMAGEM DE STA ISABEL	Igreja N.S. das Mercês
FICHA E1	CANAPÉ	Igreja N.S. do Rosário
FICHA E2	CASTIÇAL 1	Igreja N.S. do Rosário
FICHA E3	CASTIÇAL 2	Igreja N.S. do Rosário
FICHA E4	MESA DO ALTAR	Igreja N.S. do Rosário
FICHA E5	CREDÊNCIAS	Igreja N.S. do Rosário
FICHA E6	PEDESTAL DE STA RITA	Igreja N.S. do Rosário
FICHA E7	RETÁBULO SANTÍSSIMO SACRAMENTO	Igreja N.S. do Rosário
FICHA F1	CRUCIFIXO	Igreja S. Francisco de Assis
FICHA F2	FRONTÃO	Igreja S. Francisco de Assis
FICHA F3	FRONTÃO	Igreja S. Francisco de Assis
FICHA F4	TOCHEIRO	Igreja S. Francisco de Assis
FICHA G1	BALAUSTRADA	Capela N.S. Pilar
FICHA G2	PEANHA	Capela N.S. Pilar
FICHA G3	PIA DE ÁGUA BENTA1	Capela N.S. Pilar
FICHA G4	PIA DE ÁGUA BENTA2	Capela N.S. Pilar
FICHA G5	PIA DE ÁGUA BENTA3	Capela N.S. Pilar

Nº FICHA	FONTE ARQUIVÍSTICA	ENDEREÇO
----------	--------------------	----------

FICHA 1	Igreja Nossa Senhora do Carmo	
FICHA 2	Igreja Matriz N.S. da Conceição	
FICHA 3	Igreja de N.S. do Rosário	

Nº FICHA	BEM IMATERIAL	CATEGORIA
----------	---------------	-----------

FICHA 4	FESTIVAL DA JABUTICABA	Celebrações
FICHA 5	PALMA BARROCA	Saberes



INVENTÁRIO 2008 (EXERCÍCIO 2009) – SEÇÃO 1 E 2

Nº FICHA	ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS	ENDEREÇO
FICHA 01	Igreja Santuário de Santo Antonio	Praça da Igreja, s/n
FICHA 04	Ruina Melo Viana	Rua Professor Francisco Lopes de Azeredo, 63
FICHA 05	Ruínas Conjunto Ferroviário	Praça Antônio Carlos, s/n
FICHA 06	Casa do Engenheiro	Praça Antônio Carlos, s/n
FICHA 07	Residência	Praça Antônio Carlos, s/n
FICHA 08	Hospital Cristiano Machado	Rua Santana, 600
FICHA 09	Muros de pedra do Hospital Cristiano Machado	Rua Santana, 600
FICHA 10	Ruina da Estação Ferroviária de Roça Grande	Rua Beira Linha, s/n
FICHA 11	Depósito Reis	Rua V, 25
FICHA 12	ASSEFEG	Rua Santo Antônio, 326
FICHA 13	Residência	Rua Carvalho de Brito, 105
FICHA 14	Centro de Vocação Tecnológica	Rua Carvalho de Brito, 3001
FICHA 15	Bar do Nelson	Praça José Cordeiro Sobrinho, 10
Nº FICHA	BENS MÓVEIS E INTEGRADOS	ACERVO
FICHA 02	Retábulo	Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande
FICHA 03	Retábulo	Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande
FICHA 16	Cruzeiro	urbano
Nº FICHA	PATRIMÔNIO IMATERIAL	CATEGORIA
FICHA 17	Festa de Santo Antônio	Celebrações



3.2.2 Inventário realizado pelo IEPHA – categoria bens móveis e integrados

ACERVO	BEM MÓVEL	LOCALIZAÇÃO
Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição (1984)	1ªs RETÁBULOS NAVES LATERAIS	Nave lateral (lado da Epístola e Evangelho)
	2ªs RETÁBULOS NAVES LATERAIS	Nave lateral (lado da Epístola e Evangelho)
	3ªs RETÁBULOS NAVES LATERAIS	Nave lateral (lado da Epístola e Evangelho)
	ARCO CRUZEIRO	Entre nave central e capela-mor
	ARCOS DE SEPARAÇÃO	Entre naves laterais e central
	FORRO	Na Sacristia (lado da Epístola)
	FORRO	Na Capela do Santíssimo
	FORROS	Naves laterais
	FORROS	Nave central, coro e átrio
	FORRO	Capela-mor
	PÚLPITOS	Corpo da nave central
Igreja Nossa Senhora do Carmo (1984)	RETÁBULO CAPELA DO SANTÍSSIMO	Capela do Santíssimo (lado da Epístola)
	RETÁBULOS DAS SACRISTIAS	Sacristias laterais (lado da Epístola e Evangelho)
	RETÁBULOS DO ARCO CRUZEIRO	Lado do Evangelho e lado da Epístola
	RETÁBULO-MOR	Altar-mor
	ATLANTES	Extremidades das arcadas do coro
	CORO	Acima do átrio
	FORRO	Nave
	FORRO	Átrio
	FORRO	Capela-mor
	FORRO DA SACRISTIA	Sacristia
	PORTADA	Entrada principal
Igreja Nossa Senhora do Ó (1984)	PÚLPITOS	Corpo da nave, lado do Evangelho e lado da Epístola
	RETÁBULO-MOR	Capela-mor
	RETÁBULO COLATERAL	Lado Evangelho e Epístola
	ARCO CRUZEIRO	Entrada da capela-mor
	FORRO	Átrio
Capela Nossa Senhora do Pilar (1984)	FORRO	Nave
	FORRO	Átrio
	FORRO	Capela-mor
	PÚLPITO	Lado do Evangelho
	RETÁBULO-MOR	Capela-mor
	RETÁBULO COLATERAL	Lado Evangelho
Capela Nossa Senhora da Soledade (1984)	RETÁBULO COLATERAL	Lado Epístola
	PINTURA PARIETAL	Parede do Arco-Cruzeiro
	FORRO	Capela-mor
	FORRO	Nave



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 39 de 335



Igreja Nossa senhora do Rosário (1984)	FORRO RETÁBULO	Capela-mor altar-mor
Igreja São Francisco de Assis (1984)	RETÁBULO-MOR RETÁBULO-MOR	Altar-mor Capela-mor
Passo do Carmo (1984)	FORRO RETÁBULO PINTURA PARIETAL	Teto Único altar Painel esquerdo (lado evangelho), Painel direito (lado epístola)
Hospício Terra Santa (1984)	FORROS	Saguão e Sala-de-estar
Museu do Ouro (1984)	FORROS	Cômodos superiores
Casa Azul (1984)	RETÁBULO	Único altar
Prefeitura Municipal (1984)	RETÁBULO	Único altar



3.2.3 Inventário realizado pelo IPHAN – categoria bens móveis e integrados

ACERVO	BEM MÓVEL	LOCALIZAÇÃO
	RETÁBULO DO ALTAR-MOR	Capela-Mor
	FORRO DA CAPELA-MOR	Capela-Mor
	TRIBUNA	Capela-Mor/Lado Esquerdo
	ARCAZ	Sacristia/Lado Direito
	NICHOS PARA EXPOSIÇÃO DE IMAGENS	Sacristia
	ARCO-BANCO	Consistório
	PÚLPITO	Arco Cruzeiro/Lado Esquerdo
	PÚLPITO	Arco Cruzeiro/Lado Direito
	RELÓGIO	Torre Sineira Esquerda/Inferior
	SINO	Torre Sineira Esquerda/Frente
	SINO	Torre Sineira Direita/Lado esquerdo
	SINO	Torre Sineira Direita/Frente
	SINO	Torre Sineira Direita/Lado esquerdo
	IMAGEM: SANTA CLARA	Nicho do Retábulo-Mor à Direita
	IMAGEM: SÃO BOAVENTURA	Nicho do Retábulo-Mor à Esquerda
	CRUCIFIXO	Altar-Mor/Trono
	IMAGEM: SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA	Nave/Altar Lateral Direito
	IMAGEM: NOSSA SENHORA DAS DORES	Altar Lateral Esquerdo
	IMAGEM: SÃO BENEDITO	Nave/Altar Lateral Direito
	IMAGEM: NOSSA SENHORA DA BOA MORTE	Nave, Altar Lateral Esquerdo / Esquife
	CASTIÇAIS (18 UNIDADES)	Altar da Capela-Mor
	TOCHEIROS (PAR A,B)	Capela-mor
	IMAGEM: SENHOR DO TÚMULO	Altar-Mor/Túmulo
	CRUCIFIXO	Altar da Lateral Esquerda da Nave
	IMAGEM: SÃO FRANCISCO DE ASSIS	Trono/Altar-Mor
	IMAGEM: NOSSA SENHORA RAINHA DOS ANJOS	Trono/Altar-Mor
	CADEIRA	Capela-Mor
	CADEIRA	Capela-Mor
	PIA DE ÁGUA BENTA	Capela-Mor/Lateral Esquerda
	LUSTRE	Nave
	DOCUMENTO "RESUMO DAS INDULGÊNCIAS"	Dentro do Arca-Banco/Consistório
	CÓPIA DE REGRA	Dentro do Arca-Banco/Consistório
	ESTÂNDARTE DA VERÔNICA	Arca-Banco/Consistório
	IMAGEM: SANTO SUDÁRIO	Arca-Banco/Consistório
	PORTA-TOALHA (PAR)	Sacristia
	BALAUSTRADA (PAR)	Nave
	PORTAS-SACADAS (PAR)	Frontispício/Altura do Coro
	PORTADA	Fachada Principal
	BALAUSTRADA	Coro
	CAIXA DE GUARDA DO SENHOR MORTO	Tribuna à Esquerda
	PIA DE ÁGUA BENTA	Consistório
	ARMÁRIO EMBUTIDO	Consistório/Lado Direito (canto)
	ARMÁRIO	Consistório/Lado Direito

Igreja de São Francisco de Assis (1986)



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 41 de 335



Igreja de São Francisco
de Assis
(1986)

CÁLICE E PÁTENA	Armário junto ao Altar-Mor
ÂMBULA	Armário junto ao Altar-Mor
CHAVE DO SACRÁRIO	Armário junto ao Altar-Mor
CAVEIRA	Dentro do Armário/Atrás do Trono
IMAGEM: SÃO VICENTE DE PAULA	Sacristia
IMAGEM: VIRGENS DA MERCÊS	Dentro de um Armário
IMAGEM: CRISTO NO HORTO DAS OLIVEIRAS	Dentro do Armário/Atrás do Altar-Mor
CONCESSÃO DE PRIVILÉGIOS	Arca-Banco/Consistório
COFRE	Dentro do Arcaz
MATRACA	Tribuna à Direita
MISSAL ROMANO	Armário atrás do Altar-Mor
MISSAL ROMANO	Armário atrás do Altar-Mor
PEANHA	Consistório
PEANHA	Consistório
SUORTE PARA PALMAS (3UNIDADES - A,B,C)	Sem Localização
MANIPULO	Arca-Banco/Consistório
BOLSAS DE CORPORAL OU BOLSAS DE ALTAR (TRÊS)	Arcaz da Sacristia
SUORTE PARA PALMAS (PAR A,B)	Dentro da Arca-Banco/Consistório
FRAGMENTOS DE TALHA (A,B,C)	Arca-Banco/Consistório
CACHORRO	Cômodo debaixo do Altar-Mor
IMAGEM: SANTA NÃO IDENTIFICADA (SANTA MARGARIDA)	Sacristia
PIA DE ÁGUA BENTA	Atrás da Mesa do Altar-Mor
PEANHA	Calvário de Crucifixo/Consistório
CRUZ	Dentro da Arca-Banco/Consistório
IMAGEM: NOSSA SENHORA DAS DORES	Sacristia
CASTIÇAIS (5 UNIDADES: A,B,C,D,E)	Nicho no Altar-Mor
CASTIÇAIS (6 UNIDADES: A,B,C,D,E,F)	Corredor Lateral/Direito/Capela-Mor
CASTIÇAIS (5 UNIDADES: A,B,C,D,E)	Atrás do Altar-Mor
CASTIÇAIS (PAR: A,B)	Consistório
CASTIÇAIS (PAR: A,B)	Consistório
CASTIÇAL	Consistório
CASTIÇAIS (PAR: A,B)	Cômodo debaixo do Trono
IMAGEM: SANTA FRANCISCANA (SANTA ISABEL DE PORTUGAL ?)	Sacristia
IMAGEM: NOSSA SENHORA RAINHA DOS ANJOS	Sacristia
PLUVIAL OU CAPA DE ASPERGES	Arcaz da Sacristia
PLUVIAL OU CAPA DE ASPERGES	Arcaz da Sacristia
IMAGEM: NOSSA SENHORA DAS DORES	Sacristia/Nicho
CASULA	Arcaz da Sacristia
IMAGEM: SENHOR DOS PASSOS	Atrás do Altar-Mor
ANDOR	Sem Localização
CONFESSIONÁRIO	Cômodo atrás do Altar-Mor
ESQUIFE	Cômodo debaixo do Altar-Mor
ARMÁRIO	Cômodo debaixo do Altar-Mor
MESA DE CAVALETES	Sacristia
PINTURA: EX-VOTO	Armário atrás do Altar-Mor



Igreja de Nossa
Senhora do Ó
(1986)

RETÁBULO	Capela-Mor
ARCO-CRUZEIRO	Transepto
FORRO DA CAPELA-MOR	Capela-Mor/Forro
FORRO DA NAVE	Nave
FORRO SOB O CORO	Forro Abaixo do Coro
PÚLPITO	Nave, Parede Esquerda
CORO	Nave junto à Entrada
PIA DE ÁGUA BENTA	Nave/Pilastra Direita do Coro
PAINEL: NOSSA SENHORA E O MENINO JESUS	Capela-Mor/Painel à Esquerda, Registro Inferior
PAINEL: CIRCUNCISÃO	Capela-Mor/Painel à Esquerda, Registro Superior
PAINEL: ADORAÇÃO DOS MAGOS	Capela-Mor/Painel à Esquerda, Registro Superior
PAINEL: A SAGRADA FAMÍLIA	Capela-Mor/Painel à Direita, Registro Inferior
PAINEL: VISITAÇÃO DE MARIA	Capela-Mor/Painel à Direita, Registro Superior
PAINEL: NASCIMENTO DO MENINO JESUS OU ADORAÇÃO DOS PASTORES	Capela-Mor/Painel à Direita, Registro Central
QUADRO: EX-VOTO	Nave Parte Inferior do Coro/Lado Esquerdo
IMAGEM: SANTA BÁRBARA	Altar-Mor
IMAGEM: NOSSA SENHORA DO Ó	Altar-Mor
CRUCIFIXO	Sacristia à Esquerda/Sobre o Arcaz
PEANHA	Altar
PEANHA	Altar-Camarim
BALAUSTRADA	Nave junto ao Arco-Cruzeiro
PAINEL: SAGRADA FAMÍLIA AMPLIADA	Nave/Lado Direito, Registro Inferior
PAINEL: APRESENTAÇÃO DE JESUS NO TEMPLO	Nave/Lateral Direita, 3º Quadro, junto ao Arco-Cruzeiro
PAINEL: PINTURA DE PAISAGEM	Nave/Lado Direito, Registro Inferior
PAINEL: QUADRO MUTILADO	Nave/Lado Direito, Painel Central
PAINEL: DESCANSO DURANTE A FUGA PARA O EGITO	Nave/Lado Direito, Registro Inferior
PAINEL: JESUS DIANTE DA PROFETISA ANA	Nave/Lateral Direita, 1º Painel
PAINEL: RETORNO (?) DO EGITO – EPISÓDIO DA PALMEIRA	Nave/Lado Direito, Registro Inferior
PAINEL: JOSÉ E MARIA VÃO A BELÉM PARA O RECENCEAMENTO	Nave/Lateral Esquerda, 1º Quadro do Registro Inferior
PAINEL: JESUS ENTRE OS DOUTORES	Nave/Lateral Esquerda, 2º Painel do Registro Inferior
PAINEL: ANJO AVISA A VIRGEM PARA FUGIR	Nave/Lateral Esquerda, 1º Painel de Cima
PAINEL: NOSSA SENHORA E SÃO JOSÉ REENCONTRAM JESUS	Nave/Lateral Esquerdo, Registro Inferior do Púlpito
PAINEL: A SAGRADA FAMÍLIA PREPARA-SE PARA A FUGA	Parede Lateral Esquerda
PAINEL: BODAS DE CANÁ	Nave/Lado Esquerdo, Registro Inferior
PAINEL: FUGA PARA O EGITO	Nave/Parede Esquerda, 3º Quadro
PAINEL: CHINESICES	Nave junto ao Arco-Cruzeiro, Lado Direito, Registro Superior
PAINEL: CHINESICES	Nave junto ao Arco-Cruzeiro, Lado Direito, no meio
PAINEL: CHINESICES	Nave junto ao Arco-Cruzeiro, Lado Direito, Embaixo
PAINEL: CHINESICES	Nave junto ao Arco-Cruzeiro, Lado esquerdo, Registro Superior



Igreja de Nossa
Senhora do Ó
(1986)

PAINEL: CHINESICES

PAINEL: CHINESICES

ARCAZ

CASTIÇAIS (5 UNIDADES: A,B,C,D,E)

CASTIÇAIS (9 UNIDADES:
A,B,C,D,E,F,G,H,I)

CASTIÇAIS (3 UNIDADES: A,B,C)

FORRO DA SACRISTIA

SINO (PEQUENO)

SINO (GRANDE)

PORTA-TOALHA

CÁLICE

ÂMBULA

PÁTENA

CASTIÇAIS (PAR: A,B)

LUMINÁRIA

SENHOR MORTO

GRIMPA

Nave junto ao Arco-Cruzeiro, Lado
Esquerdo, no meio

Nave junto ao Arco-Cruzeiro, Lado
Esquerdo, Embaixo

Sacristia à Esquerda/Lado Direito

Cômodo Embaixo do Altar-Mor

Cômodo Embaixo do Altar-Mor

Cômodo Embaixo do Altar-Mor

Sacristia à Esquerda

Torre Sineira (frente)

Torre Sineira (frente)

Sacristia à Esquerda/Lado Direito

Gaveta do Arcaz

Gaveta do Arcaz

Arcaz

Sacristia

Sacristia

Túmulo do Altar-Mor

Torre Sineira

Igreja de Nossa
Senhora das Mercês
(1986)

RETÁBULO DO ALTAR-MOR

MESA DE ALTAR

RETÁBULO LATERAL ESQUERDO

RETÁBULO LATERAL DIREITO

BALAUSTRADA DO CORO

PIA DE ÁGUA BENTA

CAIXA

ARMÁRIO

ARMÁRIO

CASTIÇAL (PAR: A,B)

IMAGEM: NOSSA SENHORA DAS
MERCÊS

IMAGEM: NOSSA SENHORA DAS
MERCÊS

VASO

GRAVURA: NOSSA SENHORA DO CARMO

GRAVURA: CONDENÇÃO DE CRISTO
OU CRISTO DIANTE DE PILATOS

CASTIÇAL

CRUCIFIXO

PEANHA

CASTIÇAL (PAR: A,B)

CASTIÇAL (PAR: A,B)

CASTIÇAL

CASTIÇAL

CUSTÓDIA

PEANHA DE CRUCIFIXO

CANDELABRO (PAR: A,B)

CAMPAINHA

CAMPAINHA

CAMPAINHA

Capela-Mor

Presbitério

Nave/Altar Lateral Esquerdo N.S.P.S

Nave/Altar Direito de São Raimundo
Nonato

Coro

Nave/Pilastras de Sustentação do Coro

Compartimento sob a Torre

Sacristia

Cômodo debaixo do Trono

Capela-Mor

Sacristia

Sacristia

Armário atrás do Altar-Mor

Atrás do Altar-Mor

Cômodo atrás do Altar-Mor

Compartimento Lateral ao Camarim

Trono

Altar-Mor

Compartimento Lateral ao Camarim

Compartimento Lateral ao Camarim

Compartimento Lateral ao Camarim

Compartimento Lateral ao Camarim

Armário da Sacristia

Armário Sob o Trono

Altar-Mor

Armário da Sacristia

Dentro do Armário/Atrás do Altar-Mor

Armário da Sacristia



Prefeitura Municipal de Sabará
 IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 44 de 335



Igreja de Nossa
 Senhora das Mercês
 (1986)

PÁTENA	Armário da Sacristia
CÁLICE	Armário da Sacristia
ÂMBULA	Armário da Sacristia
IMAGEM: SÃO RAIMUNDO PENA FORTE	Altar-Mor/Nicho Esquerdo
IMAGEM: SÃO PEDRO NOLASCO	Altar-Mor/Nicho Direito
IMAGEM: NOSSA SENHORA DAS MERCÊS	Altar-Mor/Trono
SINO	Torre Sineira Direita/Lado Esquerdo
SINO	Torre Sineira Direita/Lado Direito
SINO	Torre Sineira Direita/Frente
IMAGEM: SÃO RAIMUNDO NONATO	Altar/Lateral Esquerda
RESPLENDOR	Casa de Heraldo Ramos
RESPLENDOR	Casa de Heraldo Ramos
RESPLENDOR	Casa de Heraldo Ramos
RESPLENDOR	Casa de Heraldo Ramos
RESPLENDOR	Casa de Heraldo Ramos
DIADEMA DE NOSSA SENHORA	Casa de Heraldo Ramos
COLHER	Casa de Heraldo Ramos
COROA	Casa de Heraldo Ramos
CHAVE DO SACRÁRIO	Casa de Heraldo Ramos
RESPLENDOR DE CRUCIFIXO	Casa de Heraldo Ramos
RESPLENDOR	Casa de Heraldo Ramos
RESPLENDOR DE CRUCIFIXO	Casa de Heraldo Ramos
RESPLENDOR	Casa de Heraldo Ramos
COROA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS	Casa de Heraldo Ramos
TÚRIBULO	Casa de Heraldo Ramos
NAVETA	Casa de Heraldo Ramos
RESPLENDOR	Casa de Heraldo Ramos
RESPLENDOR	Casa de Heraldo Ramos
RESPLENDOR	Casa de Heraldo Ramos
CRUCIFIXO PENDENTE	Casa de Heraldo Ramos

Igreja Matriz de Nossa
 Senhora da Conceição
 (1987)

IMAGEM: NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	Capela-Mor, Altar-Mor
IMAGEM: SÃO MIGUEL ARCANJO	Altar do cruzeiro à esquerda
IMAGEM: SÃO SEBASTIÃO	Nave/2º altar lado esquerdo
IMAGEM: CRISTO RESSUCITADO	Nave/2º altar lado esquerdo
IMAGEM: SÃO FRANCISCO DE BORJA	Nave, altar cruzeiro, lado esquerdo
IMAGEM: SÃO PEDRO	Altar do transepto à esquerda
IMAGEM: SÃO LOURENÇO	Altar lateral à direita (1º altar)
IMAGEM: SANTA CECÍLIA	Altar 2º à direita, altar do Amparo
IMAGEM: SANTA EFIGÊNIA	2º Altar da direita
IMAGEM: IMACULADA CONCEIÇÃO	2º Altar lateral direita
IMAGEM: SÃO PEDRO DE VERONA	2º Altar, lado direito
IMAGEM: SAGRADO CORAÇÕES	3º Altar, lado direito
IMAGEM: SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA	3º Altar, lado direito
IMAGEM: SÃO JOÃO NEPOMUCENO	3º Altar, lado esquerdo
IMAGEM: SÃO JOÃO BATISTA	Nave, 2º altar do lado esquerdo



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 45 de 335



Igreja Matriz de Nossa
Senhora da Conceição
(1987)

IMAGEM: SÃO MANOEL	Nave, 1º altar, lado direito
IMAGEM: NOSSA SENHORA DA BOA MORTE	Nave, altar cruzeiro, lado esquerdo
ESQUIFE	Nave, altar do arco cruzeiro, lado esquerdo
IMAGEM: NOSSA SENHORA DO CARMO	2º Altar lateral, lado esquerdo
COROA DE NOSSA SENHORA DO CARMO	Imagem do altar de Nossa Senhora do Carmo
COROA DO MENINO JESUS	Imagem da Capela de Nossa Senhora do Carmo, 2º retábulo à esquerda
IMAGEM: NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	3º Altar, lateral lado esquerdo
IMAGEM: NOSSA SENHORA DAS DORES	Nave, 1º altar, lado esquerdo
IMAGEM: SANT'ANA MESTRA	Altar-Mor, nicho lateral à direita
IMAGEM: CRISTO DA COLUNA	Nave/batistério, lado esquerdo
IMAGEM: SENHOR DOS PASSOS	Altar lateral, 1ª a esquerda
IMAGEM: SÃO JOAQUIM	Capela-Mor, nicho esquerda do altar
IMAGEM: SENHOR DOS PASSOS	Armário atrás do altar dos Passos, à esquerda
IMAGEM: DIVINO ESPIRITO SANTO	Altar-Mor, trono
IMAGEM: SENHOR MORTO	Sacristia à direita
CRUCIFIXO	Altar-Mor, banqueta
CRUZ	1º Altar à esquerda (Senhor dos Passos)
CRUCIFIXO	Capela do Santíssimo Sacramento
CRUCIFIXO	Nicho na sacristia à direita
CASTIÇAL (6 UNIDADES)	Capela-Mor, Altar-Mor
CASTIÇAL (4 UNIDADES)	Capela-Mor, Capela do Santíssimo, lado direito
CIRIAL	1º Sacristia, lateral direita
CRUZ PROCESSIONAL	Sacristia, lado esquerdo
TOCHEIRO	Nave, batistério, lado esquerdo
MATRACA	Atrás do altar-mor
MATRACA	Sacristia direita
MATRACA	Sacristia direita
LANTERNAS (4 UNIDADES)	Capela do Santíssimo, lado direito e 2º consistório
CASTIÇAL	1º Consistório, lado esquerdo
ESTANTE DE ALTAR	Sacristia direita
BAÚ	1º Consistório, lado esquerdo
ESTANTE DE CORO	1º Consistório, lado esquerdo
BAÚ	1º Consistório, lado esquerdo
ORATÓRIO	Consistório dos Passos
PEANHA DE ANDOR	Consistório dos Passos, 1ª à esquerda
ARMÁRIO EMBUTIDO	Sacristia esquerda
ARMÁRIO EMBUTIDO	Sacristia esquerda (lado direito)
TÚMULO DO SENHOR MORTO	Sacristia direita
ARCA-BANCO	Sacristia lateral direita
ARCA-BANCO	Sacristia direita
ARMÁRIO EMBUTIDO	Sacristia direita (1)
ARMÁRIO EMBUTIDO	Sacristia direita (2)
PORTA-TOALHA	Sacristia direita



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 46 de 335



Igreja Matriz de Nossa
Senhora da Conceição
(1987)

PORTA-TOALHA (2 UNIDADES)	Sacristia esquerda
LAVABO	Sacristia direita
PIA DE ÁGUA BENTA	Nave, pilastra do coro, lado esquerdo
PIA DE ÁGUA BENTA	Nave, pilastra do coro, lado direito
PIA BATISMAL	Nave, Batistério
ARCAZ	Capela do Santíssimo, lado direito
PIA DE ÁGUA BENTA	Capela do Santíssimo
SACRÁRIO	Capela do Santíssimo
LAVABO	Capela do Santíssimo, lado direito
PINTURA: NATIVIDADE DA VIRGEM MARIA	Parede do átrio à esquerda
PINTURA: APRESENTAÇÃO DE MARIA NO TEMPLO	Átrio à direita, na parede fronteira
PINTURA: ANUNCIAÇÃO DA VIRGEM	Sacristia à direita
PINTURA: BODAS DA VIRGEM MARIA	Sacristia à direita
PINTURA: MARIA VISITA SANTA ISABEL	Sacristia à esquerda
PINTURA: NASCIMENTO DE JESUS	Sacristia à esquerda
PINTURA: TRANSFIGURAÇÃO DE CRISTO	Sacristia à esquerda (lado direito)
PINTURA: ENTRADA DE JESUS A JERUSALÉM OU DOMINGO DE RAMOS	Sacristia à esquerda (lado direito)
PINTURA: LAPA-PÉS	Sacristia esquerda (lado direito)
PINTURA: ÚLTIMA CEIA	Sacristia esquerda (lado direito)
ARCAZ	Sacristia, lateral esquerda, lado direito
RESPLENDOR SOBRE ARCAZ	Sacristia esquerda sobre o arcaz
NICHO DA SACRISTIA	Sacristia à esquerda
FORRO	Sacristia à esquerda
ARCAZ	Sacristia direita, lado direito
RESPALDO SOBRE ARCAZ	Sacristia à direita, sobre o Arcaz
NICHO DA SACRISTIA	Sacristia direita
PAINEL	Sacristia direita, respaldo do Arcaz
PAINEL	Sacristia direita, respaldo do Arcaz
PINTURA: PAINEL	Sacristia direita, respaldo do Arcaz
PINTURA: PAINEL	Sacristia direita, respaldo do Arcaz
FORRO DA SACRISTIA	Sacristia à direita
ARCA-BANCO	2º Consistório, lado esquerdo
PORTA	2º Consistório, lado esquerdo
PORTA	Capela Santíssimo, lado direito
PORTA	Nave, lado direito
PORTA	1º Consistório, lado esquerdo
PORTA DA SACRISTIA	Capela-Mor, lateral direita
PORTA DA SACRISTIA	Capela-Mor, lateral esquerda
PÁLIO	Arcaz da sacristia, à direita
PINTURA DECORATIVA	Capela-Mor, lado esquerdo, próximo do arco-cruzeiro
TALHA	Capela-Mor, lado direito e esquerda
QUARTEIÕES	Capela-Mor, lado direito e lado esquerdo
PAINEL: TORRE DE MARFIM (TURRIS Eburnea)	Capela-Mor, registro inferior, Centro
QUARTEIÕES	Capela-Mor, presbitério, lados: direito e esquerdo



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 47 de 335



Igreja Matriz de Nossa
Senhora da Conceição
(1987)

PAINEL: O SOL	Capela-Mor, registro inferior, junto ao retábulo
PINTURA: PAINEL	Capela-Mor, registro inferior do lado direito
PAINEL: CASA DE OURO (DOMUS AUREA)	Capela-Mor, registro inferior, painel central
PINTURA DECORATIVA	Capela-Mor, lado esquerdo, próximo ao arco cruzeiro
PAINEL: INFÂNCIA DA VIRGEM	Capela-Mor, parede lateral direita, junto ao retábulo
PAINEL: ADORAÇÃO DOS MAGOS	Capela-Mor, parede lateral direita, painel central
PAINEL: VISITAÇÃO	Capela-Mor, parede lateral direita, 1º quadro junto ao arco cruzeiro
PAINEL: FUGA PARA O EGITO	Capela-Mor, parede lateral esquerda, 1º painel junto ao arco cruzeiro
PAINEL: JESUS ENTRE OS DOUTORES	Capela-Mor, parede lateral esquerda, 2º painel Central
PAINEL: BODAS DE MARIA	Capela-Mor, parede lateral esquerda, 3º painel
ARCO CRUZEIRO	Transepto
RETÁBULO DO CRUZEIRO (CORAÇÃO DE JESUS)	Nave, lateral direita, junto ao arco cruzeiro
CORO	Início da Nave sobre a porta principal
FORRO SOB O CORO	Átrio na entrada
FORRO LATERAL DO ÁTRIO	Átrio lateral à esquerda
FORRO LATERAL DO ÁTRIO	Átrio lateral à direita
LAVABO	Sacristia Lateral à esquerda
RETÁBULO DE SÃO MIGUEL	Nave lateral esquerda, retábulo do cruzeiro
RETÁBULO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	Nave lateral esquerda (3º retábulo)
RETÁBULO DE NOSSA SENHORA DO CARMO	Nave lateral esquerda (2º retábulo)
RETÁBULO DE NOSSO SENHOR DOS PASSOS	Nave lateral esquerda (1º retábulo)
RETÁBULO DE SANTO ANTÔNIO	Nave lateral direita (3º retábulo)
RETÁBULO DE NOSSO SENHOR DO AMPARO	Nave lateral direita (2º retábulo)
RETÁBULO DE SÃO MANOEL	Nave lateral direita (1º retábulo)
ARMÁRIO EMBUTIDO	2º Consistório, à esquerda, lado esquerdo
ARMÁRIO	2º Consistório, à esquerda, lado direito
ARMÁRIO EMBUTIDO	2º Consistório, à esquerda, lado esquerdo
ARMÁRIO EMBUTIDO	Batistério
RETÁBULO DA CAPELA DO SANTÍSSIMO	Capela do Santíssimo
ESPELHO DE FECHADURA (PAR)	Porta principal
FORRO DO CORO	Coro
SINO	Torre lateral esquerda
SINO	Torre lateral direita
SINO	Torre lateral direita
SINO	Torre lateral direita
SINO	Torre lateral direita
ARCAZ	Consistório dos Passos, lateral esquerda
RETÁBULO DO ALTAR-MOR	Capela-Mor
FORRO DA CAPELA-MOR	Capela-Mor, forro
TRIBUNA (3 UNIDADES)	Capela-Mor, lado direito



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 48 de 335



Igreja Matriz de Nossa
Senhora da Conceição
(1987)

TRIBUNA (3 UNIDADES)	Capela-Mor, lado direito
TRIBUNA (3 UNIDADES)	Capela-Mor, lado esquerdo
PAINEL: ANJOS DO APOCALIPSE	Nave, lado direito (porta da Capela do Santíssimo)
PAINEL: CENA DO APOCALIPSE	Nave, lado direito (porta da Capela do Santíssimo)
PAINEL: JUÍZO FINAL	Nave, lado direito (porta da Capela do Santíssimo)
PAINEL: NOVISSIMOS DO HOMEM - JUÍZO FINAL	Nave, lado direito (Evangelho)
PAINEL: NOVISSIMOS DO HOMEM - INFERNO	Nave lateral à direita (Epístola), junto à porta da Capela do Santíssimo
PAINEL: NOVISSIMOS DO HOMEM - PARAÍSO	Nave, lado direito (Evangelho)
PAINEL: NOVISSIMOS DO HOMEM - MORTE	Nave à direita (Evangelho), junto à porta da Capela do Santíssimo
PAINEL: QUATRO CAVALEIROS DO APOCALIPSE	Nave, lado direito
FORRO DA CAPELA DO SANTÍSSIMO	Capela do Santíssimo, forro
FORRO DA NAVE	Nave central
BALAUSTRADA	Batistério, nave lateral esquerda
PAINEL: CHUVA DE MANÁ	Nave, painel junto ao altar do cruzeiro no lado esquerdo
PAINEL: BODAS DE CANÁ	Nave, painel junto ao altar do cruzeiro no lado esquerdo
PAINEL: CRISTO EM EMAÚS	Nave, painel junto ao altar do cruzeiro no lado esquerdo
PAINEL: SANTA CEIA	Nave e painel sobre a porta, lado esquerdo
PAINÉIS PARIETAIS (3 UNIDADES)	Nave, lado esquerdo, junto ao altar do cruzeiro
PAINEL: PINTURA DECORATIVA 0	Nave, lado esquerdo, junto ao altar do cruzeiro
PÚLPITOS (PAR)	Nave (centro), colunas à direita e à esquerda
ABOBADILHA	Batistério, lateral esquerdo
FORRO DO CONSISTÓRIO	1º Consistório à esquerda (Senhor dos Passos)
ARCADA	Nave, lado direito (1ª arcada)
ARCADA	Nave, lado direito (2ª arcada)
ARCADA	Nave, lado direito (3ª arcada)
ARCADA	Nave, lado direito (4ª arcada)
ARCADA	Nave, lado direito (5ª arcada)
ARCADA	Nave, lado direito (6ª arcada)
ARCADA	Nave, lado esquerdo (1ª arcada)
ARCADA	Nave, lado esquerdo (2ª arcada)
ARCADA	Nave, lado esquerdo (3ª arcada)
ARCADA	Nave, lado esquerdo (4ª arcada)
ARCADA	Nave, lado esquerdo (5ª arcada)
ARCADA	Nave, lateral esquerda, junto ao arco cruzeiro
ABÓBADAS (2 UNIDADES)	Nave lateral à direita (1ª e 2ª arcada)
ABÓBADA	Nave lateral à direita, 3ª abóbada, altar de São Manoel
ABÓBADA	Nave lateral à direita, 4ª abóbada, altar de Nosso Senhor do Amparo



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 49 de 335



Igreja Matriz de Nossa
Senhora da Conceição
(1987)

ABÓBADA	Nave lateral à direita, 5ª abóbada, altar de Santo Antônio
ABÓBADA	Nave lateral à direita, 6ª abóbada, altar do Sagrado Coração de Jesus
ABÓBADAS (2 UNIDADES)	Nave lateral à esquerda, as duas primeiras abóbadas junto ao Batistério
ABÓBADA	Nave lateral à esquerda, 3ª Abóbada, altar dos Passos
ABÓBADA	Nave lateral à esquerda, 4ª Abóbada, altar de Nossa Senhora do Carmo
ABÓBADA	Nave lateral à esquerda, 5ª Abóbada, altar do Rosário
ABÓBADA	Nave lateral à esquerda, 6ª Abóbada, altar de São Miguel
RESPLENDOR	Imagem de Sant'ana, altar-mor, nicho à direita
COROA	Imagem de Nossa Senhora da Conceição, Capela-Mor
ÂMBULA	Armário sob o trono
CUSTÓDIA	Armário sob o trono
CAMPAINHA	Cômodo atrás do altar-mor
RESPLENDOR	Bau no Consistório dos Passos (armário)
PILAR COM ATLANTE (14 UNIDADES)	Nave, lados direito e esquerdo
CRUCIFIXO	Casa Paroquial
TÜRIBULO	Casa Paroquial
GÔMIL E BACIA	Casa Paroquial
BACIA	Casa Paroquial
NAVETA	Casa Paroquial
CASTIÇAL (6 UNIDADES)	Casa Paroquial
CASTIÇAL (6 UNIDADES)	Casa Paroquial
VASO PURIFICADOR	Casa Paroquial
VASO PURIFICADOR	Casa Paroquial
CALDEIRINHA DE ÁGUA BENTA	Casa Paroquial
RESPLENDOR	Casa Paroquial
RESPLENDOR	Casa Paroquial
GALHETEIRO	Casa Paroquial
BACIA DE ESMOLAS	Casa Paroquial
CAMPAINHA	Casa Paroquial
CETRO DO IMPÉRIO DO DIVINO	Casa Paroquial
SALVA	Casa Paroquial
SALVA	Casa Paroquial
COROA DO IMPÉRIO DO DIVINO	Casa Paroquial
COROA	Casa Paroquial
CRUZ PROCESSIONAL	Casa Paroquial
COROA	Casa Paroquial
CRUZ PROCESSIONAL	Casa Paroquial
VARA DE PÁLIO (6 UNIDADES)	Casa Paroquial
LÂMAPADA	Casa Paroquial
VARA DE JUIZ	Casa Paroquial
CRUCIFIXO	Casa Paroquial
CRUCIFIXO	Casa Paroquial
CÔLHER DE NAVETA	Casa Paroquial



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 50 de 335



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (1987)	COFRE	Casa Paroquial
	CRUCIFIXO	Casa Paroquial, Secretaria
	IMAGEM: SANTO LENHO	Casa Paroquial
	PÁTENA	Casa Paroquial
	PÁTENA	Casa Paroquial
	BRINCO (PAR)	Casa Paroquial
	BRINCO (PAR)	Casa Paroquial
	BRINCO (PAR)	Casa Paroquial
	CRUCIFIXO	Casa Paroquial
	ROSÁRIO	Casa Paroquial
	COROA	Casa Paroquial
	CUSTÓDIA	Casa Paroquial
	GUMPA	Torres Sineiras
Igreja de Nossa Senhora do Rosário (1986)	IMAGEM: NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	Altar-mor/trono
	IMAGEM: DIVINO ESPIRITO SANTO	Altar-mor/trono
	CRUCIFIXO	Altar-mor/trono
	IMAGEM: SÃO DOMINGOS	Altar-mor/lado esquerdo
	IMAGEM: SANTA EFIGÊNIA	Sacristia (lado direito)
	IMAGEM: SÃO FRANCISCO DE ASSIS	Altar-mor, nicho direito
	IMAGEM: SÃO FRANCISCO	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: NOSSA SENHORA DA BOA MORTE	Túmulo do Altar
	SÃO CAMILO DE LELIS	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: SÃO FRANCISCO DE PAULA	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: NOSSA SENHORA DA SOLEDADE	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: SÃO GONÇALO DO AMARANTE	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: SÃO CAETANO	Sacristia Lateral direita
	IMAGEM: SÃO BENEDITO	Sacristia (lado direito)
	IMAGEM: SÃO FRANCISCO DE ASSIS	Exposição da sacristia direita - vitrine
	IMAGEM: SANT'ANA MESTRA	Sacristia (lado direito)
	IMAGEM: NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	Exposição da sacristia direita - vitrine
	IMAGEM: SÃO JOÃO BATISTA	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: SANTA MARIA, SANT'ANA E JESUS	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: SÃO JOSÉ DE BOTAS	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: SÃO JOAQUIM	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: SANTA RITA DE CÁSSIA	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: SÃO BENTO	Sacristia esquerda
	IMAGEM: SANTA CATARINA DE ALEXANDRIA	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: SÃO JOSÉ DE BOTAS	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: SÃO JOÃO EVANGELISTA	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: NOSSA SENHORA DAS DORES	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: NOSSA SENHORA DA PIEDADE	Exposição da sacristia direita
	IMAGEM: SÃO JOSÉ	Exposição da sacristia direita
	CRUCIFIXO	Exposição da sacristia direita



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 51 de 335



Igreja de Nossa
Senhora do Rosário
(1986)

IMAGEM: NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	Exposição da sacristia direita
IMAGEM: SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA	Exposição da sacristia direita
CRUCIFIXO	Exposição da sacristia direita
CRUCIFIXO	Exposição da sacristia direita
CRUCIFIXO	Exposição da sacristia direita
CRUCIFIXO	Exposição da sacristia direita
CRUCIFIXO	Exposição da sacristia direita
CRUCIFIXO	Exposição da sacristia direita
IMAGEM: NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	Altar lateral direito da nave
IMAGEM: NOSSA SENHORA DAS DORES	Altar lateral esquerdo
RETÁBULO (LATERAL DIREITO)	Altar lateral direito
COROA	Exposição da sacristia à direita - vitrine
COROA	Exposição da sacristia à direita
COROA	Exposição da sacristia à direita - vitrine
NAVETA	Exposição da sacristia à direita - vitrine I
TÚRIBULO	Exposição da sacristia à direita - vitrine I
COROA DO MENINO JESUS	Exposição da sacristia à direita - vitrine
LÍRIO DE SÃO JOSÉ	Exposição da sacristia à direita
CAJADO DE SANTO ?	Exposição da sacristia à direita - vitrine I
RESPLENDOR	Exposição da sacristia à direita
DIADEMA DE NOSSA SENHORA DAS DORES	Exposição da sacristia à direita
COROA DO REINADO DO ROSÁRIO	Exposição da sacristia à direita
CETRO DE REINADO	Exposição da sacristia à direita - vitrine
COROA DE REINADO	Exposição da sacristia à direita
COROA	Exposição da sacristia à direita - vitrine
RESPLENDOR	Exposição da sacristia à direita
COROA DE NOSSA SENHORA RAINHA DOS ANJOS	Exposição da sacristia à direita
RESPLENDOR	Exposição da sacristia à direita
RESPLENDOR	Exposição da sacristia à direita
RESPLENDOR	Exposição da sacristia à direita
CRUZ PROCESSIONAL	Exposição da sacristia à direita - vitrine I
TÚRIBULO	Exposição da sacristia à direita - vitrine II
NAVETA	Exposição da sacristia à direita - vitrine II
TÚRIBULO	Exposição da sacristia à direita - vitrine II
NAVETA	Exposição da sacristia à direita - vitrine II
PRATO DE GALHETA	Exposição da sacristia à direita - vitrine II
PRATO DE GALHETA	Exposição da sacristia à direita - vitrine II
RESPLENDOR	Exposição da sacristia à direita
RESPLENDOR	Exposição da sacristia à direita
RESPLENDOR	Exposição da sacristia à direita
CÁLICE	Exposição da sacristia à direita
CÁLICE	Exposição da sacristia à direita - vitrine II
CÁLICE	Exposição da sacristia à direita
CAMPAINHA	Exposição da sacristia à direita - vitrine II
VARA DE JUIZ	Exposição da sacristia à direita - vitrine II



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 52 de 335



Igreja de Nossa
Senhora do Rosário
(1986)

VARA DE JUIZ OU PROVIDOR	Exposição da sacristia à direita
VARA DE JUIZ OU PROVIDOR	Exposição da sacristia à direita
CUSTÓDIA	Exposição da sacristia à direita (arcaz)
RESPLENDOR DE SANT'ANA MESTRA	Exposição da sacristia à direita - vitrine II
RESPLENDOR DE SÃO FRANCISCO	Exposição da sacristia à direita
MISSAL ROMANO	Exposição da sacristia à direita
MISSAL ROMANO	Exposição da sacristia à direita
ESTANTE DE ALTAR	Exposição da sacristia à direita
FRAGMENTOS DE TALHA (2 FRAG . AB)	Exposição da sacristia à direita
FRAGMENTOS DE TALHA (2 FRAG . AB)	Exposição da sacristia à direita
FRAGMENTOS DE TALHA (4 FRAG . ABCD)	Exposição da sacristia à direita
FRAGMENTOS DE TALHA (3 FRAG . ABC)	Exposição da sacristia à direita
CASTIÇAIS	Exposição da sacristia à direita
LANTERNA PROCESSIONAL (CONJ DE 2 PEÇAS)	Exposição da sacristia à direita
VARA DE PÁLIO	Exposição da sacristia à direita
MATRACA	Exposição da sacristia à direita
LAVABO DA SACRISTIA	Exposição da sacristia à direita
MESA	Exposição da sacristia à direita
MESA	Exposição da sacristia à direita
MESA	Exposição da sacristia à direita
MESA	Exposição da sacristia à direita
ARCAZ	Exposição da sacristia à direita
ARCAZ	Exposição da sacristia à direita
RETÁBULO	Exposição da sacristia à direita
LÍRIO DE SÃO JOSÉ	Exposição da sacristia à direita
CAMPAINHA	Exposição da sacristia à direita
PÉS DE IMAGEM DE ROCA (DIREITO E ESQUERDO)	Exposição da sacristia à direita
GRAVURA: MORTE DE SÃO JOSÉ	Sacristia lateral esquerda
CASTIÇAL (2)	Capela-mor
PIA BATISMAL	Nave da igreja
MÍSULA (PAR)	Sacristia esquerda (lado esquerdo)
ARCO-BANCO	Exposição da sacristia direita
ARCO-BANCO	Sacristia esquerda
CÔMODA	Sacristia lateral esquerda
PIA DE ÁGUA BENTA	Capela-mor
PIA DE ÁGUA BENTA	Capela-mor
PRATO DE GALHETA	Exposição da sacristia direita
ARMÁRIO	Exposição da sacristia direita
PIA DE ÁGUA BENTA	Nave (parede à esquerda da porta central)
PIA DE ÁGUA BENTA	Nave, parede lateral esquerda (próximo ao coro)
PEANHA	Cômodo atrás do altar-mor
CUSTÓDIA	Arcaz da Sacristia
CÁLICE	Atrás do altar-mor (armário)
CÁLICE	Atrás do altar-mor (armário)
PÁTENA	Atrás do altar-mor (armário)



Igreja de Nossa
Senhora do Rosário
(1986)

PÁTENA	Atrás do altar-mor (armário)
CANDELABRO (SERPENTINA)	Atrás do altar-mor (armário)
CALDEIRINHA DE ÁGUA BENTA	Depósito (atrás do camarim)
CASTIÇAIS (6 UIDADES)	Altar-mor/trono
CRUZ PROCESSIONAL	Cômodo embaixo do trono
MISSAL ROMANO	Arcaz da sacristia direita
MISSAL ROMANO	Arcaz/gavetão
ESTANTE DE MISSAL	Interior do arcaz (sacristia)
IMAGEM: SÃO ROQUE	Exposição sacristia direita
CAMPAINHA	Armário atrás do altar-mor
PORTA DE SACRÁRIO	Depósito atrás do camarim (altar-mor)
CAIXILHO COM GRAVURA	Arcaz
FORRO DA SACRISTIA	Teto da sacristia direita
MESA	Exposição sacristia direita
RETÁBULO-MOR	Capela-mor
FRAGMENTOS DE TALHA	Atrás do camarim/altar-mor
FRAGMENTOS DE TALHA	Atrás do camarim/altar-mor
ESTANTE DE MISSAL	Depósito (arcaz)
FRAGMENTOS DE TALHA	Atrás do camarim
SINO	Sineira à direita
SINO	Sineira à direita
SINO	Sineira à direita
SINO	Sineira à direita
FORRO DA CAPELA-MOR	Capela-mor
MEDALHAO	Coro
BALAUSTRADA	Coro
RETÁBULO (LATERAL ESQUERDO)	Nave/lado esquerdo
ARMARIO EMBUTIDO	Nave da igreja
PORTA	Nave da igreja
PINTURA: BATISMO DE CRISTO	Nave da igreja
CRUCIFIXO	Depósito
CHAVE DO SACRÁRIO	Armário atrás do altar-mor
ÂMBULA	Sacrário
ÂMBULA	Sacrário

Capela de Nossa
Senhora do Pilar
(1987)

RETÁBULO	Capela-mor
RETÁBULO LATERAL DIREITO	Transepto, lado direito
RETÁBULO LATERAL ESQUERDO	Transepto, lado esquerdo
IMAGEM: NOSSA SENHORA DO PILAR	Altar-mor
IMAGEM: SÃO VICENTE FERRER	Altar-mor, nicho direito
IMAGEM: NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	Altar-mor, trono
IMAGEM: SANTO ANTÔNIO	Altar junto ao arco cruzeiro, à esquerda
CRUZ PROCESSIONAL	Sacristia
CIRIAIS (PAR)	Sacristia
PEANHA	Capela-mor
CAMPAINHA	Altar-mor
CREDÊNCIA	Capela-mor
TOCHEIRO (PAR)	Capela-mor
CONFESSIONÁRIO	Nave



Capela de Nossa
Senhora do Pilar
(1987)

BANCO	Nave
PIA DE ÁGUA BENTA	Nave abaixo do coro a esquerda
PIA DE ÁGUA BENTA	Capela-mor, junto ao arco cruzeiro à esquerda
PINTURA: MENINO JESUS COM ANJOS	Capela-mor, parede lateral esquerda
PINTURA: ANJOS ADORADORES	Capela-mor, parede lateral direita
PINTURA: SÃO FRANCISCO RECEBENDO OS ESTIGMAS	Nave, parede lateral direita
PINTURA: MORTE DE SÃO JOSÉ	Nave, parede à esquerda
PINTURA: ANJOS TROMBETEIROS	Arco cruzeiro, lado voltado para nave
PIA DE LAVABO	Sacristia à direita
ARMÁRIO EMBUTIDO	Sacristia
ARCAZ	Sacristia
FRONTAL (FRAGMENTO DE ALTAR)	Sacristia
FRAGMENTOS DE PINTURAS (15 UNIDADES)	Sacristia (exposto)
FORRO DA CAPELA-MOR	Capela-mor
FORRO DA NAVE	Nave
FORRO ABAIXO DE CADA (ÁTRIO)	Nave, abaixo do coro - átrio
ARCO CRUZEIRO	Transepto
CORO	Nave sobre o átrio
TARJA DO ARCO CRUZEIRO	Arco cruzeiro
PINTURA: SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, SANTA CLARA E SÃO FRANCISCO	Coro, parede frontal do óculo
PORTADA	fachada
SINO	Torre sineira
SINO	Torre sineira
SINO	Torre sineira

Igreja de Nossa
Senhora do Carmo
(1986)

IMAGEM: SANTO ELIAS	Altar-mor
IMAGEM: NOSSA SENHORA DAS DORES	Torre Relógio
IMAGEM: SANTA TERESA D'AVILA	Trono Altar
IMAGEM: NOSSA SENHORA DO CARMO	Trono Altar
IMAGEM: NOSSA SENHORA DO CARMO	Sacristia lateral esquerda
IMAGEM: SÃO JOÃO DA CRUZ	Altar lateral direita
IMAGEM: SÃO SIMÃO STOCK	Altar lateral esquerda
IMAGEM: SANTA APOLÔNIA	Altar lateral direita
IMAGEM: NOSSA SENHORA DO CARMO	Capela S.S.
IMAGEM: NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	Altar lateral esquerda
IMAGEM: SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA	Altar lateral direita
IMAGEM: SÃO FRANCISCO DE PÁDUA	Altar lateral esquerda
IMAGEM: SANT'ANA MESTRA	Altar lateral esquerda
IMAGEM: SANTA LUZIA	Altar lateral direita
IMAGEM: SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA	Altar lateral direita
IMAGEM: MENINO JESUS SALVADOR MUNDI	Armário S.S.
IMAGEM: SANTA NÃO IDENTIFICADA	Armário S.S.
CRUCIFIXO	Armário S.S.
CRUCIFIXO	Sacristia Esquerda
CRUCIFIXO	Arcaz, Sacristia esquerda



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 55 de 335



Igreja de Nossa
Senhora do Carmo
(1986)

ORATÓRIO	Sacristia direita
IMAGEM: NOSSA SENHORA DA BOA MORTE	Túmulo
CRUCIFIXO	Armário S.S.
CRUZ	Mão S. J. Cruz
IMAGEM: NOSSA SENHORA DO CARMO	Sem localização
IMAGEM: SÃO MANUEL BORJA _ PINTURA 1806	Sacristia direita
IMAGEM: SÃO JOÃO BATISTA _ PINTURA	Sacristia direita
IMAGEM: SÃO FRANCISCO DE PAULA	Armário S.S.
CRUZ PROCESSIONAL	Sacristia Esquerda
CRUZ PROCESSIONAL	Sacristia Esquerda
CIRIAL	Sacristia Esquerda
CIRIAL	Sacristia Esquerda
VARA DE PÁLIO	Sacristia Esquerda
VARA DE PÁLIO	Sacristia Esquerda
VARA DE PÁLIO	Sacristia Esquerda
VARA DE PÁLIO	Sacristia Esquerda
VARA DE PÁLIO	Sacristia Esquerda
VARA DE PÁLIO	Sacristia Esquerda
PASTOR FIGURA DE PRESÉPIO	Armário S.S.
PASTOR FIGURA DE PRESÉPIO	Armário S.S.
CENÁRIO PRESÉPIO	Sacristia Direita
COROA DO MENINO JESUS	Imagens
CRUCIFIXO	Guardado
CAMPAINHA	Armário da Sacristia
CAMPAINHA DE CARRILHÃO	Armário da Sacristia
CAMPAINHA	Armário da Sacristia
CAMPAINHA	Sacristia Esquerda
CAMPAINHA	Arcaz, Sacristia esquerda
ESCRUTÍNIO	Armário da Sacristia
CAIXAS PARA HÓSTIAS	Armário S.S.
CUSTÓDIA	Armário S.S.
CUSTÓDIA	Sacristia
AMBULA	Arcaz, Sacristia esquerda
PATENA _ APARADOR	Armário S.S.
CÁLICE E PATENA	Armário S.S.
CÁLICE E PATENA	Armário S.S.
PENA	Nicho A Mor
CHAVE DO SACRÁRIO	Armário S.S.
RESPLENDOR DO CRUCIFIXO	Crucifixo A Mor
RESPLENDOR	Armário S.S.
RESPLENDOR	Santa Tereza
CALDEIRINHA COM HISSOPE	Armário S.S.
RESPLENDOR	Santo Elias
RESPLENDOR	S. J. da Cruz
RESPLENDOR	São Simão
CASTIÇAL	Arcaz, Sacristia
VASO	Arcaz, Sacristia



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 56 de 335



Igreja de Nossa
Senhora do Carmo
(1986)

VASO	Arcaz, Sacristia
COLHER DE GALHETA	Armário
PASTOR FIGURA DE PRESÉPIO	Armário S.S.
FIGURA MASCULINA DE JOELHOS	Armário S.S.
FIGURA DE PRESÉPIO	Armário S.S.
PRENSA DE IMPRIMIR SELO ORDEM	Armário S.S.
TINTEIROS	Armário S.S.
TENAZ - FERRAMENTA	Armário S.S.
CASTIÇAL	Arcaz, Sacristia
CASTIÇAL	Arcaz, Sacristia
CRUCIFIXO	C. Paroquial
MATRACA	Armário S.S.
ESTANTE DE ALTAR	Arcaz, Sacristia
CASTIÇAL	Sacristia Esquerda
BAÚ	Sacristia Esquerda
BAÚ	Sacristia Esquerda
CASTIÇAL (PAR)	Sacristia Esquerda
CRUZ RELICÁRIO	Armário
TALHA DO RETÁBULO	Sacristia Esquerda
MISSAL ROMANO	Armário
MISSAL ROMANO	Armário
MISSAL ROMANO	Armário
MISSAL ROMANO	Armário
BASTÃO _ CAJADO	Armário S.S.
SUPORTE PARA CRUCIFIXO	Arcaz, Sacristia
CASTIÇAL	Atrás altar-mor
CASTIÇAL	Atrás altar-mor
CASTIÇAL	Atrás altar-mor
CASTIÇAL	Atrás altar-mor
CASTIÇAL (16 UNIDADES)	Atrás altar-mor
CASTIÇAL (6 UNIDADES)	Atrás altar-mor
TOCHEIRO (PAR)	Torre Relógio
CASTIÇAL (10 UNIDADES)	Atrás altar-mor
TOCHEIRO	Sacristia Esquerda
TOCHEIRO (PAR)	Sacristia Esquerda
TOCHEIRO (PAR)	Sacristia Esquerda
TOCHEIRO	Sacristia Esquerda
ESTANTE DE CORO	Coro
CREDÊNCIA	Presbitério
CREDÊNCIA	Presbitério
MOCHO	Sacristia Esquerda
MOCHO	Sacristia Esquerda
MOCHO	Sacristia Esquerda
CASTIÇAL (6 UNIDADES)	Sacristia Esquerda
CADEIRA	Capela-Mor
RETÁBULO	Capela S.S.
LÂMPADA	Altar Sacristia
ARMÁRIO EMBUTIDO	Capela S.S.
LUSTRE	Nave



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 57 de 335



Igreja de Nossa
Senhora do Carmo
(1986)

CASULA - PARAMENTO	Armário
DALMÁTICA - PARAMENTO	Armário
DALMÁTICA - PARAMENTO	Armário
ESTOLA - PARAMENTO	Armário
VÉU HUMORAL - PARAMENTO	Armário
ESTOLA - PARAMENTO	Armário
MANÍPULO - PARAMENTO	Armário
MANÍPULO - PARAMENTO	Armário
MANÍPULO - PARAMENTO	Armário
BOLSA DE CORPORAL DE ALTAR	Arcaz, Sacristia
TAMPA PARA CÁLICE	Arcaz, Sacristia
CASULA - PARAMENTO	Armário
ESTOLA - PARAMENTO	Armário
CASULA - PARAMENTO	Armário
MANÍPULO - PARAMENTO	Armário
BOLSA DE CORPORAL DE ALTAR	Arcaz, Sacristia
CASULA - PARAMENTO	Armário
BOLSA DE CORPORAL DE ALTAR	Arcaz, Sacristia
CASULA - PARAMENTO	Armário
BOLSA DE CORPORAL DE ALTAR	Arcaz, Sacristia
ESTOLA - PARAMENTO	Armário
VÉU HUMORAL - PARAMENTO	Armário
DALMÁTICA - PARAMENTO	Armário
DALMÁTICA - PARAMENTO	Armário
MANÍPULO - PARAMENTO	Armário
MANÍPULO - PARAMENTO	Armário
ESTOLA - PARAMENTO	Armário
CAPA DE ASPERGES	Arcaz, Sacristia
UMBELA	Arcaz, Sacristia
SETIAL	Arcaz, Sacristia
SETIAL	Arcaz, Sacristia
SETIAL	Arcaz, Sacristia
SETIAL	Arcaz, Sacristia
SETIAL	Arcaz, Sacristia
FRONTAL DE ALTAR	Arcaz, Sacristia
CAPA PARA MOCHO	Arcaz, Sacristia
CAPA PARA MOCHO	Arcaz, Sacristia
CAPA PARA MOCHO	Arcaz, Sacristia
CADEIRA	Altar Mor
LAVABO	Sacristia direita
ARMÁRIO	Sacristia direita
ORATÓRIO	Sacristia direita
ESTANDARTE DA OCT	Capela Mor
CAMPAINHA	Armário
IMAGEM: NOSSA SENHORA DO PILAR	Sacristia direita
PAINEL EM RELEVO NOSSA SENHORA PIEIDADE	São Francisc
PIA DE ÁGUA BENTA	Capela Mor
PIA DE ÁGUA BENTA	Capela Mor
LANTERNA	Roubada



Igreja de Nossa
Senhora do Carmo
(1986)

LANTERNA	Roubada
LÂMPADA	Arco Cruzeiro
PORTA	Capela-Mor
PORTA	Capela-Mor
PORTA TOALHA	Sacristia Esquerda
MESA SOBRE CAVALETES	Sacristia
ARCAZ	Sacristia direita
PINTURA _ FORRO DA SACRISTIA	Sacristia
RETÁBULO MÓVEL RELIGIOSO	Capela-Mor
FORRO DA CAPELA-MOR	Forro da Capela
MESA	Sacristia
PINTURA _ FORRO DA SACRISTIA	Sacristia
BALAUSTRADA	Nave
PIA DE ÁGUA BENTA	Pilastra - coro
PIA DE ÁGUA BENTA	Pilastra - coro
LUSTRE	Teto da nave
SACRIFICIO DO AARÃO	Teto do Coro
PINTURA ALEGORIA FÉ, ESPERANÇA	Teto do Coro
PINTURA MÓISES TIRANDO ÁGUA	Teto do Coro
PRIMEIRO MANDAMENTO	Capela-Mor
SEGUNDO MANDAMENTO	Capela-Mor
TERCEIRO MANDAMENTO	Capela-Mor
QUARTO MANDAMENTO	Capela-Mor
QUINTO MANDAMENTO	Capela-Mor
SEXTO MANDAMENTO	Capela-Mor
SÉTIMO MANDAMENTO	Capela-Mor
OITAVO MANDAMENTO	Capela-Mor
NONO MANDAMENTO	Capela-Mor
DÉCIMO MANDAMENTO	Capela-Mor
TARJA DO ARCO CRUZEIRO	Arco Cruzeiro
CORO TRIBUNA DE MÚSICA	Nave
EÇA SÉCULO XX	Sacristia S. S.
HARMÔNIO	Nave
RELÓGIO _ INSTRUMENTO MECÂNICO	Torre Esquerda
SINO	Torre Esquerda
SINO	Torre Direita
SINO	Torre Direita
SINO	Torre Direita
PINTURA DECORAÇÃO EMPENA	Fachada Principal
FORRO ENT. DA BULA SABATINA	Empena Arco
PARÁ VENTO	Átrio
PÚLPITO	Nave
PÚLPITO	Nave
BARCO-BANCO	Sacristia S. S.
BARCO-BANCO	Sacristia S. S.
BARCO-BANCO	Sacristia S. S.
BARCO-BANCO	Sacristia S. S.
CAMPAINHA	Armário
ARCA-BANCO	Sacristia



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 59 de 335



Igreja de Nossa
Senhora do Carmo
(1986)

BANCO	Nave
FORRO DA NAVE	Forro da Nave
RETÁBULO DE SÃO SIMÃO STOCK	Transepto
RETÁBULO DE SÃO JOÃO DA CRUZ	Transepto
PORTA SACADA	Frontispício
PORTA SACADA	Frontispício
EMPENA	Fachada Principal
FACHADA - PORTA	Fachada
ACESSÓRIO - RESPLENDOR	Casa do Prior
ACESSÓRIO - RESPLENDOR	Casa do Prior
ACESSÓRIO - RESPLENDOR	Casa do Prior
ACESSÓRIO - RESPLENDOR	Casa do Prior
ACESSÓRIO - RESPLENDOR	Casa do Prior
CAVEIRA _ SÉCULO XIX	Casa do Prior
OSSOS	Casa do Prior
CRUZ	Casa do Prior
CRUZ	Casa do Prior
CRUZ	Casa do Prior
TÍTULO DE CRUZ	Casa do Prior
PONTEIRA DA CRUZ	Casa do Prior
PONTEIRA DA CRUZ	Casa do Prior
PONTEIRA DA CRUZ	Casa do Prior
PONTEIRA DA CRUZ	Casa do Prior
PONTEIRA DA CRUZ	Casa do Prior
PONTEIRA DA CRUZ	Casa do Prior
PONTEIRA DA CRUZ	Casa do Prior
TÍTULO DE CRUZ	Casa do Prior
RESPLENDOR DE CRUZ	Casa do Prior
RESPLENDOR DE CRUZ	Casa do Prior
RESPLENDOR DE CRUZ	Casa do Prior
RESPLENDOR DE CRUZ	Casa do Prior
RESPLENDOR DE CRUZ	Casa do Prior
OBJETO LITÚRGICO _ GOMIL	Casa do Prior
BACIA - OBJETO LITÚRGICO	Casa do Prior
SALVA - OBJETO LITÚRGICO	Casa do Prior
COROA DO MENINO JESUS	Casa do Prior
COROA DE NOSSA SENHORA DO CARMO	Casa do Prior
CÁLICE - VASO SAGRADO	Casa do Prior
CÁLICE - VASO SAGRADO	Casa do Prior
ESPADAS - ATRIBUTO	Casa do Prior
RESPLENDOR DO MENINO JESUS	Casa do Prior
DIADEMA - RESPLENDOR	Casa do Prior
DIADEMA - ACESSÓRIO	Casa do Prior
NAVETA - VASO SAGRADO	Casa do Prior
BAÚ	Casa do Prior
TURÍBULO - OBJETO LITÚRGICO	Casa do Prior
PÁTENA - RECIPIENTE SAGRADO	Casa do Prior
PÁTENA - RECIPIENTE SAGRADO	Casa do Prior
RETRATO (CÔNEGO ROUSSIM)	Sacristia
PINTURA NOSSA SENHORA DO CARMO)	Sacristia



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 50 de 335



Igreja de Nossa Senhora do Carmo (1986)	PINTURA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS PINTURA SÃO MIGUEL ARCANJO	Capela-mor Museu do Ouro
Passo do Carmo (1987)	RETÁBULO PINTURA: CRISTO SENDO AÇOITADO PINTURA: 1ª QUEDA DE CRISTO PINTURA: CRISTO ENCONTRA SUA MÃE PINTURA: CRISTO E VERÔNICA PINTURA: 2ª QUEDA DE CRISTO PINTURA: CRISTO CRUCIFICADO	Parede de fundo Parede lateral à esquerda Parede lateral à esquerda Parede lateral à esquerda Parede lateral à direita Parede lateral à direita Parede lateral à direita
Passo da Rua Marquês de Sapucaí (1987)	PINTURA: CIRINEU AJUDA A JESUS A CARREGAR A CRUZ RETÁBULO FORRO PINTURA: JESUS FALTA ÀS MULHERES DE JERUSALÉM PINTURA: NEGAÇÃO DE PEDRO	Retábulo Parede de fundo Teto Parede lateral à esquerda Parede lateral à direita
Teatro Municipal de Sabará (1987)	PANO DE BOCA BALAUSTRADA CADEIRA DE PALHINHA (162 UNIDADES) CADEIRA DE PALHINHA (100 UNIDADES) MESA LUSTRE DE FOYER	Depósito do teatro Platéia Camarotes Platéia Foyer Foyer
Casa azul (1987)	RETÁBULO FORRO FORRO DA SALA DE VISITAS FORRO DO SALÃO NOBRE FORRO DA SALA DE JANTAR ARMÁRIO PORTADA	Oratório interno Oratório interno Sala à direita, forro Salão nobre Sala de jantar Sala de jantar Portada principal, fachada /porta principa
Hospício da Terra Santa (1987)	FORRO DA SALA FORRO DO ORATÓRIO INTERNO CHAFARIZ	Sala principal Sala de televisão Pátio
Prefeitura Municipal (1987)	RETÁBULO IMAGEM: NOSSA SENHORA CONCEIÇÃO IMAGEM: SÃO BENTO (?) IMAGEM: SÃO MIGUEL ARCANJO IMAGEM: SANTO ANTÔNIO IMAGEM: SANT'ANA MESTRA CRUCIFIXO CASTIÇAL (2 UNIDADES) CASTIÇAL (6 UNIDADES) CRUZ RELICÁRIO COROA CANAPÉ CANAPÉ CANAPÉ MESA	Sala da Capela, 2º andar Sala da Capela, 2º andar, trono do altar Sala da Capela, 2º andar, altar 2º andar, altar da capela Sala da Capela, 2º andar Sala da Capela, 2º andar Sala da Capela, 2º andar Sala da Capela, 2º andar Sala da Capela, 2º andar Capela, 2º andar Sala da Capela, 2º andar Salão nobre, 2º andar Salão nobre, andar superior Salão nobre, andar superior Salão, 2º pavimento



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 61 de 335



Prefeitura Municipal
(1987)

CADEIRA (10 UNIDADES)	Sem Localização
CADEIRA	Salão nobre, andar superior
MESA	Gabinete do Prefeito, andar superior
COFRE	Gabinete do Prefeito, andar superior
RELÓGIO DE COLUNA	Gabinete do prefeito, lado direito
BALANÇA	Gabinete do Prefeito
RELÓGIO DE PAREDE	Gabinete do Prefeito
MESA DE CAVALETE	Sala de recepção, 2º pavimento
BALAUSTRADA	Sala de jantar
BANCO	Varanda, 2º Pavimento, fundos
ÂNCORA DE ALMIRANTE	Varanda, 2º Pavimento, fundos
CABIDE	Departamento jurídico, 2º pavimento
BALAUSTRADA	Varanda, 2º Pavimento, fundos
PORTA DA CAPELA	Sala da Capela, 2º andar
TARJA DA CAPELA	Porta da Capela, 2º andar
ABÓBADA (FORRO DA CAPELA)	Sala da Capela, 2º Pavimento
PINTURA: RETRATO DE SALDANHA MARINHO	Salão nobre, 2º andar
PINTURA: CÔNEGO ROUSSIN	Salão nobre, 2º andar
PINTURA: FORRO PINTADO	1ª Sala à direita (decur), andar superior
RELÓGIO	Sala do dep. municipal de esporte, cultura e turismo (decur)
MESA DE CAVALETE	1ª Sala à direita, andar inferior
ESCADA	Saguão de entrada
CADEIRA DE PALHINHA (7 UNIDADES)	Salão nobre, 2º andar
APARADOR OU CONSULE	Salão nobre, 2º pavimento
PINTURA: VELHO COM REALEJO	Salão nobre, andar superior
PINTURA: FORRO PINTADO	2ª Sala à direita (Deco), andar superior
PINTURA: FORRO PINTADO	3ª Sala à direita (cadastro), andar superior
PINTURA: FORRO PINTADO	3ª Sala à esquerda (Defa), andar inferior
IMAGEM: SANTO ANTÔNIO	Depósito de departamento de obras
IMAGEM: SÃO SEBASTIÃO	Sala depósito de departamento de obras
IMAGEM: NOSSA SENHORA DA PIEDADE	Sala depósito de departamento de obras
IMAGEM: SANTO ANTÔNIO	Sala depósito de departamento de obras
IMAGEM: SÃO JOSÉ	Sala depósito de departamento de obras
IMAGEM: SANTO ANTÔNIO	Sala depósito de departamento de obras
IMAGEM: NOSSA SENHORA CONCEIÇÃO	Sala depósito de departamento de obras
IMAGEM: SÃO FRANCISCO	Sala depósito de departamento de obras
IMAGEM: SANTO DESCONHECIDO (PAPA ?)	Sala depósito de departamento de obras
IMAGEM: SANTO DESCONHECIDO (CARDEAL ?)	Sala depósito de departamento de obras
IMAGEM: SANTO DESCONHECIDO (CARDEAL ?)	Sala depósito de departamento de obras
IMAGEM: SÃO LUIZ IX, REI DA FRANÇA (?)	Sala depósito de departamento de obras
IMAGEM: SANTO DESCONHECIDO	Depósito da prefeitura /departamento de obras
IMAGEM: BUSTO DE SÃO FRANCISCO	Sala depósito de departamento de obras



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 62 de 335



<p>Prefeitura Municipal (1987)</p>	<p>IMAGEM: CABEÇA (SÃO FRANCISCO ?) PAINEL: AGONIA NO HORTO E ARMAS DA ORDEM 3ª DE SÃO FRANCISCO. ESTANTE DE ALTAR PINTURA: TABELA DE CARGOS DA ORDEM 3ª DE SÃO FRANCISCO PINTURA: ESTANDARTE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO CRUCIFIXO CADEIRA CRUCIFIXO PEANHA CRUCIFIXO CRUCIFIXO CRISTO CRUCIFICADO MESA MESA RELÓGIO JARRA (PAR) PINTURA: RUA DO CARMO PINTURA: RUA DO CARMO PINTURA: PONTE DO ROCHEDO PINTURA: PAISAGEM SABARENSE PINTURA: IGREJA DE SANTA RITA ARMÁRIO EMBUTIDO PINTURA: CIMALHA COM PINTURA</p>	<p>Sala depósito de departamento de obras Sala depósito de departamento de obras Sala depósito de departamento de obras Sala depósito de departamento de obras Sala depósito de departamento de obras Sala depósito de departamento de obras Sala depósito de departamento de obras Sala depósito de departamento de obras Sala depósito de departamento de obras Sala depósito de departamento de obras Sala depósito de departamento de obras Sala depósito de departamento de obras Gabinete do Secretário de Obras Sala da diretoria de obras Sob o altar da Capela, andar superior Gabinete do Prefeito Gabinete do Prefeito Salão Nobre 3º Sala esquerda, andar inferior 4º Sala esquerda, andar inferior Vão por baixo da escada interna 3ª Sala (corredor) Protocolo, andar inferior</p>
<p>Museu do Ouro (1987)</p>	<p>ESTANTE MEDIDA (1) MEDIDAS (5) MEDIDAS (2) MEDIDAS (3)</p>	<p>Biblioteca Depósito do Museu Depósito do Museu Depósito do Museu Depósito do Museu</p>
<p>Capela de Santo Antônio – Pompeu (1987)</p>	<p>IMAGEM: SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA IMAGEM: SÃO JOSÉ DE BOTAS CRUCIFIXO CRUCIFIXO IMAGEM: SANTO ANTÔNIO ORATÓRIO DE ESMOLER CAMPAINHA CAMPAINHA CRUZ PROCESSIONAL CAMPAINHA CASTIÇAL (6 UNIDADES) PEANHA PEANHA TORNEIRA DO LAVABO CAMPAINHA CÁLICE CHAVE DO SACRÁRIO</p>	<p>Altar-Mor, trono Sacristia, lado direito Retábulo Sacristia à direita, sobre o arcaz Trono do Retabulo Arca-Banco (sacristia lateral direita) Dentro do arca-banco Capela-mor Sacristia lateral direita Sacristia lateral direita Altar-mor Sacristia à direita, sobre o arcaz Sacristia à direita, sobre o arcaz Sacristia lateral direita Arcaz, sacristia lateral direita Dentro do arcaz Dentro do arcaz na sacristia à direita</p>



Capela de Santo
Antônio – Pompeu
(1987)

RESPLENDOR	Sacristia lateral direita, interior do arcaz
RESPLENDOR	Altar-mor, imagem de Santo Antônio
SACRÁRIO	Sacristia lateral esquerda, capela do Santíssimo
RETÁBULO	Sacristia lateral esquerda, capela do Santíssimo
ARCAZ	Sacristia lateral esquerda, capela do Santíssimo
PIA DE ÁGUA BENTA	Sacristia lateral esquerda
PIA DE ÁGUA BENTA	Pilastra do Coro, lado direito e esquerdo
LAVABO	Sacristia, lateral direita
PORTA-TOALHA	Sacristia, lateral direita
ARCA BANCO	Sacristia, lateral direita
MESA DE ALTAR	Capela-mor
ARCAZ	Sacristia, lateral direita
ARMÁRIO	Espaço atrás do retábulo
PIA DE ÁGUA BENTA	Sacristia
COFRE	Sacristia, lateral direita
BALAUSTRADA	Coro
MOCHO	Coro
SINO	Coro
PAINEL: FORRO DA CAPELA-MOR	Capela-mor, forro
PAINEL: PAINEL COM PINTURA (?)	Capela-Mor à direita (registro) superior)
PAINEL	Capela-mor, à esquerda (registro superior)
PAINEL	Capela-mor, à esquerda (registro inferior)
PAINEL	Capela-mor, à direita (registro inferior)
RESPLENDOR DE ALTAR	Retábulo, trono do camarim
SINEIRA	No adro
ARCO CRUZEIRO	Transepto
RETÁBULO	Capela-mor
IMAGEM: SANT'ANA MESTRA	Altar-mor, trono
IMAGEM: SÃO JOAQUIM	Altar-mor
IMAGEM: SÃO JOSÉ DE BOTAS	Altar-mor, trono
IMAGEM: NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	Altar-mor, nicho à esquerda
IMAGEM: SÃO MIGUEL ARCANJO	Altar-mor, trono
IMAGEM: SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA	Nicho altar-mor, à direita
CRUCIFIXO	Altar-mor
CRUZ DE CRUCIFIXO	Mesa do Altar
CRUZ DE CRUCIFIXO	Sacristia
IMAGEM: SENHOR DOS PASSOS	Sacristia, à direita
TOCHEIROS (2 UNIDADES)	Capela-mor, direita e esquerda
CASTIÇAL	Sacristia à direita
IMAGEM: NOSSA SENHORA DAS DORES	Altar-mor
PIA BATISMAL	Nave à esquerda, junto à porta principal
PIA DE ÁGUA BENTA	Nave, lado esquerdo
PIA DE ÁGUA BENTA	Nave, lado direito
BACIA DO PÚLPITO	Nave, lado esquerdo
LAVABO	Sacristia à direita

Igreja de Sant'Ana –
Arraial Velho
(1987)



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Formulário de 1/0



Igreja de Sant'Ana –
Arraial Velho
(1987)

ARMÁRIO EMBUTIDO	Sacristia, lado direito
ARCA-BANCO	Sacristia, lado direito
ARCA	Sacristia à direita
ARCAZ	Sacristia à direita
ORATÓRIO	Sob o altar-mor
SINEIRA	Adro
CREDÊNCIA	Sacristia
CREDÊNCIA	Sacristia
CÁLICE	mala, interior de arcaz
PÁTENA	mala, interior de arcaz
ÂMBULA	mala, interior de arcaz
COROA DE SANT'ANA	mala, interior de arcaz
RESPLENDOR	mala, interior de arcaz
RESPLENDOR	mala, interior de arcaz
MISSAL ROMANO-SERÁFICO	Arcaz
CASULA	Arcaz
RETÁBULO	Capela-mor



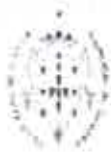
3.2.4 Inventário realizado pelo Museu do Ouro – categoria bens móveis e integrados

ACERVO	BEM MÓVEL / Nº REGISTRO	LOCALIZAÇÃO
Museu do Ouro (2007)	MOEDA Século XVII - 1699/ N° 050	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
	MOEDA Século XVIII - 1778/ N° 051	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
	DEDAL Século XIX ou XX / N° 053	Reserva Técnica (2° pavimento)
	ALFINETE (MOSCA) Século XIX ou XX / N° 059	Sala d' armas (1° pavimento)
	CADEIRA DE SOLA Século XVIII / N° 061	Sala dos Quatro Continentes (2° pavimento)
	CADEIRA DE SOLA Século XVIII / N° 062	Reserva Técnica (2° pavimento)
	CADEIRA DE SOLA Século XVIII / N° 063	Reserva Técnica (2° pavimento)
	CADEIRA DE SOLA Século XVIII / N° 064	Sala dos Quatro Continentes (2° pavimento)
	CADEIRA DE SOLA Século XVIII / N° 065	Reserva Técnica (2° pavimento)
	CADEIRA DE SOLA Século XVIII / N° 066	Sala dos Quatro Continentes (2° pavimento)
	CADEIRA DE SOLA Século XVIII / N° 067	Reserva Técnica (2° pavimento)
	CADEIRA DE SOLA Século XVIII / N° 068	Sala (Escritório do Intendente) - 2° pavimento
	CÔMODA PAPELEIRA Século XVIII / N° 069	Sala (Escritório do Intendente) - 2° pavimento
	ARCA CÔMODA Século XVIII / N° 070	Sala dos Quatro Continentes (2° pavimento)
	MESA Século XVIII / N° 071	Sala (Escritório do Intendente) - 2° pavimento
	MESA Século XVIII / N° 072	Sala dos Quatro Continentes (2° pavimento)
	MESA PERNAS DE LIRA Século XVIII / N° 073	Reserva Técnica (2° pavimento)
	MESA Século XVIII / XIX / N° 074	Salão Nobre (2° pavimento)
	TAMBORETE Século XVIII / N° 076	Reserva Técnica (2° pavimento)
	ARCA Século XVIII / N° 077	Sala (Quarto de Donzela) - 2° pavimento
	CATRE Século XVIII / N° 078	Sala (Quarto de Donzela) - 2° pavimento
	MESA DE ENCOSTAR Século XVIII / N° 079	Sala da Recepção (1° pavimento)
	BANCO DE FIAR Século XVIII / N° 080	Sala (Quarto de Donzela) - 2° pavimento
	ARMÁRIO GUARDA-LOUÇAS Século XVIII / N° 081	Sala de Acervos Religiosos (2° pavimento)
	MESA DE JANTAR Século XVIII / N° 084	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
	CADEIRA DE PALHINHA Século XIX / N° 088	Reserva Técnica (2° pavimento)
	CADEIRA DE PALHINHA Século XIX / N° 089	Reserva Técnica (2° pavimento)
	CADEIRA DE PALHINHA Século XIX / N° 090	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
	CADEIRA DE PALHINHA Século XIX / N° 091	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
	CADEIRA DE PALHINHA Século XIX / N° 092	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
	CADEIRA DE PALHINHA Século XIX / N° 093	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
	CADEIRA DE PALHINHA Século XIX / N° 094	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
	CADEIRA DE PALHINHA C/BRAÇOS Século XIX / N° 095	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
RELÓGIO DE COLUNA Século XIX / N° 097	Sala das Porcelanas (2° pavimento)	



Museu do Ouro
(2007)

MESA PERNAS DE LIRA Século XVIII / N°: 089	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
TAMBORETE Mocho Século XVIII / N°: 103	Reserva Técnica (2° pavimento)
MESA Século XVIII / N°: 105	Sala da Recepção (1° pavimento)
TAMBORETE MOCHO Século XVIII / N°: 113	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESPELHO Século XX / N°: 129	Reserva Técnica (2° pavimento)
ARCÂS Século XVIII / N°: 133	Sala de São Jorge (2° pavimento)
CADEIRA DE BRAÇOS Século XIX / N°: 135	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESPELHO Século XIX / N°: 144	Sala (Quarto de Donzela) - 2° pavimento
ARMÁRIO Século XVIII / N°: 154	Sala da Recepção (1° pavimento)
BANCO DE ENCOSTO Século XVIII / XIX / N°: 155	Sala dos Quatro Continentes (2° pavimento)
BANCO DE ENCOSTO Século XVIII / N°: 156	Sala dos Quatro Continentes (2° pavimento)
ARCA COFRE Século XVIII / N°: 164	Sala da Prensa (1° pavimento)
ARCA COFRE Século XVIII / N°: 165	Sala da Prensa (1° pavimento)
ARCA COFRE Século XVIII / N°: 166	Sala da Prensa (1° pavimento)
ARCA COFRE Século XVIII / N°: 170	Sala da Prensa (1° pavimento)
ESPINGARDA Século XIX / N°: 171	Sala d' armas (1° pavimento)
ESPADA Século XVII - XVIII / N°: 172	Sala d' armas (1° pavimento)
ESPADA Século XVII - XVIII / N°: 173	Sala d' armas (1° pavimento)
ADAGA Século XVIII / N°: 176	Sala d' armas (1° pavimento)
SABRE COM BAINHA Século XVIII / N°: 177	Sala d' armas (1° pavimento)
PISTOLA Século XVIII - XIX / N°: 178	Sala d' armas (1° pavimento)
POLVARINHO Século XVIII - XIX / N°: 180	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
ESPINGARDA Século XIX / N°: 182	Sala d' armas (1° pavimento)
ESPINGARDA Século XIX / N°: 183	Sala d' armas (1° pavimento)
ESPINGARDA COM RAIONETA Século XIX / N°: 184	Sala d' armas (1° pavimento)
ALMOFARIZ Século XVIII / N°: 186	Sala da Prensa (1° pavimento)
ALMOFARIZ Século XVIII / N°: 191	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
CADINHO Século XVIII - XIX / N°: 196	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
MÃO DE PILÃO Século XVIII / N°: 199	Reserva Técnica (2° pavimento)
BATEIA Século XIX / N°: 200	Reserva Técnica (2° pavimento)
BATEIA Século XVIII / N°: 202	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
BATEIA Século XVIII - XIX / N°: 203	Reserva Técnica (2° pavimento)
BATEIA Século XVIII - XIX / N°: 204	Sala das Bateias (1° pavimento)
BATEIA Século XVIII - XIX / N°: 205	Reserva Técnica (2° pavimento)
BATEIA Século XVIII - XIX / N°: 206	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
BATEIA Século XVIII - XIX / N°: 207	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
BATEIA Século XVIII - XIX / N°: 208	Reserva Técnica (2° pavimento)
BATEIA Século XVIII - XIX / N°: 209	Reserva Técnica (2° pavimento)
BATEIA Século XVIII - XIX / N°: 212	Reserva Técnica (2° pavimento)
BATEIA Século XVIII - XIX / N°: 214	Reserva Técnica (2° pavimento)
ALMOCAFRE Século XVIII / N°: 219	Reserva Técnica (2° pavimento)
ALMOCAFRE Século XVIII / N°: 222	Reserva Técnica (2° pavimento)
ALMOCAFRE Século XVIII / N°: 225	Sala das Bateias (1° pavimento)
ALAVANCA /PONTEIRA Século XVIII - XIX / N°: 228	Sala das Bateias (1° pavimento)



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 57 de 116



Museu do Ouro
(2007)

TENAZ Século XVIII - XIX / N°: 230	Sala das Bateias (1° pavimento)
TENAZ Século XVIII / N°: 231	Sala das Bateias (1° pavimento)
TENAZ Século XVIII / N°: 235	Sala das Bateias (1° pavimento)
SERRA CIRCULAR Século XVIII - XIX / N°: 236	Sala d' armas (1° pavimento)
MOLDE Século XVIII - XIX / N°: 240	Sala da Prensa (1° pavimento)
FORMA DE FUNDIÇÃO Século XIX / N°: 242	Reserva Técnica (2° pavimento)
PRENSA MANUAL Século XVII (1670) / N°: 244	Sala da Prensa (1° pavimento)
ESTOJO DE CAMPO Século XIX / N°: 245	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
CADINHO Século XVII / N°: 246	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
CADINHO Século XVIII / N°: 248	Sala da Prensa (1° pavimento)
RILHEIRA Século XVIII / N°: 251	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
RILHEIRA Século XVIII / N°: 252	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
CONJUNTO DE PESOS Século XVIII / N°: 253	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
CADINHO Século XVIII / N°: 254	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
CADINHO Século XVIII - XIX / N°: 258	Reserva Técnica (2° pavimento)
FRAGMENTO DE FORJA Século XIX / N°: 259	Reserva Técnica (2° pavimento)
LANTERNA Século XIX / N°: 260	Reserva Técnica (2° pavimento)
BALANÇA DE MESA Século XVIII - XIX / N°: 261	Sala da Prensa (1° pavimento)
BALANÇA Século XVIII (1792) / N°: 262	Sala d' armas (1° pavimento)
PESO (estojo) Século XVIII / N°: 263	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
BALANÇA DE MESA Século XIX / N°: 264	Sala d' armas (1° pavimento)
ESTOJO DE PESOS Século XVIII / N°: 265	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
BALANÇA Século XIX / N°: 266	Sala d' armas - 1° pavimento
POTE Século XIX / N°: 267	Reserva Técnica (2° pavimento)
PESOS Século XVIII / N°: 268	Sala d' armas - 1° pavimento
BALANÇA Século XVIII / N°: 269	Sala da Prensa (1° pavimento)
BALANÇA DE COLUNA Século XIX / N°: 270	Sala d' armas - 1° pavimento
IMÃ Século XVIII - XIX / N°: 271	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
PICUÃ Século XVIII / N°: 272	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
PICUÃ Século XVIII / N°: 273	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
PICUÃ Século XVIII / N°: 274	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
PICUÃ Século XVIII / N°: 275	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
PICUÃ Século XIX - XX / N°: 276	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
BALANÇA COM ESTOJO Século XIX / N°: 278	Sala d' armas (1° pavimento)
BALANÇA Século XVIII / N°: 281	Sala da Prensa (1° pavimento)
BALANÇA Século XVIII - XIX / N°: 282	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
LUSTRE Século XIX / N°: 284	Reserva Técnica (2° pavimento)
LUSTRE Século XIX / N°: 285	Reserva Técnica (2° pavimento)
PESO (estojo) Século XVIII / N°: 287	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
CONJUNTO DE PESOS Século XVIII / N°: 288	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
CANDEIA Século XVIII / N°: 289	Sala dos Quatro Continentes (2° pavto)
CANDEIA Século XVIII / N°: 290	Sala dos Quatro Continentes (2° pavto)
CANDEIA Século XVIII - XIX / N°: 291	Sala da Prensa (1° pavimento)



Museu do Ouro
(2007)

CANDEIA Século XVIII - XIX / N°: 293	Sala da Prensa (1° pavimento)
CANDEIA Século XVIII - XIX / N°: 295	Sala da Prensa (1° pavimento)
CANDEEIRO Século XIX / N°: 296	Sala da Prensa (1° pavimento)
CANDEEIRO Século XIX / N°: 297	sala (Escritório do Intendente) - 2° pavto
CANDEEIRO Século XIX / N°: 298	Sala (Quarto de Donzela) - 2° pavimento
LAMPADÁRIO Século XIX / N°: 299	Sala (Quarto do Rico Minerador) - 2° pavimento
LANTERNA DE MINEIRO Século XIX / N°: 300	Sala dos Ingleses - 1° pavimento
LANTERNA Século XIX / N°: 301	Sala dos Ingleses - 1° pavimento
LANTERNA Século XIX / N°: 302	Sala dos Ingleses - 1° pavimento
LANTERNA Século XIX / N°: 303	Sala dos Ingleses - 1° pavimento
LANTERNA Século XIX / N°: 304	Sala dos Ingleses - 1° pavimento
LANTERNA Século XIX / N°: 305	Reserva Técnica (2° pavimento)
LANTERNA Século XIX / N°: 306	Reserva Técnica (2° pavimento)
FRAGMENTO DE FORNO Século XVIII - XIX / N°: 307	Sala das Bateias (1° pavimento)
MOLDE PARA CADINHO Século XVIII / N°: 308	Sala das Maquetes (1° pavimento)
MAQUETE Século XX / N°: 309	Sala das Maquetes (1° pavimento)
MAQUETE Século XX / N°: 310	Sala das Maquetes (1° pavimento)
MAQUETE Século XX / N°: 311	Sala das Maquetes (1° pavimento)
MAQUETE Século XX / N°: 312	Sala das Maquetes (1° pavimento)
ENGENHO DE TRITURAR MINÉRIO Século XIX / N°: 314	Pátio externo (fundos)
RELÓGIO DE SOL Século XVIII - XIX / N°: 315	Pátio externo (fundos)
DESENHO (ANTIGO MOINHO EM OURO PRETO) Século XX (1929) / N°: 316	Reserva Técnica (2° pavimento)
LITOGRAFIA (VISTA DE SABARÁ) Século XIX / N°: 317	Reserva Técnica (2° pavimento)
LITOGRAFIA (VISTA DE VILA RICA) Século XIX / N°: 318	Reserva Técnica (2° pavimento)
LITOGRAFIA (SERRA DO OURO BRANCO) Século XIX / N°: 319	Reserva Técnica (2° pavimento)
DESENHO (UNIFORME MILITAR) Século XX / N°: 320	Sala d' armas (1° pavimento)
DESENHO (UNIFORME MILITAR) Século XX / N°: 322	Sala d' armas (1° pavimento)
DESENHO (UNIFORME MILITAR) Século XX / N°: 323	Sala d' armas (1° pavimento)
DESENHO (MUNDÉU EM OURO PRETO) Século XX (1930) / N°: 324	Reserva Técnica (2° pavimento)
LITOGRAFIA (LAVAGEM DO OURO) Século XIX / N°: 325	Sala da Prensa (1° pavimento)
MAPA DE TERRABUZI Século XIX (1814) / N°: 326	Reserva Técnica (2° pavimento)
PINTURA (RETRATO DO MARQUÊS DE POMBAL) Século XVIII / N°: 327	Sala dos Quatro Continentes (2° pavimento)
LITOGRAFIA (LAVAGEM DO DIAMANTE) Século XIX / N°: 328	Sala dos Quatro Continentes (2° pavimento)
DESENHO A BICO DE PENA (VISTA DO SERVIÇO DIAMANTINO) Século XIX (1803) / N°: 329	Sala da Prensa (1° pavimento)
PINTURA (RETRATO DO BARÃO DE ESCHWEGE) Século XX / N°: 330	Sala (escritório do Intendente) - 2° pavimento
LITOGRAFIA (IMPERATRIZ TERESA CRISTINA) Século XIX / N°: 331	Sala do Diretor (2° pavimento)



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 69 de 335



Museu do Ouro
(2007)

LITOGRAFIA (IMPERADOR D. PEDRO II) Século XIX / N°: 332	Sala do Diretor (2° pavimento)
CASTIÇAL Século XVIII / N°: 333	Reserva Técnica (2° pavimento)
CASTIÇAL Século XVIII / N°: 334	Reserva Técnica (2° pavimento)
CASTIÇAL Século XVIII / N°: 335	Reserva Técnica (2° pavimento)
CASTIÇAL Século XVIII / N°: 337	Reserva Técnica (2° pavimento)
TINTEIRO ESCRIVANINHA Século XIX / N°: 338	Sala do Intendente (2° pavimento)
CASTIÇAL Século XIX / N°: 339	Sala (Quarto do Rico Minerador) - 2° pav.
ESPEVITADEIRA E BANDEJA Século XIX / N°: 340	Reserva Técnica (2° pavimento)
BAÚ Século XVIII / N°: 342	Sala (Quarto do Rico Minerador) - 2° pav.
GALHETEIRO COM GALHETA Século XVIII - XIX / N°: 343	Reserva Técnica (2° pavimento)
EMBUTIDEIRA Século XIX / N°: 344	Sala da Prensa (1° pavimento)
EMBUTIDEIRA Século XIX / N°: 346	Sala da Prensa (1° pavimento)
ESTRIBO Século XIX / N°: 347	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESTRIBO Século XIX (par) / N°: 348	Sala dos Quatro Continentes (2° pavimento)
ESTRIBO EM SAPATA Século XVIII - XIX / N°: 350	Sala (Quarto do Rico Minerador) - 2° pavimento
ESTRIBO SAPATA Século XVII / N°: 351	Reserva Técnica (2° pavimento)
FERRADURA Século XVIII - XIX / N°: 352	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESTRIBO Século XVIII - XIX / N°: 353	Sala (Acervos Religiosos II) - 2° pavimento
MOEDA Século XIX (1848)/ N°: 354	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
MOEDA Século XIX (1848)/ N°: 356	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
MOEDA Século XIX (1848)/ N°: 357	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
MOEDA Século XIX (1848)/ N°: 358	Sala dos Ingleses (2° pavimento)
MOEDA Século XIX (1848)/ N°: 359	Sala dos Ingleses (2° pavimento)
MOEDA Século XIX (1848)/ N°: 360	Sala dos Ingleses (2° pavimento)
MOEDA Século XIX (1848)/ N°: 361	Sala dos Ingleses (2° pavimento)
MOEDA Século XIX/ N°: 362	Sala dos Ingleses (2° pavimento)
MOEDA Século XX (1939)/ N°: 363	Reserva Técnica - 2° pavimento
MOEDA Século XX (1922)/ N°: 365	Reserva Técnica - 2° pavimento
MOEDA Século XX (1911)/ N°: 366	Reserva Técnica - 2° pavimento
MOEDA COMEMORATIVA Século XX (1911)/ N°: 366	Reserva Técnica - 2° pavimento
MOEDA COMEMORATIVA Século XX (1930)/ N°: 367	Reserva Técnica - 2° pavimento
PRATO DE SOPA Século XVIII / N°: 368	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
PRATO DE SOPA Século XVIII / N°: 369	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
PRATO DE SOPA Século XVIII / N°: 370	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
XÍCARA E PIRES Século XVIII / N°: 371	Reserva Técnica (2° pavimento)
CERÂMICA (TERRINA) Século XVIII / N°: 372	Sala das Porcelanas - 2° pavimento
PORCELANA (MOLHEIRA) Século XVIII / N°: 373	Sala das Porcelanas - 2° pavimento
CERÂMICA (POTE) Século XVIII - XIX / N°: 374	Sala das Porcelanas - 2° pavimento
PORCELANA (PRATO) Século XVIII / N°: 375	Reserva Técnica (2° pavimento)
PORCELANA (PRATO) Século XVIII - XIX / N°: 376	Reserva Técnica (2° pavimento)
PORCELANA (PRATO) Século XVIII - XIX / N°: 378	Reserva Técnica (2° pavimento)

Museu do Ouro
(2007)

TINTEIRO Século XVIII - XIX / N°: 379	Sala (Escritório do Intendente) - 2° pavimento
PORCELANA (JARRO) Século XIX / N°: 380	Sala das Porcelanas - 2° pavimento
PORCELANA (JARRO) Século XIX / N°: 381	Sala das Porcelanas - 2° pavimento
PORCELANA (TERRINA) Século XIX / N°: 382	Sala das Porcelanas - 2° pavimento
PORCELANA (TERRINA) Século XIX / N°: 383	Sala das Porcelanas - 2° pavimento
PORCELANA (PRATO DE SÓPA) Século XIX / N°: 385	Reserva Técnica (2° pavimento)
PORCELANA (TRAVESSA) Século XVIII / N°: 386	Sala das Porcelanas - 2° pavimento
PORCELANA (TRAVESSA) Século XVIII / N°: 387	Sala das Porcelanas - 2° pavimento
PORCELANA (BACIA) Século XIX / N°: 388	Sala das Porcelanas - 2° pavimento
PORCELANA (JARRA) Século XIX / N°: 389	Sala das Porcelanas - 2° pavimento
PORCELANA (JARRA) Século XVIII - XIX / N°: 390	Sala das Porcelanas - 2° pavimento
PORCELANA (TIGELA) Século XVIII - XIX / N°: 391	Sala das Porcelanas - 2° pavimento
PORCELANA (BACIA P/BARBEAR) Século XVIII / N°: 392	Sala (Quarto do Rico Minerador) - 2° pavimento
PORCELANA (TRAVESSA) Século XIX / N°: 393	Sala das Porcelanas - 2° pavimento
LÂMINA DE SANTO Século XVIII / N°: 395	Reserva Técnica - 2° pavimento
PINTURA (SÃO MIGUEL) Século XVIII / N°: 396	Salão Nobre - 2° pavimento
BANDEJA Século XIX / N°: 398	Reserva Técnica - 2° pavimento
MORINGA (BILHA) Século XIX (1814) / N°: 401	Sala (Quarto do Rico Minerador) - 2° pavimento
DONZELA Século XVIII - XIX / N°: 402	Sala dos quatro Continentes (2° pavimento)
DONZELA Século XVIII - XIX / N°: 403	Sala dos quatro Continentes (2° pavimento)
CASTIÇAL Século XIX / N°: 404	Reserva Técnica (2° pavimento)
LUPA Século XIX / N°: 405	Reserva Técnica (2° pavimento)
CARIMBO Século XIX / N°: 406	Sala do Cofre (1° pavimento)
CARIMBO Século XVIII - XIX / N°: 407	Sala do Cofre (1° pavimento)
CARIMBO Século XVIII / N°: 408	Sala do Cofre (1° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (SANTO ANDRÉ) Século XVIII / N°: 409	Salão Nobre (2° pavimento)
RETÁBULO (FRAGMENTO) Século XVIII / N°: 411	Salão Nobre (2° pavimento)
RETÁBULO (FRAGMENTO) Século XVIII / N°: 413	Salão Nobre (2° pavimento)
RETÁBULO (FRAGMENTO) Século XVIII / N°: 414	Salão Nobre (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO) Século XVIII / N°: 415	Reserva Técnica (2° pavimento)
ORATÓRIO Século XVIII / N°: 416	Sala (Quarto de Donzela) - 2° pavimento
ORATÓRIO Século XVIII / N°: 418	Sala (Quarto de Donzela) - 2° pavimento
RELEVO RELIGIOSO (ECCE HOMO) Século XVIII / N°: 419	Sala de São Jorge (2° pavimento)
RELEVO RELIGIOSO (CRISTO DA COLUNA) Século XVIII / N°: 420	Sala de São Jorge (2° pavimento)
GRUPO ESCULTÓRICO (CALVÁRIO) Século XVIII / N°: 421	Sala Religião II (2° pavimento)
ORATÓRIO Século XVIII - XIX / N°: 422	Reserva Técnica (2° pavimento)
GRUPO ESCULTÓRICO (CALVÁRIO) Século XIX / N°: 423	Reserva Técnica (2° pavimento)



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL



Página 71 de 335

Muséu do Ouro
(2007)

ESCULTURA RELIGIOSA (SÃO JOSÉ DE BOTAS) Século XVIII / N°: 424	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (SANTANA MESTRA) Século XVIII / N°: 425	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (SÃO BRÁS) Século XVIII / N°: 426	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (SÃO DOMINGOS DE GUSMÃO) Século XVIII / N°: 427	Sala de São Jorge (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (SÃO JORGE) Século XIX (1816) / N°: 428	Sala de São Jorge (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (SANTA TERESA DE ÁVILA) Século XVIII / N°: 429	Sala de São Jorge (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (SÃO FRANCISCO DE ASSIS) Século XVIII / N°: 430	Sala de São Jorge (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (SANTA BÁRBARA) Século XVIII / N°: 432	Sala de São Jorge (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (SÃO JOAQUIM) Século XVIII / N°: 433	Sala de São Jorge (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO) Século XVIII / N°: 434	Sala de São Jorge (2° pavimento)
ORATÓRIO Século XVIII / N°: 435	Sala de São Jorge (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (CRUCIFIXO) Século XVIII / N°: 436	Sala de São Jorge (2° pavimento)
TRONO DE ALTAR Século XVIII / N°: 437	Sala de São Jorge (2° pavimento)
RETÁBULO (MENINO PUTTO) Século XVIII / N°: 438	Salão Nobre - 2° pavimento
RETÁBULO (MENINO PUTTO) Século XVIII / N°: 439	Salão Nobre - 2° pavimento
ESCULTURA RELIGIOSA (CRUCIFIXO) Século XVII - XVIII / N°: 440	Salão Nobre - 2° pavimento
ORATÓRIO Século XVIII / N°: 441	Salão Nobre - 2° pavimento
BANDEIRA PROCESSIONAL Século XVIII / N°: 442	Salão Nobre - 2° pavimento
BANDEIRA PROCESSIONAL Século XVIII / N°: 443	Sala de São Jorge (2° pavimento)
PALMA Século XVIII / N°: 444	Salão Nobre - 2° pavimento
PORTA MISSAL Século XVIII - XIX / N°: 445	Reserva Técnica (2° pavimento)
TARJA Século XVIII / N°: 446	Varanda (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (JESUS CRISTO) Século XVIII / N°: 447	Reserva Técnica (2° pavimento)
FRAGMENTO DE PARAMENTO SACERDOTAL Século XVIII / N°: 448	Reserva Técnica - 2° pavimento
FRAGMENTO DE PARAMENTO SACERDOTAL Século XVIII / N°: 449	Reserva Técnica - 2° pavimento
ORNAMENTO DE PARAMENTO Século XVIII / N°: 450	Reserva Técnica - 2° pavimento
PORTA-MISSAL Século XVIII / N°: 452	Reserva Técnica - 2° pavimento
BAÚ COFRE Século XVIII / N°: 455	Sala (Escritório do Intendente) - 2° pavimento
ESCULTURA RELIGIOSA (SANTANA MESTRA) Século XVIII / N°: 456	Reserva Técnica - 2° pavimento
ESCULTURA RELIGIOSA (SÃO CAETANO) Século XVIII / N°: 457	Reserva Técnica - 2° pavimento
ESCULTURA RELIGIOSA (SANTA BÁRBARA) Século XIX / N°: 458	Reserva Técnica - 2° pavimento
ESCULTURA RELIGIOSA (SANTANA MESTRA) Século XVIII / N°: 459	Reserva Técnica - 2° pavimento
ESCULTURA RELIGIOSA (SÃO SEBASTIÃO) Século XVIII-XIX / N°: 460	Reserva Técnica - 2° pavimento



Museu do Ouro
(2007)

ESCULTURA RELIGIOSA (SANTA BÁRBARA) Século XIX / N°: 463	Reserva Técnica - 2° pavimento
ESCULTURA RELIGIOSA (SÃO FRANCISCO DE PAULA) Século XVIII / N°: 465	Reserva Técnica - 2° pavimento
ESCULTURA RELIGIOSA (NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO) Século XVIII / N°: 467	Reserva Técnica - 2° pavimento
ESCULTURA RELIGIOSA (ANJO DA GUARDA) Século XIX-XX / N°: 468	Reserva Técnica - 2° pavimento
ESCULTURA RELIGIOSA (NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO) Século XVIII / N°: 469	Reserva Técnica - 2° pavimento
ESCULTURA RELIGIOSA Século XVIII (BOM PASTOR) / N°: 470	Reserva Técnica - 2° pavimento
ESCULTURA RELIGIOSA Século XVIII (CRUCIFIXO) / N°: 471	Sala de São Jorge (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA Século XVIII (CRUCIFIXO) / N°: 472	Sala (Quarto do Rico Minerador) - 2° pavimento
ORATÓRIO Século XVIII / N°: 473	Reserva Técnica - 2° pavimento
ORATÓRIO Século XVIII / N°: 474	Sala de São Jorge - 2° pavimento
CAIXA (ESMOLER) Século XVIII / N°: 475	Sala de São Jorge (2° pavimento)
ORATÓRIO Século XVIII / N°: 476	Sala (Quarto do Rico Minerador) - 2° pavimento
ESCULTURA RELIGIOSA (SÃO JOSÉ) Século XVIII / N°: 478	Reserva Técnica - 2° pavimento
RELEVO RELIGIOSO (MENINO JESUS) Século XVIII / N°: 480	Reserva Técnica - 2° pavimento
FRASCO DE VIDRO Século XVIII / N°: 481	Reserva Técnica - 2° pavimento
CÉDULA Século XIX / N°: 482	Reserva Técnica - 2° pavimento
CÉDULA Século XIX / N°: 483	Reserva Técnica - 2° pavimento
PINTURA MURAL Século XX / N°: 484	Sala das Batelas (1° pavimento)
BULE Século XIX / N°: 485	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
BULE Século XIX / N°: 486	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
LEITEIRA Século XIX / N°: 487	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
AÇUCAREIRO Século XIX / N°: 488	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
TIGELA DE PINGOS Século XIX / N°: 489	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
BULE Século XVIII -XIX / N°: 490	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
BULE (CHÁ) Século XVIII -XIX / N°: 491	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
LEITEIRA Século XVIII -XIX / N°: 492	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
AÇUCAREIRO Século XVIII -XIX / N°: 493	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
TIGELA DE PINGOS Século XVIII-XIX / N°: 494	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
COPO DE VIAGEM (TROPEIRO) Século XIX / N°: 495	Sala da Religião II - 2° pavimento
ESPORA Século XIX / N°: 496	Sala da Religião II - 2° pavimento
CASTIÇAL Século XIX / N°: 497	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
CASTIÇAL Século XVIII / N°: 498	Sala dos Quatro Continentes - 2° pavimento
RESPLENDOR Século XVIII / N°: 499	Reserva Técnica - 2° pavimento
RESPLENDOR Século XVIII / N°: 500	Reserva Técnica - 2° pavimento
FACA Século XIX / N°: 501	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
GOMIL Século XVIII / N°: 502	Sala dos Quatro Continentes (2° pavimento)
BACIA Século XVIII / N°: 503	Sala dos Quatro Continentes (2° pavimento)
COROA DO DIVINO Século XVIII -XIX / N°: 504	Sala da Religião II (2° pavimento)

Museu do Ouro
(2007)

COROA Século XVIII / N°: 505	Reserva Técnica (2° pavimento)
COROA Século XIX / N°: 506	Sala da Religião II (2° pavimento)
BRASÃO Século XVIII / N°: 507	Sala do Cofre (1° pavimento)
FIVELA Século XVIII / N°: 508	Sala do Cofre (1° pavimento)
TURBULO Século XVIII / N°: 509	Sala da Religião II (2° pavimento)
GOMIL Século XIX / N°: 510	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
BACIA Século XIX / N°: 511	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
VARA PROCESSIONAL Século XVIII / N°: 512	Sala da Religião II (2° pavimento)
COROA Século XVIII / N°: 516	Reserva Técnica (2° pavimento)
FRAGMENTO DE ESCULTURA RELIGIOSA (CRUCIFIXO) Século XVIII / N°: 518	Reserva Técnica - 2° pavimento
COMENDA (ORDEM DOS CAVALEIROS DO SANTO SEPULCRO) Século XIX / N°: 523	Sala d' armas - 1° pavimento
COMENDA (ORDEM DE CRISTO) Século XIX / N°: 524	Sala d' armas - 1° pavimento
COMENDA ÁRABE (MEIJID) Século XIX / N°: 525	Sala d' armas - 1° pavimento
SALVA Século XIX / N°: 526	Sala d' armas - 1° pavimento
RELICÁRIO (PINGENTE) Século XVIII / N°: 528	Sala d' armas - 1° pavimento
NAVETA Século XVIII / N°: 530	Sala da Religião II (2° pavimento)
NAVETA Século XVIII / N°: 531	Sala da Religião II (2° pavimento)
OSTENSÓRIO Século XVIII / N°: 532	Sala da Religião II (2° pavimento)
OSTENSÓRIO Século XVIII / N°: 533	Sala do Cofre (1° pavimento)
CAIXA DE SANTOS ÓLEOS Século XVIII / N°: 534	Sala da Religião II (2° pavimento)
CONJUNTO DE PESOS Século XVIII-XIX / N°: 535	Reserva Técnica (2° pavimento)
CONJUNTO DE PESOS Século XVIII / N°: 536	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
MOEDA COMEMORATIVA Século XX / N°: 537	Reserva Técnica (2° pavimento)
ABOTOADURAS Século XIX-XX / N°: 539	Sala d' armas - 1° pavimento
ABOTOADURAS Século XIX-XX / N°: 540	Sala d' armas - 1° pavimento
RESPLENDOR Século XVIII -XIX / N°: 544	Reserva Técnica (2° pavimento)
DIADEMA Século XVIII -XIX / N°: 545	Reserva Técnica (2° pavimento)
RESPLENDOR Século XVIII / N°: 546	Reserva Técnica (2° pavimento)
MOEDA Século XIX / N°: 547	Reserva Técnica (2° pavimento)
MOEDA Século XIX / N°: 548	Reserva Técnica (2° pavimento)
MOEDA Século XX / N°: 550	Reserva Técnica (2° pavimento)
MEDALHA DEVOCIONAL Século XIX / N°: 551	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESTRIBO Século XVIII -XIX / N°: 554	Sala (Quarto do Rico Minerador) - 2° pavimento
POMBA DO DIVINO Século XVIII -XIX / N°: 555	Reserva Técnica (2° pavimento)
ARCA Século XIX / N°: 556	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (SANTA BÁRBARA) Século XVIII / N°: 558	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (SÃO MANOEL) Século XVIII-XIX / N°: 559	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (SANTA MONJA) Século XVIII / N°: 560	Reserva Técnica (2° pavimento)



Muséu do Ouro
(2007)

RETÁBULO (FRAGMENTO) Século XVIII / N°: 562	Reserva Técnica (2° pavimento)
DECORAÇÃO DE PARAMENTO (FLOR) Século XVIII / N°: 564	Reserva Técnica (2° pavimento)
DECORAÇÃO DE PARAMENTO (FLOR) Século XVIII / N°: 565	Reserva Técnica (2° pavimento)
PARAMENTO (FRAGMENTO) Século XVIII - XIX / N°: 569	Reserva Técnica (2° pavimento)
COLCHA BORDADA Século XVIII / N°: 570	Reserva Técnica (2° pavimento)
PARAMENTO Século XVIII (FRAGMENTO) / N°: 572	Reserva Técnica (2° pavimento)
DESENHO (RETRATO) Século XX / N°: 574	Reserva Técnica (2° pavimento)
CAIXA PARA REMESSA DE BARRAS Século XIX (1830) / N°: 575	Sala dos Ingleses (1° pavimento)
COLCHA (FRAGMENTO) Século XVIII - XIX / N°: 578	Reserva Técnica (2° pavimento)
PARAMENTO Século XIX / N°: 579	Reserva Técnica (2° pavimento)
COLCHA Século XVIII / N°: 580	Reserva Técnica (2° pavimento)
CACHIMBO (fragmento) Século XVIII - XIX / N°: 584	Reserva Técnica (2° pavimento)
CACHIMBO Século XVIII - XIX / N°: 586	Reserva Técnica (2° pavimento)
CACHIMBO Século XVIII - XIX / N°: 587	Reserva Técnica (2° pavimento)
FORMA DE ADOBE Século XIX - XX / N°: 591	Reserva Técnica (2° pavimento)
CRAVELHAS Século XIX - XX / N°: 592	Reserva Técnica (2° pavimento)
PANELA (MINIATURA) Século XIX - XX / N°: 593	Reserva Técnica (2° pavimento)
TINTEIRO Século XVIII - XIX / N°: 594	Reserva Técnica (2° pavimento)
GRAVURA em metal Século XVIII / N°: 595	Reserva Técnica (2° pavimento)
FIVELA Século XVIII - XIX / N°: 597	Reserva Técnica (2° pavimento)
SUPORTE DE BATEIA Século XVIII - XIX / N°: 598	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (Nossa Senhora da Conceição) Século XVIII / N°: 599	Reserva Técnica (2° pavimento)
GALHETEIRO (fragmento) Século XVIII - XIX / N°: 600	Reserva Técnica (2° pavimento)
ABAFADOR (para velas) Século XIX / N°: 601	Reserva Técnica (2° pavimento)
MOLDE DE FLORES Século XVIII - XIX / N°: 602	Sala da Prensa (1° pavimento)
ESPADA (fragmento) Século XVIII / N°: 603	Sala da Prensa (1° pavimento)
CANDEIA Século XVIII / N°: 604	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESPADA Século XVIII - XIX / N°: 605	Sala da Prensa (1° pavimento)
TESOURA DE OURIVES Século XVIII - XIX / N°: 606	Reserva Técnica (2° pavimento)
FREIO Século XVIII - XIX / N°: 607	Reserva Técnica (2° pavimento)
ROSÁRIO Século XVIII / N°: 608	Reserva Técnica (2° pavimento)
CÔMODA Século XVIII - XIX / N°: 609	Salão Nobre (2° pavimento)
PESO Século XVIII / N°: 610	Reserva Técnica (2° pavimento)
VARA PROCESSIONAL (FRAGMENTO) Século XIX / N°: 612	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (BOI DE PRESÉPIO) / N°: 613 Século XIX - XX	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (Burro de presépio) Século XIX - XX / N°: 614	Reserva Técnica (2° pavimento)
FLAUTA E ESTOJO Século XIX / N°: 615	Reserva Técnica (2° pavimento)
CANDEIA Século XIX / N°: 616	Reserva Técnica (2° pavimento)



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 75 de 115



Museu do Ouro
(2007)

MOLDE DE OURIVES Século XVIII (1796) / N°: 617	Sala da Prensa (2º pavimento)
GARFO Século XIX / N°: 618	Sala das Porcelanas (2º pavimento)
MEDIDA PARA OURO Século XIX / N°: 620	Reserva Técnica (2º pavimento)
FECHADURA COM CHAVE Século XVIII / N°: 625	Reserva Técnica (2º pavimento)
BANDEIRA PROCESSIONAL Século XVIII / N°: 626	Reserva Técnica (2º pavimento)
BANDEIRA PROCESSIONAL Século XVIII / N°: 627	Reserva Técnica (2º pavimento)
RELICÁRIO Século XVIII / N°: 629	Reserva Técnica (2º pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (SANTA CECÍLIA) Século XIX / N°: 630	Reserva Técnica (2º pavimento)
GI ORO DE LUMINÁRIA Século XIX / N°: 631	Reserva Técnica (2º pavimento)
RELICÁRIO Século XVIII / N°: 633	Reserva Técnica (2º pavimento)
CHAVE SÉCULO XVIII - XIX / N°: 636	Reserva Técnica (2º pavimento)
TABUETA COM PINTURA (ARMAS CHRISTI) Século XIX / N°: 637	Reserva Técnica (2º pavimento)
PORCELANA (TAMPA DE TERRINA) Século XIX / N°: 639	Reserva Técnica (2º pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (SANTA CATARINA DE SIENA) Século XVIII / N°: 641	Sala de São Jorge (2º pavimento)
ESPIGARDA DE PEDERNEIRA Século XVIII / N°: 643	Sala da Recepção (1º pavimento)
CADEIRA DE PALHINHA Século XIX / N°: 645	Reserva Técnica (2º pavimento)
CADEIRA DE PALHINHA Século XIX / N°: 646	Reserva Técnica (2º pavimento)
CADEIRA DE PALHINHA Século XIX / N°: 647	Reserva Técnica (2º pavimento)
CADEIRA DE PALHINHA Século XIX / N°: 648	Reserva Técnica (2º pavimento)
CADEIRA DE PALHINHA Século XIX / N°: 649	Reserva Técnica (2º pavimento)
FRAGMENTO DE CONSTRUÇÃO (FRADE) Século XVIII / N°: 650	Corredor (2º pavimento)
BACIA DE PEDRA Século XVIII - XIX / N°: 651	Pátio externo (fundos)
MÃO DE PILÃO HIDRÁULICO / N°: 652 Século XIX	Pátio externo (fundos)
MÃO DE PILÃO HIDRÁULICO Século XIX / N°: 654	Pátio externo (fundos)
MÃO DE PILÃO HIDRÁULICO Século XIX / N°: 655	Pátio externo (fundos)
PESOS Século XVIII / N°: 657	Sala dos Ingleses (1º pavimento)
PESO (ESTOJO) Século XVIII / N°: 660	Sala dos Ingleses (1º pavimento)
BALANÇA SÉCULO XVIII - XIX / N°: 661	Sala dos Ingleses (1º pavimento)
PESOS Século XVIII - XIX / N°: 662	Sala dos Ingleses (1º pavimento)
PESOS Século XVIII - XIX / N°: 663	Sala dos Ingleses (1º pavimento)
COLHER Século XVIII / N°: 664	Sala dos Ingleses (1º pavimento)
PORTA MEDALHA Século XX / N°: 665	Reserva Técnica (2º pavimento)
ALMOFARIZ Século XVIII / N°: 666	Sala dos Ingleses (1º pavimento)
PIÇUÁ Século XVIII / N°: 667	Sala dos Ingleses (1º pavimento)
MÃO DE PILÃO Século XVIII / N°: 671	Sala das Bateias (1º pavimento)
MÃO DE PILÃO Século XVIII / N°: 674	Sala das Bateias (1º pavimento)
PINCE - NEZ Século XIX / N°: 677	Reserva Técnica (2º pavimento)



Museu do Ouro
(2007)

TAMBORETE SANITÁRIO Século XVIII / N°: 679	Sala (Quarto do Rico Minerador) - 2° pavimento
AMOSTRA MINERAL Século XIX / N°: 680	Reserva Técnica (2° pavimento)
CASTIÇAL (FRAGMENTO) Século XVIII / N°: 683	Reserva Técnica (2° pavimento)
MUNIÇÃO DE CHUMBO Século XIX / N°: 684	Reserva Técnica (2° pavimento)
CANDEEIRO Século XIX / N°: 685	Corredor (1° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA (SÃO MANUEL) Século XVIII / N°: 688	Sala de São Jorge (2° pavimento)
ESCULTURA RELIGIOSA Século XVIII (Nossa Senhora da Conceição) / N°: 689	Sala de São Jorge (2° pavimento)
CARIMBO (FRAGMENTO) Século XIX / N°: 690	Reserva Técnica (2° pavimento)
MÃO DE PILÃO Século XVIII / N°: 692	Sala das Bateias (1° pavimento)
LUMINÁRIA SÉCULO XIX / N°: 693	Reserva Técnica (2° pavimento)
LUMINÁRIA SÉCULO XIX / N°: 694	Reserva Técnica (2° pavimento)
MESA Século XVIII / N°: 695	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
MESA DE CAVALETE Século XVIII - XIX / N°: 696	Reserva Técnica (2° pavimento)
GRAVURA (FUNCIONÁRIOS DA MINA DE MORRO VELHO) Século XIX / N°: 697	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESTANTE SÉCULO XVIII / N°: 698	Sala de Conservação - 2° pavimento
ESCULTURA RELIGIOSA (MENINO JESUS) Século XVIII / N°: 699	Sala (Quarto do Rico Minerador) - 2° pavimento
MAPA DAS MINAS GERAIS Século XX / N°: 700	Sala do Diretor (2° pavimento)
ESPADA SÉCULO XVII - XVIII / N°: 701	Sala da Prensa (1° pavimento)
SABRE E BAINHA SÉCULO XVIII / N°: 702	Sala da Prensa (1° pavimento)
ESTRIBO SÉCULO XVIII - XIX / N°: 703	Reserva Técnica (2° pavimento)
MOCHO (FRAGMENTO) Século XVIII / N°: 706	Reserva Técnica (2° pavimento)
LITOGRAFIA (VISTA DE SÃO JOÃO DEL REI) Século XIX / N°: 707	Reserva Técnica (2° pavimento)
FIEIRA Século XIX / N°: 708	Reserva Técnica (2° pavimento)
CASTIÇAL Século XVIII / N°: 711	Reserva Técnica (2° pavimento)
CASTIÇAL Século XVIII / N°: 712	Reserva Técnica (2° pavimento)
CÁLICE Século XVIII / N°: 713	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESTRIBO Século XIX / N°: 715	Reserva Técnica (2° pavimento)
ESTRIBO Século XIX / N°: 716	Sala dos Quatro Continentes (2° pavimento)
PORCELANA (JARRO PARA BARBEAR) Século XVIII / N°: 718	Sala (Quarto do Rico Minerador) - 2° pavimento
RESPLENDOR Século XVIII / N°: 720	Reserva Técnica (2° pavimento)
PALMA Século XVIII / N°: 721	Salão Nobre (2° pavimento)
PEANHA Século XVIII - XIX / N°: 722	Reserva Técnica (2° pavimento)
CÊDULA Século XIX (1833) / N°: 723	Reserva Técnica (2° pavimento)
CASTIÇAL Século XVIII / N°: 726	Sala dos Quatro Continentes (2° pavimento)
COLHER Século XIX (1945) / N°: 727	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
GARFO Século XIX / N°: 728	Sala das Porcelanas (2° pavimento)
RELICÁRIO Século XVIII / N°: 729	Reserva Técnica (2° pavimento)
BULE DE CAFÉ Século XX / N°: 732	Reserva Técnica (2° pavimento)
BULE DE CHÁ Século XX / N°: 733	Reserva Técnica (2° pavimento)
AÇUCAREIRO Século XX / N°: 734	Reserva Técnica (2° pavimento)



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 77 de 335



Museu do Ouro
(2007)

BALANÇA Século XIX / N°: 736	Reserva Técnica (2° pavimento)
BUQUÊ DE FLORES Século XVIII - XIX / N°: 742	Sala do Cofre (1° pavimento)
CASTIÇAL Século XIX / N°: 743	Sala da Prensa (1° pavimento)
ESPORA Século XVIII / N°: 744	Reserva Técnica (2° pavimento)
MATRACA Século XIX / N°: 746	Reserva Técnica (2° pavimento)
CASTIÇAL Século XVIII / N°: 747	Reserva Técnica (2° pavimento)
GRAVURA (LAVAGEM DO DIAMANTE) Século XIX / N°: 748	Reserva Técnica (2° pavimento)
TINTEIRO Século XIX / N°: 749	Reserva Técnica (2° pavimento)



4. FICHAS DE INVENTÁRIO – EXERCÍCIO 2009

4.1 Cartografia

A seguir, o mapa de localização dos bens inventariados no presente exercício:

Bens Inventariados em 2008 (exercício 2009)

designação	categoria	acervo/localização
Acervo Religioso		
1. Igreja S. Antônio da Roça Grande	estrutura arquitetônica	Praça da Igreja, s/nº
2. Retábulo colateral direito	bem integrado	Igreja Santo Antônio da Roça Grande
3. Retábulo colateral esquerdo	bem integrado	Igreja Santo Antônio da Roça Grande
4. Balaustrada do Coro	bem integrado	Igreja Santo Antônio da Roça Grande
5. Imagem de Santo Antônio	bem móvel	Igreja Santo Antônio da Roça Grande
6. Imagem de São Sebastião	bem móvel	Igreja Santo Antônio da Roça Grande
7. Imagem de N. Sra. do Parto	bem móvel	Igreja Santo Antônio da Roça Grande
8. Pedra	bem móvel	Igreja Santo Antônio da Roça Grande
Acervo Civil		
9. Ruína Melo Viana	estrutura arquitetônica	R. Prof. Francisco Lopes de Azeredo, 63
10. Ruínas da Estação Ferroviária	estrutura arquitetônica	Praça Antônio Carlos, s/n, Centro
11. Casa do Engenheiro	estrutura arquitetônica	Praça Antônio Carlos, s/n, Centro
12. Residência	estrutura arquitetônica	Praça Antônio Carlos s/n, Centro.
13. Hospital Cristiano Machado	estrutura arquitetônica	Rua Santana, 600
14. Muro de pedra do Hospital C. M.	estrutura arquitetônica	Rua Santana, 600
15. Ruína da Estação Ferroviária de Roça Grande	estrutura arquitetônica	Rua Beira Linha, s/nº
16. Depósito Reis	estrutura arquitetônica	Rua V, 25
17. ASSEFEG	estrutura arquitetônica	Rua Santo Antônio, 326
18. Residência	estrutura arquitetônica	Rua Carvalho de Brito, 105
19. Centro de Vocação Tecnológico	estrutura arquitetônica	Rua Carvalho de Brito, 3001
20. Edificação comercial (Bar)	estrutura arquitetônica	Praça José Cordeiro Sobrinho, 10
21. Residência do Chefe da Estação Ferroviária, Carvalho de Brito	estrutura arquitetônica	Rua São José, s/nº, Carvalho de Brito
22. Núcleo Histórico da Antiga Fábrica de Marzagão	núcleo histórico	Marzagão, Carvalho de Brito
23. Cruzeiro	bem integrado	Rua Itagi s/nº - Bairro Rosário III
24. Retábulo Santíssimo Sacramento	bem integrado	Santa Casa de Misericórdia de Sabará
25. Cancela	bem integrado	Prefeitura Municipal de Sabará
26. Porta	bem integrado	Prefeitura Municipal de Sabará
27. Mata-borrão	bem móvel	Acervo Fundação Belgo-Arceior Brasil
28. Quadros de Franta Reyl (4)	bem móvel	Acervo Fundação Belgo-Arcelor Brasil



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL



Página 79 de 335

29. Quadros de Carlos Bracher (4)	bem móvel	Acervo Fundação Belgo-Arcelor Brasil
30. Vasos de Yara Tupynambá	bem móvel	Acervo Fundação Belgo-Arcelor Brasil
31. Tenaz	bem móvel	Acervo Fundação Belgo-Arcelor Brasil
32. Banco	bem móvel	Teatro Municipal de Sabará
33. Arcaz	bem móvel	Santa Casa de Misericórdia de Sabará
34. Cadeira de canto	bem móvel	Santa Casa de Misericórdia de Sabará
35. Mesa	bem móvel	Santa Casa de Misericórdia de Sabará
36. Dois relógios de pêndulo	bem móvel	Santa Casa de Misericórdia de Sabará
37. Quadro do Capitão Antônio de Abreu Guimarães	bem móvel	Santa Casa de Misericórdia de Sabará
38. Quadro do Padre Mestre Mariano de Souza Silvino	bem móvel	Santa Casa de Misericórdia de Sabará
39. Quadro de Theotônio Rodrigues Dourado	bem móvel	Santa Casa de Misericórdia de Sabará
40. Quadro do Irmão Reverendo Antônio José Vianna	bem móvel	Santa Casa de Misericórdia de Sabará
41. Bandeira da Irmandade da Misericórdia	bem móvel	Santa Casa de Misericórdia de Sabará
42. Imagem de Sant'Ana	bem móvel	Museu do Ouro

Arquivo

43. Acervo Documental	arquivo	Acervo Fundação Belgo-Arcelor Brasil
-----------------------	---------	--------------------------------------

Patrimônio Imaterial

44. Festa de Santo Antônio	patrimônio imaterial	Santo Antônio da Roça Grande
----------------------------	----------------------	------------------------------

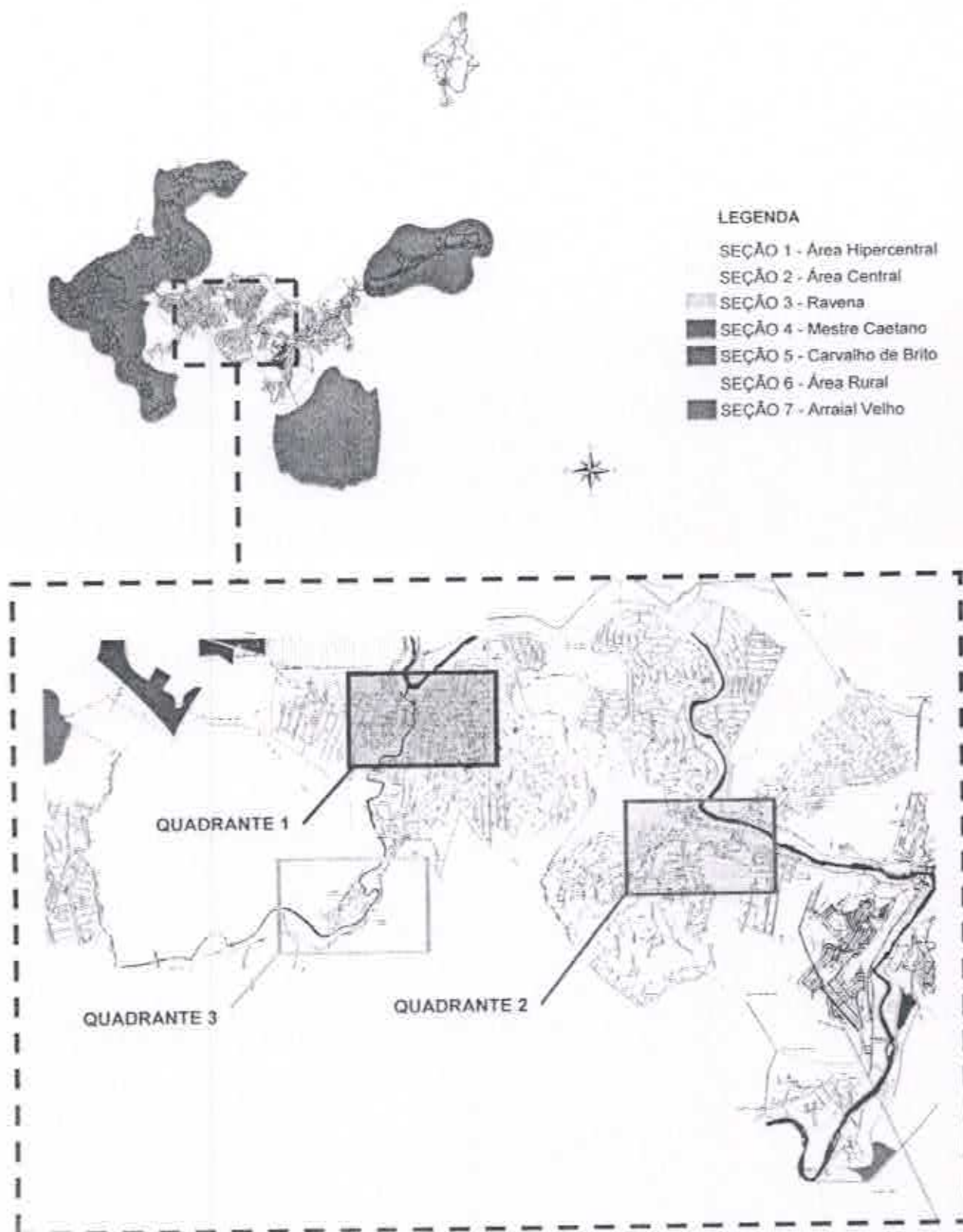


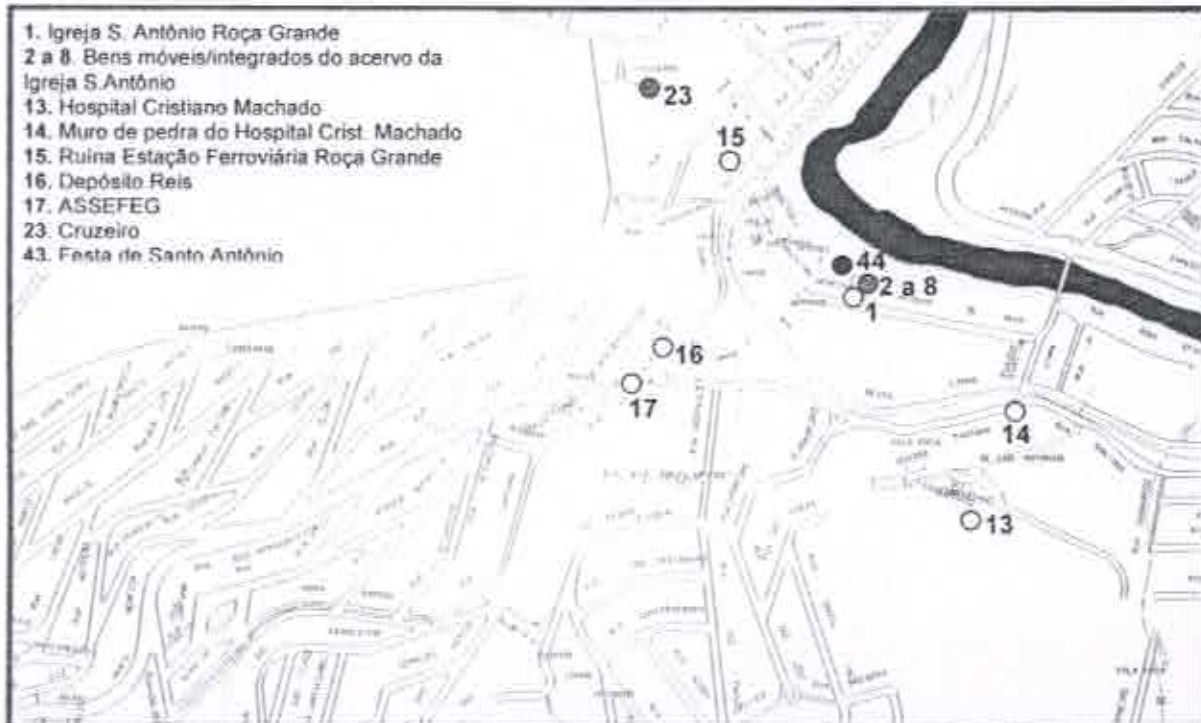
Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 80 de 335



O município de Sabará dividido em seções.
Mapa esquemático, sem escala.
Elaboração: Viviane Corrado, fev. 2008
Fonte cadastral: Prefeitura Municipal de Sabará



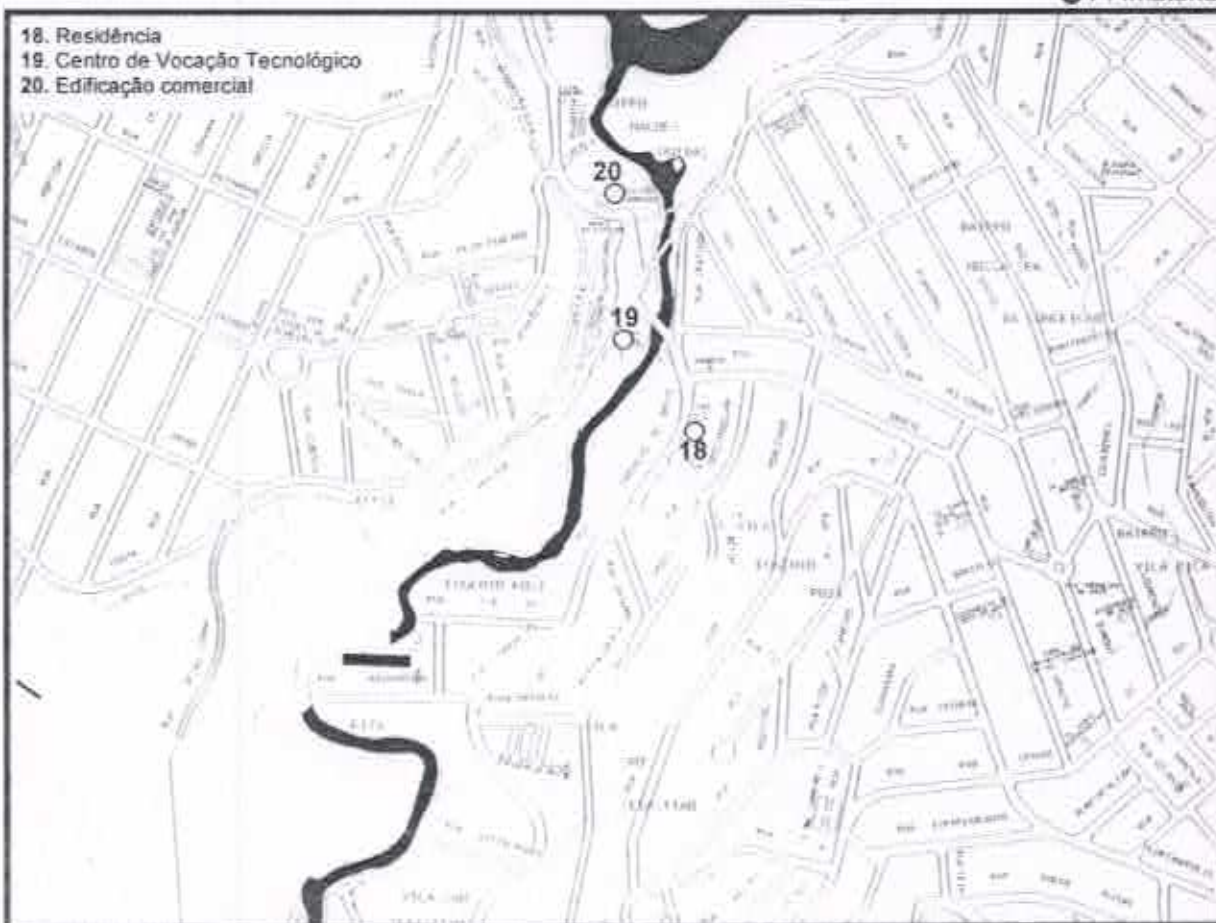


- 1. Igreja S. Antônio Roça Grande
- 2 a 8. Bens móveis/integrados do acervo da Igreja S. Antônio
- 13. Hospital Cristiano Machado
- 14. Muro de pedra do Hospital Crist. Machado
- 15. Ruína Estação Ferroviária Roça Grande
- 16. Depósito Reis
- 17. ASSEFEG
- 23. Cruzeiro
- 43. Festa de Santo Antônio

Quadrante 1 – Roça Grande
sem escala

Elaboração: Daniele Gomes Ferreira, set.2007 / Fonte da base cadastral: Prefeitura Municipal de Sabará

- Bem imóvel
- Bem móvel/Int.
- P. Imaterial



- 18. Residência
- 19. Centro de Vocação Tecnológico
- 20. Edificação comercial

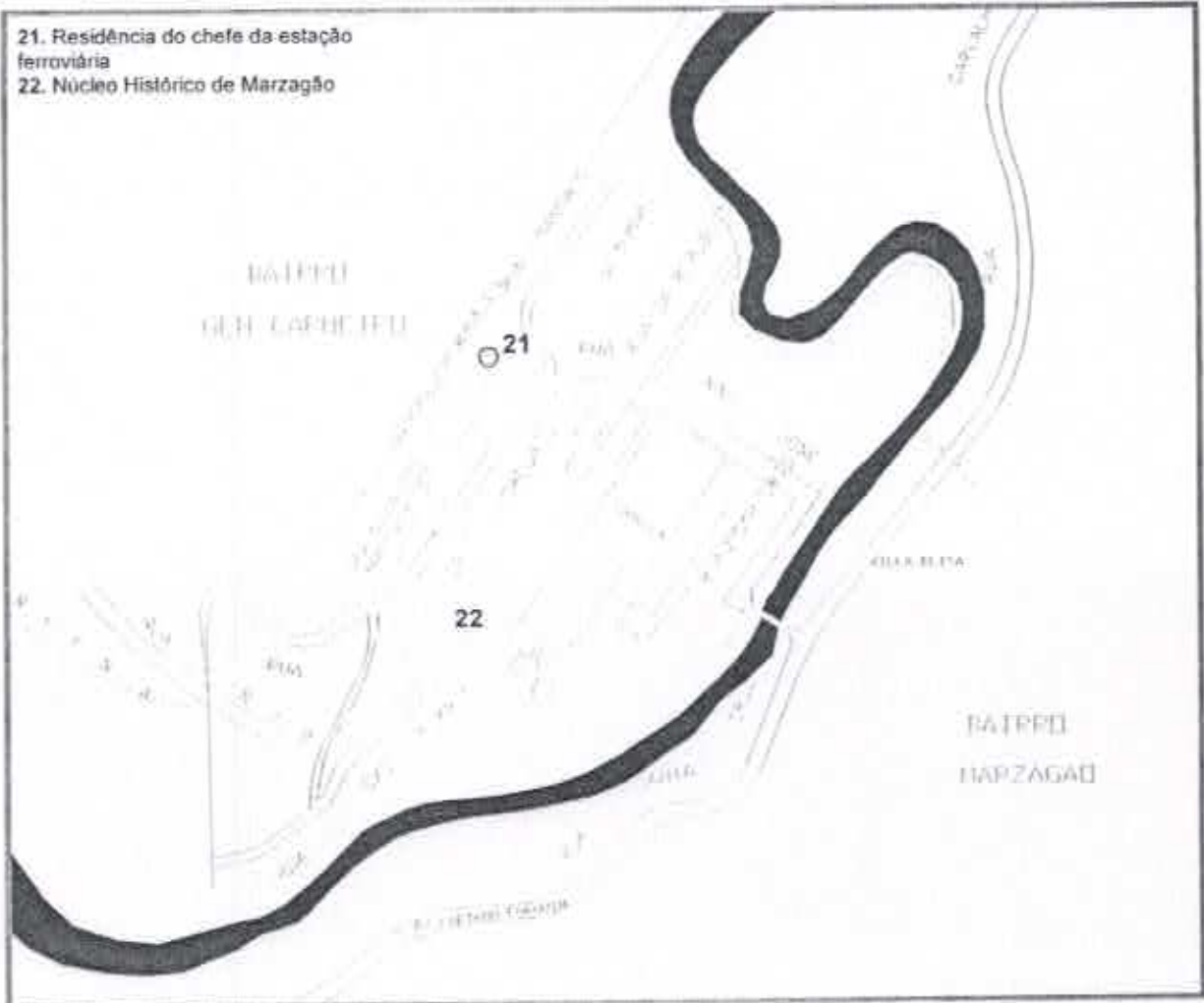
Quadrante 2 – General Carneiro
sem escala

Elaboração: Daniele Gomes Ferreira, set.2007 / Fonte da base cadastral: Prefeitura Municipal de Sabará

- Bem imóvel



21. Residência do chefe da estação
ferroviária
22. Núcleo Histórico de Marzagão



Quadrante 3 – General Carneiro/Marzagão
sem escala

Elaboração: Daniele Gomes Ferreira, set.2007 / Fonte da base cadastral: Prefeitura Municipal de Sabará

○ Bem imóvel
□ Núcleo Histórico

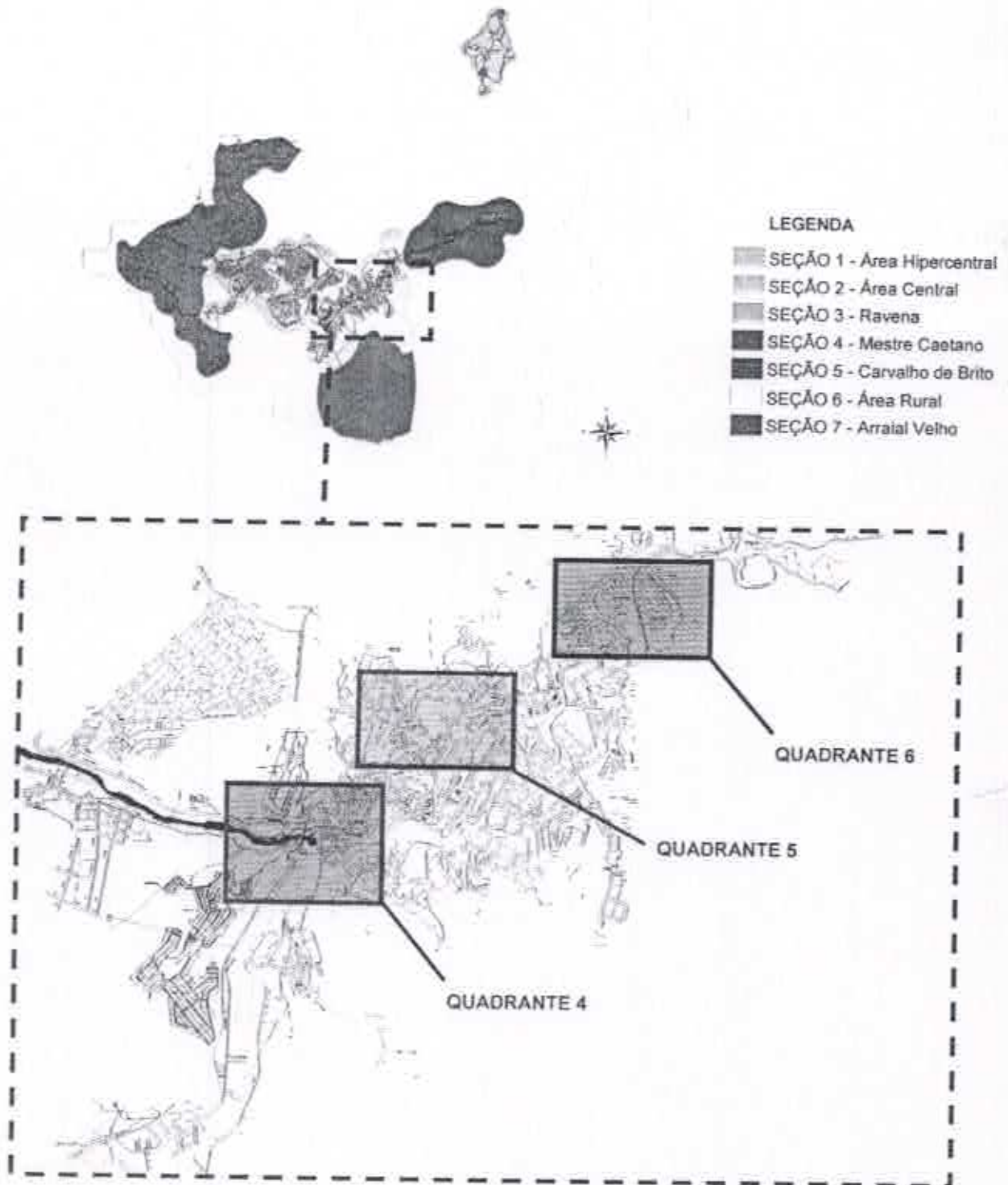


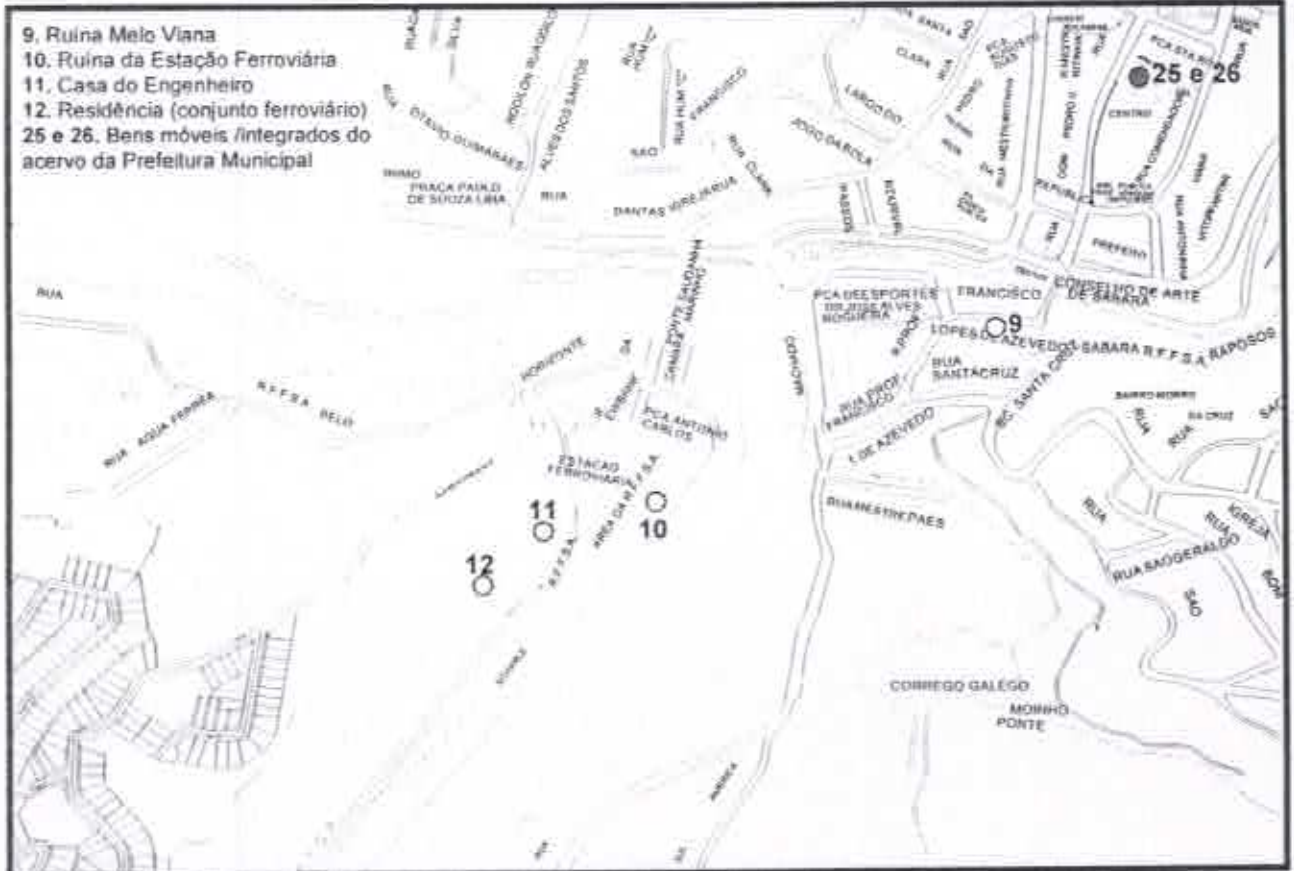
Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 83 de 335



O município de Sabará dividido em seções.
Mapa esquemático, sem escala.
Elaboração: Viviane Corrado, fev.2008
Fonte cadastral: Prefeitura Municipal de Sabará



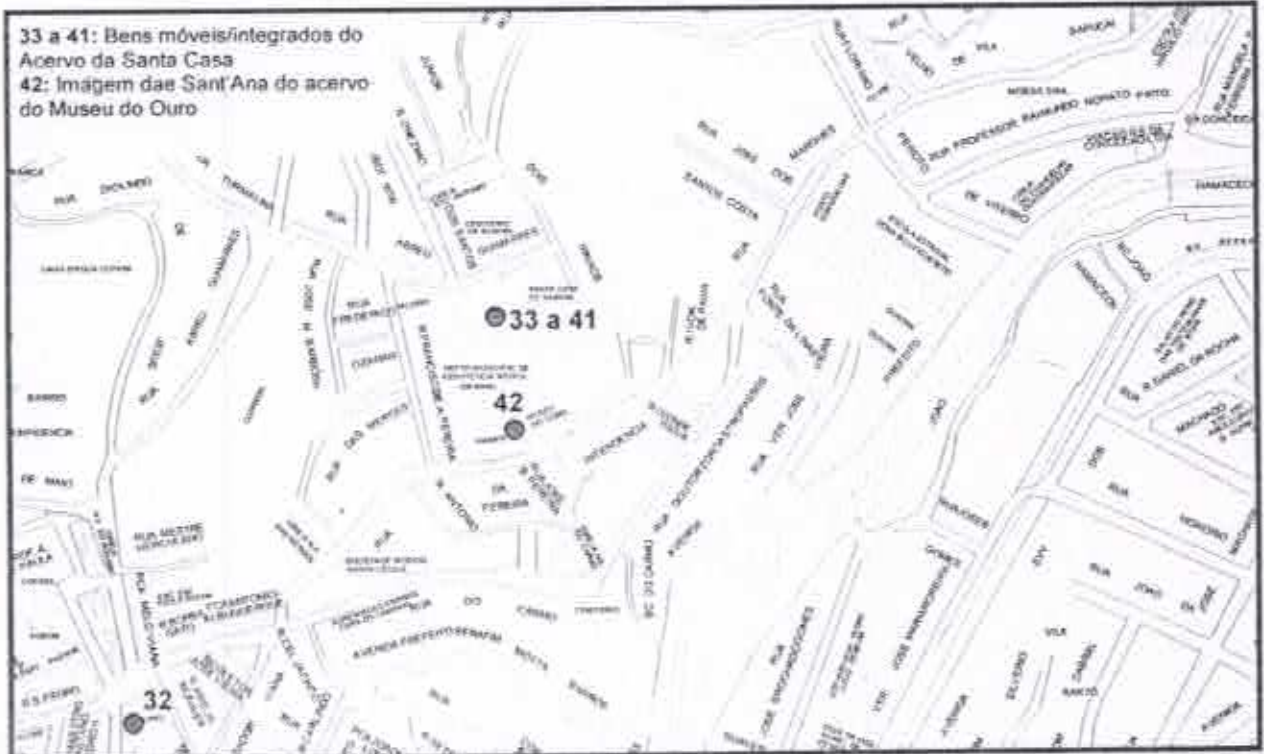


Quadrante 4 - Centro

sem escala

Elaboração: Daniele Gomes Ferreira, set 2007 / Fonte da base cadastral: Prefeitura Municipal de Sabará

- Bem imóvel
- Bem Móvel / Integrado



Quadrante 5 - Centro

sem escala

Elaboração: Daniele Gomes Ferreira, set 2007 / Fonte da base cadastral: Prefeitura Municipal de Sabará

- Bem Móvel / Integrado



4.2 Fichas: acervo religioso

estrutura arquitetônica: ficha 1

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. DESIGNAÇÃO:
Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande

4. ENDEREÇO:
Praça da Igreja, s/nº

5. PROPRIEDADE / SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE:
Arquidiocese de Belo Horizonte – Pe. José Cláudio Dias
Propriedade eclesiástica

6. RESPONSÁVEL:
Pe. José Cláudio Dias

7. SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO:
Própria

8. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:



Vista da fachada frontal; seguida da vista geral (acima à direita);
vista do jardim e vista do volume que dá apoio à igreja
Fotos: Gabriela Tassara - maio/07



9. ANÁLISE DE ENTORNO – SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA:

A Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande foi erguida na Rua Santo Antônio, em um terreno ligeiramente inclinado, com vias de acesso pouco íngremes, onde a edificação se encontra em um ponto destacado com relação a seu entorno. O tráfego de pedestres e de veículos no entorno é moderado. As ruas são estreitas e asfaltadas. Os passeios, quando existentes, têm pequenas dimensões e são cimentados. As vias e calçadas encontram-se bem conservadas. A arborização pública é escassa e a vegetação presente é proveniente da mata natural do entorno e da própria edificação.

A maioria das construções adjacentes ao templo religioso apresenta características contemporâneas. De forma geral, edificações alinhadas à rua caracterizam as implantações, sendo os terrenos majoritariamente largos. O uso comercial é predominante. Os prédios, marcados pela simplicidade da arquitetura e pela volumetria térrea, revelam as condições econômicas da população local, em grande parte de baixa renda. Sinais de vandalismo nas fachadas reforçam a degradação de alguns exemplares arquitetônicos do entorno da igreja. Não se observa nenhuma edificação de importância histórica. Na rua de acesso à igreja há uma praça com um marco que contém inscrição com a data de fundação do povoado e que serve também como rotatória.

Como pontos de referência no entorno do prédio podem-se citar a ruína da estação ferroviária de Roça Grande, localizada aos fundos da edificação, e o Rio das Velhas, cujo leito pode ser avistado do afastamento lateral esquerdo da igreja. As edificações atualmente de uso comercial, parecem ter sido residenciais, indicando que já houve uma substituição de usos. Não se observa tendência ao adensamento e não há presença de lotes vagos. O distrito dispõe de infra-estrutura básica como água, esgoto, luz elétrica e coleta de lixo.

10. HISTÓRICO:

No final do século XVII, diversos homens se embrenharam pelo interior da América Portuguesa com o intuito de desbravar o território, escravizar indígenas e explorar minerais e pedras preciosas. Essas expedições, também conhecidas como bandeiras, alcançaram o atual território de Minas Gerais na segunda metade desse século. Subindo o curso do Rio das Velhas e do São Francisco, acabaram por encontrar ouro e pedras preciosas, dando início à ocupação populacional na região.

Mas não só do interesse econômico se valeram os homens que conquistaram e ocuparam a região central da capitania de Minas. A fé os movia a agir e suplantam os percalços e as dificuldades infinitas em busca da riqueza e do prestígio, no caso dos homens brancos, e o trabalho duro e forçado no caso da população negra e indígena escravizada.

Era prática corrente nesse período, ao se escolher uma área para fixar um acampamento permanente – o que viria originar muitos núcleos populacionais – se atribuir a invocação a algum santo para a proteção da localidade. Geralmente, o santo escolhido era o mesmo de devoção do chefe da bandeira, que sempre levava consigo uma imagem. Para abrigar a mesma imagem eram construídas pequenas capelas para onde também se convergiram as práticas religiosas, quando o processo de fixação populacional já estava em desenvolvimento.

Esse curso, comum a muitas localidades, parece ter sido o mesmo que ocorreu em Roça Grande. A localidade, uma das primeiras a ser efetivamente ocupada futura da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabuçu (instalada em 1711), teve como seu santo protetor o mais popular entre os portugueses: Santo Antônio. É provável que a capela que abrigou a imagem primitiva do santo tenha sido erguida na mesma época da chegada das primeiras bandeiras. Pelos indícios das tradições orais, o local onde surgiu a capela primitiva é o mesmo onde hoje se situa o santuário antigo de Santo Antônio.

Quando a ermida estava prestes a se ruir, os moradores do lugar se reuniram para decidirem sobre a reforma da Igreja. Em 1915, resolveram jogá-la ao chão e construir outra. Da capela primitiva só se aproveitaram os retábulos colaterais, de origem barroca, que até hoje podem ser apreciados na igreja atual. Tudo o que ela tinha de valor foi vendido a fim de apurar dinheiro para a construção da nova Igreja e dizem que a primeira capela se assemelhava a que existe até hoje em Santo Antônio do Pompéu³³.

À beira das curvas do Rio das Velhas, o local escolhido para se levantar a igreja tornou-se ponto de irradiação da ocupação da localidade, ainda mesmo no século XVIII. Além disso, a Igreja também se firmou como ponto de referência aos navegadores que subiam e desciam o rio, que era uma das vias de acesso à região, ao lado da Estrada Real e também da ferrovia, já no século XX. Durante bom tempo, o rio das Velhas foi assiduamente navegado, uma prática que só nas últimas décadas foi revogada.

³³ <http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>, Acessado em 15/10/2007.



Quanto à igreja de Santo Antônio, essa sempre foi o palco principal de ocorrência e manifestação das festividades dedicadas ao padroeiro. Até hoje, aos olhos da comunidade, o bem é a mais atrativa construção do lugar, em que se converge a tradição e a história local, amparada pela religiosidade católica. Com a construção de um novo prédio para abrigar as missas durante os eventos festivos anuais do mês de junho – mês de celebração de Santo Antônio – a igreja original, reserva para si o título de santuário velho.

As formas contemporâneas da construção nos dão uma falsa idéia dela ser recente. No entanto, como já dito, em diversas ocasiões o templo, datado de 1915, foi sendo acrescido de novas partes. Na década de 1940, foi construída a torre frontal que abriga o sino. Na parte interna da igreja existem várias relíquias que tratam da devoção a Santo Antônio. A pedra, onde se conta que a imagem apareceu, está localizada ao fundo do altar principal. Além disso, há ainda a balaustrada em madeira datada do século XIX e os altares laterais, ornados em ouro, que se referem ao século XVIII. Há ainda no interior do templo dois retábulos datados do período barroco e outras imagens de santos católicos, datados de épocas diferentes e construídos com diversos materiais, fazendo parte do acervo do santuário contribuindo para a riqueza do local, que vai para além das suas formas arquitetônicas.

Externamente à construção principal, ainda encontra-se parte do muro de pedra que cercava o cemitério que já existiu no local. Várias pessoas da comunidade foram ali enterradas. Porém, curiosamente, na década de 1990, o poder público manifestou o desejo de anular o uso original da área, por justificativas de saúde pública, e o local foi ajardinado e as covas e lápides removidas. As ossadas foram transferidas para um ossuário em Sabará. O único indício material da existência do antigo cemitério, para além da memória dos moradores mais antigos, é o muro de pedra.

Para comportar o grande número de fiéis que afluem para Roça Grande no período das festividades dedicadas a Santo Antônio, em 1987, deu-se início a construção de um novo santuário, no terreno da antiga capela. Ao lado direito à igreja existe um anexo, construído nos anos 90 e que ainda não foi terminado. Defronte à construção, há um prédio de dois pavimentos, onde funciona a administração da paróquia e também outro importante cômodo: a sala dos milagres. Nesse último local estão reunidas todas as peças deixadas pelos fiéis, em homenagem ao santo por agradecimento aos milagres alcançados, a partir da fé dispensada ao padroeiro do lugar, imensamente cultuado e devotado.

11. USO ATUAL:

Culto Religioso

12. DESCRIÇÃO:

A Igreja de Santo Antônio está implantada em terreno praticamente plano com suave declive em direção à lateral esquerda e, apesar de estar localizada no nível da rua, apresenta-se destacada em relação às suas imediações. O entorno da igreja corresponde a um largo, com vegetação rasteira, arbustos espaçados e algumas árvores conformando um jardim interno, que é contornado por um muro de pedras secas no afastamento lateral esquerdo. Há uma edificação à frente, no mesmo terreno, onde existem salas para o uso paroquial, uma sala de milagres e uma loja de souvenirs. O acesso principal ao terreno é feito através de um portão localizado paralelo e no mesmo nível da Rua Santo Antônio. A entrada no templo se dá através de outro portão perpendicular à rua e paralelo à fachada principal, que delimita seu adro através de mureta e gradil.

A igreja é composta por três volumes retangulares. O volume mais alto corresponde à torre sineira, seguido da nave central. O outro volume, mais baixo e que se prolonga pela lateral direita até os fundos do lote, corresponde à capela do santíssimo. No lado oposto, há outro volume da mesma altura que abriga apoios à nave como veleiro, banheiros e sacristia.

A fachada principal possui eixo de simetria passando pela porta de entrada do templo. A porta com verga em arco pleno localiza-se no centro da fachada e possui duas folhas de abrir com enquadramento, esquadria e vedação em madeira. A igreja possui um pequeno átrio anterior à porta da nave e o acesso a ele é feito através de um portal em arco ogival, com enquadramento em argamassa e sem vedação. A fachada frontal apresenta, além da torre central, dois volumes laterais com coroamento em frontão que se localizam em um plano recuado com relação à torre.

As aberturas localizadas no volume em formato quadrado da torre sineira, possuem vergas em arco pleno e são fechadas apenas por uma tela metálica. A abertura inferior é encontrada nos três lados da torre e a superior, onde se localiza o sino, está presente nos quatro lados. Os vãos dispostos no plano recuado da fachada principal possuem enquadramento em argamassa, esquadrias em madeira e vedação em vidro, além de serem protegidas por tela metálica.



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 89 de 335



O coroamento da torre é feito pela cruz e, além disso, há um guarda-corpo metálico sobre o beiral. Os cunhais são destacados e apresentam cor diferenciada do restante da igreja.

O telhado é composto por duas águas no volume que corresponde à nave com manto de telhas coloniais e cumeeira paralela à rua de acesso. Os volumes laterais, mais baixos e conjugados à nave central, possuem telhado com apenas uma água, telhas francesas e acabamento em beiral simples.

A Igreja de Santo Antônio da Roça Grande, apresenta altar-mor discreto, acima do nível da nave com acesso por dois degraus. Na nave há dois retábulos: um remanescente da primeira capela de Roça Grande, localizado no lado do evangelho e outro, do lado epístola, mais recente. Os pilares são de concreto e alguns possuem capitéis dóricos e cor destacada do interior da igreja. O coro, com piso em ardósia, tem guarda-corpo em balaustrada de madeira. O forro é de madeira e acompanha a inclinação do telhado na nave e na capela do santíssimo. No veleiro o forro é composto por laje. O piso da nave principal é em ardósia. Os bancos de madeira são simples e estão organizados em duas fileiras paralelas. A capela do santíssimo está localizada do lado do evangelho. O veleiro, sacristia e banheiros localizam-se do lado da epístola. Não há uma caracterização estilística específica para a edificação, visto que esta apresenta elementos que remetem a vários estilos arquitetônicos.

13. PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:

Nenhuma

14. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Inventário

15. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Bom

16. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A edificação apresenta aspectos de degradação que podem ser verificados principalmente pelo descolamento do acabamento e manchas de umidade nas paredes externas.

17. FATORES DE DEGRADAÇÃO:

Os principais fatores de degradação são: a ação de intempéries, o desgaste natural dos materiais e a falta de manutenção periódica dos elementos. Internamente apresenta-se bem conservada.

18. MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO:

- A edificação deve ser submetida à manutenção e vistoria constantes para impedir que os problemas já identificados possam se agravar posteriormente, afetando a integridade da construção;
- Revitalizar a pintura externa e interna, repondo pontos desgastados e com partes do reboco descoladas;
- Inspeccionar periodicamente as calhas e condutores, principalmente em período anterior às chuvas;
- Eliminar manchas de umidade e infiltrações presentes nas fachadas;
- Não substituir qualquer elemento de composição e/ou estrutural sem antes a avaliação de um técnico especializado.

19. INTERVENÇÕES:

A igreja sofreu algumas intervenções. Originalmente não possuía a torre central, que foi construída no final dos anos trinta do século XX, e o adro lateral que era um cemitério até quatro anos atrás, foi transformado em jardim. Recentemente foi pintada externamente.

20. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRÁFICAS:

- ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ARAÚJO, Waldemar. *A Roça conta um conto*. Sabará, 2005.
- ÁVILA, Afonso. *Igrejas e capelas de Sabará*. In: Barroco n.º 08, Belo Horizonte: UFMG, 1976.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro Record, 2000, 41ª ed.
- INVENTÁRIO das Festas Religiosas dos Distritos de Ouro Preto. Belo Horizonte: Memória Arquitetura, Petrobrás Cultural, 2007.
- INVENTÁRIO dos bens móveis do Santuário de Santo Antônio e Roça Grande. Belo Horizonte: IPHAN, 1988.



TRINDADE, Raimundo. Cônego. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: MÊS/SPHAN, 1945.

VALADARES, Virginia M. Trindade; REIS, Liana M. *Minas colonial em documentos: economia, governo e poder*. Belo Horizonte: Expressão, 1999.

ENTREVISTAS:

Luiz Cláudio, Padre. Entrevista. Sabará, Roça Grande: 30/05/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.

Wagner Cardoso Mendes Dias. Sabará, Roça Grande: 30/05/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.

SITES PESQUISADOS:

http://www.escriitoridehistorias.com.br/comunidade_rocagrande.htm. Acessado em 15/10 /2007 e 20/12/2007.

<http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>. Acessado em 15/10/2007, 20/12/2007.

21. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

22. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Daniele Gomes (arquiteta), Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: mai e jun 2007

Elaboração: Daniele Gomes (arquiteta), Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador) / Data: jun e jul 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Bens móveis e integrados: ficha 2

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Roça Grande

3. ACERVO:
Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande

4. DESIGNAÇÃO:
Retábulo colateral direito

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada e Eclesiástica: Arquidiocese de Belo Horizonte

6. ENDEREÇO:
Praça da Igreja, s/n, Roça Grande – Sabará/MG

7. RESPONSÁVEL:
Padre José Cláudio Dias
Av. Dr. Henrique de Melo, 300, Roça Grande – Sabará/MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Lado da Epístola

9. ESPÉCIE:
Bem Integrado

10. ÉPOCA:
Início do século XIX

11. AUTORIA:
Desconhecida

12. ORIGEM:
Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:
Capela primitiva de Santo Antônio de Roça Grande

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Madeira / Recorte, escultura, policromia e douramento

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não tem.

16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Retábulo colateral direito da Igreja Santuário de Santo Antônio de
Roça Grande, Sabará/MG.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



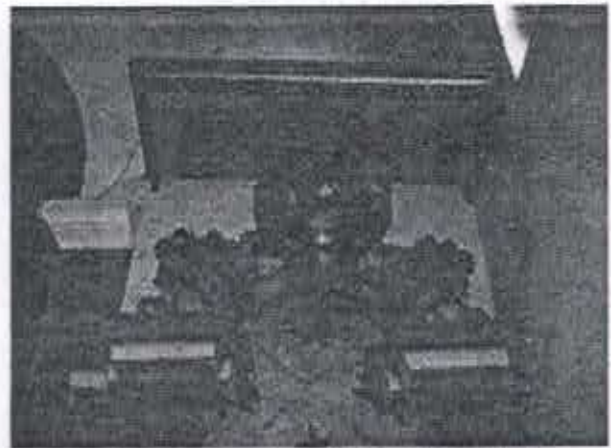
Retábulo colateral direito da Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande, Sabará/MG.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Retábulo colateral direito. Vista lateral.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Detalhe da base do retábulo colateral direito.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Detalhe do coroamento do retábulo colateral direito.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008

17. DESCRIÇÃO:

A composição do retábulo colateral direito é dada por um nicho central, reentrante, que corresponde ao camarim do Sagrado Coração de Jesus. Apresenta banqueta trifacetada, com fundo pintado de branco, moldura em ocre e ao centro uma tarja multicolorida e vazia. O registro inferior é composto por dois pares de mísulas pintadas de branco com extremidades magenta.

Os elementos de sustentação configuram-se em dois pares de colunas torsas marmorizadas em rosa e capitéis compósitos dourados. O camarim é liso, com fundo pintado em branco, marcações em losango e arranjos de rosas.

O entablamento arremata-se em cimalha escalonada, com ressaltos decorados por frisos lisos, pintados em branco, vermelho e ocre. O coroamento é composto por arco pleno, formado por coluna marmorizada decorada com talha de elementos fitomorfos, tendo ao centro tarja cordiforme vazia envolta por folhas de acanto. Acima do coroamento, aparece um baldaquino retangular liso e reto, com extremidade franjada com elementos fitomorfos, pintados de ocre.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A localização do retábulo, no lado direito da nave, permite o acesso ao público de forma restrita, o que minimiza os riscos de dano à peça.



19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:
Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 330 cm
Largura: 150 cm
Profundidade: 60 cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Bom, necessitando de higienização e pequenos reparos.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça apresenta pequenas rachaduras, perfuração por pregos, desgaste da madeira e da policromia, descolamento da talha e sujidades generalizadas.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

Em 1821, cerca de um século após a sua construção, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Mais tarde, segundo Zoroastro Vianna¹⁴, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o adro foi ajardinado e deixou de desempenhar o papel de cemitério, o piso e o forro foram trocados, e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

Não foram encontrados registros de intervenções oficiais realizadas na peça. Porém, o retábulo apresenta repintura total realizada recentemente.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Peça em madeira recortada, ensamblada e pregada, composta por várias partes. Apresenta douramento e policromia nas cores branco, ocre, vermelho, verde, magenta, rosa, amarelo e azul.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Retábulo datado da primeira metade do século XIX, apresentando estrutura e decoração simplificada, com cores claras e alegres, própria do período. Destaca-se o coroamento trabalhado, com uso de elementos fitomorfos.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

O retábulo pode ser considerado uma derivação do altar afixada à parede da igreja, sendo composto por mesa de altar, nicho para a imagem de santos – no caso, Sagrado Coração de Jesus – e ornamentos diversificados, tais como colunas torsas, tarjas, elementos fitomorfos e cordiformes.

O altar se apresenta como símbolo da catalisação do sagrado. É para ele que convergem todos os gestos litúrgicos; é onde o sagrado se condensa com maior intensidade.

27. DADOS HISTÓRICOS:

O antigo Arraial de Santo Antônio do Bom Retiro da Roça Grande foi um dos primeiros núcleos de mineração e povoamento da região do rio das Velhas circunvizinha a Sabará. A freguesia foi instituída em 1707 e, já em 1724, foi elevada à categoria de colativa, com patrimônio doado pelo bandeirante Manuel de Borba Gato, o que para época significava um avanço e o reconhecimento da instituição eclesiástica da importância da localidade. No entanto, como força dos novos tempos, em 1779, a sede da freguesia foi transferida para Santa Luzia, à época considerada mais estratégica que Roça Grande. A capela de Santo Antônio passou à condição de capela filial a Santa Luzia. O feito é um indicio do grau de decadência por que passou a localidade na segunda metade do século XVIII, quando o ouro já era escasso e quando houve

¹⁴ PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.



uma debanda geral da população que havia se instalado em suas paragens lhe conferindo, nas suas primeiras décadas de existência, status e relevância no contexto da exploração aurífera em larga escala pelos primeiros bandeirantes.

Durante o processo de ocupação do interior da América Portuguesa, com a entrada das bandeiras em busca de metais e pedras preciosas, os homens que as compunham não se desgarravam de sua fé. Mesmo com todas as atrocidades que podem ser lembradas durante o processo, a religiosidade era um componente importante nesse contexto em meio às outras diversas práticas e atividades exercidas.

Era prática corrente nesse período, ao se escolher uma área para fixar um acampamento permanente – o que viria originar muitos núcleos populacionais – se atribuir a invocação a algum santo para a proteção da localidade. Geralmente, o santo escolhido era o mesmo de devoção do chefe da bandeira, que sempre levava consigo uma imagem. Para abrigar a mesma imagem eram construídas pequenas capelas para onde também se convergiram as práticas religiosas, quando o processo de ocupação populacional já estava em desenvolvimento.

Esse curso, comum a muitas localidades, parece ter sido o mesmo que ocorreu em Santo Antônio de Roça Grande. A localidade, a primeira a ser efetivamente ocupada da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabuçu, teve como seu santo protetor o mais popular entre os portugueses.

Presume-se que a edificação da capela primitiva se deu por volta da década de 1720. À beira das curvas do Rio das Velhas, o local escolhido para se levantar a igreja tornou-se ponto de irradiação da ocupação da localidade no século XVIII. Além disso a igreja também se firmou como ponto de referência aos navegadores que subiam e desciam o rio, que era uma das principais vias para se chegar à região.

Em 1821, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Segundo Zoroastro Vianna⁸, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Atualmente, funciona neste anexo um consultório odontológico. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Nesse local estão reunidas todas as peças deixadas pelos fiéis, em homenagem ao santo por agradecimento a milagres alcançados, a partir da fé e da devoção dispensadas ao padroeiro de Roça Grande. Atualmente, além da sala dos milagres, a administração da paróquia também se encontra locada nesta edificação.

Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o cemitério que funcionava no adro da igreja foi removido pela Prefeitura Municipal de Sabará e a área foi ajardinada, o piso e o forro foram trocados; e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

O retábulo colateral direito foi confeccionado no início do século XIX, devido às suas características estilísticas. Suas características são simplificadas, apesar de ostentar colunas torsas e o coroamento em talha bem elaborada. Segundo Affonso Ávila, o retábulo fazia parte do acervo da capela primitiva, persistindo até os dias atuais devido à sua beleza ornamental.

Não foram encontrados registros de intervenções oficiais realizadas na peça, apesar de o retábulo apresentar repintura total.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BIBLIOGRÁFICAS:

- ÁVILA, Affonso. Igrejas e Capelas de Sabará. Belo Horizonte, *Revista Barroca*, nº 8, 1976.
CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain et al. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 9 ed, rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.
PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2.

ENTREVISTAS:

- Diva Malta Pereira, zeladora da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

⁸ PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 95 de 335



Evandro Costa, artesão e morador de Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

Fabiano Dias, secretário paroquial da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (hist.), Viviane Corrado (arq.), Reginaldo Barcelo (prefeitura) / Data: dez 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jan 2008

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 96 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 3

1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Roça Grande

3. ACERVO:

Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande

4. DESIGNAÇÃO:

Retábulo colateral esquerdo

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:

Propriedade Privada e Eclesiástica; Arquidiocese de Belo Horizonte

6. ENDEREÇO:

Praça da Igreja, s/n, Roça Grande – Sabará/MG

7. RESPONSÁVEL:

Padre José Cláudio Dias

Av. Dr. Henrique de Melo, 300, Roça Grande – Sabará/MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:

Lado do Evangelho

9. ESPÉCIE:

Bem Integrado

10. ÉPOCA:

Meados do século XVIII

11. AUTORIA:

Desconhecida

12. ORIGEM:

Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:

Capela primitiva de Santo Antônio de Roça Grande

14. MATERIAL / TÉCNICA:

Madeira / Recorte, escultura, entalhe e douramento

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:

Não tem.



16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



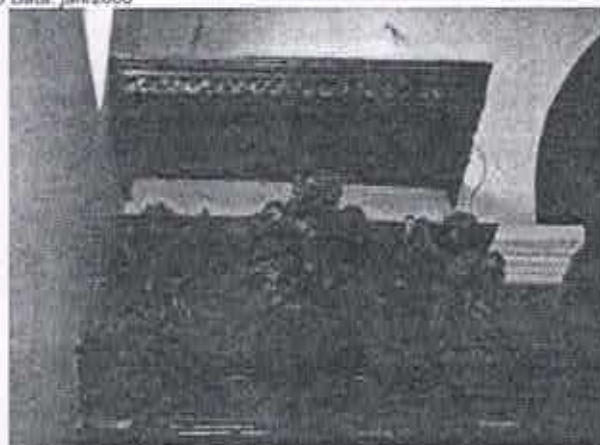
Retábulo colateral esquerdo da Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande, Sabará/MG.

Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Detalhe do trono do retábulo colateral esquerdo.

Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Detalhe do coroamento do retábulo colateral esquerdo.

Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008

17. DESCRIÇÃO:

A composição do retábulo colateral esquerdo é dada por um nicho central, reentrante, que corresponde ao camarim de Nossa Senhora do Parto. Apresenta toda a talha dourada, banquetas trifacetadas, decorada com acantos, enrolamentos e conchas, centrada, em cada uma das faces, por tarja vazia. O registro inferior é composto por mísulas com acantos.

Os elementos de sustentação configuram-se em um par de colunas torsas envoltas por parreira e flores e capitéis compostos. O camarim é decorado com mísulas, volutas, elementos fitomorfos, tarjas e dois medalhões circulares, com a representação de uma torre e um ramo com três rosas. O trono é composto em três degraus escalonados: o inferior com três faces omadas com rendilhados geométricos; o central em ânfora, com dois querubins na face central, elementos fitomorfos e arestas ressaltadas com frisos e mísulas; o superior abaulado e facetado com gomos e elementos fitomorfos.

O entablamento arremata-se em cimalha escalonada, com ressaltos decorados por frisos lisos, denticulados e com elementos fitomorfos. O coroamento é composto por arco pleno, côncavo, com talha de elementos fitomorfos, volutas, frisos escalonados. Sua parte superior se apresenta em frontão com cimalha, guirlanda de flores e folhas, encimado por tarja vazia envolta por frisos, volutas e enrolamentos. Sobre a cimalha, aparecem dois anjos sentados, segurando faixa que pende sobre a abertura do nicho central. Acima do coroamento, aparece um baldaquino retangular liso e reto, com extremidade franjada com elementos fitomorfos.



18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A localização do retábulo, no lado esquerdo da nave, permite o acesso ao público de forma restrita, o que minimiza os riscos de dano à peça.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 330 cm

Largura: 150 cm

Profundidade: 70 cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular, necessitando de higienização e intervenções técnicas para a sua restauração.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça apresenta rachaduras, quebras, amassados, perfuração por pregos, descolamento da talha, desgaste da madeira e do douramento, incrustação de cupins e sujidades generalizadas.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

Em 1821, cerca de um século após a sua construção, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Mais tarde, segundo Zoroastro Vianna⁸, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o adro foi ajardinado e deixou de desempenhar o papel de cemitério, o piso e o forro foram trocados, e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

Não foram encontrados registros de intervenções oficiais realizadas na peça. Porém, o douramento do retábulo não parece original, sugerindo uma repintura.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Peça em madeira entalhada, recortada e esculpida, composta por várias partes ensambladas, pregadas e douradas.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Retábulo datável do século XVIII. Confeccionado ao gosto joanino e trabalhado em talha bem apurada, apresenta elementos decorativos próprios do estilo, como elementos antropomorfos e conchas, apesar de conservar ornatos do estilo anterior, representados pela profusão da decoração fitomorfa (folhas de parreiras e flores) e trono em ânfora.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

O retábulo pode ser considerado uma derivação do altar afixada à parede da igreja, sendo composto por mesa de altar, nicho para a imagem de santos – no caso, Nossa Senhora do Parto – e ornamentos diversificados, tais como volutas, acantos, colunas torsas, folhas de parreira, flores, conchas e anjos, que reafirmam o gosto barroco na decoração do retábulo.

O altar se apresenta como símbolo da catalisação do sagrado. É para ele que convergem todos os gestos litúrgicos, é onde o sagrado se condensa com maior intensidade.

⁸ PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.



27. DADOS HISTÓRICOS:

O antigo Arraial de Santo Antônio do Bom Retiro da Roça Grande foi um dos primeiros núcleos de mineração e povoamento da região do rio das Velhas circunvizinha a Sabará. A freguesia foi instituída em 1707 e, já em 1724, foi elevada à categoria de colativa, com patrimônio doado pelo bandeirante Manuel de Borba Gato, o que para época significava um avanço e o reconhecimento da instituição eclesiástica da importância da localidade. No entanto, como força dos novos tempos, em 1779, a sede da freguesia foi transferida para Santa Luzia, à época considerada mais estratégica que Roça Grande. A capela de Santo Antônio passou à condição de capela filial a Santa Luzia. O feito é um indício do grau de decadência por que passou a localidade na segunda metade do século XVIII, quando o ouro já era escasso e quando houve uma debanda geral da população que havia se instalado em suas paragens lhe conferindo, nas suas primeiras décadas de existência, status e relevância no contexto da exploração aurífera em larga escala pelos primeiros bandeirantes.

Durante o processo de ocupação do interior da América Portuguesa, com a entrada das bandeiras em busca de metais e pedras preciosas, os homens que as compunham não se desgarravam de sua fé. Mesmo com todas as atrocidades que podem ser lembradas durante o processo, a religiosidade era um componente importante nesse contexto em meio às outras diversas práticas e atividades exercidas.

Era prática corrente nesse período, ao se escolher uma área para fixar um acampamento permanente – o que viria originar muitos núcleos populacionais – se atribuir a invocação a algum santo para a proteção da localidade. Geralmente, o santo escolhido era o mesmo de devoção do chefe da bandeira, que sempre levava consigo uma imagem. Para abrigar a mesma imagem eram construídas pequenas capelas para onde também se convergiram as práticas religiosas, quando o processo de ocupação populacional já estava em desenvolvimento.

Esse curso, comum a muitas localidades, parece ter sido o mesmo que ocorreu em Santo Antônio de Roça Grande. A localidade, a primeira a ser efetivamente ocupada da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabuçu, teve como seu santo protetor o mais popular entre os portugueses.

Presume-se que a edificação da capela primitiva se deu por volta da década de 1720. À beira das curvas do Rio das Velhas, o local escolhido para se levantar a igreja tornou-se ponto de irradiação da ocupação da localidade no século XVIII. Além disso a igreja também se firmou como ponto de referência aos navegadores que subiam e desciam o rio, que era uma das principais vias para se chegar à região.

Em 1821, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Segundo Zoroastro Vianna¹¹, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Atualmente, funciona neste anexo um consultório odontológico. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Nesse local estão reunidas todas as peças deixadas pelos fiéis, em homenagem ao santo por agradecimento a milagres alcançados, a partir da fé e da devoção dispensadas ao padroeiro de Roça Grande. Atualmente, além da sala dos milagres, a administração da paróquia também se encontra locada nesta edificação.

Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o cemitério que funcionava no adro da igreja foi removido pela Prefeitura Municipal de Sabará e a área foi ajardinada, o piso e o forro foram trocados; e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

O retábulo colateral esquerdo foi confeccionado em meados do século XVIII, devido às suas características estilísticas. Segundo Affonso Ávila, o retábulo fazia parte do acervo da capela primitiva, persistindo até os dias atuais devido à sua beleza e riqueza ornamentais.

Não foram encontrados registros de intervenções oficiais realizadas na peça, apesar de o douramento do retábulo não parecer original, sugerindo uma repintura.

¹¹ PASSOS, Zoroastro Vianna, *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.



28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRÁFICAS:

- ÁVILA, Afonso. Igrejas e Capelas de Sabará. Belo Horizonte, *Revista Barroca*, nº 8, 1976.
CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain et al. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 9 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.
PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2.

ENTREVISTAS:

- Diva Malta Pereira, zeladora da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.
Evandro Costa, artesão e morador de Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.
Fabiano Dias, secretário paroquial da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

30. FICHA TÉCNICA

- Levantamento: Flávia Melo (hist.), Viviane Corrado (arq.), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: dez 2007
Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jan 2008
Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008
-



Bens móveis e integrados: ficha 3

1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Roça Grande

3. ACERVO:

Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande

4. DESIGNAÇÃO:

Balaustrada

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:

Propriedade Privada e Eclesiástica: Arquidiocese de Belo Horizonte

6. ENDEREÇO:

Praça da Igreja, s/n, Roça Grande – Sabará/MG

7. RESPONSÁVEL:

Padre José Cláudio Dias

Av. Dr. Henrique de Melo, 300, Roça Grande – Sabará/MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:

Coro

9. ESPÉCIE:

Bem Integrado

10. ÉPOCA:

Meados do século XVIII

11. AUTORIA:

Desconhecida

12. ORIGEM:

Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:

Capela primitiva de Santo Antônio de Roça Grande

14. MATERIAL / TÉCNICA:

Madeira / Recorte, torneamento e encaixe

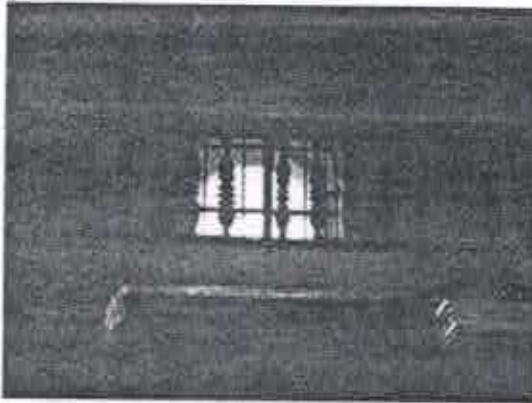
15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:

Não tem.

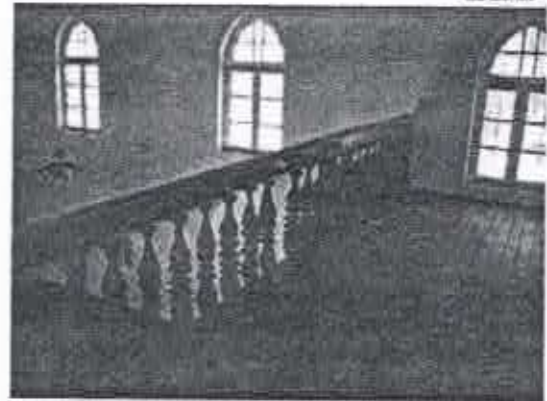
16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



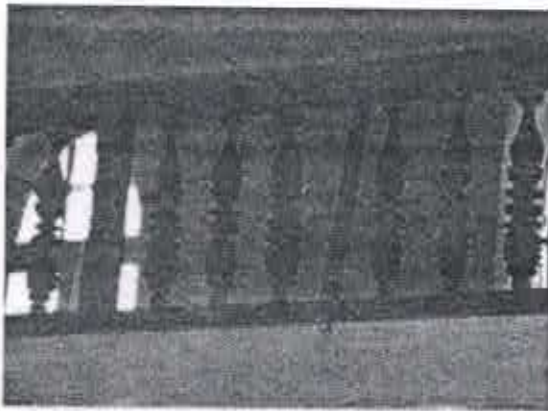
Balaustrada do coro da Igreja Santuário de Santo Antônio de
Roça Grande, Sabará/MG.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Balaustrada do coro.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Balaustrada do coro.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Balaustrada do coro.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Detalhe dos balaústres.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008

17. DESCRIÇÃO:

A balaustrada é confeccionada em madeira jacarandá preta torneada e é disposta em três seções delimitadas por pilaretes retangulares. Possui montante inferior e parapeito lisos, e quatro elementos de sustentação intercalando os balaústres torneados e os pilaretes retangulares. Os balaústres são compostos por elementos geométricos arredondados que se repetem na seguinte ordem: pequeno segmento cilíndrico; anel; estrangulamento; disco; bola com bolacha ao centro; disco; estrangulamento; disco; estrangulamento; disco; anel; elemento em taça; elemento periforme; bolacha; disco; pequeno segmento cilíndrico.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A localização da balaustrada, no coro, não permite o acesso ao público, o que minimiza os riscos de dano à peça. No entanto, a falta de higienização do local acelera o processo degenerativo da peça.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 88 cm
Largura: 690 cm
Profundidade: 12 cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular, necessitando de intervenção técnica para a sua restauração.



22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça apresenta diversas avarias, como rachaduras, amassados, desgastes da madeira, pequenas quebras, respingos de tinta branca, reforço com ripas de madeira e sujidades generalizadas.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

Em 1821, cerca de um século após a sua construção, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Mais tarde, segundo Zoroastro Vianna⁸, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o adro foi ajardinado e deixou de desempenhar o papel de cemitério, o piso e o forro foram trocados, e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

Quando da construção da atual Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande, em 1915, a balaustrada foi transferida para as novas instalações, mantendo suas funções originais de proteger os músicos que se apresentavam no coro durante as cerimônias religiosas.

Não foram encontrados registros de intervenções oficiais realizadas nesta peça. No entanto, a balaustrada do coro apresenta reforços de madeira ao longo de sua estrutura, cujos responsáveis e data não foram possíveis encontrar.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Peça confeccionada em madeira jacarandá preta recortada, torneada, encaixada e pregada. Apresenta reforços em peroba rosa, acrescentados posteriormente à fatura da peça.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Balaustrada do coro presumivelmente datada de meados do século XVIII, caracterizada pela elaboração e simplicidade do torneado dos balaústres, compostos por nós em formatos esféricos, periformes e em taça, bolachas, anéis e discos.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

Situado acima da entrada principal dos templos barrocos, o coro era o ambiente reservado aos músicos, instrumentistas ou cantores, que se apresentavam durante as cerimônias religiosas.

A balaustrada exercia não somente a função de proteger aqueles que se posicionava no coro, mas também marcar, simbolicamente, os limites entre os artistas e os fiéis, entre o mundo celestial da música, que se eleva no corpo da igreja, e o mundo terreno dos homens comuns.

27. DADOS HISTÓRICOS:

O antigo Arraial de Santo Antônio do Bom Retiro da Roça Grande foi um dos primeiros núcleos de mineração e povoamento da região do rio das Velhas circunvizinha a Sabará. A freguesia foi instituída em 1707 e, já em 1724, foi elevada à categoria de colativa, com patrimônio doado pelo bandeirante Manuel de Borba Gato, o que para época significava um avanço e o reconhecimento da instituição eclesiástica da importância da localidade. No entanto, como força dos novos tempos, em 1779, a sede da freguesia foi transferida para Santa Luzia, à época considerada mais estratégica que Roça Grande. A capela de Santo Antônio passou à condição de capela filial a Santa Luzia. O feito é um indicio do grau de decadência por que passou a localidade na segunda metade do século XVIII, quando o ouro já era escasso e quando houve uma debanda geral da população que havia se instalado em suas paragens lhe conferindo, nas suas primeiras décadas de existência, status e relevância no contexto da exploração aurífera em larga escala pelos primeiros bandeirantes.

Durante o processo de ocupação do interior da América Portuguesa, com a entrada das bandeiras em busca de metais e pedras preciosas, os homens que as compunham não se desgarravam de sua fé. Mesmo

⁸ PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.



com todas as atrocidades que podem ser lembradas durante o processo, a religiosidade era um componente importante nesse contexto em meio às outras diversas práticas e atividades exercidas.

Era prática corrente nesse período, ao se escolher uma área para fixar um acampamento permanente – o que viria originar muitos núcleos populacionais – se atribuir a invocação a algum santo para a proteção da localidade. Geralmente, o santo escolhido era o mesmo de devoção do chefe da bandeira, que sempre levava consigo uma imagem. Para abrigar a mesma imagem eram construídas pequenas capelas para onde também se convergiram as práticas religiosas, quando o processo de ocupação populacional já estava em desenvolvimento.

Esse curso, comum a muitas localidades, parece ter sido o mesmo que ocorreu em Santo Antônio de Roça Grande. A localidade, a primeira a ser efetivamente ocupada da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabuçu, teve como seu santo protetor o mais popular entre os portugueses.

Presume-se que a edificação da capela primitiva se deu por volta da década de 1720. À beira das curvas do Rio das Velhas, o local escolhido para se levantar a Igreja tornou-se ponto de irradiação da ocupação da localidade no século XVIII. Além disso a Igreja também se firmou como ponto de referência aos navegadores que subiam e desciam o rio, que era uma das principais vias para se chegar à região.

Em 1821, a Igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Segundo Zoroastro Vianna³⁹, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual Igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da Igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Atualmente, funciona neste anexo um consultório odontológico. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da Igreja. Nesse local estão reunidas todas as peças deixadas pelos fiéis, em homenagem ao santo por agradecimento a milagres alcançados, a partir da fé e da devoção dispensadas ao padroeiro de Roça Grande. Atualmente, além da sala dos milagres, a administração da paróquia também se encontra locada nesta edificação.

Em 1994, a Igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o cemitério que funcionava no adro da Igreja foi removido pela Prefeitura Municipal de Sabará e a área foi ajardinada, o piso e o forro foram trocados; e duas paredes foram acrescidas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

A balaustrada do coro da Igreja foi confeccionada, presumivelmente, em meados do século XVIII, alguns anos depois da construção da capela primitiva. Não foram encontrados registros sobre intervenções oficiais realizadas na peça. Porém, alguns reforços de madeira foram acrescidos à peça para a sua melhor sustentação. Atualmente, o coro não apresenta utilização prática, mantendo-se fechado durante todo o tempo, o que impede, inclusive, a sua higienização.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRÁFICAS:

- ÁVILA, Afonso. Igrejas e Capelas de Sabará. Belo Horizonte, *Revista Barroco*, nº 8, 1976.
CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain et al. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 9 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.
PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2.

ENTREVISTAS:

- Diva Malta Pereira, zeladora da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.
Evandro Costa, artesão e morador de Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.
Fabiano Dias, secretário paroquial da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

³⁹ Id., *ibid.*



30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (hist.), Viviane Corrado (arq.), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: dez 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jan 2008

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Bens móveis e integrados: ficha 2

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Roça Grande

3. ACERVO:
Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande

4. DESIGNAÇÃO:
Retábulo colateral direito

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada e Eclesiástica: Arquidiocese de Belo Horizonte

6. ENDEREÇO:
Praça da Igreja, s/n, Roça Grande – Sabará/MG

7. RESPONSÁVEL:
Padre José Cláudio Dias
Av. Dr. Henrique de Melo, 300, Roça Grande – Sabará/MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Lado da Epístola

9. ESPÉCIE:
Bem Integrado

10. ÉPOCA:
Início do século XIX

11. AUTORIA:
Desconhecida

12. ORIGEM:
Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:
Capela primitiva de Santo Antônio de Roça Grande

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Madeira / Recorte, escultura, policromia e douramento

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não tem.

16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



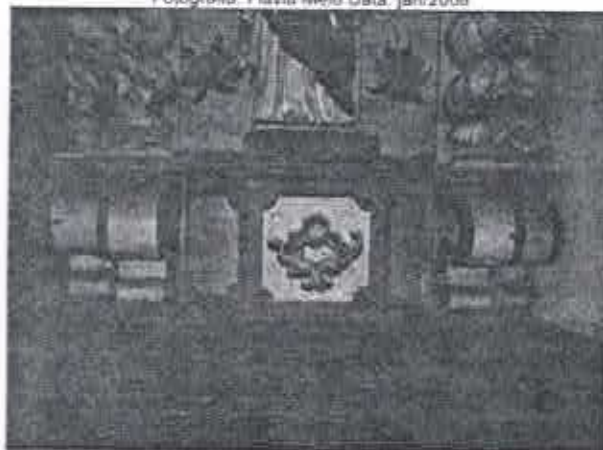
Retábulo colateral direito da Igreja Santuário de Santo Antônio de
Roça Grande, Sabará/MG.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



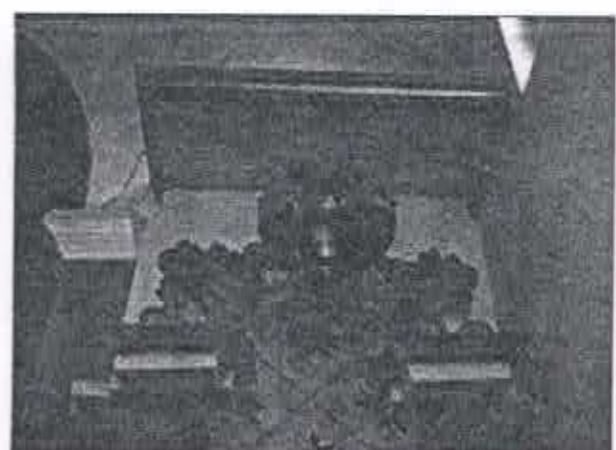
Retábulo colateral direito da Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande, Sabará/MG.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Retábulo colateral direito. Vista lateral.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Detalhe da base do retábulo colateral direito.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Detalhe do coroamento do retábulo colateral direito.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008

17. DESCRIÇÃO:

A composição do retábulo colateral direito é dada por um nicho central, reentrante, que corresponde ao camarim do Sagrado Coração de Jesus. Apresenta banquetas trifacetadas, com fundo pintado de branco, moldura em ocre e ao centro uma tarja multicolorida e vazia. O registro inferior é composto por dois pares de mísulas pintadas de branco com extremidades magenta.

Os elementos de sustentação configuram-se em dois pares de colunas torsas marmorizadas em rosa e capitéis compostos dourados. O camarim é liso, com fundo pintado em branco, marcações em losango e arranjos de rosas.

O entablamento arremata-se em cimalha escalonada, com ressaltos decorados por frisos lisos, pintados em branco, vermelho e ocre. O coroamento é composto por arco pleno, formado por coluna marmorizada decorada com talha de elementos fitomorfos, tendo ao centro tarja cordiforme vazia envolta por folhas de acanto. Acima do coroamento, aparece um baldaquino retangular liso e reto, com extremidade franjada com elementos fitomorfos, pintados de ocre.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A localização do retábulo, no lado direito da nave, permite o acesso ao público de forma restrita, o que minimiza os riscos de dano à peça.



19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:
Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 330 cm

Largura: 150 cm

Profundidade: 60 cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Bom, necessitando de higienização e pequenos reparos.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça apresenta pequenas rachaduras, perfuração por pregos, desgaste da madeira e da policromia, descolamento da talha e sujidades generalizadas.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

Em 1821, cerca de um século após a sua construção, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Mais tarde, segundo Zoroastro Vianna⁶¹, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o adro foi ajardinado e deixou de desempenhar o papel de cemitério, o piso e o forro foram trocados, e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

Não foram encontrados registros de intervenções oficiais realizadas na peça. Porém, o retábulo apresenta repintura total realizada recentemente.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Peça em madeira recortada, ensamblada e pregada, composta por várias partes. Apresenta douramento e policromia nas cores branco, ocre, vermelho, verde, magenta, rosa, amarelo e azul.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Retábulo datado da primeira metade do século XIX, apresentando estrutura e decoração simplificada, com cores claras e alegres, própria do período. Destaca-se o coroamento trabalhado, com uso de elementos fitomorfos.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

O retábulo pode ser considerado uma derivação do altar afixada à parede da igreja, sendo composto por mesa de altar, nicho para a imagem de santos – no caso, Sagrado Coração de Jesus – e ornamentos diversificados, tais como colunas torsas, tarjas, elementos fitomorfos e cordiformes.

O altar se apresenta como símbolo da catalisação do sagrado. É para ele que convergem todos os gestos litúrgicos; é onde o sagrado se condensa com maior intensidade.

27. DADOS HISTÓRICOS:

O antigo Arraial de Santo Antônio do Bom Retiro da Roça Grande foi um dos primeiros núcleos de mineração e povoamento da região do rio das Velhas circunvizinha a Sabará. A freguesia foi instituída em 1707 e, já em 1724, foi elevada à categoria de colativa, com patrimônio doado pelo bandeirante Manuel de Borba Gato, o que para época significava um avanço e o reconhecimento da instituição eclesiástica da importância da localidade. No entanto, como força dos novos tempos, em 1779, a sede da freguesia foi transferida para Santa Luzia, à época considerada mais estratégica que Roça Grande. A capela de Santo Antônio passou à condição de capela filial a Santa Luzia. O feito é um indicio do grau de decadência por que passou a localidade na segunda metade do século XVIII, quando o ouro já era escasso e quando houve

⁶¹ PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.



uma debanda geral da população que havia se instalado em suas paragens lhe conferindo, nas suas primeiras décadas de existência, status e relevância no contexto da exploração aurífera em larga escala pelos primeiros bandeirantes.

Durante o processo de ocupação do interior da América Portuguesa, com a entrada das bandeiras em busca de metais e pedras preciosas, os homens que as compunham não se desgarravam de sua fé. Mesmo com todas as atrocidades que podem ser lembradas durante o processo, a religiosidade era um componente importante nesse contexto em meio às outras diversas práticas e atividades exercidas.

Era prática corrente nesse período, ao se escolher uma área para fixar um acampamento permanente – o que viria originar muitos núcleos populacionais – se atribuir a invocação a algum santo para a proteção da localidade. Geralmente, o santo escolhido era o mesmo de devoção do chefe da bandeira, que sempre levava consigo uma imagem. Para abrigar a mesma imagem eram construídas pequenas capelas para onde também se convergiram as práticas religiosas, quando o processo de ocupação populacional já estava em desenvolvimento.

Esse curso, comum a muitas localidades, parece ter sido o mesmo que ocorreu em Santo Antônio de Roça Grande. A localidade, a primeira a ser efetivamente ocupada da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabuçu, teve como seu santo protetor o mais popular entre os portugueses.

Presume-se que a edificação da capela primitiva se deu por volta da década de 1720. À beira das curvas do Rio das Velhas, o local escolhido para se levantar a igreja tornou-se ponto de irradiação da ocupação da localidade no século XVIII. Além disso a igreja também se firmou como ponto de referência aos navegadores que subiam e desciam o rio, que era uma das principais vias para se chegar à região.

Em 1821, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Segundo Zoroastro Vianna¹¹, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Atualmente, funciona neste anexo um consultório odontológico. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Nesse local estão reunidas todas as peças deixadas pelos fiéis, em homenagem ao santo por agradecimento a milagres alcançados, a partir da fé e da devoção dispensadas ao padroeiro de Roça Grande. Atualmente, além da sala dos milagres, a administração da paróquia também se encontra locada nesta edificação.

Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o cemitério que funcionava no adro da igreja foi removido pela Prefeitura Municipal de Sabará e a área foi ajardinada, o piso e o forro foram trocados; e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

O retábulo colateral direito foi confeccionado no início do século XIX, devido às suas características estilísticas. Suas características são simplificadas, apesar de ostentar colunas torsas e o coroamento em talha bem elaborada. Segundo Affonso Ávila, o retábulo fazia parte do acervo da capela primitiva, persistindo até os dias atuais devido à sua beleza ornamental.

Não foram encontrados registros de intervenções oficiais realizadas na peça, apesar de o retábulo apresentar repintura total.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRÁFICAS:

- ÁVILA, Affonso. Igrejas e Capelas de Sabará. Belo Horizonte, *Revista Barroca*, nº 8, 1976.
CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain et al. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 9 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.
PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2.

ENTREVISTAS:

- Diva Maita Pereira, zeladora da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo

¹¹ PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.



Evandro Costa, artesão e morador de Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

Fabiano Dias, secretário paroquial da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

30 FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /
Data: dez 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jan 2008

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 111 de 335



Bens móveis e integrados: **ficha 3**

1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Roça Grande

3. ACERVO:

Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande

4. DESIGNAÇÃO:

Retábulo colateral esquerdo

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:

Propriedade Privada e Eclesiástica: Arquidiocese de Belo Horizonte

6. ENDEREÇO:

Praça da Igreja, s/n, Roça Grande – Sabará/MG

7. RESPONSÁVEL:

Padre José Cláudio Dias

Av. Dr. Henrique de Melo, 300, Roça Grande – Sabará/MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:

Lado do Evangelho

9. ESPÉCIE:

Bem Integrado

10. ÉPOCA:

Meados do século XVIII

11. AUTORIA:

Desconhecida

12. ORIGEM:

Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:

Capela primitiva de Santo Antônio de Roça Grande

14. MATERIAL / TÉCNICA:

Madeira / Recorte, escultura, entalhe e douramento

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:

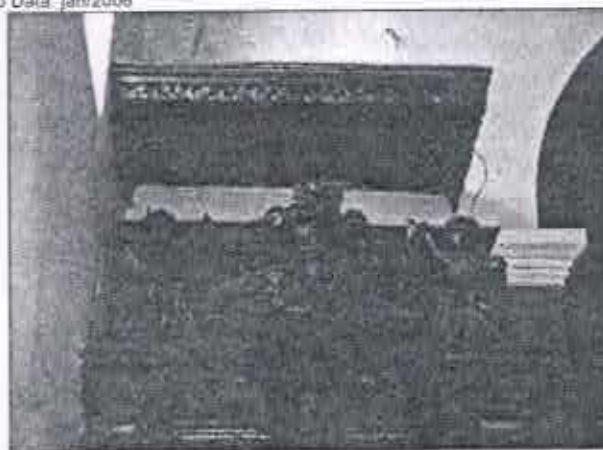
Não tem.



16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Retábulo colateral esquerdo da Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande, Sabará/MG.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Detalhe do trono do retábulo colateral esquerdo.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008

Detalhe do coroamento do retábulo colateral esquerdo.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008

17. DESCRIÇÃO:

A composição do retábulo colateral esquerdo é dada por um nicho central, reentrante, que corresponde ao camarim de Nossa Senhora do Parto. Apresenta toda a talha dourada, banquetas trifacetadas, decorada com acantos, enrolamentos e conchas, centrada, em cada uma das faces, por tarja vazia. O registro inferior é composto por mísulas com acantos.

Os elementos de sustentação configuram-se em um par de colunas torsas envoltas por parreira e flores e capitéis compostos. O camarim é decorado com mísulas, volutas, elementos fitomorfos, tarjas e dois medalhões circulares, com a representação de uma torre e um ramo com três rosas. O trono é composto em três degraus escalonados: o inferior com três faces ornadas com rendilhados geométricos; o central em ânfora, com dois querubins na face central, elementos fitomorfos e arestas ressaltadas com frisos e mísulas; o superior abaulado e facetado com gomos e elementos fitomorfos.

O entablamento arremata-se em cimalha escalonada, com ressaltos decorados por frisos lisos, denticulados e com elementos fitomorfos. O coroamento é composto por arco pleno, côncavo, com talha de elementos fitomorfos, volutas, frisos escalonados. Sua parte superior se apresenta em frontão com cimalha, guirlanda de flores e folhas, encimado por tarja vazia envolta por frisos, volutas e enrolamentos. Sobre a cimalha, aparecem dois anjos sentados, segurando faixa que pende sobre a abertura do nicho central. Acima do coroamento, aparece um baldaquino retangular liso e reto, com extremidade franjada com elementos fitomorfos.



18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A localização do retábulo, no lado esquerdo da nave, permite o acesso ao público de forma restrita, o que minimiza os riscos de dano à peça.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 330 cm
Largura: 150 cm
Profundidade: 70 cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular, necessitando de higienização e intervenções técnicas para a sua restauração.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça apresenta rachaduras, quebras, amassados, perfuração por pregos, descolamento da talha, desgaste da madeira e do douramento, incrustação de cupins e sujidades generalizadas.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

Em 1821, cerca de um século após a sua construção, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Mais tarde, segundo Zoroastro Vianna⁴⁹, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o adro foi ajardinado e deixou de desempenhar o papel de cemitério, o piso e o forro foram trocados, e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

Não foram encontrados registros de intervenções oficiais realizadas na peça. Porém, o douramento do retábulo não parece original, sugerindo uma repintura.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Peça em madeira entalhada, recortada e esculpida, composta por várias partes ensambladas, pregadas e douradas.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Retábulo datável do século XVIII. Confeccionado ao gosto joanino e trabalhado em talha bem apurada, apresenta elementos decorativos próprios do estilo, como elementos antropomorfos e conchas, apesar de conservar ornatos do estilo anterior, representados pela profusão da decoração fitomorfa (folhas de parreiras e flores) e trono em ânfora.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

O retábulo pode ser considerado uma derivação do altar afixada à parede da igreja, sendo composto por mesa de altar, nicho para a imagem de santos – no caso, Nossa Senhora do Parto – e ornamentos diversificados, tais como volutas, acantos, colunas torsas, folhas de parreira, flores, conchas e anjos, que reafirmam o gosto barroco na decoração do retábulo.

O altar se apresenta como símbolo da catalisação do sagrado. É para ele que convergem todos os gestos litúrgicos; é onde o sagrado se condensa com maior intensidade.

⁴⁹ PASSOS, Zoroastro Vianna. Em torno da história do Sabará. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.

**27. DADOS HISTÓRICOS:**

O antigo Arraial de Santo Antônio do Bom Retiro da Roça Grande foi um dos primeiros núcleos de mineração e povoamento da região do rio das Velhas circunvizinha a Sabará. A freguesia foi instituída em 1707 e, já em 1724, foi elevada à categoria de colativa, com patrimônio doado pelo bandeirante Manuel de Borba Gato, o que para época significava um avanço e o reconhecimento da instituição eclesiástica da importância da localidade. No entanto, como força dos novos tempos, em 1779, a sede da freguesia foi transferida para Santa Luzia, à época considerada mais estratégica que Roça Grande. A capela de Santo Antônio passou à condição de capela filial a Santa Luzia. O feito é um indício do grau de decadência por que passou a localidade na segunda metade do século XVIII, quando o ouro já era escasso e quando houve uma debanda geral da população que havia se instalado em suas paragens lhe conferindo, nas suas primeiras décadas de existência, status e relevância no contexto da exploração aurífera em larga escala pelos primeiros bandeirantes.

Durante o processo de ocupação do interior da América Portuguesa, com a entrada das bandeiras em busca de metais e pedras preciosas, os homens que as compunham não se desgarravam de sua fé. Mesmo com todas as atrocidades que podem ser lembradas durante o processo, a religiosidade era um componente importante nesse contexto em meio às outras diversas práticas e atividades exercidas.

Era prática corrente nesse período, ao se escolher uma área para fixar um acampamento permanente – o que viria originar muitos núcleos populacionais – se atribuir a invocação a algum santo para a proteção da localidade. Geralmente, o santo escolhido era o mesmo de devoção do chefe da bandeira, que sempre levava consigo uma imagem. Para abrigar a mesma imagem eram construídas pequenas capelas para onde também se convergiram as práticas religiosas, quando o processo de ocupação populacional já estava em desenvolvimento.

Esse curso, comum a muitas localidades, parece ter sido o mesmo que ocorreu em Santo Antônio de Roça Grande. A localidade, a primeira a ser efetivamente ocupada da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabuçu, teve como seu santo protetor o mais popular entre os portugueses.

Presume-se que a edificação da capela primitiva se deu por volta da década de 1720. À beira das curvas do Rio das Velhas, o local escolhido para se levantar a igreja tornou-se ponto de irradiação da ocupação da localidade no século XVIII. Além disso a igreja também se firmou como ponto de referência aos navegadores que subiam e desciam o rio, que era uma das principais vias para se chegar à região.

Em 1821, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Segundo Zoroastro Vianna¹¹, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Atualmente, funciona neste anexo um consultório odontológico. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Nesse local estão reunidas todas as peças deixadas pelos fiéis, em homenagem ao santo por agradecimento a milagres alcançados, a partir da fé e da devoção dispensadas ao padroeiro de Roça Grande. Atualmente, além da sala dos milagres, a administração da paróquia também se encontra locada nesta edificação.

Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o cemitério que funcionava no adro da igreja foi removido pela Prefeitura Municipal de Sabará e a área foi ajardinada, o piso e o forro foram trocados, e duas paredes foram acrescidas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

O retábulo colateral esquerdo foi confeccionado em meados do século XVIII, devido às suas características estilísticas. Segundo Affonso Ávila, o retábulo fazia parte do acervo da capela primitiva, persistindo até os dias atuais devido à sua beleza e riqueza ornamentais.

Não foram encontrados registros de intervenções oficiais realizadas na peça, apesar de o douramento do retábulo não parecer original, sugerindo uma repintura.

¹¹ PASSOS, Zoroastro Vianna. Em torno da história do Sabará. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.



28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRÁFICAS:

ÁVILA, Afonso. Igrejas e Capelas de Sabará. Belo Horizonte, *Revista Barroco*, nº 8, 1976.

CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain et al. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 9 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.

PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2.

ENTREVISTAS:

Diva Malta Pereira, zeladora da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

Evandro Costa, artesão e morador de Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

Fabiano Dias, secretário paroquial da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: ---

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora.), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /

Data: dez 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jan 2008

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Roça Grande

3. ACERVO:
Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande

4. DESIGNAÇÃO:
Balaustrada

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada e Eclesiástica: Arquidiocese de Belo Horizonte

6. ENDEREÇO:
Praça da Igreja, s/n, Roça Grande – Sabará/MG

7. RESPONSÁVEL:
Padre José Cláudio Dias
Av. Dr. Henrique de Melo, 300, Roça Grande – Sabará/MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Coro

9. ESPÉCIE:
Bem Integrado

10. ÉPOCA:
Meados do século XVIII

11. AUTORIA:
Desconhecida

12. ORIGEM:
Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:
Capela primitiva de Santo Antônio de Roça Grande

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Madeira / Recorte, torneamento e encaixe

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não tem.

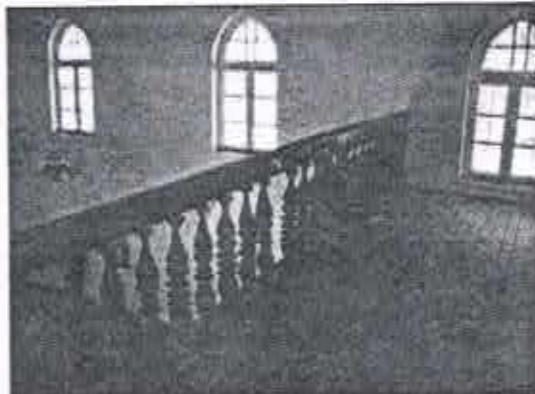
16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



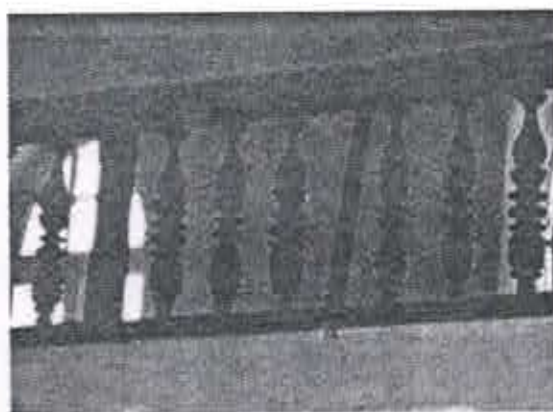
Balaustrada do coro da Igreja Santuário de Santo Antônio de
Roça Grande, Sabará/MG.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008.



Balaustrada do coro.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008.



Balaustrada do coro.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Balaustrada do coro.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Detalhe dos balaústres.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008

17. DESCRIÇÃO:

A balaustrada é confeccionada em madeira jacarandá preta torneada e é disposta em três seções delimitadas por pilaretes retangulares. Possui montante inferior e parapeito lisos, e quatro elementos de sustentação intercalando os balaústres torneados e os pilaretes retangulares. Os balaústres são compostos por elementos geométricos arredondados que se repetem na seguinte ordem: pequeno segmento cilíndrico; anel; estrangulamento; disco; bola com bolacha ao centro; disco; estrangulamento; disco; estrangulamento; disco; anel; elemento em taça; elemento periforme; bolacha; disco; pequeno segmento cilíndrico.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A localização da balaustrada, no coro, não permite o acesso ao público, o que minimiza os riscos de dano à peça. No entanto, a falta de higienização do local acelera o processo degenerativo da peça.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 88 cm
Largura: 690 cm
Profundidade: 12 cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular, necessitando de intervenção técnica para a sua restauração.



22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça apresenta diversas avarias, como rachaduras, amassados, desgastes da madeira, pequenas quebras, respingos de tinta branca, reforço com ripas de madeira e sujidades generalizadas.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

Em 1821, cerca de um século após a sua construção, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Mais tarde, segundo Zoroastro Vianna⁴¹, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o adro foi ajardinado e deixou de desempenhar o papel de cemitério, o piso e o forro foram trocados, e duas paredes foram acrescidas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

Quando da construção da atual Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande, em 1915, a balaustrada foi transferida para as novas instalações, mantendo suas funções originais de proteger os músicos que se apresentavam no coro durante as cerimônias religiosas.

Não foram encontrados registros de intervenções oficiais realizadas nesta peça. No entanto, a balaustrada do coro apresenta reforços de madeira ao longo de sua estrutura, cujos responsáveis e data não foram possíveis encontrar.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Peça confeccionada em madeira jacarandá preta recortada, torneada, encaixada e pregada. Apresenta reforços em peroba rosa, acrescidos posteriormente à fatura da peça.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Balaustrada do coro presumivelmente datada de meados do século XVIII, caracterizada pela elaboração e simplicidade do torneado dos balaústres, compostos por nós em formatos esféricos, periformes e em taça, bolachas, anéis e discos.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

Situado acima da entrada principal dos templos barrocos, o coro era o ambiente reservado aos músicos, instrumentistas ou cantores, que se apresentavam durante as cerimônias religiosas.

A balaustrada exercia não somente a função de proteger aqueles que se posicionava no coro, mas também marcar, simbolicamente, os limites entre os artistas e os fiéis, entre o mundo celestial da música, que se eleva no corpo da igreja, e o mundo terreno dos homens comuns.

27. DADOS HISTÓRICOS:

O antigo Arraial de Santo Antônio do Bom Retiro da Roça Grande foi um dos primeiros núcleos de mineração e povoamento da região do rio das Velhas circunvizinha a Sabará. A freguesia foi instituída em 1707 e, já em 1724, foi elevada à categoria de colativa, com patrimônio doado pelo bandeirante Manuel de Borba Gato, o que para época significava um avanço e o reconhecimento da instituição eclesiástica da importância da localidade. No entanto, como força dos novos tempos, em 1779, a sede da freguesia foi transferida para Santa Luzia, à época considerada mais estratégica que Roça Grande. A capela de Santo Antônio passou à condição de capela filial a Santa Luzia. O feito é um indício do grau de decadência por que passou a localidade na segunda metade do século XVIII, quando o ouro já era escasso e quando houve uma debanda geral da população que havia se instalado em suas paragens lhe conferindo, nas suas primeiras décadas de existência, status e relevância no contexto da exploração aurífera em larga escala pelos primeiros bandeirantes.

Durante o processo de ocupação do interior da América Portuguesa, com a entrada das bandeiras em busca de metais e pedras preciosas, os homens que as compunham não se desgarravam de sua fé. Mesmo

⁴¹ PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.



com todas as atrocidades que podem ser lembradas durante o processo, a religiosidade era um componente importante nesse contexto em meio às outras diversas práticas e atividades exercidas.

Era prática corrente nesse período, ao se escolher uma área para fixar um acampamento permanente – o que viria originar muitos núcleos populacionais – se atribuir a invocação a algum santo para a proteção da localidade. Geralmente, o santo escolhido era o mesmo de devoção do chefe da bandeira, que sempre levava consigo uma imagem. Para abrigar a mesma imagem eram construídas pequenas capelas para onde também se convergiram as práticas religiosas, quando o processo de ocupação populacional já estava em desenvolvimento.

Esse curso, comum a muitas localidades, parece ter sido o mesmo que ocorreu em Santo Antônio de Roça Grande. A localidade, a primeira a ser efetivamente ocupada da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabuçu, teve como seu santo protetor o mais popular entre os portugueses.

Presume-se que a edificação da capela primitiva se deu por volta da década de 1720. À beira das curvas do Rio das Velhas, o local escolhido para se levantar a igreja tornou-se ponto de irradiação da ocupação da localidade no século XVIII. Além disso a igreja também se firmou como ponto de referência aos navegadores que subiam e desciam o rio, que era uma das principais vias para se chegar à região.

Em 1821, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Segundo Zoroastro Vianna⁶, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Atualmente, funciona neste anexo um consultório odontológico. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Nesse local estão reunidas todas as peças deixadas pelos fiéis, em homenagem ao santo por agradecimento a milagres alcançados, a partir da fé e da devoção dispensadas ao padroeiro de Roça Grande. Atualmente, além da sala dos milagres, a administração da paróquia também se encontra locada nesta edificação.

Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o cemitério que funcionava no adro da igreja foi removido pela Prefeitura Municipal de Sabará e a área foi ajardinada, o piso e o forro foram trocados; e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

A balaustrada do coro da igreja foi confeccionada, presumivelmente, em meados do século XVIII, alguns anos depois da construção da capela primitiva. Não foram encontrados registros sobre intervenções oficiais realizadas na peça. Porém, alguns reforços de madeira foram acrescentados à peça para a sua melhor sustentação. Atualmente, o coro não apresenta utilização prática, mantendo-se fechado durante todo o tempo, o que impede, inclusive, a sua higienização.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BIBLIOGRÁFICAS:

- AVILA, Afonso. Igrejas e Capelas de Sabará. Belo Horizonte, *Revista Barroco*, nº 8, 1976.
CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain et al. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 9 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.
PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2.

ENTREVISTAS:

- Diva Malta Pereira, zeladora da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.
Evandro Costa, artesão e morador de Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.
Fabiano Dias, secretário paroquial da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

⁶ Id., *ibid.*



30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /
Data: dez 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist) / Data: jan 2008

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 121 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 5

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Roça Grande

3. ACERVO:
Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande

4. DESIGNAÇÃO:
Imagem de Santo Antônio

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada e Eclesiástica: Arquidiocese de Belo Horizonte

6. ENDEREÇO:
Praça da Igreja, s/n, Roça Grande – Sabará/MG

7. RESPONSÁVEL:
Padre José Cláudio Dias
Av. Dr. Henrique de Melo, 300, Roça Grande – Sabará/MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Altar-mor

9. ESPÉCIE:
Imaginária: Imagem de roca

10. ÉPOCA:
Século XIX

11. AUTORIA:
Desconhecida

12. ORIGEM:
Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:
Capela primitiva de Santo Antônio de Roça Grande

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Madeira / Escultura, policromia e douramento

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não tem.



16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Imagem de Santo Antônio no altar-mor da Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande, Sabará/MG.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Imagem de Santo Antônio.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008

17. DESCRIÇÃO

A imagem de Santo Antônio é representada por figura masculina, jovem, de pé, em posição frontal. Apresenta fisionomia serena; rosto oval; olhos grandes e amendoados; olhar voltado para frente; nariz reto e afilado; boca pequena; lábios finos; cabelos castanhos, curtos e encaracolados, com tonsura monacal; pescoço longo; corpo esculpido; braços com articulações de roca; mão direita segurando atributos, mão esquerda apoiando Menino Jesus; pernas retas; pés em ângulo, calçados com sandálias pretas. Traja túnica longa marrom, marcada com dobras retas, presa à cintura por corda bege. Apresenta base quadrangular, com dois suportes de metal para encaixe de andor. O Menino Jesus apresenta-se sentado sobre a mão esquerda do santo e possui medidas muito desproporcionais.

A imagem é vestida com roupas em tecido, que diferem da sua original, compostas por túnica longa marrom escuro, presa à cintura por corda branca, alva com barra rendada e estola branca. O Menino traja alva com barra rendada. Seus atributos são uma cruz e um ramo de lírios, que são trazidos em sua mão direita.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Boas. A localização da imagem, na parte mais elevada do altar-mor, não permite o acesso ao público, o que minimiza os riscos de dano ou evasão à peça.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / tombamento municipal

20. DIMENSÕES:

Altura: 145 cm
Largura: 45 cm
Profundidade: 25 cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Bom, necessitando de higienização e pequenas intervenções técnicas para a sua restauração.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça apresenta sujidades aderidas, pequenas rachaduras, quebra e colagem do dedo anular da mão direita, craquelês, desgaste da policromia e do douramento, perfuração por pregos, marcas de queimadura e sujidades. Os atributos da imagem encontram-se em péssimo estado de conservação, apresentando-se amplamente danificados.



23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

Em 1821, cerca de um século após a sua construção, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Mais tarde, segundo Zoroastro Vianna⁴⁶, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o adro foi ajardinado e deixou de desempenhar o papel de cemitério, o piso e o forro foram trocados, e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

Segundo informações contidas no Inventário dos Bens Móveis do Santuário de Santo Antônio de Roça Grande, a imagem passou por um processo de imunização, reintegração e repintura no ano de 1975, promovidos pelo IPHAN, uma vez que teria sofrido queimaduras provocadas por velas que eram colocadas aos seus pés pelos devotos. Não foram encontrados demais registros de intervenções sofridas pela peça, apesar de a imagem apresentar repintura recente e marca de colagem do dedo anular da mão direita.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

Imagem de roca esculpida em várias partes de madeira, com braços articulados em bolachas nos ombros e cotovelos. Apresenta douramento no barrado da túnica e policromia em marrom, preto, branco e bege.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS

Peça presumivelmente datada do século XIX, de gosto popular, caracteriza-se pela simplicidade de seus traços. Consiste numa imagem de roca ou de vestir e apresenta braços articulados, além de corpo e vestes esculpidas.

A vestimenta atualmente utilizada pela imagem apresenta características modernas, de gosto popular e de coloração divergente à definida pela iconografia.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS

Santo Antônio, ou Fernando de Bulhões e Taveira, nasceu em Portugal no ano de 1195. Pertencente a mais alta nobreza, mostrou, desde cedo, sua inclinação pela vida religiosa. Em 1220, foi ordenado sacerdote em um convento dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, em Coimbra, e tornou-se missionário na África. Mais tarde, entrou para a Ordem Franciscana e mudou seu nome para Antônio. Durante toda a sua vida, sua principal atividade foi a pregação da Palavra de Deus, chegando a se tornar um dos maiores pregadores de seu tempo. Morreu em 1231, na aldeia de Arcela, perto de Pádua.

Iconograficamente, é representado usando trajes franciscanos – túnica longa marrom e sandálias pretas –, com tonsura monaca e segurando o Menino Jesus, uma cruz e um ramo de lírios brancos, que simbolizam a sua devoção ao cristianismo e a sua pureza espiritual.

A imagem de roca de Santo Antônio apresenta-se vestida com túnica marrom escuro, presa à cintura por cordão branco, alva e estola branca, o que diverge amplamente dos trajes definidos iconograficamente para o santo.

27. DADOS HISTÓRICOS

O antigo Arraial de Santo Antônio do Bom Retiro da Roça Grande foi um dos primeiros núcleos de mineração e povoamento da região do rio das Velhas circunvizinha a Sabará. A freguesia foi instituída em 1707 e, já em 1724, foi elevada à categoria de colativa, com patrimônio doado pelo bandeirante Manuel de Borba Gato, o que para época significava um avanço e o reconhecimento da instituição eclesiástica da importância da localidade. No entanto, como força dos novos tempos, em 1779, a sede da freguesia foi transferida para Santa Luzia, à época considerada mais estratégica que Roça Grande. A capela de Santo Antônio passou à condição de capela filial a Santa Luzia. O feito é um indicio do grau de decadência por que passou a localidade na segunda metade do século XVIII, quando o ouro já era escasso e quando houve uma debandada geral da população que havia se instalado em suas paragens lhe conferindo, nas suas

⁴⁶ PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.



primeiras décadas de existência, status e relevância no contexto da exploração aurífera em larga escala pelos primeiros bandeirantes.

Durante o processo de ocupação do interior da América Portuguesa, com a entrada das bandeiras em busca de metais e pedras preciosas, os homens que as compunham não se desgarravam de sua fé. Mesmo com todas as atrocidades que podem ser lembradas durante o processo, a religiosidade era um componente importante nesse contexto em meio às outras diversas práticas e atividades exercidas.

Era prática corrente nesse período, ao se escolher uma área para fixar um acampamento permanente – o que viria originar muitos núcleos populacionais – se atribuir a invocação a algum santo para a proteção da localidade. Geralmente, o santo escolhido era o mesmo de devoção do chefe da bandeira, que sempre levava consigo uma imagem. Para abrigar a mesma imagem eram construídas pequenas capelas para onde também se convergiram as práticas religiosas, quando o processo de ocupação populacional já estava em desenvolvimento.

Esse curso, comum a muitas localidades, parece ter sido o mesmo que ocorreu em Santo Antônio de Roça Grande. A localidade, a primeira a ser efetivamente ocupada da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabuçu, teve como seu santo protetor o mais popular entre os portugueses.

Presume-se que a edificação da capela primitiva se deu por volta da década de 1720. À beira das curvas do Rio das Velhas, o local escolhido para se levantar a igreja tornou-se ponto de irradiação da ocupação da localidade no século XVIII. Além disso a igreja também se firmou como ponto de referência aos navegadores que subiam e desciam o rio, que era uma das principais vias para se chegar à região.

Em 1821, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Segundo Zoroastro Vianna¹⁴, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Atualmente, funciona neste anexo um consultório odontológico. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Nesse local estão reunidas todas as peças deixadas pelos fiéis, em homenagem ao santo por agradecimento a milagres alcançados, a partir da fé e da devoção dispensadas ao padroeiro de Roça Grande. Atualmente, além da sala dos milagres, a administração da paróquia também se encontra locada nesta edificação.

Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o cemitério que funcionava no adro da igreja foi removido pela Prefeitura Municipal de Sabará e a área foi ajardinada, o piso e o forro foram trocados, e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

A imagem de Santo Antônio foi confeccionada no século XIX, devido às características estilísticas que apresenta.

Durante todo o século XVIII, o uso das imagens de roca no Brasil era muito freqüente. Tais imagens foram amplamente confeccionadas nesta época, sob a influência da cultura religiosa européia. Eram utilizadas especialmente em procissões, que tomavam as ruas e impressionavam os fiéis pela exteriorização de ornamentos, gestos, iconografia e, principalmente, pelo realismo, adquirido através do uso de elementos como olhos de vidro, lágrimas de cristal ou resina, dentes e unhas de osso ou marfim, cabelos humanos, braços e pernas móveis e cores extremamente naturais.

Essa prática remontava à Idade Média quando, nas teatralizações das vidas dos Santos, a Igreja tomou emprestado o uso de bonecos do teatro de marionetes, vestidos de acordo com a cena que representavam. Recuperado aquele tipo de encenação pelo teatro de ópera, no século XVI europeu, as cenas, caracteristicamente, uniam a visão e a audição ao sentimento e à ilusão. Depois da Idade Média, foi o teatro jesuítico que exerceu grande influência no mundo católico ocidental e oriental. E esse teatro dos jesuítas tinha estreitas relações com o teatro barroco que manteve os marionetes, agora representando as figuras sagradas e personificadas por meninos.

No início do século XIX, as imagens de roca ainda exerciam um grande fascínio sobre a população de algumas cidades mineiras de origem colonial, das quais Sabará faz parte. As imagens eram utilizadas especialmente durante as procissões.

¹⁴ Id., *ibid*.



Várias são as histórias que envolvem a imagem de Santo Antônio pertencente à Igreja homônima. A principal delas, conservada pela tradição oral, é que nas primeiras décadas do século XX, um lenhador da região encontrou uma imagem de Santo Antônio de Pádua sobre uma pedra, nas imediações de um morro que circunda o bairro, hoje conhecido como Rosário III. Rapidamente a notícia correu em Sabará e Santa Luzia e vieram beatos e padres para ver a imagem achada. A Mitra Arquidiocesana de Belo Horizonte ordenou que o santo fosse levado para a paróquia central, localizada em Santa Luzia, e assim foi feito.

No entanto, na manhã seguinte, o santo havia desaparecido da paróquia e encontrado sobre a mesma pedra em Roça Grande. Novamente pegaram a imagem e a levaram para Santa Luzia. Mas no dia seguinte, a imagem havia desaparecido novamente. Voltaram a vê-la no mesmo local onde havia sido achada pelo lenhador. Conta-se que a pedra de Santo Antônio ficava em cima de um morro e que a rocha tinha o formato exato para o santo se assentar e descer as pernas. Era assim que as pessoas o encontravam nas manhãs, depois de sumir da igreja de Santa Luzia.

Intrigada com o fato, a Mitra Arquidiocesana decidiu que colocariam o santo novamente na paróquia de Santa Luzia e que, desta vez, dois guardas deveriam vigiar a porta da igreja. À noite, os guardas ouviram barulho de passos. Examinaram o lugar e não viram ninguém, somente o rumor do vento e o mato se movendo. No dia seguinte, para o espanto de todos, principalmente dos vigias que não pregararam os olhos à noite, a imagem de Santo Antônio estava novamente sobre sua pedra em Roça Grande, desta vez com a batina cheia de carrapichos e poeira, como se ele tivesse caminhado pelo matagal da região.

Mais uma vez os moradores de Santa Luzia decidiram buscá-la em Roça Grande. Já tinha virado questão de honra e os luzienses não se rendiam ao fato da imagem, misteriosamente, teimar em ficar num lugar tão atrasado, com um povo simples na opinião corrente entre eles. Resolveram, então, repetir a tentativa de levar a imagem para Santa Luzia e reforçar a segurança para mantê-la na paróquia.

Preparou-se uma romaria para levar Santo Antônio de Roça Grande para Santa Luzia definitivamente e, nesse dia tão esperado, a ponte sobre o Rio das Velhas, que ligava o lugarejo à cidade, se desmanchou sobre o curso d'água – até hoje existem no local vestígios da tal ponte de madeira – impedindo, assim, a transferência do santo.

Os moradores de Roça Grande tomaram o fato como milagre e aceitaram que Santo Antônio queria viver sobre a pedra no morro em Roça Grande. Foi decretado que Santo Antônio não sairia da localidade e a imagem foi levada para a capelinha do povoado, que tinha catacumbas na porta e sepulturas dos bandeirantes sob o chão. Em 1940, a rocha também foi levada para a capelinha, já que o objeto também tinha virado alvo de adoração dos católicos e muitos tiravam lascas da mesma para guardar de lembrança, considerando ser algo santo.

A notícia do milagre de Santo Antônio de Roça Grande se espalhou. Começou a vir gente de todos os cantos para suplicar e agradecer milagres, principalmente na época das festas dedicadas à celebração do santo. A capelinha foi reformada e transformada em santuário. Quanto à imagem encontrada pelo lenhador, essa é a mesma que fica sobre o altar no santuário antigo e, abaixo dela, a pedra, também venerada e adorada. Os fiéis acreditavam que o pó da rocha era milagroso e raspavam a pedra para fazer chá, que, segundo diziam, curava qualquer mal.

Segundo informações contidas no Inventário dos Bens Móveis do Santuário de Santo Antônio de Roça Grande, a imagem passou por um processo de imunização, reintegração e repintura no ano de 1975, uma vez que teria sofrido queimaduras provocadas por velas que eram colocadas aos seus pés pelos devotos.

Não foram encontrados outros registros de intervenções realizadas na peça. A imagem, atualmente, se encontra exposta no altar-mor da igreja, sobre a pedra-tributo, e não participa de procissões religiosas. Durante as festividades dedicadas ao Santo, ele permanece no seu altar, para adoração dos fiéis.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: BIBLIOGRÁFICAS:

- AVILA, Afonso. Igrejas e Capelas de Sabará. Belo Horizonte, *Revista Barroco*, nº 8, 1976.
CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain et al. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 9 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.
FLEXOR, Maria Helena Ochi. Imagens de roca e de vestir na Bahia. *Revista Ohun*, ano 2, nº 2, 2005.
Disponível em: <<http://www.revistaohun.ufba.br>>



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 126 de 335



INVENTÁRIO dos bens móveis do Santuário de Santo Antônio de Roça Grande. Belo Horizonte: IPHAN, 1988

MEGALE, Nilza Botelho. *O livro de Ouro dos Santos: Vidas e milagres dos santos mais venerados do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942, v.2.

ENTREVISTAS:

Diva Malta Pereira, zeladora da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

Evandro Costa, artesão e morador de Roça Grande. Entrevista Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

Fabiano Dias, secretário paroquial da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

Não foi possível registrar fotograficamente a imagem sem as suas vestimentas de tecido, pois o acesso à peça é amplamente dificultado pela localização do altar.

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora.), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /
Data: dez 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jan 2008

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Bens móveis e integrados: ficha 6

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Roça Grande

3. ACERVO:
Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande

4. DESIGNAÇÃO:
Imagem de São Sebastião

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada e Eclesiástica: Arquidiocese de Belo Horizonte

6. ENDEREÇO:
Praça da Igreja, s/n, Roça Grande – Sabará/MG

7. RESPONSÁVEL:
Padre José Cláudio Dias
Av. Dr. Henrique de Melo, 300, Roça Grande – Sabará/MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Átrio, lado do Evangelho

9. ESPÉCIE:
Imaginária

10. ÉPOCA:
3º quartel do século XVIII – 1750 a 1775

11. AUTORIA:
Desconhecida

12. ORIGEM:
Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:
Capela primitiva de Santo Antônio de Roça Grande

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Madeira / Escultura e policromia

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não tem.

16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Imagem de São Sebastião. Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande.
Sabará/MG
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008





Imagem de São Sebastião Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande, Sabará/MG.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Detalhe da imagem de São Sebastião.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008

17. DESCRIÇÃO:

A imagem de São Sebastião é representada por figura masculina, jovem, de pé, em posição frontal, amarrada em um tronco de árvore pelos pulsos e pela perna direita. Apresenta rosto oval; olhos amendoados; olhar voltado para frente; nariz reto e afilado; boca pequena entreaberta; lábios finos; dentes aparentes; cabelos castanhos, curtos e encaracolados; pescoço longo; torso desnudo, com costelas e músculos bem definidos e manchas de sangue no local das perfurações; braço direito torcido e voltado para cima, braço esquerdo flexionado para frente; mãos abertas; perna esquerda levemente flexionada para frente, perna direita de apoio; pés descalços e em ângulo. Traja perizônio branco, amarrado à cintura do lado esquerdo. Apresenta base quadrangular marrom.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. Sua localização, no átrio da igreja, permite que a imagem fique exposta ao público, o que aumenta os riscos de dano ou evasão à peça.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20 DIMENSÕES:

Altura: 94 cm
Largura: 55 cm
Profundidade: 33 cm

21 ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Ruim, necessitando de higienização e intervenções técnicas sofisticadas para a sua restauração.



22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça apresenta sujidades generalizadas e aderidas, rachaduras, quebra do dedo indicador da mão direita, quebra e colagem dos dedos polegar da mão direita e polegar e indicador da mão esquerda, perfuração por pregos, perda das flechas, desgastes da madeira, craquelês, desgaste da policromia e presença de insetos xilófagos na base.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

Em 1821, cerca de um século após a sua construção, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Mais tarde, segundo Zoroastro Vianna⁶, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o adro foi ajardinado e deixou de desempenhar o papel de cemitério, o piso e o forro foram trocados, e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

Quando da construção da atual Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande, em 1915, a imagem de São Sebastião foi transferida para as novas instalações.

Não foram encontrados registros de intervenções oficiais sofridas pela peça, apesar da imagem apresentar colagem dos dedos polegar da mão direita e indicador e polegar da mão esquerda.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Imagem esculpida em madeira, com perfurações no torso para a colocação de flechas. Possui olhos de vidro. Apresenta policromia em preto, branco, marrom, verde e rosa (carnação).

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Peça mineira datável do 3º quartel do século XVIII, de composição movimentada, com grande detalhamento da anatomia, elaborada torção dos braços, panejamento com dobras largas e bem marcadas e cabelos esvoaçantes.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

São Sebastião nasceu em Narbona, na Itália, em meados do século III e foi educado em Milão. Alistou-se como legionário e, devido à sua bravura, foi nomeado chefe da guarda pretoriana de Dioclesiano em 269. Aproveitando-se de sua situação privilegiada, o santo convertia soldados e prisioneiros à fé cristã. Foi denunciado ao imperador, que tentou demovê-lo de sua fé, oferecendo-lhe cargos e presentes. São Sebastião não se corrompeu pelas ofertas. O governante, sentindo-se traído, ordenou que ele fosse despido, amarrado a uma árvore e morto a flechadas. Uma viúva chegou ao local para lhe dar sepultura condigna e percebeu que o mártir ainda estava vivo. Depois de curado, São Sebastião voltou a se encontrar com o imperador e o reprovou por sua crueldade. No dia 20 de agosto de 288, o santo foi novamente preso em Roma e morto com pauladas e bolas de chumbo. Seu corpo foi atirado na Cloaca Máxima para que não fosse venerado. Seu corpo foi encontrado e sepultado por cristãos.

A representação iconográfica do Santo oscilou ao longo dos anos, vindo a se definir em fins do período renascentista. Nos primeiros tempos, era comum aparecer vestido de túnica militar. No gótico, veste armadura ou traje de nobres paladinos, e no Renascimento reaparece portando traje militar de soldado romano. A partir de então, a linha iconográfica do santo se firma e passa a ser representado amarrado a um pilar ou a um tronco de árvore, trespassado por flechas, de acordo com seu martírio. É considerado o padroeiro dos soldados; é invocado contra a peste, a fome e a guerra.

27. DADOS HISTÓRICOS

O antigo Arraial de Santo Antônio do Bom Retiro da Roça Grande foi um dos primeiros núcleos de mineração e povoamento da região do rio das Velhas circunvizinha a Sabará. A freguesia foi instituída em

⁶ PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.



1707 e, já em 1724, foi elevada à categoria de colativa, com patrimônio doado pelo bandeirante Manuel de Borba Gato, o que para época significava um avanço e o reconhecimento da instituição eclesiástica da importância da localidade. No entanto, como força dos novos tempos, em 1779, a sede da freguesia foi transferida para Santa Luzia, à época considerada mais estratégica que Roça Grande. A capela de Santo Antônio passou à condição de capela filial a Santa Luzia. O feito é um indício do grau de decadência por que passou a localidade na segunda metade do século XVIII, quando o ouro já era escasso e quando houve uma debanda geral da população que havia se instalado em suas paragens lhe conferindo, nas suas primeiras décadas de existência, status e relevância no contexto da exploração aurífera em larga escala pelos primeiros bandeirantes.

Durante o processo de ocupação do interior da América Portuguesa, com a entrada das bandeiras em busca de metais e pedras preciosas, os homens que as compunham não se desgarravam de sua fé. Mesmo com todas as atrocidades que podem ser lembradas durante o processo, a religiosidade era um componente importante nesse contexto em meio às outras diversas práticas e atividades exercidas.

Era prática corrente nesse período, ao se escolher uma área para fixar um acampamento permanente – o que viria originar muitos núcleos populacionais – se atribuir a invocação a algum santo para a proteção da localidade. Geralmente, o santo escolhido era o mesmo de devoção do chefe da bandeira, que sempre levava consigo uma imagem. Para abrigar a mesma imagem eram construídas pequenas capelas para onde também se convergiram as práticas religiosas, quando o processo de ocupação populacional já estava em desenvolvimento.

Esse curso, comum a muitas localidades, parece ter sido o mesmo que ocorreu em Santo Antônio de Roça Grande. A localidade, a primeira a ser efetivamente ocupada da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabuçu, teve como seu santo protetor o mais popular entre os portugueses.

Presume-se que a edificação da capela primitiva se deu por volta da década de 1720. À beira das curvas do Rio das Velhas, o local escolhido para se levantar a Igreja tornou-se ponto de irradiação da ocupação da localidade no século XVIII. Além disso a igreja também se firmou como ponto de referência aos navegadores que subiam e desciam o rio, que era uma das principais vias para se chegar à região.

Em 1821, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Segundo Zoroastro Vianna⁴⁹, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Atualmente, funciona neste anexo um consultório odontológico. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Nesse local estão reunidas todas as peças deixadas pelos fiéis, em homenagem ao santo por agradecimento a milagres alcançados, a partir da fé e da devoção dispensadas ao padroeiro de Roça Grande. Atualmente, além da sala dos milagres, a administração da paróquia também se encontra locada nesta edificação.

Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o cemitério que funcionava no adro da igreja foi removido pela Prefeitura Municipal de Sabará e a área foi ajardinada, o piso e o forro foram trocados, e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

A imagem de São Sebastião foi confeccionada em Minas Gerais no terceiro quartel do século XVIII, de acordo com suas características estilísticas, e, desde a sua fatura, compõe o acervo da Capela primitiva de Santo Antônio de Roça Grande. Quando da construção da Igreja Santuário de Santo Antônio, em 1915, a imagem foi transferida para o novo templo. Não foram encontrados registros de intervenções oficiais realizadas na peça, apesar de alguns dedos terem sido colados. Atualmente, a imagem se encontra exposta no átrio da igreja, do lado esquerdo e não participa de procissões religiosas.

28 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRÁFICAS

- ÁVILA, Afonso. Igrejas e Capelas de Sabará. Belo Horizonte, *Revista Barroco*, nº 8, 1976.
CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain et al. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 9 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.

⁴⁹ *Id.*, *ibid.*



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL



Página 131 de 335

MEGALE, Nilza Botelho. *O livro de Ouro dos Santos*. Vidas e milagres dos santos mais venerados do Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2.

RAMOS, Adriano Reis. Aspectos estilísticos da estatuária religiosa no século XVIII em Minas Gerais. *Revista Barroca*. Minas Gerais: FAPEMIG, 1993/6. nº 17, p. 193-207.

TAVARES, Jorge Campos. *Dicionário de Santos*. Porto: Lello & Irmão, 1990.

ENTREVISTAS:

Diva Malta Pereira, zeladora da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

Evandro Costa, artesão e morador de Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

Fabiano Dias, secretário paroquial da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora.), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /
Data: dez 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jan 2008

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Bens móveis e integrados: ficha 7

1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Roça Grande

3. ACERVO:

Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande

4. DESIGNAÇÃO:

Imagem de Nossa Senhora do Parto

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:

Propriedade Privada e Eclesiástica: Arquidiocese de Belo Horizonte

6. ENDEREÇO:

Praça da Igreja, s/n, Roça Grande – Sabará/MG

7. RESPONSÁVEL:

Padre José Cláudio Dias

Av. Dr. Henrique de Melo, 300, Roça Grande – Sabará/MG.

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:

Retábulo colateral – lado do Evangelho

9. ESPÉCIE:

Imaginária

10. ÉPOCA:

Final do século XVIII

11. AUTORIA:

Desconhecida

12. ORIGEM:

Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:

Capela primitiva de Santo Antônio de Roça Grande

14. MATERIAL / TÉCNICA:

Madeira / Escultura, policromia e douramento

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:

Não tem

16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Imagem de Nossa Senhora do Parto. Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande, Sabará/MG.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Imagem de Nossa Senhora do Parto, Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande, Sabará/MG.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Detalhes da imagem de Nossa Senhora do Parto,
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008

17. DESCRIÇÃO:

A imagem de Nossa Senhora do Parto é representada por figura feminina, jovem, de pé, em posição frontal. Apresenta rosto oval; olhos azuis entreabertos, grandes e amendoados; olhar voltado para frente; nariz reto e afilado; boca pequena entreaberta; lábios finos; dentes aparentes; queixo em montículo; cabelos castanhos, em estrias sinuosas, partidos ao meio e penteados para trás, pescoço longo; braços flexionados para frente; mãos abertas, aparando o Menino Jesus; perna direita levemente flexionada para frente, perna esquerda de apoio; pés encobertos. Veste túnica longa com estampa floral e barrado dourado, manto, longo azul com estampas e barrado dourados, simulando grande movimento, e véu branco sobre a cabeça. Sobre os pés encontram-se as cabeças de três anjos com olhar direcionados para baixo. Apresenta base oitavada dourada.

O Menino Jesus é representado por figura masculina, infantil, desnudo, deitada sobre as mãos de Nossa Senhora, posicionada a ¼ de perfil; com rosto redondo, de bochechas salientes, olhos pequenos voltados para Nossa Senhora, nariz pequeno e arrebitado, boca pequena, lábios muito finos, queixo em montículo. Apresenta cabelos curtos, louros e encaracolados, braços flexionados para frente, mão esquerda aberta, mão direita de abençoar, pernas flexionadas.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. Sua localização, no retábulo colateral esquerdo, permite que a imagem fique exposta ao público, o que aumenta os riscos de dano ou evasão à peça.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:



Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 80 cm
Largura: 40 cm
Profundidade: 30 cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular, necessitando de higienização e intervenções técnicas para a sua restauração.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça apresenta sujidades generalizadas e aderidas, pequenas rachaduras, quebra do pé direito e do dedão do pé esquerdo do Menino Jesus, perda da policromia do cotovelo direito do Menino, desgastes da madeira, craquelês, desgaste da policromia e do douramento.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

Em 1821, cerca de um século após a sua construção, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Mais tarde, segundo Zoroastro Vianna⁶⁰, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o adro foi ajardinado e deixou de desempenhar o papel de cemitério, o piso e o forro foram trocados, e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

Quando da construção da atual Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande, em 1915, a imagem de Nossa Senhora do Parto foi transferida para as novas instalações e colocada no nicho do retábulo colateral esquerdo.

Não foram encontrados registros de intervenções oficiais sofridas pela peça, apesar de a imagem apresentar resquícios de repintura.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Imagem esculpida em madeira, com douramento e policromia em azul, verde, vermelho, rosa, branco, castanho e bege (carnação).

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Peça mineira datável do final do século XVIII, de composição movimentada, com panejamento em dobras largas e bem marcadas, cabelos esvoaçantes e expressão teatralizada. Apresenta desproporção no tamanho das mãos e na representação do Menino Jesus.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

Maria é uma das personagens bíblicas que possui a mais vasta representação iconográfica da Igreja Católica, bem como um enorme número de invocações em diversos países do mundo, apesar de sua vida ser sucintamente relatada nos Evangelhos. Filha de São Joaquim e Sant'Ana, seu nascimento foi consagrado como fruto da fé e da penitência de seus pais, que não podiam ter filhos devido à idade avançada do casal e à esterilidade de Sant'Ana. Foi apresentada ao Templo ainda criança e lá permaneceu até os doze anos, quando da morte de seu pai. Casou-se com São José e foi escolhida por Deus para ser a mãe do seu Filho, através da concepção pelo Espírito Santo, tornando-se, desta forma, uma figura importante para os cristãos. Maria deu à luz a Jesus Cristo e o acompanhou durante toda a sua vida, auxiliando-o na tarefa de divulgar os ensinamentos divinos. Após o sacrifício de seu Filho, seguiu com Seus apóstolos na missão de fazer crescer a Igreja Cristã. Faleceu por volta do ano de 42d.C., sendo elevada ao Céu pela divina providência.

⁶⁰ PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.



No que se refere às representações iconográficas da Virgem na arte ocidental, Nilza Megale⁵¹ classifica seis grupos de acordo com as fases da vida de Maria para facilitar a análise simbólica: Infância, Imaculada Conceição, Encarnação, Virgem Mãe, Paixão e Glória. Nossa Senhora do Parto se apresenta como uma das poucas invocações da Encarnação de Maria.

A devoção à Nossa Senhora do Parto sempre foi muito grande, especialmente entre as mulheres grávidas, devido às deficiências da medicina em proteger a gestante e o bebê.

Iconograficamente, Nossa Senhora do Parto é representada de pé sobre nuvens com cabeças de anjos, vestida com uma túnica, uma capa que lhe cai dos ombros até os pés e um véu curto. Segura com as duas mãos o Menino Jesus nu e recém-nascido deitado sobre elas.

27. DADOS HISTÓRICOS:

O antigo Arraial de Santo Antônio do Bom Retiro da Roça Grande foi um dos primeiros núcleos de mineração e povoamento da região do rio das Velhas circunvizinha a Sabará. A freguesia foi instituída em 1707 e, já em 1724, foi elevada à categoria de colativa, com patrimônio doado pelo bandeirante Manuel de Borba Gato, o que para época significava um avanço e o reconhecimento da instituição eclesiástica da importância da localidade. No entanto, como força dos novos tempos, em 1779, a sede da freguesia foi transferida para Santa Luzia, à época considerada mais estratégica que Roça Grande. A capela de Santo Antônio passou à condição de capela filial a Santa Luzia. O feito é um indício do grau de decadência por que passou a localidade na segunda metade do século XVIII, quando o ouro já era escasso e quando houve uma debanda geral da população que havia se instalado em suas paragens: lhe conferindo, nas suas primeiras décadas de existência, status e relevância no contexto da exploração aurífera em larga escala pelos primeiros bandeirantes.

Durante o processo de ocupação do interior da América Portuguesa, com a entrada das bandeiras em busca de metais e pedras preciosas, os homens que as compunham não se desgarravam de sua fé. Mesmo com todas as atrocidades que podem ser lembradas durante o processo, a religiosidade era um componente importante nesse contexto em meio às outras diversas práticas e atividades exercidas.

Era prática corrente nesse período, ao se escolher uma área para fixar um acampamento permanente – o que viria originar muitos núcleos populacionais – se atribuir a invocação a algum santo para a proteção da localidade. Geralmente, o santo escolhido era o mesmo de devoção do chefe da bandeira, que sempre levava consigo uma imagem. Para abrigar a mesma imagem eram construídas pequenas capelas para onde também se convergiram as práticas religiosas, quando o processo de ocupação populacional já estava em desenvolvimento.

Esse curso, comum a muitas localidades, parece ter sido o mesmo que ocorreu em Santo Antônio de Roça Grande. A localidade, a primeira a ser efetivamente ocupada da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabuçu, teve como seu santo protetor o mais popular entre os portugueses.

Presume-se que a edificação da capela primitiva se deu por volta da década de 1720. À beira das curvas do Rio das Velhas, o local escolhido para se levantar a igreja tornou-se ponto de irradiação da ocupação da localidade no século XVIII. Além disso a igreja também se firmou como ponto de referência aos navegadores que subiam e desciam o rio, que era uma das principais vias para se chegar à região.

Em 1821, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Segundo Zoroastro Vianna⁵², a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Atualmente, funciona neste anexo um consultório odontológico. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Nesse local estão reunidas todas as peças deixadas pelos fiéis, em homenagem ao santo por agradecimento a milagres alcançados, a partir da fé e da devoção dispensadas ao padroeiro de Roça Grande. Atualmente, além da sala dos milagres, a administração da paróquia também se encontra locada nesta edificação.

Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o cemitério que funcionava no adro da igreja foi removido pela Prefeitura Municipal de Sabará e a área foi ajardinada, o piso e o forro foram

⁵¹ MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações da Virgem Maria no Brasil* 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. Obra citada nas referências bibliográficas.

⁵² PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.



trocados; e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

De acordo com suas características estilísticas é possível afirmar que a imagem de Nossa Senhora do Parto foi confeccionada em Minas Gerais no final do século XVIII, e, desde a sua fatura, a peça pertenceu ao acervo da Capela primitiva de Santo Antônio de Roça Grande. Quando da construção da Igreja Santuário de Santo Antônio, em 1915, a imagem foi transferida para o novo templo, passando a compor, desde então, o seu retábulo colateral esquerdo. A peça não participa de procissões religiosas.

Não foram encontrados registros de intervenções oficiais realizadas na peça, apesar de a imagem apresentar repintura.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRÁFICAS:

- ÁVILA, Afonso. Igrejas e Capelas de Sabará. Belo Horizonte, *Revista Barroco*, nº 8, 1976.
CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
MEGALE, Nilza Botelho. *Cento e doze invocações da Virgem Maria no Brasil*. História, iconografia, folclore. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
MEGALE, Nilza Botelho. *O livro de Ouro dos Santos: Vidas e milagres dos santos mais venerados do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2.
RAMOS, Adriano Reis. Aspectos estilísticos da estatuária religiosa no século XVIII em Minas Gerais. *Revista Barroco*. Minas Gerais: FAPEMIG, 1993/6. nº 17, p. 193-207.
RÉAU, Louis. *Iconographie de L'art Chretien*. 1955.

ENTREVISTAS:

- Diva Malta Pereira, zeladora da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.
Evandro Costa, artesão e morador de Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.
Fabiano Dias, secretário paroquial da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

30. FICHA TÉCNICA

- Levantamento: Flávia Melo (historiadora.), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /
Data: dez 2007
Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jan 2008
Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008
-



Bens móveis e integrados: ficha 8

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Roça Grande

3. ACERVO:
Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande

4. DESIGNAÇÃO:
Pedra de Santo Antônio

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada e Eclesiástica: Arquidiocese de Belo Horizonte

6. ENDEREÇO:
Praça da Igreja, s/n, Roça Grande – Sabará/MG

7. RESPONSÁVEL:
Padre José Cláudio Dias
Av. Dr. Henrique de Melo, 300, Roça Grande – Sabará/MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Altar-mor

9. ESPÉCIE:
Atributo de imaginária

10. ÉPOCA:
Início do século XX (atribuição)

11. AUTORIA:
Processo natural de degradação mineral

12. ORIGEM:
Sabará: Margens do Rio das Velhas

13. PROCEDÊNCIA:
Capela primitiva de Santo Antônio de Roça Grande

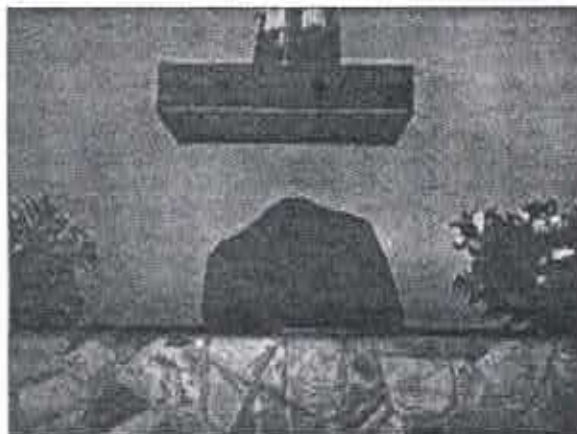
14. MATERIAL / TÉCNICA:
Quartzo / Erosão

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não tem.

16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Pedra de Santo Antônio. Igreja Santuário de Santo Antônio de
Roça Grande, Sabará/MG
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Pedra de Santo Antônio, no altar-mor da Igreja Santuário de Santo Antônio de Roça Grande, Sabará/MG.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008



Pedra de Santo Antônio.
Fotografia: Flávia Melo Data: jan/2008

17. DESCRIÇÃO:

Pedra com formato arredondado, com algumas irregularidades em sua parte superior. Apresenta coloração acinzentada.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Boas. A localização da pedra, na parte interna do altar-mor, permite o acesso ao público de forma restrita, o que minimiza os riscos de dano ou evasão à peça.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Seixo principal (altura): 80 cm
Seixo secundário (diâmetro): 100 cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Bom, necessitando de higienização.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça apresenta sujidades generalizadas e aderidas, arranhados, lascados e pequenas rachaduras.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

Em 1821, cerca de um século após a sua construção, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Mais tarde, segundo Zoroastro Vianna⁵³, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Em 1994, a igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o adro foi ajardinado e deixou de desempenhar o papel de cemitério, o piso e o forro foram trocados, e duas paredes foram acrescentadas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

Não foram encontrados registros de intervenções sofridas pela peça.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Quartzo com seixo rolado, modelado naturalmente pelos efeitos de erosão oriundos do transporte fluvial.

⁵³ PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.

**25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:**

A peça não apresenta características estilísticas.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

De acordo com a tradição oral difundida pela cidade, a imagem de Santo Antônio foi encontrada sobre esta pedra por um lenhador às margens do Rio das Velhas no início do século XX. A Mitra Arquidiocesana de Belo Horizonte ordenou que a imagem fosse levada para a paróquia de Santa Luzia, mas, misteriosamente, a imagem retornou para a pedra. O fato se repetiu por diversas vezes, até que a população se convenceu de que aquele seria um milagre e que o santo havia elegido aquela pedra como sagrada. A pedra foi levada para a Capela de Roça Grande e se tornou alvo de adoração dos fiéis, sendo considerada um atributo específico de Santo Antônio.

Durante grande parte do século XX, a população local provocou o desgaste da pedra, por acreditar que o pó da pedra e suas lascas possuíam propriedades medicinais e sagradas. Atualmente, os fiéis deixam sobre a pedra bilhetes contendo promessas e pedidos ao santo.

27. DADOS HISTÓRICOS:

O antigo Arraial de Santo Antônio do Bom Retiro da Roça Grande foi um dos primeiros núcleos de mineração e povoamento da região do rio das Velhas circunvizinha a Sabará. A freguesia foi instituída em 1707 e, já em 1724, foi elevada à categoria de colativa, com patrimônio doado pelo bandeirante Manuel de Borba Gato, o que para época significava um avanço e o reconhecimento da instituição eclesiástica da importância da localidade. No entanto, como força dos novos tempos, em 1779, a sede da freguesia foi transferida para Santa Luzia, à época considerada mais estratégica que Roça Grande. A capela de Santo Antônio passou à condição de capela filial a Santa Luzia. O feito é um indício do grau de decadência por que passou a localidade na segunda metade do século XVIII, quando o ouro já era escasso e quando houve uma debanda geral da população que havia se instalado em suas paragens lhe conferindo, nas suas primeiras décadas de existência, status e relevância no contexto da exploração aurífera em larga escala pelos primeiros bandeirantes.

Durante o processo de ocupação do interior da América Portuguesa, com a entrada das bandeiras em busca de metais e pedras preciosas, os homens que as compunham não se desgarravam de sua fé. Mesmo com todas as atrocidades que podem ser lembradas durante o processo, a religiosidade era um componente importante nesse contexto em meio às outras diversas práticas e atividades exercidas.

Era prática corrente nesse período, ao se escolher uma área para fixar um acampamento permanente – o que viria originar muitos núcleos populacionais – se atribuir a invocação a algum santo para a proteção da localidade. Geralmente, o santo escolhido era o mesmo de devoção do chefe da bandeira, que sempre levava consigo uma imagem. Para abrigar a mesma imagem eram construídas pequenas capelas para onde também se convergiram as práticas religiosas, quando o processo de ocupação populacional já estava em desenvolvimento.

Esse curso, comum a muitas localidades, parece ter sido o mesmo que ocorreu em Santo Antônio de Roça Grande. A localidade, a primeira a ser efetivamente ocupada da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabuçu, teve como seu santo protetor o mais popular entre os portugueses.

Presume-se que a edificação da capela primitiva se deu por volta da década de 1720. À beira das curvas do Rio das Velhas, o local escolhido para se levantar a igreja tornou-se ponto de irradiação da ocupação da localidade no século XVIII. Além disso a igreja também se firmou como ponto de referência aos navegadores que subiam e desciam o rio, que era uma das principais vias para se chegar à região.

Em 1821, a igreja se encontrava em mau estado de conservação, tendo sido realizadas obras de reparo por iniciativa do zelador Manuel José Fortes. Segundo Zoroastro Vianna⁴, a capela primitiva foi demolida em 1915, construindo-se em seu lugar a atual igreja. Desde então, o templo sofreu algumas intervenções. No final da década de 1930, foi construída sua torre central. Em meados do século XX, foi construído um anexo, do lado direito da igreja, para o funcionamento do centro de romarias. Atualmente, funciona neste anexo um consultório odontológico. Nesta mesma época, uma sala dos milagres foi instalada numa edificação localizada à frente da igreja. Nesse local estão reunidas todas as peças deixadas pelos fiéis, em homenagem ao santo por agradecimento a milagres alcançados, a partir da fé e da devoção dispensadas

⁴ PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2. Obra citada nas referências bibliográficas.



ao padroeiro de Roça Grande. Atualmente, além da sala dos milagres, a administração da paróquia também se encontra locada nesta edificação.

Em 1994, a Igreja passou por uma reforma generalizada, na qual o cemitério que funcionava no adro da Igreja foi removido pela Prefeitura Municipal de Sabará e a área foi ajardinada, o piso e o forro foram trocados; e duas paredes foram acrescidas na capela-mor, deixando a imagem de Santo Antônio e sua pedra expostas. Em 2003, a Igreja Santuário de Santo Antônio passou por uma nova reforma, na qual a edificação foi totalmente repintada.

Várias são as histórias que envolvem a imagem de Santo Antônio pertencente à Igreja homônima. A principal delas, conservada pela tradição oral, é que nas primeiras décadas do século XX, um lenhador da região encontrou uma imagem de Santo Antônio de Pádua sobre uma pedra, nas imediações de um morro que circunda o bairro, hoje conhecido como Rosário III. Rapidamente a notícia correu em Sabará e Santa Luzia e vieram beatos e padres para ver a imagem achada. A Mitra Arquidiocesana de Belo Horizonte ordenou que o santo fosse levado para a paróquia central, localizada em Santa Luzia, e assim foi feito.

No entanto, na manhã seguinte, o santo havia desaparecido da paróquia e encontrado sobre a mesma pedra em Roça Grande. Novamente pegaram a imagem e a levaram para Santa Luzia. Mas no dia seguinte, a imagem havia desaparecido novamente. Voltaram a vê-la no mesmo local onde havia sido achada pelo lenhador. Conta-se que a pedra de Santo Antônio ficava em cima de um morro e que a rocha tinha o formato exato para o santo se assentar e descer as pernas. Era assim que as pessoas o encontravam nas manhãs, depois de sumir da Igreja de Santa Luzia.

Intrigada com o fato, a Mitra Arquidiocesana decidiu que colocariam o santo novamente na paróquia de Santa Luzia e que, desta vez, dois guardas deveriam vigiar a porta da igreja. À noite, os guardas ouviram barulho de passos. Examinaram o lugar e não viram ninguém, somente o rumor do vento e o mato se movendo. No dia seguinte, para o espanto de todos, principalmente dos vigias que não preparam os olhos à noite, a imagem de Santo Antônio estava novamente sobre sua pedra em Roça Grande, desta vez com a batina cheia de carrapichos e poeira, como se ele tivesse caminhado pelo matagal da região.

Mais uma vez os moradores de Santa Luzia decidiram buscá-la em Roça Grande. Já tinha virado questão de honra e os luzienses não se rendiam ao fato da imagem, misteriosamente, teimar em ficar num lugar tão altrasado, com um povo simples na opinião corrente entre eles. Resolveram, então, repetir a tentativa de levar a imagem para Santa Luzia e reforçar a segurança para mantê-la na paróquia.

Preparou-se uma romaria para levar Santo Antônio de Roça Grande para Santa Luzia definitivamente e, nesse dia tão esperado, a ponte sobre o Rio das Velhas, que ligava o lugarejo à cidade, se desmanchou sobre o curso d'água – até hoje existem no local vestígios da tal ponte de madeira – impedindo, assim, a transferência do santo.

Os moradores de Roça Grande tomaram o fato como milagre e aceitaram que Santo Antônio queria viver sobre a pedra no morro em Roça Grande. Foi decretado que Santo Antônio não sairia da localidade e a imagem foi levada para a capelinha do povoado, que tinha catacumbas na porta e sepulturas dos bandeirantes sob o chão. Em 1940, a rocha também foi levada para a capelinha, já que o objeto também tinha virado alvo de adoração dos católicos e muitos tiravam lascas da mesma para guardar de lembrança, considerando ser algo santo.

A notícia do milagre de Santo Antônio de Roça Grande se espalhou. Começou a vir gente de todos os cantos para suplicar e agradecer milagres, principalmente na época das festas dedicadas à celebração do santo. A capelinha foi reformada e transformada em santuário. Quanto à imagem encontrada pelo lenhador, essa é a mesma que fica sobre o altar no santuário antigo e, abaixo dela, a pedra, também venerada e adorada. Os fiéis acreditavam que o pó da rocha era milagroso e raspavam a pedra para fazer chá, que, segundo diziam, curava qualquer mal.

A pedra começou a sofrer com os desgastes provocados pela população. Em 1964, a rocha foi colocada dentro de uma caixa de vidro para a sua preservação. Com a reforma da Igreja em 1994, a rocha foi retirada da caixa e novamente exposta aos fiéis, desta vez protegida pelas pequenas paredes construídas na capela-mor. Desta forma, o acesso à pedra ficou restrito aos fiéis, sendo permitido somente com a companhia de um responsável pela Igreja para a colocação de bilhetes contendo promessas e pedidos ao santo.



28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRÁFICAS:

ÁVILA, Affonso. Igrejas e Capelas de Sabará. Belo Horizonte, *Revista Barroco*, nº 8, 1976.

CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.

PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942. v.2.

ENTREVISTAS:

Diva Malta Pereira, zeladora da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

Evandro Costa, artesão e morador de Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

Fabiano Dias, secretário paroquial da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora.), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /
Data: dez 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jan 2008

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



4.3 Fichas: acervo civil

estrutura arquitetônica: ficha 9

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. DESIGNAÇÃO:
Ruína Melo Viana

4. ENDEREÇO:
Rua Professor Francisco Lopes de Azeredo, 63

5. PROPRIEDADE / SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE:
Jurandir Lamego
Propriedade particular/privada

6. RESPONSÁVEL:
Jurandir Lamego

7. SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO:
Própria

8. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:



Fachada frontal (acima) e entorno (à esquerda Rua Prof. Francisco Lopes de Azeredo e à direita Rua Dom Pedro II)
Fotos: Gabriela Tassara, maio/07



9. ANÁLISE DE ENTORNO – SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA:

A edificação localiza-se no Centro Histórico de Sabará à Rua Professor Francisco Lopes, via de mão única, pavimentada com paralelepípedo em toda sua extensão, cuja pista de rolamento comporta apenas um veículo. O tráfego na via é de caráter local, sendo formado por poucos pedestres e veículos de pequeno porte e seu estado de conservação é bom. As demais ruas no entorno da edificação são razoavelmente planas.

No entorno imediato ao imóvel predominam os terrenos planos e profundos. Nota-se que praticamente todos os lotes estão ocupados. Não existe arborização nesse trecho da rua, as árvores existentes pertencem aos quintais ou mesmo à própria edificação. Há calçadas estreitas em ambos os lados da via e, em frente à ruína, o revestimento em cimento está bastante degradado e coberto por vegetação.

A região é marcada pela presença de casas antigas juntamente com outras recentes. As mais antigas, remetem ao século XIX. A maioria das edificações é de uso residencial e apresentam volumetria horizontal ou vertical de até dois pavimentos. Não há afastamentos frontais e o fechamento dos terrenos é feito pelas próprias edificações. O acesso às residências é predominantemente frontal. O Rio das Velhas, referência natural nas proximidades da ruína, representa uma barreira e ponto de separação do centro histórico da cidade com os bairros adjacentes.

Não se nota a substituição dos usos existentes na região. Em vários edifícios do entorno, observa-se a posterior construção de um segundo pavimento nas residências, o que mostra a tendência ao adensamento. As edificações próximas encontram-se em geral, bem conservadas. O distrito dispõe de infraestrutura básica como água, esgoto, luz elétrica e coleta de lixo. A iluminação pública apresenta fiação aparente o que prejudica a percepção do imóvel.

10. HISTÓRICO:

A paisagem urbana da área central de Sabará vai para além da parte que concentra o conjunto mais regular e substantivo dos seus prédios históricos, datados em sua maioria dos séculos XVIII e XIX. São vários os recantos da sede da cidade, que trazem parte de sua história. Um desses locais é a imponente ruína do chamado Solar Mello Vianna, ou Sobrado da Ponte Pequena, situado à Rua Francisco Lopes de Azevedo. Essa via é uma continuação da Rua Pedro II.

Pelas formas construtivas do casarão é possível que o sobrado tenha sido erguido em fins do século XVIII ou início do século XX, sem ser possível datar exatamente a época de sua construção. Esse período é marcado como uma hipótese plausível baseado também no desenvolvimento da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabassú, por esse tempo, o que explicaria a dimensão e a riqueza dedicadas ao edifício. A atividade comercial nesses idos suplantava a antiga exploração mineral e aurífera característica do século XVIII, numa readaptação do setor econômico sabarense. Com relação ao solar, como era de se esperar, as suas ruínas sempre provocaram e suscitaram as mais variadas histórias, mitos e lendas pelo movimento e rebuscos da tradição oral, em que moradores incitam, criam e perpetuam através de gerações.

Por meio das importantes falas dessa tradição oral temos a notícia de que um português, de nome ignorado, foi um dos primeiros proprietários do sobrado. No entanto, por conta do sentimento antilusitano que se abateu sobre a população brasileira na época da Independência do país, nos idos de 1822, o português fugiu com sua família, deixando o imóvel em abandono. Pode ser que essa tenha sido a primeira experiência de abandono da construção. Porém ele foi recuperado em outras circunstâncias. Mas é também revelado pela oralidade que o local era sede de uma fazenda que se situava na área, ainda mesmo no século XVIII e alguns elementos das ruínas são apontados como sendo remanescentes de uma senzala. Outra importante história que cerca o imóvel é de que na sua enorme área era usada para abrigar elefantes de companhias circenses que passavam por Sabará durante o século XIX e início do século passado, o que acabou por fornecer outra nomenclatura para o solar: Solar dos Elefantes. Essas histórias sobre o sobrado são variadas mas não se respaldam em fontes que possam lhes cercar de maior veracidade. Mas fazem parte do imaginário em torno do lugar, o que vale a pena ser mencionado, revelando mais um aspecto da relação dos moradores para com as ruínas do casarão.

A forma restante do antigo sobrado nos permite supor que em algum momento de sua trajetória ali também esteve instalado algum comércio. A prática corrente de se construir prédios de dois pavimentos foi uma máxima do Brasil-colônia, sendo que Sabará não escapou à regra. Em "Sobrados e Mucambos", Gilberto Freyre frisa o argumento que os colonos dedicavam parte do térreo às suas atividades comerciais e de prestação de serviços, abertos ao mundo público. Por sua vez, o pavimento superior constitui a área reservada do imóvel, o local das experiências particulares da família, sendo que a escada ligava os dois



mundos: o do trabalho e o da vida privada. As aberturas, ainda perceptíveis no pavimento térreo do Solar Mello Viana, podem comprovar esses usos originais como área comercial.

Entre os proprietários do bem, o mais marcante foi a família Mello Vianna, que inclusive dá nome ao edifício. Em 1887 o Comendador Manoel Pereira de Mello Vianna comprou o imóvel de Maria Josepha Nogueira⁵⁵. Essa senhora havia recebido o casarão e a sua área a partir de herança do coronel Pedro Gomes Nogueira e Agenor Nogueira. O coronel era uma das mais importantes figuras públicas de Sabará na primeira metade do século XIX e foi um forte opositor de D. Pedro. Segundo reza a lenda foi ele quem puxou as vaías no Teatro Municipal da vila, quando o imperador veio visitar a província de Minas, em 1827.

Por sua vez, Manoel Mello Vianna, que era de nacionalidade portuguesa, foi um destacado comerciante de Sabará. A partir de dados colhidos em entrevista, o comendador era o responsável pelo transporte de cargas no trecho navegável do Rio das Velhas e também era ele quem geria a compra de mercadorias para a Mina do Morro Velho, em Vila Nova de Lima, hoje Nova Lima⁵⁶. O comendador também se recobre de relevância, talvez por conta da paternidade de um dos mais influentes políticos mineiros do século passado e natural de Sabará: Fernando de Mello Vianna. A sua vida pública, como deputado, senador, governador do estado, o lançou como um dos nomes mais tradicionais do mundo político mineiro e também nacional⁵⁷.

Fernando de Mello Vianna e seus irmãos herdaram o afamado casarão à beira do Rio Sabará, a partir de partilha feita em 1897, com a morte do pai, de acordo com as informações do registro do imóvel⁵⁸. Porém não chegou a fixar residência no local. A sua estada no solar da família se deu somente em algumas temporadas, como nos anos 1918-19, quando a epidemia de febre amarela atacou a cidade de Sabará e o casarão foi ocupado pela família, que fugiu do centro da cidade, foco da doença. Mas o nome do político sabarense foi perpetrado ao solar, mesmo que com sua deterioração. Sua marca à frente do bem é tão pujante, que até hoje em dia o casarão leva o seu nome, muito embora a propriedade do casarão pertença à família Lamego.

No que diz respeito à área do solar, essa se perdeu com a construção do ramal ferroviário Santa Bárbara, que passou na parte posterior da casa. O ramal, ligando Sabará a Santana dos Ferros (atual Santa Bárbara) foi construído no ano de por volta de 1915. Uma hipótese plausível para o abandono que caracteriza o solar é a de que a trepidação constante causada com o ir e vir das locomotivas acabou por provocar rachaduras das paredes e abalar a estrutura do bem, desestimulando, de uma vez por todas, a reocupação do casarão. E com seu abandono, a situação acabou por chegar ao estado atual em que se encontra.

Voltando à trajetória de proprietários do imóvel, vê-se que uma parte do bem foi comprada pelo sr. Hebert Neves Marins, em 1977, do casal Elvira de Assis Marins Pertence e Antônio Lisboa Pertence. O casal Pertence era proprietário de parte do bem desde os anos 50⁵⁹. No ano de 1980, o sr. Hebert também adquiriu outra metade do solar em hasta pública a outra parte do solar de vários dos herdeiros da família Mello Vianna⁶⁰. A propriedade do imóvel e de toda sua área foi integralizada nas suas mãos e da sua esposa, Maria Helena Neves Marins, até a venda ao sr. Jurandyr Carvalho Lamego, em 1986⁶¹. Por outro

⁵⁵ Livro de Notas n.º 109, fls. 35,37 verso – Cartório de Notas de 1.º ofício de Notas. Data de Abertura do Livro: 04/05/1886; Data de Encerramento: 24/05/1887.

⁵⁶ Entrevista de Floriano Baptista Vianna. Belo Horizonte: 08/10/2007 concedida a Felipe Carneiro Munaiê e Fernanda Corradi.

⁵⁷ Fernando de Mello Vianna nasceu em Sabará, em 15 de março de 1878 e faleceu em 10 de fevereiro de 1954. Um dos maiores estadistas brasileiros projetou-se como uma figura democrática de grande aceitação popular. Em 1924 foi Presidente do Estado de Minas, em lugar de Raul Soares que, antes de falecer, manifestou seu desejo de tê-lo como substituto, o que foi concretizado por indicação do Congresso Mineiro, ficando no cargo até 1926. Foi também vice-presidente da República, no período de 1926 a 1930, na administração de Washington Luiz. Com a Revolução de 1930, que colocou Getúlio Vargas no poder, derrotando as oligarquias paulistas e o esquema político oligárquico da Primeira República, Fernando de Mello Vianna afastou-se da política e foi exercer a advocacia em Minas Gerais e no Distrito Federal. Foi notável a sua atuação que foi eleito presidente da Ordem dos Advogados, por duas vezes. De volta à política, contribuiu com seus conhecimentos de Direito Civil e Constitucional na elaboração da nova Carta Magna, na gestão da Presidência da Assembleia Constituinte, em 1946, cabendo-lhe as honras de proclamar a Constituição Brasileira do período pós-Estado Novo. Em Sabará, o nome do político é perpetuado na praça da Igreja do Rosário. A família residiu no "Solar Mello Viana", hoje em ruínas, e também em outro sobrado, no centro, na esquina da Rua Comendador Vianna com o beco do Teatro (atual Rua Amélia Munaiê). Retirado de http://www.sabaranet.com.br/personalidades_fernando.asp e http://www.senado.gov.br/sf/senadores/presidentes/p_rep_Mello_Viana.asp. Acessados em 19/10/07.

⁵⁸ Registro de imóvel Livro 2: Matrícula 7728, ficha 1 e 2.

⁵⁹ Registro de imóvel Livro 3L, Matrícula 9856, fls. 77.

⁶⁰ Os herdeiros transmitentes do imóvel ao sr. Hebert Neves Marins eram Cristina Cândida de Mello Vianna, Thereza Cândida de Mello Vianna, Henrique Pereira de Mello Vianna, José Augusto de Mello Vianna, Eugênia de Mello Vianna, Fernando de Mello Vianna, Antônio Augusto de Mello Vianna, Manoel Frederico de Mello Vianna, Luiz Virgílio de Mello Vianna, Amélia de Mello Vianna, Clotilde de Mello Vianna e Josepha de Mello Vianna. Registro de imóvel Livro 2: Matrícula: 7728, ficha 1 verso, R.1, protocolo 5781. A sentença foi lavrada em 31 de julho de 1897 a partir da morte do comendador e o seu respectivo inventário.

⁶¹ Registro de imóvel Livro 2: Matrícula 7728, ficha 1 verso, R.3, protocolo 5782 e R.4 protocolo 13788. Livro de Notas n.º 160-S, fls. 14 e verso.



lado, a esposa do sr. Jurandyr, Dona Norma do Carmo Lamego, tinha pretensões de instalar o Museu do Azulejo na área do antigo e deteriorado solar. A intenção de Dona Norma era que com o museu seria possível abrigar e expor parte do seu acervo particular composto por mais de mil azulejos raros de vários cantos do mundo, além de peças de forjaria e marcenaria, material que juntou na sua Chácara do Fogo Apagou, ao longo de mais de trinta anos. Ainda hoje, existe o projeto para a criação do espaço cultural que se conciliaria com as ruínas do Solar Mello Vianna⁶², readaptando o imóvel a outras práticas e usos.

Quanto ao imaginário, é preciso deixar claro que esse é formado também pela força viva dos fragmentos, lembranças, embaralhamentos, ausências e qualificações da tradição oral. Tradição, essa, fundamental porque permeia a memória social em torno do bem e contorna os sentidos atribuídos ao imóvel pela comunidade sabarense que o tem integrado à vida da cidade, em sua forma material e simbólica. A própria condição de ruína do imóvel se assemelha à oralidade, em suas faltas e deformações, mas com sua força, porosidade e vivacidade inegáveis. O Solar Mello Vianna traz em torno de si essa complexa relação que revela a monumentalidade de suas formas mesmo que em pedaços, contudo com a capacidade de intercalar as temporalidades presente e passado.

Outro aspecto importante de se notar é quanto à relação da população do entorno para com o imóvel. Vale lembrar que toda a área foi se constituindo já com o solar de pé e depois em ruínas, ao longo do século XX. Há alguns usos interessantes no espaço do antigo solar, como a horta que existe no local. A sua estrutura é peça marcante no cotidiano das pessoas que moram nas suas proximidades, seja por sua monumentalidade seja por sua condição de ruína.

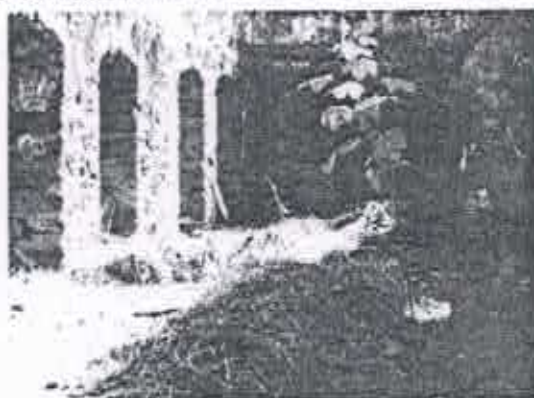
11. USO ATUAL:

A edificação não apresenta uso. Parte posterior do terreno é apropriada pelos vizinhos para plantação de horta para consumo próprio.

12. DESCRIÇÃO:

A construção encontra-se em processo de arruinamento sendo que os vestígios encontrados apontam para uma edificação de dois pavimentos. Está implantada no nível da rua, em lote plano e largo que começa na Rua Professor Francisco Lopes e tem como limite posterior outra edificação. Encontra-se no alinhamento da via e apresenta afastamentos lateral e posterior. O afastamento lateral direito, fechado por um muro de pedra, apresenta vegetação rasteira e árvores de médio porte além de ser a circulação do próprio terreno. O afastamento lateral esquerdo também é coberto por vegetação rasteira cercado por muro de pedra. Na parte posterior da edificação, há um pequeno afastamento ocupado por uma horta de propriedade dos vizinhos de fundo. O terreno é delimitado posteriormente pela cerca de arame dessa mesma edificação.

A ruína remete ao estilo colonial. De acordo com relatos, já foi residência de burgueses e já abrigou outros usos ao longo do tempo. A edificação se desenvolve em duas alas retangulares, separadas por um muro de pedra e cuja maior dimensão é paralela à rua. A entrada pode ser feita pelos vãos frontais ou pelo portão com estrutura de madeira aramado localizado no limite da calçada à direita. A partir da entrada pelo portão, encontra-se o acesso à ruína, que é dado por meio de um vão localizado na parede lateral direita. A primeira ala está localizada mais à frente e é mais profunda do que a posterior. Segundo moradores do local, a porção posterior do prédio foi utilizada como senzala em períodos remotos. O fechamento da ruína no final do terreno é feito por uma parede que possui diversos vãos rasgados por inteiro. O sistema construtivo original utilizado foi a estrutura autoportante de pedra revestido por reboco, contudo este é praticamente inexistente, restando apenas alguns resquícios na fachada principal. O piso é em terra batida. Não há laje dividindo os pavimentos e nem cobertura, porém ainda há resquícios do coroamento que é feito por cimalha em todos os lados.



Vista interna da ruína
Foto: Gabriela Tassara, Maio/07

A fachada principal é simétrica e possui dez vãos, sendo seis na parte inferior e quatro na parte superior. Desses vãos, nove são rasgados por inteiro e apenas um possui peitoril. Não há esquadrias e o enquadramento das aberturas é feito por pedra com vergas em arco abatido. A fachada principal possui

⁶² ANDRADE, Rodrigo; ANDRADE, Manuel. *Estudo Preliminar de Arquitetura: Projeto do Museu do Azulejo*. Sabará: junho/2007.



também um muro de pedras e um portão com estrutura de madeira e vedado por um aramado, localizados na fachada principal à direita.

13. PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:
Nenhuma

14. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA
Inventário

15. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:
Péssimo (processo de arruinamento)

16. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A ruína apresenta-se em estado precário de conservação, além de estar em processo de desmoronamento. Seu interior se encontra bastante degradado, sendo tomado por vegetação e acúmulo de lixo. Nas paredes de pedra, o crescimento de vegetação contribui para o desprendimento de pedras e a aceleração do arruinamento.

17. FATORES DE DEGRADAÇÃO:

O principal fator de degradação diz respeito ao desgaste natural dos materiais ao longo do tempo. Além disso, a depredação feita pela população, fez com que diversos elementos remanescentes na ruína fossem retirados para a construção de suas próprias casas. Soma-se a isso também a falta de manutenção por parte do proprietário.

18. MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO:

- A edificação deve ser submetida à manutenção e vistoria constantes para impedir que os problemas já identificados possam se agravar posteriormente, afetando a integridade da construção;
- Realizar manutenção periódica nos elementos estruturais para evitar avanço da degradação da ruína;
- Observar desenvolvimento de fissuras e rachaduras nos elementos compositivos;
- Interromper processos avançados de degradação das paredes de vedação desenvolvendo projeto de consolidação da ruína;
- Eliminar o desenvolvimento de plantas e vegetação daninha na estrutura da edificação;
- Realizar capina e poda de vegetação no interior do lote;
- Não substituir qualquer elemento de composição e/ou estrutural sem a avaliação de técnico especializado.

19. INTERVENÇÕES:

A única intervenção visível na composição original da ruína é o portão com estrutura em madeira e fechado por arame, colocado à direita na fachada frontal. Não é possível determinar com precisão a data, mas esta é anterior ao século XXI. A ruína sofreu também modificações decorrentes dos fatores de degradação, que levaram ao precário estado atual da edificação. O piso interno, de acordo com relatos de moradores, era em tabuado corrido de madeira; hoje, é de terra batida.

20. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Lucia Machado de. *Passeio a Sabará*. São Paulo: Martins Fontes, 1952.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*.

ROSA, Antonio Santa. *Conhecendo o Sabarabussu*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1974.

ENTREVISTAS:

Beatriz Irene. Sabará: 16/05/2007 concedida a João Paulo Lopes

Floriano Baptista Vianna. Belo Horizonte: 08/10/2007 concedida a Felipe Carneiro Munaier e Fernanda Corradi.

Rosa Pereira dos Santos. Sabará: 16/05/2007 concedida a João Paulo Lopes.

FONTES DOCUMENTAIS:

ANDRADE, Rodrigo; ANDRADE, Manuel. *Estudo Preliminar de Arquitetura*. Projeto do Museu do Azulejo, Sabará: junho/2007.

Livro de Notas n.º 109, fls. 35, 37 e verso – Cartório de Notas de 1º ofício de Notas. Data: 1886/1887.

Livro de Notas n.º 160-S, fls. 14 e verso. Cartório de Notas de 1º ofício de Notas. Data: 1985/1987. Abertura do Livro: 04/05/1886; Data de Encerramento: 24/05/1887.

Registro de imóvel. Livro 2D: Matrícula 1267. fls. 73 (verso).



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 147 de 335



Registro de imóvel. Livro 3L. Matrícula 9856. fls. 77.
Registro de imóvel. Livro 2: Matrícula 7728. ficha 1 e 2, versos.

SITES RELACIONADOS:

<http://www.folhadesaabara.com.br/nossacidade/historia.html>. Acessado em 15/10/2007.
http://www.sabaranet.com.br/personalidades_fernando.asp. Acessado em 19/10/07
http://www.senado.gov.br/sf/senadores/presidentes/p_rep_Mello_Viana.asp. Acessado em 19/10/07.

21. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

22. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: mai e jun 2007

Elaboração: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador) / Data: jun e jul 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Sede

3. DESIGNAÇÃO:

Ruínas Conjunto Ferroviário Paciência

4. ENDEREÇO:

Praça Antônio Carlos, s/nº. Paciência

5. PROPRIEDADE / SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE:

Prefeitura Municipal de Sabará Municipal
Propriedade Pública

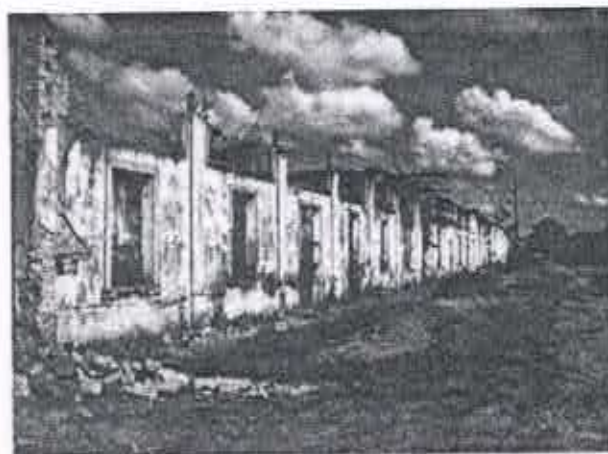
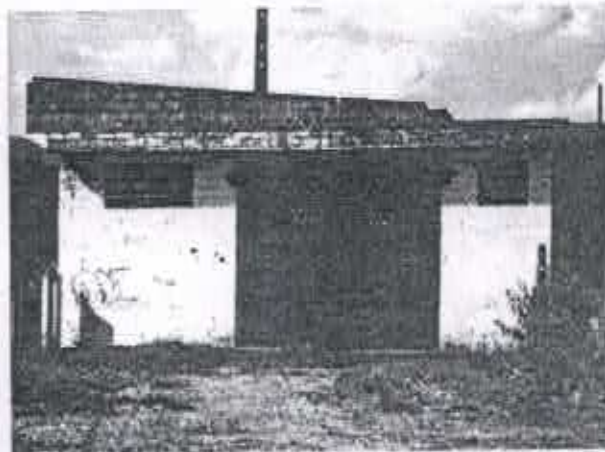
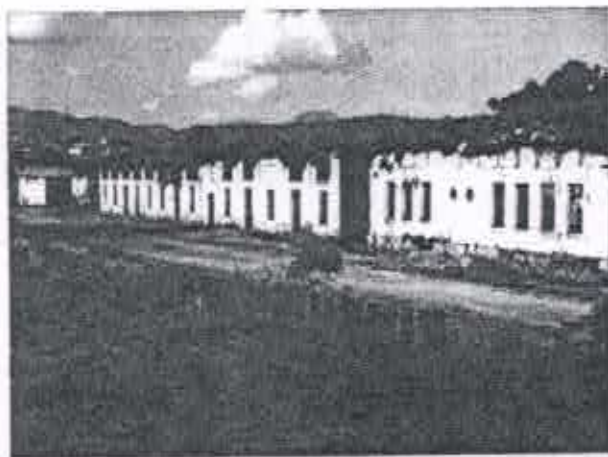
6. RESPONSÁVEL:

Prefeitura Municipal de Sabará

7. SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO:

Própria

8. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:



Vista geral do complexo ferroviário (acima à esquerda), seguida da vista da fachada frontal do galpão, vista da fachada das ruínas e do pontilhão ferroviário.

Fotos: Gabriela Tassará, maio/07.



9. ANÁLISE DE ENTORNO – SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA:

O complexo ferroviário, que já foi de propriedade da Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA), é formado por cinco prédios, sendo um galpão, utilizado para manutenção do maquinário, duas edificações em processo de arruinamento que serviam como prédios administrativos da rede, uma Residência e a Casa do Engenheiro. O acesso ao complexo é feito através da Rua Belo Horizonte, porém ele não está localizado em uma rua específica, visto que está implantado paralelamente à linha do trem. O entorno imediato não tem pavimentação ou calçamento; o piso é em terra batida e, em alguns trechos, tomado por vegetação. As árvores encontradas são da mata nativa e não há fluxo de veículos no local.

Os principais pontos de referência no entorno são o pontilhão ferroviário, a Casa do Engenheiro, a residência e a linha do trem. O local dispõe de infra-estrutura básica como água e coleta de lixo, contudo não possui serviço de esgoto nem iluminação pública.

10. HISTÓRICO:

Para o imaginário brasileiro a ferrovia sempre foi símbolo do processo de modernização que se abateu sobre o país, desde a segunda metade do século XIX, no encalço de uma noção enviesada de progresso. Por outro lado, essa mesma noção de progresso sempre esbarrou no atraso social e econômico que atingia o imenso território nacional que acabou sendo cortado pelas inúmeras ferrovias que existiram no país ao longo de mais de um século. A desativação quase que total das antigas linhas ferroviárias se completou nas décadas de 1980 e 1990, quando o processo de substituição da malha ferroviária pela rodoviária, iniciada no governo JK nos anos 50, já está mais que sedimentado. Esse processo foi referendado em 2007, com a extinção pelo governo federal da antiga Rede Ferroviária Federal S/A – a R.F.F.S.A. Por outro lado, paralelo a esse longo processo houve uma empreitada da iniciativa privada para reformar antigos trechos ou construir novas linhas atendendo a um interesse comercial e voltado ao transporte de cargas, mas que ainda é incipiente visto a capacidade e a necessidade de investimentos maiores nesse setor.

Para a população mineira, agraciada desde os primeiros tempos com inúmeras linhas de trem cortando o seu território, a expressão "trem" acabou adquirindo inúmeras cargas de significação, fixando-se como parte do vocabulário corrente do estado, que só entre os mineiros se entende, abarcando aspectos regionais e culturais ímpares. "Trem" pode ser isso ou aquilo, pode ser tudo, entre os mineiros. A relevância da ferrovia para o estado também pode ser buscada no fato de que Minas Gerais continha a maior malha ferroviária do país.

Na história da ferrovia no Brasil, a primeira linha a ser construída foi a Estrada de Ferro Dom Pedro II e que a partir de 1889, com o fim do Império, passou a se chamar Estrada de Ferro Central do Brasil – a E.F.C.B. O primeiro trecho foi entregue em 1858, da estação Dom Pedro II até Japeri e daí subiu a serra das Araras, alcançando a Barra do Piraí em 1864. Todas essas localidades localizadas no estado do Rio de Janeiro. Dali a linha seguiu para Minas Gerais, atingindo o município de Juiz de Fora em 1875. A intenção era atingir o rio São Francisco e dali partir para Belém do Pará e chegar até o norte do país. Depois de passar a leste da futura capital mineira, Belo Horizonte, atingiu Pedro Leopoldo em 1895. Mas só no século seguinte os trilhos atingiram Pirapora, às margens do São Francisco, em 1910, como originalmente planejado na década de 1850 quando se inaugurou os primeiros trilhos. Uma ponte ali construída foi pouco usada já que a estação de Independência, aberta em 1922 do outro lado do rio, foi utilizada por pouco tempo. A própria linha da Central acabou mudando de direção: entre 1914 e 1926, da estação de Corinto foi construído um ramal para Montes Claros que acabou se tornando o final da linha principal, fazendo com que o antigo trecho final se tornasse o ramal de Pirapora. Em 1948, a linha foi prolongada até Monte Azul, no norte de Minas, final da linha onde havia a ligação com a Viação Férrea Leste Brasileiro que levava o trem até Salvador, capital da Bahia. Pela linha do Centro passavam os trens para São Paulo (até 1998) até Barra do Piraí, e para Belo Horizonte (até 1980), estações onde tomavam os respectivos ramais para outras cidades.

Quanto à estação de Sabará, essa foi inaugurada em 1891 e foi também chamada de Estação da Paciência, em vista do bairro da cidade onde está localizada. Dali saía o ramal de Nova Era, que ligava a E.F.C.B. à linha da Estrada de Ferro Vitória-Minas – a E.F.V.M. Tanto a salda do ramal como o pátio da estação de Sabará sofreram modificações nos traçados e prédios, que hoje o pátio original da estação está completamente modificado. A estação original foi demolida nos anos 1970 e num local diferente do pátio foi erigida uma outra estação, com aspecto mais contemporâneo, ao contrário da antiga estação, que mesmo mais acanhada era mais charmosa aos olhos da população que conviveu com a mesma. A estação hoje está totalmente abandonada e se situa logo após a ponte sobre o rio que cruza a cidade e, entre a estação e a ponte, saía o antigo ramal de Nova Era. Junto a ela ficavam os galpões do antigo depósito de locomotivas e oficinas de material da via permanente. Como o ramal foi desativado com a construção de outra linha que serve hoje aos trens da E.F.V.M., esse trecho inicial do ramal passou a servir como acesso à



Belgo Mineira⁶³ mas a empresa mineradora já recebe e despacha sua carga via carreta, o que tornou ainda mais abandonado o antigo ramal férreo.

Os principais edifícios que fazem parte do complexo ferroviário da Paciência tiveram inúmeros usos e são em número de três: a antiga casa do engenheiro-residente que era o administrador da linha, os prédios da oficina, escritórios e depósitos de locomotivas e a casa do motorista de auto de linha, hoje usada como residência de antigo funcionário da rede.

No caso das oficinas e dos escritórios da Rede Ferroviária, os prédios que os abrigavam são em número de dois, provavelmente construídos no final do século XIX ou no início do século seguinte, próximo à data de inauguração da estação em Sabará, em 1891. Essa hipótese também pode ser confirmada pelas características estilísticas dos imóveis que são exemplares do ecletismo, bastante comum em construções desse tipo durante o período levado em conta.

No que tange às oficinas, elas eram essenciais para os reparos e consertos de todo os materiais envolvidos no funcionamento da ferrovia. No local funcionava a ferraria, a soldaria e a carpintaria, onde eram fabricadas e reparadas peças como dormentes, parafusos, trilhos, as ferramentas e objetos diversos usadas pelos trabalhadores braçais. As oficinas eram um dos principais espaços do pátio da Paciência, em Sabará, visto o intenso tráfego do trecho sob a responsabilidade do engenheiro-residente do local, o que acarretava inúmeros tipos de trabalho demandados para o perfeito funcionamento do escoamento de cargas e de passageiros pelo trecho ferroviário que ele supervisionava. Além dos trabalhos menores eram nas oficinas que se faziam os trabalhos de conservação e de conserto dos vagões. Em 1975, sob a responsabilidade do engenheiro-residente, Antônio Eduardo Macedo, foi construído um novo edifício para o reparo dos vagões e atualmente está desativado e abandonado, como os demais.

Quanto aos usos que se fizeram dos imóveis aqui inventariados é preciso lembrar que os escritórios abrigavam os trabalhos administrativos de toda a movimentação pelo pátio da Paciência, de serviços como contabilidade, serviços de pessoal, recebimento e despacho de cargas, tesouraria. Além desses serviços a Rede disponibilizava alguns serviços de cunho social e assistencial aos seus funcionários. No prédio dos escritórios funcionaram diversos serviços com essa perspectiva como consultórios médicos e dentários, armazém para compra de mantimentos, além de curso de alfabetização para seus trabalhadores, que em sua grande maioria eram analfabetos⁶⁴.

Contudo, com a retração da movimentação de cargas no pátio e com a desativação de muitos dos serviços da antiga Rede Ferroviária Federal – a antiga e saudosa Central do Brasil – o local foi sendo abandonado paulatinamente, e os seus usos originais rarefeitos e destituídos, o que suscitou o estado em que se encontra atualmente. Com o abandono do local, que se somou ao abandono dos imóveis de todo o complexo ferroviário, todo o seu material original – telhados, portas, janelas, aparelhos sanitários, fiação elétrica, tubulações hidráulicas – foi retirado por vândalos.

A situação de abandono, porém, não retira dos prédios da oficina e dos escritórios do Pátio da Paciência o seu papel de simbolizar, marcar e representar os aspectos históricos e da memória social que a ferrovia deixou a Sabará. A história ferroviária da cidade tem reunida nas ruínas dos imóveis do pátio a prova viva do dinâmico processo que experimentou no último século, do apogeu econômico, do qual a movimentação na estação era símbolo maior até o processo de retração que o próprio abandono do espaço do antigo pátio ferroviário aponta como exemplo claro.

A conservação e um olhar mais atento para esse importante espaço de Sabará é algo que pode auxiliar o processo de proteção ao imenso patrimônio cultural e social da cidade, que extrapola e muito os exemplares do Barroco mineiro, oriundos do século XVIII. O município tem elementos, materiais e simbólicos, de grande relevância, espalhados por seu imenso espaço territorial, como é o caso das oficinas e galpões do pátio ferroviário da Paciência. A expectativa em torno da relevância patrimonial e preservacionista desse importante acervo arquitetônico, que resiste à ação impiedosa do tempo e dos homens, ajudaria a retratar o processo histórico complexo, longo e contínuo da cidade que em mais de trezentos anos, tem se sobressaído como local de destaque dentro do estado de Minas Gerais.

⁶³ No caso da empresa siderúrgica Belgo Mineira, essa foi inaugurada no ano de 1917 e sempre teve grande atividade produtiva, sendo um importante empregador de Sabará e um dos principais clientes dos serviços da R.F.F.S.A. na cidade, para o escoamento de sua produção. Nos anos 1990 foi incorporada à empresa canadense do mesmo ramo de atividade, ALCON. A partir de então teve sua produção redirecionada e minimizada – hoje em dia só fabrica cercas de arame – e também teve o seu quadro de pessoal bastante reduzido. Informação colhida com o sr. Nominato Magalhães em entrevista concedida em 27/02/08.

⁶⁴ A informação sobre a existência de cursos de alfabetização foi colhida junto ao sr. Nominato Magalhães, em entrevista concedida em 27/02/2008. Por outro lado, a mesma situação também se confirma pela existência de um quadro negro que se localiza na parede de um dos cômodos do escritório, que resistiu à ação de intempéries e do vandalismo.



Em termos comparativos, é possível dizer que para Sabará, a ferrovia no século XX teve peso tão importante quanto o ouro do século XVIII. Trouxe riquezas e poder para uns; pobreza e sofrimento para outros; processos de criação e de produção; circulação de pessoas, idéias e produtos; dinamização da economia e complexificação da sociedade sabarense. O que restou dessas marcas históricas para cidade ainda encontra nas ruínas das oficinas, edifícios e depósitos da Paciência a sua principal referência material, mesmo que vitimadas pelo estado de descuido e desleixo atual, mas passíveis de reparação e de uma nova postura social e do poder público em torno dos bens inventariados:

11. USO ATUAL:

Sem utilização

12. DESCRIÇÃO:

O conjunto da rede ferroviária é formado por três edificações: um galpão e duas ruínas. O galpão, que era o local de manutenção do maquinário, se encontra na extremidade direita do conjunto seguida pela ruína maior e, mais à esquerda, está localizada a ruína menor, sendo que estes dois últimos prédios tinham função administrativa. O conjunto possui fechamento por mourões de concreto enfileirados e o acesso é feito pelo maior espaçamento entre os pilares, não existindo portão de entrada. O piso em volta das edificações é de terra batida. Todo o complexo ferroviário apresenta características ecléticas.

O galpão possui geometria retangular e profunda, com volumetria térrea, pé-direito alto e fachada principal assimétrica. O galpão possui o vão de acesso sem vedação e duas janelas fechadas por um engradamento fixo em concreto. A estrutura do galpão é mista, sendo que os pilares e vigas são de trilhos metálicos e a vedação é de tijolo. O coroamento é feito por platibanda, porém esta se encontra em processo de degradação. O interior do galpão está desocupado, ele possui apenas uma ala e tem piso de cimento com uma parte rebaixada, onde era feita a manutenção das máquinas. Os pilares metálicos são aparentes e ornamentados com motivos florais; um deles apresenta uma inscrição na base que remonta ao local de sua fabricação: São Paulo

A primeira ruína do conjunto, que fica logo à esquerda do galpão, é uma edificação térrea de geometria retangular e larga. O acesso ao interior do prédio é feito por três dos quatorze vãos existentes, os quais são rasgados por inteiro e sem vedação possuindo apenas enquadramentos em argamassa. Originalmente, as aberturas tinham fechamento em madeira e vidro com sistema de abertura tipo guilhotina. A estrutura mista é composta por trilhos metálicos não aparentes que são reforçados por tijolo e constituem os pilares. As vigas, inexistentes atualmente, também eram constituídas por trilhos metálicos. A vedação é em tijolo e ainda há resquícios do revestimento em reboco. A fachada principal é simétrica. O piso interno é em cimento e algumas paredes são revestidas em azulejo. Não se verifica a presença de cobertura, esta já foi totalmente deteriorada e, devido ao estado de degradação da ruína, não há resquícios do tipo de coroamento original. De acordo com relatos orais, o edifício apresentava telhado em telhas cerâmicas com manto dividido em duas águas. O interior do prédio é dividido em diversas partes, porém não é possível a identificação dos usos de cada ambiente.

A segunda ruína, de dimensões menores do que a primeira, também possui geometria retangular. A entrada é feita pelos fundos, onde existe um vão rasgado, cujo acesso realiza-se por uma rampa bilateral. A fachada principal é simétrica e possui oito vãos sendo seis com conformação de janelas e duas seteiras. A estrutura da ruína também é mista, feita por trilhos metálicos estruturais reforçados por tijolos que também compõem a vedação. Os vãos não possuem fechamento e os enquadramentos são em argamassa. O revestimento é em reboco e ainda há resquícios de pintura. O interior possui diversos compartimentos, porém assim como na outra ruína, não é possível identificá-los. O piso interno é cimentado. O coroamento dessa ruína é feito por platibanda que se encontra em estado de degradação. A cobertura original era composta por telhado em quatro águas com manto em telha cerâmica.

13. PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:

Nenhuma

14. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA

Inventário

15. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Péssimo

16. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

O complexo ferroviário apresenta diversos aspectos de degradação. Além de possuir duas edificações em processo de arruinamento, o galpão está bastante deteriorado, com descolamento de elementos



compositivos das fachadas. Observa-se também a presença de sinais de vandalismo em todas as edificações. O interior das ruínas está em grande parte tomado por vegetação.

17. FATORES DE DEGRADAÇÃO:

Os principais fatores de degradação são: a ação de intempéries, o desgaste natural dos materiais e a falta de manutenção periódica do conjunto. A desativação da estação levou ao abandono das edificações e à conseqüente retirada de elementos compositivos da ruína por parte da população local.

18. MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO:

As ruínas devem ser submetidas à manutenção e vistoria constantes para impedir que os problemas já identificados possam se agravar posteriormente, afetando a integridade da construção:

Realizar manutenção periódica nos elementos estruturais para evitar avanço da degradação da ruína;

Observar desenvolvimento de fissuras e rachaduras nos elementos compositivos;

Interromper processos avançados de degradação das paredes de vedação desenvolvendo projeto de consolidação da ruína;

Eliminar o desenvolvimento de plantas e vegetação daninha na estrutura da edificação;

Realizar limpeza e capina no interior das ruínas;

Não substituir qualquer elemento de composição e/ou estrutural sem a avaliação de técnico especializado.

19. INTERVENÇÕES:

As principais intervenções são referentes às modificações sofridas pelos fatores de degradação, que levaram ao estado de arruinamento atual da edificação. Essa deterioração dos prédios se iniciou em meados da década de noventa, com a desativação da linha férrea. A ruína maior possuía cobertura com telhado cerâmico em duas águas, já a ruína menor era fechada por telhado em quatro águas, todas as coberturas eram compostas por telha cerâmica. As aberturas, de guilhotina, possuíam esquadrias em madeira, vedadas com vidro e enquadramentos também em madeira.

20. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passeio a Sabará*. São Paulo: Martins, 1952.

MACHADO, Maria de Lourdes Guerra. *Nas ruas de Sabará*. Belo Horizonte: CMC, 1999.

VASCONCELOS, Max. *Vias brasileiras de comunicação: estrada de ferro Central do Brasil*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & C., 1928.

ENTREVISTAS:

Helena Guimarães. Belo Horizonte: 23/02/2008 concedida a João Paulo Lopes.

Maria do Carmo Vieira; Antônio Pereira. Sabará: 16/05/2007 concedidas a João Paulo Lopes, Daniele Gomes e Gabriela Tassara.

Nominato Magalhães Guimarães, ex- Engenheiro-residente do trecho de Sabará da R.F.F.S.A no período de 1960 a 1974. Belo Horizonte: 27/02/2008 concedida a João Paulo Lopes.

SITES RELACIONADOS:

http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_linhacentro/sabara.htm

<http://www.sabara.net>

21. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: ---

22 FICHA TÉCNICA

Levantamento: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: mai 2007 a fev 2008

Elaboração: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador) / Data: jun 2007 a fev 2008

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Sede

3. DESIGNAÇÃO:

Casa do Engenheiro

4. ENDEREÇO:

Praça Antônio Carlos, s/n

5. PROPRIEDADE / SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE:

Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes (DNIT)

Propriedade Pública

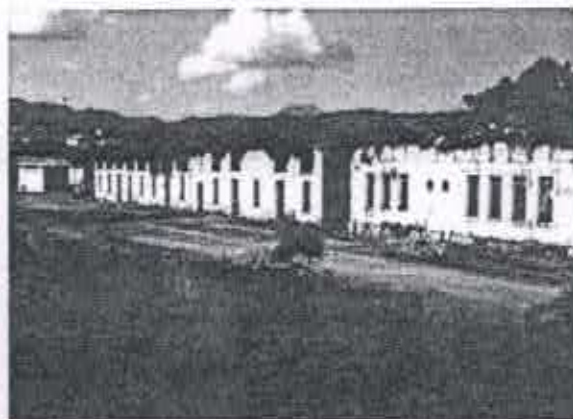
6. RESPONSÁVEL:

Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes (DNIT)

7. SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO:

Própria

8. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:



Vista da fachada frontal (acima à direita); seguida da vista do interior da ruína e vista geral do entorno imediato

Fotos: Gabriela Tassara, maio/07



9. ANÁLISE DE ENTORNO – SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA:

O complexo ferroviário, que já foi de propriedade da Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA), é formado por cinco prédios, sendo um galpão utilizado para manutenção do maquinário, duas edificações em processo de arruinamento, que tinham função administrativa na rede, uma residência e a própria Casa do Engenheiro. O acesso à Casa é feito através da Rua Belo Horizonte, porém ela não está localizada em uma rua específica, visto que encontra-se implantada paralelamente à linha do trem. O entorno imediato não tem pavimentação ou calçamento; o piso é em terra batida e, em alguns trechos, tomado por vegetação. As árvores encontradas são da mata nativa e não há fluxo de veículos no local.

Os principais pontos de referência no entorno são as ruínas do complexo da rede ferroviária, o pontilhão ferroviário e a linha do trem. O local dispõe de infra-estrutura básica como água e coleta de lixo, contudo não há iluminação pública nem serviço de esgoto.

10. HISTÓRICO:

Para o imaginário brasileiro a ferrovia sempre foi símbolo do processo de modernização que se abateu sobre o país, desde a segunda metade do século XIX, no enalço de uma noção enviesada de progresso. Por outro lado, essa mesma noção de progresso sempre esbarrou no atraso social e econômico que atingia o imenso território nacional que acabou sendo cortado pelas inúmeras ferrovias que existiram no país ao longo de mais de um século. A desativação quase que total das antigas linhas ferroviárias se completou nas décadas de 1980 e 1990, quando o processo de substituição da malha ferroviária pela rodoviária, iniciada no governo JK nos anos 50, já estava mais que sedimentado. Esse processo foi referendado em 2007, com a extinção pelo governo federal da antiga Rede Ferroviária Federal S/A – a R.F.F.S.A. Por outro lado, paralelo a esse longo processo houve uma empreitada da iniciativa privada para reformar antigos trechos ou construir novas linhas atendendo a um interesse comercial e voltado ao transporte de cargas, mas que ainda é incipiente visto a capacidade e a necessidade de investimentos maiores nesse setor.

Para a população mineira, agraciada desde os primeiros tempos com inúmeras linhas de trem cortando o seu território, a expressão "trem" acabou adquirindo inúmeras cargas de significação, fixando-se como parte do vocabulário corrente do estado, que só entre os mineiros se entende, abarcando aspectos regionais e culturais ímpares. "Trem" pode ser isso ou aquilo, pode ser tudo, entre os mineiros. A relevância da ferrovia para o estado também pode ser buscada no fato de que Minas Gerais continha a maior malha ferroviária do país.

Na história da ferrovia no Brasil, a primeira linha a ser construída foi a Estrada de Ferro Dom Pedro II e que a partir de 1889, com o fim do Império, passou a se chamar Estrada de Ferro Central do Brasil – a E.F.C.B. O primeiro trecho foi entregue em 1858, da estação Dom Pedro II até Japeri e daí subiu a serra das Araras, alcançando a Barra do Piraí em 1864. Todas essas localidades localizadas no estado do Rio de Janeiro. Dali a linha seguiu para Minas Gerais, atingindo o município de Juiz de Fora, em 1875. A intenção era atingir o rio São Francisco e dali partir para Belém do Pará e chegar até o norte do país. Depois de passar a leste da futura capital mineira, Belo Horizonte, atingiu Pedro Leopoldo, em 1895. Mas só no século seguinte os trilhos atingiram Pirapora, às margens do São Francisco, em 1910, como originalmente planejado na década de 1850 quando se inauguraram os primeiros trilhos. Uma ponte ali construída foi pouco usada já que a estação de Independência, aberta em 1922 do outro lado do rio, foi utilizada por pouco tempo. A própria linha da Central acabou mudando de direção: entre 1914 e 1925, da estação de Corinto foi construído um ramal para Montes Claros que acabou se tornando o final da linha principal, fazendo com que o antigo trecho final se tornasse o ramal de Pirapora. Em 1948, a linha foi prolongada até Monte Azul, no norte de Minas Gerais, final da linha onde se fazia a ligação com a Viação Férrea Leste Brasileiro que levava o trem até Salvador, capital da Bahia. Pela linha do Centro passavam os trens para São Paulo (até 1998) até Barra do Piraí, e para Belo Horizonte (até 1980), estações onde tomavam os respectivos ramares para outras cidades.⁶⁵

Quanto à estação de Sabará, essa foi inaugurada em 1891 e foi também chamada de Estação da Paciência, em vista do bairro da cidade onde está localizada. Dali saía o ramal de Nova Era, que ligava a E.F.C.B. à linha da Estrada de Ferro Vitória-Minas – a E.F.V.M. Tanto a saída do ramal como o pátio da estação de Sabará sofreram modificações nos traçados e prédios, que hoje o pátio original da estação está completamente modificado. A estação original foi demolida nos anos 1970 e num local diferente do pátio foi erigida uma outra estação, com aspecto mais contemporâneo, ao contrário da antiga estação, que mesmo mais acanhada era mais charmosa aos olhos da população que conviveu com a mesma. A estação hoje está totalmente abandonada e se situa logo após a ponte sobre o rio que cruza a cidade e, entre a estação

⁶⁵ Informação pesquisada do site: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_linhacentro/sabara.htm. Acessado em 18/10/07 e 21/01/08.



e a ponte, saía o antigo ramal de Nova Era. Junto a ela ficavam os galpões do antigo depósito de locomotivas e oficinas de material da via permanente. Como o ramal foi desativado com a construção de outra linha que serve hoje aos trens da E.F.V.M., esse trecho inicial do ramal passou a servir como acesso à Belgo Mineira⁶⁶ mas a empresa mineradora já recebe e despacha sua carga via carreta, o que tornou ainda mais abandonado o antigo ramal férreo.

Os edifícios que fazem parte do complexo ferroviário tiveram inúmeros usos e são em número de três: a antiga casa do engenheiro-residente que era o administrador da linha; os prédios da oficina, escritórios e depósitos de locomotivas e a casa do motorista de auto de linha, hoje usada como residência de antigo funcionário da rede. As duas primeiras construções – a antiga casa do engenheiro e os edifícios dos escritórios e oficinas – estão em estado de ruínas.

Quanto à casa do engenheiro, essa se encontra totalmente em ruínas, mas mesmo assim as formas que restam apontam para a imponência da edificação que foi erguida no início do século XX, com características ecléticas. A função inicial do imóvel era abrigar a família do administrador da rede, o engenheiro-residente, visto a dimensão da casa, o que pode ser confirmado por suas ruínas. Por essas mesmas formas percebe-se que a casa era dotada de equipamentos de conforto como piscina e jardim de inverno. A localização, encimada sobre um monte e balaustrada em todo seu entorno deveria conferir grande destaque à construção em meio a oficinas e depósitos da rede ferroviária. A localização do bem também privilegiava a visão de toda a área do pátio – da estação às oficinas e escritórios, além da extensão das linhas por um bom trecho.

No que tange aos aspectos de ocupação da residência, essa sempre foi local de moradia dos responsáveis pelo sistema ferroviário no trecho de Sabará, já que a propriedade sempre pertenceu à E.F.C.B., que a partir de 1957, passou a incorporar a Rede Ferroviária Federal S/A – a R.F.F.S.A. De acordo com o sr. Nominato Magalhães⁶⁷, os engenheiros-residentes eram os responsáveis pelas atividades realizadas no pátio e também pelas operações de todo o trecho da linha férrea que ficava sob a sua responsabilidade. Para tornar o trabalho menos árduo e compensador a Rede oferecia a bela casa, localizada na área do pátio para ali o profissional residir junto com sua família. No entanto os engenheiros rodavam toda a linha da Central e de outras empresas ferroviárias, de norte a sul, de leste a oeste do país, tanto na busca para a solução de problemas como em atividades para o aperfeiçoamento de seus serviços, o que era essencial para o perfil do engenheiro com tantas responsabilidades sob o seu comando.

Por outro lado para se entender a complexidade dos serviços que subsidiavam o funcionamento da rede ferroviária é preciso elucidar alguns pontos. O primeiro deles é quanto à divisão dos serviços. Na linha da Central, e depois Rede Ferroviária, era comum que cada trecho de 150 a 200 quilômetros ficasse sob a responsabilidade de um engenheiro-residente. Cada um desses profissionais era responsável pelo perfeito funcionamento do trecho sob sua guarda e para isso contava com uma série de outros profissionais sob o seu comando, entre eles o motorista do auto de linha, carpinteiros, pedreiros, ferreiros, soldadores, carregadores, motoneiros, pessoal de escritório. Também era comum que em cada subtrecho de 7 quilômetros desse percurso maior se concentrasse as "turmas de conserva" que contavam com um mestre e com dezenas de trabalhadores braçais que faziam os pesados serviços de consertos e reparos da linha na sua área. Mas esses trabalhadores ficavam sob o comando do engenheiro-residente responsável pelo trecho.

Quanto aos aspectos mais diretos ligados à história da casa do engenheiro-residente podemos nos apegar às informações dos seus moradores, uma vez que é quase nula a possibilidade de pesquisa documental, uma vez que o acesso às informações da Rede, antes já bastante difíceis, se tornou ainda mais crítico visto a liquidação da empresa estatal em 2007.

Segundo informação da historiadora Helena Guimarães – que também residiu no imóvel durante a sua infância – a casa foi erguida nos anos 1920 para facilitar a permanência do engenheiro-residente próximo à linha e para que ele supervisionasse as operações que ocorriam no pátio da Paciência – como a acoplamento de vagões, a carga e descarga de materiais a serem transportados, a conferência de mercadorias – além de permitir que a qualquer hora do dia ou da noite, esse profissional pudesse se deslocar pelo trecho ferroviário sob o seu comando e solucionar os inúmeros problemas que acometiam a ferrovia, como os descarrilamentos de vagões, os tombamentos de cargas, a conservação da linha e dos

⁶⁶ No caso da empresa siderúrgica Belgo Mineira, essa foi inaugurada no ano de 1917 e sempre teve grande atividade produtiva, sendo um importante empregador de Sabará e um dos principais clientes dos serviços da R.F.F.S.A na cidade, para o escoamento de sua produção. Nos anos 1990 foi incorporada à empresa canadense do mesmo ramo de atividade, ALCON. A partir de então teve sua produção redirecionada e minimizada – hoje em dia só fabrica cercas de arame – e também teve o seu quadro de pessoal bastante reduzido. Informação colhida com o sr. Nominato Magalhães em entrevista concedida em 27/02/08.

⁶⁷ Ex- Engenheiro-residente do trecho de Sabará da linha da R.F.F.S.A, no período de 1960 a 1974.



seus componentes para que pudessem suportar o intenso tráfego, já que a linha que passava por Sabará era um dos principais corredores de transporte do estado, por onde era escoada a produção agrícola, as cargas de minerais abundantes no centro mineiro, o gado bovino e também o transporte de passageiros que servia à cidade e outras localidades vizinhas, inclusive o trem de subúrbio, importante personagem do imaginário social da região, desativado em 1996.

Atualmente, o estado de conservação da antiga casa do engenheiro é degradante, estando em ruínas, além de o mato tomar conta do local, somado ao fato do acesso ao mesmo ser prejudicado pela falta de cuidados. Todo o seu material original foi retirado – telhados, portas, janelas, aparelhos sanitários, fiação elétrica, tubulações hidráulicas – e parte das paredes derrubadas por força das intempéries e também de um incêndio que ocorreu nos anos 90. A desativação do uso original da casa aconteceu na década anterior, quando a presença de um engenheiro-residente em cada um dos trechos da ferrovia já era desnecessária, visto a drástica diminuição do transporte ferroviário e do conseqüente sucateamento da malha ferroviária, patrocinada pelo poder público, responsável pelo sistema ferroviário nacional. Entretanto, não podemos deixar de salientar que a substituição das ferrovias pelo transporte rodoviário se insere em um projeto nacional de longo prazo, que vem desde o final da década de 1950, com o incremento da malha de estradas e com o desenvolvimento da indústria de automóveis no país, a partir de então.

Apesar do estado crítico em que se encontra a antiga casa do engenheiro no pátio da Paciência, o imóvel ainda simboliza os aspectos em torno da história ferroviária de Sabará, que faz parte de uma importante página do processo histórico do município. Os aspectos materiais do que restou do bem também subsidia parte do entendimento do papel social, econômico e cultural que teve a ferrovia na vida sabarense durante o século passado. Além de apontar para o fato de como a memória pode ser enterrada com o desleixo e com o descuido dos bens que representam os aspectos do que foi e do que é a vida de uma dada sociedade em um determinado tempo histórico e de toda a complexidade que deriva das relações, acordos, conflitos, jogos de poder e de interesses que permeiam a experiência dos homens e mulheres ao longo da história. Se a ferrovia se foi junto com os novos tempos, alguns locais de representatividade do seu passado ainda insistem em resistir à ação do tempo e dos homens, como é o caso da antiga casa do engenheiro-residente.

11. USO ATUAL:

Sem utilização

12. DESCRIÇÃO:

A ruína da Casa do Engenheiro, que fazia parte do complexo ferroviário encontra-se em processo de arruinação e está implantada em platô acima do nível da linha do trem. Está localizada em terreno plano, largo e possui geometria retangular. O acesso ao terreno ocorre por uma escada em "L" construída em concreto com resqúcios de guarda-corpo feito do mesmo material em estado de arruinação. O acesso ao prédio é feito por um vão localizado na lateral direita.

A fachada principal é simétrica e possui seis vãos, sendo quatro janelas e duas seteiras. As aberturas não possuem vedação e o tipo de enquadramento presente é de tijolo, todos os vãos possuem verga reta. O coroamento frontal é feito por frontão triangular. A fachada principal possui ainda elementos artísticos aplicados. As características estilístico-formais do edifício apontam para um exemplar da arquitetura eclética, de volumetria térrea.

A Casa do Engenheiro originalmente possuía cobertura de telhado cerâmico com duas águas e janelas com duas folhas de abrir, esquadrias de madeira e vedação em vidro. Havia ainda, um alpendre característico das edificações ecléticas, na lateral esquerda da edificação, que possuía cobertura independente de telhado cerâmico com uma água. Os elementos de cobertura e vedação das aberturas não estão presentes no prédio atualmente; estes foram retirados e/ou entraram em processo de arruinação em função de um incêndio ocorrido em 1994. O sistema construtivo utilizado foi a estrutura autoportante de tijolo. O revestimento é em reboco e em alguns pontos notam-se resqúcios de pintura. A ruína desenvolve-se em diversas alas, porém não é possível identificar os usos específicos de cada ambiente. Não há muro de fechamento em quaisquer dos lados do terreno, há apenas vestígios de um guarda-corpo em concreto que percorre o limite frontal do terreno.

13. PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:

Nenhuma

14. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA

Inventário

15. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Péssimo (processo de arruinação)



16. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A ruína apresenta-se em estado precário de conservação, em processo de desmoronamento e ausente de diversos elementos de sua composição original. Seu interior também se encontra bastante degradado, sendo tomado por grande quantidade de vegetação e acúmulo de lixo.

17. FATORES DE DEGRADAÇÃO:

Os principais fatores de degradação são: a ação de intempéries, o desgaste natural dos materiais e a falta de manutenção periódica do conjunto. A desativação da estação levou ao abandono da edificação e à conseqüente retirada de elementos compositivos da ruína por parte da população local. Outro fator importante que contribuiu para a degradação da Casa do Engenheiro foi um incêndio ocasionado por moradores de rua no ano de 1994.

18. MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO:

- A ruína deve ser submetida à manutenção e vistoria constantes para impedir que os problemas já identificados possam se agravar posteriormente, afetando a integridade da construção;
- Realizar manutenção periódica nos elementos estruturais para evitar avanço da degradação da ruína;
- Observar desenvolvimento de fissuras e rachaduras nos elementos compositivos;
- Interromper processos avançados de degradação das paredes de vedação desenvolvendo projeto de consolidação da ruína;
- Eliminar o desenvolvimento de plantas e vegetação daninha na estrutura da edificação;
- Realizar limpeza e capina no interior da ruína e em seu entorno;
- Não substituir qualquer elemento de composição e/ou estrutural sem a avaliação de técnico especializado.

19. INTERVENÇÕES:

As principais intervenções são referentes às modificações sofridas pelos fatores de degradação que levaram ao estado de arruinamento atual da edificação. Essa deterioração se iniciou em meados da década de noventa, com a desativação da rede ferroviária. A Casa do Engenheiro possuía cobertura de telhado cerâmico com duas águas e janelas com duas folhas de abrir, esquadrias de madeira, vedação em vidro e enquadramento em argamassa. Havia ainda, um alpendre característico das edificações ecléticas, na lateral esquerda da edificação, que possuía cobertura independente de telhado cerâmico com uma água.

20. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRAFIA:

- ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passelo a Sabará*. São Paulo: Martins, 1952.
MACHADO, Maria de Lourdes Guerra. *Nas ruas de Sabará*. Belo Horizonte: CMC, 1999.
VASCONCELOS, Max. *Vias brasileiras de comunicação: estrada de ferro Central do Brasil*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & C., 1928.

ENTREVISTAS:

- Helena Guimarães*. Belo Horizonte: 23/02/2008 concedida a João Paulo Lopes.
Maria do Carmo Vieira; Antônio Pereira. Sabará: 16/05/2007 concedidas a João Paulo Lopes, Daniele Gomes e Gabriela Tassara.
Nominato Magalhães Guimarães, ex- Engenheiro-residente do trecho de Sabará da R.F.F.S.A no período de 1960 a 1974. Belo Horizonte: 27/02/2008 concedida a João Paulo Lopes.

SITES RELACIONADOS:

- http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_linhacentro/sabara.htm
<http://www.sabara.net>

21. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

22. FICHA TÉCNICA

- Levantamento: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: mai 2007 a fev 2008
Elaboração: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador) / Data: jun 2007 a fev 2008
Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Sede

3. DESIGNAÇÃO:

Residência de funcionário da Rede Ferroviária

4. ENDEREÇO:

Praça Antônio Carlos, s/n Paciência

5. PROPRIEDADE / SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE:

Maria do Carmo Vieira e Antônio Pereira

Propriedade particular

6. RESPONSÁVEL:

Maria do Carmo Vieira e Antônio Pereira

7. SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO:

Própria

8. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:



Inscrição na fachada principal (acima à esquerda) seguida da vista geral da casa; fachada frontal
Fotos: Gabriela Tassara, maio/07



9. ANÁLISE DE ENTORNO – SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA:

O complexo ferroviário, que já foi de propriedade da Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA), é formado por cinco prédios, sendo um galpão utilizado para manutenção do maquinário, duas edificações em processo de arruinação, que serviam como prédios administrativos da rede, a Residência e Casa do Engenheiro. O acesso à Residência é feito através da Rua Belo Horizonte, porém a casa não está localizada em uma rua específica, visto que está implantada paralelamente à linha do trem. O entorno imediato não tem pavimentação ou calçamento; o piso é em terra batida e, em alguns trechos, tomado por vegetação. As árvores encontradas são da mata nativa, não há fluxo de veículos no local.

Os principais pontos de referência no entorno são as ruínas do complexo da rede ferroviária, o pontilhão ferroviário, a Casa do Engenheiro e a linha do trem. O local dispõe de infra-estrutura básica como água e coleta de lixo, não há serviço de esgoto nem iluminação pública. Segundo relato da moradora do local, a única iluminação existente é da própria residência e foi concedida pela rede ferroviária.

10. HISTÓRICO:

Para o imaginário brasileiro a ferrovia sempre foi símbolo do processo de modernização que se abateu sobre o país, desde a segunda metade do século XIX, no encaixo de uma noção enviesada de progresso. Por outro lado, essa mesma noção de progresso sempre esbarrou no atraso social e econômico que atingia o imenso território nacional que acabou sendo cortado pelas inúmeras ferrovias que existiram no país ao longo de mais de um século. A desativação quase que total das antigas linhas ferroviárias se completou nas décadas de 1980 e 1990, quando o processo de substituição da malha ferroviária pela rodoviária, iniciado no governo JK nos anos 50, já estava mais que sedimentado. Esse processo foi referendado em 2007, com a extinção pelo governo federal da antiga Rede Ferroviária Federal S/A – a R.F.F.S.A. Por outro lado, paralelo a esse longo processo houve uma empreitada da iniciativa privada para reformar antigos trechos ou construir novas linhas atendendo a um interesse comercial e voltado ao transporte de cargas, mas que ainda é incipiente visto a capacidade e a necessidade de investimentos maiores nesse setor.

Para a população mineira, agraciada desde os primeiros tempos com inúmeras linhas de trem cortando o seu território, a expressão "trem" acabou adquirindo inúmeras cargas de significação, fixando-se como parte do vocabulário corrente do estado, que só entre os mineiros se entende, abarcando aspectos regionais e culturais ímpares. "Trem" pode ser isso ou aquilo, pode ser tudo, entre os mineiros. A relevância da ferrovia para o estado também pode ser buscada no fato de que Minas Gerais continha a maior malha ferroviária do país.

Na história da ferrovia no Brasil, a primeira linha a ser construída foi a Estrada de Ferro Dom Pedro II e que a partir de 1889, com o fim do Império, passou a se chamar Estrada de Ferro Central do Brasil – a E.F.C.B. O primeiro trecho foi entregue em 1858, da estação Dom Pedro II até Japeri e daí subiu a serra das Araras, alcançando a Barra do Piraí em 1864. Todas essas localidades localizadas no estado do Rio de Janeiro. Dali a linha seguiu para Minas Gerais, atingindo o município de Juiz de Fora, em 1875. A intenção era atingir o rio São Francisco e dali partir para Belém do Pará e chegar até o norte do país. Depois de passar a leste da futura capital mineira, Belo Horizonte, atingiu Pedro Leopoldo, em 1895. Mas só no século seguinte os trilhos atingiram Pirapora, às margens do São Francisco, em 1910, como originalmente planejado na década de 1850 quando se inauguraram os primeiros trilhos. Uma ponte ali construída foi pouco usada já que a estação de Independência, aberta em 1922 do outro lado do rio, foi utilizada por pouco tempo. A própria linha da Central acabou mudando de direção: entre 1914 e 1926, da estação de Corinto foi construído um ramal para Montes Claros que acabou se tornando o final da linha principal, fazendo com que o antigo trecho final se tornasse o ramal de Pirapora. Em 1948, a linha foi prolongada até Monte Azul, no norte de Minas Gerais, final da linha onde se fazia a ligação com a Viação Férrea Leste Brasileiro que levava o trem até Salvador, capital da Bahia. Pela linha do Centro passavam os trens para São Paulo (até 1998) até Barra do Piraí, e para Belo Horizonte (até 1980), estações onde tomavam os respectivos ramais para outras cidades.⁶⁸

Quanto à estação de Sabará, essa foi inaugurada em 1891 e foi também chamada de Estação da Paciência, em vista do bairro da cidade onde está localizada. Dali saía o ramal de Nova Era, que ligava a E.F.C.B. à linha da Estrada de Ferro Vitória-Minas – a E.F.V.M. Tanto a saída do ramal como o pátio da estação de Sabará sofreram modificações nos traçados e prédios, que hoje o pátio original da estação está completamente modificado. A estação original foi demolida nos anos 1970 e num local diferente do pátio foi erigida uma outra estação, com aspecto mais contemporâneo, ao contrário da antiga estação, que mesmo mais acanhada era mais charmosa aos olhos da população que conviveu com a mesma. A estação hoje

⁶⁸ Informação pesquisada do site: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_linhacentro/sabara.htm. Acessado em 18/10/07 e 21/01/08.



está totalmente abandonada e se situa logo após a ponte sobre o rio que cruza a cidade e, entre a estação e a ponte, sala o antigo ramal de Nova Era. Junto a ela ficavam os galpões do antigo depósito de locomotivas e oficinas de material de via permanente. Como o ramal foi desativado com a construção de outra linha que serve hoje aos trens da E.F.V.M., esse trecho inicial do ramal passou a servir como acesso à Belgo Mineira⁶⁹ mas a empresa mineradora já recebe e despacha sua carga via carreta, o que tornou ainda mais abandonado o antigo ramal férreo.

Os edifícios que fazem parte do complexo ferroviário tiveram inúmeros usos e são em número de três: a antiga casa do engenheiro-residente que era o administrador da linha; os prédios da oficina, escritórios e depósitos de locomotivas e a casa do motorista de auto de linha, hoje usada como residência da família de um antigo funcionário da rede.

As duas primeiras construções – a antiga casa do engenheiro-residente e os galpões e edifício dos antigos escritórios e oficinas – estão em estado de ruínas. No entanto a casa do motorista do auto de linha está conservada, visto ser habitada atualmente.

Esse último imóvel foi construído junto à extensão da linha da antiga Central, que atingiu Sabará em 1891, como já mencionado acima. O trecho que chegava à cidade foi inaugurado em 13 de fevereiro daquele ano. Embora não se tenha uma confirmação mais precisa, amparada em documentação, é provável que a casa do motorista tenha sido construída próximo a esse ano, ou seja no final do século XIX ou no início do século seguinte.

A casa tinha a finalidade de servir de residência para a família de um dos principais funcionários da ferrovia, que era o motorista do auto de linha. Esse profissional era o responsável por guiar o pequeno automóvel trafegando na linha férrea – o auto de linha –, com o objetivo de percorrer o trecho da ferrovia sob a responsabilidade do engenheiro residente e confirmar os defeitos e problemas da linha – que eram frequentes – e também de chegar rapidamente nos locais dos acidentes que também ocorriam com certa regularidade, visto a inadaptabilidade dos percursos junto ao relevo acidentado, da intensa trafegabilidade de cargas pela ferrovia – minerais, gado, produtos agrícolas – e também pelo estado de conservação da linha e dos materiais com que foi construída.

– Por outro lado, para se entender a complexidade dos serviços que subsidiavam o funcionamento da rede ferroviária é preciso elucidar alguns pontos. O primeiro deles é quanto à divisão dos serviços. Na linha da Central e depois Rede Ferroviária, era comum que cada trecho de aproximadamente 150 a 200 quilômetros ficasse sob a responsabilidade de um engenheiro-residente. Cada um desses profissionais era responsável pelo perfeito funcionamento do trecho sob sua guarda e para isso contava com uma série de outros profissionais sob o seu comando, entre eles o motorista do auto de linha. Também era comum que em cada subtrecho de 7 quilômetros desse percurso maior se concentrasse as "turmas de conserva" que contavam com um mestre e com dezenas de trabalhadores braçais que faziam os serviços de conserto da linha férrea nessa área.

A casa que era de propriedade da Rede hoje pertence ao sr. Antônio Pereira, antigo funcionário da R.F.F.S.A, já que através de acordo firmado com a empresa, adquiriu a propriedade do imóvel há vinte anos, quando passou a residir continuamente com a família na casa própria. A partir de então, o sr. Antônio promoveu algumas reformas e adaptações na casa. A primeira delas ocorreu na década de 1990 e consistiu na construção de um anexo ao fundo do imóvel para abrigar uma nova cozinha, uma dispensa e um banheiro. Na década seguinte também houve a construção de uma grande área coberta do lado esquerdo da entrada principal da casa, que hoje abriga a área de serviço e também é usada como espaço de reuniões e de lazer da família Pereira.

Esse imóvel, por conta da sua habitabilidade atual é o único dos outros inúmeros espaços do antigo e movimentado pátio da Paciência que continuam de pé. Todos os outros bens, inclusive a primeira estação já demolida, não existem mais ou estão em estado de ruína, refletindo o estado secundário e de abandono que foi relegada a alternativa ferroviária para o grave problema de transporte do país, até hoje insolucionável. A casa do motorista de auto de linha é a expressão simbólica e material dos tempos áureos da ferrovia em Minas Gerais, na qual o pátio da estação da Paciência em Sabará talvez fosse o maior exemplo, visto a sua intensa movimentação de trens de carga e de passageiros e da sua rentabilidade para os cofres públicos. Os tempos passaram, mas a busca pela promoção da história e da memória ferroviária

⁶⁹ No caso da empresa siderúrgica Belgo Mineira, essa foi inaugurada no ano de 1917 e sempre teve grande atividade produtiva, sendo um importante empregador de Sabará e um dos principais clientes dos serviços da R.F.F.S.A na cidade, para o escoamento de sua produção. Nos anos 1990 foi incorporada à empresa canadense do mesmo ramo de atividade, ALCON. A partir de então teve sua produção redirecionada e minimizada – hoje em dia só fabrica cercas de arame – e também teve o seu quadro de pessoal bastante reduzido. Informação colhida com o sr. Nominato Magalhães em entrevista concedida em 27/02/08.



de Sabará ainda encontra em lugares, como o imóvel tratado aqui um espaço da sua representatividade e explicitação.

11. USO ATUAL:

Residencial

12. DESCRIÇÃO:

A edificação hoje é de propriedade particular, porém já pertenceu à rede ferroviária. Apesar de estar localizada em um local sem infra-estrutura urbana, é possível observar em frente à casa a presença de calçamento, que está bastante degradado. A residência está implantada pouco acima do nível do leito da ferrovia, em terreno plano retangular e encontra-se alinhada à mesma, sem afastamento frontal. Ela é fechada em todos os lados por muro de tijolo revestido por reboco.

A entrada na residência é feita através do portão frontal, que dá acesso a um alpendre localizado na lateral direita e, por meio deste, é possível a entrada no interior da casa. Há, ainda, duas outras portas externas, uma na fachada principal e outra na fachada lateral direita, porém elas não são utilizadas como acesso. A fachada principal é assimétrica e possui três vãos, sendo duas janelas e uma porta. As aberturas possuem esquadrias de madeira, com enquadramentos do mesmo material e vergas retas. As janelas são de abrir e possuem dois tipos de vedação: duas folhas internas em madeira e duas externas em vidro. As esquadrias das demais fachadas, exceto as da cozinha que são posteriores, também possuem essa conformação.

A residência possui telhado em duas águas com cumeeira paralela à linha do trem. O manto é em telha cerâmica plana e possui coroamento em beiral simples por todos os lados. O sistema construtivo é de estrutura autônoma de tijolo, revestimento em reboco e acabamento em pintura.

A planta é dividida em oito cômodos, sendo quatro quartos, uma sala, cozinha, banheiro, dispensa e alpendre externo. O piso interno é em tabuado corrido, exceto na cozinha e banheiros onde o revestimento é cerâmico e no alpendre, que apresenta piso em cimento. Na fachada principal, a casa possui uma inscrição indicando que já pertenceu à rede ferroviária.

13. PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:

Nenhuma

14. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA

Inventário

15. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Bom

16. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A residência apresenta-se, no geral, em bom estado de conservação, porém com sinais de degradação, como o descolamento do reboco e algumas manchas de infiltração e umidade nas paredes externas. Internamente, apresenta-se bem conservada.

17. FATORES DE DEGRADAÇÃO:

Os principais fatores de degradação são: a ação de intempéries e o desgaste natural dos materiais.

18. MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO:

- A edificação deve ser submetida à manutenção e vistoria constantes para impedir que os problemas já identificados possam se agravar posteriormente, afetando a integridade da construção;
- Revitalizar a pintura externa e interna, repondo pontos desgastados e com partes do reboco descoladas;
- Inspeccionar periodicamente as calhas e condutores, principalmente em período anterior às chuvas;
- Eliminar manchas de umidade e infiltrações presentes nas fachadas;
- Recuperar elementos de vedação das aberturas, substituindo vidros quebrados e peças de madeira desgastadas;
- Não substituir qualquer elemento de composição e/ou estrutural sem a avaliação de técnico especializado.

19. INTERVENÇÕES

A única intervenção realizada há aproximadamente cinco anos na residência, foi a posterior construção da cozinha do banheiro e da dispensa, o que é bem visível já que estes cômodos possuem características totalmente diferentes dos demais



20 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passeio a Sabará*. São Paulo: Martins, 1952.

MACHADO, Maria de Lourdes Guerra. *Nas ruas de Sabará*. Belo Horizonte: CMC, 1999.

VASCONCELOS, Max. *Vias brasileiras de comunicação: estrada de ferro Central do Brasil*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & C., 1928.

ENTREVISTAS:

Helena Guimarães. Belo Horizonte: 23/02/2008 concedida a João Paulo Lopes.

Maria do Carmo Vieira; Antônio Pereira. Sabará: 16/05/2007 concedidas a João Paulo Lopes, Daniele Gomes e Gabriela Tassara.

Nominato Magalhães Guimarães, ex- Engenheiro-residente do trecho de Sabará da R.F.F.S.A no período de 1960 a 1974. Belo Horizonte: 27/02/2008 concedida a João Paulo Lopes.

SITES RELACIONADOS:

http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_linhacentro/sabara.htm

<http://www.sabara.net>

21. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: ---

22. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: mai 2007 a fev 2008

Elaboração: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador) / Data: jun 2007 a fev 2008

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Sede

3. DESIGNAÇÃO:

Hospital Cristiano Machado

4. ENDEREÇO:

Rua Santana, 600

5. PROPRIEDADE / SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE:

Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG)

Propriedade Pública - Estadual

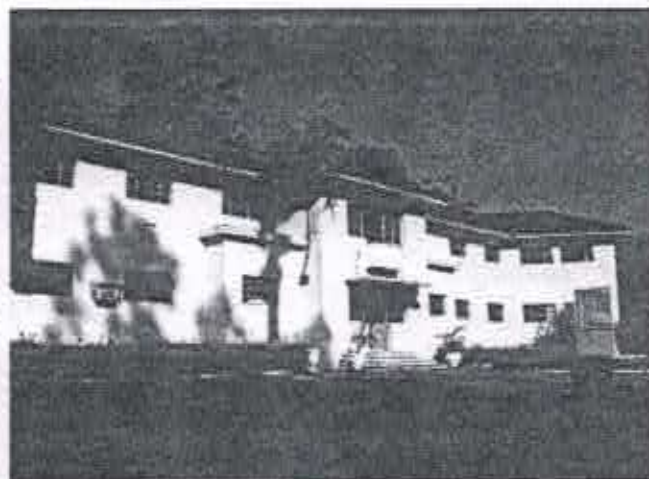
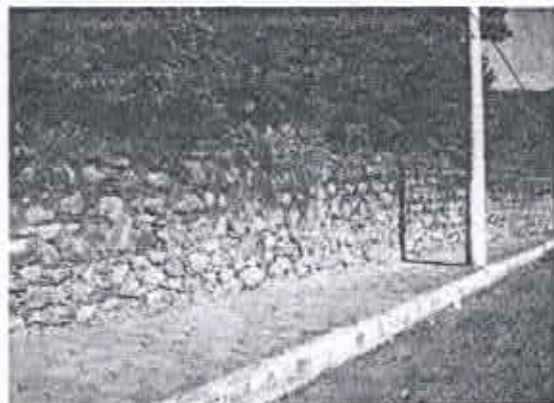
6. RESPONSÁVEL:

Dr. Eduardo Liguori de Cerqueira e Dr. Maurício Antônio dos Santos

7. SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO:

Própria

8. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:



Vista do muro de pedra (acima à esquerda) seguida da fachada principal; casas; vista do anexo.

Foto: Gabriela Tassara, maio/07



Lavanderia (acima à esquerda) jardim de acesso.
Fotos: Gabriela Tassara, maio/07

9. ANÁLISE DE ENTORNO – SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA:

A edificação localiza-se à Rua Santana, via de trânsito local com pavimentação em asfalto que comporta dois veículos e cujo estado de conservação é bom.

No entorno imediato ao imóvel, predominam os terrenos planos e largos. Nota-se que ainda existem alguns terrenos vagos nas imediações. Não existe arborização nesse trecho da rua, as árvores existentes pertencem a algum quintal ou mesmo ao próprio lote do hospital. A via é seccionada pela linha férrea e as calçadas, em bom estado de conservação, são revestidas por blocos de concreto em ambos os lados.

Esta área é marcada pela presença de construções recentes, todas posteriores às primeiras décadas do século XX. A maioria das edificações é de uso residencial e apresentam volumetria horizontal ou vertical de até dois pavimentos. As residências no entorno encontram-se implantadas no limite da rua, sem afastamentos frontais. O acesso à grande parte das edificações é frontal. Como ponto de referência próximo ao hospital tem-se a linha férrea.

Não se nota a substituição dos usos existentes nem tendência ao adensamento na região. As edificações no entorno encontram-se em geral, bem conservadas. O distrito dispõe de infra-estrutura básica como água, esgoto, luz elétrica e coleta de lixo.

10. HISTÓRICO:

Em alguns antigos mapas de Roça Grande é indicada a localização de um "leprosário" na mesma região onde hoje se encontra o Hospital Cristiano Machado, o que é um indício de que a relação da localidade com o tratamento dessa doença seja mais antiga que a inauguração do hospital. A inauguração do antigo sanatório data de 1945, vindo a ser naquela época uma instituição modelo no país no tratamento de hanseníase. Construído para ser um hospital-colônia, e no início batizado de "Sanatório Roça Grande", o complexo hospitalar foi dedicado ao acompanhamento e tratamento médico e a hospedagem de hansenianos de ambos os sexos, pensionistas, que podiam pagar os altos preços cobrados pelos serviços de primeira linha ali prestados. Assim, o público atendido era de pessoas das camadas mais ricas da população, que vinham de vários pontos do estado, atraídos pelas condições peculiares de tratamento médico do hospital.



Planta Cadastral de Belo Horizonte de 1936, na qual aparece a localização do leprosário em Roça Grande.
Local de depósito: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte - APCBH



A área de 34 hectares do local, o isolamento da região, a localização privilegiada – de frente para o Rio das Velhas – e o clima ameno eram ingredientes que contribuíam para amenizar os efeitos e o drama das pessoas acometidas pela doença. Até mesmo famílias inteiras foram morar nas casas do complexo hospitalar como uma maneira de manter os laços sociais, mesmo durante o tratamento da hanseníase de um ou mais de seus membros. Vale lembrar que por muito tempo a moléstia foi considerada incurável, o que produzia o grave problema do preconceito para as vítimas da hanseníase.

Um ponto peculiar no que tange à história do hospital é sua contraposição às condições vividas em um outro centro de tratamento de hanseníase, a Colônia Hernani Agrícola, também instalada na mesma região, próxima ao “Cristiano Machado”. Embora essa instituição tratasse dos mesmos casos de hanseníase, ela atendia outro público, pessoas das camadas mais baixas, marcando assim uma perspectiva de separação de classes para o tratamento médico da mesma enfermidade. As duas instituições eram relativamente próximas uma da outra, contudo as suas pretensões e os seus habitantes eram simetricamente contrários.

Por sua vez, durante cerca de mais de trinta anos, o hospital-colônia teve os seus usos exclusivamente dedicados ao tratamento das vítimas da hanseníase. Contudo, por volta do início da década de 1980 houve um redirecionamento dos usos do espaço. Isso porque nesse período já era uma realidade a sensível diminuição da incidência da doença, contrastando com a época de fundação do hospital. Com isso, em 1982, foi inaugurado no espaço o Centro de Reabilitação Geral Cristiano Machado. Muito embora o local fosse dedicado ao tratamento fisioterápico, muda-se o foco da área de atuação. No entanto, essa nova atividade foi abandonada ainda mesmo na década de 1980.

O complexo original do antigo sanatório sofreu, a partir de então, uma série de especulações para ali ser abrigado diversas instituições. Os novos usos foram marcados pela ingerência das várias direções que estiveram à frente do hospital, o que demonstra que os projetos para o hospital dependiam do contexto e da vontade política. As propostas para os novos usos do espaço se avolumaram ao sabor das pretensões das diretorias que passaram por sua administração, já que o peso político de suas ações determinava o que seria feito do hospital. Até mesmo a APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – de Sabará, solicitou a cessão de parte do espaço para o funcionamento da instituição. Um pedido que foi em vão. Mas os planos de redefinição de usos para o local não pararam aí.

Uma característica marcante do local desde o seu início foi o isolamento social ante a comunidade que o cercava. Com o crescimento crescente de Roça Grande, a área em volta do hospital foi totalmente ocupada, principalmente após a década de 1980, onde uma nova configuração urbanística se implantou e se delineou na região. Esse processo de alheamento à comunidade roça-grandense foi quebrado a partir de 1994. Neste ano foi criado um coral composto por pessoas da comunidade, médicos e pacientes, o que pode ser considerado o primeiro passo desse processo de sociabilização e de conexão com os habitantes que moram na área que circunda o complexo hospitalar. Nos anos seguintes, festas e outros programas sociais foram implantados com vistas a trazer a comunidade de Roça Grande para dentro do local, como por exemplo as famosas festas juninas.

Simultaneamente, as indefinições quanto ao uso do espaço continuaram. A antiga atribuição do tratamento da hanseníase ainda persistia contudo, gradualmente, novas funções foram sendo criadas. Atualmente está em funcionamento no hospital uma unidade pós-traumática dos pacientes do Hospital João XXIII, também chamado de Retaguarda. Além disso, um convênio com a prefeitura permitiu a instalação de um complexo de urgência/emergência em uma das alas do edifício. Por outro lado antigos pacientes com hanseníase, remanescentes de outros períodos, ainda residem no hospital continuando o seu tratamento.

O “Cristiano Machado” é um dos hospitais que fazem parte da administração da FHEMIG – Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais. E muito embora novas funções tenham sido destinadas ao prédio com o passar dos anos, o seu uso relacionado à saúde pública continua a ser o referencial. Além disso, as características arquitetônicas originais continuam inalteradas em seu exterior, apesar da pintura recente realizada em 2003. Mas internamente o edifício sofreu algumas adaptações para comportar novos usos e responder a novas demandas e cuidados inerentes à prática médica, como o salão originalmente dedicado às festas e bailes dos antigos pacientes e hoje em dia adaptado a uma sala de fisioterapia e terapia ocupacional, que ali funciona desde meados da década de 1990.

Por outro lado, a suntuosidade dos vários edifícios que compõem o complexo hospitalar ainda é notada e destacados na paisagem de Santo Antônio de Roça Grande. Além disso, os projetos para a instalação de novos serviços e atividades relacionados à saúde pública e ao tratamento médico são expectativas lançadas ao espaço a fim de garantir melhores condições de saúde para a população sabarense.



11. USO ATUAL:

Institucional: Hospital

12. DESCRIÇÃO:

A edificação destinada ao hospital foi construída na década de 1940. Atualmente é de propriedade da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG), porém já pertenceu a particulares. Parte de sua edificação é cedida ao ambulatório, cuja gestão é municipal. Atualmente as instalações hospitalares funcionam como apoio ao Hospital João XXIII, sediado em Belo Horizonte. O prédio principal encontra-se implantado acima do nível da rua e possui grande afastamento frontal, que é ocupado por jardins arborizados e pela rampa asfaltada de acesso à edificação. Há também afastamentos de fundo e nas duas laterais que são ocupados por vegetação nativa.

O complexo hospitalar é composto por diversos setores: o volume principal, que abriga os leitos do hospital; o volume anexo, onde se localiza a parte administrativa, diversas casas localizadas esparsamente para hóspedes diários do hospital e a lavanderia, instalada em um volume à parte. Os blocos principal e anexo possuem volumetria vertical com dois pavimentos e os demais são edifícios térreos.

A fachada principal é simétrica e possui dezenove vãos, sendo dezoito janelas e apenas uma porta, correspondente ao acesso à recepção. As esquadrias da fachada principal são metálicas com vedação em vidro, vergas retas e enquadramento em argamassa. Algumas janelas são de abrir e outras têm sistema de abertura tipo basculante. A porta, com sistema de abertura do tipo de abrir, possui a mesma composição das janelas. O acesso à recepção do hospital é feito através de uma escada revestida em mármore localizada rente à porta. As janelas localizadas nas demais fachadas possuem características diferentes das já citadas. Elas têm esquadrias e enquadramento em madeira, são de abrir e possuem vedação em vidro. As portas internas também possuem essa conformação.

O telhado de duas águas possui a cumeeira com sentido variável, de acordo com os planos da fachada principal. O manto da cobertura é composto por telha francesa e o coroamento é em beiral simples. O sistema construtivo utilizado foi o autônomo de concreto com vedação em tijolo.

O setor administrativo possui dois tipos de pisos: no interior das salas o piso é vinílico e na circulação é em cerâmica. Na área do hospital, o piso dos corredores é em granito e nos quartos é cerâmico. As escadas presentes nos dois setores, administrativo e hospitalar, são revestidas em mármore. Nas casas destinadas à moradia, o piso da varanda é em cimento e o piso interno é em tacos de madeira nas áreas íntimas e cerâmico nas demais. As fachadas dessas casas são diferenciadas, porém possuem os mesmos elementos compositivos: as janelas são de abrir com duas folhas, esquadrias em madeira e vedação em vidro. As portas são de abrir, possuem esquadrias e vedação em madeira. As casas possuem telhado em duas águas, cumeeira no sentido transversal da edificação e coroamento em beiral simples. Os forros são em madeira.

O fechamento frontal do terreno do hospital é feito por um muro de pedras localizado no limite da calçada. É visível que este muro é anterior à época de construção do hospital, evidenciando que outro tipo de ocupação já existiu ali anteriormente.

13. PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:

Nenhuma

14. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA

Inventário

15. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Bom

16. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

O hospital, em geral encontra-se em bom estado de conservação. Os únicos aspectos de degradação observados referem-se à pintura externa que apresenta descolamento em pontos isolados e a presença de manchas de umidade nas fachadas.

17. FATORES DE DEGRADAÇÃO:

Os principais fatores de degradação são: a ação de intempéries; o desgaste natural dos materiais e a falta de manutenção periódica do conjunto.

18. MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO:

- A edificação deve ser submetida à manutenção e vistoria constantes para impedir que os problemas já identificados possam se agravar posteriormente, afetando a integridade da construção;



- Revitalizar a pintura externa e interna, repondo pontos desgastados e com partes do reboco descoladas;
- Inspeccionar periodicamente as calhas e condutores, principalmente em período anterior às chuvas;
- Eliminar manchas de umidade e infiltrações presentes nas fachadas;
- Não substituir qualquer elemento de composição e/ou estrutural sem a avaliação de técnico especializado;
- Realizar manutenção periódica dos jardins e das ruas internas.

19. INTERVENÇÕES:

Como o hospital já se tratou de um centro de tratamento de hanseníase e a partir de 1994, com a entrada da FHEMIG, passou a funcionar como apoio ao Hospital João XXIII, ele já sofreu diversas adaptações internas, porém todas as fachadas foram conservadas tal qual foram construídas, apesar da pintura recente realizada em 2003. De acordo com entrevistas realizadas, o hospital era dedicado às classes mais abastadas, portanto tinha a conformação de um hotel, contava inclusive com salões de dança. Um deles, originalmente dedicado às festas e bailes dos antigos pacientes foi adaptado para uma sala de fisioterapia e terapia ocupacional, que ali funciona desde meados da década de 1990.

20. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRAFIA:

ARAÚJO, Waldemar Cândido. *A Roça conta um conto*. Sabará, 2005.

Obras e revitalização da FHEMIG (Catálogo). Belo Horizonte: FHEMIG, 2006.

Sanatório Roça Grande. Diretoria de Saúde Pública. Sabará/MG: Ed. Queiroz Brenner, 1945.

ENTREVISTAS:

Marcos Aurélio Fonseca, Coordenador de Ensino e Pesquisa do Hospital Cristiano Machado. Sabará. 16/05/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.

SITES RELACIONADOS:

<http://www.fhemig.gov.br>

21. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

22. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: mai e jun 2007

Elaboração: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador) / Data: jun e jul 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Sede

3. DESIGNAÇÃO:

Muros de Pedra do Hospital Cristiano Machado

4. ENDEREÇO:

Rua Santana, s/nº

5. PROPRIEDADE / SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE:

Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG)
Propriedade Pública - Estadual

6. RESPONSÁVEL:

Dr. Eduardo Liguori de Cerqueira e Dr. Maurício Antônio dos Santos

7. SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO:

Não se aplica

8. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:



Vista do muro de pedras do Hospital Cristiano Machado
(acima à esquerda), seguido da vista do entorno.
Foto: Gabriela Tassara, Maio/2007

9. ANÁLISE DE ENTORNO – SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA:

O muro, que é o limite frontal do Hospital Cristiano Machado, localiza-se à Rua Santana, via de trânsito local que comporta dois veículos e com pavimentação em asfalto, cujo estado de conservação é bom.

No entorno imediato ao imóvel, predominam os terrenos planos e largos. Nota-se que ainda existem alguns terrenos vagos em seu entorno. Não existe arborização nesse trecho da rua, as árvores existentes pertencem a algum quintal ou mesmo ao próprio lote do hospital. A via é seccionada pela linha férrea, e as calçadas, em bom estado de conservação, são revestidas por blocos de concreto em ambos os lados.

Esta área é marcada pela presença de construções recentes, todas posteriores às primeiras décadas do século XX. A maioria das edificações é de uso residencial e apresentam volumetria horizontal ou vertical de até dois pavimentos. As residências no entorno encontram-se implantadas no limite da rua, sem afastamentos frontais. O acesso à grande parte das edificações é frontal. Como ponto de referência próximo ao hospital tem-se a linha férrea.

Não se nota a substituição dos usos existentes nem tendência ao adensamento na região. As edificações no entorno encontram-se em geral, bem conservadas. O distrito dispõe de infra-estrutura básica como água, esgoto, luz elétrica e coleta de lixo.

10. HISTÓRICO:

Santo Antônio da Roça Grande é um dos núcleos populacionais mais antigos da antiga capitania de Minas e São Paulo, cujo processo de ocupação teve início no último quarto do século XVII. As construções originais



da localidade foram consumidas pelo tempo e pelos homens, mesmo que ao longo dos últimos três séculos a região tenha tido um desenvolvimento pouco expressivo. Apesar da conservação das antigas práticas e modos de vida, pacata e semirural de tempos remotos, atualmente esses são influenciados pelo rápido crescimento da região nas últimas décadas e o aumento da sua população, o que confere novos atores sociais, novas demandas e novas práticas inseridas ao cotidiano do lugar.

Esse rápido *tour* pela história de Roça Grande tem o sentido de embasar a análise sobre o muro de pedras que hoje faz parte do entorno do Hospital Cristiano Machado. As ruínas do que restou do muro original nos fornecem aspectos com os quais podemos compreender o sentido original de sua função e sua inserção em meio ao processo de ocupação, fixação e desenvolvimento da região.

Pelas características construtivas do mesmo, o uso de blocos de pedras e o modo de colocação do material para sua configuração enquanto uma cercania nos remete ao século XVIII. Isso porque muitas construções semelhantes datam dessa época, ao menos em meio à tradição oral. Construções da própria Santo Antônio de Roça Grande, como o muro do antigo cemitério do local, que hoje se localiza ao lado da Igreja é um exemplo deste tipo de fechamento do lote. Isso não quer dizer que necessariamente o muro tenha sido levantado naquele século, já que a tradição construtiva a partir dos mesmos instrumentos e técnicas podem ter se estendido por anos a fio.

Certamente quando da construção do hospital, no início da década de 1940, o muro já estava em estado de deterioração. Mas mesmo assim ele foi utilizado para limitar a testada frontal do terreno onde está implantada a instituição de saúde, o que foi um ganho tanto para o lugar quanto para a conservação do bem. Em alguns pontos da construção percebe-se a colocação de pedras faltantes, inclusive com uso de argamassa para implantar as novas rochas. Porém não é comprovado o momento exato dessas possíveis "complementações" ao muro original.

É importante também frisar que mapas do século XX, indicam a presença de um "leprosário" na área onde hoje se localiza o Hospital Cristiano Machado, inaugurado em 1945, originalmente como o objetivo de tratamento de pacientes com hanseníase. Por outro lado, em um período anterior, o espaço que hoje se encontra o muro de pedras também estava na área da fazenda da família Bemfica, desde o final do século XIX, que ocupou uma grande área do atual território da localidade. Outro aspecto referencial e integrado à trajetória do muro de pedras diz respeito ao pequeno riacho que passa próximo a ele, hoje poluído com detritos e esgoto, mas que foi um dos primeiros pontos de exploração de pedras e metais preciosos, a atividade pioneira que deu origem a Sabarabuçu, ainda nos *settecento*, segundo fontes orais.⁷⁰

Ainda é importante frisar a chegada do trem à Roça Grande, no início do século passado, sendo que parte da ferrovia acompanha em certo trecho o alinhamento do muro. Muito embora, esse aspecto hoje em dia passe despercebido aos olhares menos atentos, que também é embaralhado pela ocupação recente da área com novas construções o que lhe desfigura as características originais.

11. USO ATUAL:

Não se aplica

12. DESCRIÇÃO:

Trata-se de um muro de pedras secas localizado na entrada do Hospital Cristiano Machado e que o delimita frontalmente. O tipo de técnica possivelmente empregada na construção do muro remete ao século XVIII e como o hospital é da década de 40, considera-se que ele já delimitou outra edificação anteriormente. A técnica empregada na construção deste tipo de cercania consiste em empilhar e justapor pedras de tamanhos distintos sem a necessidade de emprego de argamassa ou reboco. A rigidez da estrutura é obtida com o encaixe de pedras menores nos espaços vazios entre os elementos maiores. Observa-se que há algumas partes do muro reforçadas com argamassa, que não são originais da construção.

13. PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:

Nenhuma

14. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA

Inventário

15. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Bom

⁷⁰ Reginaldo Barcelos, Gerente de Patrimônio Histórico e Cultural de Sabará. Sabará, Roça Grande. Entrevista concedida a Daniele Gomes em 16/05/2007.



16. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Os aspectos de degradação podem ser verificados na presença de argamassa em algumas partes do muro, o que constitui uma substituição de sua composição original.

17. FATORES DE DEGRADAÇÃO:

Os principais fatores de degradação são: a ação de intempéries, o desgaste natural dos materiais e a falta de manutenção periódica dos elementos.

18. MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO:

- O bem deve ser submetido à manutenção e vistoria constantes para impedir que os problemas já identificados possam se agravar posteriormente, afetando a integridade do elemento construtivo;
- Não substituir qualquer elemento de composição e/ou estrutural sem a avaliação de técnico especializado;
- Eliminar plantas e vegetação daninha que se desenvolva entre as pedras que compõem a estrutura.

19. INTERVENÇÕES:

Em alguns pontos da construção percebe-se a colocação de pedras faltantes, inclusive com uso de argamassa para implantar as novas rochas. Porém não é comprovado o momento exato dessas possíveis "complementações" ao muro original.

20. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRAFIA:

- ARAÚJO, Waldemar Cândido. *A Roça conta um conto*. Sabará, 2005.
Obras e revitalização da FHEMIG (Catálogo). Belo Horizonte: FHEMIG, 2006.
Sanatório Roça Grande. Diretoria de Saúde Pública, Sabará/MG. Ed. Queiroz Brenner, 1945.

ENTREVISTAS:

- Marcos Aurélio Fonseca, Coordenador de Ensino e Pesquisa do Hospital Cristiano Machado. Sabará, Roça Grande: 16/05/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.
Reginaldo Barcelos, Gerente de Patrimônio Histórico e Cultural de Sabará. Sabará, Roça Grande: 16/05/2007 concedida a Daniele Gomes.

SITES RELACIONADOS:

- http://www.dicionario.pro.br/dicionario/index.php?title=Pedra_seca. Acessado em 04/02/07.
<http://www.fhemig.gov.br>
<http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>.

21. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

22. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: mai e jun 2007

Elaboração: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador) / Data: jun e jul 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. DESIGNAÇÃO:
Ruína da Estação Ferroviária de Santo Antônio de Roça Grande

4. ENDEREÇO:
Rua Beira Linha; s/nº

5. PROPRIEDADE / SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE:
Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes (DNIT)
Propriedade Pública

6. RESPONSÁVEL:
Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes (DNIT)

7. SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO:
Própria

8. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:



Inscrição na placa frontal (acima à esquerda); vista da linha férrea (acima à direita) e vista geral da ruína (à esquerda)
Fotos: Gabriela Tassara, maio/07



9. ANÁLISE DE ENTORNO – SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA:

A Ruína da Estação Ferroviária de Santo Antônio da Roça Grande foi erguida em um local praticamente plano e está implantada em cota intermediária com relação a seu entorno, sendo que ele se distingue entre a parte mais baixa e a mais alta que possuem características distintas.

A área mais baixa caracteriza-se por uma ocupação mais concentrada. As vias são asfaltadas e encontram-se bem conservadas e os passeios, quando existentes, estão em estado regular de conservação e são estreitos. A maioria das construções no entorno apresenta características contemporâneas. De forma geral, edificações alinhadas à rua caracterizam as implantações, sendo os terrenos majoritariamente largos. O uso comercial é predominante. Como ponto de referência dessa área, destaca-se a Igreja de Santo Antônio da Roça Grande.

A área mais alta caracteriza-se por uma ocupação mais esparsa. As vias são em terra batida e não existem passeios. A maioria das construções no entorno apresenta características contemporâneas. De forma geral, edificações alinhadas à rua caracterizam as implantações, sendo os terrenos majoritariamente profundos. O uso residencial é predominante. Não há pontos de referência notáveis nessa área.

Ambas as áreas caracterizam-se pela presença de prédios marcados pela simplicidade da arquitetura e pela volumetria térrea e que revelam as condições econômicas da população local, majoritariamente de baixa renda. Quanto à infra-estrutura básica o entorno da ruína é servido por redes de água e esgoto, luz elétrica e coleta de lixo.

10. HISTÓRICO:

O trem sempre foi um personagem da vida social de Santo Antônio de Roça Grande, desde a inauguração do ramal ferroviário no início do século passado, sendo este o meio de transporte mais eficiente para se chegar ao povoado em um período em que não existiam estradas que levavam à localidade, somente o trem e o Rio das Velhas, que até então era navegável.

Como amostra da relevância do meio de transporte para o lugar, nos momentos das tradicionais festividades dedicadas a Santo Antônio de Roça Grande, o trem era um ator em evidência, pois era ele que trazia os visitantes à localidade, que vinham por conta da celebração mais tradicional do local. Pendurado nas portas e janelas, homens e mulheres, crianças e velhos, faziam de tudo para conseguirem chegar e participar dos eventos comemorativos ao padroeiro local, que eram afamados para além das fronteiras do estado.⁷¹

A Estrada de Ferro Central do Brasil (n/d-1975), km MG-0513, atualmente abandonada, foi a primeira linha a ser construída pela E. F. Dom Pedro II, que a partir de 1889 passou a se chamar E. F. Central do Brasil e mais tarde, Rede Ferroviária Federal S/A – R.F.F.S.A, que era a espinha dorsal de todo o seu sistema. Sobre a parada de trem, muito mais simples que a antiga que fora demolida, não há dados mais seguros sobre a data de inauguração. Mas é certo que em 1928 já existia, sendo citada no livro de Max Vasconcelos⁷² publicado nesse ano. Mais tarde, seu nome passou a ser Santo Antônio de Roça Grande, nome do santuário ali próximo. A linha inteira ainda existe para trens cargueiros⁷³.

No entanto, como força dos novos tempos, apesar da existência da linha férrea, ela não é mais usada atualmente. Mas isso não foi um fato isolado já que reflete de um processo de longa data que vinha desde 1960, quando se optou pelo incremento da malha rodoviária paralelo ao processo da criação da indústria automobilística nacional e em consequência houve um sucateamento gradual das ferrovias do país, outrora sinônimo de progresso e desenvolvimento.

Como um dos núcleos mais antigos de Sabará, Roça Grande contou com essa pequena parada para os trens, composta de uma área coberta e uma plataforma de embarque e desembarque de passageiros. Era nesse local, situado próximo à igreja, que ocorriam grandes experiências da comunidade do lugar. Era o palco para idas e vindas, encontros e despedidas. E também assumia o papel de ser algo integrado ao cotidiano dos habitantes, acostumados à presença diuturna do trem, que não oferecia uma excepcionalidade constante.

Mesmo assim, a pequena plataforma resistiu ao tempo, das intempéries e à ação de vândalos que quase a destruíram por completo. Apesar da desativação do seu uso original, alguns resquícios da estrutura ainda

⁷¹ O Jornal Folha de Sabará, em sua versão on-line, destaca que "com a povoação aumentando lentamente e o movimento de romelros em visita ao Santuário de Santo Antônio crescendo a cada ano, a Estrada de Ferro Central do Brasil instalou uma parada de trens naquele lugar, tornando-se direta a comunicação de Roça Grande com a Capital", <http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>. Acessado em 18/10/07.

⁷² Vasconcelos, Max. Vias brasileiras de comunicação: estrada de ferro central do Brasil, Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & C., 1928.

⁷³ http://www.estacoesteroviaras.com.br/efcb/mg_liniacentro/roca.htm. Acessado em 15/07/07, 18/10/2007.



permanecem no local, reunindo sobre si, mesmo que de forma enviesada, as relações entre as temporalidades passada e presente. Como marco simbólico e material da passagem e da relevância da ferrovia para a região, a antiga plataforma de parada da ferrovia da antiga Central do Brasil se insere num contexto e numa lógica que requerem medidas de conservação e de readaptação.

A sua destruição poderia estancar e enterrar, de uma vez por todas, a memória local sobre os sentidos e significados dados ao trem. O mesmo "trem", que povoa o imaginário dos mineiros e que até virou expressão regional, que só aqui se entende. O mesmo "trem", intangível atualmente, mas com a força de povoar e pontuar a memória dos habitantes de Roça Grande e da sua conexão com seu passado recente a partir ao menos do registro do único aspecto material da ferrovia que resiste em meio às transformações por que passou a região, com novos atores, novas demandas e novas expectativas.

11. USO ATUAL:

Sem utilização

12. DESCRIÇÃO:

A ruína da Estação Ferroviária de Roça Grande possui acesso pela Rua Santo Antônio e está implantada nas margens da linha do trem, em um platô elevado de concreto que servia como plataforma de embarque/desembarque de passageiros. Ela é formada por três mastros metálicos, dispostos paralelamente que possuem placas transversais em madeira. O primeiro, considerando-se a Rua Santo Antônio, possui também outra placa, em madeira com a inscrição "Sto Antônio de Roças Grande". A estação possuía telhado dividido em duas águas com estrutura em madeira e vedação em telhas cerâmicas, atualmente esta cobertura não existe.

13. PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:

Nenhuma

14. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA

Inventário

15. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Péssimo (processo de arruinamento)

16. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Além de estar em processo de arruinamento, os resquícios da estação encontram-se mal conservados. Pode-se observar a falta de alguns elementos nas placas transversais de madeira e a oxidação dos pilares metálicos.

17. FATORES DE DEGRADAÇÃO:

O principal fator de degradação diz respeito ao desgaste natural dos materiais ao longo do tempo. Além disso, a extinção da rede ferroviária, levou ao descaso com relação aos imóveis que a pertenciam.

18. MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO:

- A edificação deve ser submetida à manutenção e vistoria constantes para impedir que os problemas já Realizar manutenção periódica nos elementos estruturais para evitar avanço da degradação da ruína;
- Realizar limpeza e capina no entorno da ruína;
- Eliminar pontos de oxidação da estrutura da ruína;
- Não substituir qualquer elemento de composição e/ou estrutural sem a avaliação de técnico especializado.

19. INTERVENÇÕES:

Como a ruína encontra-se em processo de arruinamento, ela já sofreu algumas intervenções decorrentes disso. A estação possuía cobertura em duas águas, com estrutura de madeira e vedação em telha cerâmica, porém com a desativação da rede no início da década de 90, ela foi se deteriorando e hoje, essa cobertura não existe. Essa extinção da estação também modificou a rotina do local, que era ponto de espera do trem e hoje não possui qualquer tipo de uso.



20. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:
BIBLIOGRAFIA:

ARAÚJO, Waldemar Cândido. *A Roça conta um conto*. Sabará, 2005.

VASCONCELOS, Max. *Vias brasileiras de comunicação*; estrada de ferro Central do Brasil. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & C., 1928.

SITES RELACIONADOS:

<http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>

http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_linhacentro/roca.htm

http://www.estacoesferroviarias.com.br/efl_mg_tresrios_caratinga/roca.htm.

21. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: ---

22. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: mai e jun 2007

Elaboração: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador) / Data: jun e jul 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. DESIGNAÇÃO:
Depósito Reís

4. ENDEREÇO:
Rua V, nº 25

5. PROPRIEDADE / SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE:
Vilma Benfica
Propriedade Privada

6. RESPONSÁVEL:
Suzana Gomes

7. SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO:
Alugada

8. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:



Vista geral da edificação (acima à esquerda);
vista da rua V (acima à direita), fachada voltada
para a Rua V (à esquerda).
Fotos: Gabriela Tassara, julho/07



9. ANÁLISE DE ENTORNO – SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA:

A edificação localiza-se em Santo Antônio de Roça Grande à Rua V esquina com Rua Santo Antônio. A Rua V é uma via local, ligeiramente inclinada, de mão única, com pavimentação parcial em asfalto e parte em terra batida e cuja pista de rolamento comporta apenas um veículo. O tráfego na via é de caráter local, sendo formado por poucos pedestres e veículos de pequeno porte e seu estado de conservação é regular, visto que no trecho em terra batida observa-se o crescimento de vegetação. As demais ruas no entorno da edificação são praticamente planas. A Rua Santo Antônio é plana, de mão única, asfaltada em toda sua extensão e com pista de rolamento que comporta apenas um veículo. O tráfego de pedestres e veículos é moderado e a via apresenta-se bem conservada.

No entorno imediato ao imóvel predominam os terrenos planos e profundos. Nota-se que praticamente todos os lotes estão ocupados. Não existe arborização nesse trecho da rua, as árvores existentes pertencem aos quintais. Não há calçada em nenhum dos lados da via.

A região é marcada pela presença de casas mais recentes e de características simples, a única residência mais antiga localizada nas proximidades, remete ao estilo colonial. A maioria das edificações é de uso residencial e apresentam volumetria horizontal ou vertical de até dois pavimentos. Há afastamentos frontais na maioria das edificações da Rua V, já na Rua Santo Antônio, elas encontram-se geralmente implantadas no nível da rua. O fechamento dos terrenos é feito pelas próprias edificações. O acesso a grande parte dos imóveis é frontal.

Não se nota a substituição dos usos existentes na região nem tendência ao adensamento. As edificações adjacentes, no geral, não se encontram bem conservadas. O distrito dispõe de infra-estrutura básica como água, esgoto, luz elétrica e coleta de lixo. A iluminação pública apresenta fiação aparente o que prejudica a percepção do imóvel.

10. HISTÓRICO:

A família Benfica, original de Portugal, mas chegada a Roça Grande, vinda do antigo Curral Del Rey (atual Belo Horizonte) tornou-se proprietária de boa parte das terras onde hoje se encontra a localidade de Santo Antônio de Roça Grande. Ao longo das décadas, o desmembramento dos lotes, por conta de partilhas sucessivas feitas através de heranças, acabou por fornecer as bases para a ocupação atual que conforma a região, com loteamentos recentes, na maior parte não aprovados pelo poder público, mas que abrigam a maioria dos terrenos e construções da região.

No entanto, os marcos históricos remanescentes que pontuam a origem e a história de Roça Grande são raros, tendo em vista a antiguidade da localidade, datada sua povoação para mais de três séculos. Um desses marcos se dá com o imóvel que atualmente abriga o Depósito Reis, apesar de sua construção recente, a partir de parâmetros históricos. Erguido na década de 1950, o local sempre teve finalidade comercial, ao longo dos seus anos, tendo tido diversos usos ao longo desse mais de meio século. A iniciativa para a construção do imóvel partiu do senhor José Maria Benfica, que morreu em 1955. O primeiro destino que teve o local foi de abrigar um clube dançante, que promovia bailes e *shows* musicais aos habitantes de Roça Grande. Tradicionalmente chamado de Sede, o local teve o seu uso primevo dedicado ao entretenimento e lazer, duas funções que sempre foram pouco presentes na região.

Porém, o uso original foi redirecionado quando do fechamento do "clube", por volta dos anos 60. A partir de então, no imóvel funcionou diversos estabelecimentos comerciais, ao longo das últimas décadas. Pelos depoimentos orais, marcados pelo embaralhamento e limitação das lembranças dos moradores mais antigos, observa-se que no local já funcionou um bar, academia, padaria, um "forró", entre outros. Contudo, não foi possível detectar as datas de estabelecimento de cada tipo de uso em razão da efemeridade dos vários tipos de ocupação ao longo desse tempo. Quanto ao Depósito Reis, dedicado à venda de materiais de construção, este está instalado ali desde o ano 2000 sob a responsabilidade da sra. Suzana Gomes, que aluga o imóvel da atual proprietária, Dona Vilma Benfica. A trajetória dos proprietários do referido imóvel é uma incógnita, visto a confusão das partilhas *post mortem* e dos registros em cartório dos diversos desmembramentos de terreno que se verificou na área em torno da casa, na qual não há respaldo seguro nem mesmo pela tradição oral. Há cerca de oito anos, o imóvel sofreu intervenções adaptativas para ser utilizado como loja de material de construção. Foi construído o afastamento voltado para a Rua V e sua cobertura para servir de carga e descarga de materiais da loja, o que acarretou também na colocação do muro e do gradil. Outra adaptação realizada nessa mesma época foi a troca do piso do banheiro.

O pequeno edifício se localizava estrategicamente em uma das principais vias da região, na esquina com a Rua V, que partia da área mais baixa da localidade até o ponto mais alto, onde antes funcionava uma olaria, que fabricava os tijolos para as construções dos imóveis da região. Essa via hoje é denominada Rua Santo Antônio. A "Sede" que originalmente funcionou no local, deixou boas recordações, o que nos permite supor



que os laços dos moradores locais dedicados ao imóvel se dão através do simbolismo memorial e histórico consumado por sua representatividade material e arquitetônica.

11. USO ATUAL:

Comercial

12. DESCRIÇÃO:

A construção possui um pavimento e está implantada na esquina da Rua V com a Rua Santo Antônio, acima do nível da via pública, em lote plano e largo que começa na Rua Santo Antônio e tem como limite posterior outra edificação. O único afastamento presente na edificação é voltado para a Rua V, utilizado para a carga e descarga de materiais e local de entrada do depósito, que é fechado parte por um muro e parte por gradil metálico.

A edificação remete ao estilo eclético e, de acordo com relatos, foi construído em 1945 para abrigar a sede de um clube de dança, porém já foi também mercearia, escola, bar e academia e atualmente é uma loja de materiais de construção. Ela desenvolve-se em três cômodos retangulares: a área da loja, um depósito e o banheiro. A entrada no terreno é feita por um portão metálico localizado na fachada voltada para a Rua Santo Antônio, e, por estar situado acima do nível da rua, há uma escada cimentada que dá acesso à loja. A entrada na edificação se dá por quaisquer dos dois vãos sem peitoril, localizados nessa mesma fachada. O sistema construtivo original utilizado foi a estrutura autoportante de tijolo, revestido por reboco e acabamento em pintura. A base da construção é feita em pedra. O piso é em cimento queimado no interior da loja e no depósito e de cimento no afastamento. A cobertura é feita por telhado cerâmico, de telhas curvas, com duas águas e cumeeira paralela à rua. O afastamento lateral possui cobertura independente, de uma água, em telhado cerâmico com telhas francesas. O forro é de madeira e o coroamento frontal é feito por beiral simples na fachada da Rua V e por frontão na da Rua Santo Antônio.

A fachada voltada para a Rua Santo Antônio é assimétrica e possui quatro vãos, além do portão metálico de acesso. Todas as aberturas possuem peitoril e são compostas por duas folhas de abrir em madeira, com enquadramentos em massa e vergas retas. A fachada voltada para a Rua V, é antecedida por um afastamento fechado por muro e gradil e por um portão metálico utilizado apenas para carga e descarga de materiais. Ela é assimétrica e possui quatro vãos, desses, três são rasgados por inteiro e apenas um possui peitoril. As esquadrias possuem a mesma conformação das da outra fachada.

13. PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:

Nenhuma

14. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA

Inventário

15. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Bom

16. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A edificação apresenta fachadas externas com pintura bastante desgastada e com sinais de vandalismo. Internamente apresenta-se bem conservada.

17. FATORES DE DEGRADAÇÃO:

Os principais fatores de degradação são: a ação de intempéries, o desgaste natural dos materiais e a falta de manutenção periódica dos elementos.

18. MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO:

- A edificação deve ser submetida à manutenção e vistoria constantes para impedir que os problemas já identificados possam se agravar posteriormente, afetando a integridade da construção;
- Revitalizar a pintura externa e interna, repondo pontos desgastados e partes descoladas do reboco;
- Inspeccionar periodicamente as calhas e condutores, principalmente em período anterior às chuvas;
- Eliminar manchas de umidade e infiltrações presentes nas fachadas;
- Não substituir qualquer elemento de composição e/ou estrutural sem a avaliação de técnico especializado.

19. INTERVENÇÕES:

Há cerca de oito anos, o imóvel sofreu intervenções adaptativas para ser utilizado como loja de material de construção. Foi construído o afastamento voltado para a Rua V e sua cobertura para servir de carga e



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 178 de 335



descarga de materiais da loja, o que acarretou também na colocação do muro e do gradil. Outra adaptação realizada nessa mesma época foi a troca do piso do banheiro.

20. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRAFIA:

ARAÚJO, Waldemar Cândido. *A Roça conta um conto*. Sabará, 2005.

ENTREVISTAS:

Divino Teófilo Benfica. Sabará: Roça Grande. 16/05/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.

FONTES DOCUMENTAIS:

Livro 3-J, registro 4435, fl. 15. Cartório de registro de imóveis de Sabará.

Livro 3-L, registro 9685, fl. 57. Cartório de registro de imóveis de Sabará.

SITES RELACIONADOS:

<http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>

21. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

22. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: mai e jun 2007

Elaboração: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador) / Data: jun e jul 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. DESIGNAÇÃO:
ASSEFEG – Associação Espírita e Fraternidade Eduardo Gomes / Residência

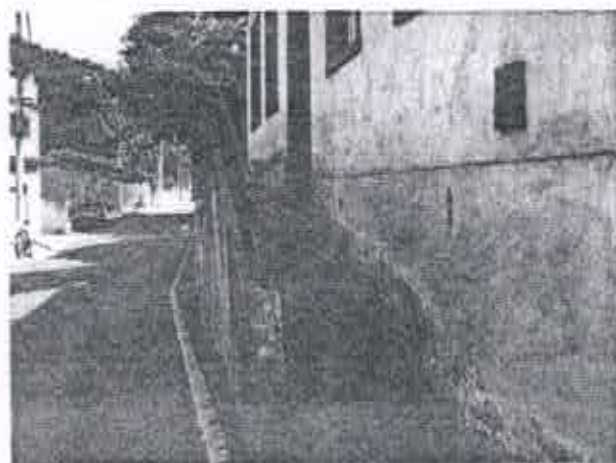
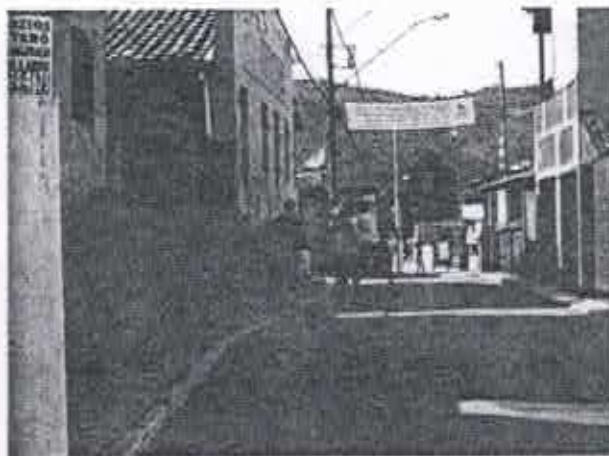
4. ENDEREÇO:
Rua Santo Antônio, 326

5. PROPRIEDADE / SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE:
Divino Benfica
Propriedade Privada

6. RESPONSÁVEL:
Divino Benfica

7. SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO:
Própria / Alugada

8. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:



Fachada principal (acima à esquerda); Vista da
Rua Santo Antônio (acima à direita) e vista da
escada de acesso (à esquerda).

Fotos: Gabriela Tassara - Julho/07



9. ANÁLISE DE ENTORNO – SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA:

A edificação localiza-se em Santo Antônio de Roça Grande à Rua Santo Antônio, via local, praticamente plana, de mão única, asfaltada em toda sua extensão e cuja pista de rolamento comporta apenas um veículo. O tráfego na via é de caráter local, sendo formado por poucos pedestres e veículos de pequeno porte e seu estado de conservação é bom. As demais ruas no entorno da edificação são razoavelmente inclinadas.

No entorno imediato ao imóvel, predominam os terrenos planos e profundos. Nota-se que praticamente todos os lotes estão ocupados. Não existe arborização nesse trecho da rua, as árvores existentes pertencem aos quintais. Há calçada estreita em apenas um lado da via e ela se encontra em estado regular de conservação.

A região é marcada pela presença de casas mais recentes, a única mais antiga localizada nas proximidades, remete ao estilo eclético. A maioria das edificações é de uso residencial e apresentam volumetria horizontal ou vertical de até dois pavimentos. Não há afastamentos frontais e o fechamento dos terrenos é feito pelas próprias edificações. O acesso aos imóveis é, geralmente, frontal.

Não se nota a substituição dos usos existentes na região, nem tendência ao adensamento. As edificações próximas encontram-se em geral, bem conservadas. O distrito dispõe de infra-estrutura básica como água, esgoto, luz elétrica e coleta de lixo. A iluminação pública apresenta fiação aparente o que prejudica a percepção do imóvel.

10. HISTÓRICO:

A família Bemfica, original de Portugal, mas chegada a Sabará vinda do Curral Del Rey (atual Belo Horizonte) tornou-se proprietária de boa parte das terras onde hoje se encontra os novos bairros que compõem a localidade de Santo Antônio de Roça Grande. Ao longo das décadas, o desmembramento dos lotes, por conta de partilhas sucessivas feitas através de heranças, acabou por fornecer as bases para a ocupação atual que conforma a região, ao serem revendidos ou transformados em novos loteamentos.

No entanto, os marcos e referenciais históricos que pontuam a origem e a história do local são raros, principalmente os exemplares arquitetônicos. Um dos poucos imóveis remanescentes de períodos mais remotos da história de Roça Grande trata-se deste aqui registrado, muito embora sua edificação date provavelmente de um período de dois séculos posteriores à ocupação inicial da localidade. A época de sua construção é ignorada, mas por seus traços estilísticos e as informações colhidas em meio à oralidade pode-se remontar a meados do século XIX. Por esse período, a casa servia como sede da fazenda da família Bemfica – que veio ocupar a região por volta da metade do oitocento. A propriedade cobria boa parte da área onde hoje está situada a localidade de Roça Grande⁷⁴, em seu formato atual.

Durante esses anos, o antigo e pacato povoado cresceu vertiginosamente, principalmente nas últimas décadas do século XX. O crescimento acelerado provocou a demolição dos antigos imóveis e a construção de novos edifícios, que tanto servira para residências quanto para abrigar o comércio local. Em meio a esse processo, a antiga casa da sede da fazenda resistiu à ação do tempo e dos homens. O seu uso continuou a ser residencial, todavia atualmente, em uma das suas alas, está instalada a ASSEFEG – Associação Espírita Fraternidade Eduardo Gomes – que ali promove suas reuniões semanais. Para abrigar a associação a residência foi adaptada e dividida em duas alas exclusivas. Uma das reformas por que passou o imóvel se deu nos anos 90, onde as portas que permitiam a passagem entre as duas partes do imóvel foram vedadas com tijolos.

A reforma permitiu que de um lado se situasse a residência do atual proprietário, o sr. Divino Bemfica, com cinco cômodos, compostos de dois quartos, sala, cozinha e banheiro. E do outro lado a sede da associação espírita com três cômodos e ainda servido de um outro banheiro, que também foi construído por esse período. Outro ponto a se destacar da antiga construção foi a demolição do antigo estábulo, que se encontrava no quintal ao fundo do imóvel, que abrigava os animais da família e servia de ponto de descanso para os tropeiros que passavam pela localidade e dos empregados da família Bemfica. No local do estábulo foi construído um anexo à área de serviço, ainda nos anos 1980, coberto por telhas de amianto. Além disso, no correr do século passado, com o desenvolvimento de novas tecnologias, a casa foi servida

⁷⁴ Elementos da família Bemfica contam que os seus antepassados ali chegaram nas últimas décadas do século XIX, vindos de Curral Del Rey, e ali se estabeleceram. O lugar era quase despovoado, apenas umas poucas casas próximas à capela de Santo Antônio. Os Bemfica construíram uma choupana como moradia provisória e iniciaram o comércio de madeira para construção, e lenha para fogão, que extraliam das grandes matas existentes. Toda a madeira era transportada em carroções e animais que trouxeram, e vendida em Sabará e seus distritos. Anos depois se ocuparam também com serviços de oiarla, igualmente em Roça Grande. Provavelmente a choupana original foi erguida na área próxima do atual imóvel da Rua Santo Antônio, pertencente à família, que encontra-se relativamente próxima do Santuário velho de Santo Antônio. <http://www.folhadensabara.com.br/nossacidade/historia.html>.



de instalações elétricas e hidráulicas que não existiam originalmente, uma vez que a residência contava com cisterna de água para o abastecimento e para a iluminação eram usados lampiões de querosene. No entanto, as datas exatas das reformas que possibilitaram a implantação dessas novas instalações não foram detectadas com precisão.

Embora as características externas do bem continuem as mesmas da sua origem, houve, porém outras reformas importantes na área interna, como a substituição dos materiais construtivos, tanto do piso, quanto das paredes e do teto, que ocorreram a partir da década de 1980. É mister também lembrar a destruição da escada frontal de acesso à porta principal do bem e sua substituição por uma escada menor direcionada para a esquerda da entrada principal. A alteração foi feita, no início dos anos 1990, para permitir a remodelação da Rua Santo Antônio, que foi pavimentada e teve seu traçado estreitado. Essa via liga até hoje a parte baixa e a parte alta da localidade, onde estão os bairros de recente ocupação e com construções mais simples. Ainda é importante notar que a divisão incessante de novos terrenos que provocou o adensamento da região em torno do imóvel influiu na conseqüente diminuição do tamanho do quintal do imóvel. Segundo relatos do atual proprietário, da enorme área que contava com pomar, horta, espaço para a criação de sulnos e galináceos, o que restou atualmente é uma pequena área, aos fundos da construção, que em nada lembra o espaço original.

O aspecto mais interessante relacionado ao imóvel é a sua inserção e a conservação em meio à nova configuração da paisagem urbana da localidade. Ao lado de imóveis mais contemporâneos, a casa lança sobre si olhares mais atentos, que ali observam a materialidade de períodos remotos do povoado de Roça Grande. O bem tem a representatividade de consistir a história local e singularizar um exemplar arquitetônico relevante para essa importante localidade, um dos núcleos originais do município de Sabará.

11. USO ATUAL:

Residencial / Institucional

12. DESCRIÇÃO:

A edificação possui apenas um pavimento e está implantada acima do nível da rua, em lote plano e profundo que começa na Rua Santo Antônio e tem como limite posterior outra edificação. Não possui afastamentos frontal e lateral. Apresenta apenas afastamento posterior, que é fechado por um muro e utilizado como quintal da casa. O imóvel sempre foi utilizado como residência e há quatro anos, foi dividido e parte dele abriga a sede da ASSEFEG, uma associação espírita.

A edificação remete ao estilo colonial e, de acordo com relatos, foi construído para servir como residência de portugueses sendo posteriormente adquirida pela família Benfica, cuja propriedade se mantém até os dias de hoje. A parte destinada à residência desenvolve-se em seis cômodos retangulares, uma sala, dois quartos, um banheiro, cozinha, área de serviço, além do quintal. A entrada no terreno é feita através de uma escada cimentada com guarda-corpo metálico e o acesso à residência se dá pelo único vão frontal rasgado por inteiro. O sistema construtivo original utilizado foi a estrutura autoportante de tijolo, revestido por reboco com acabamento em pintura. O piso dos quartos é de tacos de madeira e dos demais cômodos é cerâmico. O quintal é cimentado. A cobertura é feita por telhado cerâmico de duas águas composto por telhas curvas e com cumeeira paralela à rua. O imóvel apresenta ainda uma cobertura independente, de uma água, localizada em parte do quintal, feita com telha de fibrocimento. O coroamento é feito por beiral simples e o forro é de gesso.

A fachada principal é simétrica e possui quatro vãos, desses, apenas um é rasgado por inteiro, os demais possuem peitoril. As esquadrias das janelas são formadas internamente por duas folhas de abrir de madeira, e externamente por guilhotina com esquadria em madeira e vedação em vidro. A porta é composta por duas folhas de abrir de madeira. Todos os enquadramentos são em madeira. As aberturas possuem vergas retas.

13. PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:

Nenhuma

14. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA

Inventário

15. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Bom

16. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A residência apresenta algumas manchas de infiltração localizadas na parte inferior da fachada frontal e no muro de fechamento da escada.



17. FATORES DE DEGRADAÇÃO:

Os principais fatores de degradação são: a ação de intempéries, o desgaste natural dos materiais e a falta de manutenção periódica dos elementos.

18. MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO:

- A edificação deve ser submetida à manutenção e vistoria constantes para impedir que os problemas já identificados possam se agravar posteriormente, afetando a integridade da construção;
- Revitalizar a pintura externa e interna, repondo pontos desgastados e com partes do reboco descoladas;
- Inspeccionar periodicamente as calhas e condutores, principalmente em período anterior às chuvas;
- Eliminar manchas de umidade e infiltrações presentes nas fachadas;
- Não substituir qualquer elemento de composição e/ou estrutural sem a avaliação de técnico especializado.

19. INTERVENÇÕES:

Na década de 1980, o estábulo que se encontrava no quintal ao fundo do imóvel foi demolido e no mesmo espaço foi construído um anexo à área de serviço coberto por telhas de amianto. Nos anos 90, o imóvel de uso residencial, passou a abrigar também a sede da ASSEFEG, uma associação espírita. Para acolher ambos os usos, o prédio foi dividido pela metade de forma que a residência não tem comunicação interna com os ambientes da associação. Outra intervenção realizada há aproximadamente dez anos, foi a substituição do piso da residência que era em tabuado de madeira, por tacos de madeira. Nesta mesma época foi feito também um reforço nas paredes e a substituição do forro de madeira pelo de gesso. A escada que dava acesso à residência, se estendia até a rua, com a pavimentação da via e há cerca quinze anos, esta estrutura foi substituída pela atual.

20. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRAFIA:

ARAÚJO, Waldemar Cândido. *A Roça conta um conto*. Sabará, 2005.

ENTREVISTAS:

Divino Teófilo Benfica. Sabará: Roça Grande. 16/05/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.

FONTES DOCUMENTAIS:

Livro 3-J, registro 4435, fl. 15. Cartório de registro de imóveis de Sabará.
Livro 3-L, registro 9685, fl. 57. Cartório de registro de imóveis de Sabará.

SITES RELACIONADOS:

<http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>

21. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

22. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: mai e jun 2007

Elaboração: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador) / Data: jun e jul 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Carvalho de Brito

3. DESIGNAÇÃO:
Residência Modernista

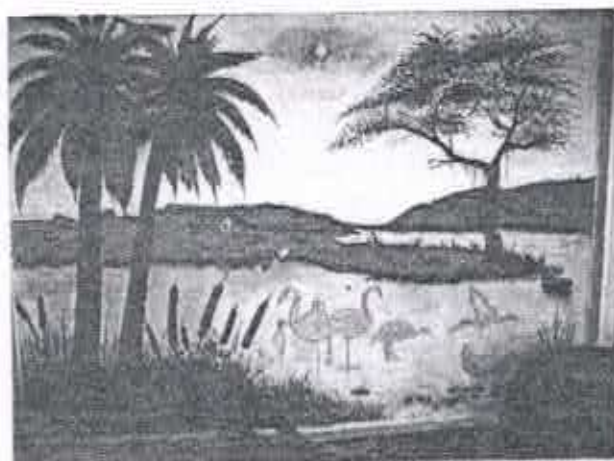
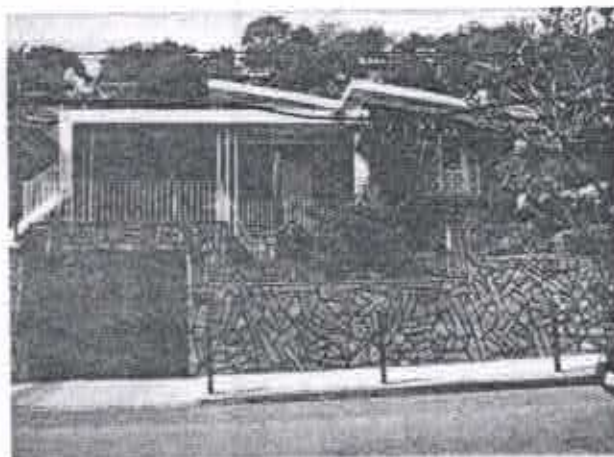
4. ENDEREÇO:
Rua Carvalho de Brito, 105

5. PROPRIEDADE / SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE:
Vilma Martins de Souza
Propriedade Privada

6. RESPONSÁVEL:
Vilma Martins de Souza

7. SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO:
Própria

8. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:



Vista da fachada frontal (acima à esquerda); vista do entorno (acima à direita) e do painel pintado na fachada principal (à esquerda)
Fotos: Gabriela Tassara, Julho/07



9. ANÁLISE DE ENTORNO – SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA:

A edificação localiza-se em General Carneiro à Rua Carvalho de Brito, via local, razoavelmente plana, de mão dupla, asfaltada em toda sua extensão, cuja pista de rolamento comporta dois veículos e estacionamento paralelo em uma única direção. O tráfego na via é moderado, sendo formado por pedestres e veículos diversos e seu estado de conservação é bom. As demais ruas no entorno da edificação são praticamente planas e algumas com pequena declividade.

No entorno imediato ao imóvel predominam os terrenos planos e profundos. Nota-se que praticamente todos os lotes estão ocupados. Existe pouca arborização nesse trecho da rua, a maioria das árvores existentes pertence aos quintais. Há calçada em ambos os lados da via e elas se encontram bem conservadas.

A região é marcada pela presença de casas recentes. A maioria das edificações é de uso comercial e apresentam volumetria horizontal ou vertical de até dois pavimentos. Poucos imóveis apresentam afastamentos frontais e o fechamento dos terrenos é feito pelas próprias edificações. O acesso aos imóveis é, geralmente, frontal.

Não se nota a substituição dos usos existentes na região, nem tendência ao adensamento. As edificações próximas encontram-se, em geral, bem conservadas. O distrito dispõe de infra-estrutura básica como água, esgoto, luz elétrica e coleta de lixo. A iluminação pública apresenta fiação aparente o que prejudica a percepção do imóvel.

10. HISTÓRICO:

A região de General Carneiro é um dos núcleos mais tradicionais do município de Sabará. Quando da criação de Belo Horizonte, em 1897, a localidade passou a pertencer aos domínios territoriais da nova capital mineira. Sua importância era marcada principalmente pela existência do entroncamento das linhas férreas da antiga Central do Brasil.

Muito embora a ocupação da região seja decorrente do século XVIII, a conformação atual da localidade se deu principalmente pela fixação populacional recente, com grande impulso a partir da década de 1980. A explosão demográfica da região a partir desse período é fruto da segunda onda de êxodo para Belo Horizonte, o que promoveu o povoamento das regiões periféricas da capital, inclusive as áreas limítrofes de municípios vizinhos, como é o caso de General Carneiro.

Com isso a maior parte das construções que existem na localidade é datada das duas últimas décadas conferindo-lhe uma paisagem urbana marcada por edifícios e prédios simples. Em meio a essa característica, a habitação da Rua Carvalho de Brito se destaca. Suas modernas formas geométricas lhe imprimem uma singularidade em meio ao conjunto urbano, tanto da rua Carvalho de Brito, quanto da região de um modo geral.

A eclosão da arquitetura moderna no Brasil tem o seu início, em 1939, com o projeto de construção do edifício do Ministério da Educação no Rio de Janeiro. A assinatura do projeto de Oscar Niemeyer, em co-autoria com o arquiteto francês, Le Corbusier, lançou o seu nome para o mundo. Logo em seguida, no início da década de 1940, o jovem prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, deixou sua marca com a construção do complexo da Pampulha, que teve o mesmo Niemeyer como idealizador e projetista. A tradição moderna na arquitetura no país teve o seu ápice e momento emblemático com a inauguração de Brasília, capital federal, em 1960, que se firmou como uma característica nacional de projeção para todo o mundo. Ao longo das décadas seguintes, a arquitetura moderna marcou época e influenciou gerações e gerações de construtores brasileiros e do mundo. Das capitais aos mais remotos rincões, as formas modernas na arquitetura não se consagraram como simples modismo circunstancial, mas marcou e influenciou arquitetos, engenheiros e construtores sem formação acadêmica, mas responsáveis por vários projetos.

Se as influências modernas na arquitetura brasileira se estenderam e se consolidaram, o imóvel que aqui tratamos é um exemplo dessa assertiva. O construtor Nefitalin Souza deve ter sido um dos que sofreram essas influências. Por volta de 1966, ele foi contratado pelo senhor José Cordeiro Sobrinho – popularmente conhecido como Nozim Cordeiro – para erguer uma construção no terreno da rua Carvalho de Brito, que na época dava vista frontal para o Rio Arrudas que corta a localidade. A construção, desde o seu início, chamou atenção pelas suas formas modernas. Outros imóveis próximos também foram construídos no mesmo período e compunham um conjunto “projetado” pelo construtor Nefitalin Souza. Contudo, vários exemplares sofreram intervenções que descaracterizaram os prédios originais. Após a construção do imóvel, em 1967, foi pintado um mural no alpendre lateral da residência, cobrindo completamente uma de suas paredes. Recentemente o mural foi recuperado, junto à nova pintura da casa, que se deu em 2006.



No curso dos usos do imóvel da Carvalho de Brito, 105, devemos frisar a constância de sempre ter sido residencial. Primeiramente foi ocupada pela família de Seu Nozim. A partir de 1981, com a venda do imóvel, a propriedade passou para a família do sr. João Alves de Souza que ocupou o bem e ali permanece até hoje em dia. A pintura recente da casa, em cor avermelhada com detalhes em branco, prestou ainda mais destaque à construção. Em meio ao desenvolvimento da localidade de General Carneiro, ao longo dos últimos quarenta anos, o imóvel aqui registrado se manteve sobejamente consumado à paisagem urbana e cavando sua identidade Impar. Com suas formas retas e simples, tem a capacidade de demonstrar a força com que o modernismo marcou a arquitetura brasileira, em diversas faces, lugares e temporalidades, como no caso da localidade de General Carneiro.

11. USO ATUAL:

Residencial

12. DESCRIÇÃO:

A edificação possui apenas um pavimento e está implantada acima do nível da rua, em lote plano e profundo que começa na Rua Carvalho de Brito e tem como limite posterior outra edificação. Apresenta afastamentos em todos os lados: o frontal é ocupado pelo jardim e pela rampa de acesso e o posterior pelo quintal e horta da residência; o afastamento lateral direito, por sua vez, tem um alpendre no nível da implantação da residência e uma garagem no nível da rua, o afastamento lateral esquerdo é ocupado por área de circulação do terreno. O imóvel sempre foi utilizado como residência. Há um quadro, utilizado como elemento decorativo, pintado na fachada principal.

A edificação remete ao estilo modernista e foi projetada por Neftalim Alves na década de 1960. Ela desenvolve-se em nove cômodos retangulares: uma sala, copa, três quartos, um banheiro e cozinha. A área de serviço, banheiro, dispensa e quintal estão situados externamente, na parte posterior do lote. A entrada no terreno é feita através do portão metálico localizado na testada frontal e como a residência está implantada acima do nível da rua, o acesso a ela é feito através de uma rampa com guarda-corpo metálico, localizada no afastamento frontal. A entrada no interior da residência é feita pela lateral direita. O sistema construtivo original utilizado foi a estrutura metálica, com vedação em tijolo, revestimento em reboco e acabamento em pintura. O piso dos quartos é de tacos de madeira e dos demais cômodos é cerâmico. O quintal é cimentado. A cobertura é feita por laje plana inclinada com duas águas.

A fachada principal é assimétrica e possui três vãos; desses, apenas um é rasgado por inteiro, os demais possuem peitoril. As janelas são de abrir, com fechamento em esquadrias metálicas com vedação em vidro e são protegidas por uma grade metálica externa. A porta é de abrir e toda metálica, também fechada por uma grade metálica. Os enquadramentos são em argamassa e as vergas são retas.

13. PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:

Nenhuma

14. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA

Inventário

15. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Excelente

16. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A residência apresenta-se bem conservada.

17. FATORES DE DEGRADAÇÃO:

Apesar de estar bem conservada a edificação está sujeita à ação de intempéries e do tempo que podem ocasionar sua degradação.

18. MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO:

- A edificação deve ser submetida à manutenção e vistoria constantes para impedir que os problemas já identificados possam se agravar posteriormente, afetando a integridade da construção;
- Inspeccionar periodicamente as calhas e condutores, principalmente em período anterior às chuvas;
- Não substituir qualquer elemento de composição e/ou estrutural sem a avaliação de técnico especializado.

19. INTERVENÇÕES:

Desde que os atuais moradores se tornaram proprietários, no início da década de 80, algumas modificações foram realizadas. Nos fundos do lote, havia um galpão que foi demolido, a copa foi integrada à cozinha e os



pisos de ambos os cômodos foram trocados. O revestimento em ardósia presente na fachada frontal também foi colocado nessa mesma época. Além disso, há aproximadamente dois anos, a residência recebeu nova pintura nas fachadas.

20. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRAFIA:

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. *Dicionário ilustrado de arquitetura*. 2.ed. São Paulo: Pro-Editores, 2000.

BENEVOLO, Leonardo; *História da arquitetura moderna*; São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

CORONA, Eduardo. *Dicionário de Arquitetura brasileira*. São Paulo, 1972.

ENTREVISTAS:

Vilma Martins de Souza. Sabará, General Carneiro: 27/09/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.

SITES RELACIONADOS:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura_moderna

21. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

22. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: mai e jun 2007

Elaboração: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador) / Data: jun e jul 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



1 MUNICÍPIO:
Sabará

2 DISTRITO:
Carvalho de Brito

3 DESIGNAÇÃO:
Centro de Vocação Tecnológico

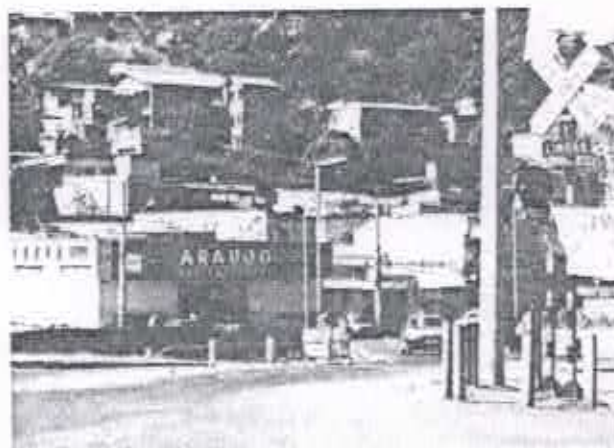
4 ENDEREÇO:
Rua Carvalho de Brito, 3001

5 PROPRIEDADE / SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE:
Prefeitura Municipal de Sabará
Propriedade Pública

6 RESPONSÁVEL:
Prefeitura Municipal de Sabará

7 SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO:
Cedido

8 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Vista da fachada frontal (acima à esquerda);
vista geral do entorno (acima à direita); vista do
volume anexo (à esquerda)
Fotos: Gabriela Tassara, julho/07



9. ANÁLISE DE ENTORNO – SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA.

A edificação localiza-se em General Carneiro à Rua Carvalho de Brito, via local, razoavelmente plana, de mão dupla, asfaltada em toda sua extensão, cuja pista de rolamento comporta dois veículos e um lado de estacionamento. O tráfego na via é moderado, sendo formado por pedestres e veículos diversos e seu estado de conservação é bom. As demais ruas no entorno da edificação são razoavelmente planas.

No entorno imediato ao imóvel, predominam os terrenos planos e profundos. Nota-se que há a presença de algumas áreas desocupadas. Existe pouca arborização nesse trecho da rua, as árvores existentes pertencem, geralmente à mata nativa ou aos quintais. Há calçada em ambos os lados da via e elas se encontram bem conservadas.

A região é marcada pela presença de imóveis recentes. A maioria das edificações é de uso comercial e apresentam volumetria horizontal ou vertical de até dois pavimentos. Não há afastamentos frontais e o fechamento dos terrenos é feito pelas próprias edificações. O acesso aos imóveis é, geralmente, frontal.

Não se nota a substituição dos usos existentes na região, nem tendência ao adensamento. As edificações próximas se encontram em estado regular de conservação. O distrito dispõe de infra-estrutura básica como água, esgoto, luz elétrica e coleta de lixo. A iluminação pública apresenta fiação aparente o que prejudica a percepção dos imóveis. Como ponto de referência próximo pode-se citar a linha férrea e o Ribeirão Arrudas.

10. HISTÓRICO

A localidade de General Carneiro, desde o final do século XIX, teve seu destaque por conta da estação ferroviária que ali existia; que passou a funcionar em 1895. A suntuosidade do prédio da estação era uma prova da importância econômica, social e cultural que o “trem” tinha para a região. As duas linhas férreas da Central do Brasil que passavam ali criavam uma dinâmica na vida local. Pessoas de vários pontos do estado e do país passavam por General Carneiro e, fossem personalidades ou anônimos, os rápidos visitantes se deleitavam com a comodidade e o bucolismo da pequena localidade, em seus tempos mais remotos. Por ser o ponto central da localidade durante décadas, era na estação que se fazia o *footing*, sendo o palco principal para ver e ser visto. Sem outros atrativos para entreter sua população, a estação era o local de convergência de várias práticas que para ali eram lançadas, extrapolando, em muito, o seu uso original, de embarque e desembarque de passageiros e mercadorias.

No entanto, o tempo impôs a perda dessas práticas. Junto ao processo de falecimento da malha ferroviária do país, a partir de uma opção governamental pelo incremento da malha rodoviária desde a década de 1960, a estação de General Carneiro foi fechada nos anos 80. Um episódio que não foi isolado. Ele está inserido no processo geral de substituição das ferrovias pelas rodovias, ao passo do desenvolvimento da indústria automobilística no país. Uma ação longa, que só agora vem tentando ser reparada pelas forças públicas, mas a passos lentos e ainda pouco promissores.

No período de construção da estação de General Carneiro, Sabará teve mais um círculo de desenvolvimento, amparado na exploração do minério de ferro. Tanto que duas linhas férreas alcançavam a região. Havia uma estação em Roça Grande da Estrada de Ferro Leopoldina, que funcionou de 1884 a 1975. A ferrovia ficou pronta em 1883 e havia sido construída e operada pela Cia. União Mineira, até a entrega à Estrada de Ferro Leopoldina, em 1884; o trecho entre esse ponto e a ligação ficou pronto em 1886. Em General Carneiro a Estrada de Ferro Central do Brasil alcançou a localidade em 1895, quando foi feito o ramal que deveria chegar à futura capital do estado, Belo Horizonte. A nova capital mineira, àquela época, estava sendo construída no antigo arraial do Curral Del Rey para substituir Ouro Preto. Ao longo de quase um século, General Carneiro foi atendida pelas locomotivas da Central, depois Rede Ferroviária Federal S/A – R.F.F.S.A., inserindo-se em meio à dinâmica própria das comunidades que têm a ferrovia, o “trem”, como fenômeno econômico, social e cultural. Com o fechamento da estação nos anos 80 o passo seguinte foi sua demolição em meio a protestos da população local. Protestos que foram em vão e ignorados pelo poder público que decidiu pela demolição do edifício suntuoso e de forte identidade para a comunidade.

A estação ferroviária que atingia General Carneiro e a escolha para do local para abrigá-la demonstra sua importância estratégica e como ponto de referência da região. São poucos os relatos escritos sobre a estação. Mas podemos atestar sua marcante presença a partir dos rastros da oralidade colhidos sobre a mesma. O relato do sr. Milton Palhares, apesar das confusões com datas e lugares, é importante. Foi um dos que deixou sua impressão sobre a antiga estação:

(...) Pode-se dizer que era diferenciada em sua construção. Possuía as cabeceiras em alvenaria, de um lado ficava a Agência, o armazém enorme construído todo em madeira, planejadas por escravos, diziam os antigos moradores, e a outra extremidade a residência do chefe - que era a nossa casa. Localizava-se em uma



curva fechada onde só poderia ver os trens chegando ou saindo próximos as extremidades das plataformas. Era linda. Nunca vi outra igual. Pagou caro por ser construída 80% em madeira. Foi demolida e teve suas madeiras vendidas. (Milton Rodrigues Paltaras, Paraíba do Sul, RJ)⁷⁵

No entanto, nem todo o complexo da famosa estação foi colocado a baixo. O prédio onde hoje funciona o Centro de Vocação Tecnológica foi o único bem que restou do complexo ferroviário original. Suas formas ecléticas remetem ao fim do século XIX ou início do XX, no período aproximado de inauguração da estação. Do seu uso original de moradia do administrador da estação, o bem foi tendo as suas destinações transformadas. Em determinada época – a qual não é definida com segurança – também serviu de moradia coletiva dos funcionários da rede ferroviária, como atestado pelo relato citado acima. Na época de demolição da estação, a conservação do edifício foi alcançada porque ali seria instalado o batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais, mas em 2002 foi inaugurado um novo prédio do batalhão, logo ao lado do edifício aqui registrado, no mesmo local onde antes estava a estação. Com isso, a antiga casa do agente teve seu uso redirecionado.

Isso porque após o convênio entre a Prefeitura de Sabará, o Governo de Minas e a Central do Brasil, o local foi cedido para abrigar o Centro de Vocação Tecnológica – o CVT. A entidade presta uma série de serviços sociais para os moradores de General Carneiro, oferecendo curso de informática, música, eletrônica, palestras, etc. Atualmente, a entidade responsável pelo imóvel é a Associação Fundamental Cidade Feliz (FUNCIF), uma organização não governamental, que presta serviços para o governo do estado de Minas Gerais, gerenciando o CVT e cuidando do projeto de inclusão digital e social para a comunidade de Sabará.

Para abrigar o Centro, que funciona ali desde abril de 2005, a casa sofreu uma série de adaptações e reformas, que foram realizadas no correr dos anos de 2004 e 2005. Nessa adaptação está incluindo a construção de dois cômodos, pintura externa e interna da casa, reforma do telhado, do forro, troca das portas internas, construção de novas salas com divisórias, reforma do pátio externo e adaptação da fachada do prédio e dos banheiros para deficientes físicos.



Vista da fachada frontal e aspecto geral do prédio antes da ampliação
Fotos: Arquivo Prefeitura Municipal de Sabará, s/d

Assim, a edificação tem um aspecto histórico reforçado, tanto por ser um remanescente da antiga estrutura ferroviária dos remotos tempos da localidade – que ainda marca o imaginário local – quanto também por sua utilidade atual. Os aspectos arquitetônicos e históricos atribuídos e manifestados pelo imóvel são dignos de nota. Sua constatação não só revela a imponência material da construção mas sinaliza as relações simbólicas que marcam a memória local sobre o mesmo.

Tomado como ponto de aderência entre as diversas temporalidades históricas, o bem é um enlace entre a pequena General Carneiro do início do século XX que tinha na sua estação e nas práticas ali experimentadas os seus aspectos mais preciosos e a nova dinâmica social atual. Novas medidas e sentidos são direcionados ao local, que atualmente, é um ambiente de promoção da dignidade social às camadas mais pobres, majoritariamente a maior parcela da localidade. Isso é reflexo do crescimento desordenado da região, fruto da intensa ocupação que marcou a localidade nas últimas décadas, feita sem planejamento e regulação por parte dos órgãos públicos, que só agora tentam reverter essa omissão. E o Centro de Vocação Tecnológica, que ali se localiza, é uma marca nesse sentido.

⁷⁵ http://www.estacoesferroviarias.com.br/enf_mg/ressios_caratinga/roca.htm. Acessado em 15/07/2007, 18/10/2007 e 07/01/2008.



Assim, o bem imóvel se insere com sua importância arquitetônica e também por sua significação histórica para a memória social dos habitantes locais, possibilitando uma relação simbólica com o passado da região e ainda pelos novos usos que ali são presentes e vividos.

11. USO ATUAL:

Serviço

12. DESCRIÇÃO:

O Centro Tecnológico possui apenas um pavimento e está implantado acima do nível da rua, em lote plano e profundo que começa na Rua Carvalho de Brito e tem como limite posterior um lote desocupado. Apresenta afastamentos em todos os lados. O frontal é ocupado pelo jardim e o posterior pelo quintal. O afastamento lateral direito tem um estacionamento e o afastamento lateral esquerdo é ocupado pela circulação do terreno. O imóvel, que pertencia à rede ferroviária, já foi Casa do Agente Ferroviário, sede do batalhão da Polícia Militar e residência.

A edificação remete ao estilo eclético e foi construída em 1895. Ela possui um volume principal e um anexo que se desenvolvem em onze cômodos retangulares, sendo sua distribuição a seguinte: uma recepção, uma sala de videoconferência, um laboratório de eletroeletrônica, duas salas de aula, CPD, um centro de operação e negócios, uma sala de cursos profissionalizantes, dois banheiros e a cozinha. A entrada no terreno é feita através do portão metálico localizado na fachada frontal. Como o imóvel está implantado acima do nível da rua, seu acesso é feito através de uma escada localizada no afastamento frontal. A entrada no interior da edificação é feita pela frente. O sistema construtivo original utilizado foi a estrutura autoportante de tijolo, revestida por reboco, com acabamento em pintura. O piso interno é cerâmico e de tábua corrida. O quintal tem piso cimentado e de brita. A cobertura é feita por telhado cerâmico de telhas francesas, com duas águas e é recortada de acordo com cada volume. O forro é de PVC.

A fachada principal é assimétrica e possui cinco vãos, desses, apenas um é rasgado por inteiro, os demais possuem peitoril. As janelas, de abrir, possuem duas folhas de madeira internamente e duas folhas com esquadrias de madeira e vedação em vidro externamente. A porta é de abrir, toda em madeira. Os enquadramentos de todas as aberturas são em massa e as vergas são retas.

13. PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:

Nenhuma

14. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA

Inventário

15. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Excelente

16. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A edificação apresenta-se bem conservada.

17. FATORES DE DEGRADAÇÃO:

Apesar de estar bem conservada a edificação está sujeita à ação de intempéries e do tempo que podem ocasionar sua degradação.

18. MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO:

- A edificação deve ser submetida à manutenção e vistoria constantes para impedir que os problemas já identificados possam se agravar posteriormente, afetando a integridade da construção;
- Revitalizar a pintura externa e interna, repondo pontos desgastados e com partes do reboco descoladas;
- Inspeccionar periodicamente as calhas e condutores, principalmente em período anterior às chuvas;
- Eliminar manchas de umidade e infiltrações presentes nas fachadas;
- Não substituir qualquer elemento de composição e/ou estrutural sem a avaliação de técnico especializado.

19. INTERVENÇÕES

a casa sofreu uma série de adaptações e reformas, que foram realizadas no correr dos anos de 2004 e 2005. Nessa adaptação está incluindo a construção de dois cômodos, pintura externa e interna da casa, reforma do telhado, do forro, troca das portas internas, construção de novas salas com divisórias, reforma do pátio externo e adaptação da fachada do prédio e dos banheiros para deficientes físicos.



20 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA:

CARVALHO, Abel. *Trilhas, trilhos e rios da minha vida*. Coronel Fabriciano/MG: Formato LÊ, 2003.

ENTREVISTAS:

Márcia Karine Batista Soares, Coordenadora da Incubadora de Empresas do CVT, Sabará, Gen. Carneiro: 25/07/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara

Maria das Dores Cordeiro, Sabará, Gen. Carneiro: 25/07/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.

Nivea da Conceição Teixeira, Coordenadora do CVT, Sabará, Gen. Carneiro: 25/07/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.

SITES RELACIONADOS:

<http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>

http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_linhacentro/general.htm

http://www.estacoesferroviarias.com.br/efl_mg_tresrios_caratinga/roca.htm

21 INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES - - -

22 FICHA TÉCNICA

Levantamento: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: mai e jun 2007

Elaboração: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador) / Data: jun e jul 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Carvalho de Brito

3. DESIGNAÇÃO:

Bar do Nelson

4. ENDEREÇO:

Praça José Cordeiro Sobrinho, 10

5. PROPRIEDADE / SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE:

Maria das Dores Cordeiro

Propriedade Privada

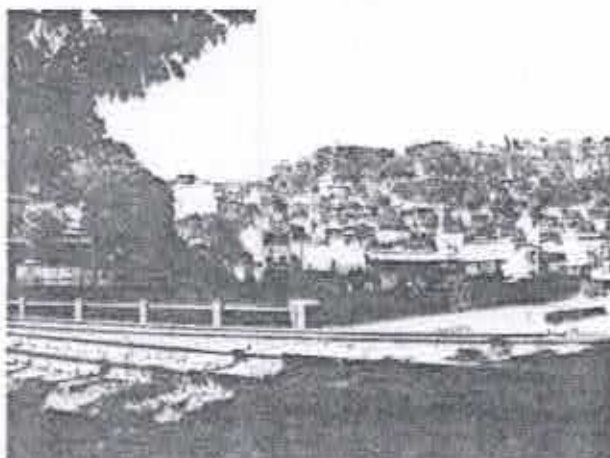
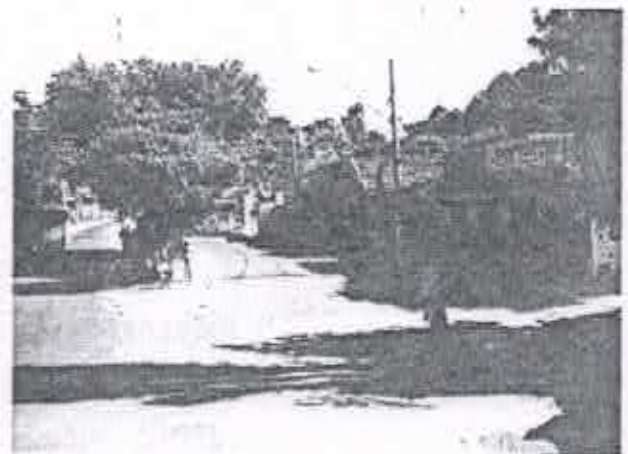
6. RESPONSÁVEL:

Nelson Oliveira

7. SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO:

Arrendado

8. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:



Vista da fachada frontal (acima à esquerda); vista da rua (acima à direita) vista geral do entorno (à esquerda)

Fotos: Gabriela Tassara, julho/07



9. ANÁLISE DE ENTORNO – SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA:

A edificação localiza-se em General Carneiro à Praça José Cordeiro Sobrinho, via local, razoavelmente plana, de mão dupla, asfaltada em toda sua extensão, cuja pista de rolamento comporta dois veículos e um lado de estacionamento. O tráfego na via é moderado, sendo formado por pedestres e veículos de grande porte, visto ser o ponto final do ônibus que liga General Carneiro a Belo Horizonte. O estado de conservação da via é bom. As demais ruas no entorno da edificação são razoavelmente planas.

No entorno imediato ao imóvel, predominam os terrenos planos e profundos. Nota-se que há pouca presença de área desocupada. A arborização está presente neste trecho da rua, porém muitas árvores pertencem à mata nativa ou aos quintais. Há calçada em apenas um lado da via e ela se encontra bem conservada.

A região é marcada pela presença de imóveis recentes. A maioria das edificações é de uso comercial e apresentam volumetria horizontal ou vertical de até dois pavimentos. Não há afastamentos frontais e o fechamento dos terrenos é feito pelas próprias edificações. O acesso aos imóveis é, geralmente, frontal.

Não se nota a substituição dos usos existentes na região, nem tendência ao adensamento. As edificações próximas se encontram em estado regular de conservação. O distrito dispõe de infra-estrutura básica como água, esgoto, luz elétrica e coleta de lixo. A iluminação pública apresenta fiação aparente o que prejudica a percepção dos imóveis. Como ponto de referência próximo pode-se citar a linha férrea e o Ribeirão Arrudas.

10. HISTÓRICO:

A construção do imóvel remete ao início dos anos 1940, sendo um exemplar característico do art-decô. Estilo que marca o edifício, ainda estava a todo o vapor, definindo os gostos e formas das construções por todo o país, apesar de na mesma época o modernismo ter chegado à arquitetura brasileira, mas ainda sem a força com que iria se impor nas décadas seguintes.

O terreno onde está implantado o edifício pertencia a uma grande chácara que se estendia até às margens do ribeirão Arrudas, pertencente ao sr. Geraldo Cordeiro Agnetti. Fora esse senhor quem solicitou a construção do imóvel na área de seu terreno com o intuito de ali abrigar um bar e um clube dançante. Até hoje, parte desses usos originais ainda se impõe, já que no local, ainda funciona um bar e também abriga uma sorveteria. No entanto, desde o seu erguimento nos anos 40, ali ocorreu uma série de atividades relevantes, pois no fundo do pequeno bar do sr. Agnetti, havia um espaço dedicado ao lazer, com bailes dançantes semanais para onde concorriam os habitantes de General Carneiro, ansiosos por maiores oportunidades de lazer e entretenimento na região. O sucesso dos bailes no local era tanto que até mesmo famosos cantores de rádio dos anos 50 chegaram a tocar no pequeno bar, como foi o caso do músico Odair Pinto, que fez algumas apresentações no local, uma recordação que não se desanuviou da memória dos moradores mais antigos.

Um outro uso que se fez do bem, foi o funcionamento da sede do time de futebol local, o Batacã Esporte Clube. Isso porque o segundo proprietário do bar, o senhor José Cordeiro Sobrinho – o popularmente conhecido Nozim Cordeiro – foi um dos fundadores do time. Nos anos 50, o bar foi adquirido pelo senhor José Cordeiro Sobrinho após o falecimento do proprietário original, o sr. Geraldo Carneiro. Em meio ao desenvolvimento de General Carneiro, a construção resistiu à ação do tempo, ainda que esteja em condições de conservação bastante deterioradas e modificadas, hoje em dia. Uma das recentes modificações, ocorrida em 2006, foi a substituição das antigas telhas francesas por outras de amianto no cômodo aos fundos do bar, onde antes funcionava o clube dançante.

A propriedade do bem sempre esteve nas mãos da família Cordeiro, que após os inventários de morte, recebiam-no como parte da herança. Hoje em dia, a sra. Maria das Dores Cordeiro é quem é a principal proprietária do bem, que o recebeu com parte da herança do seu pai, José Cordeiro Sobrinho. Esse senhor recebeu a construção do sr. Geraldo também como herança, nos anos 50 e continuou com parte das atividades anteriores, no caso o bar. Hoje o bar do local é de responsabilidade do sr. Nelson Oliveira, que o arrendou há mais de vinte anos, alugando o local para dar continuidade a atividade comercial original.

11. USO ATUAL:

Comercial

12. DESCRIÇÃO:

O imóvel possui apenas um pavimento e está implantado no nível da rua, em lote plano e profundo que começa na Praça José Cordeiro Sobrinho e tem como limite posterior outra edificação. Não apresenta afastamentos. A edificação foi construída para abrigar a sede de um clube dançante, na parte dos fundos e



um bar na parte da frente. Posteriormente, o bar passou a ocupar todo o espaço, configuração que permanece atualmente.

A edificação remete ao estilo eclético e foi construída no final dos anos quarenta. Ela possui apenas um volume e desenvolve-se em quatro compartimentos retangulares: a área do bar, uma dispensa e dois banheiros. A entrada é feita através do vão localizado na fachada frontal. O sistema construtivo original utilizado foi a estrutura autoportante de tijolo, revestido por reboco e acabamento em pintura. O piso é cerâmico na área do bar e nas instalações sanitárias e de cimento queimado no depósito. A cobertura é feita por telhado de fibrocimento, com manto dividido em duas águas. O forro é de madeira no bar e no banheiro masculino e de tijolo no banheiro feminino. O depósito não possui forro. O coroamento frontal é feito por frontão.

A fachada principal é simétrica e possui três vãos, todos rasgados por inteiro. As aberturas são vedadas por portas metálicas de enrolar, além disso possuem uma grade, também metálica. Os enquadramentos são de argamassa e as vergas são retas.

13. PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:

Nenhuma

14. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA

Inventário

15. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Bom

16. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A pintura externa apresenta sinais de desgaste e observam-se sinais de vandalismo na fachada principal.

17. FATORES DE DEGRADAÇÃO:

Os principais fatores de degradação são: a ação de intempéries, o desgaste natural dos materiais e a falta de manutenção periódica dos elementos.

18. MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO:

- A edificação deve ser submetida à manutenção e vistoria constantes para impedir que os problemas já identificados possam se agravar posteriormente, afetando a integridade da construção;
- Revitalizar a pintura externa e interna, repondo pontos desgastados e com partes do reboco descoladas;
- Inspeccionar periodicamente as calhas e condutores, principalmente em período anterior às chuvas;
- Eliminar manchas de umidade e infiltrações presentes nas fachadas;
- Substituir placas informativas na fachada por letreiro que não comprometa sua visibilidade;
- Não substituir qualquer elemento de composição e/ou estrutural sem a avaliação de técnico especializado.

19. INTERVENÇÕES:

Em 2006, todo o telhado, composto por telha cerâmica foi substituído por manto de fibrocimento.

20. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRAFIA:

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. *Dicionário ilustrado de arquitetura*. 2.ed. São Paulo: Pro-Editores, 2000.

BENEVOLO, Leonardo; *História da arquitetura moderna*, São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

ENTREVISTAS:

Maria das Dores Carneiro. Sabará, General Carneiro: 25/07/07 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.

Nelson Oliveira. Sabará, General Carneiro: 25/07/07 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.

21. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: ---



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 195 de 335



22. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: mai e jun 2007

Elaboração: Gabriela Tassara (estagiária de arquitetura), João Paulo Lopes (historiador) / Data: jun e jul 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Carvalho de Brito

3. DESIGNAÇÃO:
Antiga Residência do Chefe da Estação Ferroviária

4. ENDEREÇO:
Rua São José, s/nº, Carvalho de Brito

5. PROPRIEDADE / SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE:
Propriedade particular/privada

6. RESPONSÁVEL:
Jair Nunes Vieira

7. SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO:
Imóvel cedido pelos atuais proprietários da RFFSA

8. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:



Residência; fachadas frontal e lateral direita.
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



Residência; afastamento e fachada lateral direita.
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



Residência; pátio e fachada posterior.
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



Residência; detalhe da inscrição na fachada frontal.
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



9. ANÁLISE DE ENTORNO – SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA:

O imóvel apresenta entorno com poucos edifícios de uso predominantemente residencial. As edificações têm volumetria térrea e estão implantadas no alinhamento frontal e acima do nível da rua em terrenos planos e profundos, sendo que os lotes não são cercados. A maior parte do logradouro é calçada por paralelepípedo, excetuando-se a região mais próxima do imóvel (sem calçamento); a caixa de via comporta dois veículos. O estacionamento acontece em paralelo, em apenas um dos lados da rua, com tráfego local de pedestres e veículos em mão dupla. Há arborização, mas não se encontra qualquer mobiliário urbano. Registra-se também sistema de iluminação pública e serviços básicos de infra-estrutura urbana. Há tendência iminente de abandono por parte dos moradores das edificações vizinhas.

10. HISTÓRICO:

A construção da Estrada de Ferro Dom Pedro II, mais tarde chamada de Central do Brasil, se constituiu num importante marco para a história do país. Iniciada em 1855, a ferrovia tinha como objetivo interligar os Estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais. A ampliação da Central do Brasil em direção ao Vale do Rio das Velhas se deu de forma rápida, chegando à cidade de Sabará em 1895, com a inauguração da Estação de General Carneiro e de um estribo provisório, próximo à fábrica Marzagão.

A Estação Ferroviária de Marzagão foi inaugurada como um estribo, com a linha, em 1 de fevereiro de 1895, como forma de compensar a Companhia Industrial Sabarense, dona da Fábrica do Marzagão, por sua doação de terrenos para a construção da Estação de General Carneiro e parte da linha. Segundo Abílio Barreto⁷⁵, a Sabarense concorreu com "a Companhia (Construtora de Belo Horizonte) com todas as despesas da construção da parada e desvio, o qual foi aprovado pelo Aviso nº 205, de 31 de outubro (de 1894)". O estribo ficava na linha de bitola métrica construída em 1895 para ligar a estação de General Carneiro à estação de Minas (hoje Belo Horizonte). Em 7 de setembro de 1895, foi inaugurado o Ramal do Marzagão no local, que, em 7 de setembro de 1902, veio a se tornar a Estação Ferroviária de Marzagão.

Ao lado da Estação Ferroviária, funcionava, desde 1878, a fábrica de tecidos Marzagão, rodeada por uma vila operária produtora de seus próprios artigos de subsistência. Desde a instalação da estrada de ferro na região e durante a primeira metade do século XX, a produção têxtil marzagonense foi intensiva e muito requisitada por todo o país, amparada pelo transporte ferroviário. Os trens traziam o algodão em caroço de outras cidades mineiras e levavam os tecidos finalizados para todo o país. Tanto a matéria-prima quanto os tecidos eram armazenados num galpão da fábrica, junto à estação.

A Estação Ferroviária de Marzagão pertenceu à Central do Brasil até o ano de 1975, quando passou para a propriedade da Rede Ferroviária Federal. Depois de ter atendido por muitos anos os trens de subúrbio que seguiam de Belo Horizonte para Raposos e Rio Acima, pela bitola métrica, o prédio da estação de Marzagão foi demolido em 1983, restando apenas as ruínas da plataforma ao lado da linha, hoje em bitola dupla por onde passam trens das concessionárias da região, a Vale, a EFVM, a FCA e a MRS.

A casa do chefe da estação ferroviária de Marzagão, situada à rua São José s/nº, nas proximidades da antiga estação, foi construída aproximadamente em 1923 pela Central do Brasil. A construção se configura, atualmente, num importante marco da passagem da ferrovia pelo local, pois traz em sua fachada a inscrição "EFCB".

Desde a sua construção, a residência serviu de moradia ao chefe da Estação Ferroviária de Marzagão, sendo cedida pela Central do Brasil ao funcionário durante o exercício de seu trabalho. O primeiro morador da residência foi Raimundo Barbosa Diniz, que desempenhou a função de chefe da estação de 1923 até o ano de seu falecimento, 1958. Neste mesmo ano, Jair Nunes Vieira assumiu o cargo de chefe da estação e começou a residir na casa juntamente com sua família, permanecendo até os dias atuais, apesar da desativação da estação ferroviária em 1983 e de sua aposentadoria como servidor em 1990.

A edificação possui um importante significado afetivo para a família, que preserva a casa como na época de sua construção, mantendo suas características originais. Poucas intervenções foram empreendidas no imóvel entre a última década do século XX e a primeira do século XXI. O forro de madeira foi retirado, algumas telhas foram trocadas, o piso da sala foi substituído por cerâmica e as paredes internas foram repintadas. Em 2007, do lado externo da edificação, foi construído pelo sr. Jair um pequeno anexo, de piso cimentado e coberto por telhas de amianto, que é utilizado atualmente como um ateliê de costura para a sua esposa.

11. USO ATUAL:

Residencial

⁷⁵ BARRETO, Abílio. *Memória Histórica e Descritiva: História Média*. 2.ed. Belo Horizonte, 1996. p. 301



12. DESCRIÇÃO:

O edifício de traços ecléticos, característico do acervo edificado pela antiga companhia ferroviária RFFSA, provavelmente foi construído nas primordiais décadas do século XX. O lote, em leve declive em relação à rua, não apresenta qualquer tipo de muro ou fechamento e apresenta afastamentos em todas as direções. No afastamento posterior tem-se um quintal em terreno natural, com arborização e criação de animais. O acesso à residência se faz pela fachada lateral direita.

De volumetria térrea, o imóvel tem cobertura em telhas cerâmicas planas (telhas francesas) compondo duas águas, com cumeeira perpendicular à via pública. O pé-direito da área social da residência é elevado em relação ao mesmo da área de serviços (posterior), o que gera um escalonamento das coberturas. Nas fachadas, registra-se o enquadramento dos vãos por vergas retas de madeira. As esquadrias são de madeira com vedação no mesmo material disposta em duas folhas de abrir. Na fachada frontal, em especial, vêem-se vestígios de bandeira em guilhotina com fechamento em vidro. Também nesta fachada, notam-se outros detalhes ornamentais em massa, que insinuam a influência neoclássica, além da inscrição E.F.B.C., referente ao caráter de propriedade do imóvel à Estação Ferroviária.

Implantada sobre base de pedra, há presença de um porão não habitável com as aberturas parcialmente obstruídas. A planta apresenta a disposição dos cômodos conforme a linha de cumeeira do telhado. A porção frontal, em que o pé-direito é mais elevado, pode ser dividida em duas alas, onde na ala direita encontram-se salas que se comunicam com dois quartos na ala simétrica. Já na parte posterior, situam-se de forma integrada a cozinha, o depósito, uma pequena sala e o banheiro. O piso é constituído por tabuado corrido de madeira sem acabamento nos quartos, alternando para ardósia na sala de entrada, cerâmica na sala secundária e no banheiro, e para cimento queimado na cozinha. O forro, quando existente, é em madeira.

13. PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:

Nenhuma

14. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA

Inventário

15. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular

16. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

O imóvel sustenta seus principais aspectos físicos, estruturais e compositivos; contudo apresenta desgaste na pintura, perda de partes dos revestimentos externos e internos, vidros quebrados, forros e pisos deteriorados e sujidades generalizadas.

17. FATORES DE DEGRADAÇÃO:

O imóvel apresenta degradação natural causada por intempéries, além de, possivelmente, sofrer comprometimento de sua integridade pela ausência de manutenção periódica por parte do proprietário.

18. MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO:

- A edificação deve ser submetida à manutenção e vistoria constantes para impedir que os problemas já identificados possam se agravar posteriormente, afetando a integridade da construção;
- Revitalizar a pintura externa e interna, repondo pontos desgastados e com partes do reboco descoladas;
- Inspeccionar periodicamente as calhas e condutores, principalmente em período anterior às chuvas;
- Eliminar manchas de umidade e infiltrações presentes nas fachadas;
- Realizar capina e limpeza do afastamento posterior do lote;
- Não substituir qualquer elemento de composição e/ou estrutural sem a avaliação de técnico especializado.

19. INTERVENÇÕES:

O edifício passou por reformas de revitalização ao longo dos anos de ocupação. Há cerca de 10 anos, pisos foram alterados e houve a substituição da porta da fachada lateral direita. Em 2003 foi construído um banheiro nas proximidades da cozinha. Registra-se ainda a construção em 2007, no afastamento lateral direito, de uma área coberta com telha de fibrocimento suportada por peças de madeira.



20. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRAFIA:

ACAMM. Baile Viva Marzagão. Sabará, Agosto de 2001.

BARRETO, Abílio. *Memória Histórica e Descritiva: História Média*. 2 ed. Belo Horizonte, 1996. p. 301.

BORGES, Maria Aparecida A. M. *Sociedades sustentáveis ou "desenvolvimento sustentável"?: A experiência Marzagão*. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 2003.

OLIVEIRA, Ricardo Antunes G. de; et al. *Distrito Carvalho de Brito "Marzagão": Registro e Reconstrução*. Belo Horizonte, PUC Minas / Comunicação Social, 1996.

ENTREVISTAS:

Jair Nunes Vieira, ex-chefe da Estação Ferroviária de Marzagão. Sabará: 20/12/2007 concedida a Flávia Melo.

SITES RELACIONADOS:

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. *Estações Ferroviárias do Brasil*. Disponível em: <http://estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_paraopeba/carvalho.htm>. Acesso em janeiro de 2008.

HISTÓRICO da Estrada de Ferro Central do Brasil. ANPF. Disponível em: <www.anpf.com.br/historico_efcb.htm>. Acesso em janeiro de 2008.

21. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

22. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Daniele Gomes (arquiteta), Edilson Borges (estagiário de arquitetura), Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: dez 2007 a jan 2008

Elaboração: Edilson Borges (estagiário de arquitetura) / Data: dez 2007 a jan 2008

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Carvalho de Brito

3. DESIGNAÇÃO:
Núcleo Histórico da Antiga Fábrica de Marzagão

4. ENDEREÇO:
O Conjunto engloba as seguintes vias: Rua da República, Rua do Cartório e Rua São José.

5. PROPRIEDADE / SITUAÇÃO DA PROPRIEDADE:
Propriedade particular/privada – empresa Marcel Philippe e proprietários individuais (caso das residências e galpões fora do Complexo da Marcel Philippe)

6. RESPONSÁVEL:
Fábrica de Jeans Marcel Philippe – Complexo de Galpões Industriais
Grupo de teatro Estação de Arte Kabana – Antigo Galpão de Algodão
Palácio das Artes – Galpões no interior do Complexo

7. SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO:
Edificação própria – caso dos imóveis sob custódia da empresa Marcel Philippe
Edificação alugada – galpões ocupados pelo Palácio das Artes

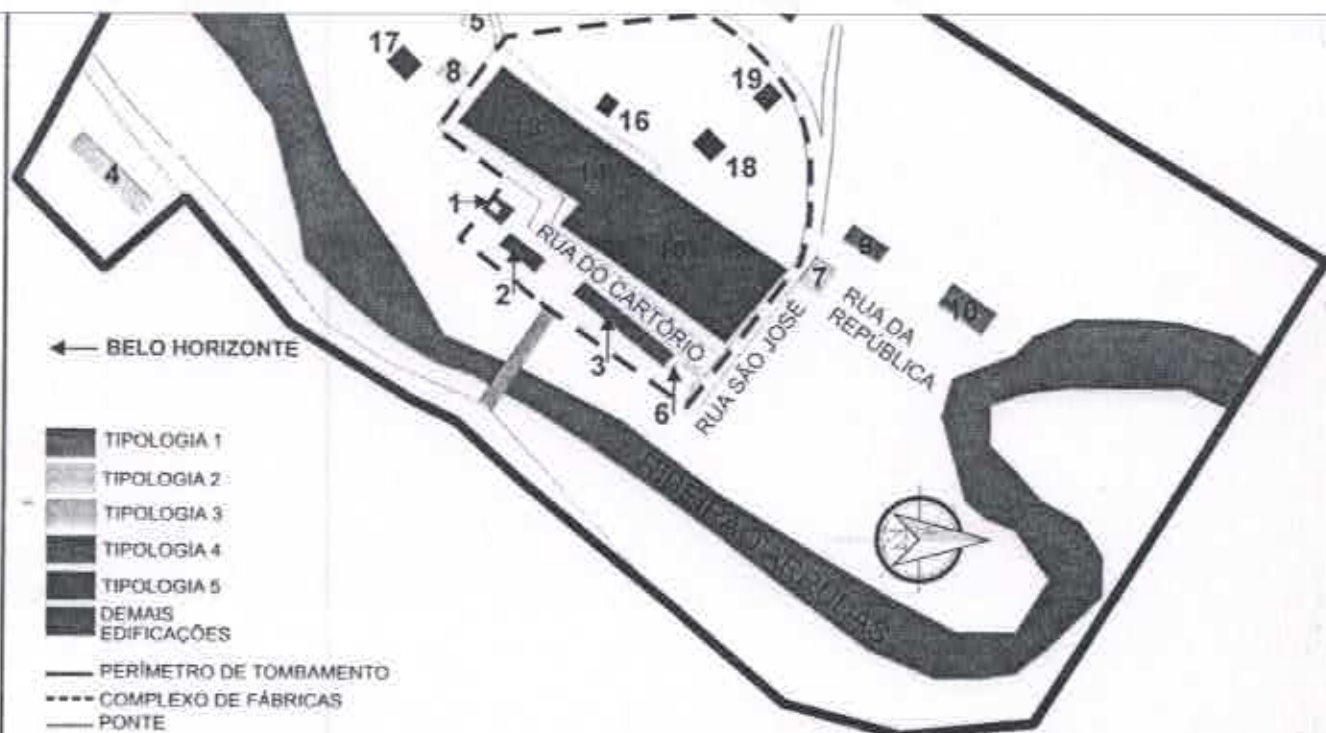
8. ANÁLISE DE ENTORNO – SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA:
O Complexo de Fábricas da Marcel Philippe encontra-se isolado das demais construções através de grades e muros e é acessado por meio de uma ponte sobre o Rio Arrudas. A entrada é controlada por uma guarita. É nesse complexo onde estão situados todos os galpões industriais e as edificações que dão suporte à indústria. O entorno é caracterizado por esparsos imóveis que são entremeados por densa vegetação. Na porção a oeste do complexo situam-se a Igreja do Sagrado Coração de Jesus e o galpão do grupo de teatro Estação de Arte Kabana, enquanto que nas demais porções encontram-se os sobrados e os conjuntos residenciais. Esses imóveis, em geral, são implantados no alinhamento frontal, com seus acessos acima do nível da rua, sobre terrenos em declive. Não há também, na maioria das vezes, qualquer fechamento dos lotes por muro. Os logradouros, quando existentes, são pavimentados em paralelepípedo com estacionamento paralelo em apenas um dos lados da via. O tráfego predominante é de veículos leves em mão dupla e de pedestres. Há arborização, porém com escasso mobiliário urbano. Registra-se, também, sistema de iluminação pública e os serviços básicos de infra-estrutura urbana. Nota-se tanto substituição/alteração das edificações do entorno, quanto processos de abandono.

9. CARTOGRAFIA:



Imagem aérea do Conjunto Arquitetônico/1989.
Fonte: Acervo do IEPHA - MG

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA - Fones: (31) 3672.7690 - Fax: (31) 3672.7725 - cultura@sabara.mg.gov.br
Abril 2008 | Exercício 2009



Mapa de situação das tipologias.
Fonte: Edilson Borges, jan/2008.

10. HISTÓRICO:

A Fábrica de Tecidos de Marzagão foi construída pela Companhia Industrial Sabarense e fundada em 1878. A implantação de uma fábrica têxtil de algodão em Sabará no final do século XIX foi um projeto da referida Companhia, que visava o desenvolvimento da região e, sobretudo, de Minas Gerais. Os fundadores da indústria foram Séptimo de Paula Rocha, Domingos de Figueiredo Lima, o Coronel Jacinto Dias da Silva e Francisco Cândido Guimarães, estes dois últimos que teriam sido, respectivamente, o seu primeiro presidente e o gerente do empreendimento nos seus primeiros anos de funcionamento.

Localizada numa fazenda na zona rural de Sabará, à semelhança de várias outras indústrias têxteis mineiras do mesmo período, a Fábrica do Marzagão se distanciava consideravelmente da nova capital mineira, Belo Horizonte, e da sede de Sabará, o que dificultava o acesso dos operários ao trabalho. Por este motivo, no início do século XX, foi construída uma vila operária para abrigar seus funcionários, com diversos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços para toda a comunidade que ali se reunia. O local onde a fábrica estava implantada pertenceu a Belo Horizonte até 17 de dezembro de 1938, quando, através do decreto-lei nº 148, passou a ser considerado distrito de Sabará.

No ano de 1914, a Fábrica de Marzagão foi adquirida por Manoel Thomaz de Carvalho Brito, que se tornou Diretor Presidente da Companhia de Fiação e Tecidos de Minas Gerais. Sob sua administração, Marzagão alcançou o seu período áureo, constituindo-se numa verdadeira cidade, dotada de diversos equipamentos urbanos e reunindo grande contingente de trabalhadores, que chegou a, aproximadamente, 2000 pessoas.



Segundo Victor Silveira¹⁷, em 1925, Marzagão contava com uma dinâmica vila operária, composta por residências de administradores, pensionato para moças e rapazes solteiros, posto médico, grupo escolar, cartório, usina e distribuidora de eletricidade, agência dos correios, depósito de algodão, oficina de fundição, oficinas mecânicas, carpintaria, serraria, olaria, torrefação de café, armazéns, padaria, açougue, estábulo, campos de esportes, piscina, cinema, banda de música formada pelos operários e grupo de escoteiros, além da fazenda, suas plantações e criação de animais. Em 1937, Manoel Thomaz de Carvalho Brito construiu, com o apoio da Prefeitura de Belo Horizonte, uma ponte de cimento armado sobre o Ribeirão Arrudas, melhorando o acesso ao complexo do Marzagão. Em 1946, segundo o recenseamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Marzagão contava com uma área de 43km² e uma população próxima a 2400 moradores vinculados à Fábrica. Durante todo este período, a fabricação de tecidos em Marzagão foi indispensável para o abastecimento de regiões como o Triângulo Mineiro, a Zona da Mata e os Estados de Goiás e Mato Grosso.

A partir de 1950, a produção têxtil foi sendo substituída pela fabricação de lonas e cordonéis para a Indústria de Pneus Brasil, do Rio de Janeiro, também de propriedade da família Carvalho Brito. Com a abertura do mercado interno ao capital estrangeiro, as empresas do grupo Carvalho Brito sofreram com a concorrência das multinacionais, o que provocou o início da decadência da Fábrica de Marzagão. Dois anos mais tarde, Manoel Thomaz de Carvalho Brito faleceu, agravando ainda mais a crise.

A Fábrica foi herdada por seus filhos Elvira Berbet Tavares, Gastão Carvalho de Brito, Raul Carvalho de Brito, Elisa Carvalho Brito, Célia Carvalho Brito e Nair de Carvalho Brito. Em 30 de dezembro de 1962, o decreto-lei nº 2764 conferiu ao distrito a denominação atual de Carvalho Brito, devido à grande importância da família na região como proprietária do complexo industrial Marzagão.

No final da década de 1950, a Fábrica enfrentava sérios problemas financeiros, que resultavam na falta de pagamento de seus funcionários e na impossibilidade de adquirir equipamentos modernos. Em 1961, ela deixou de pagar os salários de seus operários por dois meses, o que resultou em greve e numa passeata dos trabalhadores em Belo Horizonte, que pediam a intercessão do Governador Magalhães Pinto perante a situação.

Em 1972, a decadência da fábrica se concretizou com o seu arrendamento pela empresa Paraopeba Industrial S/A, que, no ano seguinte, recebeu a denominação de União Rio Empreendimentos S/A. Mas a situação financeira da União Rio se tornou crítica ao longo de quatro anos, devido ao grande número de dívidas, e a empresa delimitou a área da fábrica, vendendo-a para a Companhia de Fiação e Tecidos Cedro Cachoeira, em 1976. Segundo Alisson Mascarenhas Vaz¹⁸, "o valor dos bens que integram o complexo industrial situado em Marzagão - Cr\$ 16.263 500,00". No entanto, as edificações que compõem a Vila Elisa e a antiga vila operária do Marzagão permaneceram sobre a propriedade da União Rio. A Companhia Cedro e Cachoeira fechou a Fábrica Marzagão, e, em 1983, vendeu a sede da antiga fazenda e os galpões do complexo à Marcel Philippe Confecções Top, que se transferiu do bairro Santa Teresa, em Belo Horizonte, para Sabará.

Durante as décadas de 1980 e 1990, a União Rio Empreendimentos promoveu a demolição de mais de 50 casas que compunha a antiga vila operária do Marzagão, além da sede do Clube Social, do cartório e da capela, objetivando o loteamento do terreno para a sua inserção no mercado imobiliário. Tais ações sensibilizaram os moradores da localidade, que fundaram a Associação Comunitária dos Amigos e Moradores do Marzagão (ACAMM) no intuito de promover o tombamento da região. Várias manifestações culturais foram desenvolvidas em nome da preservação do patrimônio e o seu tombamento foi aprovado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG) em 26 de outubro de 2004.

Marzagão conta hoje com apenas 250 moradores, aproximadamente, que residem em edificações alugadas pela União Rio Empreendimentos, todas em péssimo estado de conservação.

As edificações de tipologia colonial que compõem o conjunto arquitetônico do Marzagão são compostas pelas construções nº 1, 2 e 3, assim definidas neste trabalho. Tais prédios foram construídos pela Companhia Industrial Sabarense na década de 1870 para abrigar a Fábrica de Tecidos Marzagão. Em 1983, a empresa Marcel Philippe Confecções Top adquiriu os imóveis, que permanecem como sua propriedade até os dias atuais. A edificação de nº 1 foi utilizada, durante mais de um século, como sede administrativa do Complexo Industrial do Marzagão, tendo sido desativada na década de 1980 pela Marcel Philippe. Durante todo este período, a edificação passou por algumas reformas superficiais e o parapeito de

¹⁷ SILVEIRA, V. *Minas Gerais em 1925*

¹⁸ ACAMM. *Baile Viva Marzagão*. 2001. p. 8.



madeira de sua varanda foi substituído por um gradil de ferro na década de 1930. Atualmente a edificação se encontra em mau estado de conservação, necessitando de uma reforma generalizada. A edificação nº 2 foi utilizada como cinema até 1976, ano em que o Marzagão foi vendido para a Companhia Cedro e Cachoeira e teve suas atividades finalizadas. Nesta época, além das exibições de filmes, aconteciam no estabelecimento apresentações teatrais e muitos bailes. Com a instalação da Marcel Philippe, a edificação perdeu a sua função original e se transformou num refeitório para os funcionários da fábrica, que continua ativa até os dias atuais. A construção passou por algumas reformas superficiais na década de 1980, que contou com uma repintura total, a troca do piso e a substituição de telhas. Em 2004, a edificação recebeu uma nova repintura. Atualmente, a edificação se encontra em razoável estado de conservação. O prédio nº 3 era utilizado pela Fábrica Marzagão como setor de contabilidade e departamento pessoal. Mesmo com sua compra pela Marcel Philippe, em 1983, a construção continuou desempenhando sua função original até 1996, quando a empresa cortou gastos e terceirizou estes serviços. A edificação ficou fechada por alguns anos e, em 2004, foi alugada para o Centro Técnico de Produção do Palácio das Artes, que a utiliza para a guarda dos figurinos usados nas peças apresentadas em Belo Horizonte. A construção passou por algumas reformas superficiais na década de 1980, que contou com uma repintura total, a troca do piso e a substituição de telhas. Em 2004, a edificação recebeu uma nova repintura. Atualmente, a edificação se encontra em bom estado de conservação.

As edificações de tipologia eclética do conjunto arquitetônico do Marzagão são definidas neste trabalho pelos nºs 4, 5 e 6, as casas geminadas pelos nºs 7 e 8, e os sobrados pelos nºs 9, 10 e 11. Tais edificações foram construídas pela Companhia Industrial Sabarense entre a primeira e a segunda década do século XX para abrigar os funcionários da fábrica, sendo que as moças e os rapazes solteiros habitavam os pensionatos - que funcionavam nos sobrados - e as famílias residiam nas demais edificações. Os imóveis de nºs 5 e 6 foram adquiridos pela Marcel Philippe em 1983, enquanto as demais edificações (de nº 4, 7, 8, 9, 10 e 11) permanecem até os dias atuais como propriedade da família Carvalho Brito, através da União Rio Empreendimentos. As edificações de nº 4, 7, 8, 9, 10 e 11 sempre tiveram uso residencial para os operários do Marzagão. Após o fechamento da Fábrica, em 1976, os imóveis foram alugados pela União Rio aos moradores da região. Atualmente as residências se encontram em péssimo estado de conservação, necessitando de uma reforma generalizada. No entanto, os moradores afirmam que a empresa proprietária os impede de promover uma intervenção nos imóveis. A edificação nº 5 foi utilizada como residência do encarregado industrial da Fábrica do Marzagão até o seu fechamento, em 1976. O imóvel permaneceu fechado e inutilizado até 1983, quando a Marcel Philippe o adquiriu e passou sua posse para seu electricista, Antônio Marcelino de Jesus, que residiu no local até 1996. O estado de conservação da casa é bastante precário: as paredes e o piso apresentam grandes rachaduras, o telhado cedeu e a pintura original se perdeu totalmente. Atualmente a casa se encontra abandonada. A edificação nº 6 foi utilizada como residência de operários da Fábrica do Marzagão até o seu fechamento, em 1976. Em 1983, a Marcel Philippe adquiriu o imóvel e o alugou para seus funcionários, mantendo, desta forma, a sua função original. Atualmente a edificação se encontra desabitada e em bom estado de conservação. A residência apresenta indícios de várias reformas realizadas ao longo do tempo, o que descaracterizou o seu aspecto original.

Os galpões da antiga Fábrica do Marzagão foram classificados pelos nºs 12, 13, 14 e 15. Os imóveis foram construídos na primeira década do século XX para abrigar o maquinário para a confecção dos tecidos. O galpão de número 12 foi utilizado durante décadas como depósito de algodão, e se localizava estrategicamente à frente da estação de ferro Central do Brasil, com o objetivo de facilitar o carregamento de algodão da fábrica de tecidos. Em 1976, com o encerramento das atividades da Fábrica Marzagão, o galpão ficou desativado e se encontrava em processo de demolição, devido ao seu péssimo estado de conservação. Várias intervenções foram promovidas pela comunidade durante as décadas de 1980 e 1990 para que o imóvel não fosse demolido. Em 1998, o galpão foi adquirido pelo Grupo Estação de Arte Kabana, na época dirigido por Mauro Lúcio Xavier, e permanece em sua propriedade até os dias atuais. A edificação passou por um processo de reforma generalizada após a sua compra: a divisão entre o primeiro e o segundo pavimento foi derrubada e um mezanino foi colocado em seu lugar, algumas portas e janelas foram fechadas, as paredes reforçadas e repintadas, o telhado substituído e o piso reconstituído. Atualmente o imóvel se encontra em bom estado de conservação e é utilizado para a apresentação de peças teatrais à comunidade local. Os demais galpões funcionaram, desde a sua construção até 1976, como unidades de confecção de tecidos. Com o fechamento da Fábrica Marzagão, os galpões permaneceram inutilizados até 1983, quando a Marcel Philippe os adquiriu. Algumas intervenções foram promovidas nos galpões durante a década de 1980, como a reconstituição do piso, o reparo das paredes e a substituição da cobertura serrilhada em *sheds*. Atualmente, os galpões se encontram em bom estado de conservação. A edificação nº 13 funcionou durante muitos anos como área de confecção dos tecidos da nova empresa. Em 2006, o galpão foi alugado para a empresa de *silk* Gregos e Troianos. O galpão nº 14 funciona atualmente como lavanderia da empresa Marcel Philippe, além de manter algumas máquinas de



confeção de tecidos. O galpão nº 15 foi alugado, em 2004, para o Centro Técnico de Produção do Palácio das Artes, e, desde então, é utilizado para a guarda dos cenários usados nas peças apresentadas pela instituição em Belo Horizonte.

A edificação de nº 16 foi construída na última década do século XIX para servir como sede da Distribuidora de Eletricidade do Complexo do Marzagão. Sua função não foi modificada com o passar do tempo, apesar de sua propriedade ter sido adquirida pela Fertiligas Indústria e Comércio Ltda, no final da década de 1990. Não foram encontrados registros de intervenções no imóvel e, atualmente, a edificação se encontra em péssimo estado de conservação, necessitando de uma reforma generalizada. A edificação nº 17 foi construída na primeira década do século XX para servir como residência para funcionários da Fábrica Marzagão e sempre desempenhou a função de moradia. Após o fechamento da indústria, em 1976, o imóvel foi alugado pela União Rio aos moradores da região. Atualmente a residência se encontra em bom estado de conservação. A edificação nº 18 foi construída no início do século XX para abrigar uma estação de tratamento de água que suprisse as necessidades da Fábrica, especialmente da lavanderia, e sempre desempenhou esta função. Atualmente, o imóvel pertence à Marcel Philippe e se encontra em péssimo estado de conservação, apesar de se manter em funcionamento. A edificação de nº 19 foi construída na primeira década do século XX para abrigar o depósito de fundição da Fábrica do Marzagão, e permanece, até os dias atuais, desempenhando a mesma função. Em seu interior uma fornalha é mantida acesa com os retalhos de tecidos inutilizados pela fábrica, oferecendo energia para o funcionamento da lavanderia. Sua propriedade é da Marcel Philippe e seu estado de conservação é razoável, necessitando de intervenções localizadas. O prédio de nº 20 consiste na Igreja do Sagrado Coração de Jesus e foi construído em 2004 no local da antiga capela, com os recursos dos moradores da região. A ermida de Marzagão foi demolida durante a década de 1990, tendo permanecido somente sua torre por alguns anos. Com a construção da nova igreja, a antiga torre foi também demolida e uma nova foi erguida, seguindo, ao máximo, as suas características. Atualmente, sua propriedade pertence à Cúria Metropolitana de Belo Horizonte e seu estado de conservação é muito bom. Semanalmente são realizadas celebrações dominicais na igreja pelo padre do distrito vizinho de General Carneiro.

11. USO ATUAL:

Industrial – Conjunto de Galpões da Marcel Philippe e CTPs (Centros Técnicos de Produção) do Palácio das Artes

Institucional – Galpão do grupo Estação de Arte Kabana

Residencial – Edificações ecléticas, casas geminadas e sobrados

Serviços – Estação de Tratamento de Água

12. DESCRIÇÃO E DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:

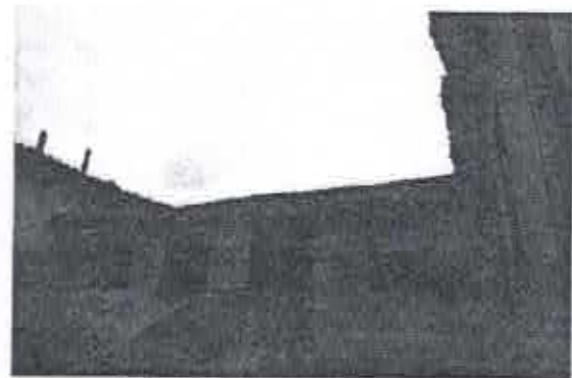
Para uma melhor sistematização das análises realizadas sobre o conjunto, elaborou-se a divisão das construções através das tipologias arquitetônicas capazes de agregá-las, quando possível. Essas tipologias foram dispostas conforme a provável ordem cronológica de construção, cujas definições se fazem pelo estilo arquitetônico ou pelo caráter volumétrico da edificação. Os imóveis, de modo particularizado, foram numerados seguindo a disposição tipológica e os números que seguem nas imagens e no decorrer do texto se referem ao Mapa de situação das tipologias (item 9. Cartografia).



TIPOLOGIA 1 – COLONIAL



1. Antiga sede da Companhia Industrial
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



1. Antiga sede da Companhia Industrial
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



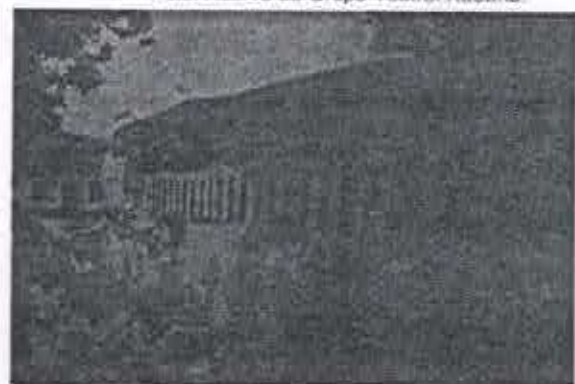
2. Atual Refeitório
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



2. Antiga foto da mesma edificação.
Foto: Acervo do Grupo Teatral Kabana.



3. Atual Centro Técnico de Produção do Palácio das Artes
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



3. Antiga foto da mesma edificação.
Foto: Acervo do Grupo Teatral Kabana.

As edificações possuem características do estilo colonial mineiro. São casarões, com usos diferenciados, implantados no alinhamento da rua e com acesso pela fachada principal. A estrutura desses três volumes é autônoma de madeira, vedada por adobe e algumas vezes reforçada por tijolo. As fachadas são coroadas por cachorrada, portando vãos sob vergas retas e enquadramentos de madeira, com abertura em duas folhas. As coberturas, em telhas tipo capa e bica, têm cumeeira paralela à rua. A antiga sede do Complexo Industrial (nº1), hoje desocupada e aguardando por uma restauração (segundo o proprietário), é o imóvel que mais se destaca dentre as construções nessa tipologia. Desenvolve-se num partido em U com volumetria térrea. Num terreno em declive, a relação do edifício com o logradouro faz-se através de um porão alto. A fachada principal é dotada de alpendre avarandado com guarda-corpo em madeira e cobertura dividida em três águas. Nos vãos, o sistema de abertura é a combinação de guilhotina na parte externa com folhas de abrir na porção interna. Por outro lado, os dois casarões alongados encontram-se com algum tipo de uso: um abrigando o refeitório para os funcionários da fábrica (nº2); outro sendo sede do Centro Técnico de Produção do Palácio das Artes (nº3).



TIPOLOGIA 2 – ECLÉTICA



4. Vista do Conjunto além do Rio Arrudas.
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



5. Antiga Residência do encarregado industrial.
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



6. Residência no Complexo de Fábricas.
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.

Com uma tipologia de caráter eclético, as edificações apresentam baixo gabarito e implantam-se em terrenos com ligeiro declive. O alinhamento se faz com a via, na maioria das vezes, sem afastamento posterior. Num partido horizontal, as fachadas mostram vãos emoldurados em massa, com vergas retas, e fechamento em esquadria de madeira e vidro, dispostas em duas folhas de abrir. A cobertura acontece predominantemente em telhas planas com cumeeira principal perpendicular ao alinhamento. O acesso ao interior da edificação acontece acima do nível da rua e lateralmente. No Conjunto de casas situado à margem do Rio Arrudas oposta ao Complexo industrial (nº4), o que mais se destaca são os frontões ornamentados com frisos em argamassa e o chamativo alpendre de umas das residências que é sustentado por espessos pilares de tijolo. Esse conjunto foi construído inicialmente para abrigar funcionários da antiga fábrica, continuando ainda hoje com o uso residencial. A edificação considerada como de antiga propriedade do encarregado industrial (nº5) tem como elemento mais significativo a fachada principal, composta de platibanda coroada por pináculos e com um semicírculo ao centro do frontão. Também é de se notar o alpendre na fachada lateral direita cuidadosamente decorada por gradil de ferro. Ela atualmente não se encontra ocupada, fato que a deixa num estado precário de conservação. Na única construção residencial localizada no Complexo de Fábricas Marcel Philippe (nº6), as intervenções sofridas ao longo do tempo quase que a descaracterizaram por completo. Porém, resquícios de platibanda coroada por frisos em massa integrando-se com vãos de verga reta, protegidos por estreitas marquises de concreto, ainda conservam o edifício nessa tipologia.



TIPOLOGIA 3 – CASAS GEMINADAS



8. Residência nas proximidades da Rua do Cartório.
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.

Essa tipologia envolve edificações dispostas de modo geminado, num terreno em declive e com implantação no alinhamento da via. Todas elas hoje continuam possuindo a função residencial, e também foram originalmente construídas para moradia dos funcionários da fábrica têxtil. O acesso ao interior da edificação acontece no nível da rua e na própria fachada frontal. O ritmo da fachada dá-se por vãos sob vergas retas e com vedação em madeira. A cobertura acontece principalmente em telhas cerâmicas planas, com cumeeira perpendicular ao alinhamento. Na Rua São José (nº7), em duas das edificações, o ritmo da fachada dá-se somente por dois vãos (porta e janela) emoldurados por massa e protegidos com grade. Já na terceira edificação, a fachada se compõe assimetricamente por duas aberturas e por uma porta, com janelas marcadas por peitoris avançando nessa fachada. Nela a cobertura é de telhado curvo de fibrocimento com cumeeira paralela ao alinhamento. A residência nas proximidades da Rua do Cartório (nº8) conforma um volume semelhante a uma edificação geminada, apesar de apresentar somente uma porta na fachada frontal. O acesso é ligeiramente acima do nível da via através de um alpendre acrescentado recentemente. Em sua fachada, os vãos não se encontram emoldurados.

TIPOLOGIA 4 – SOBRADO



9. 1º Sobrado da Rua da República.
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



10. 2º Sobrado Rua da República.
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



11. Sobrado no prolongamento da Rua da Igreja.
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



As construções dessa tipologia (números 9,10 e 11) são sobrados com aspectos formais e construtivos semelhantes, e se desenvolvem num terreno em declive de forma alinhada ao logradouro. Edificados com o uso residencial multifamiliar para atender aos operários fabris, nos dias atuais continuam abrigando famílias remanescentes na área. Os vãos são sob verga reta com vedação original em madeira. No primeiro pavimento, as portas são alternadas por janelas, com acesso feito acima do nível da via. No segundo pavimento, as janelas seguem o ritmo do pavimento inferior, e são intercaladas por pilastras. A cobertura é de telhas cerâmicas curvas, em capa e bica, com cumeeira paralela ao logradouro. A variedade de materiais em vedações de vãos e a presença de telha de fibrocimento em parte da cobertura de um dos sobrados são fatos que evidenciam a alteração sofrida pelos mesmos ao longo dos anos.

TIPOLOGIA 5 – GALPÃO



12. Galpão do Grupo de Teatro Kabana
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



Interior do Galpão - 12
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



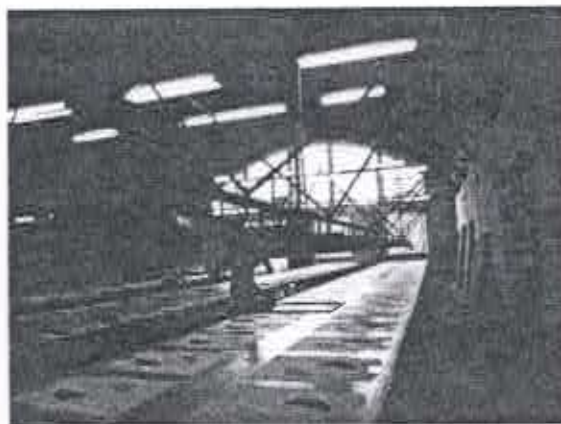
13. Galpão – Marcel Philippe
Foto: Viviane Corrado, dez/2007



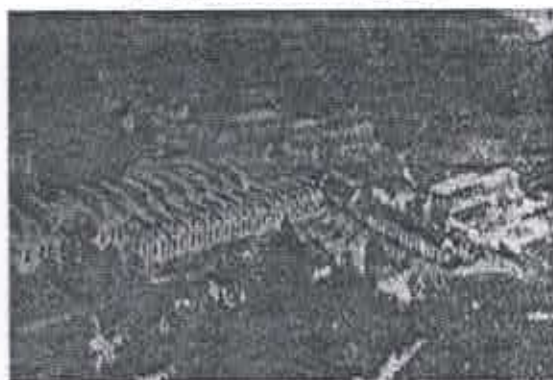
Interior do Galpão - 13
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



14. Galpão – Marcel Phillippe
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



Interior do Galpão - 14
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



Disposição dos Galpões Industriais em 1925.
Fonte: Borges, 2003.



15. CTP do Palácio das Artes
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.

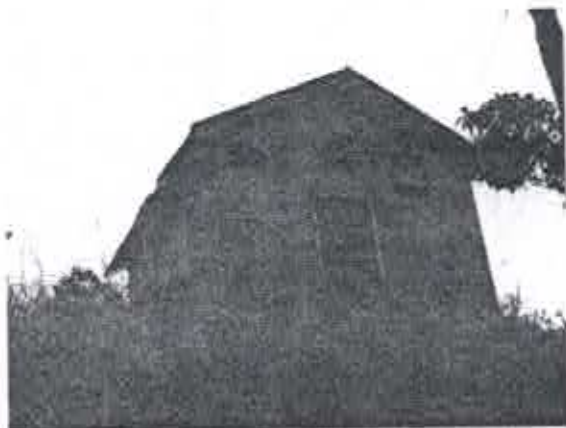


Interior do CTP
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.

Os galpões conformam-se por plantas alongadas, de partido retangular, e dispostas de forma alinhada ao logradouro. Apesar de o Complexo se desenvolver num terreno em declive, as construções assentam-se em lotes planos, porém com o acesso feito acima do nível da via. Numa estrutura de concreto (exceto em galpões mais antigos) com alvenaria de tijolo, as fachadas perfazem-se em geral por dois níveis de aberturas ritmadas proporcionalmente. Os vãos são sob verga reta, sem qualquer enquadramento, com vedação de vidro em esquadria metálica, muitas vezes disposto em venezianas. A cobertura varia entre telhas cerâmicas planas (Galpão do Grupo Kabana – nº12) e telhas onduladas de zinco ou de fibrocimento, todas com cumeeira paralela ao logradouro. Em alguns casos (nº13), a cobertura é disposta em *sheds* com cumeeira perpendicular à via. Num caso isolado (nº14), o galpão recebe cobertura em forma semi-cilíndrica, com a fachada vazada por generosas aberturas vedadas por vidro. No Galpão de número 15, responsável também por abrigar o Centro Técnico de Produção (CTP) do Palácio das Artes, verificam-se estreitas faixas retangulares de material translúcido perpassando as duas águas da cobertura. Interiormente, os pisos empregados são na sua maioria de cimento queimado.



DEMAIS EDIFICAÇÕES



16. Antiga Distribuidora de
Eletricidade
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



17. Residência nas proximidades da
Rua do Cartório
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



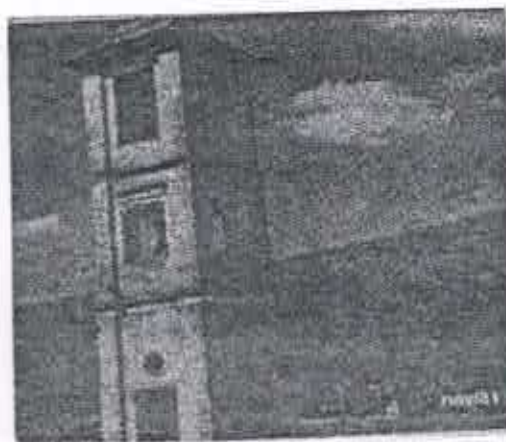
18. Estação de Tratamento de Água
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



19. Depósito da Fundação
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



20. Igreja Sagrado Coração de Jesus
Foto: Viviane Corrado, dez/2007.



Torre da Igreja Antiga
Foto: Juraci Borges, nov/1981.



Essas edificações não se enquadram em nenhuma das tipologias anteriormente descritas, possuindo aspectos construtivos também distintos entre si. A antiga sede da Distribuidora de Eletricidade (nº16) é a construção aparentemente mais antiga dentre as demais, possuindo elementos (enquadramento em massa dos vãos, por exemplo) e estado não muito satisfatório de conservação que lhe conferem uma data provável de surgimento em anos iniciais do século passado. O imóvel com uso residencial (nº17), apesar de também possuir enquadramento em vãos além de vedações em madeira, já aparenta ter sido construído em décadas posteriores à outra edificação. As construções restantes (números 18, 19 e 20) possuem elementos construtivos recentes como a estrutura em concreto, a ausência de qualquer ornamentação nas fachadas e vãos com fechamentos de vidro em esquadrias metálicas. As coberturas são revestidas por telhas cerâmicas planas ou por telhas de fibrocimento, dispostas em duas águas numa cumeeira perpendicular ao alinhamento. A Igreja do Sagrado Coração de Jesus (nº20), mesmo tendo sido totalmente reconstruída, ainda continua como de grande referência simbólica à comunidade local. Sua posição sobre plano mais elevado, combinada com a torre construída nos moldes da original, são fatores que endossam e perpetuam seu caráter imagético.

13. PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:

Nenhuma

14. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA

Inventário

15. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular

16. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

O Núcleo Histórico sustenta seus principais aspectos físicos, estruturais e compositivos; contudo, grande parte das edificações mais antigas apresenta desgaste na pintura, perda de partes dos revestimentos externos, vidros quebrados e sujidades generalizadas. A original sede do complexo (nº1) e a residência que antes abrigava o dirigente industrial (nº5) são as que mais requerem medidas de conservação, fato agravado pela atual situação de desuso das mesmas. Os galpões que sofreram alterações para receber novas funções e algumas residências reformadas (números 7 e 8) estão em melhor estado. Também se constata ausência de manutenção das vias locais, através do recobrimento parcial por vegetação e de trechos não pavimentados.

17. FATORES DE DEGRADAÇÃO:

Os imóveis apresentam degradação natural causada por intempéries, além de, possivelmente, sofrerem degradação pela ausência de manutenção periódica por parte dos usuários. O impacto do tráfego é praticamente irrelevante devido à escassez de veículos na região; todavia, o conjunto de residências ecléticas situadas diretamente à margem da principal via de acesso à área (nº4) pode sofrer algum tipo de dano. Em muitos casos, a ausência de manutenção dos terrenos faz com que haja considerável presença de gramíneas em frente às edificações de modo a prejudicar a percepção da arquitetura. Isso também ocorre com os galpões da Marcel Philipe (números 13 e 14), mas devido à disposição irregular de fiação elétrica.

18. MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO:

Deve-se promover a manutenção dos principais aspectos físicos, estruturais e compositivos das edificações em geral. Obras de intervenção nas construções que mais requerem conservação também são pontos importantes de serem realizados, de modo que não condene suas características estético-formais. Por fim requer-se a manutenção dos logradouros através da capinação de seu entorno imediato e do calçamento de alguns trechos.

19. INTERVENÇÕES:

No geral, o Conjunto aparenta ter sofrido alterações em relação aos elementos da fachada (vedações de vãos, enquadramentos, pintura), acréscimo ou substituição de materiais nas coberturas, criação de áreas molhadas e construção de alpendres e edículas nos afastamentos. O Complexo Industrial possui as edificações que mais passaram por alterações ao longo dos anos. O contínuo processo de mudança de uso, implicando obras de adequação, gerou drástica descaracterização nas fachadas dos galpões, que mantiveram somente uma pequena porção seguindo o ritmo original de *sheds* nas coberturas (nº13). De modo semelhante, os sobrados coloniais tiveram vãos suprimidos ou acrescidos (nºs 2 e 3). O galpão do grupo de teatro Kabana (nº12), antigo depósito de algodão, sofreu como intervenção mais significativa a remoção da laje que seccionava os dois pavimentos do edifício, porém mantendo as portas da fachada posterior. As casas geminadas da Rua São José (nº7) sofreram intervenções de modo não descaracterizante, fato diferente do ocorrido com a residência eclética na Rua do Cartório (nº6). Já a original



Igreja do Sagrado Coração de Jesus (nº20) foi totalmente demolida, realizando-se a construção da torre atual de modo semelhante à antiga torre.

20. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRAFIA:

ACAMM. *Baile Viva Marzagão*. Sabará, Agosto de 2001.

ASSOCIAÇÃO pretende resgatar memória do Marzagão. *Jornal a Gazeta*, Nossa Gente, Rio de Janeiro, abril de 1999, p. 5.

BARRETO, Abilio. *Memória Histórica e Descritiva: História Média*. 2 ed. Belo Horizonte, 1996. p. 301.

BORGES, Maria Aparecida. *Sociedades Sustentáveis ou Desenvolvimento Sustentável: a experiência de Marzagão*. Belo Horizonte, 2003. Monografia do Curso de Geografia e Meio Ambiente – Centro Universitário Newton Paiva.

Estado de Minas, Belo Horizonte, 3 jun 2000.

Estado de Minas, Belo Horizonte, abril de 1993.

FRANCO, Eduardo. A história vai sumindo... *Jornal de Opinião*, Cidadania, 22 a 28 de maio de 2000. p. 15.

GUIMARÃES, Elian. Moradores se unem para salvar vila histórica de Sabará. *Diário da Tarde*, Cidades, Belo Horizonte, 12 de fevereiro de 2001.

GUIMARÃES, Elian. Vila histórica ameaçada. *Diário da Tarde*, Grande Bh, Belo Horizonte, 17 de maio de 2001.

OLIVEIRA, Ricardo Antunes G. de; et al. *Distrito Carvalho de Brito "Marzagão": Registro e Reconstrução*. Belo Horizonte, PUC Minas / Comunicação Social, 1996.

SILVEIRA, Victor. *Minas Gerais em 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926. p. 1354-1373.

ENTREVISTAS:

Alexandre César Aburachid. Entrevista. Sabará: 20/12/2007 concedida a Edilson Borges em dez/2007.

SITES RELACIONADOS:

<http://paginas.terra.com.br/arte/gtkabana/historia.htm> acessado em 10/01/2008

<http://www.palaciodasartes.com.br/conteudos/detalhes.aspx?IdCanal=14&IdMateria=25> acessado em 15/01/2008

21. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

22. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Daniele Gomes (arquiteta), Edilson Borges (estagiário de arquitetura), Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: dez 2007 a jan 2008

Elaboração: Edilson Borges (estagiário de arquitetura), Flávia Melo (historiadora) / Data: dez 2007 a jan 2008

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 213 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 23

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Roça Grande

3. ACERVO:
Urbano

4. DESIGNAÇÃO:
Cruzeiro

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Pública

6. ENDEREÇO:
Rua Itagi s/nº - Bairro Rosário III

7. RESPONSÁVEL:
Prefeitura Municipal de Sabará

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
No cume da colina chamada "Morro do Rosário" onde segue a Rua Itagi.

9. ESPÉCIE:
Paramento demarcatório

10. ÉPOCA:
Início da década de 1970

11. AUTORIA:
O projeto é de autoria do ex-vereador Geraldo Silva, morador de Roça Grande e do ex-padre que serviu à Igreja de Santo Antonio, Padre Antonio Moreira Lima.

12. ORIGEM:
Sabará-MG

13. PROCEDÊNCIA:
Após aprovado pelo Câmara Municipal de Sabará, o projeto de construção do cruzeiro, de autoria do vereador Geraldo Silva, foi sancionado pelo prefeito e a Secretária de Obras do município concretizou a obra durante o ano de 1973.

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Concreto Armado / construção civil

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
O cruzeiro apresenta pichações que não fazem parte do seu aspecto original, produzidas por vândalos e como reflexo do estado de abandono em que se encontra. Há ainda a depredação de certas partes concreto armado do corpo principal o que provoca a exposição da ferragem.



16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

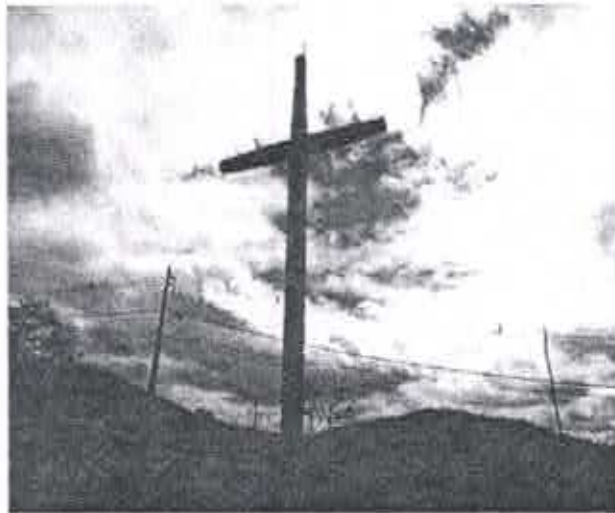
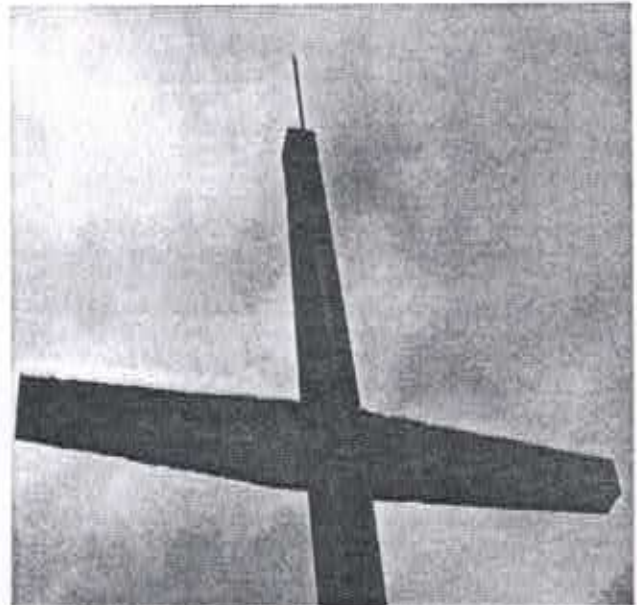
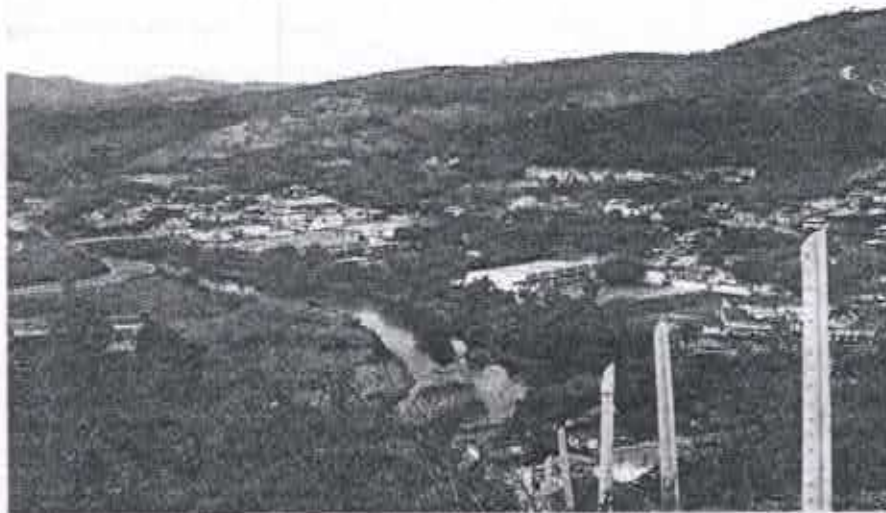


Imagem do Cruzeiro no alto do Morro do Rosário
Foto: João Paulo Lopes, Setembro/07



Detalhe do equipamento original que servia de suporte para o pára-raios que estava integrado ao Cruzeiro.
Foto: João Paulo Lopes, Setembro/07



Vista de Roça Grande, a partir do Cruzeiro, com destaque para o Rio das Velhas e o santuário novo de Santo Antônio ao centro da foto e o Hospital Cristiano Machado, ao fundo à direita
Foto: João Paulo Lopes, Setembro/07

17. DESCRIÇÃO:

O bem encontra-se no alto do Morro do Rosário III, e pode ser acessado através da Rua Itagi, aberta na década de 90, quando a região começou a ser povoada, reflexo do processo de urbanização de Roça Grande. É composto por um corpo principal e outros dois fixados a este, perpendicularmente, formando dois braços, a uma posição aproximada de $\frac{3}{4}$ da altura do corpo principal. As extremidades são mais finas que o restante do bem. Há um rasgo retangular vertical no centro do corpo principal do cruzeiro.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Nenhuma

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma/ Inventário



20. DIMENSÕES:

Altura estimada: 720 cm

Largura: 300 cm

Profundidade: 25 cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Péssimo

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

O estado de conservação do cruzeiro é péssimo, visto as ações contínuas de vândalos, além da exposição contínua à ação de intempéries e outros eventos naturais. Associado a isso, tem-se a falta de conservação do bem, que não sofreu nenhuma intervenção conservacionista ou de proteção, desde a sua construção no início dos anos 70. A iluminação original e o pára-raios que integrava o cruzeiro foram retirados por vândalos, reflexo do abandono que se abateu sobre o bem nos últimos anos. Atualmente, o cruzeiro encontra-se coberto de inscrições e pichações, e com partes do concreto rachadas, o que deixa exposta parte da ferragem.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

Desde a sua construção o cruzeiro não sofreu nenhum tipo de intervenção. No entanto é importante ressaltar que, antes da construção deste cruzeiro em concreto armado, o primeiro projeto que foi concretizado era de um cruzeiro em madeira. Mas em vista dos fortes ventos no local, acabou por ser derrubado diversas vezes, fator que serviu como justificativa para a construção do novo cruzeiro, com novas técnicas construtivas.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Elemento construído a partir de técnicas convencionais da construção civil com uma armação em ferro e forma retangular para enchimento do concreto.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Cruzeiro de características simples, desprovido de ornamentos e preocupações estilísticas, feito em concreto armado.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

Segundo o *Dicionário de Símbolos*¹¹, a cruz é um dos símbolos cuja presença é atestada desde a mais alta Antiguidade, no Egito, na China, em Cnossos, Creta. A cruz é o terceiro dos quatro símbolos fundamentais, juntamente com o centro, o círculo e o quadrado. Apontando para os quatro pontos cardeais, é em primeiro lugar, a base de todos os símbolos de orientação, nos diversos níveis de existência do homem. (...) A tradição cristã, no entanto, enriqueceu, prodigiosamente, o simbolismo da cruz, condensando nessa imagem a história da salvação e da paixão de Cristo. A cruz simboliza o Crucificado, o Cristo, o Salvador, o Verbo, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Ela é mais que uma figura de Jesus, ela se identifica com sua história humana, com sua pessoa, com a própria Igreja Católica e com o poderio dessa mesma.

27. DADOS HISTÓRICOS:

O cruzeiro que hoje se impõe sobre a paisagem de Santo Antônio de Roça Grande, situado no Morro do Rosário, teve sua construção no início dos anos 70 do século passado. A obra foi feita por força da iniciativa do ex-vereador Geraldo Silva, que até hoje é morador da localidade. O senhor Geraldo, vereador por três legislaturas (de 1970 a 1982), conta que junto com o pároco da Igreja de Santo Antônio, na época o padre Antônio Moreira Lima, projetaram a construção do cruzeiro para ser erguido no ponto mais alto da localidade. Com o auxílio da prefeitura municipal a obra foi concretizada por volta do ano de 1973. O primeiro cruzeiro foi feito de madeira, mas foi destruído rapidamente por conta das intempéries e do forte vento. Dal a decisão de usar o cimento armado como material para a construção, por ser mais resistente à força dessas variáveis de ordem natural.

No início dos anos 70, a região onde se encontra o cruzeiro não era povoada e a chegada até o local era penosa e, relativamente, esse fato acabou por proteger o bem religioso. Segundo os relatos dos moradores mais antigos era comum ocorrer procissões ao cruzeiro durante diversas passagens religiosas do calendário católico. Na Semana Santa, fazia-se a tradicional Via Sacra até o local, além de terem sido comuns as

¹¹ CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1997. pp. 309-317.



procissões com imagens e novenas que partiam em direção ao cruzeiro. As caminhadas eram feitas pelas trilhas que levavam ao morro do Rosário, que ainda não contava com as ruas calçadas que atualmente atendem a área. No entanto, nos últimos tempos tais práticas religiosas até o cruzeiro foram deixadas de lado por conta das mudanças inseridas pelos padres da paróquia de Santo Antônio e também por novas dinâmicas na participação dos moradores junto às práticas eclesiais.

A situação atual do cruzeiro é de relativo abandono. Além disso, a ocupação recente da área próxima a ele, com a conformação do bairro Rosário III, prejudicou a sua conservação, ainda ferida por atos de vandalismo. A beleza inicial do bem, que também era todo iluminado e contava com um pára-raios, o que o destacava ainda mais a partir de vários pontos de Roça Grande, ecoa na memória dos moradores mais antigos da região. Sobre o bem foram, e são, lançados aspectos de relação simbólica, social e religiosa, que ainda não se desvaneceram das práticas e da memória da comunidade local, muito embora a situação que caracteriza o bem seja de depredação.

28. REFERÊNCIAS:

BIBLIOGRAFIA:

ARAÚJO, Waldemar Cândido. *A Roça conta um conto*. Sabará, 2005.

CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números*. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1997

ENTREVISTAS:

Geraldo Silva e Ilza Maria da Silva. Sabará, Roça Grande: 27/09/2007 concedidas a João Paulo Lopes.

SITES RELACIONADOS:

<http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: João Paulo (historidor.), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: set 2007

Elaboração: João Paulo (hist.) / Data: out a dez 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 217 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 24

1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Sede

3. ACERVO:

Santa Casa de Misericórdia de Sabará

4. DESIGNAÇÃO:

Retábulo do Santíssimo Sacramento

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:

Propriedade Privada Particular: Santa Casa de Misericórdia

6. ENDEREÇO:

Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:

Dr. Mário de Lima Guerra

Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará

Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:

Capela da Santa Casa de Misericórdia de Sabará

9. ESPÉCIE:

Retábulo

10. ÉPOCA:

1784/1786

11. AUTORIA:

Antônio Francisco Lisboa (atribuição)

12. ORIGEM:

Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:

Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Fazenda Jaguará

14. MATERIAL / TÉCNICA:

Madeira / Escultura, entalhe, recorte e encaixe

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:

Não tem.



16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Retábulo do Santíssimo Sacramento, pertencentes à Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Retábulo do Santíssimo Sacramento, pertencente à Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Detalhe do coroamento do retábulo.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Vista lateral direita do retábulo.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Vista lateral esquerda do retábulo.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



17. DESCRIÇÃO:

Retábulo confeccionado em madeira escura, com nichos central e laterais, compostos por duas pilastras com frisos, ornamentadas e ladeadas por elementos fitomorfos, conchas e volutas, com capitéis compósitos. Entablamento em cimalha escalonada, com ressalvo no eixo das colunas de sustentação. Coroamento com dossel curvo, decorado por elementos fitomorfos, curvas e contracurvas, volutas e conchas, tendo ao centro os rostos de querubins e nas laterais arremates em folhas de acanto. Os querubins representados no coroamento do retábulo também apresentam características comuns às obras de Aleijadinho, tais como os olhos amendoados e separados entre si, com acentuação dos lacrimais, as sobranceiras altas em linha contínua com o nariz e a boca entreaberta, com lábios ligeiramente carnudos e de desenho sinuoso.

Base chanfrada e ornamentada com elementos fitomorfos nas laterais.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Boas. A localização do retábulo permite o acesso ao público de forma restrita, o que oferece pequenos riscos de dano à peça.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 210cm

Largura: 150cm

Profundidade: 75cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular, necessitando de intervenção técnica para a sua restauração.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

O retábulo apresenta diversificadas avarias, tais como arranhados, rachaduras, incrustação de cupins, instalação interna irregular de fios elétricos, repintura grosseira da parede interna do nicho com tinta acrílica azul clara, respingos de tinta e sujidades generalizadas.

23. INTERVENÇÕES RESPONSÁVEL/DATA

A Santa Casa de Misericórdia de Sabará passou por uma reforma estrutural durante a década de 1920, devido ao desabamento de algumas paredes da edificação. No início da década seguinte, o hospital foi ampliado com a instalação de uma maternidade, com os recursos da Belgo Mineira. Desde então, a edificação tem passado por um processo de manutenção preventiva.

Em 2006, foi instalado na Santa Casa um sistema de segurança e combate a incêndios.

Atualmente, o hospital está passando por um processo de reforma, com a reconstrução do bloco cirúrgico, da lavanderia e das alas masculina e infantil; e de modernização, através da capacitação de seus funcionários e da informatização dos setores.

Não foram encontrados registros sobre intervenções realizadas na peça. No entanto, a peça apresenta a parede interior do nicho repintada, recentemente e de forma grosseira, com tinta acrílica azul claro.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Peça em jacarandá entalhado, recortada e esculpida, composta por várias partes encaixadas, ensamiadas e pregadas por cravos e pregos.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

O retábulo pertencia originalmente à Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Fazenda Jaguará, edificação totalmente atribuída a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Tal qual as demais obras do artista, o retábulo apresenta um grande uso de elementos fitomorfos, volutas, curvas e contracurvas e outros ornamentos despojados da talha, que oferecem à peça a leveza, a elegância e a harmonia das composições próprias do final do século XVIII.

Os querubins representados no coroamento do retábulo também apresentam características comuns às obras de Aleijadinho, tais como os olhos amendoados e separados entre si, com acentuação dos lacrimais,



as sobrancelhas altas em linha contínua com o nariz e a boca entreaberta, com lábios ligeiramente carnudos e de desenho sinuoso.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

O retábulo pode ser considerado uma derivação do altar afixada à parede da igreja, sendo composto por mesa de altar, nicho para a imagem de santos e ornamentos diversificados. O retábulo do Santíssimo Sacramento guarda em seu nicho a âmbula com a hóstia consagrada, símbolo da vida, concedida como um dom divino, o alimento essencial e primordial, o corpo de Cristo.

O altar se apresenta como símbolo da catalisação do sagrado. É para ele que convergem todos os gestos litúrgicos; é onde o sagrado se condensa com maior intensidade.

27. DADOS HISTÓRICOS:

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. Preocupada com o enorme aumento populacional em sua colônia e com o possível extravio do ouro, a Coroa Portuguesa tomou medidas para manter o controle social sobre a região, edificando, desde a década de 1710, as primeiras vilas e divisões administrativas correspondentes. O Estado Absolutista português também impôs à Capitania a proibição da entrada e da fixação de ordens religiosas no novo território, o que provocou o surgimento de diversas irmandades, constituídas por leigos, responsáveis pela contratação de religiosos para a prática de ofícios sacros e pela construção de templos, proferindo em Minas Gerais a fé católica.

A região de Sabarabuçu foi uma das primeiras áreas devassada e ocupada por aventureiros que seguiam os rios São Francisco e das Velhas no final do século XVII, guiados por seus propósitos expansionistas e exploratórios. A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição foi instituída em 1701 e o primeiro templo foi erguido nesta época, estruturado em barro e madeira, para atender às necessidades do Arraial da Barra do Sabará, devido à atividade mineratória que se firmava.

Em 1702, o Arraial já era considerado o mais populoso de Minas Gerais. Sua constituição se deu através da grande extração de madeira das densas florestas às margens dos rios das Velhas e Sabará pelos primeiros moradores para a construção de casario, pontes e igrejas. Estas áreas desmatadas foram utilizadas para a plantação de lavouras diversas.

Com a expansão do Arraial, a igreja primitiva cedeu espaço à atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e inaugurada em 1710. O Arraial da Barra do Sabará foi elevado à categoria de Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará em 17 de julho de 1717, englobando outros arraiais como o Curral Del Rey, atual Belo Horizonte.

A Vila Real de Nossa Senhora da Conceição foi um dos maiores centros de exploração de ouro no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, o que proporcionou o enriquecimento de inúmeras pessoas, a exemplo do Capitão Antônio de Abreu Guimarães, proprietário das Fazendas Jaguará, Vargem Comprida, Mocambo, Riacho D'Anta, Pau de Cheiro, Forquilha, Mello e Barra do Rio Mello, além de engenhos, fábricas, casas, escravos, gados, criações e muitas terras minerais, e instituidor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará. Sua enorme fortuna adveio não apenas da extração do ouro, mas também da sonegação do quinto e do contrabando de diamantes.

Por determinação do Alvará Régio de 23 de novembro de 1787, o Capitão Antônio de Abreu Guimarães teve todos os bens vinculados à Coroa Portuguesa, tornados inalienáveis e seus rendimentos destinados a obras pias, e, arrependido de seus pecados, recolheu-se a um convento lusitano. Em seu testamento, o Capitão determinou que seus bens seriam convertidos para a fundação, no Brasil, de um seminário para meninos pobres no sítio do Jaguará; de um seminário para a educação de meninas necessitadas; e de dois hospitais na Vila do Sabará para tratamento da lepra e de doenças não contagiosas; e em Portugal, um rendimento para as convertidas do Recolhimento do Rego, junto à Lisboa.

O Vínculo do Jaguará teve sua administração confiada ao Tenente Coronel Francisco de Abreu Guimarães, e, em poucos anos, contraiu diversas dívidas, que prejudicaram a instituição das obras de caridade. Por ocasião de sua morte, em 1807, a Junta Administrativa do Vínculo do Jaguará viu-se obrigada a pedir a intervenção do príncipe regente, Dom João VI, que, por sua vez, proclamou legítimas as dívidas da primeira administração e definiu como único credor, com direito a rateio, a instituição portuguesa do Recolhimento do Rego, provocando a modificação dos rendimentos do Vínculo do Jaguará e prejudicando as demais instituições.



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 221 de 335



O hospital para tratamento de doenças não contagiosas deveria ser construído, segundo o instituidor, nas "casas nobres da Rua do Fogo", na Vila do Sabará, e seria administrado pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, que receberia, do Vínculo do Jaguará, o subsídio anual de 800 mil réis. Em 1808, as casas da Rua do Fogo foram recebidas pela Ordem do Carmo, por escritura pública, para a instalação do hospital e a primeira parcela do subsídio foi quitada. No entanto, as condições das referidas casas eram precárias e os recursos insuficientes para o custeio do hospital, o que dificultou a sua imediata instalação. A fundação do Hospital Abreu Guimarães ocorreu em 1812, por intervenção do capitão-mor José de Souza Teixeira.

O hospital funcionou de maneira bastante precária até o ano de 1832, pois os proventos de que dispunha a instituição, adquiridos através de doações, não eram suficientes, e o Vínculo do Jaguará não efetuava o pagamento do seu subsídio há vinte anos. Compadecida da grave situação em que se encontrava o hospital, a Sociedade Pacificadora, Filantrópica e Defensora da Liberdade e da Constituição sugeriu a criação de uma associação religiosa que cuidasse exclusivamente da instituição, o que foi aprovado pelo bispo de Mariana, Dom Frei José da Santíssima Trindade, e confirmado pela Regência, em nome do Imperador. Foram elaborados pelo Padre Mestre Mariano de Souza Silvino, em 1832, os Estatutos da Irmandade da Misericórdia, que asseguravam as condições de funcionamento do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.

Desde então, o hospital foi mantido com as mensalidades dos irmãos associados à Santa Casa, as doações feitas por membros da sociedade sabarense, os rendimentos de loterias e as pensões de alguns enfermos.

A Santa Casa se desenvolveu com os esforços da administração da Irmandade e chegou a atender, em 1854, mais de trinta pacientes, entre pessoas pobres, escravos e pensionistas. Suas instalações foram ampliadas e um cemitério construído no fundo do terreno.

Em 1880, o hospital foi contemplado com o recebimento de uma significativa parcela dos lucros da arrematação dos bens do extinto Vínculo do Jaguará e reformou a sua Sala de Reuniões para a recepção do Imperador Dom Pedro II, no ano seguinte.

Nesta época, a Santa Casa experimentou um período de estabilidade financeira, o que proporcionou a mudança do hospital para uma região mais propícia ao seu bom funcionamento. Em 1896, com o auxílio de toda a população sabarense, foi lançada a pedra fundamental do novo hospital no Morro da Intendência, onde o clima era mais favorável, o terreno mais seco e a água abundante. A antiga edificação foi vendida para auxiliar as obras de construção do novo hospital.

Em 1906, a Santa Casa teve suas instalações ampliadas com a compra de um terreno vizinho e, em 1912, a edificação foi repintada para a inauguração de um consultório médico, uma sala de operações, uma sala do banco e um necrotério.

Em 1921, por ocasião do desabamento de algumas paredes da edificação, o hospital foi transferido para uma casa colonial, ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde funcionou provisoriamente até 1928, quando da reconstrução do edifício do Morro da Intendência.

No início da década de 1930, foi construída uma maternidade anexa à Santa Casa, com os recursos oferecidos pela empresa Belgo Mineira. A maternidade foi projetada seguindo os padrões da mais alta tecnologia europeia, o que proporcionou ao hospital uma modernização de suas instalações.

Desde então, a manutenção preventiva vem sendo realizadas periodicamente na edificação, com a finalidade de conservar suas características arquitetônicas. Em 2006, foi instalado um sistema de segurança e combate a incêndios na Santa Casa, juntamente com outras várias edificações de Sabará.

Atualmente, a Santa Casa de Misericórdia está passando por um processo de reforma, no qual estão sendo reconstruídos o bloco cirúrgico, a lavanderia e as alas masculina e infantil. Além disso, o hospital tem recebido recursos para a capacitação de seus funcionários e para a informatização de todos os setores, o que proporcionará uma significativa melhoria no funcionamento da instituição que atende a todo o município de Sabará.

O retábulo data, presumivelmente, dos anos de 1784 a 1786, e apresenta características estilísticas semelhantes às empregadas por Aleijadinho em suas obras.

O retábulo era pertencente à Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Fazenda Jaguará, principal propriedade do capitão Antônio de Abreu Guimarães. A edificação religiosa foi projetada e construída por um dos maiores artistas do século XVIII, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, entre os anos de 1784 e 1786, e é considerada a única obra completa do artista.



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 222 de 335



Com a formação do Vínculo do Jaguará, em 1787, a Igreja e todos os seus bens ficaram sob a responsabilidade da Junta Administrativa do Vínculo até a sua extinção, em 14 de outubro de 1843. A partir de então, o retábulo, bem como outras peças do acervo da Igreja e da Fazenda, foram oferecidos em leilão para o pagamento da dívida do Vínculo, mas sua venda não foi efetivada.

Em 1880, a Santa Casa de Misericórdia de Sabará, juntamente com uma parcela dos lucros da arrematação dos bens do Vínculo do Jaguará, recebeu a doação de alguns móveis pertencentes à Fazenda do Jaguará, dos quais o retábulo faz parte.

Não foram encontrados registros sobre intervenções realizadas na peça. No entanto, a peça apresenta a parede interior do nicho repintada, recentemente e de forma grosseira, com tinta acrílica azul claro.

Atualmente, o retábulo compõe a Capela da Santa Casa de Misericórdia de Sabará, e guarda o Sacrário, com o Santíssimo Sacramento.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
CANTI, Tilde. *O móvel no Brasil: origens, evolução e características*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1999.
CARACTERÍSTICAS de um "Alejadinho". *O Tempo*, Magazine, Belo Horizonte, 8 out. 2002. p. 2.
DIAS, Nivea. Alejadinho em ruínas. *Estado de Minas*, Notícias, Belo Horizonte, 9 mar. 1999.
Entrevista realizada com Carlos Alberto Mayrink Dias, funcionário da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Entrevista realizada com José Celso Pyramo, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sabará.
PASSOS, Zoroastro Vianna. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará (1787 a 1928)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929.
VEIGA, José Xavier da. *Efemérides Mineiras: 1664 – 1897*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos Culturais / Fundação João Pinheiro, 1998.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /

Data: jun a jul 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist) / Data: jul a ago 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 223 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 25

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. ACERVO:
Prefeitura Municipal de Sabará

4. DESIGNAÇÃO:
Cancelas

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Pública: Prefeitura Municipal de Sabará.

6. ENDEREÇO:
Rua Dom Pedro II, 200, Centro – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:
Prefeitura Municipal de Sabará

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Sala de Comunicação; Sala de Projetos Especiais

9. ESPÉCIE:
Bem integrado

10. ÉPOCA:
Século XVIII

11. AUTORIA:
Desconhecida

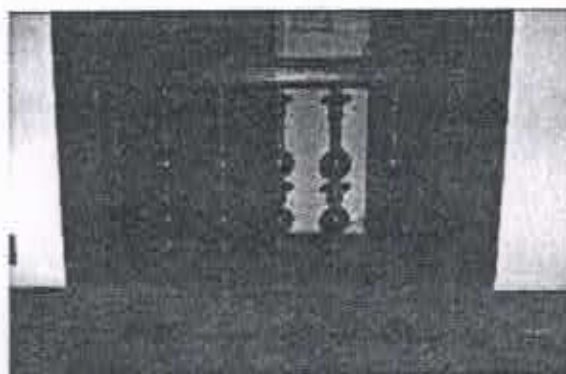
12. ORIGEM:
Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:
Prefeitura Municipal de Sabará

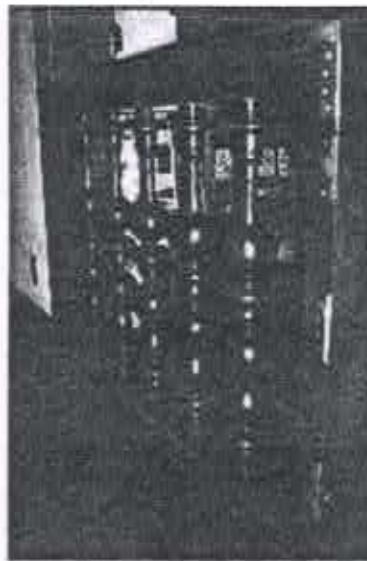
14. MATERIAL / TÉCNICA:
Jacarandá / Marcenaria e torno

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não tem

16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Cancelas das Salas de Comunicação e Projetos Especiais, da Prefeitura Municipal de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Cancelas das Salas de Comunicação e Projetos Especiais, da Prefeitura Municipal de Sabará. Vista lateral.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007

17. DESCRIÇÃO:

Duas cancelas, compostas por balaustrada em madeira torneada e envernizada, formadas, cada uma, por cinco balaústres dispostos uniformemente. Possui base retangular lisa, bem como arremate superior, e dois pés quadrados. Balaústres compostos por elementos geométricos arredondados que se dispõem na seguinte ordem: pequeno segmento cilíndrico; três anéis; pequeno segmento cilíndrico; nó, entrecortado com anel; disco; pequeno segmento cilíndrico; elemento periforme; pequeno segmento cilíndrico; dois anéis; pequeno segmento cilíndrico; disco; pequeno segmento cilíndrico; boia, encimada por segmento cilíndrico afilado; anel, pequeno segmento cilíndrico; anel, elemento em formato de taça; disco e pequeno segmento cilíndrico. Peças afixadas às portas por dobradiças de metal.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoável. As cancelas se encontram em locais de acesso ao público, o que oferece riscos de dano às peças.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 101cm
Largura: 127cm
Profundidade: 4cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Bom, necessitando de higienização.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

As peças apresentam pequenas avarias, como desgastes da madeira, rachaduras, arranhões e perfuração por pregos e parafusos.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

A edificação da Prefeitura Municipal de Sabará passou por diversas intervenções ao longo do século XIX, o que promoveu a descaracterização do traçado original do imóvel. Nesta época, os guarda-corpos de madeira torneada dos balcões individuais das portas foram substituídos por varandas com grades de ferro, e as janelas foram envidraçadas.

Mais tarde, entre os anos de 1926 e 1930, a residência se encontrava em péssimo estado de conservação. Com sua aquisição pelo Estado de Minas, a edificação passou por um processo de restauração generalizada, que visava a instalação da Prefeitura Municipal de Sabará.

Em 1993, o prédio encontrava-se em precárias condições, tendo sido fechado para as reformas e o setor burocrático da Prefeitura deslocado para outros prédios. As obras incluíram a troca do madeirame e telhas.



pisos, escadas, forros, serviços de alvenaria, reforço nas partes de sustentação de paredes e piso e a remoção de várias camadas de tinta que encobriam desenhos originais. As obras estruturais foram concluídas em novembro de 1996.

As cancelas compunham, originalmente, a balaustrada que se localizava à frente da sala de jantar da edificação. Entre os anos de 1987 e 1993, quando da reforma do edifício, a balaustrada foi recortada e transformada em cancelas para as salas de Comunicação e Projetos Especiais da Prefeitura Municipal de Sabará. Nesta data também foram substituídos os corrimões das peças por ripas de madeira menos nobre.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Peças compostas por diversas partes de jacarandá envernizadas, fixadas por encaixes e pregos, na qual se destacam os balaústres, formados por elementos recortados e torneados.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

A peça apresenta características estilísticas próprias do século XVIII, com a marcada simplicidade do torneado dos balaústres, compostos por nós em formatos esféricos, periformes e em taça, bolachas e frisos.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

Situadas à entrada das salas de Comunicação e Projetos Especiais da Prefeitura de Sabará, as cancelas marcam, simbolicamente, os limites entre dois mundos distintos, dois estados, dois ambientes: o conhecido e o desconhecido. Desta forma, elas exercem a função de delimitadoras do espaço público, impedindo a passagem livre de pessoas não autorizadas aos respectivos setores.

27. DADOS HISTÓRICOS:

A atual edificação da Prefeitura Municipal de Sabará foi construída em 1773, por iniciativa do Padre José Correia da Silva, seu primeiro proprietário. Mais tarde, a residência pertenceu ao doutor Jacinto Dias da Silva, advogado em Sabará, e chegou a ser conhecido como "Solar Jacinto Dias".

As linhas da construção apresentam diversos elementos ornamentais, cuja autoria é atribuída a importantes profissionais do século XVIII, dos quais podem ser citados Aleijadinho, Francisco Vieira Servas e Joaquim Gonçalves Rocha. Constituindo-se numa das mais nobres e confortáveis edificações da cidade, a residência se tornou hospedagem de vários personagens ilustres que estiveram em visita a Sabará, tais quais Dom Pedro I, Dom Pedro II, Duque de Saxe e Washington Luís.

O sobrado não preserva as suas feições originais, devido às modificações descaracterizantes sofridas ao longo do tempo. Durante o século XIX, os primitivos balcões individuais com guarda-corpo em madeira torneada foram substituídos por uma varanda com grades de ferro, além do envidraçamento das janelas.

No final da década de 1920, o sobrado foi adquirido pelo governo do Estado, por iniciativa do então presidente Antônio Carlos. Nesta época, o prédio foi restaurado e nele instalada a Prefeitura Municipal de Sabará.

Em 1993, o prédio encontrava-se em precárias condições, tendo sido fechado para as reformas e o setor burocrático da Prefeitura deslocado para outros prédios. As obras incluíram a troca do madeirame e telhas, pisos, escadas, forros, serviços de alvenaria, reforço nas partes de sustentação de paredes e piso e a remoção de várias camadas de tinta que encobriam desenhos originais. As obras estruturais foram concluídas em novembro de 1996.

As cancelas compunham, originalmente, a balaustrada que se localizava à frente da sala de jantar da edificação, segundo informações contidas no Inventário de Bens Móveis e Integrados do SPHAN, datado de 1987. Entre os anos de 1987 e 1993, por ocasião de novas reformas estruturais da edificação, a balaustrada foi recortada e transformada em cancelas para as salas Comunicação e Projetos Especiais da Prefeitura Municipal de Sabará.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ÁVILA, Afonso. Igrejas e Capelas de Sabará. Belo Horizonte, *Revista Barroco*, nº 8, 1976.

CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.

CANTI, Tilde. *O móvel no Brasil: origens, evolução e características*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1999.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain et al. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 9 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

INVENTÁRIO de Bens Móveis e Integrados. SPHAN/Pró Memória, 1987.



29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /

Data: jun a jul 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 227 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 26

1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Sede

3. ACERVO:

Prefeitura Municipal de Sabará

4. DESIGNAÇÃO:

Porta

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:

Propriedade Pública: Prefeitura Municipal de Sabará

6. ENDEREÇO:

Rua Dom Pedro II, 200, Centro – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:

Prefeitura Municipal de Sabará

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:

Sala do Gabinete do Prefeito

9. ESPÉCIE:

Bem integrado

10. ÉPOCA:

Final do século XVIII

11. AUTORIA:

Desconhecida

12. ORIGEM:

Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:

Prefeitura Municipal de Sabará

14. MATERIAL / TÉCNICA:

Madeira, metal / Entalhe; fundição

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:

Não tem



16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Porta da Sala do Gabinete do Prefeito, na Prefeitura Municipal de Sabará. Vista interna e externa da porta e detalhe do espelho da fechadura.

Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007

17. DESCRIÇÃO:

Porta em duas folhas, com almofadas em baixo relevo, de formatos retangulares (2 em cada), localizadas na porção inferior e superior da porta, quadrangulares (1 em cada), localizadas na porção central, e outras com a parte superior curva (1 em cada), localizadas próximas à verga. A porta possui verga alteada, tipo canga de boi. Fechadura e tranca em metal e espelho de ferro simétricos, recortados em motivos geométricos com linhas curvilíneas, encimados por cruz estilizada. Enquadramento de madeira com ombreiras retas e verga em curva. A parte posterior da porta apresenta os quadrantes das almofadas em baixo relevo. A porta é isenta de pinturas apresentando apenas um verniz transparente de proteção. A moldura se faz na cor verde.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Boa. A porta se localiza numa área restrita ao público, no segundo pavimento, o que minimiza os riscos de dano à peça.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 290cm
Largura: 166cm
Profundidade: 20cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Bom, necessitando de higienização.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

A peça apresenta sujidades, manchas provocadas pelo uso irregular de cera, perfurações por pregos, pequenos arranhões e desgastes da madeira. A fechadura e as dobradiças apresentam leve oxidação.

23 INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

A edificação da Prefeitura Municipal de Sabará passou por diversas intervenções ao longo do século XIX, o que promoveu a descaracterização do traçado original do imóvel. Nesta época, os guarda-corpos de madeira torneada dos balcões individuais das portas foram substituídos por varandas com grades de ferro, e as janelas foram envidraçadas.



Mais tarde, entre os anos de 1926 e 1930, a residência se encontrava em péssimo estado de conservação. Com sua aquisição pelo Estado de Minas, a edificação passou por um processo de restauração generalizada, que visava a instalação da Prefeitura Municipal de Sabará.

Em 1993, o prédio encontrava-se em precárias condições, tendo sido fechado para as reformas e o setor burocrático da Prefeitura deslocado para outros prédios. As obras incluíram a troca do madeirame e telhas, pisos, escadas, forros, serviços de alvenaria, reforço nas partes de sustentação de paredes e piso e a remoção de várias camadas de tinta que encobriam desenhos originais. As obras estruturais foram concluídas em novembro de 1996.

Não foram encontrados registros de intervenções na porta da Sala do Gabinete do Prefeito.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Peça em madeira recortada, com partes entalhadas, composta por duas folhas de porta, com quatro almofadas cada, uma fechadura, dois espelhos, dois ferrolhos e seis dobradiças em ferro fundido.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

A porta segue o mesmo padrão de composição de outras quatro portas da edificação, das quais a porta da capela faz parte. Seu estilo simples, com almofadas regulares e acabamento sóbrio, indica a sua possível datação no final do século XVIII.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

A porta é considerada o local de passagem entre dois estados, dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, o sagrado e o profano. Ela convida o observador a atravessá-la, dando acesso à revelação do além.

A porta da Sala do Gabinete do Prefeito oferece acesso à Sala de Fotografias.

27. DADOS HISTÓRICOS:

A atual edificação da Prefeitura Municipal de Sabará foi construída em 1773, por iniciativa do Padre José Correia da Silva, seu primeiro proprietário. Mais tarde, a residência pertenceu ao doutor Jacinto Dias da Silva, advogado em Sabará, e chegou a ser conhecido como "Solar Jacinto Dias".

As linhas da construção apresentam diversos elementos ornamentais, cuja autoria é atribuída a importantes profissionais do século XVIII, dos quais podem ser citados Aleijadinho, Francisco Vieira Servas e Joaquim Gonçalves Rocha. Constituindo-se numa das mais nobres e confortáveis edificações da cidade, a residência se tornou hospedagem de vários personagens ilustres que estiveram em visita a Sabará, tais quais Dom Pedro I, Dom Pedro II, Duque de Saxe e Washington Luís.

O sobrado não preserva as suas feições originais, devido às modificações descaracterizantes sofridas ao longo do tempo. Durante o século XIX, os primitivos balcões individuais com guarda-corpo em madeira torneada foram substituídos por uma varanda com grades de ferro, além do envidraçamento das janelas.

No final da década de 1920, o sobrado foi adquirido pelo governo do Estado, por iniciativa do então presidente Antônio Carlos. Nesta época, o prédio foi restaurado e nele instalada a Prefeitura Municipal de Sabará.

Em 1993, o prédio encontrava-se em precárias condições, tendo sido fechado para as reformas e o setor burocrático da Prefeitura deslocado para outros prédios. As obras incluíram a troca do madeirame e telhas, pisos, escadas, forros, serviços de alvenaria, reforço nas partes de sustentação de paredes e piso e a remoção de várias camadas de tinta que encobriam desenhos originais. As obras estruturais foram concluídas em novembro de 1996.

Estima-se que a porta da Sala do Gabinete do Prefeito seja contemporânea à edificação da qual faz parte, tendo sido confeccionada no final do século XVIII. Não foram encontrados registros de intervenção específica na referida peça.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ÁVILA, Afonso. Igrejas e Capelas de Sabará. Belo Horizonte, *Revista Barroco*, nº 8, 1976.
CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain et al. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 9 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
INVENTÁRIO de Bens Móveis e Integrados. SPHAN/Pró Memória, 1987.



29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /

Data: jun a jul 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Bens móveis e integrados: **ficha 27**

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. ACERVO:
Fundação Belgo – Cassino

4. DESIGNAÇÃO:
Mata-borrão

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada e Particular: Fundação Belgo-Arcelor Brasil

6. ENDEREÇO:
Rua da Ponte, 12, Siderúrgica – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:
Leonardo Gloor
Avenida dos Andradas, 1093, Santa Efigênia – Belo Horizonte - MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Sala do Acervo, estante

9. ESPÉCIE:
Objeto utilitário

10. ÉPOCA:
1º quartel do século XX

11. AUTORIA:
Desconhecida

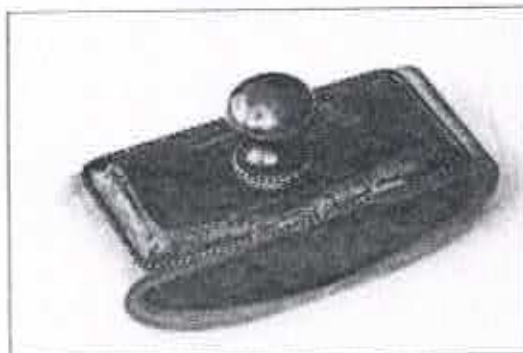
12. ORIGEM:
Minas Gerais, Sabará

13. PROCEDÊNCIA:
Escritório de Louis Jacques Ensch na Usina Belgo / Sabará

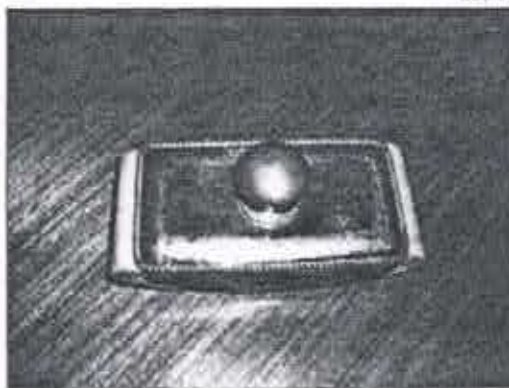
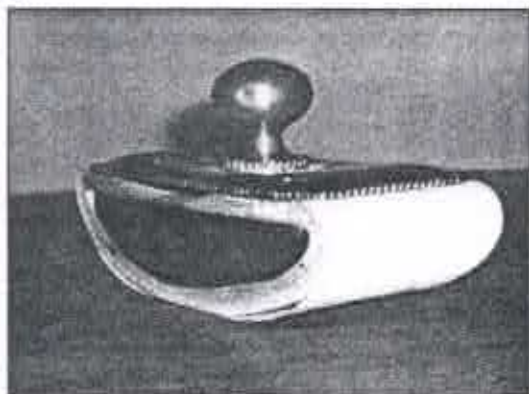
14. MATERIAL / TÉCNICA:
Madeira / Entalhe, encaixe; Metal / Fundição; Papel / Recorte, encaixe

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não possui.

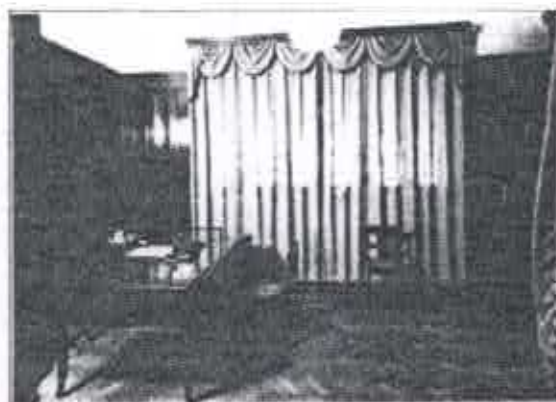
16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



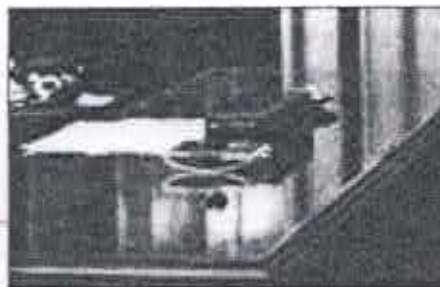
Mata-borrão, pertencente à Fundação Belgo de Sabará. Vistas frontal e geral. Fotografia: Flávia Meir. Data: junho/2007



Mata-borrão, pertencente à Fundação Beigo de Sabará. Visão transversal e superior.
Fotografia: Flávia Melo. Data: junho/2007.



Mata-borrão sobre a mesa, no escritório de Louis Enscht.
Fotografia: Acervo Memória Beigo. Data: Década de 1930.



Detalhe da foto, evidenciando o mata-borrão sobre a mesa.
Fotografia: Acervo Memória Beigo. Data: Década de 1930.

17. DESCRIÇÃO:

Peça confeccionada em madeira recortada em formato semicircular e encaixada em suporte superior de metal fundido, com puxador de cabeça arredondada e bordas arrematadas em seqüência de pequenas bolinhas. Em sua base, folhas de papel recortadas e encaixadas.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

A peça se encontra em boas condições de segurança, havendo um risco pequeno de evasão ou dano da peça, devido à sua localização.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 10 cm
Largura: 19 cm
Profundidade: 9 cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça se apresenta em bom estado de conservação, possuindo pequenas avarias.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça apresenta alguns pequenos amassados, arranhados, manchas por oxidação e sujidades nas folhas de papel.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

Não foram encontrados registros de intervenções sofridas pela peça.



24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

A peça foi confeccionada em madeira entalhada, envernizada e encaixada em suporte metálico, obtido através de processo de fundição. Em sua parte inferior, foram encaixadas folhas de papel recortadas.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

A peça apresenta em suas extremidades uma seqüência de pequenas bolinhas metálicas, também produzidas através do processo de fundição do suporte no qual se encontra, que atribui ao objeto uma suavidade em sua forma.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

O mata-borrão era utilizado para absorver o excesso de tinta do texto escrito com pena ou caneta tinteiro, que possuíam secagem lenta. Atualmente, o objeto não possui o mesmo valor utilitário, uma vez que as canetas esferográficas se tornaram amplamente comuns, dispensando o uso do mata-borrão.

O formato semicircular da peça foi associado, durante muito tempo, com um berço, devido à semelhança de seus movimentos repetitivos.

27. DADOS HISTÓRICOS:

Desde o início da colonização do Brasil, atividades de exploração mineratória foram desenvolvidas. Durante o século XVI, foram realizadas várias buscas por jazidas de metais preciosos, que se mostraram mal-sucedidas. No entanto, o solo brasileiro se mostrou rico em outros minérios, menos nobres, o que proporcionou a implantação de pequenas e rudimentares fábricas de ferro, que produziam, em geral, equipamentos e utensílios destinados às atividades agrícolas e mineradoras.

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. A exploração de metais preciosos exerceu importantes efeitos na Metrópole e na Colônia, tornando-se a principal atividade econômica durante todo o século XVIII. Com a decadência das atividades mineratórias, a exploração do ferro começou a ganhar importância no século XIX, ao lado da agropecuária.

No final do século XIX, o Brasil observava uma próspera atividade industrial que, por sua vez, impulsionou o debate sobre a necessidade de estimular a siderurgia, já que o aço era insumo básico à indústria. Na década de 1890 se iniciaram as obras de construção da Estrada de Ferro Central do Brasil na cidade de Sabará, que, por localizar-se próxima à recente capital do Estado, a estrada de ferro adquiriu grande importância política e estratégica, e contribuiu para a alteração da vida na cidade.

Em 1907, foi criado o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, formado por especialistas em grande parte egressos da Escola de Minas de Ouro Preto, com o objetivo de realizar o levantamento do potencial das reservas de minerais do país. Esse grupo realizou amplo estudo sobre as jazidas feríferas do Brasil, que foi apresentado em 1910, durante o X Congresso Geológico Internacional, realizado em Estocolmo, Suécia. Desde então, investidores de várias partes do mundo passaram a adquirir terras em Minas Gerais.

A efetivação da mudança na vocação econômica de Sabará viria no ano de 1917. As jazidas de ouro de Minas Gerais estavam esgotadas e o crescimento do setor industrial do Brasil demandava novas iniciativas. Foi quando três engenheiros recém-formados pela Escola de Minas de Ouro Preto, Amaro Lanari, Cristiano Guimarães e Gil Guatimosin, uniram seus conhecimentos ao capital do banqueiro Sebastião Augusto de Lima e do industrial Américo Teixeira Guimarães e criaram, em Sabará, a Companhia Siderúrgica Mineira. Mas as condições internacionais desfavoráveis (vivia-se então o auge da Primeira Guerra Mundial) atrasaram a instalação da siderurgia, que só teve o seu projeto implantado a partir de 1920.

Em 1920, por ocasião da visita do Rei Alberto I, da Bélgica, ao Brasil, o então Presidente de Minas, Arthur Bernardes, apresentou o potencial siderúrgico do estado, a fim de atrair investidores europeus para o mercado mineiro. Pouco tempo depois da visita de Alberto I, o grupo belgo-luxemburguês ARBED (Aciéries Réunies de Burbach-Eich-Dudelange) enviou missão técnica a Minas Gerais, que constatou a possibilidade do grupo se associar a uma empresa brasileira já existente e, a partir daí, ampliar o negócio. Assim, em 11 de dezembro de 1921, a Companhia Siderúrgica Mineira realizou uma assembléia de acionistas para aumentar seu capital, que seria subscrito pela ARBED. Com isso, a Companhia Siderúrgica Mineira passava a se denominar Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. No programa inicial da nova empresa, previa-se transformar Sabará em uma usina piloto, destinada a prospectar e experimentar a operação de uma grande usina no Brasil, treinando pessoal e possibilitando o melhor conhecimento das matérias-primas nacionais e de toda a logística operacional, abrindo caminho para aquele que já se delineava como o



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 234 de 335



grande salto da Companhia - a construção, em Monlevade, de uma moderna usina siderúrgica, sem precedentes na história do país.

O desempenho da usina piloto de Sabará não foi o esperado pelos investidores, pois o ramal ferroviário necessário para a sua operação não tinha sido construído. Entre 1926 e 1927, as atividades da usina de Sabará foram paralisadas. Foi quando o grupo belga resolveu enviar ao Brasil o engenheiro Louis Ensck, que assumiu a chefia da usina, solicitou novos equipamentos e melhorou a qualidade do produto.

Nos anos seguintes, a usina Siderúrgica passou por um grande desenvolvimento, impulsionada também pelo incremento da indústria nacional, a partir dos anos 30. O presidente Getúlio Vargas tinha especial interesse pelo desenvolvimento industrial e, em 1931, reafirmou sua posição quando, em visita a Minas Gerais, se comprometeu a promover a ligação ferroviária entre a Estrada de Ferro Central do Brasil e a Vitória-Minas para viabilizar a usina na região da antiga fazenda de Monlevade.

Em 1935, foi inaugurado o ramal ferroviário de Santa Bárbara e, dois anos mais tarde, foi lançada a pedra fundamental da nova usina em Monlevade. A implantação da Usina demandou a construção de toda uma cidade em torno do antigo Solar Monlevade, bem como vários outros núcleos pelo vale do rio Doce, para viabilizar o manejo das matas naturais e de eucalipto para carvoejamento.

A partir de meados da década de 1950, com a presidência de Juscelino Kubitschek, a demanda por aço determinou um período de notável expansão da Belgo. Entre os anos 60 e 70, a Belgo passou a um novo patamar empresarial. Novos conceitos administrativos levaram à profissionalização, cujo resultado mais visível foi a emancipação da cidade de João Monlevade. Também foram adotadas novas estratégias de negócio, com maior ênfase na tecnologia, no marketing e, principalmente, definiu-se como foco principal dos investimentos a área de trefilaria.

Nos anos 80 e 90, a Belgo voltou a rever posições, adquirindo o controle ou participação em várias empresas siderúrgicas e metalúrgicas e, ainda, ampliando a política de associações. Consolidou-se, assim, o desenho corporativo, com várias empresas integradas sob uma *holding*, a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira.

A década de 1990 foi, assim, um período de grandes mudanças. Na área tecnológica, a Belgo buscou atualizar sua estrutura produtiva, o que se refletiu, entre outros, na inauguração de um moderno trem de laminação em Monlevade, responsável por sucessivos ganhos de qualidade do fio-máquina. Também investiu na mudança dos cinco altos-fornos daquela usina, que funcionavam a carvão vegetal, substituindo-os por apenas um, de grande capacidade produtiva, inaugurado no ano 2000 e que opera com coque metalúrgico.

Esse rearranjo permitiu que a Belgo se tornasse uma importante transnacional, adquirindo participação em importantes empresas siderúrgicas na Argentina, Chile, Peru e Canadá. A entrada direta em negócios internacionais transformou a Belgo em peça-chave no processo de globalização da ARBED, que em 2001 se uniu à francesa Usinor e à espanhola Acerafia para criar a ARCELOR, gigante do setor siderúrgico mundial.

Em 2000, a Fundação Belgo implantou o Projeto Memória Belgo, composto por uma estrutura que inclui um Núcleo Central, localizado no Cassino de Sabará, e vários núcleos regionais, instalados nas demais unidades Belgo. A Memória Belgo abrange documentos em diferentes materiais, datados desde a fundação da empresa até os dias atuais e relativos a vários aspectos da trajetória do Grupo.

O mata-borrão é uma peça de importância singular no Acervo da Memória Belgo. No início do século XX, o mata-borrão se apresentava como um objeto de grande importância em qualquer local que se escrevia à tinta, pois retirava todo o excesso de umidade deixado pela pena ou pela caneta tinteiro.

Em 1937, o revisor tipográfico húngaro Ladislao Biro, cansado dos borrões de tinta em seu trabalho, inventou a caneta esferográfica, que possuía um tubo plástico onde se armazenava a tinta e uma ponta com uma pequena esfera de metal que, ao girar, distribua a tinta de maneira uniforme pelo papel, sem sujar os dedos ou o trabalho. A nova caneta chegou às lojas em 1943, e, no Brasil, somente no final da década, e sua aceitação foi imediata, o que provocou o abandono quase absoluto das canetas tinteiro e das penas, e, conseqüentemente, do mata-borrão.

O mata-borrão pertencente ao acervo da Memória Belgo possui, além da importância histórica inerente à sua espécie, uma simbologia específica de caráter significativo. A peça pertenceu ao engenheiro Louis Jacques Ensck durante a década de 1930, quando de sua estadia na Usina de Sabará. Em uma fotografia contemporânea, encontrada no acervo da Fundação Belgo, é possível perceber a sua presença no escritório de Ensck, sobre sua mesa.



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 235 de 335



Quando da criação da Memória Belgo, em 2000, o mata-borrão fora doado pela Usina sabarense para compor o acervo, como uma peça de singular importância simbólica e histórica. Não foram registradas intervenções na peça. Atualmente, o mata-borrão está exposto na sala de consulta ao acervo da Memória Belgo.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CANETA esferográfica. *Wikipédia*. Disponível em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caneta> >. Acesso em julho de 2007.

Entrevista realizada com Isabella Carvalho de Menezes, Gerente de Programas Especiais e responsável técnica pelo arquivo documental da Fundação Belgo-Arcelor Brasil, por Flávia Melo em 20 de junho de 2007.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

MEMÓRIA Belgo: Nossa história se constrói todos os dias. Folheto: Março, 2004.

NÚCLEO Central. A História da Belgo. No prelo.

SILVEIRA, Victor. *Minas Gerais em 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /

Data: jun a jul 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 236 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 28

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. ACERVO:
Fundação Belgo – Cassino

4. DESIGNAÇÃO:
Quadros de Franta Reyl (4)

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada e Particular: Fundação Belgo-Arcelor Brasil

6. ENDEREÇO:
Rua da Ponte, 12, Siderúrgica – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:
Leonardo Gloor
Avenida dos Andradas, 1093, Santa Efigênia – Belo Horizonte - MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Hall de entrada

9. ESPÉCIE:
Pinturas de cavalete

10. ÉPOCA:
1942; 1942 (?)

11. AUTORIA:
Franta Reyl

12. ORIGEM:
Minas Gerais, Sabará

13. PROCEDÊNCIA:
Franta Reyl

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Aquarela sobre papel

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não possui



16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



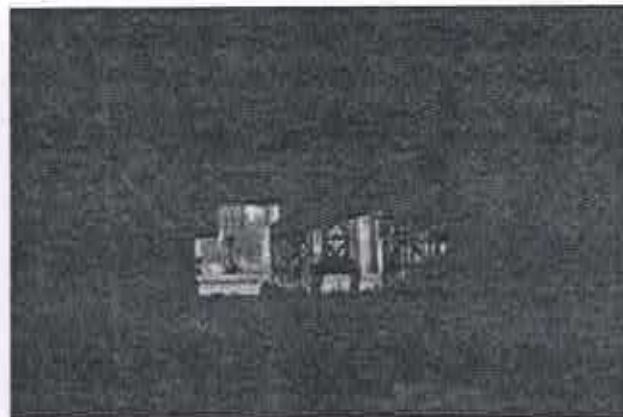
Aciaria. Quadro 1 de F. Reyl, pertencente à Fundação Belgo de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo. Data: junho/2007



Aciaria. Quadro 2 de F. Reyl, pertencente à Fundação Belgo de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo. Data: junho/2007



Sem título. Quadro 3 de F. Reyl, pertencente à Fundação Belgo de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo. Data: junho/2007



Sem título. Quadro 4 de F. Reyl, pertencente à Fundação Belgo de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo. Data: junho/2007

17. DESCRIÇÃO:

Quatro quadros, representando paisagens de interiores de usina siderúrgica.

O primeiro quadro representa o interior de uma aciaria. Em primeiro plano, dois trabalhadores vertem o metal fundido do convertedor para quatro formas refratárias. Em segundo plano, outros dois trabalhadores supervisionam o curso retilíneo do metal fundido no convertedor. Ao fundo, estruturas metálicas, máquinas e equipamentos, representados em tonalidades avermelhadas.

O segundo quadro também representa o interior de uma aciaria. Em primeiro plano, dois trabalhadores despejam metal fundido de um grande tonel em formas refratárias. Ao fundo, estruturas metálicas treliçadas representadas em tons avermelhados.

O terceiro quadro representa o interior de uma usina siderúrgica, com estruturas metálicas compostas por sucessivas treliças e organizadas por vãos em três arcos. À esquerda, caldeirão quadrangular expelindo fumaça azul clara. Ao centro, esteiras mecânicas, máquinas e equipamentos, em tonalidades de azul e laranja.

O quarto quadro também representa o interior de uma usina siderúrgica, com estruturas metálicas treliçadas, em tonalidades azuladas e negras. No ponto focal central, esteira mecânica, encimada por um gancho. Ao fundo, tonalidades suaves amarelas e vermelhas.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

As peças se encontram em boas condições de segurança, não apresentando riscos de evasão ou dano.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário



20. DIMENSÕES:

Medidas referentes aos três primeiros quadros:

Altura: 40 cm

Largura: 60 cm

Medidas referentes ao quarto quadro:

Altura: 43 cm

Largura: 63 cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

As peças se encontram em ótimo estado de conservação.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Os quadros não apresentam avarias.

23. INTERVENÇÕES RESPONSÁVEL/DATA:

Sem intervenções.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Para a confecção dos quadros foi utilizada a pintura em aquarela sobre papel.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

As pinturas são de autoria de Franta Reyl, considerado um artista de grande singularidade, cujos trabalhos se caracterizam pela influência do expressionismo. Segundo o próprio artista, sua pintura é curtida e amadurecida no contato, na observação e na interpretação da terra brasileira e de sua gente, através de um expressionismo vibrante na liberdade das cores, descobrindo e retirando seus personagens dos meios sociais menos favorecidos.

Retratando o interior de uma usina siderúrgica e o cotidiano dos trabalhadores, as obras são representativas do caráter expressionista do artista. Através do uso de figuras levemente deformadas, cores fortes e contrastantes, e pinceladas vigorosas que rejeitam qualquer tipo de comedimento, o artista consegue o efeito de crítica – ou ação – social, que encontra a sua tradução em motivos retirados do cotidiano.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

As pinturas representam a paisagem interior da usina siderúrgica da Belgo de Sabará e o cotidiano de alguns de seus trabalhadores. Tais quais os demais artistas expressionistas, Franta Reyl se dedica a representar mais que o simples ambiente onde o aço é produzido, mas também a ação social empreendida diariamente no referido ambiente.

Os quatro quadros compõem uma série de representação do trabalho na siderurgia, que demonstram a importância do homem na produção industrial. A presença do operário manipulando o metal fundido é marcada pelo seu esforço, por sua atividade, representados pelos tons quentes e avermelhados das pinturas. Contrariamente, a representação da usina vazia é sombria, composta por tons azulados que demonstram a frieza do metal e a ausência do homem, do agente social, no seu local de trabalho.

Os quadros de Franta Reyl expressam sua importância não apenas como objetos de arte, mas também como documentos históricos que relatam cenas do cotidiano de homens que ajudaram a construir a história da usina siderúrgica e, conseqüentemente, do município.

27. DADOS HISTÓRICOS:

Desde o início da colonização do Brasil, atividades de exploração mineratória foram desenvolvidas. Durante o século XVI, foram realizadas várias buscas por jazidas de metais preciosos, que se mostraram mal-sucedidas. No entanto, o solo brasileiro se mostrou rico em outros minérios, menos nobres, o que proporcionou a implantação de pequenas e rudimentares fábricas de ferro, que produziam, em geral, equipamentos e utensílios destinados às atividades agrícolas e mineradoras.

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. A exploração de metais preciosos exerceu importantes efeitos na Metrópole e na Colônia, tornando-se a principal atividade econômica durante todo o século XVIII. Com a decadência das atividades mineratórias, a exploração do ferro começou a ganhar importância no século XIX, ao lado da agropecuária.



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 239 de 335



No final do século XIX, o Brasil observava uma próspera atividade industrial que, por sua vez, impulsionou o debate sobre a necessidade de estimular a siderurgia, já que o aço era insumo básico à indústria. Na década de 1890 se iniciaram as obras de construção da Estrada de Ferro Central do Brasil na cidade de Sabará, que, por localizar-se próxima à recente capital do Estado, a estrada de ferro adquiriu grande importância política e estratégica, e contribuiu para a alteração da vida na cidade.

Em 1907, foi criado o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, formado por especialistas em grande parte egressos da Escola de Minas de Ouro Preto, com o objetivo de realizar o levantamento do potencial das reservas de minerais do país. Esse grupo realizou amplo estudo sobre as jazidas ferríferas do Brasil, que foi apresentado em 1910, durante o X Congresso Geológico Internacional, realizado em Estocolmo, Suécia. Desde então, investidores de várias partes do mundo passaram a adquirir terras em Minas Gerais.

A efetivação da mudança na vocação econômica de Sabará viria no ano de 1917. As jazidas de ouro de Minas Gerais estavam esgotadas e o crescimento do setor industrial do Brasil demandava novas iniciativas. Foi quando três engenheiros recém-formados pela Escola de Minas de Ouro Preto, Amaro Lanari, Cristiano Guimarães e Gil Guatimosin, uniram seus conhecimentos ao capital do banqueiro Sebastião Augusto de Lima e do industrial Américo Teixeira Guimarães e criaram, em Sabará, a Companhia Siderúrgica Mineira. Mas as condições internacionais desfavoráveis (vivia-se então o auge da Primeira Guerra Mundial) atrasaram a instalação da siderurgia, que só teve o seu projeto implantado a partir de 1920.

Em 1920, por ocasião da visita do Rei Alberto I, da Bélgica, ao Brasil, o então Presidente de Minas, Arthur Bernardes, apresentou o potencial siderúrgico do estado, a fim de atrair investidores europeus para o mercado mineiro. Pouco tempo depois da visita de Alberto I, o grupo belgo-luxemburguês ARBED (Aciéries Réunies de Burbach-Eich-Dudelange) enviou missão técnica a Minas Gerais, que constatou a possibilidade do grupo se associar a uma empresa brasileira já existente e, a partir daí, ampliar o negócio. Assim, em 11 de dezembro de 1921, a Companhia Siderúrgica Mineira realizou uma assembléia de acionistas para aumentar seu capital, que seria subscrito pela ARBED. Com isso, a Companhia Siderúrgica Mineira passava a se denominar Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. No programa inicial da nova empresa, previa-se transformar Sabará em uma usina piloto, destinada a prospectar e experimentar a operação de uma grande usina no Brasil, treinando pessoal e possibilitando o melhor conhecimento das matérias-primas nacionais e de toda a logística operacional, abrindo caminho para aquele que já se delineava como o grande salto da Companhia - a construção, em Monlevade, de uma moderna usina siderúrgica, sem precedentes na história do país.

O desempenho da usina piloto de Sabará não foi o esperado pelos investidores, pois o ramal ferroviário necessário para a sua operação não tinha sido construído. Entre 1926 e 1927 as atividades da usina de Sabará foram paralisadas. Foi quando o grupo belga resolveu enviar ao Brasil o engenheiro Louis Ensch, que assumiu a chefia da usina, solicitou novos equipamentos e melhorou a qualidade do produto.

Nos anos seguintes, a usina Siderúrgica passou por um grande desenvolvimento, impulsionada também pelo incremento da indústria nacional, a partir dos anos 30. O presidente Getúlio Vargas tinha especial interesse pelo desenvolvimento industrial e, em 1931, reafirmou sua posição quando, em visita a Minas Gerais, se comprometeu a promover a ligação ferroviária entre a Estrada de Ferro Central do Brasil e a Vitória-Minas para viabilizar a usina na região da antiga fazenda de Monlevade.

Em 1935, foi inaugurado o ramal ferroviário de Santa Bárbara e, dois anos mais tarde, foi lançada a pedra fundamental da nova usina em Monlevade. A implantação da Usina demandou a construção de toda uma cidade em torno do antigo Solar Monlevade, bem como vários outros núcleos pelo vale do rio Doce, para viabilizar o manejo das matas naturais e de eucalipto para carvoejamento.

A partir de meados da década de 1950, com a presidência de Juscelino Kubitschek, a demanda por aço determinou um período de notável expansão da Belgo. Entre os anos 60 e 70, a Belgo passou a um novo patamar empresarial. Novos conceitos administrativos levaram à profissionalização, cujo resultado mais visível foi a emancipação da cidade de João Monlevade. Também foram adotadas novas estratégias de negócio, com maior ênfase na tecnologia, no marketing e, principalmente, definiu-se como foco principal dos investimentos a área de trefilaria.

Nos anos 80 e 90, a Belgo voltou a rever posições, adquirindo o controle ou participação em várias empresas siderúrgicas e metalúrgicas e, ainda, ampliando a política de associações. Consolidou-se, assim, o desenho corporativo, com várias empresas integradas sob uma *holding*, a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira.

A década de 1990 foi, assim, um período de grandes mudanças. Na área tecnológica, a Belgo buscou atualizar sua estrutura produtiva, o que se refletiu, entre outros, na inauguração de um moderno trem de



laminação em Monlevade, responsável por sucessivos ganhos de qualidade do fio-máquina. Também investiu na mudança dos cinco altos-fornos daquela usina, que funcionavam a carvão vegetal, substituindo-os por apenas um, de grande capacidade produtiva, inaugurado no ano 2000 e que opera com coque metalúrgico.

Esse rearranjo permitiu que a Belgo se tornasse uma importante transnacional, adquirindo participação em importantes empresas siderúrgicas na Argentina, Chile, Peru e Canadá. A entrada direta em negócios internacionais transformou a Belgo em peça-chave no processo de globalização da ARBED, que em 2001 se uniu à francesa Usinor e à espanhola Aceralia para criar a ARCELOR, gigante do setor siderúrgico mundial.

Os quadros de Franta Reyl, atualmente, fazem parte do acervo Espaço Cultural da Belgo de Sabará. Os três primeiros quadros, e, provavelmente o quarto, foram pintados em 1942, quando da visita de Reyl à cidade de Sabará. As obras foram adquiridas pela empresa e passaram a compor o acervo da Fundação Belgo desde o ano de sua fundação, 1989. Quando da implantação do Projeto Memória Belgo e do Espaço Cultural no Cassino de Sabará, em 2000, os quadros foram transferidos para o seu acervo, por dispor de um melhor acondicionamento.

Franta Reyl nasceu em 1903, em Praga, e completou seus estudos em sua cidade natal na Academia de Belas Artes. Aos 24 anos, depois de sua primeira exposição na Galeria Manes, o artista ganhou o primeiro prêmio nacional de pintura concedido pela Presidência da República, passaporte artístico para ir viver e se aperfeiçoar em Paris. Fortemente influenciado pela corrente modernista, teve seus trabalhos logo aceitos no *Salon des Surindependents*. Em 1936, passou alguns meses pintando na Espanha, no norte da África e na Ilha da Madeira. Logo depois, Lisboa, onde realizou sua primeira exposição de temática figural. De espírito aventureiro, inconformista e avesso a fronteiras, viajou para a Argentina em 1937, onde retratou algumas das mais conhecidas personalidades daquele país, expondo seus trabalhos na elegante Galeria Viau, de Buenos Aires, com grande repercussão nos meios artísticos locais. Veio para o Brasil em 1938 e aqui fixou sua residência, naturalizando-se. Na década de 1940, participou repetidas vezes do Salão Nacional de Arte Moderna, que lhe outorgou a medalha de bronze. Expôs também em São Paulo, que o distinguiu com lugar cativo nas famosas bienais de Arte Moderna. Em 1963, mudou-se para Teresópolis, onde viveu até 1989, quando suicidou após a morte de sua esposa.

Sua obra ficou registrada na história da arte como um grande exemplar do expressionismo, pois representou o cotidiano de pessoas humildes através de pinceladas vigorosas e cores fortes e vibrantes. Seu trabalho chegou a ser equiparado ao de Portinari pelo crítico de arte Antônio Bento

Em alguns trabalhos, mostra-se mesmo uma sugestão forte da obra de Portinari, principalmente no desenho das figuras de homens e mulheres com baldios, alguidares, potes e latas d'água nas cabeças, ou conduzindo crianças de semblante triste. E, diga-se de passagem, é uma influência benéfica que, na temática brasileira, levará Franta Reyl a produzir obra sólida no domínio da plástica, denotando originalidade e vigor pessoal (GALERIA, 2007).

Não foram registradas intervenções sofridas pelas peças.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ASHBERY, John; et all. *Dicionário da Pintura Moderna*. São Paulo: Hemus, 1981.
- CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: CADERNO de Diretrizes Museológicas I. 2ed. Brasília/Belo Horizonte: Ministério da Cultura/ IPHAN/ Departamento de Museus e Centros Culturais/ Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006.
- Entrevista realizada com Gilvânia Tavares Rocha, responsável técnica pelo Espaço Cultural da Fundação Belgo-Arcelor Brasil, por Flávia Melo em 26 de junho de 2007.
- EXPRESSIONISMO. *Itaú Cultural*. Disponível em: <www.itaucultural.org.br>. Acesso em julho de 2007.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil* 12 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- GALERIA Pinacoteca de Teresópolis. O realismo pessoal de Franta Reyl. *Banco Central do Brasil*. Disponível em: <www.bcb.gov.br/htmls/museu-espacos/exporj06.asp>. Acesso em julho de 2007.
- MEMÓRIA Belgo. Nossa história se constrói todos os dias. Folheto. Março, 2004.
- NÚCLEO Central. A História da Belgo. No prelo.
- SILVEIRA, Victor. *Minas Gerais em 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES.



30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /

Data: jun a jul 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 242 de 335



Bens móveis e integrados: **ficha 29**

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. ACERVO:
Fundação Belgo – Cassino

4. DESIGNAÇÃO:
Quadros de Carlos Bracher (4)

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada e Particular: Fundação Belgo-Arcelor Brasil

6. ENDEREÇO:
Rua da Ponte, 12, Siderúrgica – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:
Leonardo Gloor
Avenida dos Andradas, 1093, Santa Efigênia – Belo Horizonte - MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Hall de entrada

9. ESPÉCIE:
Pinturas de cavalete

10. ÉPOCA:
1992, 1993

11. AUTORIA:
Carlos Bracher

12. ORIGEM:
Minas Gerais

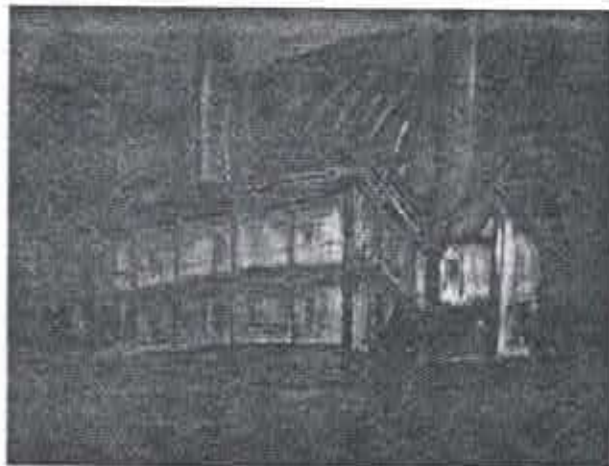
13. PROCEDÊNCIA:
Carlos Bracher

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Óleo sobre tela

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não possui



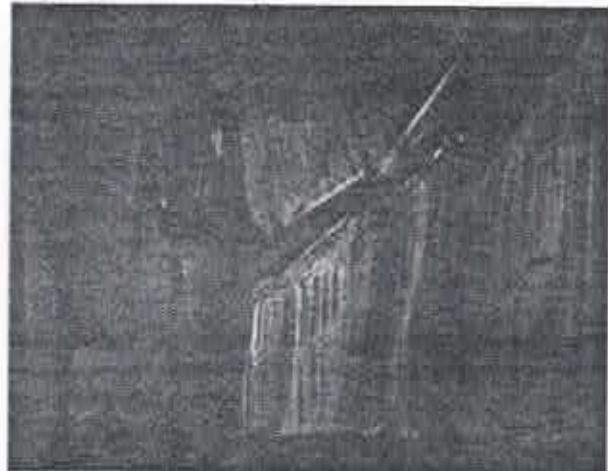
16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



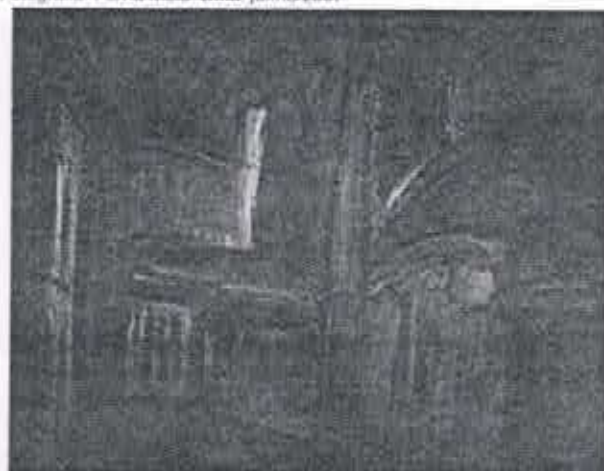
Solar de Monlevade, Quadro 1 de Carlos Bracher, pertencente à Fundação Belgo de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo. Data: junho/2007



Pavilhões Belgo, Quadro 2 de Carlos Bracher, armazenado no Espaço Cultural da Belgo de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo. Data: junho/2007



Rua Direita e Sé de Mariana, Quadro 3 de Carlos Bracher, pertencente à Fundação Belgo de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo. Data: junho/2007



Lateral da Igreja do Rosário e Igreja de São José ao Fundo – Ouro Preto, Quadro 4 de Carlos Bracher, pertencente à Fundação Belgo de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo. Data: junho/2007

17. DESCRIÇÃO

Quatro quadros representando paisagens urbanas de cidades e contextos diferentes.

O primeiro quadro representa, em primeiro plano e ao centro, o antigo solar de João Monlevade, localizado entre vegetação rasteira e algumas árvores. Em segundo plano, tubos e chaminés da usina da Belgo, instalada na cidade de João Monlevade. Ao fundo, estende-se formação montanhosa, encimada por céu acinzentado.

O segundo quadro representa, em primeiro plano, uma estrada asfaltada curvilínea, que leva os olhos do observador à concentração de edificações verticalizadas, formando um complexo de pavilhões da Belgo, com a representação de um galpão, seguido de chaminé e outras edificações, que se estendem até o fundo da composição. Em último plano, formação montanhosa, em forma sinuosa e esverdeada, encimada por céu azul-acinzentado.

O terceiro quadro representa a rua Direita de Mariana, com o seu casario colorido sendo sucedido pela Igreja da Sé. Ao fundo, céu em tons escuros de azul.

O quarto quadro representa, em primeiro plano, à esquerda, lateral de casa colonial em tons de vermelho e azul; à direita, lateral da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Ouro Preto. Em segundo plano, avista-se casario colorido, e, ao fundo, lateral da Igreja de São José, encimado por céu de tonalidade terra.



18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

As peças se encontram em boas condições de segurança, não apresentando riscos de evasão ou dano.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Medidas referentes ao primeiro e ao quarto quadros:

Altura: 80 cm

Largura: 110 cm

Medidas referentes ao segundo e ao terceiro quadros:

Altura: 90 cm

Largura: 115 cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

As peças se encontram em ótimo estado de conservação.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Os quadros não apresentam avarias.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

Sem intervenções.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Para a confecção dos quadros foi utilizada a pintura a óleo sobre tela.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

As pinturas são de autoria de Carlos Bracher, considerado um artista de grande singularidade, cujos trabalhos apresentam influências do expressionismo e do cubismo. Retratando a paisagem urbana de Minas Gerais em suas obras, com seu casario colonial e igrejas barrocas, Bracher evidencia a influência do expressionismo em seu trabalho desde o início de sua carreira, através de imagens submetidas a algumas deformações, e pinceladas largas e matéricas. É possível perceber também a influência do cubismo em suas obras, através da simplicidade formal, de pinceladas mais impessoais, que criam superfícies lisas que valorizam as linhas de contorno e a definição quase escultórica das formas, com o predomínio de uma gama cromática, constituída por tons frios.

Os quadros de Bracher pertencentes ao acervo do Espaço Cultural da Belgo apresentam em sua composição as pinceladas características do artista, ora displicentes, ora matemáticas, que evidenciam as influências da arte moderna em seu trabalho. Predominam os tons densos e escuros e a simplicidade formal, que dramatizam a paisagem mineira.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

As pinturas representam as paisagens urbanas de algumas cidades mineiras.

Os dois primeiros quadros representam edificações da usina da Belgo, evidenciando os seus pavilhões, chaminés, tubos e o solar de João Monlevade.

O terceiro e o quarto quadros possuem uma temática mais comumente trabalhada por Bracher, apresentando o casario colonial e as igrejas barrocas das tradicionais cidades de Ouro Preto e Mariana.

27. DADOS HISTÓRICOS:

Desde o início da colonização do Brasil, atividades de exploração mineratória foram desenvolvidas. Durante o século XVI, foram realizadas várias buscas por jazidas de metais preciosos, que se mostraram mal-sucedidas. No entanto, o solo brasileiro se mostrou rico em outros minérios, menos nobres, o que proporcionou a implantação de pequenas e rudimentares fábricas de ferro, que produziam, em geral, equipamentos e utensílios destinados às atividades agrícolas e mineradoras.

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. A exploração de metais preciosos exerceu importantes efeitos na Metrópole e na Colônia, tomando-se a principal atividade econômica durante todo o século XVIII. Com a decadência das atividades mineratórias, a exploração do ferro começou a ganhar importância no século XIX, ao lado da agropecuária.



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 245 de 335



No final do século XIX, o Brasil observava uma próspera atividade industrial que, por sua vez, impulsionou o debate sobre a necessidade de estimular a siderurgia, já que o aço era insumo básico à indústria. Na década de 1890 se iniciaram as obras de construção da Estrada de Ferro Central do Brasil na cidade de Sabará, que, por localizar-se próxima à recente capital do Estado, a estrada de ferro adquiriu grande importância política e estratégica, e contribuiu para a alteração da vida na cidade.

Em 1907, foi criado o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, formado por especialistas em grande parte egressos da Escola de Minas de Ouro Preto, com o objetivo de realizar o levantamento do potencial das reservas de minerais do país. Esse grupo realizou amplo estudo sobre as jazidas feríferas do Brasil, que foi apresentado em 1910, durante o X Congresso Geológico Internacional, realizado em Estocolmo, Suécia. Desde então, investidores de várias partes do mundo passaram a adquirir terras em Minas Gerais.

A efetivação da mudança na vocação econômica de Sabará viria no ano de 1917. As jazidas de ouro de Minas Gerais estavam esgotadas e o crescimento do setor industrial do Brasil demandava novas iniciativas. Foi quando três engenheiros recém-formados pela Escola de Minas de Ouro Preto, Amaro Lanari, Cristiano Guimarães e Gil Guatimosin, uniram seus conhecimentos ao capital do banqueiro Sebastião Augusto de Lima e do industrial Américo Teixeira Guimarães e criaram, em Sabará, a Companhia Siderúrgica Mineira. Mas as condições internacionais desfavoráveis (vivia-se então o auge da Primeira Guerra Mundial) atrasaram a instalação da siderurgia, que só teve o seu projeto implantado a partir de 1920.

Em 1920, por ocasião da visita do Rei Alberto I, da Bélgica, ao Brasil, o então Presidente de Minas, Arthur Bernardes, apresentou o potencial siderúrgico do estado, a fim de atrair investidores europeus para o mercado mineiro. Pouco tempo depois da visita de Alberto I, o grupo belgo-luxemburguês ARBED (Aciéries Réunies de Burbach-Eich-Dudelange) enviou missão técnica a Minas Gerais, que constatou a possibilidade do grupo se associar a uma empresa brasileira já existente e, a partir daí, ampliar o negócio. Assim, em 11 de dezembro de 1921, a Companhia Siderúrgica Mineira realizou uma assembléia de acionistas para aumentar seu capital, que seria subscrito pela ARBED. Com isso, a Companhia Siderúrgica Mineira passava a se denominar Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. No programa inicial da nova empresa, previa-se transformar Sabará em uma usina piloto, destinada a prospectar e experimentar a operação de uma grande usina no Brasil, treinando pessoal e possibilitando o melhor conhecimento das matérias-primas nacionais e de toda a logística operacional, abrindo caminho para aquele que já se delineava como o grande salto da Companhia - a construção, em Monlevade, de uma moderna usina siderúrgica, sem precedentes na história do país.

O desempenho da usina piloto de Sabará não foi o esperado pelos investidores, pois o ramal ferroviário necessário para a sua operação não tinha sido construído. Entre 1926 e 1927 as atividades da usina de Sabará foram paralisadas. Foi quando o grupo belga resolveu enviar ao Brasil o engenheiro Louis Ensch, que assumiu a chefia da usina, solicitou novos equipamentos e melhorou a qualidade do produto.

Nos anos seguintes, a usina Siderúrgica passou por um grande desenvolvimento, impulsionada também pelo incremento da indústria nacional, a partir dos anos 30. O presidente Getúlio Vargas tinha especial interesse pelo desenvolvimento industrial e, em 1931, reafirmou sua posição quando, em visita a Minas Gerais, se comprometeu a promover a ligação ferroviária entre a Estrada de Ferro Central do Brasil e a Vitória-Minas para viabilizar a usina na região da antiga fazenda de Monlevade.

Em 1935, foi inaugurado o ramal ferroviário de Santa Bárbara e, dois anos mais tarde, foi lançada a pedra fundamental da nova usina em Monlevade. A implantação da Usina demandou a construção de toda uma cidade em torno do antigo Solar Monlevade, bem como vários outros núcleos pelo vale do rio Doce, para viabilizar o manejo das matas naturais e de eucalipto para carvoejamento.

A partir de meados da década de 1950, com a presidência de Juscelino Kubitschek, a demanda por aço determinou um período de notável expansão da Belgo. Entre os anos 60 e 70, a Belgo passou a um novo patamar empresarial. Novos conceitos administrativos levaram à profissionalização, cujo resultado mais visível foi a emancipação da cidade de João Monlevade. Também foram adotadas novas estratégias de negócio, com maior ênfase na tecnologia, no marketing e, principalmente, definiu-se como foco principal dos investimentos a área de trefilaria.

Nos anos 80 e 90, a Belgo voltou a rever posições, adquirindo o controle ou participação em várias empresas siderúrgicas e metalúrgicas e, ainda, ampliando a política de associações. Consolidou-se, assim, o desenho corporativo, com várias empresas integradas sob uma *holding*, a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira.

A década de 1990 foi, assim, um período de grandes mudanças. Na área tecnológica, a Belgo buscou atualizar sua estrutura produtiva, o que se refletiu, entre outros, na inauguração de um moderno trem de



laminação em Monlevade, responsável por sucessivos ganhos de qualidade do fio-máquina. Também investiu na mudança dos cinco altos-fornos daquela usina, que funcionavam a carvão vegetal, substituindo-os por apenas um, de grande capacidade produtiva, inaugurado no ano 2000 e que opera com coque metalúrgico.

Esse rearranjo permitiu que a Belgo se tornasse uma importante transnacional, adquirindo participação em importantes empresas siderúrgicas na Argentina, Chile, Peru e Canadá. A entrada direta em negócios internacionais transformou a Belgo em peça-chave no processo de globalização da ARBED, que em 2001 se uniu à francesa Usinor e à espanhola Aceralia para criar a ARCELOR, gigante do setor siderúrgico mundial.

Os quadros de Carlos Bracher, atualmente, fazem parte do acervo Espaço Cultural da Belgo de Sabará, com exceção do segundo, que pertence ao acervo particular do Sr. Álvaro Saldanha Machado e que se encontra somente armazenado no Espaço Cultural. Os três primeiros quadros foram pintados em 1992, e o quarto, em 1993. As obras foram doadas pelo artista à Fundação Belgo para compor o seu acervo e, desde o ano de 2000, fazem parte do Espaço Cultural da empresa, por dispor de um melhor acondicionamento.

Carlos Bernardo Bracher nasceu em 1940, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Frequentou a Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras, em sua cidade natal, até 1959. Entre os anos de 1965 e 1966, estudou na Universidade Federal de Minas Gerais, formando-se pintor, desenhista, escultor e gravador. Teve contato com as técnicas de mural e mosaico através de Inimá de Paula, na Escola Municipal de Belas Artes. Em 1967, recebeu o prêmio de viagem ao exterior do Salão Nacional de Belas Artes - SNBA do Rio de Janeiro.

Após fixar-se em Paris e Lisboa durante alguns anos, retorna ao Brasil, em meados de 1970, e reside em Ouro Preto. Em 1989, realizou a exposição retrospectiva de seus 30 anos de trabalho, intitulada Pintura Sempre, em São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte. No ano seguinte, pintou uma série de quadros em homenagem ao centenário da morte do pintor holandês Vincent van Gogh, que foi exposta em várias galerias e museus no Brasil e no exterior.

Seu nome está registrado na história da arte moderna brasileira por ter representado em suas telas não apenas as formas das paisagens urbanas, mas toda a emotividade contida em cada esquina, em cada edificação, em cada traço. Sua dramaticidade ao retratar os contornos urbanos de Minas faz de suas obras verdadeiros registros históricos e artísticos de uma época.

Não foram registradas intervenções sofridas pelas peças.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASHBERY, John; et al. *Dicionário da Pintura Moderna*. São Paulo: Hemus, 1981.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: CADERNO de Diretrizes Museológicas I. 2ed. Brasília/Belo Horizonte: Ministério da Cultura/ IPHAN/ Departamento de Museus e Centros Culturais/ Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006.

CARLOS Bracher. *Itaú Cultural*. Disponível em: <www.itaucultural.org.br>. Acesso em julho de 2007.

CARLOS Bracher. *Pintura brasileira*. Disponível em: <www.pinturabrasileira.com/artistas>. Acesso em julho de 2007.

Entrevista realizada com Gilvânia Tavares Rocha, responsável técnica pelo Espaço Cultural da Fundação Belgo-Arcelor Brasil, por Flávia Melo em 26 de junho de 2007.

EXPRESSIONISMO. *Itaú Cultural*. Disponível em: <www.itaucultural.org.br>. Acesso em julho de 2007.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12 ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

MEMÓRIA Belgo. Nossa história se constrói todos os dias. Folheto. Março, 2004.

NÚCLEO Central. A História da Belgo. No prelo.

SILVEIRA, Victor. *Minas Gerais em 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES.

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /

Data: jun a jul 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 247 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 30

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. ACERVO:
Fundação Belgo – Cassino

4. DESIGNAÇÃO:
Vasos de Yara Tupynambá

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada e Particular: Fundação Belgo-Arcelor Brasil

6. ENDEREÇO:
Rua da Ponte, 12, Siderúrgica – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:
Leonardo Gloor
Avenida dos Andradas, 1093, Santa Efigênia – Belo Horizonte - MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Sala de exposições

9. ESPÉCIE:
Utensílios domésticos; Objetos ornamentais

10. ÉPOCA:
Década 1980 / Década 1990

11. AUTORIA:
Yara Tupynambá

12. ORIGEM:
Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:
Yara Tupynambá

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Porcelana; Cerâmica / Modelagem; Pintura; Queima

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não possui



16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



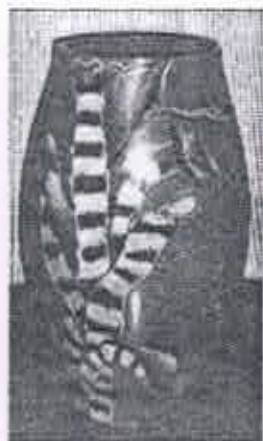
Vaso 1 de Yara Tupinambá, pertencente ao acervo do Espaço Cultural da Belgo de Sabará
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007

Vaso 2 de Yara Tupinambá, pertencente ao acervo do Espaço Cultural da Belgo de Sabará
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Vaso 3 de Yara Tupinambá, pertencente ao acervo do Espaço Cultural da Belgo de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007

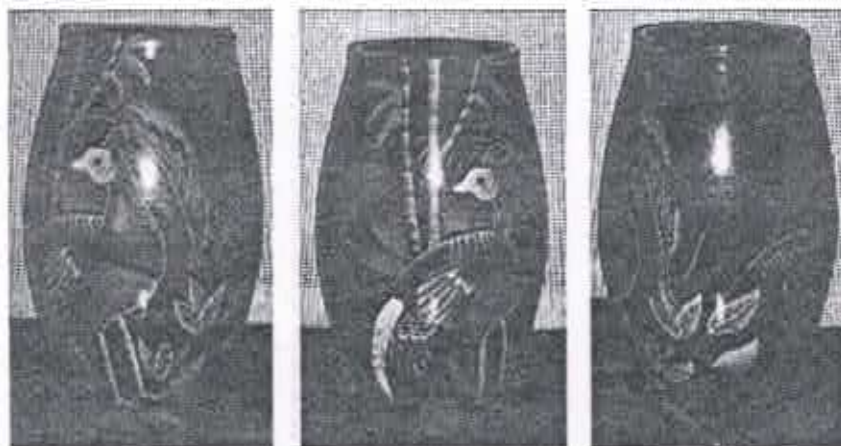
Vaso 4 de Yara Tupinambá, pertencente ao acervo do Espaço Cultural da Belgo de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Vaso 5 de Yara Tupinambá, pertencente ao acervo do Espaço Cultural da Belgo de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Vaso 6 de Yara Tupinambá, pertencente ao acervo do Espaço Cultural da Belgo de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo. Data: junho/2007



17. DESCRIÇÃO:

O primeiro vaso, confeccionado em porcelana, possui um formato abaulado em sua porção superior, com estreitamento em sua base. Apresenta borda afilada e levemente revirada, coberta por tampo em formato de chapéu. É ornamentada com pintura de flores de dente-de-leão e borboletas, em tons amarelo, laranja, vermelho e branco (borboletas e flores), várias tonalidades de verde (vegetação), sobre fundo verde musgo.

O segundo vaso, confeccionado em cerâmica, possui formato cilíndrico, com arremate superior bojudo. É ornamentado com ramos de flores avermelhadas dispostas em cacho e folhas cordiformes, semelhantes às aráceas, em tons esverdeados e centro avermelhado, sobre fundo arroxeadado. Parte interna com camada pictórica uniforme, em tom de violeta.

O terceiro vaso possui formato cilíndrico longo, com estrangulamento brusco na borda, formando um pequeno bocal. Confeccionado em porcelana, apresenta arranjo floral de helicônia vermelha, com folhagem longa e delgada em vários tons de verde, sobre fundo verde musgo.

Os três últimos vasos são confeccionados em porcelana e possuem formato abaulado em sua porção central, com estreitamento em sua base e leve afunilamento de sua borda.

O quarto vaso é ornamentado com arranjo floral de helicônia vermelha, com vasta folhagem, longa e delgada, em vários tons de verde, sobre fundo verde musgo.

O quinto vaso apresenta como ornamentação arranjo floral de flor-de-seda roxa, com base vermelha, e folhagem listada e ondulante com tonalidades diferentes de verde e vermelho, sobre fundo verde folha.

O sexto vaso possui ornamentação composta por ave multicolorida que assemelha-se a um faisão, em primeiro plano; vegetação rasteira diversificada e caules de palmeiras em tons de verde, em segundo plano; e, em último plano, raionado avermelhado, semelhante a um pôr-do-sol, sobre fundo verde musgo.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

As peças se encontram em boas condições de segurança, não apresentando riscos de evasão ou dano.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Medidas referentes ao primeiro vaso:

Altura: 43 cm

Diâmetro: 20 cm

Medidas referentes aos três últimos vasos:

Altura: 52 cm

Diâmetro: 30 cm

Medidas referente ao segundo vaso:

Altura: 30 cm

Diâmetro: 15 cm

Medidas referentes ao terceiro vaso:

Altura: 80 cm

Diâmetro: 20 cm



21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

As peças se encontram em ótimo estado de conservação, com exceção do segundo vaso, que está em bom estado.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Os vasos não apresentam avarias. Somente o segundo vaso possui algumas pequenas rachaduras em sua borda, necessitando de uma pequena intervenção técnica.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA:

Sem intervenções.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Os vasos foram confeccionados em porcelana modelada e pintada, com exceção do segundo vaso, fabricado a partir da modelagem da cerâmica. Após a pintura, as peças passaram pelo processo de queima, para fixação da tinta.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Os vasos são de autoria de Yara Tupynambá, artista plástica mineira reconhecida mundialmente por seus trabalhos de pintura, desenho e gravura, que apresentam claras influências cubo-expressionistas. Retratando elementos da natureza, a artista evidencia a influência do expressionismo em seu trabalho, através da preocupação com a representação realista e minuciosa, de aparência quase fotográfica, e do uso de cores e traços firmes, que propõem novas formas e novos ritmos plásticos.

Os vasos da artista também apresentam em sua composição uma estreita ligação com a terra mineira – ou mais precisamente brasileira –, marca essencial dos artistas que seguem o ensinamento Ilrico de Guignard. A temática marcadamente tropical, representada por elementos da fauna e da flora brasileira, com cores vibrantes e traços precisos, caracteriza bem a obra da artista.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

Os vasos de Yara Tupynambá representam elementos da fauna e da flora tipicamente brasileiras, através de uma ave multicolorida e de flores ornamentais, como a flor-de-seda, o dente-de-leão, as aráceas e as helicônias, e compõem um conjunto de peças que simbolizam o tropicalismo nacional.

27. DADOS HISTÓRICOS:

Desde o início da colonização do Brasil, atividades de exploração mineratória foram desenvolvidas. Durante o século XVI, foram realizadas várias buscas por jazidas de metais preciosos, que se mostraram mal-sucedidas. No entanto, o solo brasileiro se mostrou rico em outros minérios, menos nobres, o que proporcionou a implantação de pequenas e rudimentares fábricas de ferro, que produziam, em geral, equipamentos e utensílios destinados às atividades agrícolas e mineradoras.

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. A exploração de metais preciosos exerceu importantes efeitos na Metrópole e na Colônia, tornando-se a principal atividade econômica durante todo o século XVIII. Com a decadência das atividades mineratórias, a exploração do ferro começou a ganhar importância no século XIX, ao lado da agropecuária.

No final do século XIX, o Brasil observava uma próspera atividade industrial que, por sua vez, impulsionou o debate sobre a necessidade de estimular a siderurgia, já que o aço era insumo básico à indústria. Na década de 1890 se iniciaram as obras de construção da Estrada de Ferro Central do Brasil na cidade de Sabará, que, por localizar-se próxima à recente capital do Estado, a estrada de ferro adquiriu grande importância política e estratégica, e contribuiu para a alteração da vida na cidade.

Em 1907, foi criado o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, formado por especialistas em grande parte egressos da Escola de Minas de Ouro Preto, com o objetivo de realizar o levantamento do potencial das reservas de minerais do país. Esse grupo realizou amplo estudo sobre as jazidas ferríferas do Brasil, que foi apresentado em 1910, durante o X Congresso Geológico Internacional, realizado em Estocolmo, Suécia. Desde então, investidores de várias partes do mundo passaram a adquirir terras em Minas Gerais.

A efetivação da mudança na vocação econômica de Sabará viria no ano de 1917. As jazidas de ouro de Minas Gerais estavam esgotadas e o crescimento do setor industrial do Brasil demandava novas iniciativas.



Foi quando três engenheiros recém-formados pela Escola de Minas de Ouro Preto, Amaro Lanari, Cristiano Guimarães e Gil Gualtimosin, uniram seus conhecimentos ao capital do banqueiro Sebastião Augusto de Lima e do industrial Américo Teixeira Guimarães e criaram, em Sabará, a Companhia Siderúrgica Mineira. Mas as condições internacionais desfavoráveis (vivia-se então o auge da Primeira Guerra Mundial) atrasaram a instalação da siderurgia, que só teve o seu projeto implantado a partir de 1920.

Em 1920, por ocasião da visita do Rei Alberto I, da Bélgica, ao Brasil, o então Presidente de Minas, Arthur Bernardes, apresentou o potencial siderúrgico do estado, a fim de atrair investidores europeus para o mercado mineiro. Pouco tempo depois da visita de Alberto I, o grupo belgo-luxemburguês ARBED (Aciéries Réunies de Burbach-Eich-Dudelange) enviou missão técnica a Minas Gerais, que constatou a possibilidade do grupo se associar a uma empresa brasileira já existente e, a partir daí, ampliar o negócio. Assim, em 11 de dezembro de 1921, a Companhia Siderúrgica Mineira realizou uma assembléia de acionistas para aumentar seu capital, que seria subscrito pela ARBED. Com isso, a Companhia Siderúrgica Mineira passava a se denominar Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. No programa inicial da nova empresa, previa-se transformar Sabará em uma usina piloto, destinada a prospectar e experimentar a operação de uma grande usina no Brasil, treinando pessoal e possibilitando o melhor conhecimento das matérias-primas nacionais e de toda a logística operacional, abrindo caminho para aquele que já se delineava como o grande salto da Companhia - a construção, em Monlevade, de uma moderna usina siderúrgica, sem precedentes na história do país.

O desempenho da usina piloto de Sabará não foi o esperado pelos investidores, pois o ramal ferroviário necessário para a sua operação não tinha sido construído. Entre 1926 e 1927 as atividades da usina de Sabará foram paralisadas. Foi quando o grupo belga resolveu enviar ao Brasil o engenheiro Louis Ensch, que assumiu a chefia da usina, solicitou novos equipamentos e melhorou a qualidade do produto.

Nos anos seguintes, a usina Siderúrgica passou por um grande desenvolvimento, impulsionada também pelo incremento da indústria nacional, a partir dos anos 30. O presidente Getúlio Vargas tinha especial interesse pelo desenvolvimento industrial e, em 1931, reafirmou sua posição quando, em visita a Minas Gerais, se comprometeu a promover a ligação ferroviária entre a Estrada de Ferro Central do Brasil e a Vitória-Minas para viabilizar a usina na região da antiga fazenda de Monlevade.

Em 1935, foi inaugurado o ramal ferroviário de Santa Bárbara e, dois anos mais tarde, foi lançada a pedra fundamental da nova usina em Monlevade. A implantação da Usina demandou a construção de toda uma cidade em torno do antigo Solar Monlevade, bem como vários outros núcleos pelo vale do rio Doce, para viabilizar o manejo das matas naturais e de eucalipto para carvoejamento.

A partir de meados da década de 1950, com a presidência de Juscelino Kubitschek, a demanda por aço determinou um período de notável expansão da Belgo. Entre os anos 60 e 70, a Belgo passou a um novo patamar empresarial. Novos conceitos administrativos levaram à profissionalização, cujo resultado mais visível foi a emancipação da cidade de João Monlevade. Também foram adotadas novas estratégias de negócio, com maior ênfase na tecnologia, no marketing e, principalmente, definiu-se como foco principal dos investimentos a área de trefilaria.

Nos anos 80 e 90, a Belgo voltou a rever posições, adquirindo o controle ou participação em várias empresas siderúrgicas e metalúrgicas e, ainda, ampliando a política de associações. Consolidou-se, assim, o desenho corporativo, com várias empresas integradas sob uma *holding*, a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira.

A década de 1990 foi, assim, um período de grandes mudanças. Na área tecnológica, a Belgo buscou atualizar sua estrutura produtiva, o que se refletiu, entre outros, na inauguração de um moderno trem de laminação em Monlevade, responsável por sucessivos ganhos de qualidade do fio-máquina. Também investiu na mudança dos cinco altos-fornos daquela usina, que funcionavam a carvão vegetal, substituindo-os por apenas um, de grande capacidade produtiva, inaugurado no ano 2000 e que opera com coque metalúrgico.

Esse rearranjo permitiu que a Belgo se tornasse uma importante transnacional, adquirindo participação em importantes empresas siderúrgicas na Argentina, Chile, Peru e Canadá. A entrada direta em negócios internacionais transformou a Belgo em peça-chave no processo de globalização da ARBED, que em 2001 se uniu à francesa Usinor e à espanhola Aceralia para criar a ARCELOR, gigante do setor siderúrgico mundial.

Os vasos de Yara Tupynambá fazem parte, atualmente, do acervo Espaço Cultural da Belgo de Sabará, e foram pintados entre o final da década de 1980 e o início da de 1990. As obras foram doadas pela artista à Fundação Belgo, logo após a sua conclusão, para compor o seu acervo e, desde o ano de 2000, fazem



parte do Espaço Cultural da empresa, por dispor de um melhor acondicionamento. Não foram registradas intervenções sofridas pelas peças.

Yara Tupynambá Gordilho Santos nasceu na cidade mineira de Montes Claros, em 1932. Em 1950, iniciou seus estudos de arte com Guignard, em Belo Horizonte, e, em 1954, começou a estudar gravura com Misabel Pedrosa. Mais tarde, aperfeiçoou suas técnicas no Rio de Janeiro, com Oswaldo Goeldi. Coursou a Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e, em 1967, defendeu tese sobre Albert Dürer. No ano seguinte, passou a lecionar gravura na mesma universidade. Dedicou-se à gravura, especialmente sobre madeira, preferindo o preto e branco à gama de cores. Em telas a óleo pinta congados, cavalhadas e violeiros, temas referentes a sua adolescência, e as andanças pelo interior do estado de Minas Gerais. Foi convidada a fazer um mural sobre a inconfidência mineira na reitoria da UFMG, inaugurado em 1969, e posteriormente tornou-se diretora da Escola de Belas Artes da mesma universidade. Na década de 1970, realizou diversos murais para residências, estabelecimentos comerciais e órgãos públicos, como o Minas, do século XVII ao século XX, feito para a Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Executou um mural na Igreja Matriz na cidade de Ferros, Minas Gerais, no qual retratou Adão e Eva nus, fato que causou polêmica, obrigando o prefeito a colocar a obra no seguro. Pesquisou as pinturas do século XVIII em igrejas de Ouro Preto e Sabará, produzindo desenhos realizados sobre arcos e baús, e retratando cenas da época e símbolos como brasões. Liderou o Atelier Vivo na Bienal Nacional de São Paulo, em 1974, onde mostrou uma pesquisa realizada na área educacional e com estandartes. Recebeu bolsa de estudos do *Pratt Institute* e viajou para Nova York (Estados Unidos). Retornou a Belo Horizonte e tornou-se assessora cultural da Empresa Mineira de Turismo - Turminas, além de ser responsável pela implantação de um programa do Ministério do Trabalho para requalificação do artesanato no estado de Minas Gerais. Em 1992, recebeu o título de Cidadã Honorária de Belo Horizonte do governo de Minas Gerais. Foi escolhida pela crítica diversas vezes como destaque das artes, além de homenageada com poemas, como fez Carlos Drummond de Andrade ao escrever o poema *Exposição sobre a artista*.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ASHBERY, John; et all. *Dicionário da Pintura Moderna*. São Paulo: Hemus, 1981.
CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: CADERNO de Diretrizes Museológicas I. 2ed. Brasília/Belo Horizonte: Ministério da Cultura/ IPHAN/ Departamento de Museus e Centros Culturais/ Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006.
Entrevista realizada com Gilvânia Tavares Rocha, responsável técnica pelo Espaço Cultural da Fundação Belgo-Arcelor Brasil, por Flávia Melo em 26 de junho de 2007.
EXPRESSIONISMO. *Itaú Cultural*. Disponível em: <www.itaucultural.org.br>. Acesso em julho de 2007.
FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
MEMÓRIA Belgo: Nossa história se constrói todos os dias. Folheto. Março, 2004.
NÚCLEO-Central. A História da Belgo. No prelo.
SILVEIRA, Victor. *Minas Gerais em 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.
YARA Tupynambá. *Itaú Cultural*. Disponível em: <www.itaucultural.org.br>. Acesso em julho de 2007.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /
Data: jun a jul 2007
Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007
Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 253 de 335



Bens móveis e integrados: **ficha 31**

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. ACERVO:
Fundação Belgo – Cassino

4. DESIGNAÇÃO:
Tenaz

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada e Particular: Fundação Belgo-Arcelor Brasil

6. ENDEREÇO:
Rua da Ponte, 12, Siderúrgica – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:
Leonardo Gloor
Avenida dos Andradas, 1093, Santa Efigênia – Belo Horizonte – MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Sala do Acervo, estante

9. ESPÉCIE:
Objeto utilitário

10. ÉPOCA:
Década de 1930

11. AUTORIA:
Desconhecida

12. ORIGEM:
Minas Gerais, Sabará

13. PROCEDÊNCIA:
Joaquim Santana

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Ferro / Fundição

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não possui

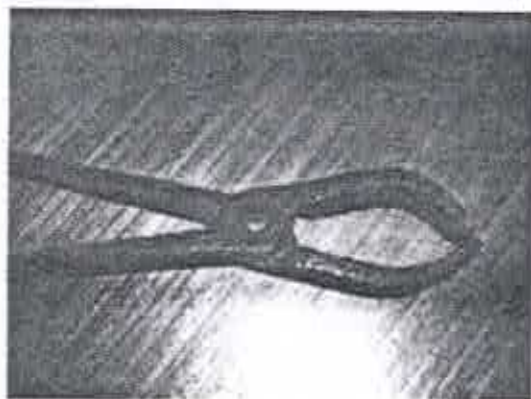
16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



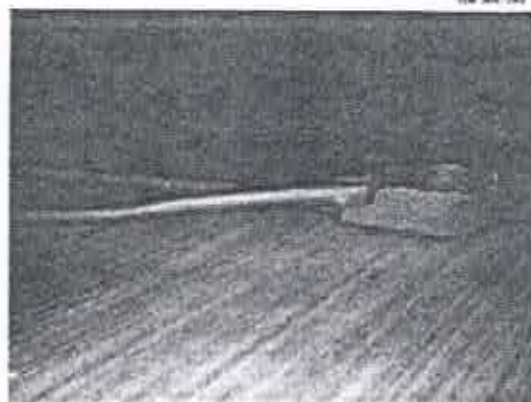
Tenaz, pertencente à Fundação Belgo de Sabará
Fotografia: Acervo da Memória Belgo. Data: junho/2007



Tenaz, pertencente à Fundação Belgo de Sabará
Fotografia: Flávia Melo. Data: junho/2007



Tenaz, pertencente à Fundação Belgo de Sabará. Detalhe da peça.
Fotografia: Flávia Melo. Data: junho/2007.



Tenaz. Visão lateral da peça.
Fotografia: Flávia Melo. Data: junho/2007.

17. DESCRIÇÃO:

Peça confeccionada em ferro, composta por dois segmentos idênticos, unidos por amarração em "x" e parafuso, contendo em uma das extremidades uma pinça e na outra, cabos longos e cilíndricos.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

A peça se encontra em boas condições de segurança, havendo um risco pequeno de evasão ou dano da peça, devido à sua localização.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 4 cm

Largura: 17 cm

Comprimento: 67 cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça se apresenta em bom estado de conservação, possuindo pequenas avarias.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

A peça apresenta pequenos amassados e algum desgaste provocado por ferrugem.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

Não foram encontrados registros de intervenções sofridas pela peça.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Peça confeccionada a partir da fundição do ferro e unida em amarração central por parafuso, também de ferro fundido.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

A peça apresenta em sua composição características rústicas, próprias das ferramentas metálicas produzidas industrialmente, não evidenciando qualquer ornamento.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

A tenaz se caracteriza como uma ferramenta própria para suspensão e/ou transporte de objetos ou metais. Seu formato de pinça possibilita grande precisão na manipulação de peças diversificadas, além de minimizar o uso da força física para a execução de atividades.

Muito utilizada no cotidiano de uma siderurgia, especialmente no início do século XX, a tenaz se configurava numa ferramenta capaz de permitir o contato com objetos quentes, produzidos pela usina.

Durante os primeiros anos de funcionamento da Belgo em Minas Gerais, a tenaz aberta simbolizava a usina siderúrgica, por se caracterizar como um produto confeccionado pela própria empresa, que possuía grande



importância no cotidiano dos trabalhadores da própria Belgo. Desta forma, a tenaz representava o trabalho, a energia, a força motriz e criadora da Belgo.

27. DADOS HISTÓRICOS:

Desde o início da colonização do Brasil, atividades de exploração mineratória foram desenvolvidas. Durante o século XVI, foram realizadas várias buscas por jazidas de metais preciosos, que se mostraram mal-sucedidas. No entanto, o solo brasileiro se mostrou rico em outros minérios, menos nobres, o que proporcionou a implantação de pequenas e rudimentares fábricas de ferro, que produziam, em geral, equipamentos e utensílios destinados às atividades agrícolas e mineradoras.

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. A exploração de metais preciosos exerceu importantes efeitos na Metrópole e na Colônia, tornando-se a principal atividade econômica durante todo o século XVIII. Com a decadência das atividades mineratórias, a exploração do ferro começou a ganhar importância no século XIX, ao lado da agropecuária.

No final do século XIX, o Brasil observava uma próspera atividade industrial que, por sua vez, impulsionou o debate sobre a necessidade de estimular a siderurgia, já que o aço era insumo básico à indústria. Na década de 1890, se iniciaram as obras de construção da Estrada de Ferro Central do Brasil na cidade de Sabará, que, por localizar-se próxima à recente capital do Estado, a estrada de ferro adquiriu grande importância política e estratégica, e contribuiu para a alteração da vida na cidade.

Em 1907, foi criado o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, formado por especialistas em grande parte egressos da Escola de Minas de Ouro Preto, com o objetivo de realizar o levantamento do potencial das reservas de minerais do país. Esse grupo realizou amplo estudo sobre as jazidas ferríferas do Brasil, que foi apresentado em 1910, durante o X Congresso Geológico Internacional, realizado em Estocolmo, Suécia. Desde então, investidores de várias partes do mundo passaram a adquirir terras em Minas Gerais.

A efetivação da mudança na vocação econômica de Sabará viria no ano de 1917. As jazidas de ouro de Minas Gerais estavam esgotadas e o crescimento do setor industrial do Brasil demandava novas iniciativas. Foi quando três engenheiros recém-formados pela Escola de Minas de Ouro Preto, Amaro Lanari, Cristiano Guimarães e Gil Guatimosin, uniram seus conhecimentos ao capital do banqueiro Sebastião Augusto de Lima e do industrial Américo Teixeira Guimarães e criaram, em Sabará, a Companhia Siderúrgica Mineira. Mas as condições internacionais desfavoráveis (vivia-se então o auge da Primeira Guerra Mundial) atrasaram a instalação da siderurgia, que só teve o seu projeto implantado a partir de 1920.

Em 1920, por ocasião da visita do Rei Alberto I, da Bélgica, ao Brasil, o então Presidente de Minas, Arthur Bernardes, apresentou o potencial siderúrgico do estado, a fim de atrair investidores europeus para o mercado mineiro. Pouco tempo depois da visita de Alberto I, o grupo belgo-luxemburguês ARBED (Aciéries Réunies de Burbach-Eich-Dudelange) enviou missão técnica a Minas Gerais, que constatou a possibilidade do grupo se associar a uma empresa brasileira já existente e, a partir daí, ampliar o negócio. Assim, em 11 de dezembro de 1921, a Companhia Siderúrgica Mineira realizou uma assembleia de acionistas para aumentar seu capital, que seria subscrito pela ARBED. Com isso, a Companhia Siderúrgica Mineira passava a se denominar Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. No programa inicial da nova empresa, previa-se transformar Sabará em uma usina piloto, destinada a prospectar e experimentar a operação de uma grande usina no Brasil, treinando pessoal e possibilitando o melhor conhecimento das matérias-primas nacionais e de toda a logística operacional, abrindo caminho para aquele que já se delineava como o grande salto da Companhia - a construção, em Monlevade, de uma moderna usina siderúrgica, sem precedentes na história do país.

O desempenho da usina piloto de Sabará não foi o esperado pelos investidores, pois o ramal ferroviário necessário para a sua operação não tinha sido construído. Entre 1926 e 1927 as atividades da usina de Sabará foram paralisadas. Foi quando o grupo belga resolveu enviar ao Brasil o engenheiro Louis Ensck, que assumiu a chefia da usina, solicitou novos equipamentos e melhorou a qualidade do produto.

Nos anos seguintes, a usina Siderúrgica passou por um grande desenvolvimento, impulsionada também pelo incremento da indústria nacional, a partir dos anos 30. O presidente Getúlio Vargas tinha especial interesse pelo desenvolvimento industrial e, em 1931, reafirmou sua posição quando, em visita a Minas Gerais, se comprometeu a promover a ligação ferroviária entre a Estrada de Ferro Central do Brasil e a Vitória-Minas para viabilizar a usina na região da antiga fazenda de Monlevade.

Em 1935, foi inaugurado o ramal ferroviário de Santa Bárbara e, dois anos mais tarde, foi lançada a pedra fundamental da nova usina em Monlevade. A implantação da Usina demandou a construção de toda uma cidade em torno do antigo Solar Monlevade, bem como vários outros núcleos pelo vale do rio Doce, para



viabilizar o manejo das matas naturais e de eucalipto para carvoejamento.

A partir de meados da década de 1950, com a presidência de Juscelino Kubitschek, a demanda por aço determinou um período de notável expansão da Belgo. Entre os anos 60 e 70, a Belgo passou a um novo patamar empresarial. Novos conceitos administrativos levaram à profissionalização, cujo resultado mais visível foi a emancipação da cidade de João Monlevade. Também foram adotadas novas estratégias de negócio, com maior ênfase na tecnologia, no marketing e, principalmente, definiu-se como foco principal dos investimentos a área de trefilaria.

Nos anos 80 e 90, a Belgo voltou a rever posições, adquirindo o controle ou participação em várias empresas siderúrgicas e metalúrgicas e, ainda, ampliando a política de associações. Consolidou-se, assim, o desenho corporativo, com várias empresas integradas sob uma *holding*, a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira.

A década de 1990 foi, assim, um período de grandes mudanças. Na área tecnológica, a Belgo buscou atualizar sua estrutura produtiva, o que se refletiu, entre outros, na inauguração de um moderno trem de laminação em Monlevade, responsável por sucessivos ganhos de qualidade do fio-máquina. Também investiu na mudança dos cinco altos-fornos daquela usina, que funcionavam a carvão vegetal, substituindo-os por apenas um, de grande capacidade produtiva, inaugurado no ano 2000 e que opera com coque metalúrgico.

Esse rearranjo permitiu que a Belgo se tornasse uma importante transnacional, adquirindo participação em importantes empresas siderúrgicas na Argentina, Chile, Peru e Canadá. A entrada direta em negócios internacionais transformou a Belgo em peça-chave no processo de globalização da ARBED, que em 2001 se uniu à francesa Usinor e à espanhola Aceralia para criar a ARCELOR, gigante do setor siderúrgico mundial.

Em 2000, a Fundação Belgo implantou o Projeto Memória Belgo, composto por uma estrutura que inclui um Núcleo Central, localizado no Cassino de Sabará, e vários núcleos regionais, instalados nas demais unidades Belgo. A Memória Belgo abrange documentos em diferentes materiais, datados desde a fundação da empresa até os dias atuais e relativos a vários aspectos da trajetória do Grupo.

A tenaz é uma peça de grande importância simbólica no Acervo da Memória Belgo. Produzida pela própria empresa por volta da década de 1930, a ferramenta se tornou o símbolo da empresa, por caracterizar o trabalho realizado na usina siderúrgica.

A peça pertencia ao supervisor da fábrica da Belgo de Sabará Joaquim Santana e, por possuir expressiva simbologia, se constituía num elemento decorativo de sua sala. Quando de sua aposentadoria, em 2004, o funcionário doou a peça para a Fundação Belgo. Atualmente, a tenaz está exposta na sala de consulta ao acervo da Memória Belgo. Não foram registradas intervenções na peça.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Entrevista realizada com Isabella Carvalho de Menezes, Gerente de Programas Especiais e responsável técnica pelo arquivo documental da Fundação Belgo-Arcelor Brasil, por Flávia Melo em 20 de junho de 2007.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

MEMÓRIA Belgo. *Nossa história se constrói todos os dias*. Foiheto. Março, 2004.

NÚCLEO Central. *A História da Belgo*. No prelo.

SILVEIRA, Victor. *Minas Gerais em 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /

Data: jun a jul 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. ACERVO:
Teatro Municipal de Sabará

4. DESIGNAÇÃO:
Banco

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Pública: Prefeitura Municipal de Sabará

6. ENDEREÇO:
Rua Dom Pedro II, s/n, Centro – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:
Secretaria de Cultura

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Camarote imperial

9. ESPÉCIE:
Mobiliário – Móvel de descanso

10. ÉPOCA:
1ª metade do século XIX

11. AUTORIA:
Desconhecida

12. ORIGEM:
Desconhecida

13. PROCEDÊNCIA:
Teatro Municipal de Sabará

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Madeira (jatobá?) / Entalhe, encaixe e policromia

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não tem.

16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Banco pertencente ao Teatro Municipal de Sabará
Fotografia: Flávia Melo Data junho/2007



Banco pertencente ao Teatro Municipal de Sabará
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Detalhe das pernas do banco
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Detalhe do encosto do banco.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007

17. DESCRIÇÃO:

Peça em madeira, com espaldar composto por duas traves verticais, com entalhes levemente arredondados em formato de bolacha e taça; na porção inferior, e de seção quadrangular encimada por uma esfera; na porção superior, e uma trave horizontal de linhas retilíneas com dois estrangulamentos próximos às laterais que se une às traves verticais na porção quadrangular superior. O assento é reto, com a parte inferior e pernas frontais quadrangulares, com estrangulamento central e pés estreitos. Apresenta restos de policromia em tom azul.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A localização da peça permite o acesso ao público de forma restrita, o que oferece algum risco de dano ao bem.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 116cm
Largura: 123cm
Profundidade: 40cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular, necessitando de intervenção técnica para a sua restauração.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça apresenta algumas avarias, como arranhões, sujidades generalizadas, perda do assento original, desgaste da madeira e da coloração, perfuração irregular por pregos e incrustação de cupins no assento.

23. INTERVENÇÕES. RESPONSÁVEL/DATA

Na década de 1970, a edificação passou por uma reforma estrutural, sob orientação do arquiteto Luciano A. Péret⁸⁰.

Não foram encontrados registros de intervenções na peça. Porém, o assento original do banco foi trocado por outro, de madeira mais simples, possivelmente na década de 1970, quando da reforma do edifício.

⁸⁰ CARRAZZONI, 1987



24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Peça entalhada em madeira, possivelmente jatobá, encaixada e policromada em azul. O assento apresenta características de outra espécie de madeira, mais simples e sem policromia, e foi afixado à peça por pregos.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

A presença de entalhes na peça e o uso de formas simplificadas e levemente arredondadas se constituem em características comuns no século XIX, principalmente na primeira metade. O banco apresenta a policromia em tom azulado, presente em outras peças e elementos estruturais do teatro.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

Segundo relatos orais, o banco foi utilizado por Dom Pedro I e sua esposa durante uma apresentação teatral, por ocasião de sua visita à cidade de Sabará. Tal fato originou o nome de camarote imperial ao local onde se encontrava o banco.

Atualmente, o banco continua localizado no camarote imperial, tal qual estivera em 1831.

27. DADOS HISTÓRICOS:

Muito embora seja acertado supor as mais variadas atividades teatrais em Minas Gerais na primeira metade do século XVIII, somente a partir de 1780 é que surgiram os registros referentes à existência de função teatral na Villa Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará. Até então, tais atividades eram realizadas em "curros" destinados a cavalhadas e contradança e "tablados" destinados às representações de Ópera e Drama.

Curiosamente, no momento em que a extração do ouro entrou em declínio, Sabará esforçou-se por igualar sua vida cultural a de outras vilas mineiras. A 2 de julho de 1819, por ocasião das festas comemorativas do nascimento da Sereníssima Infanta Dona Maria da Glória, Princesa da Beira, foi inaugurado o Teatro de Sabará. A construção do teatro, erguido na propriedade do alferes Francisco da Costa Soares, sofreu a influência dos teatros da época da rainha da Inglaterra, Elizabeth I, e, por esta razão, o teatro de Sabará ficou também conhecido como "Teatro Elizabetano".

Em seu palco foram representadas peças clássicas como Romeu e Julieta, Otelo e Desdêmona, Cleópatra e Fausto, tendo passado pelo Teatro várias companhias nacionais e estrangeiras. As noites de gala se tornaram verdadeiros acontecimentos em Sabará, reunindo muitas figuras ilustres da Província. Em 1831, o Teatro recebeu a visita do Imperador D. Pedro I, que objetivava fortalecer sua posição política, que se tornara insustentável.

"a carruagem desce vagarosamente a Rua Direita. Dentro, o senhor Pedro I, Imperador e Libertador do Brasil, A seu lado, linda, Dona Amélia de Beauharnais, Duquesa de Leuchtenberg, Imperatriz do Brasil. O cocheiro para defronte ao Teatro de Sabará, então chamado do Casa de Ópera. A fidelíssima nobreza de Sabará aguarda a chegada dos soberanos. O Barão de Catas Altas aproxima-se de Dom Pedro de Bragança e, com uma reverência, conduz o real casal ao beija-mão. Dom Pedro e o Barão dirigem-se para a escada que conduz ao segundo piso, onde fica o camarote real. Na platéia, escravos e soldados prontos a atender, a qualquer instante, os desejos de Suas Majestades. Todos os camarotes repletos. No primeiro andar os pequenos comerciantes. A nobreza e os ricos no segundo, ao lado das autoridades. Timidas donzeias escondem o rosto sob leques emplumados. Nas mãos das senhoras faiscavam diamantes, cravados no ouro das Minas Gerais. A comitiva entra no camarote. Alto e elegante o Senhor Dom Pedro espera a aclamação. De repente, alguém levanta-se e saúda - Viva o Imperador. Pobres e ricos, senhores e escravos bradam em resposta "enquanto for constitucional". O Imperador não dá mostras de nervosismo. Assenta-se. Apagam-se os tocheiros laterais. Acende-se a ribalta. A cortina vai se abrindo lentamente. Começa a representação."⁸¹

O Imperador Dom Pedro I retornou ao Rio de Janeiro e abdicou em favor de seu filho Dom Pedro II, que, em 1881, como Imperador do Brasil, visita o Teatro de Sabará.

Durante o século XIX, somente algumas localidades, como Ouro Preto, Diamantina, São João Del Rey e Sabará, possuíam edificações apropriadas para as apresentações teatrais, e, desta forma, tinham o privilégio de receber os artistas. A posse de um teatro na cidade era motivo de orgulho intenso para a população. Sabará era uma cidade muito receptiva às artes e carregava a fama de possuir um público generoso, composto por famílias, estudantes, crianças e os "filhos da boa sociedade mineira"⁸².

Os artistas, por sua vez, exerciam um grande fascínio sobre a população e se localizavam entre o humano e o divino no imaginário dos expectadores.

⁸¹ ALMEIDA, 1999

⁸² DUARTE, 1995



“Os homens não se preocupavam em disfarçar a paixão despertada pelas atrizes. Os galãs também dominavam a imaginação das recatadas senhoritas e senhoras. Não apenas o espaço físico da cidade era invadido, mas as relações entre os habitantes eram contagiadas pela irreverência e por tudo de diferente que aqueles salimbancos representavam”⁸³.

O Teatro de Sabará também foi palco para manifestações políticas no século XIX, que envolvia discussões calorosas sobre a questão escravista.

No final do século XIX o palco do teatro começou a perder seu brilho. O cinema chegou à cidade e o Velho Teatro de Sabará transformou-se em Cine-Teatro. No entanto, o equipamento defasado não era adequado às novas produções, que exigiam um novo sistema de áudio e projeção. Além disso, a mudança da capital de Minas Gerais, em 1897, fez concentrar a vida cultural em Belo Horizonte e o teatro fechou suas portas.

Na década de 1970, a edificação passou por uma reforma estrutural que lhe garantiu os aspectos originais, sob orientação do arquiteto Luciano A. Péret⁸⁴. Desde então, sua administração vinculou-se ao Estado através da Fundação Clóvis Salgado. Em 1983, dada suas precárias condições em que se encontrava, o teatro passou por uma nova reforma.

Em 9 de julho de 1987, através da Lei Estadual nº 9.415, o Teatro de Sabará foi reintegrado ao Patrimônio do Município, passando a ser gerido pela Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. A partir de então, a manutenção preventiva vem sendo realizadas periodicamente na edificação, com a finalidade de conservar suas características arquitetônicas. Em 1999, através do Decreto nº 484, o Teatro foi tombado pela Prefeitura Municipal de Sabará. Em 2006, foi instalado um sistema de segurança e combate a incêndios no Teatro, juntamente com outras várias edificações de Sabará.

Atualmente, diversificadas atividades culturais são promovidas no Teatro Municipal de Sabará, tais como peças teatrais, shows acústicos, concertos e espetáculos de dança.

O banco pertencente ao Teatro Municipal de Sabará possui características estilísticas próprias da primeira metade do século XIX, que sugerem que sua confecção é contemporânea à edificação onde se encontra.

Segundo relatos orais, o banco foi utilizado por Dom Pedro I e sua esposa durante uma apresentação teatral, por ocasião de sua visita à cidade de Sabará em 1831. Tal fato originou o nome de camarote imperial ao local onde se encontrava o banco. Atualmente, o banco continua localizado no camarote imperial, sendo permitida a sua utilização durante as apresentações no teatro.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, Eustáquio Zarlei Starling de. O Teatro de Sabará. Sabará: Prefeitura Municipal de Sabará, 1999.
CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
CANTI, Tilde. *O móvel no Brasil: origens, evolução e características*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1999.
CARRAZZONI, Maria Elisa (coord.). *Guia dos bens tombados no Brasil*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1987.
DUARTE, Regina Horta. *Noites circenses: Espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: UNICAMP, 1995.
Entrevista realizada com Luiz Carlos Vieira, funcionário do Teatro Municipal de Sabará.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /
Data: jun a jul 2007
Elaboração: Flávia Melo (hist) / **Data:** jul a ago 2007
Revisão: Memória Arquitetura / **Data:** mar 2008

⁸³ Idem, p. 36.

⁸⁴ CARRAZZONI, 1987.



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 261 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 33

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. ACERVO:
Santa Casa de Misericórdia de Sabará

4. DESIGNAÇÃO:
Arcaz

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada Particular: Santa Casa de Misericórdia

6. ENDEREÇO:
Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:
Dr. Mário de Lima Guerra
Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará
Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Sala de reunião

9. ESPÉCIE:
Mobiliário – Móvel de guarda

10. ÉPOCA:
Final do século XVIII

11. AUTORIA:
Desconhecida

12. ORIGEM:
Minas Gerais

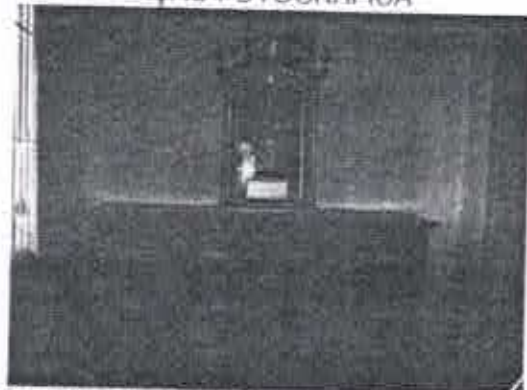
13. PROCEDÊNCIA:
Fazenda Jaguará

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Madeira / Entalhe, recorte e encaixe
Metal / fundição

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não tem.



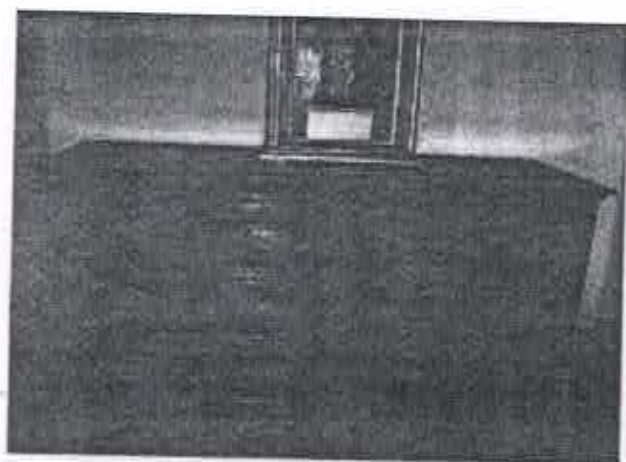
16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Arcas pertencente à Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data junho/2007



Detalhe do puxador em metal do arcaz.
Fotografia: Flávia Melo Data junho/2007



Arcas pertencente à Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data junho/2007



Detalhe das almofadas da lateral do arcaz.
Fotografia: Flávia Melo Data junho/2007

17. DESCRIÇÃO:

Peça em madeira, de formato retangular, com nove gavetas, também retangulares, sendo três gavetas ao centro, mais largas, com almofadas duplas, e dois conjuntos de três gavetas mais estreitas nas laterais esquerda e direita. As almofadas são retangulares, com losangos entalhados ao meio, e os puxadores de metal rendilhado. Não apresenta pés.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A localização da peça permite o acesso ao público de forma restrita, o que oferece algum risco de dano ao bem.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 120cm

Largura: 295cm

Profundidade: 95cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular, necessitando de intervenção técnica para a sua restauração.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

A peça apresenta algumas avarias, como arranhões, rachaduras, desgaste da madeira, descolamento de almofadas, perfuração irregular por pregos, incrustação de cupins e sujidades generalizadas.



23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

A Santa Casa de Misericórdia de Sabará passou por uma reforma estrutural durante a década de 1920, devido ao desabamento de algumas paredes da edificação. No início da década seguinte, o hospital foi ampliado com a instalação de uma maternidade, com os recursos da Belgo Mineira. Desde então, a edificação tem passado por um processo de manutenção preventiva.

Em 2006, foi instalado na Santa Casa um sistema de segurança e combate a incêndios.

Atualmente, o hospital está passando por um processo de reforma, com a reconstrução do bloco cirúrgico, da lavanderia e das alas masculina e infantil; e de modernização, através da capacitação de seus funcionários e da informatização dos setores.

Não foram encontrados registros de intervenções específicas na peça.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Peça entalhada em madeira, recortada e encaixada, com puxadores de metal fundido.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

A grande simplicidade da peça, expressa em seu formato retilíneo, bem como o uso de madeira nobre maciça, evidenciam uma influência do estilo da confecção própria do século XVIII.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

O arcaz é um móvel muito utilizado para a guarda de paramentos litúrgicos, e, por vezes, alguns outros objetos utilizados durante as celebrações religiosas. Geralmente localiza-se na sacristia de igrejas, capelas e conventos. Por vezes, o arcaz é utilizado como móvel de guarda de outros objetos, de uso regular.

27. DADOS HISTÓRICOS:

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. Preocupada com o enorme aumento populacional em sua colônia e com o possível extravio do ouro, a Coroa Portuguesa tomou medidas para manter o controle social sobre a região, edificando, desde a década de 1710, as primeiras vilas e divisões administrativas correspondentes. O Estado Absolutista português também impôs à Capitania a proibição da entrada e da fixação de ordens religiosas no novo território, o que provocou o surgimento de diversas irmandades, constituídas por leigos, responsáveis pela contratação de religiosos para a prática de ofícios sacros e pela construção de templos, proferindo em Minas Gerais a fé católica.

A região de Sabarabuçu foi uma das primeiras áreas devassada e ocupada por aventureiros que seguiram os rios São Francisco e das Velhas no final do século XVII, guiados por seus propósitos expansionistas e exploratórios. A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição foi instituída em 1701 e o primeiro templo foi erguido nesta época, estruturado em barro e madeira, para atender às necessidades do Arraial da Barra do Sabará, devido à atividade mineratória que se firmava.

Em 1702, o Arraial já era considerado o mais populoso de Minas Gerais. Sua constituição se deu através da grande extração de madeira das densas florestas às margens dos rios das Velhas e Sabará pelos primeiros moradores para a construção de casarões, pontes e igrejas. Estas áreas desmatadas foram utilizadas para a plantação de lavouras diversas.

Com a expansão do Arraial, a igreja primitiva cedeu espaço à atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e inaugurada em 1710. O Arraial da Barra do Sabará foi elevado à categoria de Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará em 17 de julho de 1717, englobando outros arraiais como o Cural Del Rey, atual Belo Horizonte.

A Vila Real de Nossa Senhora da Conceição foi um dos maiores centros de exploração de ouro no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, o que proporcionou o enriquecimento de inúmeras pessoas, a exemplo do Capitão Antônio de Abreu Guimarães, proprietário das Fazendas Jaguará, Vargem Comprida, Mocambo, Riacho D'Anta, Pau de Cheiro, Forquilha, Mello e Barra do Rio Mello, além de engenhos, fábricas, casas, escravos, gados, criações e muitas terras minerais, e instituidor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará. Sua enorme fortuna adveio não apenas da extração do ouro, mas também da sonegação do quinto e do contrabando de diamantes.

Por determinação do Alvará Régio de 23 de novembro de 1787, o Capitão Antônio de Abreu Guimarães teve todos os bens vinculados à Coroa Portuguesa, tornados inalienáveis e seus rendimentos destinados a



obras pias, e, arrependido de seus pecados, recolheu-se a um convento lusitano. Em seu testamento, o Capitão determinou que seus bens seriam convertidos para a fundação, no Brasil, de um seminário para meninos pobres no sítio do Jaguará, de um seminário para a educação de meninas necessitadas; e de dois hospitais na Vila do Sabará para tratamento da lepra e de doenças não contagiosas; e em Portugal, um rendimento para as convertidas do Recolhimento do Rego, junto à Lisboa.

O Vínculo do Jaguará teve sua administração confiada ao Tenente Coronel Francisco de Abreu Guimarães, e, em poucos anos, contraiu diversas dívidas, que prejudicaram a instituição das obras de caridade. Por ocasião de sua morte, em 1807, a Junta Administrativa do Vínculo do Jaguará viu-se obrigada a pedir a intervenção do príncipe regente, Dom João VI, que, por sua vez, proclamou legítimas as dívidas da primeira administração e definiu como único credor, com direito a rateio, a instituição portuguesa do Recolhimento do Rego, provocando a modificação dos rendimentos do Vínculo do Jaguará e prejudicando as demais instituições.

O hospital para tratamento de doenças não contagiosas deveria ser construído, segundo o instituidor, nas "casas nobres da Rua do Fogo", na Vila do Sabará, e seria administrado pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, que receberia, do Vínculo do Jaguará, o subsídio anual de 800 mil réis. Em 1808, as casas da Rua do Fogo foram recebidas pela Ordem do Carmo, por escritura pública, para a instalação do hospital e a primeira parcela do subsídio foi quitada. No entanto, as condições das referidas casas eram precárias e os recursos insuficientes para o custeio do hospital, o que dificultou a sua imediata instalação. A fundação do Hospital Abreu Guimarães ocorreu em 1812, por intervenção do capitão-mor José de Souza Teixeira.

O hospital funcionou de maneira bastante precária até o ano de 1832, pois os proventos de que dispunha a instituição, adquiridos através de doações, não eram suficientes, e o Vínculo do Jaguará não efetuava o pagamento do seu subsídio há vinte anos. Compadecida da grave situação em que se encontrava o hospital, a Sociedade Pacificadora, Filantrópica e Defensora da Liberdade e da Constituição sugeriu a criação de uma associação religiosa que cuidasse exclusivamente da instituição, o que foi aprovado pelo bispo de Mariana, Dom Frei José da Santíssima Trindade, e confirmado pela Regência, em nome do Imperador. Foram elaborados pelo Padre Mestre Mariano de Souza Silvino, em 1832, os Estatutos da Irmandade da Misericórdia, que asseguravam as condições de funcionamento do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.

Desde então, o hospital foi mantido com as mensalidades dos irmãos associados à Santa Casa, as doações feitas por membros da sociedade sabarense, os rendimentos de loterias e as pensões de alguns enfermos.

A Santa Casa se desenvolveu com os esforços da administração da Irmandade e chegou a atender, em 1854, mais de trinta pacientes, entre pessoas pobres, escravos e pensionistas. Suas instalações foram ampliadas e um cemitério construído no fundo do terreno.

Em 1880, o hospital foi contemplado com o recebimento de uma significativa parcela dos lucros da arrematação dos bens do extinto Vínculo do Jaguará e reformou a sua Sala de Reuniões para a recepção do Imperador Dom Pedro II, no ano seguinte.

Nesta época, a Santa Casa experimentou um período de estabilidade financeira, o que proporcionou a mudança do hospital para uma região mais propícia ao seu bom funcionamento. Em 1896, com o auxílio de toda a população sabarense, foi lançada a pedra fundamental do novo hospital no Morro da Intendência, onde o clima era mais favorável, o terreno mais seco e a água abundante. A antiga edificação foi vendida para auxiliar as obras de construção do novo hospital.

Em 1906, a Santa Casa teve suas instalações ampliadas com a compra de um terreno vizinho e, em 1912, a edificação foi repintada para a inauguração de um consultório médico, uma sala de operações, uma sala do banco e um necrotério.

Em 1921, por ocasião do desabamento de algumas paredes da edificação, o hospital foi transferido para uma casa colonial, ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde funcionou provisoriamente até 1928, quando da reconstrução do edifício do Morro da Intendência.

No início da década de 1930, foi construída uma maternidade anexa à Santa Casa, com os recursos oferecidos pela empresa Belgo Mineira. A maternidade foi projetada seguindo os padrões da mais alta tecnologia européia, o que proporcionou ao hospital uma modernização de suas instalações.

Desde então, a manutenção preventiva vem sendo realizadas periodicamente na edificação, com a finalidade de conservar suas características arquitetônicas. Em 2006, foi instalado um sistema de segurança e combate a incêndios na Santa Casa, juntamente com outras várias edificações de Sabará.



Atualmente, a Santa Casa de Misericórdia está passando por um processo de reforma, no qual estão sendo reconstruídos o bloco cirúrgico, a lavanderia e as alas masculina e infantil. Além disso, o hospital tem recebido recursos para a capacitação de seus funcionários e para a informatização de todos os setores, o que proporcionará uma significativa melhoria no funcionamento da instituição que atende a todo o município de Sabará.

O arcaz data do final do século XVIII e apresenta características próprias da confecção do mobiliário da época.

O móvel era pertencente à Fazenda Jaguara, principal propriedade do capitão Antônio de Abreu Guimarães em 1787. Com a formação do Vínculo do Jaguara, o móvel pertenceu à sua Junta Administrativa até a sua extinção, em 14 de outubro de 1843. A partir de então, o arcaz, bem como outras peças do mobiliário da fazenda, foram oferecidos em leilão para o pagamento da dívida do Vínculo, mas sua venda não foi efetivada.

Em 1880, a Santa Casa de Misericórdia de Sabará, juntamente com uma parcela dos lucros da arrematação dos bens do Vínculo do Jaguara, recebeu a doação de alguns móveis pertencentes à Fazenda do Jaguara, dos quais o arcaz faz parte.

Não foram encontrados registros de intervenções específicas sofridas pela peça.

Atualmente, o arcaz compõe o mobiliário da Sala de Reuniões do edifício da Santa Casa e é utilizado para a guarda de objetos e documentos da instituição.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
CANTI, Tilde. *O móvel no Brasil: origens, evolução e características*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1999.
DIAS, Nívea. Aleijadinho em ruínas. *Estado de Minas; Notícias*, Belo Horizonte, 9 mar. 1999.
Entrevista realizada com Carlos Alberto Mayrink Dias, funcionário da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Entrevista realizada com José Celso Pyramo, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sabará.
PASSOS, Zoroastro Vianna. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará (1787 a 1928)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929.
VEIGA, José Xavier da. *Efemérides Mineiras: 1664 – 1897*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos Culturais / Fundação João Pinheiro, 1998.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /
Data: jun a jul 2007
Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007
Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 266 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 34

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. ACERVO:
Santa Casa de Misericórdia de Sabará

4. DESIGNAÇÃO:
Cadeira de canto

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada Particular: Santa Casa de Misericórdia

6. ENDEREÇO:
Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:
Dr. Mário de Lima Guerra
Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará
Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Sala de reunião

9. ESPÉCIE:
Mobiliário – Móvel de descanso

10. ÉPOCA:
3º quartel do século XVIII

11. AUTORIA:
Desconhecida

12. ORIGEM:
Desconhecida

13. PROCEDÊNCIA:
Fazenda Jaguará

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Madeira / Entalhe, recorte e encaixe
Couro sintético / estofamento

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não tem.



16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Cadeira de canto pertencente à Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Cadeira de canto. Vista lateral.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Detalhe da amarração em "X" da
cadeira.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Detalhe do espaldar da cadeira de canto.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007

17. DESCRIÇÃO:

Cadeira em madeira, com espaldar composto por tabelas recortadas em formas curvilíneas e três colunas entalhadas com um anel e um bulbo próximo ao assento; braços curvos terminados em volutas; assento estofado em couro sintético, ligeiramente ondulado na parte dianteira; pernas lisas, de joelheiras com saída brusca; pés em bolacha; amarração em "X" ondulado, com carapeta no centro em forma de bilro.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A localização da peça permite o acesso ao público de forma restrita, o que oferece algum risco de dano ao bem.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 104cm
Largura: 65cm
Profundidade: 72cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular, necessitando de intervenção técnica para a sua restauração.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça apresenta algumas avarias, como arranhões, rachaduras, manchas provocadas por respingos de tinta branca e sujidades.



23 INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

A Santa Casa de Misericórdia de Sabará passou por uma reforma estrutural durante a década de 1920, devido ao desabamento de algumas paredes da edificação. No início da década seguinte, o hospital foi ampliado com a instalação de uma maternidade, com os recursos da Belgo Mineira. Desde então, a edificação tem passado por um processo de manutenção preventiva.

Em 2006, foi instalado na Santa Casa um sistema de segurança e combate a incêndios.

Atualmente, o hospital está passando por um processo de reforma, com a reconstrução do bloco cirúrgico, da lavanderia e das alas masculina e infantil, e de modernização, através da capacitação de seus funcionários e da informatização dos setores.

Não foram encontrados registros sobre intervenções oficiais realizadas na peça. No entanto, o assento da cadeira foi trocado recentemente, não havendo indicação do responsável por esta intervenção.

24 CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Peça confeccionada em madeira entalhada e encaixada, com tabelas recortadas e colunas entalhadas. Seu assento é estofado com cobertura de couro sintético, e foi trocado recentemente.

25 CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

A peça apresenta características estilísticas comuns do mobiliário do final do século XVIII, que carregam influências do estilo português Dom João V, tais como o espaldar em molduras onduladas, com tabelas lisas e recortadas em formas arredondadas, que descem até o assento; o cachaço em estilo *Chippendale*, quase reto, revirado nas pontas; pernas em *Cabriole-leg* em "S", de joelheira de saída brusca, e os pés em bolacha.

26 CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

A confecção de cadeiras de canto tornou-se muito comum no final do século XVIII em Portugal, devido à amplitude de seu uso no interior das casas e, especialmente, nos escritórios. As cadeiras de canto ofereceram uma solução para o aproveitamento do espaço interno de algumas residências, mas, no entanto, o seu uso se limitou ao terreno lusitano e suas adjacências, chegando ao Brasil como um móvel exótico.

Atualmente, a cadeira de canto é utilizada como móvel de descanso durante as reuniões dos membros da administração da Santa Casa de Misericórdia.

27. DADOS HISTÓRICOS:

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. Preocupada com o enorme aumento populacional em sua colônia e com o possível extravio do ouro, a Coroa Portuguesa tomou medidas para manter o controle social sobre a região, edificando, desde a década de 1710, as primeiras vilas e divisões administrativas correspondentes. O Estado Absolutista português também impôs à Capitania a proibição da entrada e da fixação de ordens religiosas no novo território, o que provocou o surgimento de diversas irmandades, constituídas por leigos, responsáveis pela contratação de religiosos para a prática de ofícios sacros e pela construção de templos, proferindo em Minas Gerais a fé católica.

A região de Sabarabuçu foi uma das primeiras áreas devassada e ocupada por aventureiros que seguiam os rios São Francisco e das Velhas no final do século XVII, guiados por seus propósitos expansionistas e exploratórios. A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição foi instituída em 1701 e o primeiro templo foi erguido nesta época, estruturado em barro e madeira, para atender às necessidades do Arraial da Barra do Sabará, devido à atividade mineratória que se firmava.

Em 1702, o Arraial já era considerado o mais populoso de Minas Gerais. Sua constituição se deu através da grande extração de madeira das densas florestas às margens dos rios das Velhas e Sabará pelos primeiros moradores para a construção de casario, pontes e igrejas. Estas áreas desmatadas foram utilizadas para a plantação de lavouras diversas.

Com a expansão do Arraial, a igreja primitiva cedeu espaço à atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e inaugurada em 1710. O Arraial da Barra do Sabará foi elevado à categoria de Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará em 17 de julho de 1717, englobando outros arraiais como o Curral Del Rey, atual Belo Horizonte.

A Vila Real de Nossa Senhora da Conceição foi um dos maiores centros de exploração de ouro no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, o que proporcionou o enriquecimento de inúmeras pessoas, a exemplo do



Capitão Antônio de Abreu Guimarães, proprietário das Fazendas Jaguará, Vargem Comprida, Mocambo, Riacho D'Anta, Pau de Cheiro, Forquilha, Mello e Barra do Rio Mello, além de engenhos, fábricas, casas, escravos, gados, criações e muitas terras minerais, e instituidor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará. Sua enorme fortuna advém não apenas da extração do ouro, mas também da sonegação do quinto e do contrabando de diamantes.

Por determinação do Alvará Régio de 23 de novembro de 1787, o Capitão Antônio de Abreu Guimarães teve todos os bens vinculados à Coroa Portuguesa, tornados inalienáveis e seus rendimentos destinados a obras pias, e, arrependido de seus pecados, recolheu-se a um convento lusitano. Em seu testamento, o Capitão determinou que seus bens seriam convertidos para a fundação, no Brasil, de um seminário para meninos pobres no sítio do Jaguará, de um seminário para a educação de meninas necessitadas; e de dois hospitais na Vila do Sabará para tratamento da lepra e de doenças não contagiosas; e em Portugal, um rendimento para as convertidas do Recolhimento do Rego, junto à Lisboa.

O Vínculo do Jaguará teve sua administração confiada ao Tenente Coronel Francisco de Abreu Guimarães, e, em poucos anos, contraiu diversas dívidas, que prejudicaram a instituição das obras de caridade. Por ocasião de sua morte, em 1807, a Junta Administrativa do Vínculo do Jaguará viu-se obrigada a pedir a intervenção do príncipe regente, Dom João VI, que, por sua vez, proclamou legítimas as dívidas da primeira administração e definiu como único credor, com direito a rateio, a instituição portuguesa do Recolhimento do Rego, provocando a modificação dos rendimentos do Vínculo do Jaguará e prejudicando as demais instituições.

O hospital para tratamento de doenças não contagiosas deveria ser construído, segundo o instituidor, nas "casas nobres da Rua do Fogo", na Vila do Sabará, e seria administrado pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, que receberia, do Vínculo do Jaguará, o subsídio anual de 800 mil réis. Em 1808, as casas da Rua do Fogo foram recebidas pela Ordem do Carmo, por escritura pública, para a instalação do hospital e a primeira parcela do subsídio foi quitada. No entanto, as condições das referidas casas eram precárias e os recursos insuficientes para o custeio do hospital, o que dificultou a sua imediata instalação. A fundação do Hospital Abreu Guimarães ocorreu em 1812, por intervenção do capitão-mor José de Souza Teixeira.

O hospital funcionou de maneira bastante precária até o ano de 1832, pois os proventos de que dispunha a instituição, adquiridos através de doações, não eram suficientes, e o Vínculo do Jaguará não efetuava o pagamento do seu subsídio há vinte anos. Compadecida da grave situação em que se encontrava o hospital, a Sociedade Pacificadora, Filantrópica e Defensora da Liberdade e da Constituição sugeriu a criação de uma associação religiosa que cuidasse exclusivamente da instituição, o que foi aprovado pelo bispo de Mariana, Dom Frei José da Santíssima Trindade, e confirmado pela Regência, em nome do Imperador. Foram elaborados pelo Padre Mestre Mariano de Souza Silvino, em 1832, os Estatutos da Irmandade da Misericórdia, que asseguravam as condições de funcionamento do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.

Desde então, o hospital foi mantido com as mensalidades dos irmãos associados à Santa Casa, as doações feitas por membros da sociedade sabarense, os rendimentos de loterias e as pensões de alguns enfermos.

A Santa Casa se desenvolveu com os esforços da administração da Irmandade e chegou a atender, em 1854, mais de trinta pacientes, entre pessoas pobres, escravos e pensionistas. Suas instalações foram ampliadas e um cemitério construído no fundo do terreno.

Em 1880, o hospital foi contemplado com o recebimento de uma significativa parcela dos lucros da arrematação dos bens do extinto Vínculo do Jaguará e reformou a sua Sala de Reuniões para a recepção do Imperador Dom Pedro II, no ano seguinte.

Nesta época, a Santa Casa experimentou um período de estabilidade financeira, o que proporcionou a mudança do hospital para uma região mais propícia ao seu bom funcionamento. Em 1896, com o auxílio de toda a população sabarense, foi lançada a pedra fundamental do novo hospital no Morro da Intendência, onde o clima era mais favorável, o terreno mais seco e a água abundante. A antiga edificação foi vendida para auxiliar as obras de construção do novo hospital.

Em 1906, a Santa Casa teve suas instalações ampliadas com a compra de um terreno vizinho e, em 1912, a edificação foi repintada para a inauguração de um consultório médico, uma sala de operações, uma sala do banco e um necrotério.

Em 1921, por ocasião do desabamento de algumas paredes da edificação, o hospital foi transferido para uma casa colonial, ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde funcionou provisoriamente até 1928, quando da reconstrução do edifício do Morro da Intendência.



No início da década de 1930, foi construída uma maternidade anexa à Santa Casa, com os recursos oferecidos pela empresa Belgo Mineira. A maternidade foi projetada seguindo os padrões da mais alta tecnologia européia, o que proporcionou ao hospital uma modernização de suas instalações.

Desde então, a manutenção preventiva vem sendo realizadas periodicamente na edificação, com a finalidade de conservar suas características arquitetônicas. Em 2006, foi instalado um sistema de segurança e combate a incêndios na Santa Casa, juntamente com outras várias edificações de Sabará.

Atualmente, a Santa Casa de Misericórdia está passando por um processo de reforma, no qual estão sendo reconstruídos o bloco cirúrgico, a lavanderia e as alas masculina e infantil. Além disso, o hospital tem recebido recursos para a capacitação de seus funcionários e para a informatização de todos os setores, o que proporcionará uma significativa melhoria no funcionamento da instituição que atende a todo o município de Sabará.

A cadeira de canto data do terceiro quartel do século XVIII e apresenta características próprias da confecção do mobiliário da época. Atualmente, as cadeiras de canto que se encontram no Brasil são, em sua grande maioria, de origem portuguesa, pois não há registros da fabricação destes móveis nos documentos brasileiros do séc. XVIII. São móveis que, apesar de apresentarem estrutura própria, acompanham o estilo das demais cadeiras da época.

A cadeira de canto era pertencente à Fazenda Jaguará, principal propriedade do capitão Antônio de Abreu Guimarães em 1787. Com a formação do Vínculo do Jaguará, o móvel pertenceu à sua Junta Administrativa até a sua extinção, em 14 de outubro de 1843. A partir de então, a cadeira, bem como outras peças do mobiliário da fazenda, foram oferecidos em leilão para o pagamento da dívida do Vínculo, mas sua venda não foi efetivada.

Em 1880, a Santa Casa de Misericórdia de Sabará, juntamente com uma parcela dos lucros da arrematação dos bens do Vínculo do Jaguará, recebeu a doação de alguns móveis pertencentes à Fazenda do Jaguará, dos quais a cadeira de canto faz parte.

Não foram encontrados registros de intervenções específicas sofridas pela peça. No entanto, o seu assento foi recentemente trocado. Possivelmente, em sua composição original, o assento era confeccionado em palhinha ou veludo, como era comum na época de sua fatura.

Atualmente, a cadeira de canto compõe o mobiliário da Sala de Reuniões do edifício da Santa Casa e é utilizada durante as reuniões administrativas da instituição.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
CANTI, Tilde. *O móvel no Brasil: origens, evolução e características*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1999.
DIAS, Nivea. Aleijadinho em ruínas. *Estado de Minas, Notícias*, Belo Horizonte, 9 mar. 1999.
Entrevista realizada com Carlos Alberto Mayrink Dias, funcionário da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Entrevista realizada com José Celso Pyramo, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sabará.
PASSOS, Zoroastro Vianna. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará (1787 a 1928)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929.
VEIGA, José Xavier da. *Efemérides Mineiras: 1664 – 1897*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos Culturais / Fundação João Pinheiro, 1998.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

Nos documentos encontrados na Santa Casa de Misericórdia de Sabará estão registradas a doação de dez cadeiras de canto, de mesma fatura, para a instituição. Atualmente, a Santa Casa possui apenas um exemplar deste mobiliário.

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /

Data: jun a jul 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 271 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 35

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. ACERVO:
Santa Casa de Misericórdia de Sabará

4. DESIGNAÇÃO:
Mesa

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada Particular: Santa Casa de Misericórdia

6. ENDEREÇO:
Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:
Dr. Mário de Lima Guerra
Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará
Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Sala de reunião

9. ESPÉCIE:
Mobiliário – Móvel de apoio

10. ÉPOCA:
1ª metade do século XVIII

11. AUTORIA:
Desconhecida

12. ORIGEM:
Desconhecida

13. PROCEDÊNCIA:
Fazenda Jaguará

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Madeira (jacarandá?) / Entalhe, recorte, torno e encaixe

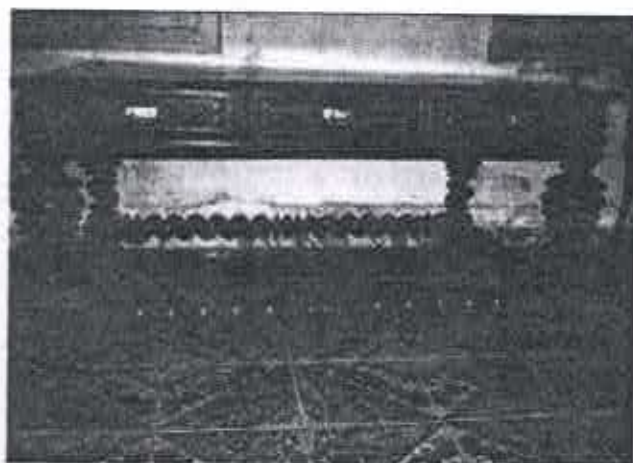
15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não tem.



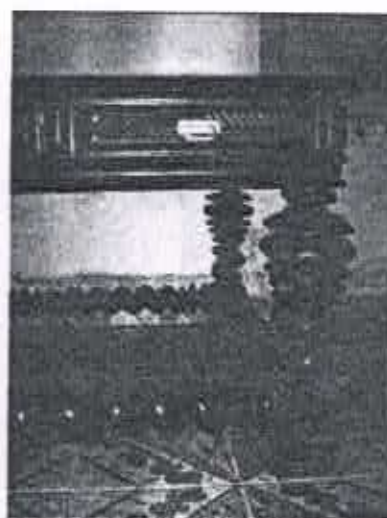
16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Mesa pertencente à Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Mesa pertencente à Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Detalhe das pernas torneadas da mesa
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007

17. DESCRIÇÃO:

Mesa de madeira, com tampo liso, caixa com dez gavetas, com almofadas goivadas em espinha de peixe e molduras em corda; pernas e travessas torneadas em grandes discos, bolachas e torcidos em espiral; cubos goivados em losango e pés de bolacha. Puxadores e espelhos de metal, colocados posteriormente.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A localização da peça permite o acesso ao público de forma restrita, o que oferece algum risco de dano ao bem.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário.

20. DIMENSÕES:

Altura: 87cm

Largura: 167cm

Profundidade: 111cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular, necessitando de intervenção técnica para a sua restauração.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça apresenta algumas avarias, como arranhões, rachaduras, perfurações irregulares provocadas por pregos, incrustação de cupins, manchas e sujidades.



23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

A Santa Casa de Misericórdia de Sabará passou por uma reforma estrutural durante a década de 1920, devido ao desabamento de algumas paredes da edificação. No início da década seguinte, o hospital foi ampliado com a instalação de uma maternidade, com os recursos da Belgo Mineira. Desde então, a edificação tem passado por um processo de manutenção preventiva.

Em 2006, foi instalado na Santa Casa um sistema de segurança e combate a incêndios.

Atualmente, o hospital está passando por um processo de reforma, com a reconstrução do bloco cirúrgico, da lavanderia e das alas masculina e infantil, e de modernização, através da capacitação de seus funcionários e da informatização dos setores.

Não foram encontrados registros sobre intervenções realizadas na peça.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS.

Peça confeccionada em madeira, possivelmente jacarandá, entalhada, recortada e encaixada, com pernas e travessas torneadas. Apresenta puxadores e espelhos em metal, colocados posteriormente à sua fatura.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS.

A peça apresenta características estilísticas comuns do mobiliário do início do século XVIII, pertencentes ao estilo luso-brasileiro, como a decoração rebuscada, composta por goivados e torneados volumosos, além de molduras em cordas e almofadas.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS.

As mesas possuem as funções de servir de aparador ou mesa de serviço, sobretudo nas cozinhas, de suporte de oratório e de escritório, e de base para a realização das refeições.

Atualmente, a mesa pertencente à Santa Casa de Misericórdia de Sabará é utilizada como móvel de apoio durante as reuniões efetuadas na Sala de Reuniões da instituição.

27. DADOS HISTÓRICOS:

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. Preocupada com o enorme aumento populacional em sua colônia e com o possível extravio do ouro, a Coroa Portuguesa tomou medidas para manter o controle social sobre a região, edificando, desde a década de 1710, as primeiras vilas e divisões administrativas correspondentes. O Estado Absolutista português também impôs à Capitania a proibição da entrada e da fixação de ordens religiosas no novo território, o que provocou o surgimento de diversas irmandades, constituídas por leigos, responsáveis pela contratação de religiosos para a prática de ofícios sacros e pela construção de templos, preferindo em Minas Gerais a fé católica.

A região de Sabarabuçu foi uma das primeiras áreas devassada e ocupada por aventureiros que seguiam os rios São Francisco e das Velhas no final do século XVII, guiados por seus propósitos expansionistas e exploratórios. A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição foi instituída em 1701 e o primeiro templo foi erguido nesta época, estruturado em barro e madeira, para atender às necessidades do Arraial da Barra do Sabará, devido à atividade mineratória que se firmava.

Em 1702, o Arraial já era considerado o mais populoso de Minas Gerais. Sua constituição se deu através da grande extração de madeira das densas florestas às margens dos rios das Velhas e Sabará pelos primeiros moradores para a construção de casario, pontes e igrejas. Estas áreas desmatadas foram utilizadas para a plantação de lavouras diversas.

Com a expansão do Arraial, a Igreja primitiva cedeu espaço à atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e inaugurada em 1710. O Arraial da Barra do Sabará foi elevado à categoria de Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará em 17 de julho de 1717, englobando outros arraiais como o Curral Del Rey, atual Belo Horizonte.

A Vila Real de Nossa Senhora da Conceição foi um dos maiores centros de exploração de ouro no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, o que proporcionou o enriquecimento de inúmeras pessoas, a exemplo do Capitão Antônio de Abreu Guimarães, proprietário das Fazendas Jaguara, Vargem Comprida, Mocambo, Riacho D'Anta, Pau de Cheiro, Forquilha, Mello e Barra do Rio Mello, além de engenhos, fábricas, casas, escravos, gados, criações e muitas terras minerais, e instituidor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará. Sua enorme fortuna adveio não apenas da extração do ouro, mas também da sonegação do quinto e do contrabando de diamantes.



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 274 de 335



Por determinação do Alvará Régio de 23 de novembro de 1787, o Capitão Antônio de Abreu Guimarães teve todos os bens vinculados à Coroa Portuguesa, tornados inalienáveis e seus rendimentos destinados a obras pias; e, arrependido de seus pecados, recolheu-se a um convento lusitano. Em seu testamento, o Capitão determinou que seus bens seriam convertidos para a fundação, no Brasil, de um seminário para meninos pobres no sítio do Jaguará; de um seminário para a educação de meninas necessitadas; e de dois hospitais na Vila do Sabará para tratamento da lepra e de doenças não contagiosas; e em Portugal, um rendimento para as convertidas do Recolhimento do Rego, junto à Lisboa.

O Vínculo do Jaguará teve sua administração confiada ao Tenente Coronel Francisco de Abreu Guimarães, e, em poucos anos, contraiu diversas dívidas, que prejudicaram a instituição das obras de caridade. Por ocasião de sua morte, em 1807, a Junta Administrativa do Vínculo do Jaguará viu-se obrigada a pedir a intervenção do príncipe regente, Dom João VI, que, por sua vez, proclamou legítimas as dívidas da primeira administração e definiu como único credor, com direito a rateio, a instituição portuguesa do Recolhimento do Rego, provocando a modificação dos rendimentos do Vínculo do Jaguará e prejudicando as demais instituições.

O hospital para tratamento de doenças não contagiosas deveria ser construído, segundo o instituidor, nas "casas nobres da Rua do Fogo", na Vila do Sabará, e seria administrado pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, que receberia, do Vínculo do Jaguará, o subsídio anual de 800 mil réis. Em 1808, as casas da Rua do Fogo foram recebidas pela Ordem do Carmo, por escritura pública, para a instalação do hospital e a primeira parcela do subsídio foi quitada. No entanto, as condições das referidas casas eram precárias e os recursos insuficientes para o custeio do hospital, o que dificultou a sua imediata instalação. A fundação do Hospital Abreu Guimarães ocorreu em 1812, por intervenção do capitão-mor José de Souza Teixeira.

O hospital funcionou de maneira bastante precária até o ano de 1832, pois os proventos de que dispunha a instituição, adquiridos através de doações, não eram suficientes, e o Vínculo do Jaguará não efetuava o pagamento do seu subsídio há vinte anos. Compadecida da grave situação em que se encontrava o hospital, a Sociedade Pacificadora, Filantrópica e Defensora da Liberdade e da Constituição sugeriu a criação de uma associação religiosa que cuidasse exclusivamente da instituição, o que foi aprovado pelo bispo de Mariana, Dom Frei José da Santíssima Trindade, e confirmado pela Regência, em nome do Imperador. Foram elaborados pelo Padre Mestre Mariano de Souza Silvino, em 1832, os Estatutos da Irmandade da Misericórdia, que asseguravam as condições de funcionamento do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.

Desde então, o hospital foi mantido com as mensalidades dos irmãos associados à Santa Casa, as doações feitas por membros da sociedade sabarense, os rendimentos de loterias e as pensões de alguns enfermos.

A Santa Casa se desenvolveu com os esforços da administração da Irmandade e chegou a atender, em 1854, mais de trinta pacientes, entre pessoas pobres, escravos e pensionistas. Suas instalações foram ampliadas e um cemitério construído no fundo do terreno.

Em 1880, o hospital foi contemplado com o recebimento de uma significativa parcela dos lucros da arrematação dos bens do extinto Vínculo do Jaguará e reformou a sua Sala de Reuniões para a recepção do Imperador Dom Pedro II, no ano seguinte.

Nesta época, a Santa Casa experimentou um período de estabilidade financeira, o que proporcionou a mudança do hospital para uma região mais propícia ao seu bom funcionamento. Em 1896, com o auxílio de toda a população sabarense, foi lançada a pedra fundamental do novo hospital no Morro da Intendência, onde o clima era mais favorável, o terreno mais seco e a água abundante. A antiga edificação foi vendida para auxiliar as obras de construção do novo hospital.

Em 1906, a Santa Casa teve suas instalações ampliadas com a compra de um terreno vizinho e, em 1912, a edificação foi repintada para a inauguração de um consultório médico, uma sala de operações, uma sala do banco e um necrotério.

Em 1921, por ocasião do desabamento de algumas paredes da edificação, o hospital foi transferido para uma casa colonial, ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde funcionou provisoriamente até 1928, quando da reconstrução do edifício do Morro da Intendência.

No início da década de 1930, foi construída uma maternidade anexa à Santa Casa, com os recursos oferecidos pela empresa Belgo Mineira. A maternidade foi projetada seguindo os padrões da mais alta tecnologia européia, o que proporcionou ao hospital uma modernização de suas instalações.



Desde então, a manutenção preventiva vem sendo realizadas periodicamente na edificação, com a finalidade de conservar suas características arquitetônicas. Em 2006, foi instalado um sistema de segurança e combate a incêndios na Santa Casa, juntamente com outras várias edificações de Sabará.

Atualmente, a Santa Casa de Misericórdia está passando por um processo de reforma, no qual estão sendo reconstruídos o bloco cirúrgico, a lavanderia e as alas masculina e infantil. Além disso, o hospital tem recebido recursos para a capacitação de seus funcionários e para a informatização de todos os setores, o que proporcionará uma significativa melhoria no funcionamento da instituição que atende a todo o município de Sabará.

A mesa data do início do século XVIII e apresenta características próprias da confecção do mobiliário da época.

As mesas eram conhecidas em Portugal, até o século XVIII, como bufetes, e possuíam determinadas funções, como servir de aparador ou mesa de serviço, sobretudo nas cozinhas, como suporte de oratório e de escritório, e como base para a realização das refeições. Eram, a princípio, muito simples, desmontáveis, com pernas de cavaletes. Mais tarde, passaram a ser de abrir, como as mesas de aba e cancela mais usadas no séc. XVIII. Através das pinturas da época, sobretudo do séc. XVI, é possível observar que algumas mesas constavam apenas de um tampo de madeira grossa sobre as pernas em forma de cavalete. As palacianas eram cobertas por tapete ou capa especial em veludo, cortada nos quatro cantos, com um galão dourado amarrado ou abotoado com passamanaria.

Do séc. XVI a princípios do séc. XVII, chegaram a Portugal, como conseqüência do comércio com o Oriente, as primeiras mesas vindas da Índia no estilo indo-português. Eram, em geral, mesas pequenas, com uma ou duas gavetas, cantoneiras, espelhos e puxadores de metal amarelo, aqueles rendilhados e recortados, travessas retas, sem molduras ou com traves e pernas torneadas, pés recortados, podendo ter a forma de *Garuda* ou outra divindade hindu e, às vezes, de animais estilizados.

No séc. XVII apareceram, em Portugal, mesas de cunho mais mediterrâneo europeu, com pernas simples, apenas com recortes curvos, denominadas pernas de lira. As travessas que unem as pernas dessas mesas podem ser de corte quadrangular e lisas ou recortadas na grossura da madeira ou ainda chanfradas ou torneadas. As amarrações são em forma de quadro ou H.

No séc. XVIII, esses móveis perderam a rusticidade e tornaram-se muito trabalhados, com decoração em tremidos, ondulados ou goivados e torneados, além de molduras e almofadas. Eram geralmente executados em madeira do Brasil, sobretudo em jacarandá, e os mais ricos apresentavam puxadores de prata. Essas peças foram usadas durante quase todo o séc. XVIII sem serem afetadas, em sua estrutura, pelas influências dos estilos D. João V e D. José, introduzidas no mobiliário da época.

A mesa da Sala de Reuniões da Santa Casa de Misericórdia de Sabará pertencia à Fazenda Jaguara, principal propriedade do capitão Antônio de Abreu Guimarães em 1787. Com a formação do Vínculo do Jaguara, o móvel pertenceu à sua Junta Administrativa até a sua extinção, em 14 de outubro de 1843. A partir de então, a mesa, bem como outras peças do mobiliário da fazenda, foram oferecidos em leilão para o pagamento da dívida do Vínculo, mas sua venda não foi efetivada.

Em 1880, a Santa Casa de Misericórdia de Sabará, juntamente com uma parcela dos lucros da arrematação dos bens do Vínculo do Jaguara, recebeu a doação de alguns móveis pertencentes à Fazenda do Jaguara, dos quais a mesa faz parte.

Não foram encontrados registros de intervenções específicas sofridas pela peça.

Atualmente, a mesa é utilizada como móvel de apoio durante as reuniões efetuadas na sala onde se encontra.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
CANTI, Tilde. *O móvel no Brasil: origens, evolução e características*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1999.
DIAS, Nivea. Aleijadinho em ruínas. *Estado de Minas, Notícias*, Belo Horizonte, 9 mar. 1999.
Entrevista realizada com Carlos Alberto Mayrink Dias, funcionário da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Entrevista realizada com José Celso Pyramo, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sabará.
PASSOS, Zoroastro Vianna. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará (1787 a 1928)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929.



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 276 de 335



VEIGA, José Xavier da. *Efemérides Mineiras: 1664 – 1897*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos Culturais / Fundação João Pinheiro, 1998.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /

Data: jun a jul 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 277 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 36

1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Sede

3. ACERVO:

Santa Casa de Misericórdia de Sabará

4. DESIGNAÇÃO:

Dois relógios de pêndulo

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:

Propriedade Privada Particular. Santa Casa de Misericórdia

6. ENDEREÇO:

Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:

Dr. Mário de Lima Guerra

Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará

Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:

Sala de reunião; Sala de Contabilidade e Departamento Pessoal

9. ESPÉCIE:

Utensílio doméstico

10. ÉPOCA:

Final do século XIX

11. AUTORIA:

Desconhecida

12. ORIGEM:

Desconhecida

13. PROCEDÊNCIA:

Desconhecida

14. MATERIAL / TÉCNICA:

Madeira / Entalhe, recorte, tomo e encaixe

Metal / Recorte, fundição e moldagem

Vidro / Recorte e encaixe

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:

Não tem.



16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



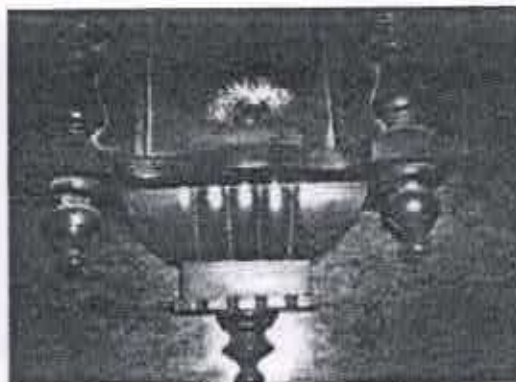
Relógio 1, localizado na Sala de Reunião da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
 Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Relógio 2, localizado na Sala de Contabilidade e Departamento Pessoal da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
 Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Relógio 1, pertencente à Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
 Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Relógio 1. Detalhe inferior da peça.
 Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Relógio 2, pertencente à Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
 Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Relógio 2. Vista lateral esquerda.
 Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Relógio 2. Vista lateral direita.
 Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007

17. DESCRIÇÃO

O relógio 1 apresenta caixa retangular de madeira, com entablamento superior reto, encimado por campainha de metal ao centro e dois bilros torneados nas laterais, e arremate inferior chanfrado e, no centro, suporte trapezoidal arredondado e denticulado em sua porção central, com arremate inferior



retangular liso, e bilro marcado por disco central. Porta retangular com corte oval alongado ao centro, e fechamento em vidro transparente. Nas laterais, colunas torneadas com motivos geométricos arredondados que se dispõem na seguinte ordem: meia bola; elemento periforme; disco; pequeno segmento cilíndrico; disco; pequeno segmento cilíndrico; anel; segmento cilíndrico, levemente alargado; disco; bola, entrecortada por anel; disco; bola, envolvida por cinco anéis; elemento periforme; disco; e bolacha. Mostrador em forma circular, de fundo branco com cercadura em metal e numeração em algarismos romanos pretos. Ponteiros em metal, com pontas vazadas em motivos geométricos, e pêndulo circular, em metal dourado, ornamentado com motivos fitomorfos em alto relevo.

O relógio 2 apresenta caixa retangular de madeira, com entabliamento superior reto e arremate inferior chanfrado, com dois bilros torneados nas laterais e, no centro, suporte trapezoidal arredondado e denticulado em sua porção central, com arremate inferior retangular liso, e bilro. Porta retangular com corte de igual formato ao centro, com fechamento em vidro transparente. Nas laterais, colunas torneadas com motivos geométricos arredondados que se dispõem na seguinte ordem: bolacha; pequeno segmento cilíndrico; disco; elemento periforme; bola, envolvida por cinco anéis; disco; bola, entrecortada por anel; disco; segmento cilíndrico, levemente afilado; anel; pequeno segmento cilíndrico; disco; pequeno segmento cilíndrico; disco; elemento periforme; e bolacha. Mostrador em forma circular, de fundo branco com cercadura em metal e numeração em algarismos romanos pretos. Ponteiros em metal, com pontas vazadas em motivos geométricos, e pêndulo circular, em metal dourado, ornamentado com motivos fitomorfos em alto relevo.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A localização das peças permite o acesso ao público de forma restrita, o que oferece algum risco de evasão e de dano ao bem.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Ambos os relógios possuem as mesmas dimensões, a seguir:

Altura: 82cm

Largura: 40cm

Profundidade: 18cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

As peças se apresentam em mau estado de conservação, portando diversas avarias e necessitando de técnicas sofisticadas para a sua restauração.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

O primeiro relógio apresenta desgastes da madeira, incrustação de cupins, perda de um dos bilros superior, quebra de suporte do pêndulo, ferrugem, arranhões, manchas provocadas por respingos de tinta branca e sujidades generalizadas.

O segundo relógio apresenta desgastes da madeira, pequena incrustação de cupins, ferrugem, arranhões e alguma sujeira.

Ambos os relógios não apresentam funcionamento mecânico.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

A Santa Casa de Misericórdia de Sabará passou por uma reforma estrutural durante a década de 1920, devido ao desabamento de algumas paredes da edificação. No início da década seguinte, o hospital foi ampliado com a instalação de uma maternidade, com os recursos da Belgo Mineira. Desde então, a edificação tem passado por um processo de manutenção preventiva.

Em 2006, foi instalado na Santa Casa um sistema de segurança e combate a incêndios.

Atualmente, o hospital está passando por um processo de reforma, com a reconstrução do bloco cirúrgico, da lavanderia e das alas masculina e infantil, e de modernização, através da capacitação de seus funcionários e da informatização dos setores.

Não foram encontrados registros sobre intervenções realizadas na peça.



24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

As peças foram confeccionadas em madeira entalhada, recortada, encaixada, colada e afixada por pregos, com colunas laterais torneadas, recortadas e coladas. As portas são afixadas por fechaduras de metal e suas aberturas vedadas com vidro transparente recortado e encaixado. Os mostradores, os ponteiros e os fios são de metal fundido e recortado, e os pêndulos de metal dourado fundido e moldado.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Peças datáveis do final do século XIX, de grande semelhança entre si, com caixa trabalhada em recortes, entalhes e tornos, ao gosto do período oitocentista. Os ponteiros apresentam delicados ornatos geométricos, adquiridos através do metal vazado, e os pêndulos, motivos fitomorfos em alto relevo, moldados sobre metal dourado.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

O relógio é um instrumento utilizado há muitos séculos pela humanidade para se medir o tempo. Sua simbologia está intimamente ligada à necessidade do homem de controlar os elementos da natureza, dos quais o tempo faz parte. A descoberta da Lei do Pêndulo por Galileu Galilei e a conseqüente fabricação dos relógios de pêndulo, durante o Humanismo, no final do século XVI, evidenciam amplamente esta busca humana pelo controle do tempo, pela ânsia de superação dos próprios limites, pela conquista da precisão, da perfeição.

27. DADOS HISTÓRICOS:

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. Preocupada com o enorme aumento populacional em sua colônia e com o possível extravio do ouro, a Coroa Portuguesa tomou medidas para manter o controle social sobre a região, edificando, desde a década de 1710, as primeiras vilas e divisões administrativas correspondentes. O Estado Absolutista português também impôs à Capitania a proibição da entrada e da fixação de ordens religiosas no novo território, o que provocou o surgimento de diversas irmandades, constituídas por leigos, responsáveis pela contratação de religiosos para a prática de ofícios sacros e pela construção de templos, proferindo em Minas Gerais a fé católica.

A região de Sabarabuçu foi uma das primeiras áreas devassada e ocupada por aventureiros que seguiam os rios São Francisco e das Velhas no final do século XVII, guiados por seus propósitos expansionistas e exploratórios. A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição foi instituída em 1701 e o primeiro templo foi erguido nesta época, estruturado em barro e madeira, para atender às necessidades do Arraial da Barra do Sabará, devido à atividade mineratória que se firmava.

Em 1702, o Arraial já era considerado o mais populoso de Minas Gerais. Sua constituição se deu através da grande extração de madeira das densas florestas às margens dos rios das Velhas e Sabará pelos primeiros moradores para a construção de casario, pontes e igrejas. Estas áreas desmatadas foram utilizadas para a plantação de lavouras diversas.

Com a expansão do Arraial, a igreja primitiva cedeu espaço à atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e inaugurada em 1710. O Arraial da Barra do Sabará foi elevado à categoria de Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará em 17 de julho de 1717, englobando outros arraiais como o Curral Del Rey, atual Belo Horizonte.

A Vila Real de Nossa Senhora da Conceição foi um dos maiores centros de exploração de ouro no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, o que proporcionou o enriquecimento de inúmeras pessoas, a exemplo do Capitão Antônio de Abreu Guimarães, proprietário das Fazendas Jaguará, Vargem Comprida, Mocambo, Riacho D'Anta, Pau de Cheiro, Forquilha, Mello e Barra do Rio Mello, além de engenhos, fábricas, casas, escravos, gados, criações e muitas terras minerais, e instituidor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará. Sua enorme fortuna adveio não apenas da extração do ouro, mas também da sonegação do quinto e do contrabando de diamantes.

Por determinação do Alvará Régio de 23 de novembro de 1787, o Capitão Antônio de Abreu Guimarães teve todos os bens vinculados à Coroa Portuguesa, tomados inalienáveis e seus rendimentos destinados a obras pias, e, arrependido de seus pecados, recolheu-se a um convento lusitano. Em seu testamento, o Capitão determinou que seus bens seriam convertidos para a fundação, no Brasil, de um seminário para meninos pobres no sítio do Jaguará; de um seminário para a educação de meninas necessitadas; e de dois hospitais na Vila do Sabará para tratamento da lepra e de doenças não contagiosas; e em Portugal, um rendimento para as convertidas do Recolhimento do Rego, junto à Lisboa.



O Vínculo do Jaguará teve sua administração confiada ao Tenente Coronel Francisco de Abreu Guimarães, e, em poucos anos, contraiu diversas dívidas, que prejudicaram a instituição das obras de caridade. Por ocasião de sua morte, em 1807, a Junta Administrativa do Vínculo do Jaguará viu-se obrigada a pedir a intervenção do príncipe regente, Dom João VI, que, por sua vez, proclamou legítimas as dívidas da primeira administração e definiu como único credor, com direito a rateio, a instituição portuguesa do Recolhimento do Rego, provocando a modificação dos rendimentos do Vínculo do Jaguará e prejudicando as demais instituições.

O hospital para tratamento de doenças não contagiosas deveria ser construído, segundo o instituidor, nas "casas nobres da Rua do Fogo", na Vila do Sabará, e seria administrado pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, que receberia, do Vínculo do Jaguará, o subsídio anual de 800 mil réis. Em 1808, as casas da Rua do Fogo foram recebidas pela Ordem do Carmo, por escritura pública, para a instalação do hospital e a primeira parcela do subsídio foi quitada. No entanto, as condições das referidas casas eram precárias e os recursos insuficientes para o custeio do hospital, o que dificultou a sua imediata instalação. A fundação do Hospital Abreu Guimarães ocorreu em 1812, por intervenção do capitão-mor José de Souza Teixeira.

O hospital funcionou de maneira bastante precária até o ano de 1832, pois os proventos de que dispunha a instituição, adquiridos através de doações, não eram suficientes, e o Vínculo do Jaguará não efetuava o pagamento do seu subsídio há vinte anos. Compadecida da grave situação em que se encontrava o hospital, a Sociedade Pacificadora, Filantrópica e Defensora da Liberdade e da Constituição sugeriu a criação de uma associação religiosa que cuidasse exclusivamente da instituição, o que foi aprovado pelo bispo de Mariana, Dom Frei José da Santíssima Trindade, e confirmado pela Regência, em nome do Imperador. Foram elaborados pelo Padre Mestre Mariano de Souza Silvino, em 1832, os Estatutos da Irmandade da Misericórdia, que asseguravam as condições de funcionamento do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.

Desde então, o hospital foi mantido com as mensalidades dos irmãos associados à Santa Casa, as doações feitas por membros da sociedade sabarense, os rendimentos de loterias e as pensões de alguns enfermos.

A Santa Casa se desenvolveu com os esforços da administração da Irmandade e chegou a atender, em 1854, mais de trinta pacientes, entre pessoas pobres, escravos e pensionistas. Suas instalações foram ampliadas e um cemitério construído no fundo do terreno.

Em 1880, o hospital foi contemplado com o recebimento de uma significativa parcela dos lucros da arrematação dos bens do extinto Vínculo do Jaguará e reformou a sua Sala de Reuniões para a recepção do Imperador Dom Pedro II, no ano seguinte.

Nesta época, a Santa Casa experimentou um período de estabilidade financeira, o que proporcionou a mudança do hospital para uma região mais propícia ao seu bom funcionamento. Em 1896, com o auxílio de toda a população sabarense, foi lançada a pedra fundamental do novo hospital no Morro da Intendência, onde o clima era mais favorável, o terreno mais seco e a água abundante. A antiga edificação foi vendida para auxiliar as obras de construção do novo hospital.

Em 1906, a Santa Casa teve suas instalações ampliadas com a compra de um terreno vizinho e, em 1912, a edificação foi repintada para a inauguração de um consultório médico, uma sala de operações, uma sala do banco e um necrotério.

Em 1921, por ocasião do desabamento de algumas paredes da edificação, o hospital foi transferido para uma casa colonial, ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde funcionou provisoriamente até 1928, quando da reconstrução do edifício do Morro da Intendência.

No início da década de 1930, foi construída uma maternidade anexa à Santa Casa, com os recursos oferecidos pela empresa Belgo-Mineira. A maternidade foi projetada seguindo os padrões da mais alta tecnologia europeia, o que proporcionou ao hospital uma modernização de suas instalações.

Desde então, a manutenção preventiva vem sendo realizada periodicamente na edificação, com a finalidade de conservar suas características arquitetônicas. Em 2006, foi instalado um sistema de segurança e combate a incêndios na Santa Casa, juntamente com outras várias edificações de Sabará.

Atualmente, a Santa Casa de Misericórdia está passando por um processo de reforma, no qual estão sendo reconstruídos o bloco cirúrgico, a lavanderia e as alas masculina e infantil. Além disso, o hospital tem recebido recursos para a capacitação de seus funcionários e para a informatização de todos os setores, o que proporcionará uma significativa melhoria no funcionamento da instituição que atende a todo o município de Sabará.



Os relógios de pêndulo datam, presumivelmente, do final do século XIX, por apresentarem características próprias da confecção do mobiliário da época.

O relógio era utilizado como medidor do tempo desde a Antiguidade, em variados formatos. Os mais antigos eram os relógios de sol, os relógios de água (clepsidras) e os relógios de areia (ampulhetas). Em 797, Carlos Magno foi presenteado pelo califa de Bagdá, Harun al-Rashid, com um relógio mecânico, do qual saía um pássaro que anunciava as horas. Em 850, o primeiro relógio mecânico, composto por engrenagens e pesos, foi construído por Pacífico, arcebispo de Verona. Em 1500, o primeiro relógio de bolso foi fabricado por Pedro Henlein, na cidade de Nuremberg. Em 1595, com a descoberta da Lei do Pêndulo por Galileu Galilei, os relógios mecânicos de pêndulo foram criados, e logo se tornaram os mais confiáveis medidores de tempo dos últimos três séculos, sendo substituídos apenas nas últimas décadas por oscilações atômicas ou eletrônicas.

No final do século XIX e no início do XX, os relógios de pêndulo eram muito comuns no Brasil. No entanto, não foram encontrados registros da aquisição dos relógios pertencentes atualmente à Santa Casa de Sabará, bem como de intervenções sofridas pelas peças.

Atualmente, os relógios compõem o acervo de bens da Sala de Reuniões e da Sala de Contabilidade e Departamento Pessoal da Santa Casa e são utilizados como elementos decorativos, uma vez que seu funcionamento mecânico está comprometido.

28 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
- CANTI, Tilde. *O móvel no Brasil: origens, evolução e características*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1999.
- DIAS, Nivea. Aleijadinho em ruínas. *Estado de Minas, Notícias*, Belo Horizonte, 9 mar. 1999.
- Entrevista realizada com Carlos Alberto Mayrink Dias, funcionário da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
- Entrevista realizada com José Celso Pyramo, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sabará.
- PASSOS, Zoroastro Vianna. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará (1787 a 1928)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929.
- PRATAVIEIRA, Manoel Batista. Pêndulo simples: um pouco de história das incríveis máquinas do tempo. Trabalho acadêmico apresentado à disciplina de Instrumentação para o Ensino, São Paulo, 2001.
- Disponível em: <http://educar.sc.usp.br/licenciatura/2001/pendulo/PenduloSimples_HTML.htm>. Acesso em agosto de 2007.
- VEIGA, José Xavier da. *Efemérides Mineiras: 1654 – 1897*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos Culturais / Fundação João Pinheiro, 1998.

29 INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

30 FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /
Data: jun a jul 2007
Elaboração: Flávia Melo (hist) / Data: jul a ago 2007
Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 283 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 37

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. ACERVO:
Santa Casa de Misericórdia de Sabará

4. DESIGNAÇÃO:
Quadro do Capitão Antônio de Abreu Guimarães

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada Particular: Santa Casa de Misericórdia

6. ENDEREÇO:
Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:
Dr. Mário de Lima Guerra
Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará
Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Sala de Reunião

9. ESPÉCIE:
Pintura de Cavalete

10. ÉPOCA:
1884

11. AUTORIA:
George Grimm

12. ORIGEM:
Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:
Santa Casa de Misericórdia de Sabará

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Óleo sobre tela / pintura

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não tem.



16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Quadro do Capitão Antônio de Abreu Guimarães, exposto na Sala de Reunião da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Quadro do Capitão Antônio de Abreu Guimarães, pertencente à Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007

17. DESCRIÇÃO:

Quadro com moldura retangular dourada, com frisos e ornamentos de motivos fitomorfos em alto relevo.

Em primeiro plano, retrata o capitão Antônio de Abreu Guimarães, representado por uma figura masculina, de meia-idade; de pé; de cabeça levemente virada à direita; rosto oval, olhos amendoados; nariz reto; boca fechada, esboçando leve sorriso; queixo arredondado; cabelos grisalhos; braços flexionados, o direito para a lateral direita e o esquerdo para frente, junto ao corpo, mão direita com o dedo indicador apontando à direita; mão esquerda segurando florete; perna esquerda levemente flexionada para o lado esquerdo, e os pés em ângulo. Veste uniforme militar setecentista, com sapatos pretos de fivelas; meias brancas; calção de cor camurça na altura dos joelhos; faixa vermelha à cintura; colete camurça, abotoado frontalmente; camisa branca; casaca azul ferrete, com avesso vermelho e grandes botões dourados dispostos em fila, fechada na altura do peito por um botão; gola e canhões das mangas em vermelho, com botões dourados; dragonas de escama e com franjas em metal dourado; punhos e luvas de cor branca; chapéu bicórneo azul ferrete, com galões dourados, encimado por três plumas brancas e com cruz na lateral esquerda.



Em segundo plano, ao centro, na parte superior, cortina em tecido vermelho, meio arqueada, com ponta pendente sobre mesa, deixando à mostra duas janelas laterais. À direita do observador, pergaminho de papel, tinteiro e pena sobre mesa de pernas torneadas.

Em terceiro plano, à esquerda do observador, casas coloniais que se estendem até o fundo da composição por caminho de terra, com três pedestres. À direita do observador, rio com margens arenosas e vegetação rasteira, tendo ao fundo, edificação de dois pavimentos entre arvoredo de copas espessas. Ao fundo, formação montanhosa encimada por céu azul claro e nuvens brancas.

18 CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A sala na qual o quadro se encontra permite o acesso restrito do público, o que oferece pequenos riscos de evasão ou de dano à peça.

19 PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20 DIMENSÕES:

Altura: 170cm

Largura: 120cm

21 ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular, necessitando de intervenção técnica para a sua restauração.

22 ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

O quadro apresenta algumas avarias, como rachaduras, desgaste do douramento e perdas na lateral superior direita da moldura, manchas, sujidades e escurecimento da pintura, com alteração das cores.

23 INTERVENÇÕES RESPONSÁVEL/DATA

A Santa Casa de Misericórdia de Sabará passou por uma reforma estrutural durante a década de 1920, devido ao desabamento de algumas paredes da edificação. No início da década seguinte, o hospital foi ampliado com a instalação de uma maternidade, com os recursos da Belgo Mineira. Desde então, a edificação tem passado por um processo de manutenção preventiva.

Em 2006, foi instalado na Santa Casa um sistema de segurança e combate a incêndios.

Atualmente, o hospital está passando por um processo de reforma, com a reconstrução do bloco cirúrgico, da lavanderia e das alas masculina e infantil, e de modernização, através da capacitação de seus funcionários e da informatização dos setores.

Não foram encontrados registros sobre intervenções realizadas na peça.

24 CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

Pintura a óleo sobre tela, em tons de preto, branco, azul, vermelho, camurça, dourado, marrom e verde. Moldura em madeira recortada e com douramento.

25 CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Pintura datada de 1884, de autoria de George Grimm. O quadro consiste numa réplica do retrato do Capitão Antônio de Abreu Guimarães confeccionado em 1837.

De cunho popular, a pintura retrata o capitão vestido com uniforme militar, à moda do século XVIII, que se inspirava no modelo prussiano, com detalhes próprios do rococó, expresso nas dragonas e nos botões dourados. A tonalidade grave da obra e o caráter estático da figura, além da afirmação dos traços individuais do retratado se apresentam como características marcantes da pintura.

26 CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

O quadro é um retrato do Capitão Antônio de Abreu Guimarães, cavalheiro professo da Ordem de Cristo e instituidor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará. Sua representação possui uma simbologia especial para a Santa Casa, uma vez que seus esforços originaram a instituição.

Antônio de Abreu Guimarães recebeu da Coroa Portuguesa uma grande sesmaria no território mineiro e, já no terceiro quartel do século XVIII, havia se tornado proprietário das Fazendas Jaguará, Vargem Comprida, Mocambo, Riacho D'Anta, Pau de Cheiro, Forquilha, Mello e Barra do Rio Mello, além de engenhos.



fábricas, casas, escravos, gados, criações e muitas terras minerais. Sua enorme fortuna, que constituía um dos maiores patrimônios da Capitania na época, adveio da extração do ouro, dos rendimentos de suas propriedades, da sonegação do quinto e do contrabando de diamantes. Arrependido, o capitão se confessou com um pároco em Portugal, comandado pela rainha D. Maria I, que definiu como penitência aos seus pecados a construção e manutenção de obras pias e a vinculação de seus bens à Coroa Portuguesa. Por determinação do Alvará Régio de 23 de novembro de 1787, o Vínculo da Jaguará foi criado para administrar as obras benfeitoras de Antônio de Abreu, que compreendiam a fundação, no Brasil, de um seminário para meninos pobres no sítio do Jaguará; um seminário para a educação de meninas necessitadas; e dois hospitais na Vila do Sabará para tratamento da lepra e de doenças não contagiosas; e em Portugal, um rendimento para as convertidas do Recolhimento do Rego, junto à Lisboa. Antônio de Abreu se recolheu a um convento lusitano, no qual passou os últimos anos de sua vida.

O quadro apresenta o Capitão Antônio de Abreu Guimarães em uma sala com duas janelas laterais, das quais podem ser avistadas, simbolicamente, à esquerda do observador, as "casas nobres da Rua do Fogo", nas quais deveriam ser instalado o hospital para tratamento de doenças não contagiosas, e, à direita do observador, na margem isolada do Rio das Velhas, a edificação onde haveria de funcionar o hospital para tratamento da lepra, definidos em seu testamento.

27. DADOS HISTÓRICOS:

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. Preocupada com o enorme aumento populacional em sua colônia e com o possível extravio do ouro, a Coroa Portuguesa tomou medidas para manter o controle social sobre a região, edificando, desde a década de 1710, as primeiras vilas e divisões administrativas correspondentes. O Estado Absolutista português também impôs à Capitania a proibição da entrada e da fixação de ordens religiosas no novo território, o que provocou o surgimento de diversas irmandades, constituídas por leigos, responsáveis pela contratação de religiosos para a prática de ofícios sacros e pela construção de templos, proferindo em Minas Gerais a fé católica.

A região de Sabarabuçu foi uma das primeiras áreas devassada e ocupada por aventureiros que seguiam os rios São Francisco e das Velhas no final do século XVII, guiados por seus propósitos expansionistas e exploratórios. A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição foi instituída em 1701 e o primeiro templo foi erguido nesta época, estruturado em barro e madeira, para atender às necessidades do Arraial da Barra do Sabará, devido à atividade mineratória que se firmava.

Em 1702, o Arraial já era considerado o mais populoso de Minas Gerais. Sua constituição se deu através da grande extração de madeira das densas florestas às margens dos rios das Velhas e Sabará pelos primeiros moradores para a construção de casario, pontes e igrejas. Estas áreas desmatadas foram utilizadas para a plantação de lavouras diversas.

Com a expansão do Arraial, a igreja primitiva cedeu espaço à atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e inaugurada em 1710. O Arraial da Barra do Sabará foi elevado à categoria de Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará em 17 de julho de 1717, englobando outros arraiais como o Curral Del Rey, atual Belo Horizonte.

A Vila Real de Nossa Senhora da Conceição foi um dos maiores centros de exploração de ouro no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, o que proporcionou o enriquecimento de inúmeras pessoas, a exemplo do Capitão Antônio de Abreu Guimarães, proprietário das Fazendas Jaguará, Vargem Comprida, Mocambo, Riacho D'Anta, Pau de Cheiro, Forquilha, Mello e Barra do Rio Mello, além de engenhos, fábricas, casas, escravos, gados, criações e muitas terras minerais, e instituidor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará. Sua enorme fortuna adveio não apenas da extração do ouro, mas também da sonegação do quinto e do contrabando de diamantes.

Por determinação do Alvará Régio de 23 de novembro de 1787, o Capitão Antônio de Abreu Guimarães teve todos os bens vinculados à Coroa Portuguesa, tornados inalienáveis e seus rendimentos destinados a obras pias, e, arrependido de seus pecados, recolheu-se a um convento lusitano. Em seu testamento, o Capitão determinou que seus bens seriam convertidos para a fundação, no Brasil, de um seminário para meninos pobres no sítio do Jaguará; de um seminário para a educação de meninas necessitadas; e de dois hospitais na Vila do Sabará para tratamento da lepra e de doenças não contagiosas; e em Portugal, um rendimento para as convertidas do Recolhimento do Rego, junto à Lisboa.

O Vínculo do Jaguará teve sua administração confiada ao Tenente Coronel Francisco de Abreu Guimarães, e, em poucos anos, contraiu diversas dívidas, que prejudicaram a instituição das obras de caridade. Por ocasião de sua morte, em 1807, a Junta Administrativa do Vínculo do Jaguará viu-se obrigada a pedir a



intervenção do príncipe regente, Dom João VI, que, por sua vez, proclamou legítimas as dívidas da primeira administração e definiu como único credor, com direito a rateio, a instituição portuguesa do Recolhimento do Rego, provocando a modificação dos rendimentos do Vínculo do Jaguará e prejudicando as demais instituições.

O hospital para tratamento de doenças não contagiosas deveria ser construído, segundo o instituidor, nas "casas nobres da Rua do Fogo", na Vila do Sabará, e seria administrado pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, que receberia, do Vínculo do Jaguará, o subsídio anual de 800 mil réis. Em 1808, as casas da Rua do Fogo foram recebidas pela Ordem do Carmo, por escritura pública, para a instalação do hospital e a primeira parcela do subsídio foi quitada. No entanto, as condições das referidas casas eram precárias e os recursos insuficientes para o custeio do hospital, o que dificultou a sua imediata instalação. A fundação do Hospital Abreu Guimarães ocorreu em 1812, por intervenção do capitão-mor José de Souza Teixeira.

O hospital funcionou de maneira bastante precária até o ano de 1832, pois os proventos de que dispunha a instituição, adquiridos através de doações, não eram suficientes, e o Vínculo do Jaguará não efetuava o pagamento do seu subsídio há vinte anos. Compadecida da grave situação em que se encontrava o hospital, a Sociedade Pacificadora, Filantrópica e Defensora da Liberdade e da Constituição sugeriu a criação de uma associação religiosa que cuidasse exclusivamente da instituição, o que foi aprovado pelo bispo de Mariana, Dom Frei José da Santíssima Trindade, e confirmado pela Regência, em nome do Imperador. Foram elaborados pelo Padre Mestre Mariano de Souza Silvino, em 1832, os Estatutos da Irmandade da Misericórdia, que asseguravam as condições de funcionamento do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.

Desde então, o hospital foi mantido com as mensalidades dos irmãos associados à Santa Casa, as doações feitas por membros da sociedade sabarense, os rendimentos de loterias e as pensões de alguns enfermos.

A Santa Casa se desenvolveu com os esforços da administração da Irmandade e chegou a atender, em 1854, mais de trinta pacientes, entre pessoas pobres, escravos e pensionistas. Suas instalações foram ampliadas e um cemitério construído no fundo do terreno.

Em 1880, o hospital foi contemplado com o recebimento de uma significativa parcela dos lucros da arrematação dos bens do extinto Vínculo do Jaguará e reformou a sua Sala de Sessões para a recepção do Imperador Dom Pedro II, no ano seguinte.

Nesta época, a Santa Casa experimentou um período de estabilidade financeira, o que proporcionou a mudança do hospital para uma região mais propícia ao seu bom funcionamento. Em 1896, com o auxílio de toda a população sabarense, foi lançada a pedra fundamental do novo hospital no Morro da Intendência, onde o clima era mais favorável, o terreno mais seco e a água abundante. A antiga edificação foi vendida para auxiliar as obras de construção do novo hospital.

Em 1906, a Santa Casa teve suas instalações ampliadas com a compra de um terreno vizinho e, em 1912, a edificação foi repintada para a inauguração de um consultório médico, uma sala de operações, uma sala do banco e um necrotério.

Em 1921, por ocasião do desabamento de algumas paredes da edificação, o hospital foi transferido para uma casa colonial, ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde funcionou provisoriamente até 1928, quando da reconstrução do edifício do Morro da Intendência.

No início da década de 1930, foi construída uma maternidade anexa à Santa Casa, com os recursos oferecidos pela empresa Beigo Mineira. A maternidade foi projetada seguindo os padrões da mais alta tecnologia européia, o que proporcionou ao hospital uma modernização de suas instalações.

Desde então, a manutenção preventiva vem sendo realizadas periodicamente na edificação, com a finalidade de conservar suas características arquitetônicas. Em 2006, foi instalado um sistema de segurança e combate a incêndios na Santa Casa, juntamente com outras várias edificações de Sabará.

Atualmente, a Santa Casa de Misericórdia está passando por um processo de reforma, no qual estão sendo reconstruídos o bloco cirúrgico, a lavanderia e as alas masculina e infantil. Além disso, o hospital tem recebido recursos para a capacitação de seus funcionários e para a informatização de todos os setores, o que proporcionará uma significativa melhoria no funcionamento da instituição que atende a todo o município de Sabará.



O retrato original do Capitão Antônio de Abreu Guimarães foi pintado em 1837, a pedido do mordomo Francisco Xavier Barbosa "para que fosse exposto ao público em todos os dias de visita¹⁰⁸", compondo, desta forma, a decoração da Sala das Sessões da primeira edificação do hospital. No entanto, devido ao seu mal acondicionamento, o quadro sofreu uma rápida deterioração. Em 1884, foi encomendada pela Irmandade da Misericórdia ao artista George Grimm, uma cópia fiel do retrato, sob a comissão de 250 mil réis. Neste mesmo ano, o quadro foi colocado na recém-reformada Sala das Sessões da Santa Casa de Misericórdia.

George Grimm nasceu na Baviera, na Alemanha, em 1846. Estudou desenho na Academia de Berlim, especializando-se posteriormente sozinho como artista plástico naturalista. Em 1882, participou de sua primeira exposição, promovida pela Sociedade Propagadora de Belas Artes, com 150 telas. Foi professor da Academia Imperial de Belas Artes até 1884, quando foi substituído por Vitor Meirelles. O artista inovou o estudo da paisagem com suas aulas ao ar livre, de onde era possível captar com maior objetividade a luz e as cores do ambiente. Teve como discípulos, entre outros artistas brasileiros, Antônio Parreiras, Batista Castagneto, Domingos Vasquez, Hipólito Caron, Francisco Ribeiro e França Júnior. Faleceu em 1887. George Grimm também foi responsável pela pintura do pano de boca do Teatro Municipal de Sabará, que traz como motivo a paisagem da cidade. Atualmente, a peça encontra-se em péssimo estado de conservação.

Em 1896, com a mudança do hospital para o novo terreno no Morro da Intendência, o quadro foi transportado para o Salão Nobre – também conhecido como Sala de Reunião – da nova edificação da Santa Casa de Misericórdia de Sabará, nele permanecendo até os dias atuais.

Não foram encontrados registros de intervenções sofridas pela peça.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AS ARTES plásticas no Brasil. *Portal das Artes*. Disponível em

<http://www.portalarartes.com.br/portal/historia_artes_plasticas_brasil_artes_plasticas.asp>. Acesso em agosto de 2007.

CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.

CANTI, Tilde. *O móvel no Brasil: origens, evolução e características*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1999.

Entrevista realizada com Carlos Alberto Mayrink Dias, funcionário da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.

Entrevista realizada com José Celso Pyramo, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sabará.

GERÊNCIA de Comunicação. Teatro Municipal. *Prefeitura Municipal de Sabará*. Disponível em:

<<http://www.sabara.mg.gov.br>>. Acesso em agosto de 2007.

PASSOS, Zoroastro Vianna. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará (1787 a 1928)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /

Data: jun a jul 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008

¹⁰⁸ PASSOS: 1929, p. 124



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 289 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 38

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. ACERVO:
Santa Casa de Misericórdia de Sabará

4. DESIGNAÇÃO:
Quadro do Padre Mestre Mariano de Souza Silvino

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada Particular: Santa Casa de Misericórdia

6. ENDEREÇO:
Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:
Dr. Mário de Lima Guerra
Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará
Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Sala de Reunião

9. ESPÉCIE:
Pintura de Cavalete

10. ÉPOCA:
1849

11. AUTORIA:
Desconhecida

12. ORIGEM:
Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:
Santa Casa de Misericórdia de Sabará

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Óleo sobre tela / pintura

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:

"Ei-Ioi! Quem he? Silvino, Pae dos pobres.
Oh! Seo nome gravado em nossos peitos
Viverá immortal, qual vive o Homem
Grande em virtude, grande por seos feitos!

Aos pobres esta Caza abrio piedozo,
Em seo peito aninhou sempre a Virtude,
Goza no Céu o premio merecido,
Dorme tranquillo, em paz, no ataude."



16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Quadro do Padre Mestre Mariano de Souza Silvino, exposto na Sala de Reunião da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Quadro do Padre Mestre Mariano de Souza Silvino.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Detalhe do poema escrito em honra do Padre Mestre Mariano de Souza Silvino.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007

17. DESCRIÇÃO:

Quadro com moldura retangular em madeira lisa. Pintura que representa o Padre Mestre Mariano de Souza Silvino sobre fundo verde escuro, com figura masculina, de meia-idade, posicionada a $\frac{3}{4}$ de frente; de cabeça levemente virada à direita; rosto oval, imberbe; olhos amendoados; sobrancelhas grossas e unidas; nariz aquilino; boca pequena fechada, lábios afilados; queixo bipartido; cabelos curtos e grisalhos; braço direito junto ao corpo, levemente flexionado para a frente, braço esquerdo dobrado junto à cintura; mão esquerda entreaberta, segurando lenço branco. Veste batina preta, de mangas longas, alva, da qual se percebe a gola, e capa preta, que pende sobre o ombro esquerdo. Na parte inferior do quadro, poema manuscrito com tinta branca, em honra do Padre Mariano Silvino.

18 CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A sala na qual o quadro se encontra permite o acesso restrito do público, o que oferece pequenos riscos de evasão ou de dano à peça.

19 PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário



20. DIMENSÕES:

Altura: 103cm
Largura: 95cm
Profundidade: 3cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular, necessitando de intervenção técnica para a sua restauração.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

O quadro apresenta algumas avarias, como manchas, sujidades, trincas e escurecimento da pintura, com alteração das cores.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

A Santa Casa de Misericórdia de Sabará passou por uma reforma estrutural durante a década de 1920, devido ao desabamento de algumas paredes da edificação. No início da década seguinte, o hospital foi ampliado com a instalação de uma maternidade, com os recursos da Belgo Mineira. Desde então, a edificação tem passado por um processo de manutenção preventiva. Em 2006, foi instalado na Santa Casa um sistema de segurança e combate a incêndios.

Atualmente, o hospital está passando por um processo de reforma, com a reconstrução do bloco cirúrgico, da lavanderia e das alas masculina e infantil, e de modernização, através da capacitação de seus funcionários e da informatização dos setores.

Não foram encontrados registros sobre intervenções realizadas na peça.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Pintura a óleo sobre tela, em tons de preto, branco, rosa (carnação) e verde escuro. Moldura em madeira recortada e colada.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Pintura datada de 1849, de cunho popular. A tonalidade penumbriada e grave da obra e o caráter estático da figura, além da afirmação dos traços individuais do retratado se apresentam como características marcantes da pintura. Observa-se um grande detalhamento da mão do personagem.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

O quadro é um retrato do Padre Mestre Mariano de Souza Silvino, que, em 1832, era presidente da Sociedade Pacificadora, Filantrópica e Defensora da Liberdade e da Constituição, e, sensibilizado com a grave crise econômica que o Hospital Abreu Guimarães enfrentava, sugeriu a criação de uma associação religiosa que cuidasse exclusivamente da instituição, o que foi aprovado pelo bispo de Mariana, Dom Frei José da Santíssima Trindade, e confirmado pela Regência, em nome do Imperador. Neste mesmo ano, o Padre Mariano Silvino elaborou os Estatutos da Irmandade da Misericórdia, que asseguravam as condições de funcionamento do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Sabará, e se tornou o seu primeiro presidente, cumprindo seu mandato até 1844. Desde então, o hospital foi mantido com as mensalidades dos irmãos associados à Santa Casa, as doações feitas por membros da sociedade sabarense, os rendimentos de loterias e as pensões de alguns enfermos.

Padre Mariano Silvino era ativista político e defensor dos pobres e oprimidos. Tornou-se líder do Movimento Constitucionalista em 1831 e, quando da visita do Imperador Dom Pedro I a Sabará, demonstrou seu descontentamento durante o espetáculo de gala em honra do governante, na Casa da Ópera. No momento em que o Imperador aguardava o cerimonioso "Viva o Imperador D. Pedro I", na acústica quase perfeita do Grande Teatro, Padre Silvino, ao lado do Coronel Pedro Gomes Nogueira proferiu: "Enquanto for constitucional", gesto este que provocou o retorno do Imperador ao Rio de Janeiro no dia seguinte.

A representação da imagem do Padre Mariano Silvino possui uma simbologia especial para a Santa Casa de Misericórdia de Sabará, uma vez que seus esforços proporcionaram uma importante reorganização administrativa da instituição.

Na parte inferior do quadro, encontra-se um poema escrito por um cidadão anônimo sabarense em honra do Padre Silvino, que remete à sua dedicação aos pobres e à manutenção da Santa Casa de Misericórdia.



27. DADOS HISTÓRICOS:

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. Preocupada com o enorme aumento populacional em sua colônia e com o possível extravio do ouro, a Coroa Portuguesa tomou medidas para manter o controle social sobre a região, edificando, desde a década de 1710, as primeiras vilas e divisões administrativas correspondentes. O Estado Absolutista português também impôs à Capitania a proibição da entrada e da fixação de ordens religiosas no novo território, o que provocou o surgimento de diversas irmandades, constituídas por leigos, responsáveis pela contratação de religiosos para a prática de ofícios sacros e pela construção de templos, proferindo em Minas Gerais a fé católica.

A região de Sabarabuçu foi uma das primeiras áreas devassada e ocupada por aventureiros que seguiam os rios São Francisco e das Velhas no final do século XVII, guiados por seus propósitos expansionistas e exploratórios. A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição foi instituída em 1701 e o primeiro templo foi erguido nesta época, estruturado em barro e madeira, para atender às necessidades do Arraial da Barra do Sabará, devido à atividade mineratória que se firmava.

Em 1702, o Arraial já era considerado o mais populoso de Minas Gerais. Sua constituição se deu através da grande extração de madeira das densas florestas às margens dos rios das Velhas e Sabará pelos primeiros moradores para a construção de casarões, pontes e igrejas. Estas áreas desmatadas foram utilizadas para a plantação de lavouras diversas.

Com a expansão do Arraial, a igreja primitiva cedeu espaço à atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e inaugurada em 1710. O Arraial da Barra do Sabará foi elevado à categoria de Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará em 17 de julho de 1717, englobando outros arraiais como o Curral Del Rey, atual Belo Horizonte.

A Vila Real de Nossa Senhora da Conceição foi um dos maiores centros de exploração de ouro no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, o que proporcionou o enriquecimento de inúmeras pessoas, a exemplo do Capitão Antônio de Abreu Guimarães, proprietário das Fazendas Jaguará, Vargem Comprida, Mocambo, Riacho D'Anta, Pau de Cheiro, Forquilha, Mello e Barra do Rio Mello, além de engenhos, fábricas, casas, escravos, gados, criações e muitas terras minerais, e instituidor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará. Sua enorme fortuna adveio não apenas da extração do ouro, mas também da sonegação do quinto e do contrabando de diamantes.

Por determinação do Alvará Régio de 23 de novembro de 1787, o Capitão Antônio de Abreu Guimarães teve todos os bens vinculados à Coroa Portuguesa, tornados inalienáveis e seus rendimentos destinados a obras pias, e, arrependido de seus pecados, recolheu-se a um convento lusitano. Em seu testamento, o Capitão determinou que seus bens seriam convertidos para a fundação, no Brasil, de um seminário para meninos pobres no sítio do Jaguará; de um seminário para a educação de meninas necessitadas; e de dois hospitais na Vila do Sabará para tratamento da lepra e de doenças não contagiosas; e em Portugal, um rendimento para as convertidas do Recolhimento do Rego, junto à Lisboa.

O Vínculo do Jaguará teve sua administração confiada ao Tenente Coronel Francisco de Abreu Guimarães, e, em poucos anos, contraiu diversas dívidas, que prejudicaram a instituição das obras de caridade. Por ocasião de sua morte, em 1807, a Junta Administrativa do Vínculo do Jaguará viu-se obrigada a pedir a intervenção do príncipe regente, Dom João VI, que, por sua vez, proclamou legítimas as dívidas da primeira administração e definiu como único credor, com direito a rateio, a instituição portuguesa do Recolhimento do Rego, provocando a modificação dos rendimentos do Vínculo do Jaguará e prejudicando as demais instituições.

O hospital para tratamento de doenças não contagiosas deveria ser construído, segundo o instituidor, nas "casas nobres da Rua do Fogo", na Vila do Sabará, e seria administrado pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, que receberia, do Vínculo do Jaguará, o subsídio anual de 800 mil réis. Em 1808, as casas da Rua do Fogo foram recebidas pela Ordem do Carmo, por escritura pública, para a instalação do hospital e a primeira parcela do subsídio foi quitada. No entanto, as condições das referidas casas eram precárias e os recursos insuficientes para o custeio do hospital, o que dificultou a sua imediata instalação. A fundação do Hospital Abreu Guimarães ocorreu em 1812, por intervenção do capitão-mor José de Souza Teixeira.

O hospital funcionou de maneira bastante precária até o ano de 1832, pois os proventos de que dispunha a instituição, adquiridos através de doações, não eram suficientes, e o Vínculo do Jaguará não efetuava o pagamento do seu subsídio há vinte anos. Compadecida da grave situação em que se encontrava o hospital, a Sociedade Pacificadora, Filantrópica e Defensora da Liberdade e da Constituição sugeriu a criação de uma associação religiosa que cuidasse exclusivamente da instituição, o que foi aprovado pelo



bispo de Mariana, Dom Frei José da Santíssima Trindade, e confirmado pela Regência, em nome do Imperador. Foram elaborados pelo Padre Mestre Mariano de Souza Silvino, em 1832, os Estatutos da Irmandade da Misericórdia, que asseguravam as condições de funcionamento do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.

Desde então, o hospital foi mantido com as mensalidades dos irmãos associados à Santa Casa, as doações feitas por membros da sociedade sabarense, os rendimentos de loterias e as pensões de alguns enfermos.

A Santa Casa se desenvolveu com os esforços da administração da Irmandade e chegou a atender, em 1854, mais de trinta pacientes, entre pessoas pobres, escravos e pensionistas. Suas instalações foram ampliadas e um cemitério construído no fundo do terreno.

Em 1880, o hospital foi contemplado com o recebimento de uma significativa parcela dos lucros da arrematação dos bens do extinto Vínculo do Jaguará e reformou a sua Sala de Sessões para a recepção do Imperador Dom Pedro II, no ano seguinte.

Nesta época, a Santa Casa experimentou um período de estabilidade financeira, o que proporcionou a mudança do hospital para uma região mais propícia ao seu bom funcionamento. Em 1896, com o auxílio de toda a população sabarense, foi lançada a pedra fundamental do novo hospital no Morro da Intendência, onde o clima era mais favorável, o terreno mais seco e a água abundante. A antiga edificação foi vendida para auxiliar as obras de construção do novo hospital.

Em 1906, a Santa Casa teve suas instalações ampliadas com a compra de um terreno vizinho e, em 1912, a edificação foi repintada para a inauguração de um consultório médico, uma sala de operações, uma sala do banco e um necrotério.

Em 1921, por ocasião do desabamento de algumas paredes da edificação, o hospital foi transferido para uma casa colonial, ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde funcionou provisoriamente até 1928, quando da reconstrução do edifício do Morro da Intendência.

No início da década de 1930, foi construída uma maternidade anexa à Santa Casa, com os recursos oferecidos pela empresa Belgo Mineira. A maternidade foi projetada seguindo os padrões da mais alta tecnologia europeia, o que proporcionou ao hospital uma modernização de suas instalações.

Desde então, a manutenção preventiva vem sendo realizadas periodicamente na edificação, com a finalidade de conservar suas características arquitetônicas. Em 2006, foi instalado um sistema de segurança e combate a incêndios na Santa Casa, juntamente com outras várias edificações de Sabará.

Atualmente, a Santa Casa de Misericórdia está passando por um processo de reforma, no qual estão sendo reconstruídos o bloco cirúrgico, a lavanderia e as alas masculina e infantil. Além disso, o hospital tem recebido recursos para a capacitação de seus funcionários e para a informatização de todos os setores, o que proporcionará uma significativa melhoria no funcionamento da instituição que atende a todo o município de Sabará.

O retrato do Padre Mestre Mariano de Souza Silvino foi pintado em 1849, a pedido do Secretário da Santa Casa Antônio Gomes Baptista Júnior para compor a decoração da Sala das Sessões da primeira edificação do hospital, ao lado de outros grandes nomes da história da instituição.

Em 1896, com a mudança do hospital para o novo terreno no Morro da Intendência, o quadro foi transportado para o Salão Nobre – também conhecido como Sala de Reunião – da nova edificação da Santa Casa de Misericórdia de Sabará, nele permanecendo até os dias atuais.

Não foram encontrados registros de intervenções sofridas pela peça.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.

CANTI, Tilde. *O móvel no Brasil: origens, evolução e características*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1999.

Entrevista realizada com Carlos Alberto Mayrink Dias, funcionário da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.

Entrevista realizada com José Celso Pyramo, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sabará.

PASSOS, Zoroastro Vianna. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará (1787 a 1928)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -



30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /

Data: jun a jul 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 295 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 39

1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Sede

3. ACERVO:

Santa Casa de Misericórdia de Sabará

4. DESIGNAÇÃO:

Quadro de Theotônio Rodrigues Dourado

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:

Propriedade Privada Particular: Santa Casa de Misericórdia

6. ENDEREÇO:

Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:

Dr. Mário de Lima Guerra

Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará

Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:

Sala de Reunião

9. ESPÉCIE:

Pintura de Cavalete

10. ÉPOCA:

1867

11. AUTORIA:

Carlos Penuti

12. ORIGEM:

Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:

Desconhecida

14. MATERIAL / TÉCNICA:

Óleo sobre tela / pintura

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:

Não tem



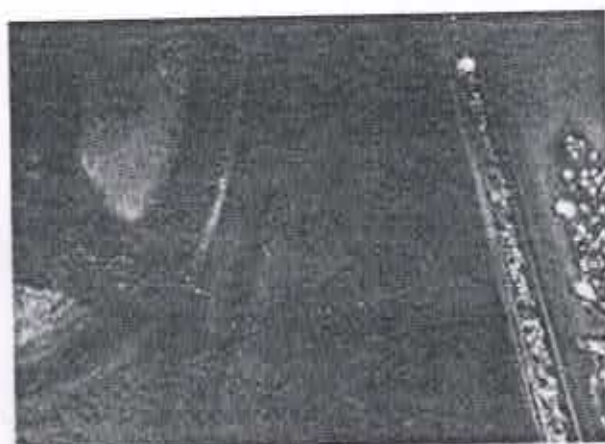
16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Quadro de Theotônio Rodrigues Dourado, exposto na Sala de Reunião da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Quadro de Theotônio Rodrigues Dourado, pertencente à Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Detalhe da assinatura do artista C. Penuti e a data, 1867.
Quadro de Theotônio Rodrigues Dourado.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007

17. DESCRIÇÃO:

Quadro com moldura retangular em madeira dourada, com cantos ornamentados em alto relevo com motivos fitomorfos, volutas e palmetas, com tarjas centrais vazias. Pintura que representa Theotônio Rodrigues Dourado sobre fundo marrom escuro, com figura masculina, de meia-idade, ligeiramente calva; sentado; posicionada a ¼ de perfil; de fisionomia serena; cabeça reta; rosto arredondado; olhos amendoados, com pálpebras inferiores um pouco salientes; sobrancelhas finas e levemente arqueadas; nariz largo; boca fechada; lábio superior fino e o inferior carnudo; queixo arredondado; cabelos curtos, pretos e penteados para trás; barba grisalha arredondada, acompanhando o contorno do rosto, sem bigode. Possui os braços levemente flexionados para frente, apoiados no colo; mão esquerda segurando luva branca, mão direita segurando levemente bengala. Veste calça preta, blusa branca, colete preto, gravata borboleta, casaco preto e usa luva branca na mão esquerda. Está assentado em cadeira de madeira escura, com braços em voluta, assento e encosto forrados com tecido vermelho.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A sala na qual o quadro se encontra permite o acesso restrito do público, o que oferece pequenos riscos de evasão ou de dano à peça.



19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:
Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 113cm
Largura: 126cm
Profundidade: 10cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular, necessitando de intervenção técnica para a sua restauração.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

O quadro apresenta algumas avarias, como desgaste do douramento da moldura, manchas, sujidades, trincas e escurecimento da pintura, com alteração das cores.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

A Santa Casa de Misericórdia de Sabará passou por uma reforma estrutural durante a década de 1920, devido ao desabamento de algumas paredes da edificação. No início da década seguinte, o hospital foi ampliado com a instalação de uma maternidade, com os recursos da Belgo Mineira. Desde então, a edificação tem passado por um processo de manutenção preventiva. Em 2006, foi instalado na Santa Casa um sistema de segurança e combate a incêndios.

Atualmente, o hospital está passando por um processo de reforma, com a reconstrução do bloco cirúrgico, da lavanderia e das alas masculina e infantil, e de modernização, através da capacitação de seus funcionários e da informatização dos setores.

Não foram encontrados registros sobre intervenções realizadas na peça.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Pintura a óleo sobre tela, em tons de preto, branco, vermelho, rosa (carnação) e marrom escuro. Moldura em madeira recortada, entalhada e com douramento.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Pintura datada de 1867, de autoria de C. Penuti. A tonalidade penumbriada e grave da obra e o caráter estático da figura, além da afirmação dos traços individuais do retratado se apresentam como características marcantes da pintura. Observa-se um grande detalhamento da expressão e das mãos do personagem.

A Prefeitura Municipal de Sabará possui em seu acervo, presente na própria edificação, uma outra obra do artista, de mesma datação e estilo, que retrata o Cônego Roussin.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

O quadro é um retrato de Theotônio Rodrigues Dourado, abastado comerciante português que foi nomeado tesoureiro da mesa administrativa da Santa Casa de Misericórdia em 1847, permanecendo no cargo até sua morte, em 1873.

Durante os vinte e seis anos de serviços prestados à instituição, Theotônio Dourado custeou as despesas da Santa Casa diversas vezes em seus momentos de crise. Desta forma, a representação de sua imagem possui uma simbologia especial para a Santa Casa, uma vez que seus esforços proporcionaram a manutenção da instituição.

27. DADOS HISTÓRICOS:

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. Preocupada com o enorme aumento populacional em sua colônia e com o possível extravio do ouro, a Coroa Portuguesa tomou medidas para manter o controle social sobre a região, edificando, desde a década de 1710, as primeiras vilas e divisões administrativas correspondentes. O Estado Absolutista português também impôs à Capitania a proibição da entrada e da fixação de ordens religiosas no novo território, o que provocou o surgimento de diversas irmandades, constituídas por leigos, responsáveis pela contratação de religiosos para a prática de ofícios sacros e pela construção de templos, proferindo em Minas Gerais a fé católica.



A região de Sabarabuçu foi uma das primeiras áreas devassada e ocupada por aventureiros que seguiam os rios São Francisco e das Velhas no final do século XVII, guiados por seus propósitos expansionistas e exploratórios. A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição foi instituída em 1701 e o primeiro templo foi erguido nesta época, estruturado em barro e madeira, para atender às necessidades do Arraial da Barra do Sabará, devido à atividade mineratória que se firmava.

Em 1702, o Arraial já era considerado o mais populoso de Minas Gerais. Sua constituição se deu através da grande extração de madeira das densas florestas às margens dos rios das Velhas e Sabará pelos primeiros moradores para a construção de casario, pontes e igrejas. Estas áreas desmatadas foram utilizadas para a plantação de lavouras diversas.

Com a expansão do Arraial, a igreja primitiva cedeu espaço à atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e inaugurada em 1710. O Arraial da Barra do Sabará foi elevado à categoria de Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará em 17 de julho de 1717, englobando outros arraiais como o Curral Del Rey, atual Belo Horizonte.

A Vila Real de Nossa Senhora da Conceição foi um dos maiores centros de exploração de ouro no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, o que proporcionou o enriquecimento de inúmeras pessoas, a exemplo do Capitão Antônio de Abreu Guimarães, proprietário das Fazendas Jaguará, Vargem Comprida, Mocambo, Riacho D'Anta, Pau de Cheiro, Forquilha, Mello e Barra do Rio Mello, além de engenhos, fábricas, casas, escravos, gados, criações e muitas terras minerais, e instituidor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará. Sua enorme fortuna adveio não apenas da extração do ouro, mas também da sonegação do quinto e do contrabando de diamantes.

Por determinação do Alvará Régio de 23 de novembro de 1787, o Capitão Antônio de Abreu Guimarães teve todos os bens vinculados à Coroa Portuguesa, tornados inalienáveis e seus rendimentos destinados a obras pias, e, arrependido de seus pecados, recolheu-se a um convento lusitano. Em seu testamento, o Capitão determinou que seus bens seriam convertidos para a fundação, no Brasil, de um seminário para meninos pobres no sítio do Jaguará; de um seminário para a educação de meninas necessitadas; e de dois hospitais na Vila do Sabará para tratamento da lepra e de doenças não contagiosas; e em Portugal, um rendimento para as convertidas do Recolhimento do Rego, junto à Lisboa.

O Vínculo do Jaguará teve sua administração confiada ao Tenente Coronel Francisco de Abreu Guimarães, e, em poucos anos, contraiu diversas dívidas, que prejudicaram a instituição das obras de caridade. Por ocasião de sua morte, em 1807, a Junta Administrativa do Vínculo do Jaguará viu-se obrigada a pedir a intervenção do príncipe regente, Dom João VI, que, por sua vez, proclamou legítimas as dívidas da primeira administração e definiu como único credor, com direito a rateio, a instituição portuguesa do Recolhimento do Rego, provocando a modificação dos rendimentos do Vínculo do Jaguará e prejudicando as demais instituições.

O hospital para tratamento de doenças não contagiosas deveria ser construído, segundo o instituidor, nas "casas nobres da Rua do Fogo", na Vila do Sabará, e seria administrado pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, que receberia, do Vínculo do Jaguará, o subsídio anual de 800 mil réis. Em 1808, as casas da Rua do Fogo foram recebidas pela Ordem do Carmo, por escritura pública, para a instalação do hospital e a primeira parcela do subsídio foi quitada. No entanto, as condições das referidas casas eram precárias e os recursos insuficientes para o custeio do hospital, o que dificultou a sua imediata instalação. A fundação do Hospital Abreu Guimarães ocorreu em 1812, por intervenção do capitão-mor José de Souza Teixeira.

O hospital funcionou de maneira bastante precária até o ano de 1832, pois os proventos de que dispunha a instituição, adquiridos através de doações, não eram suficientes, e o Vínculo do Jaguará não efetuava o pagamento do seu subsídio há vinte anos. Compadecida da grave situação em que se encontrava o hospital, a Sociedade Pacificadora, Filantrópica e Defensora da Liberdade e da Constituição sugeriu a criação de uma associação religiosa que cuidasse exclusivamente da instituição, o que foi aprovado pelo bispo de Mariana, Dom Frei José da Santíssima Trindade, e confirmado pela Regência, em nome do Imperador. Foram elaborados pelo Padre Mestre Mariano de Souza Silvino, em 1832, os Estatutos da Irmandade da Misericórdia, que asseguravam as condições de funcionamento do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.

Desde então, o hospital foi mantido com as mensalidades dos irmãos associados à Santa Casa, as doações feitas por membros da sociedade sabarense, os rendimentos de loterias e as pensões de alguns enfermos. A Santa Casa se desenvolveu com os esforços da administração da Irmandade e chegou a atender, em 1854, mais de trinta pacientes, entre pessoas pobres, escravos e pensionistas. Suas instalações foram ampliadas e um cemitério construído no fundo do terreno.



Em 1880, o hospital foi contemplado com o recebimento de uma significativa parcela dos lucros da arrematação dos bens do extinto Vínculo do Jaguará e reformou a sua Sala de Sessões para a recepção do Imperador Dom Pedro II, no ano seguinte.

Nesta época, a Santa Casa experimentou um período de estabilidade financeira, o que proporcionou a mudança do hospital para uma região mais propícia ao seu bom funcionamento. Em 1896, com o auxílio de toda a população sabarense, foi lançada a pedra fundamental do novo hospital no Morro da Intendência, onde o clima era mais favorável, o terreno mais seco e a água abundante. A antiga edificação foi vendida para auxiliar as obras de construção do novo hospital.

Em 1906, a Santa Casa teve suas instalações ampliadas com a compra de um terreno vizinho e, em 1912, a edificação foi repintada para a inauguração de um consultório médico, uma sala de operações, uma sala do banco e um necrotério.

Em 1921, por ocasião do desabamento de algumas paredes da edificação, o hospital foi transferido para uma casa colonial, ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde funcionou provisoriamente até 1928, quando da reconstrução do edifício do Morro da Intendência.

No início da década de 1930, foi construída uma maternidade anexa à Santa Casa, com os recursos oferecidos pela empresa Belgo Mineira. A maternidade foi projetada seguindo os padrões da mais alta tecnologia européia, o que proporcionou ao hospital uma modernização de suas instalações.

Desde então, a manutenção preventiva vem sendo realizadas periodicamente na edificação, com a finalidade de conservar suas características arquitetônicas. Em 2006, foi instalado um sistema de segurança e combate a incêndios na Santa Casa, juntamente com outras várias edificações de Sabará.

Atualmente, a Santa Casa de Misericórdia está passando por um processo de reforma, no qual estão sendo reconstruídos o bloco cirúrgico, a lavanderia e as alas masculina e infantil. Além disso, o hospital tem recebido recursos para a capacitação de seus funcionários e para a informatização de todos os setores, o que proporcionará uma significativa melhoria no funcionamento da instituição que atende a todo o município de Sabará.

- O retrato de Theotônio Rodrigues Dourado foi pintado em 1867, por Carlos Penuti. Não foram encontrados dados biográficos do artista.

Por ocasião da morte do ex-tesoureiro da Santa Casa da Misericórdia, em 1873, a mesa administrativa da instituição solicitou ao Vice-cônsul de Portugal, João José Cardoso, a aquisição da pintura para compor a decoração da Sala das Sessões da primeira edificação do hospital, ao lado de outros grandes nomes da história da instituição.

Em 1896, com a mudança do hospital para o novo terreno no Morro da Intendência, o quadro foi transportado para o Salão Nobre – também conhecido como Sala de Reunião – da nova edificação da Santa Casa de Misericórdia de Sabará, nele permanecendo até os dias atuais.

Não foram encontrados registros de intervenções sofridas pela peça.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
Entrevista realizada com Carlos Alberto Mayrink Dias, funcionário da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Entrevista realizada com José Celso Pyramo, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sabará.
PASSOS, Zoroastro Vianna. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará (1787 a 1928)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /
Data: jun a jul 2007
Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007
Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 300 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 40

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. ACERVO:
Santa Casa de Misericórdia de Sabará

4. DESIGNAÇÃO:
Quadro do Irmão Reverendo Antônio José Vianna

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada Particular Santa-Casa de Misericórdia

6. ENDEREÇO:
Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:
Dr. Mário de Lima Guerra
Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará
Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Sala de Reunião

9. ESPÉCIE:
Pintura de Cavalete

10. ÉPOCA:
1861

11. AUTORIA:
Desconhecida

12. ORIGEM:
Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:
Santa Casa de Misericórdia de Sabará

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Óleo sobre tela / pintura

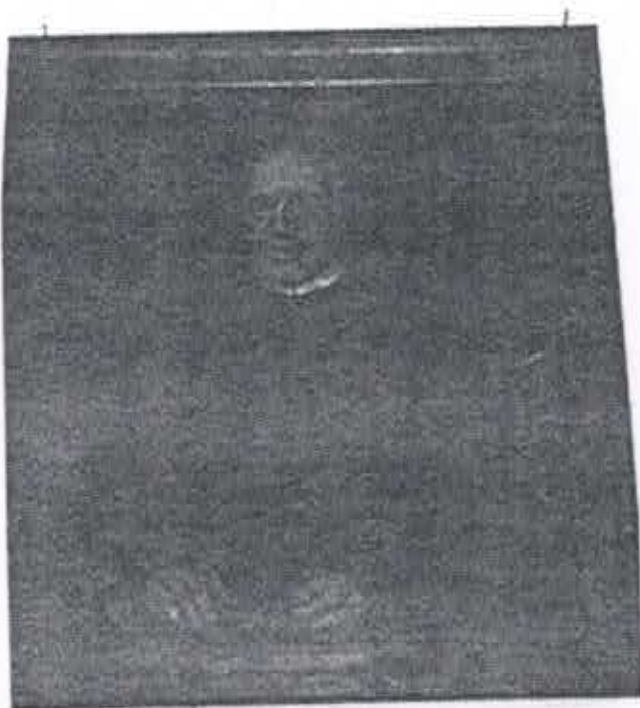
15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não tem.



16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Quadro do Irmão Reverendo Antônio José Vianna, exposto na Sala de Reunião da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Quadro do Irmão Reverendo Antônio José Vianna, pertencente à Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007

17. DESCRIÇÃO:

Quadro com moldura retangular em madeira lisa. Pintura que representa, em primeiro plano, o Irmão Reverendo Antônio José Vianna, com figura masculina, anciã, negra, calva, sentada, posicionada a ¼ de perfil, de fisionomia serena; cabeça reta, rosto oval, imberbe; olhos pequenos, com pálpebras salientes; sobrancelhas grossas; nariz grande e largo; boca cerrada, esboçando sorriso; lábio superior fino e inferior carnudo; queixo bipartido; cabelos curtos e brancos. Possui os braços levemente flexionados para frente, apoiados no colo; mão esquerda fechada, mão direita aberta; dedo anular da mão direita com anel prateado, com pedra redonda vermelha. Veste batina preta, de mangas longas e cabeçação branco.

Em segundo plano, à esquerda do observador, livro sobre mesa forrada com tecido vermelho. À direita do observador, cortina verde bandeira amarrada com fita amarela. Fundo verde musgo.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A sala na qual o quadro se encontra permite o acesso restrito do público, o que oferece pequenos riscos de evasão ou de dano à peça

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA.

Nenhuma / Inventário



20. DIMENSÕES:

Altura: 113cm

Largura: 103cm

Profundidade: 3cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Ruim, necessitando de intervenção, com técnicas sofisticadas para a sua restauração.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

O quadro apresenta algumas avarias, como manchas, sujidades, trincas e avançado grau de escurecimento da pintura, com grande alteração das cores.

23. INTERVENÇÕES. RESPONSÁVEL/DATA

A Santa Casa de Misericórdia de Sabará passou por uma reforma estrutural durante a década de 1920, devido ao desabamento de algumas paredes da edificação. No início da década seguinte, o hospital foi ampliado com a instalação de uma maternidade, com os recursos da Belgo Mineira. Desde então, a edificação tem passado por um processo de manutenção preventiva. Em 2006, foi instalado na Santa Casa um sistema de segurança e combate a incêndios.

Atualmente, o hospital está passando por um processo de reforma, com a reconstrução do bloco cirúrgico, da lavanderia e das alas masculina e infantil, e de modernização, através da capacitação de seus funcionários e da informatização dos setores.

Não foram encontrados registros sobre intervenções realizadas na peça.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Pintura a óleo sobre tela, em tons de verde, preto, branco, vermelho, amarelo e marrom. Moldura em madeira recortada e colada.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Pintura datada de 1861, de cunho popular. A tonalidade penumbriada e grave da obra e o caráter estático da figura, além da afirmação dos traços individuais do retratado se apresentam como características marcantes da pintura. Observa-se um grande detalhamento da expressão e das mãos do personagem.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

O quadro é um retrato do Irmão Reverendo Antônio José Vianna, mordomo da Santa Casa de Misericórdia de Sabará que muito contribuiu para a manutenção da instituição através de suas doações. Não foram encontradas maiores informações sobre a sua história.

27. DADOS HISTÓRICOS:

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. Preocupada com o enorme aumento populacional em sua colônia e com o possível extravio do ouro, a Coroa Portuguesa tomou medidas para manter o controle social sobre a região, edificando, desde a década de 1710, as primeiras vilas e divisões administrativas correspondentes. O Estado Absolutista português também impôs à Capitania a proibição da entrada e da fixação de ordens religiosas no novo território, o que provocou o surgimento de diversas irmandades, constituídas por leigos, responsáveis pela contratação de religiosos para a prática de ofícios sacros e pela construção de templos, proferindo em Minas Gerais a fé católica.

A região de Sabarabuçu foi uma das primeiras áreas devassada e ocupada por aventureiros que seguiam os rios São Francisco e das Velhas no final do século XVII, guiados por seus propósitos expansionistas e exploratórios. A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição foi instituída em 1701 e o primeiro templo foi erguido nesta época, estruturado em barro e madeira, para atender às necessidades do Arraial da Barra do Sabará, devido à atividade mineratória que se firmava.

Em 1702, o Arraial já era considerado o mais populoso de Minas Gerais. Sua constituição se deu através da grande extração de madeira das densas florestas às margens dos rios das Velhas e Sabará pelos primeiros moradores para a construção de casario, pontes e igrejas. Estas áreas desmatadas foram utilizadas para a plantação de lavouras diversas.



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 303 de 335



Com a expansão do Arraial, a Igreja primitiva cedeu espaço à atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e inaugurada em 1710. O Arraial da Barra do Sabará foi elevado à categoria de Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará em 17 de julho de 1717, englobando outros arraiais como o Curral Del Rey, atual Belo Horizonte.

A Vila Real de Nossa Senhora da Conceição foi um dos maiores centros de exploração de ouro no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, o que proporcionou o enriquecimento de inúmeras pessoas, a exemplo do Capitão Antônio de Abreu Guimarães, proprietário das Fazendas Jaguará, Vargem Comprida, Mocambo, Riacho D'Anta, Pau de Cheiro, Forquilha, Mello e Barra do Rio Mello, além de engenhos, fábricas, casas, escravos, gados, criações e muitas terras minerais, e instituidor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará. Sua enorme fortuna ardeu não apenas da extração do ouro, mas também da sonegação do quinto e do contrabando de diamantes.

Por determinação do Alvará Régio de 23 de novembro de 1787, o Capitão Antônio de Abreu Guimarães teve todos os bens vinculados à Coroa Portuguesa, tornados inalienáveis e seus rendimentos destinados a obras pias, e, arrependido de seus pecados, recolheu-se a um convento lusitano. Em seu testamento, o Capitão determinou que seus bens seriam convertidos para a fundação, no Brasil, de um seminário para meninos pobres no sítio do Jaguará; de um seminário para a educação de meninas necessitadas; e de dois hospitais na Vila do Sabará para tratamento da lepra e de doenças não contagiosas; e em Portugal, um rendimento para as convertidas do Recolhimento do Rego, junto à Lisboa.

O Vínculo do Jaguará teve sua administração confiada ao Tenente Coronel Francisco de Abreu Guimarães, e, em poucos anos, contraiu diversas dívidas, que prejudicaram a instituição das obras de caridade. Por ocasião de sua morte, em 1807, a Junta Administrativa do Vínculo do Jaguará viu-se obrigada a pedir a intervenção do príncipe regente, Dom João VI, que, por sua vez, proclamou legítimas as dívidas da primeira administração e definiu como único credor, com direito a rateio, a instituição portuguesa do Recolhimento do Rego, provocando a modificação dos rendimentos do Vínculo do Jaguará e prejudicando as demais instituições.

O hospital para tratamento de doenças não contagiosas deveria ser construído, segundo o instituidor, nas "casas nobres da Rua do Fogo", na Vila do Sabará, e seria administrado pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, que receberia, do Vínculo do Jaguará, o subsídio anual de 800 mil réis. Em 1808, as casas da Rua do Fogo foram recebidas pela Ordem do Carmo, por escritura pública, para a instalação do hospital e a primeira parcela do subsídio foi quitada. No entanto, as condições das referidas casas eram precárias e os recursos insuficientes para o custeio do hospital, o que dificultou a sua imediata instalação. A fundação do Hospital Abreu Guimarães ocorreu em 1812, por intervenção do capitão-mor José de Souza Teixeira.

O hospital funcionou de maneira bastante precária até o ano de 1832, pois os proventos de que dispunha a instituição, adquiridos através de doações, não eram suficientes, e o Vínculo do Jaguará não efetuava o pagamento do seu subsídio há vinte anos. Comparcida da grave situação em que se encontrava o hospital, a Sociedade Pacificadora, Filantrópica e Defensora da Liberdade e da Constituição sugeriu a criação de uma associação religiosa que cuidasse exclusivamente da instituição, o que foi aprovado pelo bispo de Mariana, Dom Frei José da Santíssima Trindade, e confirmado pela Regência, em nome do Imperador. Foram elaborados pelo Padre Mestre Mariano de Souza Silvino, em 1832, os Estatutos da Irmandade da Misericórdia, que asseguravam as condições de funcionamento do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.

Desde então, o hospital foi mantido com as mensalidades dos irmãos associados à Santa Casa, as doações feitas por membros da sociedade sabarense, os rendimentos de loterias e as pensões de alguns enfermos.

A Santa Casa se desenvolveu com os esforços da administração da Irmandade e chegou a atender, em 1854, mais de trinta pacientes, entre pessoas pobres, escravos e pensionistas. Suas instalações foram ampliadas e um cemitério construído no fundo do terreno.

Em 1880, o hospital foi contemplado com o recebimento de uma significativa parcela dos lucros da arrematação dos bens do extinto Vínculo do Jaguará e reformou a sua Sala de Sessões para a recepção do Imperador Dom Pedro II, no ano seguinte.

Nesta época, a Santa Casa experimentou um período de estabilidade financeira, o que proporcionou a mudança do hospital para uma região mais propícia ao seu bom funcionamento. Em 1896, com o auxílio de toda a população sabarense, foi lançada a pedra fundamental do novo hospital no Morro da Intendência, onde o clima era mais favorável, o terreno mais seco e a água abundante. A antiga edificação foi vendida para auxiliar as obras de construção do novo hospital.



Em 1906, a Santa Casa teve suas instalações ampliadas com a compra de um terreno vizinho e, em 1912, a edificação foi repintada para a inauguração de um consultório médico, uma sala de operações, uma sala do banco e um necrotério.

Em 1921, por ocasião do desabamento de algumas paredes da edificação, o hospital foi transferido para uma casa colonial, ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde funcionou provisoriamente até 1928, quando da reconstrução do edifício do Morro da Intendência.

No início da década de 1930, foi construída uma maternidade anexa à Santa Casa, com os recursos oferecidos pela empresa Belgo Mineira. A maternidade foi projetada seguindo os padrões da mais alta tecnologia europeia, o que proporcionou ao hospital uma modernização de suas instalações.

Desde então, a manutenção preventiva vem sendo realizadas periodicamente na edificação, com a finalidade de conservar suas características arquitetônicas. Em 2006, foi instalado um sistema de segurança e combate a incêndios na Santa Casa, juntamente com outras várias edificações de Sabará.

Atualmente, a Santa Casa de Misericórdia está passando por um processo de reforma, no qual estão sendo reconstruídos o bloco cirúrgico, a lavanderia e as alas masculina e infantil. Além disso, o hospital tem recebido recursos para a capacitação de seus funcionários e para a informatização de todos os setores, o que proporcionará uma significativa melhoria no funcionamento da instituição que atende a todo o município de Sabará.

O retrato do Irmão Reverendo Antônio José Vianna foi pintado em 1861 e oferecido à Santa Casa de Misericórdia de Sabará pelo tesoureiro Theotônio Rodrigues Dourado, em homenagem às doações realizadas pelo mordomo à instituição. Quando da exposição da obra na Sala das Sessões, o mordomo Dr. Antônio Cassemiro da Motta Pacheco, neto do Barão de Sabará, combateu a proposta, afirmando que "uma insignificante esmola não lhe daria o direito de figurar nas paredes da Santa Casa"²⁸. No entanto, a mesa administrativa votou favoravelmente à colocação do quadro na nobre sala, uma vez que o legado deixado pelo Reverendo Antônio José Vianna contribuiu de maneira decisiva para a manutenção da Santa Casa durante um período de crise financeira.

Em 1896, com a mudança do hospital para o novo terreno no Morro da Intendência, o quadro foi transportado para o Salão Nobre – também conhecido como Sala de Reunião – da nova edificação da Santa Casa de Misericórdia de Sabará, nele permanecendo até os dias atuais.

Não foram encontrados registros de intervenções sofridas pela peça.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed Brasília: Superintendências de Museus, 2006.

CANTI, Tilde. *O móvel no Brasil: origens, evolução e características*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1999.

Entrevista realizada com Carlos Alberto Mayrink Dias, funcionário da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.

Entrevista realizada com José Celso Pyramo, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sabará.

PASSOS, Zoroastro Vianna. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará (1787 a 1928)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES. - - -

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /

Data: jun a jul 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008

²⁸ PASSOS, 1929.



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 105 de 335



Bens móveis e integrados. ficha 41

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. ACERVO:
Santa Casa de Misericórdia de Sabará

4. DESIGNAÇÃO:
Bandeira da Irmandade da Misericórdia

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Privada Particular: Santa Casa de Misericórdia

6. ENDEREÇO:
Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

7. RESPONSÁVEL:
Dr. Mário de Lima Guerra
Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará
Rua Francisco de Assis Pereira, 55, Centro – Sabará – MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:
Sala de Reunião

9. ESPÉCIE:
Pintura de Cavalete

10. ÉPOCA:
Final do século XVIII

11. AUTORIA:
Desconhecida

12. ORIGEM:
Minas Gerais

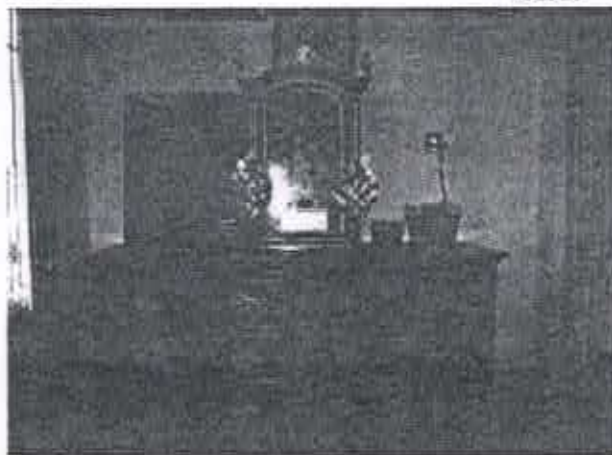
13. PROCEDÊNCIA:
Sociedade Pacificadora, Filantrópica e Defensora da Liberdade e da Constituição

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Óleo sobre madeira / pintura

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não tem.



16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Bandeira da Irmandade da Misericórdia, exposta na Sala de Reunião da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Bandeira da Irmandade da Misericórdia, pertencente à Santa Casa de Misericórdia de Sabará. Lado que representa a condenação de Cristo.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007



Bandeira da Irmandade da Misericórdia, pertencente à Santa Casa de Misericórdia de Sabará. Lado que representa Nossa Senhora do Carmo.
Fotografia: Flávia Melo Data: junho/2007

17. DESCRIÇÃO:

Bandeira em madeira, com moldura em madeira lisa e pinturas em ambos os lados. De um lado, em primeiro plano, ao centro, uma figura feminina, jovem, de pé, de frente, fisionomia serena, cabeça levemente inclinada para esquerda, rosto oval, olhos voltados para cima, sobrancelhas finas, nariz pequeno e afilado, boca pequena e fechada, lábios finos, cabelos longos e ondulados. Braço direito flexionado para a sua direita, mão direito segurando escapulário, braço esquerdo segurando um menino; perna esquerda levemente flexionada para frente, pés em ângulo, calçados com sandálias. Veste túnica longa roxa, de mangas compridas, com gola rosa, véu rosa sobre a cabeça, manto longo azul claro sobre os ombros coroa sobre a cabeça. A criança, em seu colo, veste perizônio branco e segura um pequeno globo azul com a mão esquerda e com a mão direita um escapulário. Ao fundo, céu azul claro com nuvens acinzentadas que se abrem perante a figura da mulher e três querubins com asas rosadas e avermelhadas. Sobre as cabeças da mulher e do menino, foco de luz.

Do outro lado da bandeira, em primeiro plano, ao centro, uma figura masculina, jovem, de pé, de frente, cabeça inclinada à direita, rosto oval, testa e face com sangue, olhos voltados para cima, sobrancelhas finas e franzidas, nariz afilado, boca entreaberta, lábios finos, cabelos longos, castanhos e ondulados, barba pontuda no queixo e bigode partindo das narinas. Traz os braços flexionados para frente, os ombros sujos



de sangue, os pulsos cruzados e unidos por corda, mão esquerda aberta e direita de abençoar; as pernas retas, os joelhos manchados de sangue, os pés descalços e em ângulo. Veste perizônio branco e capa curta vermelha. Entre as mãos, aparece um galho de bambu verde, disposto transversalmente, sobre a cabeça, uma coroa de espinhos e luz amarela. Apresenta corda amarrada em seu pescoço e pulsos, segura por outro homem jovem posicionado à sua esquerda, de pé, de perfil, cabeça reta, olhos fixos no prisioneiro, nariz pequeno, boca cerrada, cabelos encaracolados cobrindo as orelhas, barba pontuda no queixo e bigode grosso. Segura com a mão esquerda a corda do prisioneiro e com a direita uma lança. Traja vestimenta militar romana, com botas e elmo de centurião. Ao fundo, à esquerda do observador, portal e grande pedra ao chão.

18. CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

Razoáveis. A sala na qual a bandeira se encontra permite o acesso restrito do público, o que oferece pequenos riscos de evasão ou de dano à peça.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Nenhuma / Inventário

20. DIMENSÕES:

Altura: 165cm

Largura: 135cm

Profundidade: 5cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Regular, necessitando de intervenções técnicas para a sua restauração.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A peça apresenta algumas avarias, como manchas, sujidades de poeira e detritos de insetos e pássaros, trincas e escurecimento da pintura, com alteração das cores.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

A Santa Casa de Misericórdia de Sabará passou por uma reforma estrutural durante a década de 1920, devido ao desabamento de algumas paredes da edificação. No início da década seguinte, o hospital foi ampliado com a instalação de uma maternidade, com os recursos da Belgo Mineira. Desde então, a edificação tem passado por um processo de manutenção preventiva. Em 2006, foi instalado na Santa Casa um sistema de segurança e combate a incêndios.

Atualmente, o hospital está passando por um processo de reforma, com a reconstrução do bloco cirúrgico, da lavanderia e das alas masculina e infantil; e de modernização, através da capacitação de seus funcionários e da informatização dos setores.

Não foram encontrados registros sobre intervenções realizadas na peça.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:

Pintura a óleo sobre madeira, em tons de preto, branco, cinza, azul, verde, vermelho, amarelo, marrom, rosa e roxo. Moldura em madeira recortada e colada.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:

Pintura de origem mineira, datável do final do século XVIII, de cunho popular. Pintura em perspectiva de fatura ingênua. Apresenta as figuras principais num primeiro plano, tendo ao fundo a paisagem conferindo a noção de profundidade. O desenho é delicado, ainda que mal proporcionado e com pouco detalhamento, principalmente no panejamento.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:

A bandeira da Irmandade da Misericórdia traz, de um lado, a representação de Nossa Senhora do Carmo.

Nossa Senhora do Carmo é uma das invocações da Virgem Maria do Catolicismo, componente de uma das mais comuns representações iconográficas da arte ocidental.



Maria era filha de São Joaquim e Sant'Ana, e o seu nascimento foi consagrado como fruto da fé e da penitência de seus pais, que não podiam ter filhos devido à idade avançada do casal e à esterilidade de Sant'Ana. Foi apresentada ao Templo ainda criança e lá permaneceu até os doze anos, quando da morte de seu pai. Casou-se com São José e foi escolhida por Deus para ser a mãe do seu Filho, através da concepção pelo Espírito Santo, tornando-se, desta forma, uma figura importante para os cristãos. Maria deu à luz a Jesus Cristo e o acompanhou durante toda a sua vida, auxiliando-o na tarefa de divulgar os ensinamentos divinos. Após o sacrifício de seu Filho, seguiu com Seus apóstolos na missão de fazer crescer a Igreja Cristã. Faleceu por volta do ano de 42d.C., sendo elevada ao Céu pela divina providência.

A invocação de Nossa Senhora do Carmo está ligada à visão do profeta Elias sobre o Monte Carmelo, na Palestina, na qual ele evidencia a existência e a presença do Deus verdadeiro e prenuncia o nascimento de Maria, que haveria de ser a Mãe do Seu Filho. No aito do Monte Carmelo foi edificado o primeiro oratório em honra da Virgem, que logo ficou conhecida como Nossa Senhora do Carmo. No século XII, o frade São Simão Stock teve uma visão de Nossa Senhora do Carmo, na qual a santa aparecia cercada de anjos e segurando um escapulário e dizia que aquele que fizesse parte de sua Ordem seria salvo definitivamente.

Na bandeira, Nossa Senhora do Carmo é representada nos céus entre querubins, com o Menino Jesus no colo, uma coroa na cabeça e o escapulário na mão. O Menino, por sua vez, segura um escapulário em uma mão e um globo na outra. As vestes da Virgem, porém, não possuem a tradicional coloração marrom. Iconograficamente, a imagem de Nossa Senhora do Carmo presente na bandeira anuncia que aqueles que nela crêem serão salvos, pois a maternidade espiritual de Maria protege seus devotos na vida, salva na morte e intercede depois da morte.

A bandeira representa, em sua outra face, o momento em que Cristo foi levado por seu carrasco à crucificação.

Nascido no início de nossa era, Jesus Cristo, o Filho de Deus, foi enviado à Terra para transmitir aos homens os ensinamentos do Pai. Viveu de forma simples durante toda a sua vida e teve como pais terrenos Santa Maria e São José. Após receber o Espírito Santo pelo batismo, pregou sua fé em diversas regiões e converteu inúmeras pessoas. Foi levado à morte pelo Império Romano por volta do ano 33, sendo crucificado no Monte Calvário. Ressuscitou após permanecer por apenas três dias no sepulcro e foi elevado aos céus.

Após ser preso durante a noite em Getsêmani e espancado por soldados romanos, Jesus Cristo foi levado à presença de Pôncio Pilatos, então governador da província romana da Judéia sob acusação de traição à Roma por afirmar-se "Rei dos Judeus". Uma multidão de judeus, às portas do palácio do governante, voltou-se contra Jesus, pedindo a sua condenação. Pilatos atendeu ao apelo da população e condenou Jesus à morte por crucificação. Jesus foi levado à Jerusalém, amarrado, despido e chicoteado publicamente. Os soldados romanos zombaram de sua condição real, clamada pelo próprio Cristo, e cobriram seus ombros com um manto vermelho, colocaram uma coroa de espinhos em sua cabeça e em sua mão, à semelhança de um cetro, uma vara de bambu. Então, os soldados forçaram Jesus a carregar a sua própria cruz até o monte Calvário, onde foi crucificado.

Na bandeira, Cristo é representado amarrado por um soldado romano, com o corpo marcado pelo suplício das chibatadas, a coroa de espinhos cravada em sua cabeça, o manto em suas costas e a vara de bambu entre as mãos. A cena guarda a particularidade de apresentar Jesus com uma corda amarrada ao pescoço, e não somente nos pulsos. Iconograficamente a pintura remete à condenação dos criminosos à forca em Sabará ao longo dos séculos XVIII e XIX, uma vez que a imagem figura a bandeira que acompanhava o cortejo dos prisioneiros.

27. DADOS HISTÓRICOS:

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. Preocupada com o enorme aumento populacional em sua colônia e com o possível extravio do ouro, a Coroa Portuguesa tomou medidas para manter o controle social sobre a região, edificando, desde a década de 1710, as primeiras vilas e divisões administrativas correspondentes. O Estado Absolutista português também impôs à Capitania a proibição da entrada e da fixação de ordens religiosas no novo território, o que provocou o surgimento de diversas irmandades, constituídas por leigos, responsáveis pela contratação de religiosos para a prática de ofícios sacros e pela construção de templos, proferindo em Minas Gerais a fé católica.

A região de Sabarabuçu foi uma das primeiras áreas devassada e ocupada por aventureiros que seguiam os rios São Francisco e das Velhas no final do século XVII, guiados por seus propósitos expansionistas e exploratórios. A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição foi instituída em 1701 e o primeiro templo foi



erguido nesta época, estruturado em barro e madeira, para atender às necessidades do Arraial da Barra do Sabará, devido à atividade mineratória que se firmava.

Em 1702, o Arraial já era considerado o mais populoso de Minas Gerais. Sua constituição se deu através da grande extração de madeira das densas florestas às margens dos rios das Velhas e Sabará pelos primeiros moradores para a construção de casario, pontes e igrejas. Estas áreas desmatadas foram utilizadas para a plantação de lavouras diversas.

Com a expansão do Arraial, a igreja primitiva cedeu espaço à atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e inaugurada em 1710. O Arraial da Barra do Sabará foi elevado à categoria de Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará em 17 de julho de 1717, englobando outros arraiais como o Curral Del Rey, atual Belo Horizonte.

A Vila Real de Nossa Senhora da Conceição foi um dos maiores centros de exploração de ouro no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, o que proporcionou o enriquecimento de inúmeras pessoas, a exemplo do Capitão Antônio de Abreu Guimarães, proprietário das Fazendas Jaguará, Vargem Comprida, Mocambo, Riacho D'Anta, Pau de Cheiro, Forquilha, Mello e Barra do Rio Mello, além de engenhos, fábricas, casas, escravos, gados, criações e muitas terras minerais, e instituidor da Santa Casa de Misericórdia de Sabará. Sua enorme fortuna adveio não apenas da extração do ouro, mas também da sonegação do quinto e do contrabando de diamantes.

Por determinação do Alvará Régio de 23 de novembro de 1787, o Capitão Antônio de Abreu Guimarães teve todos os bens vinculados à Coroa Portuguesa, tornados inalienáveis e seus rendimentos destinados a obras pias, e, arrependido de seus pecados, recolheu-se a um convento lusitano. Em seu testamento, o Capitão determinou que seus bens seriam convertidos para a fundação, no Brasil, de um seminário para meninos pobres no sítio do Jaguará; de um seminário para a educação de meninas necessitadas; e de dois hospitais na Vila do Sabará para tratamento da lepra e de doenças não contagiosas; e em Portugal, um rendimento para as convertidas do Recolhimento do Rego, junto à Lisboa.

O Vínculo do Jaguará teve sua administração confiada ao Tenente Coronel Francisco de Abreu Guimarães, e, em poucos anos, contraiu diversas dívidas, que prejudicaram a instituição das obras de caridade. Por ocasião de sua morte, em 1807, a Junta Administrativa do Vínculo do Jaguará viu-se obrigada a pedir a intervenção do príncipe regente, Dom João VI, que, por sua vez, proclamou legítimas as dívidas da primeira administração e definiu como único credor, com direito a rateio, a instituição portuguesa do Recolhimento do Rego, provocando a modificação dos rendimentos do Vínculo do Jaguará e prejudicando as demais instituições.

O hospital para tratamento de doenças não contagiosas deveria ser construído, segundo o instituidor, nas "casas nobres da Rua do Fogo", na Vila do Sabará, e seria administrado pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, que receberia, do Vínculo do Jaguará, o subsídio anual de 800 mil réis. Em 1808, as casas da Rua do Fogo foram recebidas pela Ordem do Carmo, por escritura pública, para a instalação do hospital e a primeira parcela do subsídio foi quitada. No entanto, as condições das referidas casas eram precárias e os recursos insuficientes para o custeio do hospital, o que dificultou a sua imediata instalação. A fundação do Hospital Abreu Guimarães ocorreu em 1812, por intervenção do capitão-mor José de Souza Teixeira.

O hospital funcionou de maneira bastante precária até o ano de 1832, pois os proventos de que dispunha a instituição, adquiridos através de doações, não eram suficientes, e o Vínculo do Jaguará não efetuava o pagamento do seu subsídio há vinte anos. Compadecida da grave situação em que se encontrava o hospital, a Sociedade Pacificadora, Filantrópica e Defensora da Liberdade e da Constituição sugeriu a criação de uma associação religiosa que cuidasse exclusivamente da instituição, o que foi aprovado pelo bispo de Mariana, Dom Frei José da Santíssima Trindade, e confirmado pela Regência, em nome do Imperador. Foram elaborados pelo Padre Mestre Mariano de Souza Silvino, em 1832, os Estatutos da Irmandade da Misericórdia, que asseguravam as condições de funcionamento do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.

Desde então, o hospital foi mantido com as mensalidades dos irmãos associados à Santa Casa, as doações feitas por membros da sociedade sabarense, os rendimentos de loterias e as pensões de alguns enfermos.

A Santa Casa se desenvolveu com os esforços da administração da Irmandade e chegou a atender, em 1854, mais de trinta pacientes, entre pessoas pobres, escravos e pensionistas. Suas instalações foram ampliadas e um cemitério construído no fundo do terreno.



Em 1880, o hospital foi contemplado com o recebimento de uma significativa parcela dos lucros da arrematação dos bens do extinto Vínculo do Jaguará e reformou a sua Sala de Sessões para a recepção do Imperador Dom Pedro II, no ano seguinte.

Nesta época, a Santa Casa experimentou um período de estabilidade financeira, o que proporcionou a mudança do hospital para uma região mais propícia ao seu bom funcionamento. Em 1896, com o auxílio de toda a população sabarense, foi lançada a pedra fundamental do novo hospital no Morro da Intendência, onde o clima era mais favorável, o terreno mais seco e a água abundante. A antiga edificação foi vendida para auxiliar as obras de construção do novo hospital.

Em 1906, a Santa Casa teve suas instalações ampliadas com a compra de um terreno vizinho e, em 1912, a edificação foi repintada para a inauguração de um consultório médico, uma sala de operações, uma sala de banco e um necrotério.

Em 1921, por ocasião do desabamento de algumas paredes da edificação, o hospital foi transferido para uma casa colonial, ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde funcionou provisoriamente até 1928, quando da reconstrução do edifício do Morro da Intendência.

No início da década de 1930, foi construída uma maternidade anexa à Santa Casa, com os recursos oferecidos pela empresa Belgo Mineira. A maternidade foi projetada seguindo os padrões da mais alta tecnologia européia, o que proporcionou ao hospital uma modernização de suas instalações.

Desde então, a manutenção preventiva vem sendo realizadas periodicamente na edificação, com a finalidade de conservar suas características arquitetônicas. Em 2006, foi instalado um sistema de segurança e combate a incêndios na Santa Casa, juntamente com outras várias edificações de Sabará.

Atualmente, a Santa Casa de Misericórdia está passando por um processo de reforma, no qual estão sendo reconstruídos o bloco cirúrgico, a lavanderia e as alas masculina e infantil. Além disso, o hospital tem recebido recursos para a capacitação de seus funcionários e para a informatização de todos os setores, o que proporcionará uma significativa melhoria no funcionamento da instituição que atende a todo o município de Sabará.

A bandeira presente na Santa Casa de Misericórdia de Sabará é datável do final do século XVIII e possui características estilísticas comuns da arte popular mineira época. Originalmente pertencente à Sociedade Pacificadora, Filantrópica e Defensora da Liberdade e da Constituição, a bandeira se caracterizava como um importante símbolo cristão e era levada nos cortejos de execução aos condenados à morte. Em 1832, por ocasião da criação da Irmandade de Misericórdia, cujo objetivo era administrar o hospital da Santa Casa, a bandeira se tornou no símbolo da Irmandade, passando a pertencer à instituição.

A bandeira esteve presente no último enforcamento ocorrido em Sabará, em 1858. As escravas Rosa e Peregrina foram condenadas à morte pelo assassinato de sua senhora, D. Maria Pinto Teixeira, esposa do coronel Jacinto Pinto Teixeira, crime ocorrido no sobrado da atual Biblioteca Pública Municipal.

Peregrina, considerando demasiado o castigo aplicado a outra escrava da casa, havia golpeado sua senhora na cabeça com uma mão de pilão, provocando sua morte. Presa e processada por seu senhor, a escrava teve a sua defesa confiada a José Marciano de Aquino. Usando de sua esperteza, o advogado incitou a escrava doméstica Rosa a confessar parceria no crime, o que facilitaria a absolvição de sua cliente. No entanto, o Coronel Jacinto Teixeira, possuidor de largas posses e relações, conseguiu a condenação de ambas as escravas, e no dia 13 de abril de 1858, Rosa e Peregrina foram levadas ao patíbulo. O cortejo seguiu as escravas até o largo de Santa Rita, à frente da Irmandade da Misericórdia com sua bandeira, dos serventuários da Justiça, do Juiz Municipal, o Dr. José Leite Costa Belém, dos meirinhos, dos soldados, do carcereiro e do carrasco. Após a execução de Peregrina, Rosa foi levada ao cadafalso, clamando sua inocência, mas a corda arrebentou e poupou a vida da ré. A multidão se emocionou com o fato e passou a acreditar na inocência da escrava, enquanto a Irmandade da Misericórdia cobria o seu corpo desmaiado com sua bandeira. Mas Costa Belém mandou levar novamente a prisioneira ao tablado, contrariando a tradição, e, com uma nova corda, Rosa foi executada. A população sabarense ficou indignada com o fato e obrigou o juiz a sair da cidade às pressas. Desde então, não foram mais realizadas as execuções de criminosos em Sabará e a bandeira da Irmandade da Misericórdia perdeu a sua função como objeto processional, passando a compor o acervo da Sala de Sessões da Santa Casa de Misericórdia.

Em 1896, com a mudança do hospital para o novo terreno no Morro da Intendência, a bandeira foi transportada, juntamente com os quadros dos primeiros provedores da instituição, para o Salão Nobre – também conhecido como Sala de Reunião – da nova edificação da Santa Casa de Misericórdia de Sabará, nele permanecendo até os dias atuais.



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 311 de 335



Atualmente, a bandeira da Irmandade de Misericórdia de Sabará não mais participa de qualquer rito religioso, servindo unicamente para ornamentar a Sala de Reunião da instituição.

Não foram encontrados registros de intervenções sofridas pela peça.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
CANTI, Tilde. *O móvel no Brasil: origens, evolução e características*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1999.
Entrevista realizada com Carlos Alberto Mayrink Dias, funcionário da Santa Casa de Misericórdia de Sabará.
Entrevista realizada com José Celso Pyramo, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sabará.
PASSOS, Zoroastro Vianna. *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará (1787 a 1928)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929.
PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará: a Ordem 3ª do Carmo e a sua Igreja, obras do Aleijadinho no templo*. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Ministério da Educação e Saúde, 1940-1942.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: - - -

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /
Data: jun a jul 2007
Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007
Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 312 de 335



Bens móveis e integrados: ficha 42

1. MUNICÍPIO:
Sabará

2. DISTRITO:
Sede

3. ACERVO:
Museu do Ouro

4. DESIGNAÇÃO:
Imagem de Sant'Ana Mestra

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:
Propriedade Pública: Prefeitura Municipal de Sabará

6. ENDEREÇO:
Rua da Intendência, s/nº, Centro – Sabará / MG

7. RESPONSÁVEL:
Ricardo Alfredo de Carvalho Rosa
Rua São Francisco, 317/01, Centro – Sabará / MG

8. LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA: Salão Nobre

9. ESPÉCIE: Imaginária

10. ÉPOCA: 1770

11. AUTORIA: Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (atribuição)

12. ORIGEM:
Minas Gerais

13. PROCEDÊNCIA:
Capela de Nossa Senhora do Pilar

14. MATERIAL / TÉCNICA:
Cedro / Escultura, entalhe, policromia e douramento

15. MARCAS / INSCRIÇÕES / LEGENDAS:
Não tem.

16. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Imagem de Sant'Ana Mestra. Museu do Ouro, Sabará/MG.
Fotografia: Flávia Melo Data: 21/02/2008



17. DESCRIÇÃO:

A imagem de Sant'Ana Mestra é representada por figura feminina, de meia-idade; sentada em um trono, com encosto vermelho, extremidades douradas e arremate superior em volutas, concheados e motivos fitomorfos; posicionada a $\frac{3}{4}$ de perfil e com fisionomia serena. Apresenta cabeça levemente voltada para baixo; rosto triangular; olhos grandes, castanhos escuros, amendoados e entreabertos, separados entre si e com acentuação dos lacrimais; olhar voltado para baixo; sobrancelhas altas em linha contínua com o nariz reto e afilado; boca entreaberta, com dentes aparentes e lábios finos e de desenho sinuoso; queixo em montículo; cabelos castanhos, em estrias sinuosas, partidos ao meio e penteados para trás; pescoço longo; braços flexionados para frente; mão esquerda levemente pousada sobre as costas de Maria; mão direita apontando para o livro, posicionado em seu colo; perna esquerda apoiando o livro; perna direita inclinada transversalmente; ponta dos pés aparentes, calçados com sapato preto, estando o pé esquerdo sobre pequena banqueta. Veste túnica longa azul com estampa fitomorfa em dourado e barrado largo e dourado; manto curto rosado com estampas fitomorfas e barrado largo em dourado, com avesso azul; e, sobre a cabeça, véu acinzentado, com barrado fino e dourado, arrematado por delicada renda.

Ao seu lado esquerdo, encontra-se Maria, representada por figura feminina, infante-juvenil, de pé, posicionada de perfil e com fisionomia serena. Apresenta cabeça levemente inclinada para baixo; rosto arredondado; olhos grandes, azuis, amendoados e entreabertos, separados entre si; olhar voltado para baixo; sobrancelhas altas em linha contínua com o nariz reto e afilado; boca entreaberta, com lábios levemente carnudos e de desenho sinuoso; queixo em montículo; cabelos castanhos, em estrias sinuosas e extremidades encaracoladas, partidos ao meio e penteado para trás; pescoço longo; braços flexionados para frente; mãos segurando suavemente o livro sobre o colo de Sant'Ana; perna esquerda flexionada para frente; perna direita de apoio; ponta dos pés aparentes, calçados com sapato preto. Veste túnica longa dourada, com estampa florida, e barrado largo dourado, manto longo azul celeste, com estampa fitomorfa, avesso vinho e dourado, e barrado largo dourado, arrematado por renda. Sobre a cabeça, traz um véu branco e dourado, com estampa florida e fino barrado dourado, arrematado por delicada renda. A peça apresenta base vermelha, de formato arredondado que acompanha a imagem.

Muito boa. A imagem encontra-se em exposição no salão nobre do Museu do Ouro, onde a visitação do público é monitorada pelos funcionários, o que minimiza os riscos de dano ou de evasão da peça.

19. PROTEÇÃO LEGAL / PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Proteção legal existente: Tombamento Federal: Museu do Ouro - Inscrição nº 384 no Livro de Belas Artes, folha 75, em 28/06/1950.

Proteção legal proposta: Tombamento Municipal.

20. DIMENSÕES:

Altura: 94 cm

Largura: 60 cm

Profundidade: 44 cm

21. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

Muito bom, necessitando de pequenas intervenções técnicas.

22. ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

No geral, a peça está em ótimas condições. Entretanto, foram encontradas pequenas avarias, como craquelês, descolamento dos blocos de madeira, desgaste da renda nas extremidades do panejamento, desgaste da policromia da base, do livro e do nariz de Maria, pequena quebra da porção central do olho direito de Maria, e alguma sujidade.

23. INTERVENÇÕES: RESPONSÁVEL/DATA

Em 1751, a Casa de Fundação de Sabará, atual Museu do Ouro, passou por um processo de reforma generalizada, por se encontrar em péssimo estado de conservação. Por determinação de Carta Régia datada de 01 de agosto de 1751, o prédio foi reedificado a partir de materiais de construção e equipamentos para o seu funcionamento oriundos do Rio de Janeiro. Como resultado desta intervenção, a edificação adquiriu as suas atuais características arquitetônicas, tornando-se um sobrado, no qual o primeiro pavimento era ocupado pelas instalações administrativas e o segundo utilizado como residência dos intendentess.



Desativada em 1811, a edificação permaneceu fechada até 1840, quando foi arrematada em um leilão pelo Comendador Paula Rocha, que a transformou em residência e escola. Nesta época, algumas pequenas intervenções foram promovidas, adequando o espaço às novas instalações.

Em 1937, praticamente em ruínas, o imóvel foi comprado por Louis Ensch, diretor da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, que o doou, dois anos mais tarde, para o governo brasileiro. Novas obras de restauração do edifício foram promovidas em 1939 para abrigar um núcleo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN. Em 23 de abril de 1945, foi criado o Museu do Ouro, que foi inaugurado no ano seguinte. A edificação foi tombada em 28 de junho de 1950.

A imagem de Sant'Ana Mestra foi transferida da Capela de Nossa Senhora do Pilar ao Museu do Ouro, a título de custódia, em 1989, e colocada em exposição. Entre os anos de 1997 e 1998, a escultura foi restaurada pelo Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis – CECOR e, atualmente, se encontra em estado de conservação muito bom.

24. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

Imagem confeccionada em madeira (cedro) esculpida e entalhada, composta por quatro blocos maiores pregados (figura de Sant'Ana, figura de Maria, parte posterior do trono e base) e quatro blocos menores encaixados e pregados (as mãos de Maria e de Sant'Ana). Possui olhos de vidro, carnação na cor bege claro e rosa, policromia à base d'água em tons de vermelho, rosa, azul, branco, cinza, verde, amarelo, castanho e marrom, e douramento com folhas de ouro brunida, com tratamento em esgrafito e pastiglio, e rendas fixadas nas bordas do panejamento. Imagens com orifícios sobre as cabeças para encaixe de resplendor. Apresenta repintura.

25. CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS

Peça de fatura bem elaborada, presumivelmente datada de 1770, e atribuída a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Caracteriza-se pelo panejamento farto em dobras sinuosas, que estabelecem linhas diagonais na composição da peça, oferecendo leve movimentação; rosto com expressão suave; olhos de vidro, de formato amendoado e separados entre si, com acentuação dos lacrimais; sobancelhas altas em linha contínua com o nariz; boca entreaberta, com dentes aparentes e lábios levemente carnudos, com desenho sinuoso; queixo em montículo; cabelos em estrias largas e bem marcadas; mãos bem delineadas, com detalhamento das unhas. Tais características marcam a grande semelhança da peça com outras do artista.

26. CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS

A história de Santana é descrita nos Evangelhos Apócrifos. Mãe de Maria, Santana possui uma representação especial; seu poder de interseção junto ao Cristo em favor dos que imploravam "favores e mercês" igualava-se ao da Virgem Maria. Sendo avó natural de Cristo, tinha o privilégio de "pedir por modo de império" e não de "rogo e súplica" como os demais santos.

Geralmente é representada como uma senhora, sentada, com um livro sobre o colo, tendo ao lado Maria ainda menina. Pode figurar também segurando nos braços a Virgem e o menino Jesus. É considerada a guardiã da doutrina cristã, e seu culto remonta ao final da Idade Média, sendo comuns suas representações no período renascentista.

27. DADOS HISTÓRICOS

A descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII provocou um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido e a fundação dos primeiros núcleos populacionais.

A região de Sabarabuçu foi uma das primeiras áreas devassada e ocupada por aventureiros que seguiam os rios São Francisco e das Velhas no final do século XVII, guiados por seus propósitos expansionistas e exploratórios. Segundo documentação apresentada pelo cônego Raymundo Trindade (1945), a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição foi instituída em 1701 e o primeiro templo foi erguido, estruturado em barro e madeira, para atender às necessidades do Arraial da Barra do Sabará, devido à atividade mineratória que se firmava.

Em 1702, o Arraial já era considerado o mais populoso de Minas Gerais. Sua constituição se deu através da grande extração de madeira das densas florestas às margens dos rios das Velhas e Sabará pelos primeiros moradores para a construção de casario, pontes e igrejas. Estas áreas desmatadas foram utilizadas para a plantação de lavouras diversas.

Ainda na primeira década do século XVIII, tem-se notícia da criação de um estabelecimento na região com o nome de Oficina Real dos Quintos do Rio das Velhas.

"Em 17 de abril de 1701, José de Seixas Borges fora nomeado escrivão da oficina real dos quintos do Rio das Velhas, e, no dia seguinte, Thomás Ferreira de Souza foi provido no cargo de tesoureiro dela. Não se sabe se ela chegou a fundir ouro, mas é certo que recebeu



os quintos de numerosos contribuintes, inclusive do Mestre de Campo Matias Cardoso de Almeida¹.

Com a expansão do Arraial, a igreja primitiva cedeu espaço à atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e inaugurada em 1710. O Arraial da Barra do Sabará foi elevado à categoria de Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará em 17 de julho de 1717, englobando outros arraiais como o Curral Del Rey, atual Belo Horizonte. A condição de vila trouxe para a localidade *status* e uma série de vantagens, como benfeitorias urbanas, Casa de Câmara e Cadeia e de Fundação de Ouro.

No ano de 1731, o Mestre de Campo Faustino Rebelo Barbosa enviava às autoridades régias carta alegando *ter construído a sua custa, uma casa de fundição na Villa Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará*². Não é possível precisar, no entanto, se este prédio é o mesmo da atual Casa de Intendência e Fundação.

Preocupada com a organização do sistema de capitação do ouro para a cobrança do quinto, a Coroa Portuguesa criou a Intendência das Minas, órgão administrativo metropolitano instalado em cada capitania que se voltava aos trabalhos mineralógicos. Desta forma, com o novo sistema administrativo adotado, diversas casas de fundição foram abolidas.

Estabelecida por Carta Régia datada de 28 de janeiro de 1736, a Real Intendência do Ouro de Sabará era uma das mais importantes da região das Minas Gerais devido à sua área e ao volume de produção, que no auge do ciclo mineratório chegou a alcançar 487 arrobas de ouro, o que corresponde a 7305 quilos. O órgão funcionou de forma autônoma até o ano de 1750, quando uma nova reestruturação administrativa recriou as antigas casas de fundição e integrou as já existentes intendenções a elas.

O restabelecimento da Casa de Fundição de Sabará se deu através do intermédio do ofício datado de 21 de julho de 1751. No entanto, a edificação da antiga casa de fundição se encontrava em precário estado de conservação, sendo necessárias providências para a sua reforma. Por determinação de Carta Régia datada de 01 de agosto de 1751, o prédio foi reedificado a partir de materiais de construção e equipamentos para o seu funcionamento oriundos do Rio de Janeiro. Como resultado desta intervenção, a edificação adquiriu as suas atuais características arquitetônicas, tornando-se um sobrado, no qual o primeiro pavimento era ocupado pelas instalações administrativas e o segundo utilizado como residência dos intendentess.

Com a decadência da exploração aurífera em Minas no final do século XVIII, as casas de intendência e fundição começaram a perder a sua importância, paralisando suas atividades no início do século XIX. A Casa da Real Intendência e Fundação do Ouro de Sabará foi extinta no ano de 1811, mas a abolição formal do estabelecimento só ocorreu em 25 de outubro de 1832.

A edificação permaneceu fechada até 1840, quando foi levada a leilão e arrematada pelo Comendador Paula Rocha, que passou a utilizá-la como sua residência, instalando também no local uma escola.

Em 1937, quase um século mais tarde, o imóvel se encontra praticamente em ruínas e é vendido pelos descendentes do comendador para o engenheiro Louis Ensch, diretor da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, que o doa, dois anos depois, ao governo brasileiro. Após a realização das obras de restauração, a tutela administrativa e patrimonial do prédio é transferida para o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, órgão recém-criado do então Ministério da Educação e Saúde que, em 23 de abril de 1945, por intermédio do Decreto-Lei nº 7.483, cria o Museu do Ouro. Inaugurado oficialmente no dia 16 de maio de 1946, o museu foi tombado em 28 de junho de 1950.

Atualmente, o Museu do Ouro funciona de forma sistemática com a exposição de longa duração de seu acervo, de terça a domingo, recebendo um fluxo de visitação mensal entre 800 e 1000 pessoas, sendo a maioria estudantes da rede pública de ensino e turistas. O museu ainda realiza regularmente exposições, eventos e atividades de cunho cultural e ministra cursos e oficinas oferecidos à comunidade local.

Em 26 de janeiro de 2007, através da Portaria nº 43, o museu deixou de ser vinculado a 13ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, passando a sua gestão a responder diretamente (administrativa, financeira e patrimonial) ao Departamento de Museus e Centros Culturais - DEMU, órgão da administração central do Instituto.

A imagem de Sant'Ana Mestreira foi confeccionada por volta do ano de 1770 e sua autoria é atribuída a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, devido às suas características estilísticas, que marcam a sua singularidade. A peça foi confeccionada para compor o acervo da Capela de Nossa Senhora do Pilar de Sabará, que, entre os anos de 1759 e 1762, já se encontrava parcialmente concluída, realizando, já nesta época, algumas cerimônias religiosas. A imagem permaneceu na Capela até o ano de 1989, quando foi transferida, a título de custódia, ao Museu do Ouro, e colocada em exposição ao público. Entre os anos de

¹ VASCONCELOS, Diogo. *História Antiga das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999, p. 204-205.

² Trecho da carta enviada pelo Mestre de Campo, Faustino Rebelo Barbosa, às autoridades régias, em 24 de fevereiro de 1731. Arquivo Público Mineiro - Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais.



1997 e 1998, a escultura foi restaurada pelo Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis – CECOR e, atualmente, se encontra em estado de conservação muito bom.

28. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- BOTELHO, Ângela Vianna; REIS, Liana Maria. **Dicionário Histórico Brasil: Colônia e Império**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- CADERNO de diretrizes museológicas. 2 ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
- Entrevista realizada com Ângelo Zacarias Lanza, responsável pela administração do Museu do Ouro, de Sabará, por Flávia Melo, em 21 de fevereiro de 2008.
- Entrevista realizada com Ricardo Alfredo de Carvalho Rosa, museólogo e chefe de Unidade Museológica II – Museu do Ouro, de Sabará, por Flávia Melo, em 21 de fevereiro de 2008.
- GUTIERREZ, Ângela (coord.). **O livro de Sant'Ana**: Coleção de Ângela Gutierrez. Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2001.
- INSTITUTO Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA-MG. **Iconografia – Família de Cristo**. Belo Horizonte, 1994. V. 2.
- PASSOS, Zoroastro Viana. **Em Torno da História do Sabará**, 2º vol. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1942.
- RAMOS, Adriano Reis. Aspectos estilísticos da estatuária religiosa no século XVIII em Minas Gerais. **Revista Barroco**. Minas Gerais: FAPEMIG, 1993/6. nº 17, p. 193-207.
- ROSA, Ricardo Alfredo de Carvalho. **A Casa de Intendência e Fundação de Sabará**. Texto cedido pelo autor.
- VASCONCELOS, Diogo. **História Antiga das Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

29. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

30. FICHA TÉCNICA

Levantamento: Flávia Melo (historiadora), Viviane Corrado (arquiteta), Reginaldo Barcelos (prefeitura) /

Data: fev 2008

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: fev 2008

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



4.4 Fichas: arquivos

Fontes arquivística: ficha 43

1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Sede

3. DESIGNAÇÃO:

Acervo Documental da Fundação Belgo-Arcelor Brasil

4. ENDEREÇO:

Rua da Ponte, 12, Siderúrgica – Sabará – MG

5. PROPRIEDADE/DIREITO DE PROPRIEDADE:

Propriedade Privada e Particular: Fundação Belgo-Arcelor Brasil

6. SUBORDINAÇÃO ADMINISTRATIVA:

Núcleo Central da Memória Belgo

7. RESPONSÁVEL:

Leonardo Gloor

Avenida dos Andradas, 1093, Santa Efigênia – Belo Horizonte - MG

8. RESTRIÇÃO DE ACESSO:

Não há restrição de acesso à documentação.

9. HORÁRIO DE ATENDIMENTO:

De segunda a sexta-feira, de 8:00 às 17:00h

10. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:

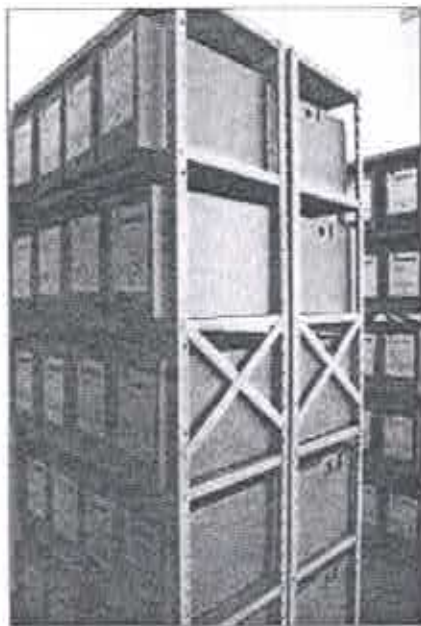


Acervo Documental da Fundação Belgo de Sabará

Fotografia: Acervo digital da Memória Belgo
Data: jun 2007



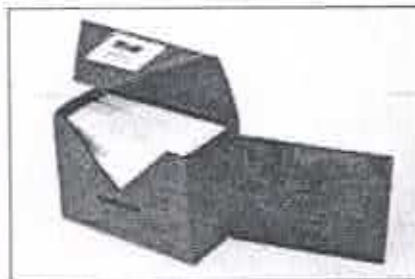
Fundação Belgo, Cassino, edificação na qual se concentra o acervo do Núcleo Central da Memória Belgo de Sabará.
Fotografia: Acervo digital da Memória Belgo. Data: jun 2007



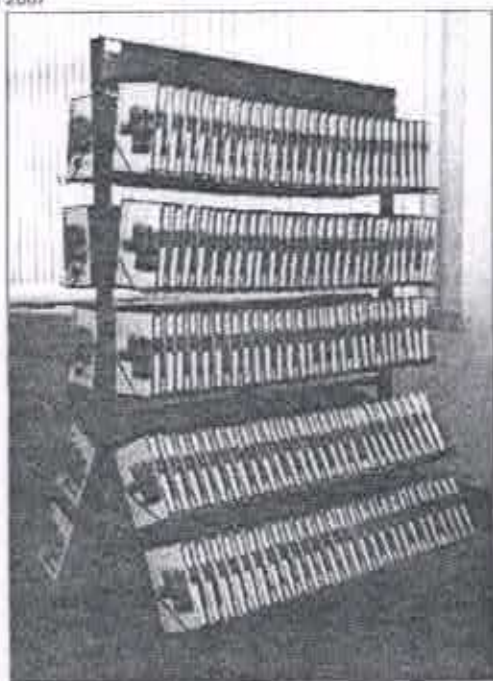
Documentação oficial, organizada em caixas-box.
Fotografia: Acervo digital da Memória Belgo
Data: jun 2007



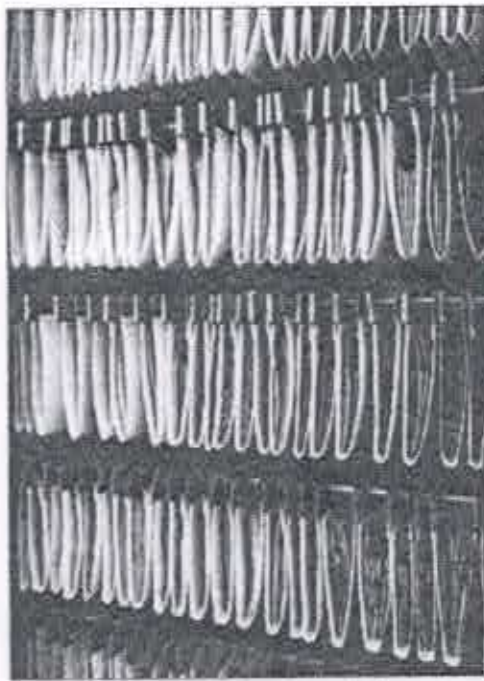
Acervo bibliográfico.
Fotografia: Acervo digital da Memória Belgo
Data: jun 2007



Negativos em vidro, armazenados em envelopes de papel.
Fotografia: Acervo digital da Memória Belgo
Data: jun 2007



Estante dupla com fitas de vídeo.
Fotografia: Acervo digital da Memória Belgo
Data: jun 2007



Fotografias já digitalizadas e organizadas em pastas.
Fotografia: Acervo digital da Memória Belgo
Data: jun 2007

11. HISTÓRICO DO ARQUIVO

Desde o início da colonização do Brasil, atividades de exploração mineratória foram desenvolvidas. Durante o século XVI, foram realizadas várias buscas por jazidas de metais preciosos, que se mostraram mal-sucedidas. No entanto, o solo brasileiro se mostrou rico em outros minérios, menos nobres, o que proporcionou a implantação de pequenas e rudimentares fábricas de ferro, que produziam, em geral, equipamentos e utensílios destinados às atividades agrícolas e mineradoras.

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. A exploração de metais preciosos exerceu importantes efeitos na Metrópole e na Colônia, tornando-se a principal atividade econômica durante todo o



século XVIII. Com a decadência das atividades mineratórias, a exploração do ferro começou a ganhar importância no século XIX, ao lado da agropecuária.

No final do século XIX, o Brasil observava uma próspera atividade industrial que, por sua vez, impulsionou o debate sobre a necessidade de estimular a siderurgia, já que o aço era insumo básico à indústria. Na década de 1890 se iniciaram as obras de construção da Estrada de Ferro Central do Brasil na cidade de Sabará, que, por localizar-se próxima à recente capital do Estado, a estrada de ferro adquiriu grande importância política e estratégica, e contribuiu para a alteração da vida na cidade.

Em 1907, foi criado o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, formado por especialistas em grande parte egressos da Escola de Minas de Ouro Preto, com o objetivo de realizar o levantamento do potencial das reservas de minerais do país. Esse grupo realizou amplo estudo sobre as jazidas ferríferas do Brasil, que foi apresentado em 1910, durante o X Congresso Geológico Internacional, realizado em Estocolmo, Suécia. Desde então, investidores de várias partes do mundo passaram a adquirir terras em Minas Gerais.

A efetivação da mudança na vocação econômica de Sabará viria no ano de 1917. As jazidas de ouro de Minas Gerais estavam esgotadas e o crescimento do setor industrial do Brasil demandava novas iniciativas. Foi quando três engenheiros recém-formados pela Escola de Minas de Ouro Preto, Amaro Lanari, Cristiano Guimarães e Gil Guatimosin, uniram seus conhecimentos ao capital do banqueiro Sebastião Augusto de Lima e do industrial Américo Teixeira Guimarães e criaram, em Sabará, a Companhia Siderúrgica Mineira. Mas as condições internacionais desfavoráveis (vivia-se então o auge da Primeira Guerra Mundial) atrasaram a instalação da siderurgia, que só teve o seu projeto implantado a partir de 1920.

Em 1920, por ocasião da visita do Rei Alberto I, da Bélgica, ao Brasil, o então Presidente de Minas, Arthur Bernardes, apresentou o potencial siderúrgico do estado, a fim de atrair investidores europeus para o mercado mineiro. Pouco tempo depois da visita de Alberto I, o grupo belgo-luxemburguês ARBED (Aciéries Réunies de Burbach-Eich-Dudelange) enviou missão técnica a Minas Gerais, que constatou a possibilidade do grupo se associar a uma empresa brasileira já existente e, a partir daí, ampliar o negócio. Assim, em 11 de dezembro de 1921, a Companhia Siderúrgica Mineira realizou uma assembléia de acionistas para aumentar seu capital, que seria subscrito pela ARBED. Com isso, a Companhia Siderúrgica Mineira passava a se denominar Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. No programa inicial da nova empresa, previa-se transformar Sabará em uma usina piloto, destinada a prospectar e experimentar a operação de uma grande usina no Brasil, treinando pessoal e possibilitando o melhor conhecimento das matérias-primas nacionais e de toda a logística operacional, abrindo caminho para aquele que já se delineava como o grande salto da Companhia - a construção, em Monlevade, de uma moderna usina siderúrgica, sem precedentes na história do país.

O desempenho da usina piloto de Sabará não foi o esperado pelos investidores, pois o ramal ferroviário necessário para a sua operação não tinha sido construído. Entre 1926 e 1927, as atividades da usina de Sabará foram paralisadas. Foi quando o grupo belga resolveu enviar ao Brasil o engenheiro Louis Ensck, que assumiu a chefia da usina, solicitou novos equipamentos e melhorou a qualidade do produto.

Nos anos seguintes, a usina Siderúrgica passou por um grande desenvolvimento, impulsionada também pelo incremento da indústria nacional, a partir dos anos 30. O presidente Getúlio Vargas tinha especial interesse pelo desenvolvimento industrial e, em 1931, reafirmou sua posição quando, em visita a Minas Gerais, se comprometeu a promover a ligação ferroviária entre a Estrada de Ferro Central do Brasil e a Vitória-Minas para viabilizar a usina na região da antiga fazenda de Monlevade.

Em 1935, foi inaugurado o ramal ferroviário de Santa Bárbara e, dois anos mais tarde, foi lançada a pedra fundamental da nova usina em Monlevade. A implantação da Usina demandou a construção de toda uma cidade em torno do antigo Solar Monlevade, bem como vários outros núcleos pelo vale do rio Doce, para viabilizar o manejo das matas naturais e de eucalipto para carvoejamento.

A partir de meados da década de 1950, com a presidência de Juscelino Kubitschek, a demanda por aço determinou um período de notável expansão da Belgo. Entre os anos 60 e 70, a Belgo passou a um novo patamar empresarial. Novos conceitos administrativos levaram à profissionalização, cujo resultado mais visível foi a emancipação da cidade de João Monlevade. Também foram adotadas novas estratégias de negócio, com maior ênfase na tecnologia, no marketing e, principalmente, definiu-se como foco principal dos investimentos a área de trefilaria.

Nos anos 80 e 90, a Belgo voltou a rever posições, adquirindo o controle ou participação em várias empresas siderúrgicas e metalúrgicas e, ainda, ampliando a política de associações. Consolidou-se, assim, o desenho corporativo, com várias empresas integradas sob uma *holding*, a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira.



A década de 1990 foi, assim, um período de grandes mudanças. Na área tecnológica, a Belgo buscou atualizar sua estrutura produtiva, o que se refletiu, entre outros, na inauguração de um moderno trem de laminação em Monlevade, responsável por sucessivos ganhos de qualidade do fio-máquina. Também investiu na mudança dos cinco altos-fornos daquela usina, que funcionavam a carvão vegetal, substituindo-os por apenas um, de grande capacidade produtiva, inaugurado no ano 2000 e que opera com coque metalúrgico.

Esse rearranjo permitiu que a Belgo se tornasse uma importante transnacional, adquirindo participação em importantes empresas siderúrgicas na Argentina, Chile, Peru e Canadá. A entrada direta em negócios internacionais transformou a Belgo em peça-chave no processo de globalização da ARBED, que em 2001 se uniu à francesa Usinor e à espanhola Aceralia para criar a ARCELOR, gigante do setor siderúrgico mundial.

O acervo documental da Belgo foi reunido e disponibilizado ao público pelo Projeto Memória Belgo. O Projeto, implantado em 2000, é composto por uma estrutura que inclui um Núcleo Central, localizado no Cassino da Fundação Belgo, em Sabará, e vários núcleos de memória regionais, instalados nas demais unidades Belgo. Atualmente, a Memória Belgo abrange documentos em diferentes materiais, datados desde a fundação da empresa até os dias atuais e relativos a vários aspectos da trajetória do Grupo. O atendimento é feito diariamente, em horário comercial.

12. DATAÇÃO

Documento mais antigo: 1917 / Documento mais recente: 2007

13. ESTÁGIO DE ORGANIZAÇÃO:

- não organizado
 organizado parcialmente ou em organização
 organizado

14. CONTEÚDO:

O Acervo Documental da Fundação Belgo é constituído por uma diversificada documentação, datada do início do século XX até os dias atuais, que reúne alguns livros relacionados à história da Belgo; diversos periódicos sobre a empresa, produzidos interna e externamente; e outras fontes textuais, como relatórios, folhetos, ofícios, convites e documentos administrativos, que somam cerca de 4.000 volumes; além de 10 plantas; 20.000 fotografias; 90 negativos em vidro; 500 fitas de vídeo; 300 fitas cassetes; 5.000 cromos e slides.

15. INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Toda a documentação pertencente ao acervo da Fundação Belgo-Arcelor Brasil é listada em um catálogo eletrônico e se encontra disponível aos pesquisadores internos e externos do Núcleo Central da Memória Belgo.

16. TIPO DE CÓPIA FORNECIDA:

Fotocópias de alguns documentos, fotografias digitalizadas e folhetos.

17. TIPO DE SUPORTE DOCUMENTAL

- textual (impresso e manuscrito)
 cartográfico (plantas e mapas)
 sonoro (discos, cds, fitas cassetes)
 filmográfico (filmes e vídeos)
 eletrônico (disquetes, CDs, etc)

18. MENSURAÇÃO/QUANTIFICAÇÃO

O acervo é composto por uma diversificada documentação, que exige armazenamento diferenciado.



Os livros, juntamente com os negativos em vidro, organizados em um envelope de papel, são organizados em um armário de madeira, de 160 x 94cm, com quatro prateleiras de 94 x 40cm de extensão, totalizando 3,76 m lineares de prateleiras.

Os periódicos são armazenados em um armário de madeira, de 205 x 100cm, com quatro prateleiras de 100 x 37cm de extensão e uma de 100 x 48cm, totalizando 5,0 m lineares.

A documentação oficial é guardada em caixas-box, que se dispõem em cinco estantes de aço, com cinco prateleiras cada, de 90 x 40 x 40cm, somando 22,5 m lineares.

As plantas são armazenadas em uma mapoteca de aço, de 145 x 80cm, com cinco gavetas de 132 x 10cm, num total de 6,6 m lineares.

As fotografias já digitalizadas são organizadas em pastas suspensas num armário de aço de 190 x 90cm, com cinco prateleiras de 90 x 20cm, num total de 4,5 m lineares. As demais são colocadas em envelopes de papel e organizadas em caixas-box, que ocupam três estantes de madeira de 200 x 90cm e uma de 230 x 90cm, com vinte e três prateleiras de 90 x 30cm, totalizando 20,7 m lineares.

As fitas de vídeo são armazenadas em uma estante dupla de aço, de 100 x 147cm, com dez prateleiras de 100 x 22cm, somando 10 m lineares.

As fitas cassetes são guardadas em um armário de madeira, de 198 x 180cm, com três prateleiras de 198 x 30cm e uma de 198 x 65cm, num total de 7,92 m lineares.

Os cromos e slides são dispostos em um armário de madeira, de 134 x 71cm, com quatro gavetas de 30 x 71cm, somando 2,84 m lineares.

No total, somam-se 83,82 m lineares ente prateleiras e gavetas de armazenamento de documentos.

19. ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

O acervo documental da Fundação Belgo-Arcelor Brasil se apresenta de forma totalmente organizada e em excelente estado de conservação.

20. REFERÊNCIAS:

Consulta ao próprio acervo documental.

Entrevista realizada com Isabella Carvalho de Menezes, Gerente de Programas Especiais e responsável técnica pelo arquivo documental da Fundação Belgo-Arcelor Brasil, por Flávia Melo em 20 de junho de 2007.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

MEMÓRIA Belgo: Nossa história se constrói todos os dias. Folheto. Março, 2004.

NÚCLEO Central. *A História da Belgo*. No prelo.

SILVEIRA, Victor. *Minas Gerais em 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

21. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

22. FICHA TÉCNICA:

Levantamento: Flávia Melo (hist.), Viviane Corrado (arq.), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: jun a jul 2007

Elaboração: Flávia Melo (hist.) / Data: jul a ago 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: ago a set 2007



4.5 Fichas: patrimônio imaterial

Patrimônio Imaterial: **ficha 44**

1. MUNICÍPIO:

Sabará

2. DISTRITO:

Carvalho de Brito

3. CATEGORIA:

Patrimônio Imaterial

4. SUBCATEGORIA:

Celebração

5. DESIGNAÇÃO:

Festa de Santo Antônio de Roça Grande

6. CARACTERIZAÇÃO:

A festa de Santo Antônio de Roça Grande se caracteriza por diversas nuances: primeiro no aspecto de preparação dos locais de ocorrência dos eventos festivos nas suas diversas faces, ou seja, nos aspectos litúrgicos e nas práticas de rua que complementam o enredo da festa. A igreja de Santo Antônio, ou santuário velho, é ornado com flores para receber a trezena e as missas menores. O santuário novo é paramentado com flores e bandeirolas, tanto na parte interna do templo quanto no pátio do lado de fora. A Avenida Dr. Henrique de Melo é também preparada com bandeirolas e outros enfeites, desde a ponte até o largo de Santo Antônio, ao lado do santuário velho. Durante as festividades dedicadas ao padroeiro, a localidade ainda conta com uma enorme fogueira, montada próximo à área de ocorrência das tradicionais festas juninas, no campo de esporte que se situa na mesma Avenida Dr. Henrique de Melo. Além disso, um outro dado característico da festa diz respeito à montagem do palco para a apresentação dos *shows* musicais, que pode se dá tanto no largo, quanto no campo.

7. INFORMAÇÕES HISTÓRICAS

Como reflexo do desenvolvimento da localidade de Roça Grande, em 1707 ali foi instituída a freguesia e em 1724 já era elevada à categoria de colativa, o que para época significava um avanço e o reconhecimento da instituição eclesiástica da importância da localidade. No entanto, como força dos novos tempos, em 1774 a sede da freguesia foi transferida para Santa Luzia, à época considerada mais estratégica que Roça Grande. A capela de Santo Antônio passou à condição de capela filial a Santa Luzia. O feito é indício da decadência porque passou a localidade a partir da segunda metade do século XVIII, quando o ouro já era escasso. Nesse período também houve uma debanda geral da população que tinha se instalado em suas paragens lhe conferindo nas suas primeiras décadas de existência, status e relevância no contexto da exploração aurífera em larga escala. No entanto, em março de 1999 foi instalada a Paróquia de Santo Antonio de Roça Grande pela Arquidiocese de Belo Horizonte.

Por outro lado, desde os tempos coloniais da América Portuguesa, a religiosidade popular católica trazia como um dos seus aspectos de maior envergadura as festividades em torno dos seus santos e santas. O calendário católico é amplo, capaz de a cada um dos dias do ano, ser reverenciado ao menos um desses personagens sagrados pela Igreja Católica e celebrados pela população em diversos cantos do mundo cristão. Além disso, vale a pena lembrar o sincretismo religioso com o incremento ao catolicismo de rituais e práticas sagradas dos indígenas e escravos, que formam a matriz cultural e étnica da sociedade brasileira. Uma herança, que mesmo ao custo de violências, preconceitos e perseguições, acabou por influir na tradição religiosa do país. Com isso concordamos com a seguinte passagem:

"Essa fusão de elementos tão diversos resultou num sincretismo religioso caracterizado pela veneração de imagens no oratório particular, o pagamento de promessas ao santo milagreiro, as rezas de novenário, do rosário ou terço e a forte participação nas coloridas e vibrantes festas populares, o que reveste a religião popular de um forte caráter exteriorista e sentimentalista".⁶⁷

Em Roça Grande não é diferente. A atenção dedicada aos festejos para o padroeiro da localidade é digna de nota. A história da devoção ao Santo Antônio remete ao início da povoação do local, no último quartel do século XVII. Partindo do pressuposto de que as festas religiosas eram parte integrante da vida social do Brasil colonial, é possível detectar a origem da festa de Santo Antônio circunscrita a esse contexto.

⁶⁷ INVENTÁRIO das Festas Religiosas dos Distritos de Ouro Preto. (Catálogo). Belo Horizonte: Memória Arquitetura, Petrobrás Cultural, 2007. p. 15.



Já no século XX, o achado da imagem de Santo Antônio de Pádua e a história de sua "fuga" da cidade de Santa Luzia para fixar-se em Roça Grande, o que acabou por cair no imaginário popular como um milagre, reforçando a fé e a devoção ao padroeiro do lugar. A história da imagem "fujona" e "milagreira" só fez incrementar os festejos. Até hoje em dia, o mês de junho é palco das várias circunstâncias em que a festa se configura e se revela, se sedimentando como uma das principais tradições da localidade. Além disso, as referências clássicas a Santo Antônio com santo casamenteiro e com o poder de encontrar objetos perdidos colaboram ainda mais para a fixação da devoção a ele.

Atualmente a festa consiste em momentos marcantes como a missa campal e dentro do santuário novo, que comporta mais de três mil pessoas; a procissão com a imagem pelas ruas da localidade; a trezena rezada nos dias que antecedem à festa principal; o levantamento do mastro com a bandeira; as barracas de comidas e bebidas; os *shows* musicais; as apresentações circenses; o parque, etc. O mundano e o sagrado se confundem em meios às diversas faces que a festa de Santo Antônio assume em Roça Grande.

O fluxo de visitantes ao local na ocasião festiva ainda continua com força, garantindo a participação maciça da população às comemorações, no pagamento de promessas, no lazer, na sociabilidade. Antigamente, o trem que vinha de Belo Horizonte era um personagem à parte da festa. Os vagões chagavam à povoação abarrotado de pessoas, que se juntavam às comemorações. Anterior à chegada da ferrovia, o transporte era feito através de mulas e cavalos e ainda pelas canoas e barcos que navegavam o Rio das Velhas, o que era possível até poucas décadas atrás. A festa religiosa, com todos os seus elementos já é tema recorrente nos estudos acadêmicos. A força da sua expressividade e de sentidos lançados e vividos em torno das mesmas, nos remete ao que diz a Martha Abreu, que diz ao estudar as festas do Divino no Rio de Janeiro:

... tais festas costumavam confundir as práticas sagradas com as profanas, (...) Além das missas com músicas mundanas, sermões, te-déuns, novenas e procissões, eram partes importantes as danças, coretos, fogos de artifício e barracas de comidas e bebidas. Na maioria delas a população escrava e negra não perdia a oportunidade para mostrar suas músicas, danças e batuques⁶⁸.

A riqueza e a diversidade conferidas às festas do Divino carioca podem ser também lançadas a outros cantos do país e a outras temporalidades históricas, como no caso de Roça Grande até a atualidade. Na sua festa de Santo Antônio, como exemplo das formas e rituais do catolicismo popular brasileiro, a celebração se expressa para além do seu aspecto meramente religioso. É ocasião de excepcionalidade, do excesso, do incomum, da irreverência. O catolicismo popular, como diria Gilberto Freyre, "cristianismo doméstico, lírico, festivo, de santos compadres, de santas comadres dos homens, de Nossas Senhoras madrinhas dos meninos", permitiu também a carnavalização da festa de seus santos e santas. No entanto não podemos perder de vista certas divergências entre Igreja e comunidade sobre as práticas e características das festas religiosas, como os fogos de artifício estourados durante as procissões e o hasteamento da bandeira de Santo Antônio.

Quanto à parte organizativa dos festejos há um itinerário histórico importante que deve ser mencionado. Por sua importância, os festejos sempre foram alvos da condução tanto pela comunidade quanto pela Igreja. A parte de rua, com os *shows*, barracas, o parque, a decoração pública fica por conta da comunidade e no que tange à parte litúrgica o padre e o conselho comunitário pastoral são as partes que conduzem. É ainda destacada a participação do poder público municipal que auxilia em questões como segurança, acesso a banheiros, iluminação, palco.

Mas é importante lembrar as ocasiões que ameaçaram a ocorrência dos festejos de Santo Antônio. Em alguns anos do século passado, por volta da década de 50 ou 60, a festa foi organizada pelas Irmãs Camesianas já que não havia padre locado em Roça Grande, o que refletiu no abandono do santuário e conseqüentemente nos festejos juninos dedicados ao padroeiro. Hoje em dia, a figura do mordomo é outro ponto relevante, já que são pessoas da comunidade roça-grandense quem se envolvem na organização da festa, se responsabilizando por parte importante de suas práticas, por parte do seu financiamento e garantindo o seu sucesso, ano após ano. Outra característica relevante foi a construção do santuário novo, a partir de 1987, para onde ocorre boa parte das celebrações nos dias de festa. O novo prédio confirma a participação popular assídua nas comemorações religiosas dedicadas ao santo. Essa outra edificação se impôs em vista da pequenez da área externa do santuário velho, onde, até então, ocorriam as principais celebrações já que o interior do antigo templo não comportava a grande quantidade de pessoas que acompanhavam as festividades durante os vários dias de sua ocorrência.

⁶⁸ ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 34.



A sobrevivência da festa de Santo Antônio em Roça Grande segue, lado a lado, com a trajetória da localidade, desde os seus primeiros tempos áureos e barrocos, quando a riqueza gerada pelo ouro dava condições de fausto aos festejos até os dias atuais, em que novos sentidos, novas práticas e novos personagens se inseriram no contexto das comemorações dedicadas ao santo protetor da localidade, mas que a perpetuam e a confirmam como mais uma das importantes tradições do povo sabarense.

8 LUGAR DA ATIVIDADE:

As atividades relacionadas à Festa de Santo Antônio de Roça Grande se dão em vários pontos da localidade. O lugar mais importante dedicado aos festejos é o santuário novo onde ocorrem as missas mais procuradas, geralmente no dia 13 de junho ou no fim de semana mais próximo à data. O espaço fica repleto de fiéis e devotos do santo português. As missas menores e a trezena ocorrem no interior da antiga igreja de Santo Antônio, chamado de santuário velho. Por sua vez, as atividades de rua: barracas de comensais e bebidas, de serviços e produtos, se estendem pela Avenida Dr. Henrique de Melo e pelo largo de Santo Antônio, ao lado do santuário velho. No largo, também é montado o palco para as apresentações de shows musicais e apresentação de quadrilhas, muito embora, em algumas edições da festa, o palco tenha sido montado no campo de futebol, ao lado do santuário novo, onde também se deram as apresentações de quadrilhas.

9 RESPONSÁVEL:

Padre José Cláudio Dias

10 PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE:

Nenhuma

11. PROTEÇÃO LEGAL PROPOSTA:

Inventário / Registro

12. INFORMAÇÕES DESCRITIVAS:

A localidade de Roça Grande aguarda o ano todo para as práticas que cercam a celebração em torno de Santo Antônio. A comunidade se envolve e participa nos preparativos que antecedem os eventos de junho. Os locais principais de ocorrências das atividades em torno dos festejos são ornados para receberem as manifestações.

A Igreja é o principal palco das práticas religiosas e o seu pátio é decorado para os festejos e atividades: missas, trezenas, coroações. O santuário novo, erguido a partir de 1987 também abriga parte das comemorações, como a missa festiva, onde milhares de devotos afluem para suas dependências na ocasião.

No entanto, a festa tem continuidade na Avenida Dr. Henrique de Melo, a principal da localidade, que é também fartamente paramentada para os festejos. Ao longo da via, são montadas as barracas de comidas, bebidas, serviços e produtos variados que atendem ao grande público que vai até à localidade para acompanhar as várias facetas da festa de Santo Antônio de Roça Grande. A grande quantidade de veículos e ônibus que chegam de diversas partes do Estado para as comemorações em Roça Grande, ficam estacionados pela rodovia do outro lado do Rio das Velhas, que margeia a parte baixa da localidade.

Já a Avenida Dr. Henrique de Melo segue da ponte, que liga a rodovia à localidade, e vai até o largo da Igreja. No largo, também todo ornado com bandeiras e fogueira, é montado o palco onde várias bandas se apresentam ao longo dos dias de festejo. Em algumas edições da festa houve a montagem de parque de diversões em terreno baldio situado nessa mesma via de montagem da festa, um feito que incrementava ainda mais a ocasião da festa.

13. BENS RELACIONADOS:

Existem diversos bens relacionados às atividades festivas ao padroeiro de Roça Grande. O primeiro deles é a imagem de Santo Antônio datada do final do século XIX ou início do XX. A imagem é a mesma encontrada no início do século XX por um lenhador sobre uma pedra nas imediações do Morro do Rosário. Sobre a imagem, que hoje se encontra no altar-mor do santuário velho, é destacada a história de sua "fuga" para Roça Grande, após tentativas em vão, de levarem-na para Santa Luzia. Outro bem importante que é parte da Festa é o santuário velho. O templo foi erguido em 1915, às margens do Rio das Velhas, no mesmo local de uma antiga capela que deu origem ao arraial de Roça Grande, ainda no século XVII. No entanto, por conta do fluxo cada vez maior de devotos aos festejos, a partir de 1987 começou a ser construído um novo templo, o santuário novo, próximo ao primeiro. Essa nova construção, apesar de ser recente e não estar



totalmente concluída, também é parte integrante da festa. E por último, como peça de destaque e peculiaridade da devoção a Santo Antônio de Roça Grande está relacionada a pedra de Santo Antônio. A pedra é a mesma onde a imagem antiga foi encontrada no início do século XX e até hoje é objeto de devoção. A rocha encontra-se no altar-mor do santuário velho, abaixo da imagem do santo e os fiéis raspam pedaços da mesma para guardarem como relíquia. No entanto essa prática tem sido coibida para não deteriorar ainda mais o estado de conservação da pedra de Santo Antônio, um importante bem relacionado aos festejos.

14 INTERVENÇÕES:

A festa de Santo Antônio de Roça Grande é uma tradição secular do município de Sabará. Ao longo dos mais de três séculos de sua ocorrência deve ter passado por mudanças significativas. No entanto informações mais seguras, amparadas em fontes textual, visual ou oral não nos possibilitaram maiores aprofundamentos para uma elucidação mais sistemática das modificações ocorridas no curso desse período.

Contudo é relevante notar uma importante mudança na festa, verificada a partir dos anos 90 do século passado, quando foi construído o Santuário novo. O edifício tem condições de abrigar mais de três mil pessoas e isso provocou um deslocamento parcial das principais celebrações que ocorria no espaço externo da igreja velha para o interior do novo templo.

Um outro dado histórico destacado foi a colocação da pedra de Santo Antônio dentro do santuário velho, a partir de 1964, abaixo da imagem do padroeiro no altar-mor. A rocha, onde o santo foi provavelmente encontrado no início do século XX – quando "fugiu" da paróquia de Santa Luzia para Roça Grande – é um dos bens relacionados mais importantes da festa, atraindo grande devoção dos fiéis que tomam o pedaço de rocha como algo sagrado, atribuindo à ela possibilidades miraculosas.

Quanto à regularidade das edições anuais da Festa de Santo Antônio, ainda nos anos 60 do século passado, certas circunstâncias ameaçaram sua materialização. Em alguns anos daquela década, a festa foi organizada pelas Irmãs Camesianas, já que não havia padre lotado em Roça Grande, o que refletiu no abandono do santuário e conseqüentemente nos tradicionais e seculares festejos juninos dedicados ao padroeiro.

Outro ponto importante de novas dinâmicas relacionadas à festa diz respeito à atuação dos mordomos, que são os responsáveis pela arrecadação de recursos para a produção da festa e que tomam a dianteira dos festejos. Há tempos atrás eles tinham atuação muito maior, sendo sua participação um aspecto que definia grande parte da característica da festa. A partir de meados dos anos 90, a atuação do Conselho Comunitário Pastoral – CCP – passou a auxiliar, cada vez mais, os mordomos da festa na divisão das responsabilidades.

15 REFERÊNCIAS:

BIBLIOGRAFIA:

ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ARAÚJO, Waldemar. *A Roça conta um conto*. Sabará, 2005.

ÁVILA, Afonso. *Igrejas e capelas de Sabará*. In: Barroco n.º 08. Belo Horizonte: UFMG, 1976.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro Record, 2000, 41ª ed.

INVENTÁRIO das Festas Religiosas dos Distritos de Ouro Preto. Belo Horizonte: Memória Arquitetura, Petrobrás Cultural, 2007.

INVENTÁRIO dos bens móveis do Santuário de Santo Antônio e Roça Grande. Belo Horizonte: IPHAN, 1988.

SGARBOSSA, Mario e GIOVANNINI, Luigi. *Um santo para cada dia*. São Paulo: Paulinas, 1984.

TRINDADE, Raimundo, Cônego. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: MÉS/SPHAN, 1945.

ENTREVISTAS:

José Cláudio Dias, Padre. Entrevista. Sabará, Roça Grande. 16/05/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.

Wagner Cardoso Mendes Dias. Sabará, Roça Grande. 16/05/2007, concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.

FONTES DOCUMENTAIS:

Programação da Festa de Santo Antônio de Roça Grande. Junho/2007.

SITES RELACIONADOS:

<http://www.arquidiocese-bh.org.br/paroquias/detalhe.asp>. Acessado em 07/01/2008.



http://www.escriitoriodehistorias.com.br/comunidade_rocagrande.htm, Acessado em 15/10/2007

<http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>, Acessado em 15/10/2007.

http://www.sabaranet.com.br/fest_santonio.asp, Acessado em 08/01/2008.

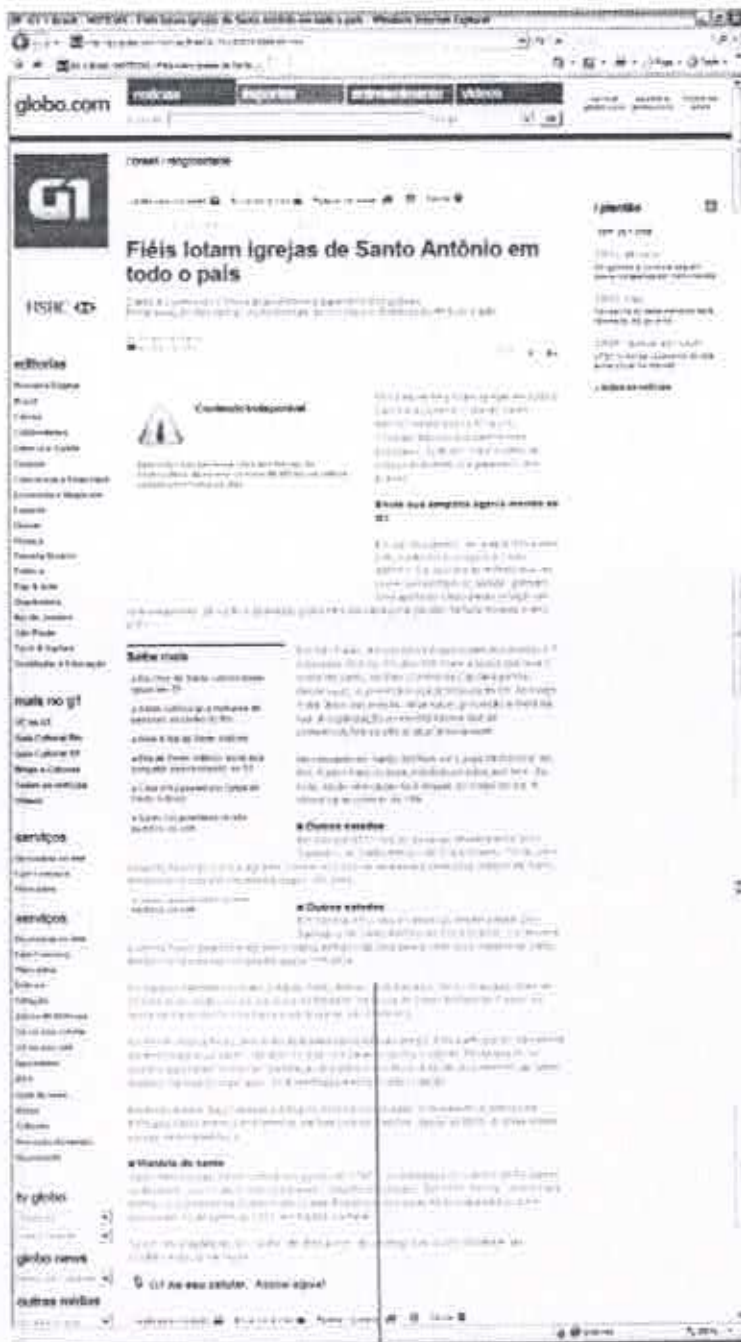
16. MÍDIAS:



Festa de Santo Antônio de Roça Grande (s/d).
Fonte: http://www.sabaranet.com.br/fest_santonio.asp

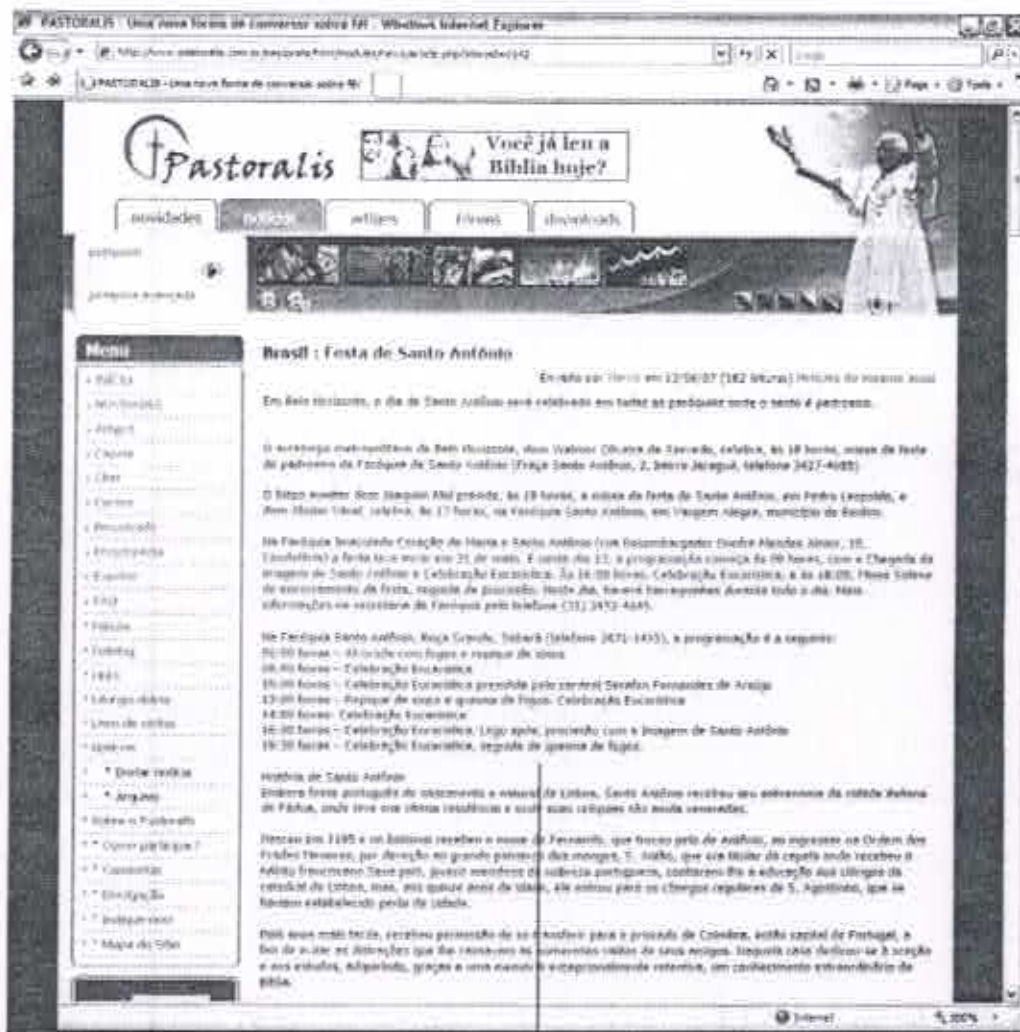


Chegada dosromeiros para a Festa de Santo Antônio de Roça Grande (s/d).
Fonte: http://www.sabaranet.com.br/fest_santonio.asp



Outros estados
 Em Sabará há cerca de mil pessoas devotas (PARQUE) do Santuário de Santo Antônio no fim da cidade. Os devotos, além de fazer pedidos e agradecerem, costumam jogar uma pedra para uma imagem de Santo Antônio feita sob o nome da cidade há quase 350 anos.

Divulgação da festa de Santo Antônio de Roça Grande na Internet:
 Fonte: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL51574-5598,00.html>



Na Paróquia Santo Antônio, Roça Grande, Sabará (telefone 3671-1435), a programação é a seguinte:
06:00 horas – Alvorada com fogos e repique de sino
08:00 horas – Celebração Eucarística
10:00 horas – Celebração Eucarística presidida pelo cardeal Serafim Fernandes de Araújo
12:00 horas – Repique de sino e queima de fogos. Celebração Eucarística
14:00 horas – Celebração Eucarística
16:00 horas – Celebração Eucarística. Logo após, procissão com a Imagem de Santo Antônio
19:30 horas – Celebração Eucarística, seguida de queima de fogos.

Divulgação da festa de Santo Antônio de Roça Grande na Internet:
Fonte: <http://www.pastoralis.com.br/pastoralis/html/modules/news/article.php?storyid=2142>



Panfleto da Festividade 2007



17. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES. - - -

18. FICHA TÉCNICA

Levantamento: João Paulo Lopes (historiador), Reginaldo Barcelos (prefeitura) / Data: jun a dez 2007

Elaboração: João Paulo Lopes (historiador) / Data: jul a dez 2007

Revisão: Memória Arquitetura / Data: mar 2008



5. REFERÊNCIAS

Bibliografia

- ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ACAMM. *Baile Viva Marzagão*. Sabará, Agosto de 2001.
- ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. *Dicionário ilustrado de arquitetura*. 2. ed. São Paulo: Pro-Editores, 2000.
- ALMEIDA, Lucia Machado de. *Passeio a Sabará*. São Paulo: Martins Fontes, 1952.
- ARAÚJO, Waldemar. *A Roça conta um conto*. Sabará, 2005.
- ASHBERY, John; et al. *Dicionário da Pintura Moderna*. São Paulo: Hemus, 1981.
- ASSOCIAÇÃO pretende resgatar memória do Marzagão. *Jornal a Gazeta, Nossa Gente*, Rio de Janeiro, abril de 1999. p. 5.
- ÁVILA, Afonso. *Igrejas e capelas de Sabará*. In: Barroco n.º 08. Belo Horizonte: UFMG, 1976.
- BARRETO, Abílio. *Memória Histórica e Descritiva: História Média*. 2. ed. Belo Horizonte, 1996. p. 301.
- BENEVOLO, Leonardo; *História da arquitetura moderna*; São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- BORGES, Maria Aparecida. *Sociedades Sustentáveis ou Desenvolvimento Sustentável: a experiência de Marzagão*. Belo Horizonte, 2003. Monografia do Curso de Geografia e Meio Ambiente – Centro Universitário Newton Paiva.
- CADERNO de diretrizes museológicas. 2. ed. Brasília: Superintendências de Museus, 2006.
- CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: CADERNO de Diretrizes Museológicas I, 2ed. Brasília/Belo Horizonte: Ministério da Cultura/ IPHAN/ Departamento de Museus e Centros Culturais/ Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006.
- CANTI, Tilde. *O móvel no Brasil: origens, evolução e características*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1999.
- CARVALHO, Abel. *Trilhas, trilhos e rios da minha vida*. Coronel Fabriciano/MG: Formato Lê, 2003.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain et al. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 9. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.
- DI MAMBRO, Galba Ribeiro. *Companhia Siderúrgica Mineira (1917-1921)*. LOCUS: Revista de História. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional / Dep. de História / Arquivo Histórico / EDUFJF, 1999. v. 5, n. 1.
- Estado de Minas*, Belo Horizonte, 3 jun 2000.
- Estado de Minas*, Belo Horizonte, abril de 1993.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. Imagens de roca e de vestir na Bahia. *Revista Ohun*, ano 2, nº 2, 2005. Disponível em: <<http://www.revistaohun.ufba.br>>.
- FRANCO, Eduardo. A história vai sumindo... *Jornal de Opinião, Cidadania*, 22 a 28 de maio de 2000. p. 15.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro Record, 2000. 41ª ed.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*.
- GUIMARÃES, Elian. Moradores se unem para salvar vila histórica de Sabará. *Diário da Tarde, Cidades*, Belo Horizonte, 12 de fevereiro de 2001.



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 331 de 335



- GUIMARÃES, Elian. Vila histórica ameaçada. *Diário da Tarde*, Grande Bh, Belo Horizonte, 17 de maio de 2001.
- INVENTÁRIO das Festas Religiosas dos Distritos de Ouro Preto. Belo Horizonte: Memória Arquitetura, Petrobrás Cultural, 2007.
- INVENTÁRIO dos bens móveis do Santuário de Santo Antônio e Roça Grande. Belo Horizonte: IPHAN, 1988.
- LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A capitania das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1978.
- MACHADO, Maria de Lourdes Guerra. *Nas ruas de Sabará*. Belo Horizonte: CMC, 1999.
- MEGALE, Nilza Botelho. *Cento e doze invocações da Virgem Maria no Brasil*: História, iconografia, folclore. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MEGALE, Nilza Botelho. *O livro de Ouro dos Santos*. Vidas e milagres dos santos mais venerados do Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- MEMÓRIA Belgo: Nossa história se constrói todos os dias. Folheto. Março, 2004.
- NÚCLEO Central. A História da Belgo. No prelo.
- Obras e revitalização da FHEMIG* (Catálogo). Belo Horizonte: FHEMIG, 2006.
- OLIVEIRA, Ricardo Antunes G. de, et al. *Distrito Carvalho de Brito "Marzagão"*: Registro e Reconstrução. Belo Horizonte, PUC Minas / Comunicação Social, 1996.
- PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história de Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1940.
- PASSOS, Zoroastro Vianna. *Notícia Histórica da Santa Casa de Sabará (1787-1928)*. Belo Horizonte, 1929.
- PRATAVIEIRA, Manoel Batista. Pêndulo simples: um pouco de história das incríveis máquinas do tempo. Trabalho acadêmico apresentado à disciplina de Instrumentação para o Ensino, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://educar.sc.usp.br/licenciatura/2001/pendulo/PendoloSimples_HTML.htm>. Acesso em agosto de 2007.
- RAMOS, Adriano Reis. Aspectos estilísticos da estatuária religiosa no século XVIII em Minas Gerais. *Revista Barroco*. Minas Gerais: FAPEMIG, 1993/6. nº 17, p. 193-207.
- RÉAU, Louis. *Iconographie de L'art Chretien*. 1955.
- ROSA, Antonio Santa. *Conhecendo o Sabarabussu*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1974.
- Sanatório Roça Grande*. Diretoria de Saúde Pública. Sabará/MG: Ed. Queiroz Brenner, 1945.
- SGARBOSSA, Mario e GIOVANNINI, Luigi. *Um santo para cada dia*. São Paulo: Paulinas; 1984.
- SILVEIRA, Victor. *Minas Gerais em 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.
- TAVARES, Jorge Campos. *Dicionário de Santos*. Porto: Lello & Irmão, 1990.
- TRINDADE, Raimundo, Cônego. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: MÊS/SPHAN, 1945.
- VALADARES, Virginia M. Trindade; REIS, Liana M. *Minas colonial em documentos: economia, governo e poder*. Belo Horizonte: Expressão, 1999.
- VASCONCELOS, Max. *Vias brasileiras de comunicação: estrada de ferro central do Brasil*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & C., 1928.
- VASCONCELOS, Salomão de. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944. V. XV.
- VEIGA, José Xavier da. *Efemérides Mineiras: 1664 – 1897*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos Culturais / Fundação João Pinheiro, 1998.

Entrevistas

- Alexandre César Aburachid. Entrevista Sabará: 20/12/2007 concedida a Edilson Borges em dez/2007.
- Beatriz Irene. Sabará: 16/05/2007 concedida a João Paulo Lopes



Prefeitura Municipal de Sabará
IPAC – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO AO ACERVO CULTURAL

Página 332 de 335



- Diva Malta Pereira*, zeladora da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.
- Carlos Alberto Mayrink Dias*, funcionário da Santa Casa de Misericórdia de Sabará. Entrevista. Sabará: concedida a Flávia Melo.
- Divino Teófilo Benfica*. Sabará: Roça Grande: 16/05/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.
- Evandro Costa*, artesão e morador de Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.
- Fabiano Dias*, secretário paroquial da Igreja Santuário de Santo Antônio da Roça Grande. Entrevista. Sabará: 02/01/2008 concedida a Flávia Melo.
- Floriano Baptista Vianna*. Belo Horizonte: 08/10/2007 concedida a Felipe Carneiro Munaier e Fernanda Corradi.
- Gilvânia Tavares Rocha*, responsável técnica pelo Espaço Cultural da Fundação Belgo-Arceior Brasil. Entrevista. Sabará: 26/07/2007 concedida a Flávia Melo.
- Helena Guimarães*. Belo Horizonte: 23/02/2008 concedida a João Paulo Lopes.
- Isabella Carvalho de Menezes*, Gerente de Programas Especiais e responsável técnica pelo arquivo documental da Fundação Belgo-Arcelor Brasil. Entrevista. Sabará: 20/06/2007 concedida a Flávia Melo.
- Jair Nunes Vieira*, ex-chefe da Estação Ferroviária de Marzagão. Sabará: 20/12/2007 concedida a Flávia Melo.
- José Celso Pyramo*, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sabará. Entrevista. Sabará: concedida a Flávia Melo.
- Luiz Cláudio, Padre*. Entrevista. Sabará, Roça Grande: 16/05/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.
- Luiz Carlos Vieira*, funcionário do Teatro Municipal de Sabará. Entrevista. Sabará: 20/06/2007 concedida a Flávia Melo.
- Márcia Karine Batista Soares*, Coordenadora da Incubadora de Empresas do CVT. Sabará, Gen. Carneiro: 25/07/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.
- Marcos Aurélio Fonseca*, Coordenador de Ensino e Pesquisa do Hospital Cristiano Machado. Sabará: 16/05/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.
- Maria das Dores Cordeiro*. Sabará, Gen. Carneiro: 25/07/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.
- Maria do Carmo Vieira; Antônio Pereira*. Sabará: 16/05/2007 concedidas a João Paulo Lopes, Daniele Gomes e Gabriela Tassara.
- Nelson Oliveira*. Sabará, General Carneiro: 25/07/07 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.
- Nívea da Conceição Teixeira*, Coordenadora do CVT. Sabará, Gen. Carneiro: 25/07/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.
- Nominato Magalhães Guimarães*, ex- Engenheiro-residente do trecho de Sabará da R.F.F.S.A no período de 1960 a 1974. Belo Horizonte: 27/02/2008 concedida a João Paulo Lopes.
- Reginaldo Barcelos*, Gerente de Patrimônio Histórico e Cultural de Sabará. Sabará, Roça Grande: 16/05/2007 concedida a Daniele Gomes.
- Rosa Pereira dos Santos*. Sabará: 16/05/2007 concedida a João Paulo Lopes.
- Vilma Martins de Souza*. Sabará, General Carneiro: 27/09/2007 concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.
- Wagner Cardoso Mendes Dias*. Sabará, Roça Grande: 16/05/2007. concedida a João Paulo Lopes e Gabriela Tassara.



Fontes documentais

- ANDRADE, Rodrigo; ANDRADE, Manuel. *Estudo Preliminar de Arquitetura: Projeto do Museu do Azulejo, Sabará: Junho/2007.*
- DIAS, Nivea. Aleijadinho em ruínas. *Estado de Minas, Notícias*, Belo Horizonte, 9 mar. 1999.
- Livro 3-J, registro 4435, fl. 15. Cartório de registro de imóveis de Sabará.
- Livro 3-L, registro 9685, fl. 57. Cartório de registro de imóveis de Sabará.
- Livro de Notas n.º 109, fls. 35, 37 e verso – Cartório de Notas de 1º ofício de Notas. Data: 1886/1887.
- Livro de Notas n.º 160-S, fls. 14 e verso. Cartório de Notas de 1º ofício de Notas. Data: 1985/1987. Abertura do Livro: 04/05/1886; Data de Encerramento: 24/05/1887.
- Programação da Festa de Santo Antônio de Roça Grande. Junho/2007.
- Registro de imóvel. Livro 2D. Matrícula 1267 fls. 73 (verso).
- Registro de imóvel. Livro 3L. Matrícula 9856, fls. 77.
- Registro de imóvel. Livro 2. Matrícula 7728, ficha 1 e 2, versos.

Referências eletrônicas

- AS ARTES plásticas no Brasil. *Portal das Artes*. Disponível em <http://www.portalartes.com.br/portal/historia_artes_plasticas_brasil_artes_plasticas.asp>. Acesso em agosto de 2007.
- CANETA esferográfica. *Wikipédia*. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Caneta>>. Acesso em julho de 2007.
- CARLOS Bracher. *Itaú Cultural*. Disponível em: <www.itaucultural.org.br>. Acesso em julho de 2007.
- CARLOS Bracher. *Pintura brasileira*. Disponível em: <www.pinturabrasileira.com/artistas>. Acesso em julho de 2007.
- EXPRESSIONISMO. *Itaú Cultural*. Disponível em: <www.itaucultural.org.br>. Acesso em julho de 2007.
- GALERIA Pinacoteca de Teresópolis. O realismo pessoal de Franta Reyl. *Banco Central do Brasil*. Disponível em: <www.bcb.gov.br/htmls/museu-espacos/exporj06.asp>. Acesso em julho de 2007.
- HISTÓRICO da Estrada de Ferro Central do Brasil. ANPF. Disponível em: <www.anpf.com.br/historico_efcb.htm>. Acesso em janeiro de 2008.
- YARA Tupynambá. *Itaú Cultural*. Disponível em: <www.itaucultural.org.br>. Acesso em julho de 2007.
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura_moderna
- <http://www.almg.gov.br/munmg/historia/hist56700.txt>. Acessado em 15/10/07.
- <http://www.arquidiocese-bh.org.br/paroquias/detalhe.asp>. Acessado em 07/01/08.
- <http://www.citybrazil.com.br/mg/sabara/historia.html>. Acessado em 14/10/07.
- http://www.dicionario.pro.br/dicionario/index.php?title=Pedra_seca. Acessado em 04/02/07.
- http://www.escriitoridehistorias.com.br/comunidade_rocagrande.htm. Acessado em 15/10/07.
- http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_linhacentro/roca.html. Acessado em 13/07/07.
- <http://www.folhadesabara.com.br/nossacidade/historia.html>. Acessado em 15, 16 e 17/10/07.
- <http://www.fhemig.gov.br>
- http://www.sabaranet.com.br/personalidades_fernando.asp. Acessado em 19/10/07.
- http://www.senado.gov.br/sf/senadores/presidentes/p_rep_Mello_Viana.asp. Acessado em 19/10/07.
- <http://paginas.terra.com.br/arte/gtkabana/historia.htm> acessado em 10/01/2008
- <http://www.palaciodasartes.com.br/conteudos/detalhes.aspx?IdCanal=14&IdMateria=25> acessado em 15/01/2008



6. EQUIPE TÉCNICA



MEMÓRIA ARQUITETURA LTDA

Rua Grão Pará, 85/1301 Santa Efigênia,
Belo Horizonte / MG cep 30.150.340
Tel.: (31) 3241.5594
e-mail: memoria@memoriaarquitetura.com.br
www.memoriaarquitetura.com.br

Responsabilidade técnica:

Alexandre Borim Codo Dias
Joseana Costa Pereira
Patrícia Soares Pereira
Viviane Corrado de Andrade

Colaboradores:

Arquiteta: Daniele Gomes Ferreira
Historiadora: Flávia Melo de Paula
Historiador: João Paulo Lopes

Estagiários:

Ana Maria Gomes Dias
Anna Helena Massêo de Andrade
Gabriela Tassara
Edilson Borges de Barros Filho
Laura Rennó Tenenwurcel
Natália Beirão Campos
Paola Liboa Codo

Auxiliar administrativa:

Maria Edna Coelho Moreira



PREFEITURA MUNICIPAL DE SABARÁ

Prefeito: Sérgio Luis de Freitas

Secretaria Municipal de Cultura

Secretário: Francisco Mayrink
Gerente de Patrimônio Natural e Cultural: Reginaldo Barcelos
Rua da República, 58- Centro. CEP 34505-000
Tel: (31)3671-1780
Email: cultura@sabara.mg.gov.br

EXECUÇÃO:

Levantamento: ago/2007 a jan/2008)
(memória arquitetura) Viviane Corrado de Andrade Viviane Corrado de Andrade
(arquiteta) Daniele Gomes Ferreira Daniele Gomes Ferreira
(historiadora) Flávia Melo e Paula Flávia Melo de Paula
(historiador) João Paulo Lopes João Paulo Lopes
(Prefeitura municipal) Reginaldo Barcelos Reginaldo Barcelos

Elaboração: out/2007 a fev/2008
Daniele Gomes Ferreira
Flávia Melo de Paula
João Paulo Lopes

Revisão: mar/2008
Memória Arquitetura

O Grupo Memória Arquitetura agradece a gentileza da comunicação de possíveis falhas e/ou omissões verificadas neste documento.



ANEXOS

ATAS DO CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL DE SABARÁ
APROVANDO A ALTERAÇÃO DO CRONOGRAMA DO INVENTÁRIO

ATA DA 84ª REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DELIBERATIVO DO
PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL DE SABARÁ

Aos treze dias do mês de fevereiro de 2008, às 18 horas e vinte minutos, na Secretaria Municipal de Cultura de Sabará, situada no prédio da Antiga Casa de Câmara e Cadeia, sob a presidência do Senhor Reginaldo Barcelos, reuniu-se o Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural e Natural de Sabará, estando presentes: Ricardo Alfredo de Carvalho Rosa, Kelly Cardoso, Luiz Cássio Lopes, Luzinete Assis de Jesus, Carlos Alberto Perácio, Viviane Corrado de Andrade e Fernanda Graciele Silva Corradi. Reginaldo iniciou a reunião comunicando que Rachel Pires Vaz Brandão, pediu seu desligamento do Conselho e indicou Vânia Maria do Amparo para substituí-la. Naila Cleide Ferreira também pediu seu desligamento do Conselho. Luzinete apresentou o email da Srª Claudete Rodrigues da Silva Araújo pedindo seu desligamento do Conselho e indicando um substituto representante da Empresa ARCELOR MITAL. Viviane Corrado de Andrade arquiteta da empresa Memória Arquitetura, estava presente na reunião e apresentou a solicitação do Sr. presidente Reginaldo Barcelos para alteração do cronograma do inventário para o próximo exercício. Ela apresentou o mapa e a sugestão de criar mais uma seção, a de Arraial Velho, para ser inventariada durante o ano de 2008, no exercício 2010. De acordo com Sr. Reginaldo, a mudança se faz necessária pela relevância do acervo existente nesta localidade que é pouco conhecido. Após explanação, todos os presentes aprovaram a alteração por unanimidade. Em seguida, a Srta. Viviane comentou que a produção do vídeo do Festival da Jabuticaba ficará pronta no fim de março, conforme cronograma do Rodrigo e Angelis da empresa Casca Grossa. Em seguida, o Sr. Presidente comunicou que após os 30 dias corridos da publicação do Parecer favorável do Registro do Festival da jabuticaba, o Conselho deveria aprovar definitivamente seu registro, o que foi feito por unanimidade pelos membros presentes. O Sr. Reginaldo ficou responsável para encaminhar o pedido de decreto à procuradoria. A Srta. Viviane, em seguida, comunicou que esteve no IEPHA/MG para averiguar a documentação enviada no exercício 2001 referente aos dossiês de tombamentos. Constatou que realmente o dossiê da Capela do Sr. Bom Jesus e da Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho não possuía recibo de notificação. Neste caso, orientou que uma nova notificação deveria ser enviada à Mitra Diocesana de Belo Horizonte. Para isso o processo de tombamento deveria ser reaberto. Por unanimidade o Conselho deferiu a reabertura do tombamento para a sua regularização. Viviane ficou de encaminhar o modelo de notificação para o Sr. Reginaldo assinar e enviar à Mitra. Em seguida, A Srta. Viviane comentou que está realizando as demais complementações exigidas que tratam dos perímetros de Tombamento e de Entorno dessas duas capelas, da ponte ferroviária sobre o Ribeirão Gaia e o perímetro de Entorno do Teatro Municipal. Comunicou que para a próxima reunião os perímetros estarão definidos para avaliação e aprovação do Conselho. Após, foi colocado pelo Sr. Reginaldo a escolha de um Bem Móvel para ser tombado, já que Sabará possuiu vários bens dessa categoria relevantes e nenhum com reconhecimento municipal. Foi solicitado que os membros presentes indicassem bens para votação. Três foram sugeridos: a Imagem de Santana Mestre de Aleijadinho, indicada pelo Sr. Ricardo Rosa; uma imagem de terracota, provavelmente do século XVII, trazida pelos bandeirantes e em posse da Igreja de Nossa Senhora de Roça Grande, por indicação do Sr. Reginaldo Barcelos; e um quadro em terracota localizado na igreja São Francisco, indicada pelo Sr. José Munck. Após discussões a respeito dos três bens indicados, foi votado por unanimidade a Imagem de Santana Mestre atribuída ao Mestre Aleijadinho, de propriedade da Prefeitura de Sabará e atualmente sob guarda no Museu do Ouro, como o primeiro bem móvel a ser tombado pela sua magnificência artística e histórica. Reginaldo encerrou a reunião às 20 horas e 20 minutos, agradecendo a presença de todos e eu Fernanda Graciele Silva Corradi lavrei a presente Ata que após lida e aprovada será por todos assinada. Sabará 13 de fevereiro de 2008.



ATA DA 85ª REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL DE SABARÁ

Aos doze dias do mês de março de 2008, às 18 horas e 13 minutos, na Secretaria de Cultura de Sabará, situada no prédio da antiga casa de câmara e cadeia, sob a presidência do senhor Reginaldo Barcelos, reuniu-se o Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural e Natural de Sabará, estando presentes: Mara Aparecida Passos, Maria de Lourdes Damada, Carlos Alberto Perácio, Dimas Valeriano Filho, Ricardo Alfredo de Carvalho Rosa, Kelly Alcilene Cardoso e Fernanda Graciele Silva Corradi. O presidente iniciou, informando que Luzinete Assis de Jesus pediu o desligamento do cargo de secretária do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural e Natural de Sabará, continuando a mesma a ser membro do Conselho e indicando a conselheira Fernanda Graciele Silva Corradi para ocupação do cargo, resolvendo o conselho aprovar por unanimidade. A reunião contou com a presença da arquiteta Viviane Corrado, consultora da empresa Memória e Arquitetura. A primeira pauta da reunião foi o tombamento da imagem de Santana Mestre Ricardo Rosa Diretor do Museu do Ouro de Sabará comunicou que já recebeu a pesquisadora, já passou todo o material sobre a imagem e o dossiê já está sendo providenciado. Viviane Corrado comunicou ao Conselho que transcorridos os 15 dias de acordo com a legislação municipal e deliberação do IEPHA, o Conselho pode deferir o Tombamento definitivo. Dessa forma, com não houve nenhuma tentativa de impugnação do Tombamento, os membros presentes aprovaram por unanimidade o Tombamento Definitivo da Imagem de Santana atribuída ao Aleijadinho, presente no Museu do Ouro. Em seguida, Viviane Corrado comunicou que foi reaberto o processo de tombamento da Capela de Bom Jesus e da Capela de Nossa Senhora Bom Despacho, por não haver no dossiê que está no IEPHA os recibos das notificações dos proprietários que já foi providenciado, informando que passaram-se 15 dias da notificação à Mitra. Como não houve impugnação, O Conselho também aprovou por unanimidade o Tombamento das duas capelas, sendo que o presidente solicitará ao executivo novo Decreto do tombamento e reescreverá os tombamentos no livro de tombamentos com outro número de inscrição e com as correções exigidas pelo IEPHA. Em seguida, Viviane explicou para os conselheiros o significado de perímetro de tombamento e perímetro de entorno e foi discutido se os banheiros construídos na capela de Bom Jesus devem ou não ficar no perímetro de tombamento. O conselho aprovou a decisão de os banheiros não fazerem parte como bem integrante do tombamento. Viviane apresentou ao conselho o perímetro de entorno da capela de Nossa Senhora do Bom Jesus, informando que as edificações que estão ao pé do montão e na subida de acesso estão no perímetro de entorno e devem respeitar algumas regras, houve questionamento por parte do conselheiro Carlos Perácio sobre as limitações dos moradores do perímetro de entorno, e sobre as antenas próximas ao local, pois foi explicado que quanto mais próximo ao bem mais rigorosas são as diretrizes. Posteriormente, o conselho decidiu aceitar e aprovou a proposta. Em seguida, Viviane apresentou a proposta de perímetro de Tombamento e Entorno da Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho que também foi aprovado por todos presentes. Após, Viviane apresentou a proposta de perímetro de tombamento e entorno do Pontilhão do

Ribeirão do Gaia, explicando que o IEPHA exige que sejam determinados e caracterizados cada ponto, sendo necessário um elemento físico de identificação. A proposta foi apresentada e o Conselho aprovou. Após, foi aprovado o perímetro de entorno do Teatro Municipal, por todos os presentes. O presidente apresentou aos conselheiros a proposta de modificar o Cronograma do Inventário, antecipando o inventário de Mestre Caetano, previsto para o exercício 2012 para o exercício 2011, após o estudo da seção Arraial Velho que será feito para o exercício 2010, e passando o inventário de Ravena para o exercício 2013. Ele explicou aos conselheiros a necessidade dessa alteração para que seja realizada uma pesquisa aprofundada do distrito de Mestre Caetano o mais rápido possível, pois lá está instalada uma mineradora que pretende desenvolver atividades de restauração nos bens lá existentes. Em seguida, Viviane explicou a importância do processo de inventário para reconhecer e agregar valor a um bem. O Conselho aprovou a alteração por unanimidade. Posteriormente Reginaldo apresentou ao conselho o Projeto "Memorial Descritivo", "Planilha Orçamentaria" e "Resignificação do povoado de Cuiabá na paisagem através da restauração de suas Capelas", para apreciação e aprovação. Ressaltando a importância da restauração do imóvel civil localizado nas proximidades das Capelas. O Conselho deu um parecer favorável e comunicou aos conselheiros que a Memória e Arquitetura vai entrar com um pedido de requerimento junto ao IEPHA, para que a Serra da Piedade conste também como bem de tombamento Estadual no município de Sabará e não apenas no município de Caeté como consta até a presente data. Em seguida procedeu-se a análise de processos, sendo o primeiro o N° 1695/07 do Sr. José Policênio Leal, após analisado no que cabe ao Conselho resolveu que o projeto é passível de aprovação. Logo após, passou-se a análise do processo 2729/06 o qual os técnicos do IPHAN já analisaram e convidaram a arquiteta responsável para alguns esclarecimentos sobre os detalhes decorativos do imóvel. Cabe ao Conselho aguardar a deliberação do IPHAN. Após a avaliação dos projetos a conselheira Kely Cardoso leu uma carta do Instituto Mundo Velho, solicitando parceria com o Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural e Natural de Sabará enfatizando a importância dessa parceria para captação de recursos para a obra de reconstrução da casa que foi perdida e que funcionará como Centro de Referência. A obra vai custar 79.343,10 (setenta e nove mil trezentos e quarenta e três reais e dez centavos) e a reconstrução da casa foi solicitada pelo IPHAN. Encerrada a apresentação da proposta de parceria, Reginaldo coloca como pauta da próxima reunião do Conselho a apresentação do Instituto Mundo Velho e encerrou a reunião agradecendo a presença de todos e eu, Fernanda Grazielle Silva Corradi, lerei a presente Ata que após lida e aprovada será por todos assinada. Sabará, 12 de março de 2008.

Reginaldo
Kely Cardoso
Dimas
Marina do Prado